ANNAES

DE

ELREI D. JOÃO TERCEIRO.

ANNAES
DE
ELREI DOM JOÃO TERCEIRO

POR

FR. LUIZ DE SOUSA,

PUBLICADOS POR A. HERCULANO.

LISBOA.

Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.
Largo do Pelourinho, n.º 24.

1844.

A

SUA MAGESTADE

ELREI

O SENHOR D. FERNANDO.

ADVERTENCIA PRELIMINAR.

O APPARECIMENTO de uma obra de Fr. Luiz de Sousa, obra que indubitavelmente existira nos tempos passados, e cuja perda, que já se cria irreparavel, todos os homens de letras lamentavam, é um successo importante nos annaes da litteratura portugueza; importante para a historia, para a lingua, e para a biographia de um dos nossos mais illustres escriptores.

Embora não seja preciso ler muitas paginas do presente livro para se poder affirmar que as traçou a mesma penna que escrevêra a Vida do Arcebispo de Braga, e a Historia de S. Domingos, nós hesitariamos, todavia, em estampar, com o nome de Fr. Luiz de Sousa no rosto, o manuscripto que tivemos a boa dita de encontrar, se as allusões do chronista no decurso da Chronica, se as declarações por elle feitas no principio da sua collecção de apontamentos, e mais que tudo o autographo do proprio manuscripto não tirasse qualquer sombra de duvida, que podesse recrescer, sobre o verdadeiro auctor delle.

O codice em que se acham incluidos os *Annaes de Dom João* 3.º pertence á Real Bibliotheca das Necessidades. E' um grosso volume de folio, enquadernado em pergaminho, tendo no rotulo escripto — *Papeis de Castro.* Contem differentes escriptos, pela maior parte genealogicos: a todos precede o que hoje publicâmos, começando pelos apontamentos colligidos por Sousa para a sua obra, e seguindo-se immediatamente esta.

No catalogo da Bibliotheca, feito, segundo as noticias que podémos alcançar, nos fins do seculo passado pelos Padres da Congregação do Oratorio, a quem ella pertenceu, está lançado este codice, debaixo do nome de Fr. Luiz de Sousa, e com o titulo de « *Chronica de D. João* 3.º » mas com a circumstancia de não se indicar ahi o numero, caixa, nem estante, em que se devia encontrar.

E de feito elle não se achava collocado entre os outros manuscriptos. Em um dos quartos altos da antiga Casa da Congregação, que hoje fórma parte do Palacio Real, jaziam amontoados muitos livros, que ou tinham pertencido a diversos membros daquella corporação, ou estes tinham pedido da livraria commum para seu uso particular. Foi entre esses livros, que encontrámos a obra de Fr. Luiz de Sousa, por occasião de se recolherem á Bibliotheca.

Como vieram a poder dos Padres do Oratorio os Annaes de D. João 3.º? — em que tempo? — qual é a historia das vicissitudes deste codice precioso? Podiamos espraiar-nos em conjecturas; mas contentamo-nos de singelamente dizer que o ignoramos. Não que poupassemos diligencias e averiguações para obter luz a este respeito; mas a que podémos alcançar foi bem pouca. Consultá-

mos alguns dos membros que ainda vivem dessa Congregação celebre, a quem as letras portuguezas tanto devem, e a quem nós mesmos devemos parte da nossa educação litteraria. Ignoravam-no como nós; — o que parece mostrar que desde longo tempo elle se achava distrahido daquella vasta e riquissima collecção.

O unico facto incontestavel que póde estabelecer uma data precisa para a historia dos Annaes de D. João 3.º é o que se menciona nas Actas da Academia Real das Sciencias do anno de 1791. — Por ellas consta que o Padre José de Azevedo, um dos sujeitos mais distinctos da Congregação do Oratorio, lera nas Sessões de 8, 15, e 22 de Junho desse anno varios capitulos do manuscripto, a que ahi se chama Chronica de D. João 3.º por Fr. Luiz de Sousa, e que evidentemente vinha a ser os Annaes que hoje publicamos. Foi o Padre Azevedo que obteve este codice para a Livraria das Necessidades, ou já existia anteriormente alli? Eis o que não alcançamos. Entretanto é indubitavel que elle era conhecido ha mais de cincoenta annos, e a sua existencia revelada á Academia por um membro da Congregação.

Todos os homens de letras tem lido a bella Memoria do Sr. Bispo de Vizeu ácerca de Fr. Luiz de Sousa e dos seus escriptos. Nesta Memoria, modelo de consciencia litteraria, de erudição, e de estylo, se vê com que zelo seu Auctor se desvelou em apurar tudo o que podia verter alguma luz sobre a sorte das obras não impressas de Fr. Luiz de Sousa, e em especial sobre a desta, que, segundo a commum opinião, se cria irremediavelmente perdida. O resultado das suas indagações pareceu vir confirmar aquel-

**

la opinião: as diligencias mais efficazes para o descubrir foram baldadas, e o laborioso Academico viu-se constrangido a supprir as noticias, que absolutamente lhe faltavam, por engenhosas conjecturas.

Para aquelle excellente trabalho remettemos o leitor. Repetir por outras palavras o que alli se disse ácerca dos Annaes ou Chronica de D. João 3.º fôra presumpção mal cabida; copia-lo fôra inutilidade, por ser mui conhecida a Memoria do Sr. Bispo de Viseu. Limitar-nos-hemos, por tanto, a apontar as noticias, e a fazer as observações que nos suggeriu o exame do manuscripto, e que podem servir para confirmar ou rectificar as conjecturas do illustre Academico.

O motivo que obrigou Fr. Luiz de Sousa a tomar o empenho de escrever os Annaes de D. João 3.º foi, segundo a tradição, uma ordem que para isso recebeu de Philippe 4.º Esta tradição, regeitada por Barbosa Machado, ficará desde hoje incontroversa á vista do proprio testemunho do Auctor. O que vamos transcrever é tudo o que ácerca da historia da composição destes Annaes se acha disseminado pelo borrador dos apontamentos de Sousa:

« Em Madrid, em terça feira 11 de Mayo de 1627, veo a este Collegio o Marquez de Castello Rodrigo pedir-me de parte de Sua Magestade que me quizesse occupar em escrever de novo a Vida delRey Dom João terceyro: por se terem achado de novo muytas cousas, de que d'antes não avia noticia; e que era razão ter este Rey Escritores dobrados, como tinhão os Reys que com elle concorrerão. »

« Mandou-me logo Dom Luys Lobo hum livro de mão das cousas d'Africa, encadernado em pasta:

prometeo mandar-me dar muyta papelada que seu filho Dom Rodrigo tem em Portugal. » — *A' margem*: — « Tornei-lho logo, porque tem outro tal Alvaro Pires de Tavora. »

« O Secretario Francisco de Lucena me mandou hum livro grande, encadernado em pergaminho, da Secretaria de Pero d'Alcaçova, que iremos estudando e numerando; e primeiro iremos lançando neste borrador os titulos e folhas de algumas cousas que parecer que podem servir, porque os livros desta Secretaria são muytos; e para nos entendermos com elles, poremos tambem titulo a cada hum, dando primeiro lugar a cada hum segundo me forem vindo. »

« El Maestro Gil Gonçales de Avila, que vive a S. Martin, en las espaldas de los Premostrenses, cronista delRey, me promete livros del Doctor Monçon, escritos em Portugal, huns impressos, e outros de mão, e a relação particular de como entrou a Inquisição em Portugal, e que veremos ambos o Duque de Sessa, que diz tem grandes lembranças do antigo; e tambem diz que buscará outras agora no Escurial. »

« O livro de mão de Dom Luiz Lobo, das cousas de Africa, me não serve mais que desdo meo em diante, que he do capitulo 69 em diante, sendo inda Capitão o Conde de Borba em Arzilla, e Dom Anrique de Meneses em Tangere. »

« Diz Francisco de Lucena que peçamos ao Duque de Bragança hum livro de Miscelania, que por isso lhe chamão das muytas cousas, e que acharemos nelle muyta cousa que sirva. Fui a isto a Villa Viçosa e diz o Duque que tal livro não tem, e que he o que os Padres da Companhia de Evora possuem. »

« Diz Dom Luis Lobo, que sua filha, molher de Nun'alvares Botelho, tem hum livro de Fernão Botelho, que foy Capitão de Tangere, e Embayxador em Saboya, e despois em Roma. Em Portugal dis

que tem cousas que muyto podem servir pera a Cronica Dom... d'Almeyda.»

«O livro da Secretaria de Pero d'Alcaçova, que me entregou em Madrid o Secretario Francisco de Lucena em primeiro lugar, e que sinaley no pergaminho com este sinal 1, parece ser o ultimo do tempo delRey Dom João: começa do anno de 554 até o de 557 e seu falecimento.» (*)

«Avemos de saber de Dom Miguel de Castro se ha na Inquisição bullas do Papa Clemente 7.º, com que provemos a entrada da Inquisição antes.»

«Advirtio Gil Gonçales d'Avila, Chronista-mór de Castella, que escrevamos ás communidades do Reyno, cabidos, cidades, que nos dem cartas, provisões, &c. tocantes a ElRey Dom João 3.º»

«Diz o Mestre Gil Gonçales d'Avila, que o Bispo de Elvas me mostrará hum livro, que foy do Bispo Dom Antonio de Matos seu tio, no qual se acharão Breves do Papa Clemente 7.º sobre a Inquisição, e se vê que começou em Portugal antes da Historia do que a levou lá *(a Portugal)* com falsos Breves, muyto tempo despois.»

«1627. Em 17 de Julho faley com Gil Gonçales d'Avila, Cronista mayor da Espanha, meu amigo: diz que lhe parece bem escrevermos por annos, ao modo que escreveo o Cronista delRey Dom João segundo de Castella, cujas obras vimos e lemos, e he de estimar. Diz que lhe parece metamos na delRey Dom João todas as pessoas que sahirão de Portugal com nome, e as que forão de fóra de boa calidade. Diz que de Viseu poderemos tomar noticia de muytas cousas. Entre as que sahirão de Portugal dá grande lugar a Dona Linnor Mascarenhas, Aya delRey

(*) A serie dos apontamentos abrange 7 livros da Secretaria de Pedro d'Alcaçova. Veja-se o Indice das Memorias e Documentos a pag. 371.

Dom Felipe segundo, e do Principe Dom Carlos: foy pessoa de grande conta e virtude.

« O Chantre de Evora (*Manuel Severim de Faria*) por carta de 29 do Junho de 1627 me avisa que tem pera me ajudar o trabalho da Cronica delRey Dom João 3.º as cousas seguintes: — Duas ou tres mãos de papel, que diz he o principio da Cronica deste Rey, começada elegantissimamente por Antonio de Castilho. Item hum elogio ou panegyrico dos costumes, governo, e inclinações do mesmo Rey, cousa muyto de ver. Item grande parte da Secretaria de Pero d'Alcaçova, com relações de todas as Embayxadas de Castella, Roma, Saboya, e França. Item huns Commentarios de cousas de Arzilla, do tempo de Antonio da Sylveyra, escritos por Pero d'Andrade Caminha. Item relações diversas da povoação do Brasil. Item a relação da morte, ordem do enterro, e exequias delRey. »

« 1627. Em 9 de Novembro me mandou o Secretario Francisco de Lucena a este convento de Santo Thomaz de Madrid duas cartas de Sua Magestade, huma cujo sobrescrito he: — « Por ElRey, ao Provincial da Ordem de S. Domingos » —; e outra pera my, cujo sobrescrito he: — « Por ElRey, a Fr. Luis de Sousa, da Ordem de São Domingos » —, e o que contem he o seguinte:

Frey Luis de Sousa. Eu ElRey vos envio muyto saudar. Avendo entendido que a cronica do senhor Rey Dom João terceyro que Deos tem, que ha pouco tempo se imprimio, está mais succinta que devera ser a respeito das cousas que em seu tempo passarão; e que ouve nelle muytas dignas de que fiquem em memoria, me pareceo encomendar-vos o trabalho de escreverdes de novo a mesma cronica, procurando tomar todas as noticias e informações verdadeiras que vos for possivel pera supprir o que falta, que tenho por certo se conseguirá compridamente por mêo das partes, cuydado, e erudição que em vossa pessoa concorrem. Agradecer-vos-ey muyto fazerde-lo assi. E ao

Provincial da vossa Ordem mando avisar de como vos encarrego desta occupação pera que o tenha entendido, e vos desocupe, e dê o favor e assistencia necessarios. Escrita em Madrid a 20 de Oytubro de 1627. — Rey. — E abaixo — O Duque de Villa Ermosa Conde de Fidalhó.

« 1628. Em Março deste anno me vêo primeyro livro da embayxada de Manoel de Melo. »

« Em 8 de Junho me deu Diogo de Castilho guarda-mor da torre os papeis seguintes. (Estão estes no maço dos infiados com esta nota — Coutinho).

1.º Huma carta do Arcebispo do Funchal Dom Martinho de Portugal sobre o que trabalhou em Roma por duas vezes, que foy inviado por ElRey Dom João na materia de aver e trazer a Inquizição a este Reyno.

2.º Huma certidão do mesmo Arcebispo acerca da mesma materia, e de como cometendo-se-lhe que fosse Cardeal o não quis aceitar.

3.º Papel de letra do Bispo Pinheyro dos filhos bastardos e amizades que ElRey teve na mocidade.

4.º Papel do estado das cousas da India no anno de 1571.

« Em 7 d'Agosto de 628 começo a ver o livro grande que me trouxe Francisco de Vasconcellos. »

« De Memorias do conego Antonio Tavares de seu avô Bernaldim de Tavora tirámos o seguinte em sua casa 19 d'Agosto 628.

« Em 22 de Setembro, na Torre do Tombo, achey carta propria de Fr. Diogo de Murça, Reytor da Universidade, &c.

« 1629. Dos papeis e pergaminhos do Conde de Villa-Noua Dom Gregorio tirámos as cousas seguintes em 10 de Março »

«Em 11 de Março 1629. — De um livro de mão que ficou de Manoel Correa Baarem, &c.

«De Antonio Correa Baarem. — De tres papeis que me mandou em 30 de Maio de 1629, &c.

«1629. Em 9 d'Agosto, deu-me Jeronymo Correa Baarem nesta casa de meu hirmão hum brazão d'armas, que foy dado a seu avô..... Este brazão em sua caixa de couro deixámos ao senhor Gonçalo Vaz quando sahimos de sua casa pera Bemfica quarta feyra 29 d'Agosto, pera o dar a este fidalgo.

«Dos papeis do Conde de Villa-Nova Dom Gregorio que me vierão em 7 de Janeyro de 1630, &c.»

Estas notas, espalhadas por entre os extractos e apontamentos colligidos pelo Auctor, habilitam-nos para seguir com certeza a historia da composição dos Annaes. Vê-se dellas que Fr. Luiz de Sousa se achava em Madrid no mez de Maio de 1627, e que ahi recebeu ordem de Philippe 4.°, transmittida vocalmente pelo marquez de Castello-Rodrigo, para escrever a Vida de D. João 3.° — começando logo depois a serem-lhe communicados os documentos necessarios para a obra. Parece que a pessoa de quem Sousa mais confiava para o guiar nestes trabalhos era o chronista de Castella, a cujas instrucções e conselhos tantas vezes allude. Pela ordem dos apontamentos conhece-se que, pouco depois, Sousa fez uma viagem a Villa-Viçosa, para obter certo manuscripto que lhe importava consultar, e que tornou a Madrid, onde o encontramos já em julho desse mesmo anno, e aonde lhe escrevia nesse tempo Manuel Severim de Faria, promettendo-lhe varias cousas para o ajudar no trabalho da Chronica. Em Novembro foi emfim encarregado da obra

por carta d'elrei, que junctamente ordenou ao provincial de S. Domingos o escuzasse de outras occupações, e lhe desse todo o favor e assistencia necessaria.

A carta de Philippe 4.º persuade, em nosso entender, que o motivo por que Sousa se achava naquella epocha em Madrid, seria o serviço da Ordem, desobrigado do qual não tardou em voltar para Lisboa naquelle anno, ou nos principios de 1628, onde nos parece devia residir quando Diogo de Castilho *lhe deu* varios papeis da Torre do Tombo. E', porêm, indubitavel a sua residencia em Lisboa em setembro desse mesmo anno, quando *achou* na Torre a carta de Fr. Diogo de Murça.

E' provavel passasse aqui o resto do anno de 1628 e os primeiros mezes de 1629, examinando os papeis de que se podia ajudar no seu trabalho, recolhendo-se finalmente a Bemfica, em agosto, onde acabou de tomar os apontamentos que nos restam, em janeiro de 1630.

Achamos, por tanto, Fr. Luiz de Sousa occupado durante tres annos em colligir os materiaes para poder levar a cabo, com honra sua e proveito publico, uma empresa difficultosa para homem de annos mais verdes, e por isso dobradamente pesada para um velho de setenta annos (*). Não era, porêm, isto só. Apenas se achou enriquecido com um sufficiente numero de noticias, desenhou e começou a executar a obra. E' isso o que resulta do exame do proprio manuscripto dos Annaes.

Cada um dos quadernos de que este se com-

(*) Sobre a idade de Fr. Luiz de Sousa quando escrevia os Annaes, veja-se o que elle proprio diz na Parte 2.ª Liv. 1.º Cap. 1.º

põe está marcado por uma letra do alphabeto, que se vae repetindo em cada folha. Os tres primeiros (A — B — C) não tem circumstancia alguma, que nos indique a epocha em que foram escriptos; mas desde o 4.º (D) em diante todos trazem no alto da primeira folha a data do seu começo (*). A deste é de 13 de Dezembro de 1628, e seguindo-se os que nos restam da primeira parte dos Annaes, sem interrupção de mez a mez, devemos suppôr principiado o corpo da historia pouco depois do meado de 1628, isto é, pouco mais de um anno depois que Fr. Luiz de Sousa recebêra a ordem vocal para emprehender a obra. De maneira que ao mesmo tempo que estudava os documentos, ia logo erguendo o edificio, reservando dilata-lo ou resumi-lo, ao passo que fosse aperfeiçoando-o e polindo-o.

Faltando-nos os ultimos livros da primeira parte, que provavelmente eram mais cinco, e presuppondo que o auctor se occupou delles com a mesma assiduidade com que escreveu o que nos resta, é de crer que essa primeira parte, abrangendo dezoito annos (1521 — 1539), estivesse concluida pelos fins de 1629 ou principios de 1630, o que na verdade deve maravilhar n'um homem de avançada idade, e que ao mesmo tempo se occupava da grande machina, que tanto tinha a peito alevantar, — a Historia da ordem de S. Domingos. (**)

(*) O quaderno D principia depois da primeira grande lacuna. Veja-se a razão disso na nota sobre as lacunas, no fim do volume, onde tractaremos com mais individuação do estado do manuscripto.

(**) A prova de que trabalhava na Historia dos Dominicos por esta epocha acha-se entre os apontamentos para os Annaes. No logar onde falla da carta de Fr. Diogo de Murça poz a seguinte lembrança. — Advertencias na obra da provincia: — Emen-

***

Se a primeira parte dos Annaes teve a sua conclusão no tempo em que parece provavel, devemos accreditar que Fr. Luiz de Sousa abriu mão da obra durante dous annos, ou, o que é mais natural, gastou estes em corrigir e apurar o que estava feito. Seja o que for, é certo que no alto do primeiro quaderno da segunda parte se lê: « 1632, em quartafeyra vespara da gloriosa S. Agatha, 4 de fevereyro. » E no segundo: « Em quartafeyra, vespara da sagrada Annunciação 24 de março. » Este quaderno está interrompido no principio da 11.ª pagina, provavelmente pela ultima doença do auctor, que devia ser rapida visto que ainda, ao que parece, no mez de abril escrevia, e sabemos que elle falleceu em maio deste mesmo anno.

Eis o que unicamente achámos ácerca do que resta da segunda parte dos Annaes. Até certo ponto esse resto nos compensa o que se perdeu; porque a sua existencia era inteiramente incognita. Foi, por assim dizer, o ultimo canto do cisne. Fr. Luiz de Sousa chegára, no meio de tantas fadigas litterarias, e cortado de magoas antigas, a avançada idade. Qual esta fosse cousa é escura e incerta; e o manuscripto dos Annaes não nos habilita para fixa-la com exacção; todavia vemos da especie de prologo, por onde começa o primeiro capitulo da mesma segunda

---

dar na vida de Valadares o ponto da confissão: — emendar na Historia de Bemfica o que toca a João das Regras com o papel que tenho de D. F. de C.: — lançar no mosteyro de Amarante o que vay de Mancellos e Viana: — de que provincia he S. Francisco de Xarandilha dos Condes de Oropesa: — quantos frades tem Montemor o Novo: — ver a eleição de Oleastro e Fr. Estevão Leitão, e concertallos com Moura: — Lib. 4. p. 3. c. 1. ad finem. Canarias mirar adonde se deven poner, que no pueden ser en la India.

parte, que nesse anno da sua morte contava *numero de annos sobre setenta*, o que nos parece não poder significar menos de setenta e tres nem talvez mais de setenta e cinco; porque nesse caso diria com mais propriedade que se approximava dos oitenta.

Um ponto ventilado pelo Sr. Bispo de Vizeu, e deixado pelo illustre academico por mui duvidoso, foi o saber se Fr. Luiz de Sousa cruzára os mares do Oriente, segundo referem os escriptores dominicos que delle fallaram. Todas as ponderações em contrario caem, porêm, diante do testemunho do proprio Sousa, que, tractando da viagem de Dom Estevam da Gama para Suez, e do trabalho e perigo a que se expunha D. João de Castro em tomar a altura naquellas paragens, diz que *falla como experimentado* (*), o que parece não poderia dizer se não houvera, pelo menos, navegado nos mares da Africa oriental.

Taes são as observações mais importantes que julgámos conveniente fazer não só a respeito da historia litteraria dos Annaes, mas da biographia do principal entre os nossos escriptores classicos. Agora diremos poucas palavras sobre a importancia do inedito que publicamos, em relação aos escriptos de Fr. Luiz de Sousa anteriormente publicados.

Ha muitos annos que a perda da chronica de D. João 3.º se deplorava. Deplorava-se não só por ser obra de Sousa, mas porque sendo a sua materia mais alta, e de maior substancia que a Vida do Arcebispo e a Historia de S. Domingos, o maravilhoso estylo do Auctor subiria em quilates á proporção do objecto. Nesta parte, parece-nos que as conjecturas passaram alem da realida-

(*) P. 2 Liv. 1 c. 16 já citado.

de, ao menos daquella que nos resta. Se, como é de crer, Fr. Luiz de Sousa cumprindo as ordens de Philippe 4.º entregou uma copia da primeira parte do seu trabalho nos principios de 1632, esta saiu por certo de suas mãos com aquelle grau de primor que delle se esperava, porque estando, como vimos, concluida no anno de 1630, o tempo que discorreu até começar a segunda parte, podia e devia gasta-lo em pôr-lhe a ultima lima. E de feito, no manuscripto todo o livro primeiro se conhece ser já copia, posto que da mesma letra do auctor, e cheio de muitas emendas, mais d'estylo e linguagem que de outra cousa. D'ahi avante, porêm, é o proprio borrão original o que temos diante dos olhos; é a primeira e quasi impensada inspiração do escriptor; é uma estatua de Miguel Angelo onde apparece o desbastar firme e seguro do grande mestre, o palpar dos membros, o lançar das roupas, o avultar do rosto, mas onde faltam os derradeiros traços do cinzel que hão-de dar suavidade, graça, perfeição a tudo; — onde falta esse ultimo halito em que o artifice, semelhante ao Creador, diz á sua obra: « vive! »

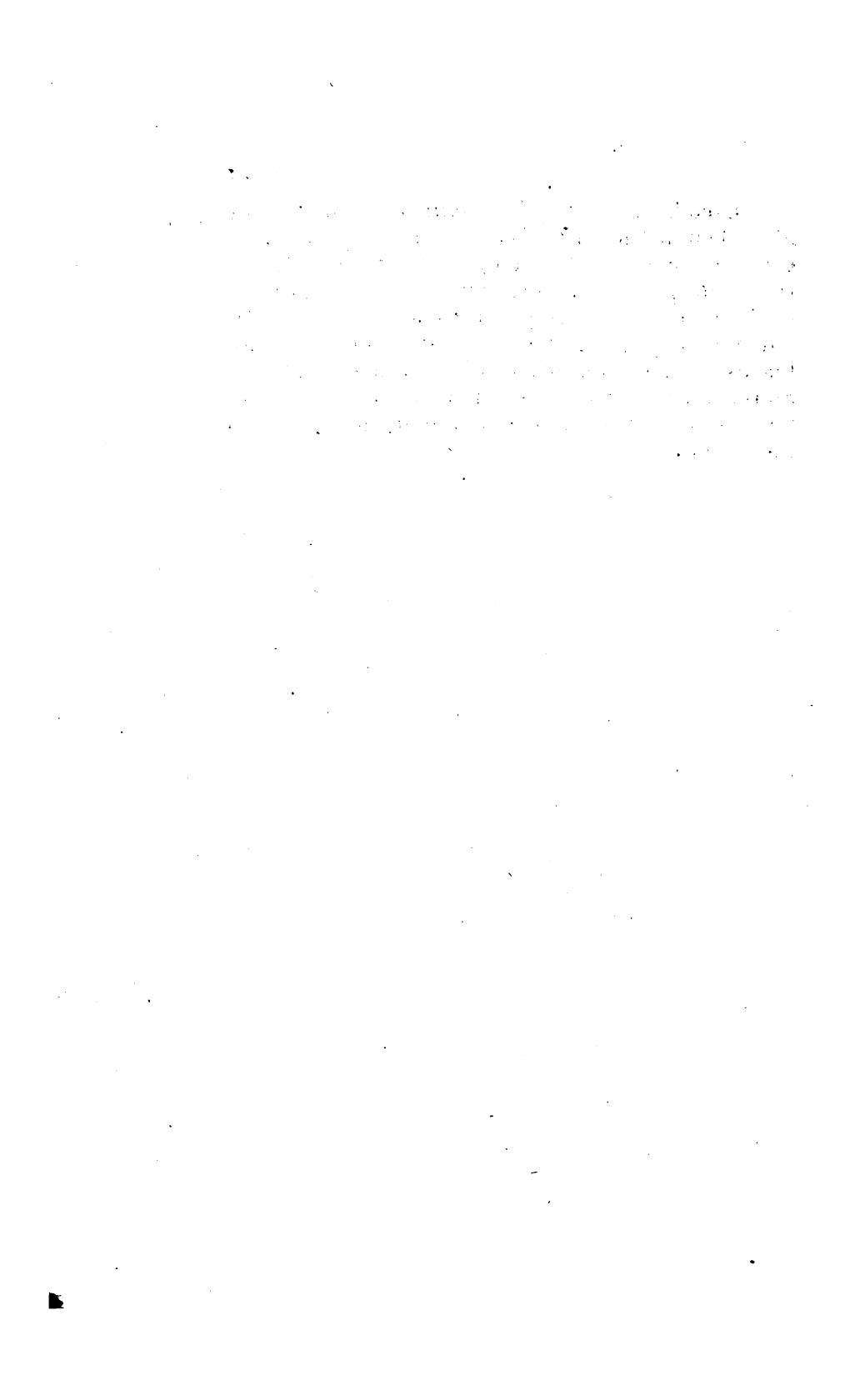
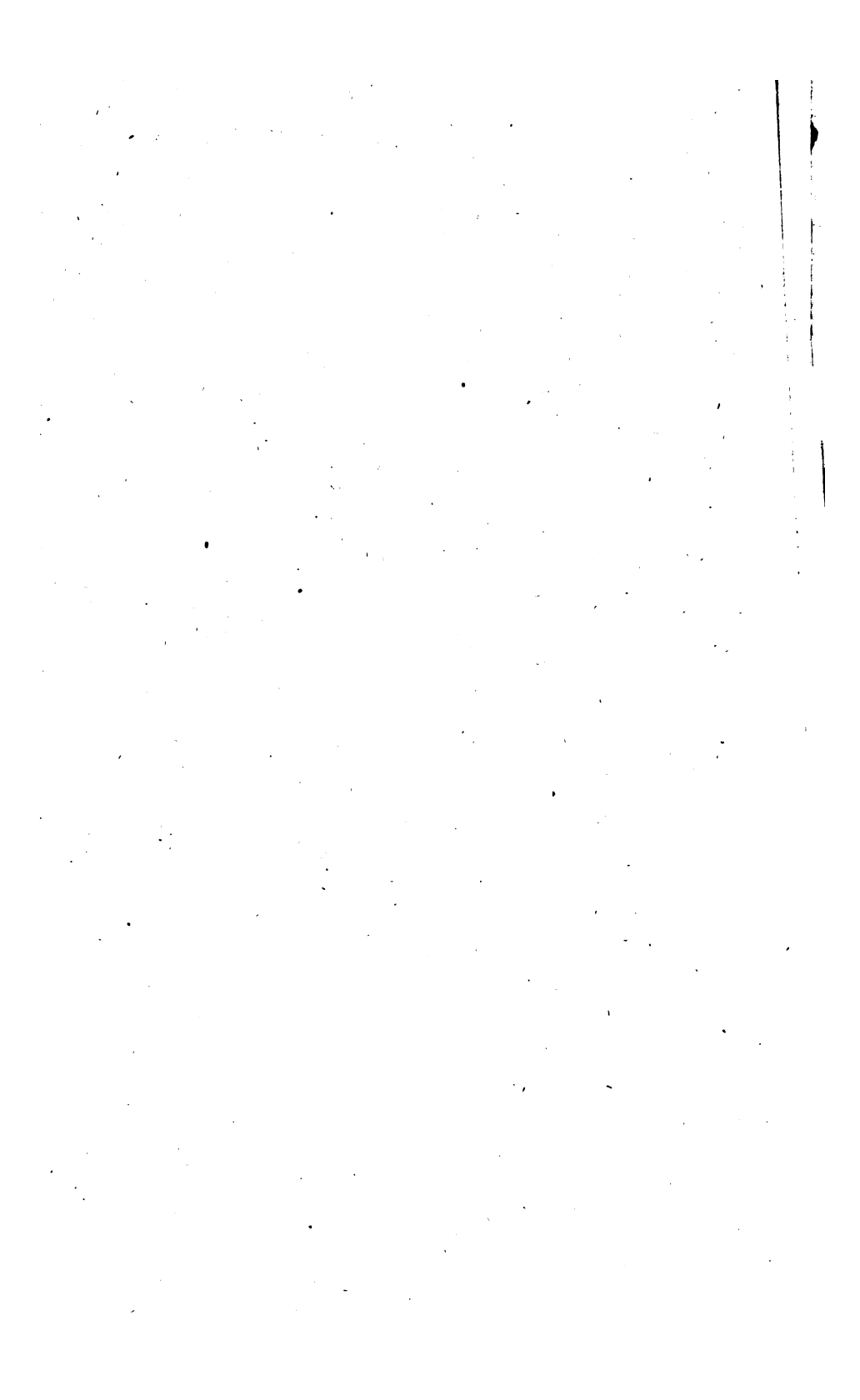
O grande credito que naquelle tempo merecia João de Barros como historiador fez com que Fr. Luiz de Sousa o seguisse passo a passo nas cousas do Oriente; e não é uma das circumstancias menos curiosas dos Annaes o ver Sousa resumir as largas narrações de Barros. Quanto aos successos da Metropole, os capitulos relativos a elles estão muitas vezes apenas delineados: são pouco mais que uma serie de apontamentos. Onde se encontra geralmente verdadeiro apego do escriptor á materia de que trata é em tudo o que respeita á nossa historia d'Africa. Nesta parte, ainda ao correr da penna, Fr. Luiz de Sousa é, por

via de regra, digno de si mesmo. Descobre-se no historiador uma certa complacencia em narrar os successos daquellas partes, e em descrever miudamente os sitios dos recontros e correrias. Lembram-nos sempre com triste saudade o logar e o tempo onde passámos dias de mocidade, embora esses dias fossem esquivos e trabalhados. Lembrava-se, porventura, Fr. Luiz de Sousa do seu captiveiro em Argel: — ou era antes que a sua alma grandemente poetica se comprazia nas memorias daquelle theatro, onde até mais tarde luziu o astro do puro, nobre, e desinteressado esforço portuguez, convertido na Asia, havia já muito, em cubiça sanguinaria de mercadores. Apraz-nos crer que debaixo da estamenha monastica de Fr. Luiz, o frade dominico, batia o coração de Manuel de Sousa Coutinho, o cavalleiro poeta, e que no espectaculo dos reinados de D. Manuel e D. João 3.º, vasto cemiterio de podridão e lentejoulas, a que uma historia sem philosophia e sem verdade chama epocha gloriosa, elle apenas via surgir como um monumento sancto de tradições antigas os muros ennegrecidos de Alcacere, Tangere, ou Arzilla, pouco a pouco desmoronados para que não fossem uma reprehensão continua e implacavel de todo o genero de corrupção e decadencia.

Resta por ultimo advertir que na publicação dos apontamentos relativos á parte dos Annaes que se perdeu ou não se chegou a escrever, tivemos em mira supprir de algum modo essas lacunas, não segundo o que hoje se requereria n'uma historia do reinado de D. João 3.º, mas segundo o que Fr. Luiz de Sousa traçára escrever. Omittimos o que de qualquer maneira só poderia interessar a alguma pessoa ou familia, e conservámos com escrupulo tudo o que diz respeito

aos negocios publicos. Dos apontamentos relativos aos annos historiados por Sousa, pareceu-nos que nada havia digno de se tirar á luz, que elle não houvesse aproveitado: assim evitando a demasia, cremos não ter esquecido nada do que era util e necessario.

Pelo que toca á orthographia, foi nosso primeiro intento seguir escrupulosamente a do original; porque entendemos que na publicação de um inedito a fidelidade nunca é sobeja. Desenganámo-nos, porêm, brevemente de que era necessario modificar um pouco a nossa opinião. Por via de regra os antigos escriptores não curavam de aprimorar nesta parte os seus livros: Fr. Luiz de Sousa não se esquivou á descuriosidade commum. Reina no manuscripto dos Annaes uma grande confusão orthographica: a mesma palavra apparece escripta de dous e tres modos diversos n'uma pagina. Por outro lado a pontuação falta muitas vezes completamente, ou está deslocada e viciosamente empregada, circumstancia que para as pessoas menos doutas tornaria tediosa a leitura. Entendemos pois que n'este ponto nos era licito affastarmo-nos algum tanto do original. Assim, tomando-o por modelo em tudo aquillo em que guardava alguma uniformidade, e auxiliando-nos da 1.ª e 2.ª parte da Historia de S. Domingos, publicadas durante a vida de Fr. Luiz de Sousa, diligenciámos por dar unidade á orthographia dos Annaes, sem que nelles desapparecessem os vestigios do auctor. Seria, porêm, impossivel não falharmos muitas vezes neste empenho difficultoso; e foi o que nos aconteceu, apesar de toda a attenção que empregámos para que o presente livro sahisse digno de quem o escreveu e do publico.

Escolhemos para *fac-simile* as primeiras linhas da unica folha avulsa do manuscripto, a qual contem o capitulo 13 da Parte 1.ª Livro 1.º, introduzido posteriormente pelo Auctor, como consta de uma declaração posta á margem do codice, entre os capitulos 12 e 14. Está escripto na folha exterior de uma carta dirigida a Fr. Luiz de Sousa quando já residia em Bemfica, segundo se vê do sobrescripto, que junctamente foi tirado no fac-simile.

ANNAYS
DA
VIDA, REYNADO E GOVERNO
DO
PRUDENTISSIMO
REY D. JOÃO III.

PARTE PRIMEYRA.

CAPITULO I.

Do nacimento, e primeyra criação delRey Dom João.

Mostrou Deos ao mundo nos primeyros annos do Reynado delRey D. Manoel, e em sua pessoa, que se inclinava a entregar aos Reys e Reynos de Portugal a monarchia de Espanha. Deu-lhe por molher a Princeza Dona Isabel filha mayor dos Reys Catholicos, que elle em outro tempo reconhecera por senhora levando-a de redea na entrada que fez em Evora, quando veo a casar com o Principe Dom Affonso, filho delRey Dom João segundo. Foy conseguintemente jurado por herdeyro dos mesmos Reys em Toledo, com que ficava universal e absoluto senhor das Espanhas, e dos Reynos de Napoles e Sicilia. Deu-lhe, apoz o juramento, primeyro filho o Principe Dom Miguel, chamado da paz, em sinal de vinculo e penhor perpetuo della entre todos estes Reynos, de que nacia herdeyro e successor. Mas passou tudo como sombra, e representação de

huma abreviada tragedia. Porque estava decretado no tribunal Divino averem-se de trocar as mãos no particular da monarchia. Começou a passar no falecimento da Princeza, que foy no mesmo dia, que tinha dado ao mundo o Principe Dom Miguel. Infelice senhora em ambos os casamentos: no primeyro com a morte desastrada do marido; no segundo com a propria; não menos triste, por ser na flor da idade, e quasi repentina, que a do marido, pollo accidente do cavallo. Acabou de passar de todo a representação com a morte do Principe Dom Miguel, succedida antes de sahir das mantilhas, e do primeyro leyte das amas. Assi se achou elRey Dom Manoel, dentro de dous annos, sem molher, sem filho, e perdida de todo a esperança da grande monarchia de que se vira adorado por senhor. Muyto de bronze fora o peito, a quem não quebrantara tanto mal junto. Enxergou-se o abalo, em que sendo-lhe tratado segundo casamento com a Infante Dona Maria, hirmãa da Princeza defunta, deixou de lhe dar orelhas muytos dias, com saber que não avia em Espanha outro que tão bem lhe estivesse, espantado ainda, ao que se pode crer, e receoso dos successos do primeyro: e em fim o veo a aceitar, obrigado mais de bom conselho, e necessidade, que de gosto. Porém logo lhe mostrou o successo, quão errados são muytas vezes os discursos do juyzo humano, e que o fora o seu, se mais dilatara taes vodas; porque com ellas encheo sua casa e Reyno de copiosa e fermosissima geração.

Entrou a Raynha Dona Maria em Lisboa por fim do anno de mil e quinhentos, e veo a parir seu primeyro filho no de 1502, huma segunda feira, a seis dias do mez de Junho, ás duas horas despois de mea noyte. Este foy o Principe Dom João, que succedendo a seu pay na coroa, foy terceyro dos Reys deste nome, e decimo quinto dos que se contão na successão delRey Dom Affonso Anriquez; e entre os que louvamos de grandes e excellentes virtudes no mundo, se lhe não dermos o primeyro lugar, foy, sem a nenhum fazermos aggravo, hum dos primeyros: cuja historia começamos a escrever, não por ociosa curiosidade, ou vam ambição de gloria (que huma e outra cousa fora culpa na idade, e estado, em que estamos) mas porque somos mandados, a respeito, segundo creo, de que a grandeza e variedade de successos de seu tempo em paz

e guerra estão merecendo serem divulgadas por muytas lingóas, e celebradas por muytas penas; Determino digerillas por annos ao modo, que uzarão alguns antigos, que foy principio de se dar nome de Annays a semelhantes escritos; modo muyto conveniente pera distinção das materias, e clareza de tudo. E juntaremos ao primeyro anno de seu Reynado tudo o que acharmos digno de memoria do tempo que foy Principe: tempo que por ser muyto longe do presente, em que nos faltão os velhos que o alcançárão, e até aquelles que nos poderão dar noticia de cousas recebidas por relação de seus pays, de força nos ha de fazer ficar mais curtos do que dezejamos, e do que por ventura se promette de nossa diligencia quem nos faz escrever; como se contra o que a força dos annos tem já não só esquecido, mas soterrado, valera pera o tirar a luz cuydado ou estudo humano.

Soou polla terra no Domingo, sinco dias do mez, lá sobre tarde, que entrava a Raynha em dores e significações de parto. Espertou a nova o amor natural que os Portuguezes tem a seus Reys: os dezejos que tinhão de Principe: e a devação geral da cidade. Juntou-se toda com o Clero, e Religiões e Prelados que avia, em huma devota e comprida procissão, acompanhada de tanta cera e lumes, que tornavão em dia as trevas da noyte. Foy-se com ella ao Mosteyro de S. Domingos a pedir misericordia na Capella de Jesu pera o perigo da sua Raynha, que todos avião por proprio. Porque a todos fazia medo, e agouro triste a lembrança fresca dos mal logrados Principes, Dona Isabel, e Dom Miguel. Mas o Senhor piadoso foy servido de converter os medos em huma nova, e não cuydada alegria, dando ao Reyno hum fermoso Principe, e á Raynha forças, e saude; com que a cidade, e o Reyno todo, trocou a tristeza em alvoroços e contentamento; os recreyos em festas, que se affirma forão as mayores e mais custosas, que em muytos tempos se não tinhão visto em nacimento de Principe, competindo entre si todos os estados de gente, a quem daria mayores sinaes do que cada hum estimava aquelle bem. E passárão tanto adiante, que se pode crer fizerão enveja dentro no Inferno, ao enemigo do genero humano; porque no mesmo dia se armou no ar huma tormenta de agoas, trovões, rayos e coriscos tão extraordinaria, e continuada o dia todo, com tamanha

furia e teyma, que ninguem a julgava por menos, que obra dos Espiritos Infernays, que vendo todavia, que não podião entibiar o contentamento santo e justo do povo, nem estorvar os effeitos delle, guardárão pera o dia do bautismo outro genero de prodigio, que foy pegar-se fogo nos Paços, sem se saber como. Porém, assi como passou a tempestade sem dar cuydado aos sizudos, que a sabião referir a causas naturaes: tambem foy apagado o fogo antes de fazer dano de consideração; e julgado, em quanto durou, por parte das luminarias, e festas daquelle dia.

Naceo o Principe Dom João nos paços do Castello. Foy bautizado na Capella delles, que he da invocação de S. Miguel, por Dom Martinho da Costa Arcebispo de Lisboa e levado a ella nos braços do Duque de Bragança Dom Gemes, acompanhado pera madrinhas da Raynha Dona Lyanor hirmam de seu Pay, e molher delRey Dom João segundo, e da Infante Dona Breitiz sua avó, mãy delRey seu pay. Para padrinho chamou elRey o Embaixador de Veneza Pedro Paschaligio, que na Corte se achava, dando-lhe aquella honra em nome da sua Republica, que representava. E como acontece muytas vezes algumas cousas que se fazem a caso, ou com leve occasião, sahirem tão acertadas, como se com madureza e conselho traçadas fossem, pareceo hum genero de pronostico da grande prudencia, que despois resplandeceo neste Principe, dar-se-lhe por pay espiritual o nome e representação de hum estado, que por todas as idades teve fama e obras de prudentissimo. Tratando-se de ama de leyte, como era já muyto aceyto a elRey Alvaro da Costa, que o servia de Guarda-roupa, e pollo tempo adiante subio a seu Camareyro mór, fez parecer a affeição, que estaria bem ao filho, o que agradava ao pay. Deu-lho por Amo: e veo para o Paço para o criar Breitiz de Payva sua molher. Tantó pode o gosto dos Reys, e o respeito de hum valido, que tanto que se tratou de Alvaro da Costa, não ouve quem duvidasse da bondade do leyte, de que pendia a vida do Principe, nem delle pedisse exames, como fora razão. Porém Alvaro da Costa amava tanto a seu Rey, e era juntamente tão sizudo, que sabendo que se lhe secava o leyte, fez officio de fiscal contra si. E antes que o defeito se sintisse na disposição do criado, pedio a elRey que passasse a criação a Felipa d'Abreu molher de Bertolameu

de Payva seu cunhado: e assi se fez. Era Bertolameu de Payva cidadão de Lisboa, de limpo e honrado sangue. E Felipa d'Abreu acabou de criar o Principe com grande cuydado: em que não he razão ficar-nos em silencio o termo, com que esta Dona contava despois, que dera fim a sua criação. Costumão às amas, quando he tempo de divertirem os mininos daquelle pasto que a continuação, e natureza fazem saboroso, pôrem nos peitos cousas amargosas, cujo asco, provadas, lho faça aborrecer. Não quiz Felipa d'Abreu offender o Principe, applicandose cousa, que lhe desse nem hum leve desabrimento: e fiando mais da capacidade, que já nelle se conhecia, que dos enganos e artificios ordinarios, disse-lhe hum dia (tinha então cumpridos tres annos e meo) que parecia tempo de S. A. deixar aquelle mantimento de criancinhas, que desdizia já de sua idade crecida; e por tanto fosse servido não lhe tomar mais o peito. E affirmava que só isto bastara, pera lho não tornar a tomar nem pedir mais. Grande argumento de hombridade, e constancia, pera em tão tenros annos: que ella encarecia com certo aviso, que affirmava tevera desta criação em sonhos, que não especificamos, porque podia ser força de imaginação, e demasiado dezejo della.

CAPITULO II.

Como foy jurado em Cortes o Principe Dom João por herdeyro destes Reynos: Que mestres teve nas primeyras letras, e nas de mais sustancia: Funda o Convento de Nossa Senhora da Serra de Almeyrim.

Costume he antigo destes Reynos, tanto que Deos dá primeyro filho aos Reys delles, não tardar em lho fazer jurar por herdeyro, e receber por successor. He isto hum modo de prevenção e cautella, contra a variedade de alterações, que o tempo pay de mudanças muytas vezes inventa, e traz comsigo. Pouco passava de hum anno o Principe, quando a elRey lhe pareceo tempo de satisfazer a este estilo. Chamou a Cortes. E juntos os tres Estados em Lisboa no Outono do anno de 1503 recebeo por sua

pessoa em nome do Principe, os juramentos e menagens ordinarias, nos Paços do Castello, na Sala dos Lyões. Mas não foy elRey menos cuydadoso na guarda e bom ensino do Principe, que em lhe segurar a successão. Para guarda, tanto que começou de andar, lhe deu Gonçalo Figueira, fidalgo honrado, que o acompanhava de dia sem nunca o perder de vista, respeito dos desastres e perigos daquella idade. Para começar a ler, não esperando que cumprisse quatro annos, encomendou o cuydado a hum Sacerdote velho e sizudo, seu Capellão, que juntamente com a lição do Alfabeto, lhe hia dando outra do leyte, que naquella idade se pode dar, e receber das cousas da fé, e christandade. O que cumprio tão bem Alvaro Rodrigues, que assi se chamava o Sacerdote, que mereceo despois por este serviço dallo elRey á Emperatriz sua hirmam, quando foy a casar, para Deão da sua Capella. Mas he ponto de considerar, e que deu muyto que falar na Corte, que razão teria elRey pera se desviar do estilo de seus passados, trocando o cargo de Ayo, que uzavão dar aos Principes logo na primeyra idade, em cargo de guarda, ou olheyse sómente. De que teve pera isso motivos dignos de seu grem de juyzo, a ninguem deve fazer duvida. Porém saber quaes forão, se nós o pudessemos descubrir, preço acrecentarião a esta Historia: visto como o fim de todas as que se escrevem he avisar a todos os estados, e a cada hum no que lhe pode tocar. E fazendo na materia hum breve discurso, bem se deixa ver, que dar Ayo a huma idade de tres annos, que avia de ser pessoa de autoridade e grandeza, como se esperava e uzava, era mais honras á pessoa do Ayo, que acudir á necessidade do Principe minino: era officio de nome, mais que de sustancia: mais ocioso que importante: e huma despesa muyto crecida, sem nenhum interesse, nem bom fim presente: em que sobre tudo devia elRey considerar, que os taes Ayos, acontece muytas vezes tomarem sobre aquelles annos tenros, faltos ainda de juyzo e discurso, mais jurdição do necessario, que lhe vem a impremir, com a continuação do respeito e obediencia, huma certa sogeição, e encolhimento de espiritos, que muyto desdiz de hum animo Real, nacido pera mandar e governar com liberdade. Porque o cargo de Ayo de hum Principe he ser mestre seu de todas as acções politicas: que assi hão mister aprendidas, como se busca mestre pera a

lingoa Latina e outras artes: e por isso convem que tal mestre lhe não falte; porem com eleção de tempo e annos: quero dizer que o Principe tenha já discurso pera as entender, capacidade pera as exercitar, e esprito pera se não deixar cativar do Ayo, se acertar a ser mais imperioso, ou menos prudente.

Mas tornando á historia, tambem pareceo novidade mandar elRey vir ao Paço, pera dar lição de escrever ao Principe, hum pobre homem, que por bom escrivão, tinha escola aberta na cidade. Chamava-se Martim Affonso. Do que colligimos duas cousas: primeyra, que devia ser insigne na arte: segunda, que não averia então homem nobre, que o fosse nella. Davão-se em aquelle tempo todos os nobres tanto ás armas, e tão pouco ás letras, como se fora verdade que a pena embotasse a lança. Vicio e culpa que neste Reyno durou muytos annos, e cujo remedio devemos só a este Principe, polla honra que despois que reynou, soube fazer ás letras, e a todas as boas artes.

Voão os annos: crecia o Principe, e descobria muyto entendimento, e pera tudo habilidade e engenho. Tratou elRey de o applicar aos estudos de Grammatica e Latinidade, e dar-lhe nelles pessoas autorizadas pera mestres. Forão na Grammatica Diogo Ortiz de Vilhegas famoso letrado e pregador, Castelhano de nação e muyto nobre, que com outro irmão viera a este Reyno acompanhando a Princeza D. Isabel: e ficarão ambos nelle: o Diogo Ortiz foy despois Bispo de Tangere, e andando o tempo de Viseu: e o irmão que se chamava Fernam Ortiz de Vilhegas fez casa e morgado, e casou com Dona Maria de Tavora filha de João Telles de Tavora, e delle decendem os Tavoras Ortizes de Portugal. O outro mestre foy o Doutor Luis Teixeyra, filho do Doutor João Teixeyra, Chancarel mór que fora delRey Dom João segundo. Era Luis Teixeyra vindo de fresco de Italia com fama de homem eminente, tanto nas letras humanas, em que fora ouvinte de Angelo Policiano: como no direyto civil, sobre que escrevera doutamente. Destes dous mestres ouvio o Principe varios livros de Latinidade. Do segundo chegou a tomar principios da lingoa Grega, e ouvir parte da Instituta, que he porta e entrada pera o estudo do direyto civil; e era justo conhecer tal porta, quem avia de julgar em trono supremo vidas e fazendas de muytos. Para tudo teve o

Principe bom natural, acompanhado de grande memoria, que he huma das partes que mais se requerem nos que estudão qualquer sciencia: que se assi tevera a applicação, que lhe tolhião os passatempos que costumão senhorear a idade juvenil: ou os mestres se atreverão a uzar com elle de huma pouca mais de jurdição, podera ficar com perfeito conhecimento da Latinidade, e de outras artes, que el-Rey seu pay dezejou que soubesse: principalmente as Mathematicas, de que Thomaz de Torres, medico e bom Astrologo, lhe leo alguns principios, assi dos movimentos dos Planetas, como da constituição do mundo, em terra e mares, que foy conveniente para que entendesse á grande parte que tinha nelle. Porém de todo este cuydado se lhe não pegou mais que huma boa inclinação para as Letras e letrados, em tanto grao, que achamos posto em memoria, que quando o nosso celebrado Cronista da Asia, João de Barros, compunha por passatempo a fabula do seu Clarimundo, a fim de polir o estilo, pera vir a escrever as verdades dos feitos portuguezes, guerras e costumes da Asia, com que despois espantou o mundo, tinha o Principe tanto gosto da lição della, que acontecia tomar-lhe os cadernos e de sua mão illos emendando. Que não pode ser mais claro indicio de amor aos Livros: que todavia valeo muyto a este Reyno. Porque vindo a reynar fez que florecessem nelle com grandes aventagens todas as boas letras. (1)

Da mesma maneyra que aquella leve applicação dos estudos servio ao Principe de ficar affeiçoado a elles pera o diante: assi do trato destes mestres, e das praticas mais altas que com elles tinha da doutrina christam (que em tudo erão doutos) veo a criar huma grande devação e amor a todas as cousas da Santa Madre Igreja. O que mostrou largamente por todo o discurso da vida: e em todas as occasiões que se lhe offerecerão, como ao diante veremos. Mas he muyto de estimar o que de seus primeyros annos achamos posto em memoria nas Cronicas da Provincia de S. Domingos deste Reyno. Conta-se nellas que, não tendo este Principe mais que onze annos de idade, procurou, como outro Salamão, levantar hum templo a Deos, a dar

(1) Manoel Severim de Faria chantre de Evora na vida de João de Barros.

hum Convento a esta Ordem. (1) Avia entre os bosques e matos incultos de Almeyrim, a duas legoas da villa, huma pequena Ermida, que elRey Dom Manoel mandára edificar, por encomenda e legado do testamento delRey Dom João segundo seu primo: casa de devação e romagem, consagrada á Virgem mãy de Deos com titulo de Nossa Senhora da Serra: tomado o nome da aspereza de hum monte visinho, onde em tempos antigos fora achada huma imagem suà. Visitava-a o Principe algumas vezes, em companhia delRey seu pay, quando o gosto da caça os levava nos invernos áquella recreação Real da villa e coutadas de Almeyrim. Hum destes annos, tendo já os onze que atrás dissemos, encheo-se de zelo de ver a pobreza com que ali se agasalhava hum retrato da Raynha dos Ceos: sendo terras, em que elle e seu pay hião buscar entretimento, com gosto, e muyta despesa. E achando-se hum dia ambos na Ermida, pedio-lhe licença para fundar nella hum mosteiro de Religiosos. Não lembrava então mais ao Principe que o serviço da Senhora. Mas seu pay considerou, que lhe podia servir tambem de bom gasalhado pera passar alguns dias em santa quietação fóra do tumulto e reboliço da Corte: e estimando muyto o zelo, e boa tenção do Principe, concedeo-lhe a licença com gosto. E o Principe o teve tanto della, que não tardóu na execução. Chamou Architectos: começou a entender com debuxos e traças: e conseguintemente mandou juntar materiaes, vir officiaes, e mestres de alvenaria, abrir alicesses, levantar muros. Tal era o dezejo de ver a obra feita, que lhe fez esquecer todo o cuydado de procurar edificio grandioso, que na verdade tambem não convinha pera em charnéca. Acudião elRey e a Raynha ao gasto da fabrica, e ao gosto do Principe, mas com temperança considerado o sitio. E o Principe com facilidade de moço, e gosto que levava de ver crecer huma obra que tinha nome de sua, persuadia aos fidalgos, que o tevessem elles tambem daquellas paredes, que despois avião de servir de passatempo, e commodidade para todos: como na verdade aconteceo logo, e mais pollos annos adiante. Porque continuando o monte, hora em companhia dos Reys, hora sós; quando succedia

(1) Cronica de S. Dom. da prov. de Portug. P. 2. L. 6. Cap. 16.

tornarem cansados e moydos (que o mór passatempo da vida humana se acha, no fim do dia, comprado com quebrantamento de corpo, e fastio da vontade) achavão aqui alivio de trato cortez e santo, com religiosos letrados e discretos. E se era tempo invernoso tinhão abrigo de casas recolhidas, e bom fogo nas chaminés. (1) Assi teve breve remate o Convento, e ficou logo povoado dos mesmos frades de S. Domingos, que já dantes servião a Ermida, por doação que della fizera o mesmo Rey ao Convento de Santarem. Mas não se contentou o Principe só com o material de pedra e cal; tratou de lhe alcansar de seu Pay renda: com a qual, e com outra que lhe ajuntou despois que succedeo na Coroa, se ficarão sustentando vinte religiosos. E no mesmo tempo que a obra corria, lhe procurou de Roma indulgencias, que o Papa Leão Decimo lhe mandou por hum Breve que se guarda no Convento: pollo qual consta que foy expedido no anno de 1514, e impetradas as graças á instancia do Principe.

CAPITULO III.

De alguns perigos que o Principe passou em sua mocidade. Da-se conta como elRey lhe deu casa, e quem forão os officiaes della: e como o começou a introduzir nas materias de Governo, e ordenou que assistisse com elle em huma cerimonia dos Reys antigos que se uzava em vespara de Natal.

Não foy bastante a grande vigia, que elRey mandava ter na guarda do Principe, para o livrar de hum notavel perigo, de que ninguem julgou que sahisse com vida. Era entrado em doze annos, e pousava com elRey a Santos o Velho nas casas que despois forão de Dom Luis de Lencastre. Avia nellas huma varanda alta e mal reparada, donde, andando com pouco resguardo, cahio abayxo. E quando lhe acudirão foy achado de todo ponto desacordado e sem fala: e com huma ferida na testa de que lhe cor-

---

(1) Cronica de S. Dom. da prov. de Portug. P. 2. L. 6. Cap. 16.

ria muyto sangue. Pareceo o caso mortal, e encheo a Corte de sobresalto e confusão: porque não tornava em sy: e neste estado passou o dia todo, e a noyte seguinte. Mas o mesmo Deos que permittio o desastre, pera mostrar que elle he o que guarda a cidade, não soldados nem muralhas, foy servido de consolar seus pays e a seu povo, amanhecendo ao outro dia esperto, e com sua fala: e cobrou brevemente forças e saude, ficando-lhe só na testa, por cima do olho direito, hum sinal da ferida: sinal que bem se deixava ver, mas sem nenhuma deformidade. Outro perigo teve despois, em que sua vida não esteve menos arriscada. E ficando em memoria que foy de doença, e em Almeyrim, não fazem nenhuma os que o escrevem, de que annos era. Foy salteado de hum prioriz com vehemencia de febre e dores, que o chegou a termos de se cuydar que acabava. Acudio Deos com sua misericordia, como no mal passado: deu-lhe vida, e breve convalescencia.

Passava o Principe dos doze annos. Mostrava em tudo o que fazia tanto assento, e entendimento, que claramente vencia e anticipava a idade. E com tudo não acabava elRey de se determinar em lhe dar casa, contra o costume antigo deste Reyno. Do que nacia falar-se variamente na Corte, e polla cidade, e ás vezes pesadamente. São os Reys humas paredes brancas, em que se atrevem a pôr riscos e carvão de juyzos temerarios, até a mais vil escoria do povo. Huns dizião que como a malicia hia em grande crecimento, e cada dia se refinava mais, não se satisfazia elRey dos sogeitos que o tempo lhe offerecia. Outros querião interpetrar, que devia sintir no principe alguma fraqueza secreta, que lhe tolhia fiallo de criados. E na verdade estes se enganavão: e só os primeyros discorrião melhor. Porque elRey tinha grande conceyto do Principe: e conhecia que podendo fiar muito delle, convinha todavia fazer mais reflexão na escolha daquelles, a que o avia d'entregar. E que esta fosse a causa, porque dilatava autorizallo com casa e companhia de officiaes, e ministros, vio-se bem na calidade e partes dos que lhe nomeou quando lhe pareceo tempo, que forão taes, que geralmente se julgou sahira a eleição de grande e maduro juyzo. E forão os seguintes: Para Camareyro-mór Dom João de Menezes filho terceyro do Conde de Cantanhede, por sangue, e partes pessoaes de entendimento e valor, hum dos primeyros

homens daquelle tempo. Para Mordomo-mór Dom João da Sylva Conde de Portalegre: cujos decendentes gozão oje o mesmo cargo na Casa Real. Para Guarda-mór Luis da Silveyra a quem o Principe, despois que veo a reynar, fez Conde de Sortelha. Os mais ministros forão Dom Luis de Meneses, filho do Conde Prior, Alferes-mór: João de Calatayud Porteyro-mór: Christovão de Mello, Alcayde-mór de Serpa, Mestre-sala: Dom Pedro Mascarenhas Estribeyro-mór: Dom João de Alarcão Caçador-mór: Jorge de Mello Monteyro-mór: e Veador da Casa Ruy Lopez: e Dayão da sua Capella Diogo Fernandez Cabral: em cujo lugar entrou pouco despois o Mestre Diogo Ortiz de Vilhegas. Dos Officiaes menores, como tambem o erão na calidade das pessoas, não ficou mais memoria que saber-se era cada hum, nas partes que convinhão para o cargo que avia de servir, bem proporcionado á escolha dos mayores. Tanto que o Principe teve junto de sy numero de criados, e muytos olhos que notassem suas acções, (como até as que não tem nome espreita nos Principes a curiosidade dos subditos) encheo-se logo a terra da fama dellas. Contavão que era tão benigno com os seus, e tão desassombrado em todo trato, que estranhamente convidava a ser amado, e servido com gosto. Mas que sem saberem como, misturava com aquella affabilidade hum geito e composição tal, que se não fazia menos respeitar por grave, que amar por brando. E o que mais espantava era, que o mesmo que representava o sembrante, se lhe enxergava nas palavras: que sendo em qualquer materia agradaveis e suaves, tinha tal modo em as pronunciar, que lhes juntava notavel magestade. Porque sem ter defeito na boca, nem vicio na lingoa, aquirio por artē e uzo, falar de vagar, e com tanta pausa, que falando parecia que se escutava, e hia pesando o que dizia. Conformava com este modo de proceder, não se ouvir nunca de sua boca palavra aspera nem de movimento de ira (que he a cousa que mais abate na grandeza real, e mais affea sua autoridade). E ainda quando acontecia ver algum erro ou desconcerto nos que o servião, via-se-lhe claramente nos olhos, que o notava e sintia: mas o silencio e dissimulação era tal, como se o não entendesse. Assi para quem errava nenhum castigo havia mayor, que aquella dissimulação: porque calando reprendia, e olhando castigava. Mas era muyto de notar o como se avia cos ministros mayores:

tratava com respeito grande os velhos, comtemporizava cos de menos idade, agasalhava os mancebos, honrava a todos. E porque das affeições dos Principes tira o mundo fundados indicios para julgar de seu entendimento, he de saber que dos criados mayores se affeiçoou ao Guarda-mór Luis da Silveyra, que, por partes de avisado e grande cortezão, tinha nome na Corte: E dos moços fidalgos que o servião, que erão muytos e do melhor do Reyno, conheceo em Dom Antonio de Atayde, que despois foy primeyro Conde da Castanheyra, sitio e partes pera o aventajar a todos em sua graça. Porém com tal distinção, que com Luis da Silveyra tratava as materias de conselho e sustancia, como com homem entrado em dias: de Dom Antonio fiava as mais leves e de seu gosto. De sorte que podemos dizer que Luis da Silveyra era o Parmenio que governava os exercitos de Alexandre: Dom Antonio o Effestion que amava. Por estas partes foy ganhando nome de alto juyzo, e tão filho de seu pay no saber, como no sangue: que he tudo o que se pode encarecer neste Principe. Porque na verdade, juntando-se em elRey Dom Manoel tantas e tão raras boas venturas, como sabemos, de muytas mais pareceo mercedor pollas partes de grande governador, que nelle juntou a natureza. Donde venho a cuydar que da mesma maneyra, que os filhinhos dos Lyões, pendurados ainda da teta das mãys, já mostrão peso na catadura, força nas garras, fereza nas unhas: assi ha muytos Principes (grande dita se foram todos) que por natureza nacem sabios, e faz nelles o sangue e a successão, o que a outra gente não alcansa, senão com muyta experiencia, e longos annos de exercicio.

Alegrava-se elRey com ver tal filho, como mestre que se dá os parabens de hum bom discipulo. Mas brevemente trouxe o tempo occasião, em que por ventura o tomara menos entendido. Entre tanto pareceo cousa consecutiva a ter-lhe dado casa, e elle mostrado tão bons principios na administração della, que começasse a exercitar-se nas materias de governo publico para que era nacido. Chamava-o elRey seu pay pera todas as que se offerecião, já de justiça, já de fazenda, já de mercês, e vendo-o assistir com attenção e applicação, juntava suas advertencias: E como aguia que provoca os filhos a voar, quiz que assistisse com elle pessoalmente em huma cerimonia dos Reys seus

antecessores, que se bem está já oje desuzada, mostra-nos o cuydado que tinhão de venerar com abstinencia publica a vespara do nacimento de Nosso Senhor Jesu Christo. Creo que não será desagradavel ao leytor, sequer por memoria do bom tempo da Corte portugueza. Escrevella-emos como a deixou lançada nos papeis de sua secretaria Antonio Carneyro pay de Pero d'Alcaçova Conde da Idanha. Onde diz que foy esta a primeyra em que o Principe assistio com elRey seu pay: e passou assi: Era vespara do santo dia de Natal anno de 1516: sahirão elRey e o Principe da guarda-roupa a horas de cea acompanhados do Duque de Bragança e dos Condes d'Odemira, de Villa-Nova, de Tarouca e de Borba. Estava a meza cuberta sobre hum estrado de dous degraos. Sentou-se elRey a ella, e o Principe ficou em pé sobre o estrado á mão direyta delRey no topo da meza: No primeyro degrao ficou o Duque e abayxo no chão os Condes. Veo logo a consoada a elRey com Porteyros da camara, Reys d'armas, Arautos e Passavantes, Porteyro-mór, Mestre-sala, Veador e o Conde de Tarouca Mordomo-mór: o qual trazia a toalha, e a deu ao Principe: e o Principe tomando-a se poz de joelhos com ella nas mãos; e o Conde de Villa-Nova seu Camareyro-mór lhe chegou huma almofada para os joelhos. E assi esteve o Principe até elRey beber, e se levantar a consoada, e então lhe tornou a tomar a toalha o Conde Mordomo-mór. Levantada a consoada delRey, veo a do Principe da mesma maneyra que viera a delRey, sem mais differença que trazer a toalha o Veador, o qual a deu ao Duque de Bragança que-lha teve: E o Principe se deceo ao primeyro degrao do estrado, e ahi tomou a consoada: e acabando de consoar se tornou assima ao primeyro lugar: onde esteve sempre a pé: e sempre elRey o mandou cobrir. Veo despois a consoada do Duque e dos Condes que erão presentes, acompanhada de Porteyros de maça, Reys d'armas, Arautos e Passavantes, Porteyro-mór, Mestre-sala e Veador somente (porque o Conde Mordomo-mór se passou aos Condes). E fizerão suas reverencias a elRey. Vinha a consoada do Duque diante da dos Condes com distancia de huma á outra de pouco mais de dous passos: Era o que a trazia hum fidalgo seu. E hum moço fidalgo do Duque levava em hum prato pequeno de servir huma toalha dobrada: a qual em chegando a consoada ao Duque tomou o seu Veador, e lha

teve sem mais cerimonia que huma moderada inclinação de cabeça e corpo. Com a consoada do Duque não vinha agoa nem vinho: quando quiz beber, foy o seu copeiro á copa tomar o que sabia lhe avia de levar, acompanhado de hum porteyro e duas tochas. Mas com a dos Condes veo logo a agoa que avião de beber, e os que trazião consoada e agoa erão homens seus. Ouve mais outra differença, que o prato da consoada do Duque estava feito dentro na sala, e de junto da copa o tomou o seu fidalgo pera lho levar: e os criados dos Condes tomaram os pratos pera seus amos na varanda de fora, onde estavão as fruytas, e dali lhos levarão. Erão as mezas dos nossos Principes escolla de sobriedade pera seus vassallos: E por isso folgavão de comer de ordinario em publico.

CAPITULO IV.

Morre a Raynha mây do Principe: Trata elRey e põe por obra casar terceyra vez: Dá-se conta como se ouve o Principe nesta occasião.

Pollos modos que temos apontado, continuava elRey em doutrinar, e instruir o Principe, quando entrou o anno de 1517, e com elle hum accidente que foy causa de grandes e não esperadas novidades. Faleceo a Raynha Dona Maria em 7 de Março deste anno, de doença que lhe ficou do parto trabalhoso do Infante Dom Antonio, que tambem viveo pouco. Repartio esta perda a elRey, co sintimento della que parecia grande, em varios pensamentos. Foy o primeyro todo do Ceo. Parecia-lhe que devia mostrar a obrigação que tinha á defunta, com morrer tambem ao mundo, deixar tudo, e recolher-se onde só de sua alma e do serviço de Deos tratasse. (1) Deste passou a outro, assi como os dias hião correndo, que já era hum pouco mais da terra: fazendo conta deixar os cuydados mayores ao Principe, em quem já conhecia bastante talento pera todos: ficar-se com o Reyno do Algarve, e com o Mestrado de Christus, cujas rendas avia por bastantes pera ter os

(1) Góes. P. 4. C. 26. Cronica delRey D. Manoel.

lugares de Africa bem providos, e fazer que andasse a guerra esperta e viva contra os mouros, a que era inclinado. A tão bons intentos, ou que fosse culpa dos que trazia junto de sy, a que não estava bem tomar elRey estado, com que elles perdessem o que tinhão de poder, e valia no Reyno: ou que fosse algum movimento de carne e sangue, a que todo homem he sogeito, e a complexão dos Reys muyto mais que as ordinarias dos outros homens, succedeo o que menos lhe armava para a vida, e mais danoso era pera o estado de seu Reyno: que foy determinar-se em terceyras vodas. E sem esperar mais tempo, que quanto correo de Março até Setembro do mesmo anno, despachou Alvaro da Costa a Dom Carlos Rey de Castella, que pouco despois foy eleyto Emperador, e então era chegado de fresco a Espanha, vindo de Frandes: e sendo o mandado publico dar-lhe parabens da vinda, foy o secreto que tratasse pera sy matrimonio com a Infante D. Lyanor sua hirmam: e forão os poderes que lhe deu tão largos e sem limite, que primeyro se soube em Portugal estar concluydo, que começado. Espantou-se o Reyno, sintio-se o Principe. Estranhava o povo ver hum Rey por muyto prudente reputado, sem dar mais tempo ao nojo, e memoria de huma Raynha de tanto merecimento, como era a defunta, (cousa que até entre a gente popular causa escandalo) pôr em obra casar-se: e em idade crecida, com a casa cheya de herdeyros: e sobre tudo com barbas brancas, buscar molher muyto moça e com fama de fermosa pera madrasta de oyto filhos: obrigar-se a sy e aos seus a gastos superfluos e desnecessarios. São os portuguezes de seu natural tão livres de lingoa pera dizerem o que sentem a seus Reys nas occasiões de honra, como sogeitos pera darem a vida por elles a todo tempo. Culpavão o casamento em todas as conversações e corrilhos. E lembra-me ouvir aos velhos, que procurara elRey n'esta occasião por trazer a sua opinião certo fidalgo antigo e já retirado da Corte: e elle lhe respondeo com hum modo de parabola, que o matrimonio serviria ao Reyno de cuspir sangue em prato d'ouro. Sobre estas razões, que todas obrigavão ao Principe a magoar-se pollo que tocava ao povo, e á reputação de quem o gerara: accudião a lhe fazer guerra as do interesse proprio; que erão tomar-se-lhe a dama que já em espirito era sua, e querer seu pay pera sy em segredo, e como a furto, a

mesma molher que pera elle tinha muytas vezes publicamente pedido. Ajuntava-se representar-lhe o entendimento, e a idade de dezeseis annos mal sofrida já e ardente pera semelhantes materias, que o mesmo pay confessava culpa no segredo que com elle usara em tamanha resolução. E todavia devemos-lhe muyto louvor, porque sabendo sintir, nunca por palavra nem obra, mostrou a seu pay sinal de sentimento, nem desgosto. Mas como he ordinario, quem faz qualquer offensa julgar sempre escandalo no offendido: porque a consciencia da culpa roe no coração, e gera receyos: quiz elRey, despois que o casamento foy publico, defendello com dar a entender, que temera novidades da parte do Principe, e das condições dos homens que o aconselhavão. E isso lhe fizera força para se querer prevenir e armar contra elles com o novo parentesco. Assi o affirmão os Cronistas daquelle tempo: (1) que bem se deixa entender quizerão sanear o conselho, ou appetite juvenil do pay, á custa do filho, fantesiando culpas, em quem até então nem hum minimo sinal se tinha visto de desobediencia.

Entretanto vinha caminhando pera Portugal a nova Raynha, desgostada tambem, como he de crer, da troca do esposo, por mais officios que em serviço delRey fazião alguns ministros, affirmando que se não era nos annos, em todas as mais partes de gentileza, entendimento e boa disposição, fazia o pay grandes ventagens ao filho: E pera serem cridos contavão do filho tantas insufficiencias, que chegavão a por-lhe nomes indignos. Veo a entrar a Raynha por Castello de Vide em fim do anno seguinte de 1518, e elRey a foy encontrar e receber na villa do Crato, acompanhado do Principe. Contava muytos annos despois Dona Brites de Mendonça, huma das damas que com ella vinhão, e despois casou com Manoel Cortereal, que a boa Senhora, vendo aqui o Principe, como espantada do que lhe tinhão dito, e do que via por seus olhos, dizia para as Damas com ironia, e ao parecer não sem magoa: *Este es el bovo?* Era o Principe neste tempo entrado nos dezesete annos, de gentil presença, alegre, e amavel sembrante, mas temperado de hum certo rigor de virilidade, que criava respeito e reverencia em quem o via. Em

(1) Osor. L. 11. *de rebus gestis Emmanuelis Reg.* — Góes P. 4. C. 26. e 34. da sua Cronica.

meã estatura grande proporção de membros: muyta graça nos olhos e na boca: olhos entre verdes e azues: boca vermelha: rosto alvo e de boa cor. Notava-se-lhe o pescoço hum pouco curto, e a cintura grossa; mas não que chegasse a desar. Posto no chão, estando, ou andando, em tudo era ayroso, grave e composto. E devemos-lhe os portuguezes, que trocando nesta conjunção quasi toda a Corte, e até a pessoa delRey, o trajo portuguez pollo castelhano e framengo: elle nem agora, nem despois quiz aceytar nunca tal mudança. Galante e custoso, mas á portugueza, acompanhou seu pay: e chegando á Raynha se humilhou para lhe beijar a mão, com a sinceridade e cortezia de quem a reconhecia por mãy e senhora: que ella lhe não quiz dar por muyto que o Principe instou e porfiou no cumprimento.

Mas o animo delRey não quietava dezejando dar a entender ao mundo, que não fundara mal seus receyos, para que se cresse, que o casar nacera de necessidade mais do que de gosto: (1) e lançando mão de huma leve occasião de culpa em Luis da Silveyra, conselheyro do Principe, e mais do seu seyo que todos os outros criados, o mandou sahir da Corte e que sem sua licença a ella não tornasse. Bem se entendeo na terra o lanço: e o Principe não ignorou que elle era o que fazia mal a Luis da Silveyra: e que sua verdadeyra culpa era, não poder elle Principe deixar de sintir o novo estado delRey. Porém como filho obediente e muyto christão sofreo o tiro que o feria no criado, cubrindo e dissimulando este segundo desgosto, a que não podia resistir, com tanta prudencia e fingido descuydo, que em nenhuma cousa se lhe enxergou por isso escandalo, ou desconfiança de seu pay. E o mesmo estilo seguia nas cousas mayores, e em todas as que entendia serem de seu serviço e gosto. O que mostrou bem quando por Abril do anno 1521 se recebeo a Infante D. Breitiz com os Embaixadores do Duque de Saboya, em virtude de sua procuração: Vio a elRey muyto empenhado no gosto d'este dia: procurou acompanhallo loução e gentil-homem. Só não pôde acabar comsigo deixar o trajo natural pollo estrangeiro, como então fez quasi toda a Corte. Ficou em lembrança que hia de tras delle, vestido em hum pelote

(1) Francisco d'Andrada P. 1, C. 6. de sua Cronica.

de brocado de pelo, com mangas trançadas, cortado sobre setim pardo: espada d'ouro cingida, e cuberta huma capa frisada: gorra de duas voltas com seu firmal de preço. Tudo ao uso portuguez daquella idade. (1)

CAPITULO V.

Morte delRey D. Manoel. Successão do Principe D. João: Solemnidade com que foy levantado e jurado por Rey.

Foy este anno de 1521 rico e prospero de festas com o casamento da Infante Dona Breitiz: mas tão pobre e esteril dos fructos da terra, não só em Portugal, mas por toda Espanha, e até em Africa, que deu manifesto e triste agouro da infelicidade em que avia de acabar.

Tres annos avia que elRey Dom Manoel era casado (que tantos correrão do fim de Novembro de 1518, em que se recebeo na villa do Crato, até outro tal dia do anno de 1521) quando aos sinco dias de Dezembro do mesmo anno em huma quinta feira foy acometido de huma febre ardente com inclinação a sono. Era doença que andava na cidade: parava em modorra: matava a muytos. Descontentarão-se os medicos: fizerão tristes pronosticos. E elRey receoso do que em sy sintia, mandou que se desse aviso ao Principe: que no mesmo dia polla manham partira para Almeyrim em companhia dos Infantes Dom Luis e Dom Fernando seus hirmãos com tenção de se entreterem até a festa nos passatempos daquelles bosques. Sobresaltados com o recado; porque quando partirão ficava elRey sem mal nenhum, nem sospeita delle, derão-se pressa a caminhar de maneira que recebendo a nova ao sabbado, tão tarde que era já mea noyte quando o correo chegou, tempo invernoso e dias curtos, entrarão ao Domingo em Lisboa. Acharão a elRey muy afadigado, e os medicos desconfiados de sua vida.

Acudio o Principe com tudo o que o tempo e a doença davão lugar. Primeyro procurou aliviar seu pay, pronosticar-lhe a vida e saude que todos avião mister: não se

(1) Francisco d'Andrada P. 1. C. 4 de sua Cronica.

apartando de sua cabeceyra hum momento. Segundariamente para lhe ficar mais perto, e se achar a toda hora com os medicos, e fazer executar o que ordenassem de beneficio e medicamentos, deixou o quarto em que morava: e mandou fazer aposento em huma camara junto delRey. Porém o mal crecia: e elRey não duvidando que o chamava a ultima hora, armou-se para ella como bom e muyto catholico christão com todos os Sacramentos da Santa Igreja, e á seista feira treze dias do mez, noveno dia da enfermidade, deu a alma a seu Creador. Mostrou o Principe com gravissimo sentimento o muyto que amava a elRey seu pay. Porém como tudo dependia já d'elle, tratou logo de fazer dar cumprimento ao testamento, quanto á sepultura e exequias, e ao mais que tocava ao bem de sua alma, segundo o tempo dava lugar. Fizerão-se-lhe solenes officios no mosteiro de Belem e em todos os mais da cidade.

Ao quarto dia despois do falecimento, se ordenou a cerimonia antiga do pranto, que está á conta dos que presidem no governo popular da Cidade. A ordem he salirem os Vereadores da Camara a pé arrastando grandes capuzes de dó e com varas negras nas mãos, acompanhando huma grande bandeyra negra, que hindo nos hombros do Alferes da Cidade, que a leva a cavallo, vay arrastando as pontas por terra (ficou em memoria que servira neste acto Nunalverez Pereyra filho de Ruy Dias Pereira que fora Alferes delRey Dom Manoel em tempo que era Duque): nesta ordem passeão as ruas principaes da cidade, seguidos dos senhores e fidalgos mais nobres da Corte. Parão em tres lugares notaveis, onde se quebrão tres escudos que levão sobre as cabeças ministros honrados da Camara. Os escudos negros, e ao quebrar de cada hum soa huma voz alta e triste lembrando ao povo que saiba sintir a falta de hum Senhor, que nos annos do seu governo foy valeroso escudo de suas terras, e contra os enemigos dellas trouxe sempre bandeyras levantadas. E tal he o ultimo officio com que a Republica secular serve e honra neste Reyno a memoria dos Reys defuntos. O costume antigo era dar-se tanta pressa nesta solenidade, que ao terceyro dia de enterrado o Rey que acabava, se entendia na festa do levantamento do successor. Desta vez ouve inconvenientes que dilatarão huma e outra: e assi como a primeyra se fez ao

quarto dia, veo a fazer-se a segunda ao seisto, em que se contarão dezenove do mez, polla maneyra seguinte:

Sahio o Principe vestido em huma opa roçagante de brocado forrada em martas, sobre gibão de tela de prata: cinto e adaga d'ouro: collar de pedraria: gorra grande de veludo preto, de mea volta. A idade de vinte annos em que estava entrado, e sua natural gentileza acrecentavão graça e ar a tudo. Poz-se-lhe diante o Infante Dom Luis com o estoque de Condestabre levantado: e com elle todos os senhores e fidalgos da Corte que enchião a sala. Estava ao pé das escadas hum fermoso cavallo ruço, sellado á brida, guarnições de brocado roxo e ouro. Cavalgou nelle o Principe, e tomou-o de redea o Infante Dom Fernando, vestido em hum pelote de setim avelutado preto, aberto pollas ilhargas, e sua gorra preta de duas voltas. Junto aos estribos de huma e outra parte levavão nas mãos as pontas da opa Dom Antonio de Atayde favorecido do Principe, e Dom Diogo de Castro (1), que ainda então o servião em corpo. Em roda toda a nobreza do Reyno a pé; mas com esta distincção, que os Grandes hião todos á mão direyta; e á esquerda os Officiaes móres da Casa Real, e os ministros da Camara da Cidade. Erão os Grandes que forão presentes Dom Gemes Duque de Bragança, o Mestre de Santiago Duque de Coimbra, e com elle Dom João seu filho Duque de Torres Novas: Dom Fernando de Meneses Marquez de Villa Real com Dom Pedro Conde d'Alcoutim seu filho: Dom João de Vasconcellos Conde de Penella: o Conde da Feira Dom Manoel Frojaz Pereyra: o Conde de Portalegre Dom João da Sylva: Dom Martinho de Castelbranco Conde de Villa Nova: e Dom Vasco da Gama Conde da Vidigueyra Almirante dos Mares da India.

Hião a cavallo o Infante Dom Luis, que levava o estoque, vestido de capa curta de capello, sobresayo de setim preto, gorra de duas voltas: o cavallo castanho. Moderrão-se os gastos em todos, tanto pollo nojo fresco, como polla brevidade do tempo. Hum espaço adiante do Infante hia o velho Conde Prior Dom João de Meneses tambem a cavallo, que levava o estandarte Real, e fazia es-

(1) Francisco de Andrada P. 1. C. 7 da sua Cronica. Castilho diz *Dom Francisco Lobo*, em hum manuscrito.

te officio por seu filho Dom Luis auzente na India, que era Alferes-mór do Principe. Guiavão o acompanhamento Reys d'armas, Arautos, e Passavantes, com suas cotas d'armas e divisas: e Porteiros de massas todos a cavallo: e logo apoz elles muytas trombetas e charamellas e atabalłes tambem a cavallo: cercados de tanta multidão de povo que parecia estar todo o Reyno junto. Começavão a abalar contra as portas da Ribeyra, quando o Principe lembrado das lagrimas da Raynha, e fazendo reflexão que lhas poderia acrecentar aquelle estrondo festival, fez primeyro acto de filial piedade, como a venerava por mãy e senhora, mandando que fossem em silencio até se desviarem tanto do Paço, que se não ouvissem nelle. Com esta ordem se foy demandar o convento de S. Domingos. Apeouse o Principe chegando ao alpendere, que então era cuberto, e tomava tudo o que ainda agora divisão as paredes velhas: e estava por toda parte de panos de seda e ouro paramentado. Aqui foy recebido do Cardeal Dom Affonso seu hirmão, que o esperava com todos os Prelados que na cidade avia, e levado a hum espaçoso theatro, que com oito degraos de altura se levantava junto á porta da Igreja: no qual avia outro mais recolhido de dous degraos de subida, que cerrava com a parede, cubertos hum e outro de ricas alcatifas. E neste mais alto huma cadeyra de brocado, arrimada a hum grande e fermoso docel do mesmo. Tomou o Principe a cadeyra: e ficarão em pé junto delle os Infantes Dom Luis e Dom Fernando: Dom Luis com o estoque á mão direyta: Dom Fernando á esquerda. O Cardeal no theatro baixo sentado em cadeyra de veludo. Logo subio o Conde de Villa Nova Camareyromór, levando nas mãos hum setro d'ouro, que poz nas do Principe sem outra cerimonia. Entre tanto tinha tomado o canto direyto do theatro grande que cahia sobre o povo, o Conde Prior com seu estandarte: e do esquerdo começou huma eloquente pratica o Doutor Diogo Pacheco, declarando em voz alta e intelligivel a todo aquelle grande ajuntamento, como sendo falecido da vida presente o gloriosissimo Rey Dom Manoel, pertencia a herança e successão destes Reynos ao muyto alto e muyto poderoso Principe Dom João, que ali tinhão presente, assi por direyto de filho primogenito, como por estar jurado por todos os tres Estados do Reyno em vida de seu pay. E por tanto era

ali vindo pera jurar por sua pessoa o que em seu nome elRey seu pay muytos annos atrás tinha jurado: que era aver-lhes de guardar e manter todos os foros, graças e privilegios em que vivião, e governallos com inteireza e justiça: e juntamente receber d'elles as homenagens ordinarias de bons vassallos. Concluyndo o Doutor, levantou-se o Cardeal, e subio ao estrado do Principe, que se levantou tambem, e ambos juntos se chegarão a huma cadeyra pequena, em que estava sobre almofada de brocado hum Missal aberto, e em meo d'elle uma cruz d'ouro: e postos ambos de juelhos, jurou o Principe que cumpriria tudo o que em seu nome offerecera o Doutor, e com todas as particularidades que apontava, que o Cardeal hia lembrando, como era o que lhe tomava o juramento, e o Principe repetindo. Tornou-se o Principe a assentar: e o Cardeal deceo tambem para o seu lugar. Então se chegou o Infante Dom Luis ao Missal, e passando o estoque á mão esquerda, poz a direyta sobre a Cruz: e foy pronunciando as palavras seguintes, que Dom Antonio de Noronha Escrivão da Puridade lhe dizia, e elle referia: Eu o Infante Dom Luis juro a estes Santos Evangelhos, e a esta Cruz em que ponho a mão, que eu recebo por Senhor e Rey verdadeyro, e natural o muyto alto, muyto excellente e muyto poderoso Principe, elRey Dom João nosso Senhor, e lhe faço preito e homenagem segundo fóro e costume d'estes seus Reynos. E isto dito se foy a elRey, e lhe beijou a mão. Neste ponto o Conde Alferes-mór, que a tudo estava attento, desenrolou o estendarte: e ficou com elle nas mãos estendido e solto sem mais o recolher. Foy segundo a jurar o Infante Dom Fernando, que pondo os juelhos em terra, e ambas as mãos sobre a Cruz, disse sómente: E eu assi o juro. E por esta maneyra jurarão todos os Grandes e Senhores de titulo: e apoz o juramento chegava cada hum a elRey, e metia ambas as mãos juntas entre as suas (que he o acto de outra obrigação que chamamos homenagem) e logo lhe beijava a direyta. Achamos em hum livro da secretaria de Antonio Carneyro, que mandou elRey que os Senhores e Titulos fossem a jurar por suas precedencias, o que se fez na forma seguinte: forão juntos o Duque de Bragança, e o Mestre de Santiago. Jurou o Duque primeyro, e primeyro beijou a mão a elRey: forão juntos o Marquez de Torres Novas, e o de Villa

Real e jurou primeyro o de Torres Novas, e primeyro beijou a mão a Sua Alteza: logo foy jurar o Conde de Alcoutim só e beijar a mão. Seguirão o Conde de Penella por sy só. E trás elle o Conde da Feira por sy só, e o da Vidigueyra tambem só. Despois forão juntos o Conde de Portalegre e o de Villa Nova. E jurou primeyro o de Portalegre........não assistirão........Despois dos titulares tomou o Cardeal juramento por sy só: e tanto que foy a elRey, seguirão os Prelados, e logo os ministros mayores de justiça, João da Sylva Regedor da Casa e Corte da Supplicação, e Dom Alvaro de Castro Governador da do Civel e todos os mais fidalgos que erão presentes: Em ultimo lugar subirão os Vereadores que erão Dom Pedro de Castelbranco, e João Fogaça, e João Brandão: que sendo perguntados pollo Escrivão da Puridade se juravão o mesmo: responderão palavras formaes: Nós os Vereadores d'esta Cidade de Lisboa, como a mais principal que he do Reyno, juramos o mesmo. E beijando a mão a Sua Alteza na forma dos mais, teve fim a solenidade do juramento. Então levantou a voz o Rey d'armas Portugal, e pedindo attenção, com repetir tres vezes a palavra de lingoagem antiga: Ouvide, ouvide, ouvide: levantou a sua quanto pôde o Alferes-mór, dizendo outras tantas vezes: Arrayal, Arrayal, Arrayal pollo muyto alto e muyto poderoso Principe elRey Dom João terceyro nosso Senhor. Receberão as primeyras palavras os Reys d'armas, Arautos, e Passavantes: e com grande alegria e vozes em grita forão replicando muytas vezes, Arrayal, Arrayal, Arrayal. A que responderão juntamente tocando sem cessar todos os instrumentos que avia de charamellas, trombetas e atabales que tudo atroavão, e alegravão.

Deceo elRey para a Igreja acompanhado na forma em que subira, e com o setro na mão. Estavão á porta o Cabido da Sé, e os Capellães da Capella Real de huma parte: e da outra a communidade do Convento acompanhando ao Capellão-mór Dom Fernando de Vasconcellos Bispo de Lamego, que vestido em Pontifical tinha nas mãos huma santa Reliquia. Adiantou-se o Cardeal, tomou a Reliquia, e dando-a a beijar a Sua Alteza caminharão todos em procissão pera a Capella de Jesu, entoando hum alegre *Te Deum laudamus*. Fez ElRey oração, e o Capellão-mór disse algumas orações pertencentes á solenida-

de. As quaes acabadas Sua Alteza se poz a cavallo não deixando o setro: e diante em seu lugar o Alferes-mór, que a espaços bradava Arrayal, Arrayal, Arrayal, juntando as mais palavras com que começara: de que os Reys d'Armas repetião as primeyras; e os ministris confundião todas com o rumor continuado de seus instrumentos. (1) Esta cerimonia he tradição dos antigos que foy recebida e teve origem d'aquella que os povos de Portugal uzarão, quando juntos no campo de Ourique pera darem batalha a sinco Reys mouros proclamarão por Rey ao Infante Dom Affonso Anriquez: cerimonia favorecida primeyro com manifestos sinaes e mercês do Ceo, e logo com gloriosissima vitoria e mortandade de infinitos mouros: e por isso com razão uzada, e nunca esquecida na coroação dos successores. Recolheo-se elRey pollos mesmos passos, por que viera, mandando cavalgar todos os senhores que o forão acompanhando a pé: e não se descuydando, quando foy perto da Ribeyra, de mandar guardar o mesmo silencio nos ministris que á ida advirtira.

CAPITULO VI.

Lembra-se elRey do seu convento da Serra de Almeyrim: Sustenta os conselheyros velhos de seu Pay: Trata de dar obediencia ao Papa: e dar conta de sua successão aos Principes da christandade amigos.

Para bem estreado principio de seu Reynado, quiz elRey que começasse este dia por lembranças do seu mosteyro de S. Domingos da Serra de Almeyrim, obra de suas mãos, como atrás fica dito. Quando entrado na camara lhe chegarão a tirar dos hombros a opa de brocado, mandou que fosse inviada aos frades da Serra pera se aproveitarem d'ella em algum ornamento do altar. Pareceo bem este cuydado por piedade christam. Mas não foy de menos estima e piedade filial o que os homens virão e notarão no primeyro conselho que ajuntou. Festeja o mundo, na successão dos Reys novos, descomposições e queda de minis-

(1) Antonio de Castilho em hum manuscrito.

tros validos, humas vezes por aborrecimento, que naturalmente segue os poderosos, outras só pollo gosto de ver novidades. Esperava-se ruina certa em alguns dos que n'elle entravão, especialmente no Conde de Villa Nova, e em Dom Alvaro da Costa, como sabidamente culpados diante delRey pollo terceyro casamento de seu pay. Mas não sómente lhes não tirou seu lugar antigo: antes os ouvio com boa graça neste dia: e pollo tempo adiante os manteve e conservou nelle. Foy acto este com que elRey acreditou de novo a opinião que o mundo tinha concebido de seu bom juyzo: pois sendo tão moço, mostrou que sabia estimar a companhia, conselho e parecer dos velhos: contra a esperança de muytos mancebos, que se prometião do trato e brandura, que nelle até então tinhão achado, sobirem logo ao mais alto grao de sua graça. Assi como frustrou a estes, fez espanto aos mesmos velhos, que se davão por perdidos.

Foy primeyra consideração neste conselho, despois de assinar dia pera as exequias de seu pay, que queria fossem solenissimas, e sem dilação celebradas, dar sua obediencia á Sé Apostolica, e juntamente aviso aos Reys amigos da christandade de sua successão: e não esqueceo tratar-se das naos que seria bom aperceberem-se para ir á India no Março seguinte. Despacharão-se logo correos: e pera o que tocava ao Pontifice Romano se mandou commissão a Dom Miguel da Sylva, que naquella Corte assistia por embaixador de Portugal: de quem a Historia fará ao diante mais larga menção. Com a India pareceo que ouvesse moderação, visto o grande poder com que no mesmo anno fora despachado por governador Dom Duarte de Meneses.

Para as exequias mandou elRey juntar em Belem todos os Prelados que se achavão na cidade e com elles todas as Religiões e o cabido da Sé e sua Capella: e forão celebradas com toda a pompa que ao defunto se devia, faltando só nellas a magestade e architecturas de eça levantada: e a assistencia dos mais Prelados do Reyno. Porque foy cousa que o defunto em seu testamento advirtio que não ouvesse, com aquella santa humildade, que o obrigou a mandar-se lançar em huma sepultura rasa e cham. O que por então se cumprio, com tudo o mais que tocava a execução do testamento, e partes espirituaes delle. Porém correndo os annos não consintio a piedade do filho, que fi-

casse naquella humildade hum pay tão glorioso, e a quem tanto devião estes seus Reynos: e fez trasladar seus ossos ao lugar dignissimo em que oje estão, como ao diante veremos.

Neste tempo deixou elRey a morada dos Paços da Ribeyra, ou por se aliviar do nojo a sy e á Raynha com a differença do sitio: ou porque já se devião começar a sintir na cidade as mortes apressadas e principios de peste, que pouco despois se declararão demasiadamente. Passou-se primeyro á parte de Enxobregas pera as casas de Dom Francisco d'Eça: e pouco despois pera Santos o Velho: mas não pera descançar, ou se poupar: antes assistindo sempre ao governo ordinario, e ao que devia a sua obrigação e aos homens, fazendo recreação do que era occupação e trabalho. Do que fazem prova alguns papeis, que nesta conjunção achamos por elle despachados, de que apontaremos alguns. Em 24 deste mez de Dezembro do anno em que vamos de 1521 mandou fazer e assinou duas cartas: huma a Dom Affonso de Vasconcellos, filho mais velho do Conde de Penella, do cargo de capitão dos Ginetes, que lhe pertencia por renunciação que nelle fizera Lopo Soares, proprietario delle, com licença delRey Dom Manoel, por casar com Dona Guimar sua filha: outra a Dom João de Alarcon de seu Caçador-mór, pollos serviços de Dona Elvira de Mendonça, que fora Camareyra-mór da Raynha Dona Maria sua mãy. Assi teve fim o anno de 1521, e entrou o de 1522 com novos e não menores cuydados.

CAPITULO VII.

Do estado das cousas do Reyno, e suas Conquistas.

Para clareza da Historia quizera propor aos olhos do leytor, como em hum painel de boa pintura, o modo de governo que este Reyno e suas conquistas tinhão na entrada deste anno, que he de Christo 1522 e primeyro do Reynado delRey Dom João. E ainda que nos cansámos em procurar a certeza de tudo, são as cousas tão antigas, que não pedirei perdão se em algumas se nos achar falta. Administravão o Ecclesiastico Dom Diogo de Souza Arcebispo

Primas de Espanha e senhor de Braga em Entre-Douro e Minho: em Lisboa e Estremadura o Infante Dom Affonso Arcebispo de Lisboa: em Alemtejo Dom Affonso de Portugal Bispo de Evora, filho de Dom Affonso Marquez de Valença, que naceo primogenito do primeyro Duque de Bragança Dom Affonso. Reluzia entre estes Prelados com roupas de escarlata, e grandes virtudes, o Infante Dom Affonso hirmão delRey, a quem o Papa Leão Decimo honrara com o capello de Cardeal em idade quasi pueril. Governavão a justiça secular com cargo supremo, o Regedor João da Sylva na Relação de Lisboa, por renunciação que nestes dias fez nelle o velho Ayres da Sylva seu pay: e na Casa do Civel Dom Alvaro de Castro. Erão Vedores da fazenda Real o Conde de Penella, e Dom Martinho de Castelbranco Conde de Villa-Nova, que juntamente fazia o officio de Camareyro-mór delRey: e Dom Francisco de Portugal Conde do Vimioso. Sustentavão-se em Africa oito forças guarnecidas de muyta gente de pé e de cavallo, representação de boas cidades, honra de portuguezes com gasto superfluo da Coroa de Portugal, proveito e segurança das terras visinhas de Andaluzia: freyo e terror não pequeno da Mauritania. Seu sitio nas ribeyras do mar pera mais temidas e mais defensaveis. Caem as quatro sobre o mar Atlantico, que são Cabo de Gué, Çafim, Azamor, e Mazagão. As outras quatro ficão da boca do estreyto pera dentro, onde o Mediterraneo com pouca distancia faz divisão entre Espanha e Berberia. He primeyra a famosa cidade de Ceyta: segue Alcacere, que a differença doutro lugar do mesmo nome chamão os barbaros Seguer, que he o mesmo que pequeno. E pouco adiante Tanger e Arzilla. Todas oito tinhão governo e capitão particular de por si, sem reconhecer outro superior mais que a elRey em Portugal. Erão capitães, de Çafim Dom Nuno Mascarenhas: de Azamor, Gonçalo Mendes Çacoto: de Mazagão, que ainda era cousa pouca, Antonio Leyte. A Tanger governava Dom Anrique de Meneses hirmão de Dom Duarte, que desta cidade foy tirado pera governador da India: a Arzilla Dom João Coutinho filho do Conde de Borba. A estas praças podemos juntar o Castello de Arguim, cujo sitio ainda que afastado por grande numero de leguas, e por isso de menos nome, fica na mesma costa contra o sul. Seguem adiante as povoações de Cabo Verde que os antigos cha-

marão Promontorio Arsinario: e d'ahi começão a correr as novas e estendidas provincias da Ethiopia occidental, varias em sitio, em lingoagem, e trato; mas de huma só cor dos homens (são todos negros) que á industria do grande Infante Dom Anrique deve este Reyno. Nestas se contava a cidade de S. Jorge da Mina, praça de grande utilidade pollo resgate continuo de muyto ouro: e a costa de Malagueta rica de hum genero de especearia deste nome, que antes de descuberta a pimenta da India não tinha menos estimação e valia que ella. Contavão-se tambem a Ilha de S. Thomé prospera por infinito açucar: com os Reynos de Congo; e outros vizinhos, ricos por muytas vias, mas principalmente por serem como são fonte perene de innumeraveis escravos.

No mesmo tempo se continuava o descubrimento da costa contraria á costa da terra America, ou novo mundo, que o primeyro descubridor, Pedralvares Cabral, chamou Santa Cruz, e o vulgo Brasil polla estima que faz de um genero de madeyra deste nome de que tem abundancia. He a terra por toda parte fresquissima de arvoredos, abundante de mantimentos, talhada de muytos rios de agoas excellentes, e alguns delles tão grandes que são navegaveis polla terra dentro muyto numero de leguas. As serras crião esmeraldas, amatistas, cristaes e ouro: o mato he rico de muytas fruytas e ervas medicinaes, como são canafistola, sarça parrilha, tabaco e almecega. O mar, sobre grande abundancia de bons pescados, lança por todas as prayas muyto ambar. E sendo com isto o clima todo de ares benignos e salutiferos, dava pera o diante esperanças de mayores interesses. Desejava elRey Dom Manoel a troco delles doutrinar os naturaes, levando-lhes a noticia do Santo Evangelho: Mas cossarios estrangeiros, principalmente francezes, nos davão grande estorvo, acudindo muytos a aproveitar-se do suor alheio. Era necessario andar com as armas nas mãos contra elles, por não tomarem pé na terra.

Por differente modo se governava o que elRey possuhia na India Oriental. He Estado de tão grande importancia como se sabe, por autoridade e credito de descobrimento, por numero e grandeza de cidades, por grossura de trato e rendimento, e por isso guardamos tratar delle pera em ultimo lugar. Tinha succedido neste governo este anno em que vamos a Diogo Lopez de Siqueira Dom Duar-

te de Meneses filho mais velho de Dom João de Meneses Conde de Tarouca e Prior do Crato, despachado por elRey Dom Manoel com huma grossa Armada no mesmo anno de sua morte. Capitaneavão as fortalezas mayores, Dom Garcia Coutinho a de Ormuz: Jorze d'Albuquerque a de Malaca: Sancho de Toar a de Çofalla com Mossambique. Estas reconhecião por superior com todas as menores a Dom Duarte. Erão as menores Cochim, Chaul, Columbo na ilha de Ceylão, Cananor, Coulão, e Calicut. Destas hião crecendo em corpo de cidades, e opulencia de trato, Cochim e Chaul. As outras quatro com mais a fortaleza de Pacem levantada na ilha de Çamatra junto a Malaca, não passavão de praças de armas pera cautella de paz com amigos, e freo de rebeldes na guerra. E não fazemos menção de Goa por ser metropoli e cabeça de tudo o que tinhamos na India: e Corte e assento ordinario dos governadores della. E tal era o estado em que elRey recebeo a coroa de Portugal e suas conquistas. Maquina grande, e bem necessitada de hum valeroso e sabio governador, se considerarmos que ficava sendo Portugal com todo seu povo e rendas hum ponto, e ponto indivisivel comparado com tamanha circumferencia, e tanta differença de terras.

Conheceo elRey o peso que tomava ás costas. E este foy o primeyro sinal que deu pera se esperar que poderia com elle. Porque estava certo que naceria de tal conhecimento levantar os olhos a Deos (como em sua mão estão os corações dos Reys, elle os menea e governa) pedir-lhe soccorro pera não faltar em parte nenhuma de sua obrigação. Na entrada deste anno chamou os dous ministros da justiça supremos João da Sylva, e Dom Alvaro de Castro: e com palavras graves e efficaces encomendou a ambos a boa e diligente execução do que tinhão a seu cargo: No criminal, castigo de malfeitores, extirpação de vicios, manter a terra em paz: No civel, fazer correr as causas sem dilação, e sem queixas dar a cada hum o seu. E se he verdade, acrecentava, que a principal obrigação do Rey he guardar justiça, bem se segue, que estays vós outros iguaes comigo no cargo, pois em vossas mãos tendes vida, fazenda, e honra de todos aquelles que Deos tem fiado de my: Se lhes acudirdes com a vigia, cuydado, e pontualidade que deveis a essas varas que tendes nas mãos, não tenho eu melhor officio que vós, nem vós ficays sen-

do menos que Reys: e não só Reys, mas tambem Deoses, que por taes vos nomea quem só he verdadeyro Rey, e verdadeyro Deos de tudo. Mas não consintirei eu, que se isto he honra, como he, ma leveis vós toda, e se he trabalho, como tambem he, sejays sós a padecello. Eu serey comvosco, todas as vezes que me puder desoccupar de negocios mais pesados. E fazey conta que assi como os desembargadores a que presidis vos tem por olheyros, pera especulardes como cada hum em seu officio procede: assi me aveis de ter vós e elles, por vigia pera espiar e saber o que fazeis todos: segundo isso tambem, fazer honra e mercê a todos. E assi vos mando que o digays ambos em vossos tribunaes. Não disse elRey mais, mas seguirão obras o dito: porque logo limitou dias, em que assistia com estes ministros, e mandava em sua presença julgar algumas causas. E porque achamos em autor estrangeiro, o successo de huma que affirma passou diante delRey, sem nos apontar o anno: e parece que cahirá bem no principio deste: não será razão guardarmo-la pera mais longe. (1) Refere que julgando-se por este modo hum processo de certo delinquente, vierão a emparelhar-se os votos de sorte, que ficava no delRey condenallo, ou assolvello. Esperando todos com alvoroço o juyzo delRey: Eu, disse, segundo o que tenho entendido da graveza da causa, acho que os que condenastes este homem, julgastes justa e sabiamente: e nisso fora bem que concordareis todos. Mas por que se não diga que por voto de Rey morreo vassallo, eu me conformo com os que lhe dão vida. Até aos mais severos foy agradavel o juyzo, lembrando-se alguns dos curiosos terem lido que era ley entre os lacedemonios em semelhante caso ficar a sentença em favor do accusado. (2) Assi se notou e contou logo por exemplo de huma bem considerada piedade Real.

Não ignoro que se conta igual sentença delRey Dom João segundo em huma causa semelhante: mas sendo possivel passar o mesmo successo pollas mãos de ambos, como adiante veremos em outras, parece-me justo não encontrarmos testemunho de autor tão grave. Ao que juntare-

---

(1) Marques Augustiniano L. 1. C. 19 del Gobernador Christiano. (Este caso diz o Chantre que foy delRey D. João segundo.)

(2) Alex. ab Alexandro L. 3. Cap. 5. Genial. Dierum.

mos outro muyto sabido deste Rey, e não menos pio. (1) Achou posto em costume sinalar no rosto os malfeitores, cortando orelhas e pondo-se ferro a ladrões, quando o crime merecia menos que forca. Acudio o bom Rey a esta crueza hum dia, que se achou em junta com os desembargadores: e mandou que dali em diante se não uzasse mais, advirtindo que era hum genero de tolher aos homens o tornar sobre si, e emendar a vida, tocando cada dia com as mãos o sinal de sua infamia. E parecia demasiado rigor e sem razão notar com pena perpetua, quem estava em tempo de poder, emendado, ser de grande honra e serviço da Republica. Pois se sabia que de capitão de salteadores viera Romulo a ser fundador de Roma: e o nosso Viriato portuguez a ser libertador de Espanha, (2) e pollo menos famoso vingador de suas injurias: que por isso lhe derão nome os mesmos romanos de Romulo Espanhol,

De primeyros dias deste anno achamos duas cartas passadas por Sua Alteza de dous importantes cargos de sua casa: foy huma de seu Mordomo-mór a Dom João da Sylva Conde de Portalegre; outra a Dom Pedro Mascarenhas do officio de Estribeyro-mór: cargos que hum e outro fazião em seu serviço quando era Principe.

Poucos dias adiante entrou em Lisboa o Bispo de Cidad Rodrigo Dom João Taveyra, que despois foy Arcebispo e Cardeal de Toledo, inviado a elRey pollo Cardeal Adriano Bispo de Tortosa, que assistia no governo de Espanha por ausencia do Emperador Dom Carlos: em companhia do Almirante e Condestabre de Castella. Era o fim de sua vinda visitar elRey e a Raynha viuva, como bons visinhos, da morte do pay e marido. E quasi no mesmo tempo chegou aviso de Roma, de ser eleyto pera successor de S. Pedro este mesmo Adriano, por morte do Papa Leão decimo, falecido na entrada de Dezembro proximo passado. Tratou elRey logo de lhe fazer solene embaixada: e despachou com ella Ayres de Sousa Commendador de Santa Maria d'Alcaçova de Santarem, a quem entregou fermosissimo presente pera Sua Santidade, que era huma Cruz feita do Santo Lenho, em que Christo nosso Redentor padeceo, que pouco avia o Preste João Rey dos Abexins man-

---

(1) Mariz Dialog. de varia Hist. na vida deste Rey, dial. 5.
(2) T. Livius L. Dec. Flor.

dara a elRey Dom Manoel em precioso e singular dom. Ao presente ajuntou offerta de o mandar acompanhar com huma boa Armada que logo inviaria pera a passagem de Italia, que era bem fosse por mar, pera tardar menos a se achar na santa cidade, e escusar entrar por França. Era requerido pollo sagrado collegio dos Cardeays, que abreviasse quanto fosse possivel sua partida: e elle a procurava por se desviar do Emperador, que já se dizia vinha pera Espanha a toda pressa. Alcansou-o Ayres de Sousa em Çaragoça de Aragão, caminhando já pera o mar de Catalunha. Ali fez sua embaixada que Sua Santidade mostrou serlhe gratissima: recebendo e venerando o Sagrado Lenho com alvoroço e devação de Varão Santo, qual na verdade era: e estimando muyto a promessa da Armada que o embaixador affirmava ficar-se aprestando. Entre as cousas que Ayres de Sousa levava a cargo tratar com o Pontifice de parte delRey, foy huma pedir-lhe pera o Infante Dom Luis a administração do Priorado do Crato. Era dignidade e prebenda da Ordem de S. João de Malta, devida a valerosos cavaleyros, em preço do sangue que derramão polla fé, a mãos de Infieys. O Pontifice era escrupuloso: achava-lhe difficuldade. Mas quem avia de negar a hum Rey, e pera tal Principe? Concedeo a graça. E ainda que nas letras ouve defeito, com que por então se não derão á execução, por serem pouco praticos nas materias da Curia Romana os ministros por quem correrão, e o Papa deixou Espanha com tanta pressa, que nem ouve tempo pera emendar o erro, nem pera chegar a nossa Armada, despachada já, e encomendado o governo della a Duarte de Lemos senhor da Tròfa: com tudo a graça não deixou de ter seu effeito: com quanto acudirão de parte da Religião grandes contradições, que se bem embaraçarão e retardarão o negocio algum tempo, em fim indo a Roma o Doutor João de Faria, que despois foy Chançarel-mór deste Reyno, despachou tudo de maneyra que o Infante entrou em posse do Priorado, e o gozou em quanto viveo.

CAPITULO VIII.

Queixa-se o Conde de Marialva a elRey do Marquez de Torres Novas. Dá-se conta da razão da queixa, e successo d'ella.

Com nova e estranha contenda entrou na Corte e diante delRey, neste principio de seu governo, o Conde de Marialva Dom Francisco Coutinho. Era o Conde hum dos primeyros senhores do Reyno, e que então mais valia por preço de pessoa, autoridade de annos, que passava de setenta: por grandeza de estado, por grossura de rendas e dinheyro. Dés do tempo delRey Dom Affonso quinto, nenhuma occasião ouvera de guerra com Portugal em Espanha nem fóra della, em que não fosse dos mais arriscados por valor de braço, e dos mais lustrosos por magnificencia de companhia e despesa. Assi, em todas as matérias de paz e guerra, era o primeyro voto deste tempo. De mais do estado de Marialva, poderoso de grandes terras e muytos vassallos, possuhia polla Condessa Dona Brites de Meneses sua molher o Condado de Loulé no Algarve, e tinha o cargo de Meirinho-mór do Reyno. Do que tudo era herdeyra huma só filha que tinha. Considerando isto elRey Dom Manoel, como era tão prudente, e sabio, tratou com elle dar-lhe pera genro hum de seus filhos, e assentarão que seria o Infante Dom Fernando seu filho terceyro: e sobre a promessa Real procederão contratos pera o matrimonio aver effeito, tanto que o Infante tevesse idade competente. Sendo o negocio publico, e juntando-se encarregallo elRey por sua morte ao Principe não só de palavra, mas por clausulas expressas de testamento, veo á noticia do Conde, que o Marquez de Torres Novas filho mais velho do Mestre de Santiago, publicava que de muyto antes dos contratos delRey, estava clandestinamente casado com Dona Guimar, que assi se chamava a filha do Conde: e affirmava avella de pedir por justiça. Foy isto cousa que ferio o Conde no intimo da alma: sintindo igualmente tomallo tal successo sobre setenta annos, e esses cercados de infirmidades. Mas o que mais cuydado lhe dava, era imaginar que o descubrir-se o Marquez em tal tempo, ao que

se não atrevera em vida delRey Dom Manoel, poderia ser em confiança de hum Rey de tão pouca idade como elle. E huma e outra cousa o trazião gravissimamente offendido e descontente. Em fim veo-se a elRey, e pedio-lhe quizesse ouvillo em conselho, e sendo admittido falou desta maneyra: « Já que as leys de Portugal devassarão o foro antigo de Espanha, pollo qual os cavaleyros aggravados d'outros pedião aos Reys, em lugar de offerecerem libellos, campos aprazados pera manterem com a lança suas querellas: beijarey as mãos a Vossa Alteza fazer-me justiça do Marquez de Torres Novas: o qual contra minha vontade, contra as leys deste Reyno, e assento que elRey que Deos tem, vosso pay, tem tomado, pretende ser casado com Dona Guimar minha filha, chamando casamento legitimo aquelle que nem Deos ordenou, nem minha filha confessa: mas inventou somente sua cubiça, e a falsidade de quem o quer enganar. Não fizerão verdadeiramente mais afronta que esta os Infantes de Carrion ás filhas do Cide Ruy Dias, com quem erão casados. Porque se as deixarão no campo desemparadas, erão seus maridos; tomavão vingança de sy, e de sua honra propria, da qual podião uzar bem ou mal, como cada hum faz do seu. Menos he isto que diffamar huma donzella innocente, sem outra força de amor, mais que desejo de minha fazenda. Acudi, Senhor, a demasia tão pesada. E não seja esta querella minha o primeyro exemplo de sem justiça vossa: pois tendes na terra lugar de Deos, pera ma não negardes. Entenda o Marquez que deixando elRey que Deos tem minha filha já desposada, nem ella podia querer outra cousa, senão o que fosse seu serviço: nem o Marquez devera ter outro gosto. Trate Vossa Alteza este meu negocio, não como contenda e litigio de hum estado, inda que elle assi o pretende: mas como huma cousa de toda minha honra, contentamento da vida, e salvação da minha alma. Mas que falo de my? Infelices setenta annos, se sobre tanto sangue, como derramado tenho, em serviço de tres Reys vossos antecessores, ouver de duvidar de me valerdes em tamanho aggravo: aggravo que sendo todo meu, se bem se cuyda, he igual offensa de hum Rey, que ontem enterrámos, sendo em menoscabo da molher, que elle com muyto gosto escolheo pera nora: e desacato vosso, e dos vossos annos: pois essa molher he esposa de vosso hirmão: e deve cuydar quem pretende ti-

rar-lha, que ou lhe quereis mais que a vosso hirmão, ou que a pouca idade vossa vos encurta os espiritos, e fará que soffrays vassallos insolentes e descomedidos.» Aqui se vio quanto poder tem a razão. Nacião as palavras do Conde de hum peito militar, sem mais estudo, ou concerto, do que lhes dava sua indinação e dor. Affirma-se que fizerão em elRey notavel aballo e magoa. E mostrou-a nos effeitos, porque juntamente mandou prender logo no Castello ao Marquez, e sahir da Corte ao Mestre de Santiago seu pay. Mas era a causa ecclesiastica, e elRey muyto temente a Deos: e ainda que lhe tocava tanto por seu hirmão, não bastou isto para que impedisse os termos judiciays. Com estes correo o Marquez no juyzo da Igreja a toda a força: allegando pera com elRey que sendo Principe lhe dera licença pera procurar estas vodas: e pera justificação do casamento juntando provas e testimunhos. Durou a causa em quanto o Conde viveo, que foy té o anno de 1529: e em fim reduzindo-se todo o peso d'ella á declaração e depoimento de Dona Guimar, foy dada sentença contra o Marquez. Porque nem suas provas forão avidas por bastantes: nem o descargo da licença delRey, quando não tinha mais que dezeseis annos, se teve por legitimo: antes por elle se lhe carregava culpa, por alcansada em tempo que a idade delRey era demasiado verde: e do Reyno não possuhia mais que esperanças. E pera que não tornemos a falar nesta materia, he de saber que o Infante casou, e elRey lhe deu o senhorio e titulo de Duque da Guarda, e a villa de Abrantes com muytos outros lugares grandes: e teve filhos e tanto gosto delles, e da Condessa Infante, que lhe aconteceo subindo ambos huma escada, em tempo que andava pejada, lançar-lhe elle mão dos chapins, pera que tevesse menos pena na subida. Assi o ouvimos aos antigos, gente digna de todo o credito. Mas que diremos aos juyzos de Deos? Alevantava-se hum dia o Infante estando na villa da Azinhaga: e disse desassombradamente pera quem o vestia: Sonhava-me esta noyte em Abrantes, e via sahir de minha casa tres tumbas cubertas de negro huma traz outra. Ao segundo dia lhe chegou recado de ser falecida a senhora Dona Luisa, ultimo penhor, que só tinhão, porque já então lhe erão mortos dous filhos varões. Era por Outubro do anno de 1534. Acudio depressa a consolar a Infante. Adoeceo logo e faleceo aos sete de No-

vembro seguinte. E a Condessa sua molher foy apoz elle, sem se meter entre a morte de ambos mais tempo, que quanto ouve de 7 de Novembro até 9 de Dezembro. De sorte que em dous mezes e seis dias teve seu cumprimento o sonho das tres tumbas. Porque a primeyra, que foy da filha, sahio aos tres de Outubro, e a ultima da mãy em nove de Dezembro. Deste successo achámos memoria entre os papeis da Ordem de S. Domingos, tocantes ao Convento de Nossa Senhora da Consolação de Abrantes, que he desta Religião. Porque na Capella-mór delle forão enterrados todos tres E a Condessa de Loulé Dona Brites, mãy e sogra destes Infantes, guardada pera ver tantos males juntos, enriqueceo com magnificencia Real o Convento, dando-lhe da sua Capella muyta prata: e de suas rendas duzentos mil réis de juro, que he o sustancial de que vivem aquelles religiosos. Assi o escrevemos na nossa Historia de S. Domingos, na fundação deste Convento. (1) Derão estas mortes assi repentinas grande occasião a discursos, querendo cada cabeça julgar por ellas a razão do casamento, por verem dentro de sinco annos não só mal lograda, mas perdida e apagada a illustrissima casa de Marialva, subida tão alto pera sintir mais a queda. Ignorancia e cegueira do entendimento humano, que se atreve a fiar dos seus palmos a medida do mar profundissimo dos conselhos Divinos: sendo assi que veremos nos annos adiante entrado este mesmo Marquez em desgosto quasi semelhante ao que quiz dar ao Conde.

CAPITULO IX.

Despacha elRey huma Embayxada a elRey Francisco de França: recebe outra do Emperador Dom Carlos Rey de Espanha.

No meyo destas contendas caseiras foy elRey avisado de França, que andava naquella Corte hum João Varezano, de nação florentino, requerendo navios e companhia pera hum novo descubrimento que se offerecia fazer nas partes da India, com promessas de muyta riqueza, e em

(1) Cron. de S. Domingos P. 2. L. 6. C. 2 e 3.

partes, onde portuguezes não tinhão chegado. Era o aviso certo por ser de homens nossos, que tinhão assento e negocio em Paris. Deu cuidado a elRey a empresa do florentino. Juntou-se saber que nos portos de Normandia se aprestavão armadas de francezes, com voz publica de quererem passar ás terras novas do Brasil, e fundar povoações. Huma e outra cousa pareceo que pedia mandar-se homem proprio a França. Nomeou elRey por seu embayxador a João da Silveyra, filho de Fernão da Silveyra. Reinava em França Francisco de Valoys. A commissão foy, despois de visitar o francez, e lhe dar conta de sua successão nestes Reynos, confirmar as pazes e allianças dos Reys antecessores de ambas as coroas: e logo lembrar-lhe quam alheo era de tão antiga hirmandade, roubarem-se os vassallos e matarem-se huns aos outros como enemigos, onde quer que se topavão no mar. O que era tão ordinario de parte dos francezes, que se queixavão geralmente os nossos, não acharem mais crueys enemigos em todas suas navegações. Sob color de amizade erão delles acometidos, roubados e mortos com tanta crueza, que só para se defender delles (que outros enemigos não achavão no mar) uzavão armas, artilheria, e gente de guerra. Donde acontecia ás vezes obrigar a dor e afronta os acometidos a menearem as mãos em sua justa e natural defeza: e como o Ceo ajuda sempre a melhor causa, ficarem os acometedores sem vida e sem navios. Assi crecião odios, e sendo os Reys muyto amigos, erão os subditos enemicissimos. O que tudo se evitaria com mandar elRey Francisco, que nenhum vassallo seu navegasse pera as conquistas de Portugal, nem elle desse orelhas a estrangeiros vãos e mintirosos que lhe offerecião o que era impossivel cumprirem. Isto remediaria discordias futuras: e pera o presente, se algumas queixas avia dos portuguezes, mandassem ambos os Reys fazer diligentes pesquizas em suas terras, e se restituissem de parte a parte as fazendas roubadas.

Esta embayxada se encontrou quasi com outra do francez, que sabendo da morte delRey Dom Manoel despachou no mesmo tempo pera este Reyno a Honorato de Cayz gentil-homem saboyano, que já outra vez por sua ordem estivera cá. A razão de sua vinda, despois de visita e confirmação de pazes, era a mesma que em outro tempo o trouxera a este Reyno. Dezejava Francisco dar sua filha Mada-

ma Carlota a elRey Dom João, não só por lhe estar bem o parentesco: mas pollo desviar de Espanha, com quem já andava de quebra sobre os Estados de Italia. Respondeo elRey com mostras de gosto a tudo o que Honorato lhe propôz. Jurou as pazes diante delle: e Honorato se obrigou que elRey seu senhor faria o mesmo dentro do termo, e diante da pessoa que elRey Dom João sinalasse. Quanto ao trato do casamento, vistos os poderes que trazia, pareceo não serem bastantes. Pollo que julgando o saboyano da boa sombra e gasalhado com que delRey era ouvido, que podia esperar bom effeito nelle, se despedio a reformar suas procurações, e pera tornar logo.

Entre tanto caminhava de Frandes pera Espanha o Emperador Dom Carlos, tendo despachado em Março deste anno a Portugal por seu Embayxador Monsiur de la Xaus seu camareyro muyto aceito e do seu conselho. Assi nos constou por carta sua feita em Brucellas em dezeseis do mesmo mez. Era a commissão geral e publica visitar elRey da morte de seu pay; jurar de novo as pazes e allianças antigas destes Reynos. Mas trazia outra secreta, e não menos encarregada, de ver se poderia acabar com elRey juntallo com o Emperador em huma liga e confederação perpetua contra França. Esprayou-se elRey em fazer honras ao Embayxador: jurou as pazes. Porém quanto á confederação, despois de grandes palavras de amor e cortezia, e significações do muyto que dezejava o augmento de estados e grandeza do Emperador seu primo, respondeo, que visto como seu primo tinha a elle e a este Reyno tão pronto, pera lhe acudir em toda occasião, como pedia o parentesco que por tantas vias os ligava a ambos, parecia desnecessario de mandar-lhe por hora mayores declarações: e fazellas elRey de Portugal publicas contra hum Principe de que não tinha aggravo: antes boa e amiga respondencia: e no primeyro anno que tomava o governo de seus Reynos, seria dar que dizer ao mundo, que referiria a leviandade, e a ser moço, huma resolução tão grande como era romper guerra com hum Rey christão, muyto poderoso, e amigo, e sem ser provocado, quando a profissão dos Reys de Portugal era só fazer guerra a Infieys. Antes julgava que nenhuma cousa estava melhor a Espanha e a toda a christandade, que ficar elle neutral nesta sua tão grande discordia pera em todo tempo poder ser medianey-

ro de paz e concerto entre dous tamanhos monarcas. Sobre esta reposta tratou elRey de contentar o Embayxador com joyas e peças ricas: de que elle e hum filho que trazia comsigo se derão por tão satisfeitos, como se no negocio levarão todo bom aviamento, que cumpria a quem os tinha enviado.

CAPITULO X.

Embayxada delRey Dom João ao Emperador. Dá-se conta da viagem que fez Fernão de Magalhães a Maluco: e da razão e successo della.

Tambem se encontrou quasi com esta embayxada outra delRey Dom João pera o Emperador. Trazia Sua Alteza diante dos olhos as lembranças que elRey seu pay lhe fizera morrendo, de buscar hum tal consorte á Infante Dona Izabel sua hirmam, que fosse o primeyro e mayor senhor da christandade. Era-o ja neste tempo Dom Carlos Rey de Espanha, por ser eleyto Emperador de Alemanha. Pareceo a elRey que não avia que esperar, senão mover logo a pratica: e escolheo para isso o Guarda-mór Luis da Silveyra (se ja não foy que elle se fizesse eleger, segundo o que então valia). Como o negocio era de tanto peso, e tanto do gosto delRey, determinou Luis da Silveyra mostrar em Portugal e Castella huma estranha e nova fonfarrice: juntou parentes, e amigos e criados, com que fez huma companhia de cento de cavallo, com tanta prata de serviço, e ginetes de destro, e paramentos de casa ricos, que fez apparato e estado de mais que homem particular. Só nos trajos não ouve demasia; porque durava o dó da morte delRey Dom Manoel. A todas as cousas que passão do termo ordinario e natural, chama o povo monstros: e monstros sempre forão de mao agouro pera a casa, onde se achão. Seu pay Nuno Martins da Silveyra senhor da casa de Goes, homem sisudo e muito entrado em dias, lhe pronosticou logo aver-se de perder, mas fundado em differentes principios. Como velho e pratico nas Cortes, e condições dos Principes, lembrou-lhe que fazia temeridade em se alongar delRey: que se avia maldição pera os que fião

em Principe, por muyto amigo, e muyto que seja do sêo, que seria para os que se auzentassem, e estando longe fiassem de sua graça? Se ao perto são os Principes homens, como nós, e por isso varios e mudaveis, que seria a cem leguas de distancia, e muytos mezes de auzencia? Quanto mayor grandeza (dezia) fora a tua, se elRey te ama, fazeres tu Embaixadores, que não sello? Quanto mayor descanso lograr sua graça, em casas frescas de verão, e bem abrigadas de inverno, que andar caminhos, trafegar serras e montes, comtemporiar com parentes e criados? Não quizera fadar-te mal, mas se me não mente o que sey do mundo, tu vas para não tornar. Quero dizer que elRey he moço e fica com moços: a igualdade das idades pode muyto: teus annos são mays crecidos: faço conta que por muyto que lá ganhes, has de perder cá tudo. Já então avia filhos que em nacendo se persuadião saber mais que seus pays: não ouve cousa que fizesse trocar o gosto da jornada ao novo Embaixador. Só lhe fez alguma dilação huma não esperada novidade. Chegou aviso a elRey de ser apportada no Cabo Verde huma das naos com que o portuguez Fernão de Magalhães sahira de Castella em serviço do Emperador. Tinha dado muyto que cuydar e que sintir em Portugal a determinação deste homem: mas em quanto tardava o fim della, esperava-se que ou o comeria o mar, ou o trataria de maneira que nos desse vingança da pouca lealdade que teve com sua patria. A razão em que fundou desnaturar-se de Portugal, e o successo de sua viagem he tudo tão sabido, que nos forra longa digressão. Foy o caso em breves palavras, que sendo homem de bom sangue, e com foro honrado na Casa Real, pretendeo por serviços que tinha feito na India e em Azamor em Africa, que elRey lhe mandasse acrecentar sua moradia. He moradia huma leve contia de dinheyro e cevada, sinalada de tempos antigos a todas as familias nobres do Reyno que acompanhão a Corte, com tal regra que anda de pays a filhos, sem crecer nem subir aquella que huma vez se sinalou, se não he muy raramente. E estima-se mais polla dignidade de que se acompanha, por ser degrao para cousas mayores, que polla sustancia do rendimento. Pedio Magalhães este acrecentamento: e contentava-se com meyo cruzado por mez

(1) João de Barros Dec. 3, L, 5. C. 8. e. 9. da sua Asia.

mais do que já possuhia. Que mysterios de estreitezas fazem os Reys muytas vezes em cousas que pouco importão, sendo prodigios de prodigalidades em outras? Não ouve cousa que dobrasse a elRey, ou por não devassar aquelle assento da antiguidade, e abrir porta, porque muytos quizessem entrar: ou porque tambem, segundo se affirma, tinha elRey culpas delle do tempo que assistira em Azamor. Deu-se por aggravado o portuguez; e como da navegação tinha sciencia e experiencia, foy-se a Castella, pedio navios a elRey Dom Carlos, offerecendo-lhe duas cousas, ambas contra Portugal: primeyra descubrir viagem para as Ilhas de Maluco mais curta que a nossa: segunda mostrar em boa razão de mathematica, que cahião aquellas Ilhas na demarcação dos Reynos de Castella. Deixou-se vencer da cubiça e das promessas Dom Carlos, como de cousa certa, e não duvidou dar-lhe sinco navios e boa companhia de gente de que o nomeou por General. Acometeo o portuguez sua viagem animosamente: foy costeando primeyro as terras do Brasil contra o sul até se pôr em altura de... graos, onde descubrio hum espantoso Canal, pello qual navegando foy sahir ao mar de ponente, que oje chamamos mar pacifico. Mas pagou em sua pessoa e nas de muytos dos mais principaes companheyros o desserviço que se atreveo a fazer a seu Rey natural. Porque andando de ilha em ilha buscando novas das de Maluco, foy morto em huma onde certos Barbaros, que em dous recontros tinha vencido, lhe armarão silada. Vendo-se os que ficarão vivos sem a cabeça que os trouxera, e muyto diminuidos de numero, determinarão reduzir-se a dous navios, com os quaes em fim de muytos mezes chegarão a tomar terra em Maluco, e alcansar carga de cravo e outras especearias delRey de Tidore: e hum delles fazendo volta contra o Cabo de Boa Esperança, despois de muytas mortes, e trabalhos de fome e sede e falta de tudo, chegou ao Cabo Verde, onde sendo com piedade agasalhado, porque fingio virem das Antilhas, todavia entendida (que não pôde estar em segredo) a novidade da viagem, colheo a justiça da Ilha de Santiago huma batelada de treze homens, que forão inviados a Lisboa a bom recado. Os mais lévantarão ancoras, e desapparecerão.

Em hum e outro Reyno fez grande movimento esta navegação: em Portugal de desgosto, de alvoroço em Cas-

tella, e mayores esperanças do que na verdade merecia. ElRey despachou a toda pressa quatro caravellas, que lhe fossem buscar a nao: e juntamente mandou a Luis da Silveyra, que por esta causa estava detido, que todavia fizesse sua jornada; porém advertido que em casamentos não falasse: só tratasse de visita ejuramento das pazes: e despois em pedir com toda efficacia as especearias que a nao trouxera, que já por este tempo tinha ferrado terra em S. Lucar. Mas isto seria, como materia distinta da sua embayxada; e que elRey de novo lhe encarregava por cartas. Que o Emperador em conformidade das pazes, tinha obrigação de mandar entregar tudo o que a nao trazia, visto ser tomado em terras de que estavão em posse pacifica os portuguezes, e erão conhecidamente da nossa demarcação assentada e recebida por ambas as Coroas de Portugal e Castella: que sendo cousa injusta aproveitar-se de hum infiel vassallo seu, que já a Justiça Divina tinha castigado, por lhe devassar suas terras; nenhum remedio avia, pera sanear o maleficio, senão restituindo o que mal fora aquirido: que se isto refusasse, ficaria dando a entender que estimava mais aquelle pequeno interesse, que o bem e sossego das confederações, e allianças antigas. A estas queixas, que Luis da Silveyra sabia bem representar, replicava o Emperador com outras, allegando que lhe pagavão mal elRey, e seus vassallos, o bom gasalhado que nossas naos achavão em todos seus portos, com os vassallos lhe prenderem os seus navegantes no Cabo Verde, e elRey, sobre os ter em ferros em Lisboa, mandar Armada contra a nao. E resolvia que o erro da demarcação de Maluco era tão prejudicial á Coroa de Castella, que não podia ceder o direyto que tinha nella com boa consciencia; o mais que faria por dar gosto a elRey seria, soltando-se os presos em Lisboa, consintir que de novo se visse a antiga delineação por fidalgos honrados e mathematicos d'ambas as Coroas, e se estivesse pollo que sentenceassem. Sintido elRey desta reposta, mandou a Luis da Silveyra que sem dar mais ponto no requerimento se recolhesse pera o Reyno.

CAPITULO XI.

Fome crecida em Lisboa e por todo o Reyno. Méos que el-Rey uzou pera a remediar. Tremores de terra em Espanha e hum muyto espantoso na Ilha de S. Miguel, e soverção de huma grande Villa della.

Padecia neste tempo o Reyno de Portugal calamitoso aperto de fome. Porque quanto mais corria o anno de 22 em que vamos, tanto maior era o trabalho. Crecia a falta gastando e comendo o povo esse pouco pão que avia. Castella não podia ajudar, porque a esterilidade do anno de 21 fora igual nella. De França não vinha nada, respeito das guerras que trazia com o Emperador. Os pobres do Reyno acudião todos a Lisboa arrastando comsigo suas tristes familias, persuadidos da força da necessidade, que poderião achar remedio, onde estavão o Rey e os grandes. Mas acontecião casos lastimosos. Muytos cahião e ficavão mortos e sem sepultura pollos caminhos, de fracos e desalentados. Os que chegavão a Lisboa parecião desenterrados, pallidos nos sembrantes, debiles e sem força nos membros. Dinheiro não aceitavão de esmola, porque não achavão que comprar com elle. Só pão querião: e este não avia quem o desse. Porque algum que ás escondidas se vendia, era a quatrocentos e sincoenta réis o alqueire: o centeo a duzentos réis: o milho a cento e sincoenta, que para aquelle tempo era como hum prodigio. Vio-se que era açoute do Ceo, em que correndo muytos navios ás Ilhas dos Açores, onde as novidades avião sido muy floridas, huns se perderão tornando, á vista da barra de Lisboa, outros forçados de tormenta alijaram ao mar o trigo, por salvarem as vidas. Foy a origem deste mal não acudir o Ceo com agoa em todo o anno de 21. Estavão os campos tão secos, que como em outro tempo se despovoou Espanha por lhe faltarem as chuvas ordinarias, parecia que tornava semelhante desaventura. As terras delgadas se desfazião em cinza: as grossas se apertavão e abrião em fendas até o centro. Assi em geral nem *no* Alemtejo, nem *no* Algarve, nem *na* (1) Estremadura chegarão as searas a formar espiga. Em erva secarão e se perderão

(1) No Ms. faltão todas as tres particulas.

todas. E em Lisboa se padecia já tanto no Outubro de 21, que aconteceo passarem muytos homens oyto dias sem tocar pão, comendo só carnes e fruitas. E por Janeiro e Fevereiro do anno de 22 em que vamos, se averiguou morrerem muytos pobres á pura fome pollas ruas e alpenderes de Lisboa. Abalavão estas miserias as entranhas delRey. Mandou fazer com tempo grandes diligencias para que decesse de Antre-Douro e Minho e da Beyra, tudo o que se achasse de centeo e milho. E não contente com isto, que todavia foy de muyta importancia, despachou navios á custa de sua fazenda com letras e dinheyro que fossem carregar de trigo á França e Frandes. Porque alem das necessidades caseyras, obrigavam e pedião remedio os lugares de Africa, onde a falta de fruitos era tão crecida, que por muitas daquellas fronteyras se vinhão familias inteiras de mouros offerecer ao cativeyro á conta de lhe matarmos a fome. São as gentes da Mauritania em geral de grande temperança na comida: mais por costume e vileza, que por falta de gula: tendo terras larguissimas e igualmente fertiles, não aproveitão mais dellas, que quanto lhes parece que basta pera chegar de huma novidade a outra. Assi vem a ser ignavia e frouxidão a causa que os faz temperados. Porque isto he averiguado que não ha fartar hum mouro, se come em meza alhèa. Se quizerão valer-se das mãos, conforme ao que a terra de si dá, puderão viver sem regra, e ter thezouros de trigo encovado pera muytos annos. Achamos em lembranças de dom Antonio de Atayde primeyro Conde da Castanheyra, que nos forão communicadas pollo Conde de Castro seu neto, e do seu nome, e que quando isto escreviamos por Novembro de 1628 caminhava pera Alemanha por Embayxador extraordinario ao Emperador, que começou elRey a gastar neste provimento com tanta liberalidade, que se achou importara de dano pera sua fazenda mais de sincoenta mil cruzados de cabedal dentro de pouco tempo. E assi o mandou Sua Alteza significar aos Estados na terceyra junta de cortes que muytos annos despois fez em Almeyrim.

Ordinaria consequencia he da secura do ceo, e fome da terra, corrupção de humores, novidade de doenças que parão em peste. Porque a falta do bom mantimento faz lançar mão do mao e extraordinario de ervas do campo e rayzes mal conhecidas, que sendo por si nocivas, como lhes falta a mistura do pão, mantimento natural e salutifero,

ficão fazendo nos corpos effeitos de veneno. Assi aconteceo em Africa e em Portugal. E elRey começando-se a sintir rebates em Lisboa foy mudando estancias. Primeyro se passou ao Barreyro, ordenando que a Raynha e Iffante Dona Izabel se aposentassem no Lavradio. Despois se foy alongando mais da Cidade, segundo crecia o mal nella.

Mas não pára só a falta das ordinarias influencias de humidade das nuvens em tirar os fruitos á terra, e causar perniciosas infermidades. Tambem procedem do mesmo principio os tremores de terra que de improviso assolão cidades, e matão muytos milhares de homens, como este anno se vio em Espanha, e tambem em parte desta Coroa. Affirmão os que consideram com bom juyzo as causas naturays, que os excessos de secura e quentura fazem penetravel até o centro, este grande corpo da terra: de maneyra que recolhendo em suas entranhas os ares afogueados que cá nos abrazão, dá occasião a tomarem fogo os minerays que nellas se criam de caparosa, enxofre, e salitre, faciles todos em calidade de o receber. Donde nace que vendo-se violentados fóra de sua região, e fazendo força por tornar a ella: ou causão na terra os grandes balanços, que chamamos tremores; ou arrebentão em novos e temerosos incendios, humas vezes em terras novas, outras vezes onde a natureza lhes tem abertos aquelles espantosos respiradouros, que chamamos Vulcanos, porque sempre estão brotando fogo: Como são em Napoles, o monte Visuvio: em Sicilia Mongibello, e cá nas nossas Ilhas dos Açores, a que chamamos Pico, que sendo em si pequena, e o pico que lhe deu o nome huma só pedra redonda que se vay ás nuvens, fica fazendo officio de hum farol perpetuo no meo do estendido Oceano. Neste anno em que ymos em 22 de setembro, ouve hum tremor na cidade de Granada, e por todas as povoações que tocam na costa do mar, tão repentino e violento, que derribou grande numero de edificios: e entre elles a sumptuosa capella dos Reys Catholicos Dom Fernando e Dona Izabel; Juntamente veo ao chão huma grande parte da cidade de Almeria, e a fortaleza inteyra: E nos lugares que tem seu sitio ao longo do rio que a lava, foy o mal tamanho, que se affirmão ficarão debaixo dos edificios mais de duas mil pessoas mortas. Logo no Outubro seguinte huma quinta feira 22 do mez succedeu o terremoto da Ilha de S. Miguel. He S. Miguel a mayor e mais ri-

ca de todas as dos Açôres, que o Infante Dom Anrique mandou descubrir e povoar pera este Reyno. Ficou quasi toda assolada e sovertida debaixo da terra a melhor e mais populosa villa della. Caso he digno de se saber pera exemplo e compunção, e pollas circumstancias que nelle ouve. Brevemente o diremos.

Andava acaso na Ilha (1) hum Religioso castelhano da Ordem de S. Domingos: seu nome frey Afonso de Toledo. Era prégador por titulo e por officio. Não se negava onde o chamavão e querião ouvir. Correndo muytos lugares da Ilha, notou em todos fartura grande, vida deliciosa, e huma corrente de prosperidade nunca vista. Como tinha visto e lido muyto, não lhe pareceo estado seguro pera gente christam. Soube logo que nacia daquellas boas venturas arder toda a Ilha em destemperança de gula e luxuria: temeo-lhe castigo; começou a afiar a linguagem contra estes vicios, mas ferindo-lhe cada dia as orelhas novas dissoluções de todo genero de gente, e mais particularmente dos ricos e poderosos moradores de Villa Franca. Era Villa Franca grande e formosa villa, e então como cabeça e Corte de S. Miguel. Reprendia, gritava, chorava a devassidão das vidas, o descuydo das almas, e rematava ameaçando com castigos do Ceo. Residia o prégador em Ponte Delgada, onde primeyro desembarcara, villa então sem nome, agora cidade, e cabeça da Ilha: Aqui prégava a miude, e vendo que perdia o tempo e o trabalho, porque não via nem ouvia sinaes de emenda, como o peito e voz do prégador costuma a ser orgão do Espirito Santo, inflamou-se um dia, e ou fosse que Deos naquelle ponto lho revelasse: ou que seu entendimento o tirasse por bom discurso: dizem que levantou a voz como hum trovão, e apontando nas serras que tinha defronte, affirmou que ellas vingariam os peccados da terra, e soverterião huma villa. Passou a fama da prégação e ameaços a Villa Franca. Não duvidando os moradores que era contra elles, não só não tornarão sobre si com emenda: mas ouve alguns que se derão por escandalisados, e pondo em pratica lançar o prégador da terra, acabarão com o Ouvidor Ecclesiastico, que o man-

(1) Franciscus Gonzaga Part. 2 de Origine Seraphicae Relig. Franciscanorum fol. 1012 et 1013 — E hum manuscrito que está em poder do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria.

dasse apparecer em Villa Franca, e o castigasse. Achamos que foy frey Alonso a este chamado em 17 de Outubro deste anno em que vamos: e dando de sy bastante satisfação ao Ouvidor, se tornou a Ponte Delgada. Porém já neste tempo andava outro genero de profecia mais temeroso. Affirma-se que juntos em bando os mininos de Villa Franca, dizião a uma voz que estava perto hum diluvio, fim de todos e de tudo. O que sendo mal recebido dos poderosos, e referido á pregação do Frade, pedirão ao Ouvidor que o tornasse a chamar, e inquirir donde sabia o que prégava e apregoava. Obedeceu elle ao segundo mandado, como ao primeyro. Erão já 21 do mez de Outubro. Chegou sobre tarde a casa do Ouvidor. Querendo entrar, mandou-lhe dizer o Ouvidor que no dia seguinte o ouviria: e elle tornou, palavras formays, ao criado «Diz o senhor Ouvidor que a manhã me falará: e eu lhe digo que pois agora não quer, que pode, á manhã se quizer por ventura não poderá.» Palavras forão estas, que o calamitoso successo que as seguio logo, deo occasião a ficarem pera sempre como impressas em bronze, na memoria dos homens. Cerrou-se a noyte clara e serena, senão quando, sendo ás duas horas despois de mea noyte, em tempo que o sono mais senhor está dos membros e sintidos de toda cousa vivente, começou a estremecer a terra, com huns abalos e sacudimentos tão impetuosos, que não ameaçavão menos que querer-se desatar e soverter no mar toda a Ilha: e assi não deixarão na villa casa nenhuma em pé. E logo, por que não escapasse nada, quebrou de huma serra vizinha huma montanha inteyra de terra, lodo e penedia, que como levada á mão, correo contra a villa, e a cubrio toda até o mar, e até lançar no porto grandes penedos. Em fim o terremoto assolou, e o monte sepultou tudo que era villa: de sorte que ficou toda hum campo razo, sem sinal de casa nem povoação. Grande poder do Altissimo! Ficarão só em pé algumas cazinhas baixas, inda que todas abertas e destroncadas, de hum pequeno arrabalde dividido da villa com uma ribeira que ao ponente a lavava: em que se salvarão até setenta almas, e com ellas o nosso prégador. Salvou-se tambem o senhor da villa, governador e capitão de toda a Ilha, Ruy Gonçalves da Camara com sua molher Dona Felipa Coutinha e seu filho Manoel da Camara, que acertarão sahir-se aquella tarde pera huma quinta. Mas perdeo toda a mais familia, que forão dous filhos e duas filhas

e huma hirmam, e muyta riqueza, e hum bom aposento. Todos os mais lugares da Ilha padecerão grandes infortunios: cahirão todas as Igrejas grandes e muytas casas, e em algumas acabarão familias inteyras. E affirma-se que chegou o numero dos mortos a sinco mil, ainda que alguns mettem nesta conta os que levou a peste, que succedeo ao terremoto. Quem quizer ver este successo mais ao largo, lea a historia que escrevemos da Ordem de S. Domingos particular deste Reyno. (1)

CAPITULO XII.

Requere o povo de Lisboa a elRey que case com a Raynha sua madrasta. Repugna elRey. Pede o Emperador que vá a Raynha para Castella e leve a Infantinha sua filha. Consente elRey na hida da mãy: mas não da filha.

Em meyo de tantas tempestades de desgostos, que todas hião quebrar suas ondas no peito delRey, e elle procurava remediar a todo seu poder, trouxe o tempo outra, que lhe dava tormento continuo, e tanto mais penoso, quanto se sentia tomado entre portas, e forçado a levalla sem remedio. He de saber que o Duque Dom Gemes, como velho, e muyto amigo do serviço delRey, tratandose do casamento que melhor lhe estaria, mostrava com vivas e efficazes razões, que nenhuma cousa convinha mais a elRey e ao Reyno, que casar com a Raynha sua madrasta, visto como pera o ponto de se esperar della successão, já vião que era moça, e sabião não ser esteril: pera o gosto do povo, a todos tinha satisfeito sua affabilidade e boa sombra, e era geralmente amada: e sendo por estas partes o casamento muyto de estimar, de se não effeituar, recrecêrão grandes inconvenientes, duros de levar, e vencer. Deviam-se-lhe grossas arras: e a Iffante sua filha tinha grandes promessas de dinheiro e rendas, pollas escrituras do dote de sua mãy. Se elRei não aceitava o casamento, ficava sua fazenda em grande quebra: e o que era pior enriquecendo Reyno alheo, com o que avia de tirar do seu. Não avia na terra quem tevesse por desacertado este con-

(1) Hist. de S. Dom. Part. 3.ª Liv. 2.º cap. VII e VIII.

selho senão só a pessoa a quem mais tocava, e melhor estava, que era o mesmo Rey. Não lhe sofria o animo aver de chamar esposa, a quem dera o nome de mãy: aver de tratar por igual a quem reconhecera por senhora; e em fim não acabava com sua honestidade aver de tratar amores, inda que santos e castos, com a molher que o fora de seu pay. Parecia-lhe cousa fea pera seu nome, aggravo pera o defunto, e ajuntamento indigno de huma Raynha de Portugal, inda quando em toda a christandade faltarão casamentos. Mas que avia de fazer quem tinha o Reyno todo contra sy n'este voto? Escreve-se que remeteo o negocio a Deos com animo verdadeiramente christão, mandando celebrar muytos sacrificios, pera que o Senhor piadoso, favorecedor sempre de bem ordenados pensamentos, encaminhasse os seus. Porém entre tanto erão grandes as desconsolações que padecia, já com a força dos conselhos dos Grandes; já com requerimentos do povo de Lisboa que chegou n'este tempo a lhe fazer hum modo de protesto publico por mêo dos Magistrados da Camara, e com razões por escrito, que ainda que populares e pouco polidas, apertavão tanto que parecia não tinhão resposta. Porque começando por huma cousa muyto posta em razão, que era não consintir Sua Alteza em se hir a Iffante menina pera Castella, rematavão em fazer força e necessidade de casar com a mãy, pera remediar tudo. E foy isto tanto em fórma, que ouve autos, e se pedirão certidões. E não pararão aqui as batarias: os procuradores dos misteres, que o são do povo, e parte do governo da Camara, não duvidarão hir-se á Raynha, e propor-lhe a mesma materia: a que a boa Senhora respondeo palavras gerays, sem fazer de sy outra demonstração, agradecendo-lhes o zelo que representavão do bem publico do Reyno, a que se confessava não menos obrigada, que elles.

N'este estado estavão as cousas, quando Deos acudio com o remedio. Chegarão cartas do Emperador, em que pedia a elRey com encarecimento désse licença a sua hirmam pera se hir pera elle: pera o que tinha despachados a Badajoz, pera a hirem buscar, o Bispo de Cordova, e o Conde de Cabra, e o Doutor Cabreira seus embayxadores. Respirou elRey com o gosto deste requerimento. Mas porque o Emperador ajuntava que seria razão não deixar hir a mãi sem a filha, unica consolação de seu triste estado:

poz elRey a materia em conselho: no qual succedendo que sendo vencido por votos, que pois se avia de hir a Raynha, fosse tambem a Iffante com ella, só o Conde do Vimioso Dom Francisco de Portugal foy de contrario parecer, provando com muytas e muy prudentes razões que não cumpria ao serviço delRey sahir ella do Reyno. E este foy o segundo juyzo publico, em que elRey mostrou o grande entendimento de que Deos o dotara. Porque como se tevera sessenta annos de idade, e outros tantos de experiencia do governo de seus estados, assi soube pezar e conhecer os fundamentos do voto do Conde; e avendo-o por mais sustancial que todos os outros, soube declarar que se conformava com elle, como insinando já aquelles velhos, que nos conselhos dos Principes a calidade e sustancia dos pareceres se deve respeitar, e seguir: não o numero.

Mas a Raynha não podia acabar comsigo aver-se de hir de Portugal sem a Iffante: Em que se consideravão dous interesses: hum de amor natural: outro de fazenda: hum de ser ella o penhor que só lhe ficara de hum Rey que tanto a amara, outro do muyto, que tendo-a comsigo, podia lograr de renda, joyas e dinheyro: e fazia grandes instancias por que elRey lhe não tolhesse levalla: e hia-se detendo com esperanças de que o andar do tempo, e seus rogos mitigarião a resolução que se dizia estava tomada. Porém achou forte contraste em pessoa que mais obrigação tinha de a servir e ajudar. Residia em Lisboa com titulo de Embayxador do Emperador, o secretario Christovão Barroso, que primeyro não tevera mais nome nem officio que de Agente. D'este se affirma que por sua malicia torceo em mao sintido as dilações da Raynha, significando a seu amo, que não podia julgar bem dellas, visto o que se praticava no povo de que estaria bem a todos e a tudo não buscar elRey outro casamento: e a continuação com que já era visitada delle. Não faltava elRey em nenhum termo de boa cortezia com esta Senhora: visitava-a amiude com a mesma sinceridade e bom termo, que aborrecia suas vodas: e succedendo hir-se do Barreyro pera Almeyrim, deixou ordenado que tambem ella com a Iffante Dona Isabel mudassem estancia, e se fossem traz elle acompanhadas do Duque de Bragança e do Barão d'Alvito. Neste caminho chegou o Barroso a declarar sua tenção com tanto despejo, que se foy a Mugem, onde já estavão, e ali fez

publico requerimento á Raynha que não passasse a Almeyrim, deixando-se entender que o fazia de ordem que tinha do Emperador. Sintio-se a Raynha do descomedimento, e mais da tenção que nelle se descubria: mas ouvindo falar em ordem de seu hirmão, quiz antes sogeitar-se á descomposição do ministro, que arriscar a opinião de sua innocencia com o Emperador, que lhe dava credito. Parou, sem dar mais passo adiante. Mas despedio logo o Bispo de Cuba seu Capellão-mór, com cartas ao Emperador cheas de brio real, queixando-se dos desatinos de Barroso, e de valerem mais com Elle suas mintiras, por ser ministro, que as verdades, autoridade e honra de quem era Raynha; — de quem era sua hirmam. E pera mostras de mais sintimento, não tardou em despachar segundo messageiro, que foy o Cavaleyro Bonedon seu criado, marido de madama Tumbás sua Camareyra. Em fim venceo a verdade. Conheceo o Emperador os enganos de Barroso: lançou-o de seu serviço bem castigado, e mandou que se passasse a Lisboa em seu lugar o Doutor Cabreira, que já estava em Badajoz.

Não seria sem preço da Historia dizermos brevemente donde naceo a ira deste homem, e sua perdição, que a seguio: porque não aja nenhum ministro que faça armas da autoridade, e mão de seu amo, pera vingança de paixões proprias. He pois de saber que Christovão Barroso antes de ter o titulo de Embayxador, achando-se hum dia na ante-camara delRey cubrio a cabeça, onde todos os fidalgos portuguezes estavão descubertos. Acudio o Porteyro-mór, a quem tocava a emenda: mandou-lhe que se descubrisse. Alegou indisposição da cabeça, e que estava em sitio, que não era visto delRey, e que se passaria pera outro mais desviado. Não lhe valeo nada. E de corrido e desconfiado ficou cheyo de peçonha pera a vomitar em tudo o que tocasse a Portugal, como vimos.

CAPITULO XIII.

....

Antes de sahirmos do Reyno e nos passarmos ás conquistas que já chamão por nós, parece conveniente darmos conta de todas as mais materias do governo em que achamos occupado elRey neste anno. Como era o primeyro de seu Reynado procurou mostrar aos vassallos animo liberal e grandioso. E assi achamos que fez muytas mercês de juros e tenças, e algumas de tamanha contia que em os tempos presentes parecerão demasiadas. Apontaremos algumas pera que vejão os ministros deste tempo que encurtando tanto a mão como fazem cos homens que servem e trabalhão, mais dano fazem á fazenda Real com tal escaceza, do que acrecentão nella, porque de gente mal pagada e desfavorecida engano he esperar grandes cousas. — Tenças grossas: — A Nuno de Mendoça filho de João de Mendoça 70$000. A Dom Lopo d'Almeida filho do Prior do Crato Dom Diogo d'Almeida 110$000. A Dona Antonia filha de Dom João Pereyra e molher do dito 60$000. A Pero Correa filho de Rodrigo Affonso em dous padrões, 90$000. A Dom João Pereyra filho de Dom Fernando Pereyra 80$000. A Dom Diogo de Castro 60$000. A Dom Antonio d'Almeida Contador-mór em tres padrões 220$000, afóra outras. A Dom Alvaro de Castro filho de Dom Garcia de Castro 100$000, afóra outras tenças. A Dom Fernando filho do Conde de Faro 160$000. Ao dito outra tença de 2$600 coroas, que fora de Gomes de Figueyredo provedor da comarca da Beira. A Dona Ignez de Mello molher que fora de Gaspar Pereyra 86$000. Entre estes assentos não he pera esquecer por cousa notavel hum de 240$000 dado a Dom Fernando de Roxas Marquez de Denia. Além destas mercês proveo elRey muitos cargos de sua casa e dos Iffantes. Honrava os homens e as ajudas de custo.

Em 9 de Janeiro deu o cargo de seu Aposentador-mór a Dom Felipe Lobo filho do Barão, honrando-o com a causa, que diz he sua bondade e discrição: mas parece que viveo pouco, porque logo aos catorze de Março consta que

tinha já outro Aposentador-mór, que era Manoel da Sylva. — Em 12 de Janeiro fez seu Capellão-mór a Dom Paulo primeyro filho de Dom Diogo Conde da Feira, e aos 13 fez Deão da Capella a Diogo Ortiz seu Mestre. O officio de Caçador-mór, que tinha dado em Dezembro passado a Dom João de Alarcon, deu licença a Antonio de Brito que já era proprietario delle, que o passase a Dom Anrique Anriques (devia ser falecido Dom João de Alarçon). Deu o de Reposteyro-mór a Dom Jorze Henriques, que muitos annos despois traspassou a Bernardim de Tavora. O de Contador-mór proveo em Dom Antonio d'Almeyda por casar com D. Maria filha herdeyra de João Rodrigues Pays, cujo era este cargo. A Dom Fernando de Castro filho de Dom Alvaro de Castro Corregedores da Casa do Civel, fez seu Vedor. A Vasco de Refoyos fidalgo de sua Casa fez seu Cevadeyro-mór e Mariscal. A Christovão de Mello Alcayde-mór de seu pay mandou ficar com o cargo de seu Mestre-sala, como o tinha quando Sua Alteza era Principe, e fez-lhe mercê das saboarias de Villa Viçoza, e confirmou-lhe dez moios de trigo no Almoxarifado de Beja. Ao Conde Dom Martinho de Castelbranco seu Camareyro-mór deu a villa de Villa Nova de Portimão, e que por seu falecimento ficasse a seu filho mais velho, e que podesse dar todos os officios de Villa Nova e pôr juyzes e tabelliães. Ao mesmo, cento e dous mil réis de assentamento, e que pudesse trazer bandeira quadrada. Mercê a Francisco d'Asevedo, filho do Doutor Gonçalo d'Asevedo Desembargador do Paço, da villa de Ponte do Sor com jurdição civel e crime, e as saboarias de Alcacere do Sal. A Alcaidaria-mór de Cines a Christovão de Brito vaga por morte de Anrique Monis filho de Diogo Monis. A Pero Correa, fidalgo de sua Casa, as saboarias da Ilha de Santiago como as tevera seu pay Rodrigo Affonso. E ao mesmo, para elle e para hum filho, todas as rendas e direytos da villa de Salvaterra de Magos — as quays pouco despois resgatou dando-lhe por ellas as rendas e pensões dos tabelliães de Lisboa. Doação a Antonio de Miranda do lugar da Masseira com mero e misto imperio, assi como a tevera seu pay Fernão de Miranda. Licença a Dona Isabel de Castro pera herdar a terra de Castro Dayro por morte de seu hirmão Diogo Pereyra. Mercê ao Conde de Villa Nova da Dizima da Cortiça que sahe polla foz: e a Dom João de Castelbranco seu filho o officio de superior das aposentadorias de Lisboa,

Evora, e Santarem. Proveo a capitania de S. Jorze da Mina em D. Affonso d'Alboquerque por sua muyta bondade e discrição. Proveo a Diogo d'Azambuja da capitania de Aguez (?) com seu regimento. Em 26 de Dezembro mercê ao Mestre de Santiago Dom Jorze filho delRey Dom João pera pôr em todas suas terras os juyzes e tabelliães que lhe forem necessarios. Muytas outras mercês fez elRey neste anno, mas estas por parecerem mais notaveis lançamos aqui, deixadas as outras.

Agora diremos das pessoas que elRey foi provendo no serviço dos Iffantes seus hirmãos. Deu o cargo de Mordomo-mór do Iffante Dom Luiz a Braz Telles filho de Ruy Telles de Menezes, e o de seu Guarda-mór a Ruy Telles, que fora Mordomo-mór da Raynha sua mãy, em 19 de Abril; e aos 25 do mesmo mez lhe deu pera Escrivão da puridade e Chançarel-mór a Dom João Pereyra: e para seu Thesoureyro-mór Pero Botelho fidalgo de sua Casa. O assento da Carta não diz mór. Em 22 de Novembro achamos que proveo de novo o cargo de Mordomo-mór do Iffante em André Telles assi como o fora Ruy Telles seu pay. Em 8 de Setembro fez elRey Camareyro-mór e Guarda-mór do Iffante Dom Fernando a Vasco da Silveyra: e declara o assento que tevera o mesmo cargo Joze da Silveyra seu pay. Consta-nos que era neste tempo Mordomo-mór da Iffante Dona Isabel Ruy Telles de Menezes, porque em dezoito de Janeiro proveo elRey do officio de seu Mestre-sala a Diogo de Mello, e manda a Ruy Telles que o meta de posse delle. E em cinco de Mayo lhe nomeou por seu Capellão-mór o Bispo do Porto Dom Jorze da Costa, que despois foy em Castella insigne Bispo de Osma.

CAPITULO XIV.

Dá elRey forma aos Iffantes de como hão de escrever pera dentro e fóra do Reyno.

Dêmos fim a este anno de vinte e dous nas cousas do Reyno, com huma acção muy politica e acertada: em que elRey deu forma aos Iffantes seus hirmãos, de como lhes estaria bem escreverem aos senhores de titulos e mais fidal-

(?) Duvidoso. Veja-se a nota respectiva no fim do volume.

gos do Reyno, e tambem a alguns Principes e outras pessoas de fóra delle. Parece-me muyto semelhante a outra que elRey Dom Felipe segundo fez muytos annos despois, sendo já senhor desta Coroa: que foy uma das mais estimadas de seu governo: só com esta differença, que elRey Dom Felipe fez formulario geral, ou prematica de cortezias, pera todo genero de gente: elRey Dom João como tinha em casa hum povo de hirmãos, tratou só das cortezias, que lhe pareceo decente uzasse cada hum delles com os que erão vassallos do mesmo Rey, e com alguns Principes de fóra: pera que entre os de casa se guardasse igualdade com todos, e não ouvesse occasião de queixa, sabendo-se que naciāo de seu juyzo e ponderação: e com os de fóra mostrassem os Infantes entre si conformidade de hirmãos.

Assentou-se no conselho, que aos Duques e Mestres escrevessem deste modo: *Muyto Honrado Senhor Primo*: sem saudação. E querendo delles alguma cousa: não dissessem: *Rogo*, nem *Peço por mercé*: senão singellamente: *Peço*, e no cabo não dissessem: *Agradecerey*; senão *Estimarey o que assi fizerdes*. Alguns queriam que se escusasse o *Muyto Honrado*: e não dissessem mais que *Senhor Primo*. E este termo pareceo melhor a elRey.

Aos Marquezes assentou o conselho, que dissessem: *Honrado Senhor Primo*: ou *Senhor Marquez Primo*. E este segundo modo deu elRey por melhor.

Aos Condes: *Honrado Conde, Primo*, ou *Sobrinho* se fosse parente: e não sendo parente, somente: *Honrado Conde*. Pedindo alguma cousa: *Agradecerey*, ou *Agradecer-vos-ey*.

Ao Prior do Crato, como aos Condes não parentes. E nenhuma destas cartas teria saudação, nem nome de escrivão que as fizesse, por mais cortezia: salvo quando fosse carta de negocio que requeresse dar-se fé.

Aos Arcebispos: *Reverendo Senhor Arcebispo*, sem saudações. E pedindo-lhes alguma cousa: *Receberey em singular graça*.

Aos Bispos: *Reverendo Bispo*, sem saudações, e *Muyto agradecerey* &. Somente ao Bispo de Lamego Dom Fernando por ser parente: *Muyto Reverendo Bispo Primo*.

Aos filhos herdeyros do Duque de Bragança, e do Mestre de Santiago, que não tevessem titulo, como aos Marquezes: e aos outros filhos que não fossem herdeyros, nem tevessem titulo, como aos Condes parentes.

Aos fidalgos que tevessem parentesco com elRey: *Foão Primo, ou Sobrinho*, sem saudações: e *Agradecer-vos-emos*, ou *Agradecer-vos-ey.*

Aos senhores de terras, e aos do conselho, e a todos os mais fidalgos honrados: *Foão amigo;* e com advertencias que dentro não ouvesse saudações. E nos sobrescritos de toda a pessoa, a que se não désse *Honrado*, ou *Reverendo*, se poria no alto delles: *Pollo Cardeal:* ou *Pollo Infante.*

Ao Emperador: *Senhor* no alto da Carta. E no sobrescrito, quando o Cardeal, ou Infantes escrevessem de sua mão, dirião: *Ao Muyto Alto, e Muyto Excellente, e Muyto Poderoso Senhor Emperador:* E escrevendo por secretario, dirião: *Ao Muyto Excellente Principe, e Muyto Poderoso Senhor Emperador: Rey de Castella, de Lião, de Aragão, das Duas Sicilias, e de Jerusalem.*

Ao Duque de Bragança, porião: o *Senhor Primo* hum dedo assima da primeyra regra, e á ilharga: e a nota seria falando-lhe por tereeyra pessoa. O sobrescrito diria: *Ao Senhor Duque de Bragança Meu Primo.* Ao Marquez: *Senhor Marquez Primo*: em regra. Ou pera mais honra: *Senhor Marquez Primo*, sem o nomear.

Aos Nuncios do Papa: *Muyto Reverendo Foão Bispo*, se o fosse, ou outro titulo que tevesse.

A todo Embaixador estrangeiro, que não fosse do Reyno, escreverião como a Conde.

Ao Arcebispo de Braga, polla dignidade, e autoridade de suas cãs: *Senhor* em regra como o Marquez: e no sobrescrito: Ao *Senhor Arcebispo Primás de Espanha.*

Aos Bispos, e Arcebispos estrangeiros, dirião: *Senhor Bispo*, ou *Senhor Arcebispo*, e com titulo de parente, se o fosse: dando alguns riscos, começaria logo a carta, sem nenhum espaço: mas se fosse ao de Toledo, ou aos Prelados eleytores do Imperio, serião tratados como Duques parentes.

Assentou-se que as Senhoras Infantas seguissem o mesmo estilo sem nenhuma differença quando escrevessem: salvo que as pessoas a que os Infantes chamassem *Foão Amigo* dirião ellas *Foão* sómente, ou: *Eu a Infanta Vos Invio Muyto Saudar*, segundo fosse a calidade da pessoa: e ás Donas honradas sem titulo, dirião: *Foã Amiga*, e ás Condessas *Muyto Honrada Foã:* e á Camareyra-mór da Raynha, quando lhe escrevessem os Infantes, e Infantas, lhe porião: *Senhora*, em regra: e ellas não uzarião dos termos de *Amo*,

nem *Amado*: nem *Prêso*, nem *Prezado*, com as pessoas que os Infantes o costumão.

Pois tratamos materia de cortezias, bem será que fique neste lugar o como elRey trocou, em fim deste anno, as que costumava elRey Dom Manoel seu pay fazer aos Embayxadores do Emperador, e dos Reys seus antecessores, e a razão que pera isso ouve. Sohia elRey Dom Manoel, quando entrava o Embayxador polla sala, ou camara, em que estava, levantar-se em pé; e ao tempo de chegar junto delle, pôr a mão no barrete, como ameaçando a tirallo: e assi em pé lhe beijava a mão o Embayxador: e elle lhe tomava as cartas de crença. Por este modo tinha elRey Dom João seu filho recebido a Monsiur de la Xaus, que foy o primeyro que o Emperador lhe inviou, como temos visto. Mas chegando por fim de Novembro deste anno de 22 a Lisboa segundo Embayxador, que foy o Doutor Cabreira, que vinha para acompanhar e servir a Raynha Dona Lyanor em lugar do secretario Barroso, e entrando polla sala, onde elRey estava, Sua Alteza se deixou estar assentado, até o Doutor chegar a elle, e lhe offerecer a carta que trazia de crença, e começar a falar. Então se levantou, e o ouvio em pé. A razão desta novidade teve fundamento, em que elRey foy avisado por Luis da Silveyra sendo Embayxador em Castella, que nesta fórma fora recebido do Emperador. Como o Emperador quiz alterar os bons costumes dos Reys de Castella seus antecessores, deu-se por obrigado elRey Dom João a fazer o mesmo em sua Côrte: e foy uzando sem nenhuma differença do mesmo estilo: visto como polla dignidade do imperio, não era mais honrado, que por filho e neto dos Reys de Espanha.

CAPITULO XV.

Como procedia a guerra contra os mouros de Africa em Azamor e Arzilla.

He tempo de nos passarmos a Africa: e contarmos alegremente por fermoso e felice pronostico dos tempos delRey huma insigne vitoria que o capitão de Azamor alcançou dos mouros de Fez no mesmo dia em que Sua Alteza

foy levantado por Rey em Lisboa. Era capitão Gonçalo Mendes Çacoto: encontrou-se com o Alcayde Latar e outros quatro Alcaydes delRey de Fez, que lhe vinhão correr com novecentas lanças gente escolhida: foy ò encontro a tres legoas da sua cidade; e levando só duzentos de cavallo não duvidou dar-lhes batalha; e foi tal o esforço com que nella se ouve, que os desbaratou com morte de quatro Alcaydes, ficando senhor do campo e de grosso despojo. E fez mais glorioso o successo saber-se pouco despois que na mesma conjunção, que estava jugando vitoriosas lançadas cos enimigos da fé, recebia elRey á porta de S. Domingos o cetro de seus Reynos, e obediencia de seus vassallos. Assi o mandou declarar Sua Alteza em hum brazão d'armas, que lhe deu, de que foy parte principal as quatro cabeças dos Alcaydes: e elRey que o assinou com o seu cronista. (1)

Entrou o anno de 1522 com tamanho aperto de fome, nacido da sêca do anno atrás, por toda Africa, que estando o rio de Azamor cheo de caravellas que devião hir buscar a carga dos saveis, que ali se pescão, trocarão o dizenho, e carregavão de infinitos mouros moços, e moças de bom parecer, pera levarem a Lisboa e a Sevilha. E no preço não avia mouro que se desaviesse com o comprador. Porque muytos só polla comida offerecião ser escravos, e se deixavão embarcar. Seguio a tanta miseria a maior de todas, que foy contagião do ar, que levou a muytos que ou com bom governo, ou com trigo escondido tinhão passado o aperto da fome: e esta se affirma que consumio homens e alimarias com terrivel destroço. Era capitão de Arzilla Dom João Coutinho filho herdeyro do Conde de Borba. Estava bem provido de mantimentos, que elRey Dom Manoel antes de seu falecimento lhe tinha inviado, com tanta providencia, que se não esqueceo de acudir até com trigo tremez do campo de Santarem pera as curtas sementeiras dos moradores, em que logo começarão a entender, fazendo-se todos lavradores, como o ceo hia acudindo com suas agoas e temporays ordinarios. Despois da grande vitoria que alcansou dia de todos os Santos, primeyro dia de Novembro do anno passa-

(1) Brasão d'armas dado por elRey D. João em 19 de Julho de 1538.

do de 521, desbaratando o valente Alcayde de Alcacere Cid Hamete Larós (que não especificamos por ser da obrigação dos cronistas delRey Dom Manoel), todo seu cuydado era, como já sabia de certo que ardião em peste todos os lugares á roda, ver se poderia escapar de se lhe comunicar a contagião na villa. A este fim não consintia comercio de cafilas: evitava sahidas de Almogavares: e se alguma consintia, era com mandado expresso, que de nenhuma maneyra se embaraçassem nas povoações dos mouros. Mas por demais são as diligencias e cautellas humanas, quando Deos quer castigar. A peste entrou por meyo de tres mouros, que a cobiça de huns Almogavares desmandados e sem ordem trouxe á villa: e com a mesma violencia que faz o fogo, onde tem aparelho pera se atear, correo todas as casas, e matou tanta gente, que o Capitão, por ver se achava remedio com a mudança da morada, primeyro se passou do castello pera humas casas da villa, e despois embarcou sua molher e familia pera o Algarve. O que tambem fizerão muytos moradores. Assi ficou a villa quasi despovoada, parte pollos que levou o mal, e parte pollo desterro voluntario das familias que se ausentarão. Este estado triste das portas a dentro fazião mais penoso os enemigos de fóra: porque vivia Amelix atrevido e manhoso Almocadem do Farrobo, que junto ás portas da villa vinha esperar as Atalayas e gente desmandada: e quando de dia não podia fazer presa, valia-se do escuro da noyte; e quasi nunca tornava com as mãos vazias, levando homens e moços, boys e vaccas e outro gado. E emfim chegou a levar-nos tres atalayas, homens de conta, que forão Antonio de Evora, Gonçaleanes, e João Telles. Ardia o Capitão de rayva, por lhe fazer tanta guerra o ardil de hum só mouro: procurou armar-lhe uma e muytas vezes; porém sabia tanto, que ao parecer adivinhava e conhecia as siladas, e escapava de todas. Mas foy Deos servido que foy cessando a doença: e quando chegou dia de S. João deste anno de 522 se levantou bandeyra de saude: e logo o Capitão dezejoso de tomar alguma satisfação das astucias e danos de Amelix, determinou correr ao Farrobo, e serra de Benamarés. Lançou sua gente fóra, e sem achar encontro trouxe desta primeyra vez cem boys.

Deste dia em diante forão sahindo amiude os Almo-

gavares, e fazendo boas sortes até a ponte de Alcacere: e foy muyto estimada huma de Pero de Menezes valente e arriscado mourisco, e muyto fiel e bom christão. Deu a traça Alvaro Rodriguez o Dentudo', tambem mourisco. Sahirão trinta de cavallo á obediencia de Pero de Menezes: vadearão a ribeyra de Alcacere, por onde o Dentudo sabia que não avia guardas. E saltearão logo tres mouros de cavallo, que sendo guardas dormião a sono solto, envoltos nas algeravias, e os cavallos pacião junto delles. Aviãc-se por seguros de poderem chegar ali christãos. Apoz estes derão sobre outros tres guardas de pé, que vinhão contentes com muytos saveis que tinhão pescado: de que os nossos se aproveitarão: e com elles, e tres cavallos, e seis mouros cativos, fizerão volta em demanda da ponte, sem serem sintidos, nem aver rebate em Alcacere, senão despois que a passarão.

Mas não passarão muytos dias que se não aguasse o gosto deste successo com outro bem contrario, como he ordinario na guerra. ElRey de Fez tanto que soube ser despachada na Cidade a cafila ordinaria e mercadores pera Arzilla, avendo que tinha na mão boa occasião de correr a Arzilla, poz-se a caminho traz ella, avisando em secreto o Alcayde de Alcacere, que o esperasse com sua gente na ponte. E foy sobre a villa com tanta pressa, e tão caladamente, que antecipou toda noticia de sua vinda. Succedeo ter o Capitão despedido no mesmo dia oyto Almogavares des da mea noyte, a tomar lingoa, com ordem que fossem amanhecer sobre Taliconte, que he hum outeyro alto, junto da ponte de Alcacere: donde se descobre toda a estrada que corre pera Alcacere e até o Zambujal de Algarrafa. Daqui não vendo cousa que temer se forão melhorando: e passando adiante derão com umas dez vaccas que tomarão, e alanceando hum mouro, que as pastoreava, começarão de se vir com ellas. Cerrou-se entre tanto a noyte tão escura e esquiva de chuveyros e cerração, que lhes fez perder o tino donde estavão, e por onde avião de hir: e foy força esperarem que amanhecesse: descubrio-lhes a luz que lhes erão fugidas duas vaccas: e a cobiça de as não perderem, fez que se apartassem quatro a buscallas: mas não correrão muyta terra quando forão dar de rosto com o campo delRey, de que não se podendo desviar forão logo mortos dous, e dous cativos. Os outros quatro sintindo de

onge, e mais a tempo a estorpiada da cavallaria, tratarão de se salvar cada hum como podesse. Poserão o rosto no Furadouro de Almenara: e foy cousa digna de consideração, que não tendo mais remedio pera escapar de muytos mouros, que se soltarão da companhia delRey traz elles, que a bondade dos cavallos, só aquelles se perderão que os trazião mais ligeiros. Destes foy hum Miguel Lopez criado do Capitão, que levando o milhor ginete que avia em Arzilla, apertou tanto com elle na sobida aspera do Furadouro, que quando foy na terra cham, afracou e rebentou: chegarão os mouros, e não ouve nenhum que lhe perdoasse sua lançada: ficou logo morto. E o mesmo fizerão ao cavallo, vendo que não era de servir. Não hia pior encavalgado Jorze Manoel. Era o cavallo mourisco, muyto alentado e corredor: mas levava mayor carga do que sofria tão larga corrida, como trazião. Era Jorze Manoel homem grande, grosso e pesado: vinha a cavallo abafando de cansado: e em fim foy alcansado dos que o seguião: e por sua boa ventura ficou vivo: porque se abraçou com elle hum mouro, que tinha entre nós hum hirmão cativo: e o defendeo com gritos, e até com a espada, e ajudando-o Muley Abrahem como magnanimo que era, e nobre de condição. Assi de oyto escaparão só dous: forão mortos tres: e os outros tres, sendo levados diante delRey, mandava que fossem entregues aos parentes do pastor das vaccas, pera se vingarem nelles, se não acudira Muley Abrahem que tambem os livrou aqui da morte. E he de saber pera que entendamos qual he o odio dos mouros pera hum christão, que tendo este Rey setenta annos de idade, e sendo tão grande senhor, como teve rebate dos Almogavares, correo tres legoas em noyte fria e chuvosa, só por lhe não escaparem; e ser elle o que os cativasse, ou matasse.

São os mouros grandes seguidores da vitoria, quando a guerra os favorece: assi como fracos e desanimados, quando levão a pior. Não quiz elRey largar o posto do Xercão, onde se achava, sem fazer novo acometimento. Mandara o Capitão da villa tomar as atalayas altas, pera ver se podia saber se tinha elRey despejado o campo: e confiadamente sahio fora, e se foy ao facho desarmado, levando-lhe hum pagem sua lança e huma saya de malha: e mandou trazer hum gavião pera lançar aos passarinhos. Não ha duvida que foy isto pera em tal tempo muyto des-

cuydo, ou mais confiança do necessario. Porque os enemigos, como tinhão seu Rey comsigo, e estavão ufanos com o successo do dia dantes, assi se vierão aos nossos, que erão trinta de cavallo, que sahirão com o Adayl, que affirmava despois o Capitão, que nunca vira em mouros tão ardente arremetida. Vinhão diante tres sobrinhos do Alcayde de Alcacere, cada um por si valentes cavalleyros. Apertarão tão temerariamente com os nossos, que ainda que o Adayl fez volta sobre elles, achou tanta gente, e tal inteyreza nella, que lhe pareceo forçado fazer retirada por se não perder de todo: e assi se vêo pera os vallos deixando morto de muytas lançadas hum bom cavalleyro, que Bastião Alvares avia nome: e de outras tantas o Correyro Atalaya, e Sancho de Rebello. Era Sancho de Rebello moço de grandes esperanças, natural da villa, e filho de Pero de Rebello, que quando em tempos atraz foy o saco da villa, morreo sobre o muro, por não deixar o lugar que lhe fora encomendado. Chegarão os mouros, apertando com o Adayl, a romper os vallos, e jugar de travez lanças de arremesso: mas bem o pagarão, porque a artilheria os começou a varejar ao longe com dano de muytos: e os nossos arcabuzeyros, e besteyros, como era em gente junta, não fazião tiro perdido. Ouve da nossa parte muytos feridos, e entre elles o Contador Fernão Caldeira ficou com a mão direyta cortada. Ensopando a lança em hum mouro, vêo no mesmo tempo sobre elle hum golpe de espada d'outro mouro, de tanta força, que lhe cortou o dedo polegar, e outros dous mais, até entrar polla haste da lança. Foy tambem ferido o Adayl de huma lança de arremesso, que falsando-lhe as couraças lhe passou o corpo de huma parte á outra: e a trouxe empenada em quanto durou a briga com assaz gentileza. Sobre tarde appareceo elRey com sua bandeyra no facho a dar vista á villa. E daqui mandarão Muley Abrahem, e o Alcayde visitar o Capitão, parte por cortezia entre elles costumada, e parte pera darem principio ao resgate dos cativos.

CAPITULO XVI.

De huma venturosa entrada que fez em terra de mouros o Capitão de Azamcr.

Não foy grande feito pera um Rey, nem grande affronta pera huma pobre villa perseguida tanto de fresco de males do ceo e da terra, a morte e cativeyro dos poucos homens que temos contado. Mas se alguma vam gloria ensoberbeceo os mouros de Alcacere com este nosso desar, bem lha fizemos abater, sem se meterem muytos dias em meyo. E ainda que a vingança fora de mais gosto, se a deveramos a nossas mãos, lavando-as no sangue destes vizinhos, basta que foy tomada pollas de nossos hirmãos, e em gente que tratava de obedecer e servir ao mesmo Rey de Fez que nos fez o mal. A.... legoas de Azamor, e.... de Marrocos corre huma grande e estendida comarca de boa e fertil terra que os naturaes chamão Enxouvia, muyto abundante de gente, rica de pastos e mantimentos. Tinha nella primeyro lugar pollos annos em que vamos hum Xeque por nome Alimimero, tão poderoso, que só de gente sua e de seu serviço punha em campo mil homens de cavallo: e juntava de vizinhos e amigos que lhe obedecião sinco mil, todas as vezes que lhe cumpria. E como conhecia suas forças, nunca se tinha humilhado a elRey de Fez, nem tratou de lhe dar obediencia. Todavia andando o tempo se vêo a persuadir, que lhe estaria bem fazer com elle amizade e pazes, obrigado da cobiça de por esta via se fazer senhor do lugar de Tageste. Corrião medianeyros e recados de huma parte á outra, por maneyra que em fim de Outubro deste anno estava o negocio tão apertado, que não faltava mais pera remate, que hir o Xeque ver-se com os comissarios delRey, em certo lugar que tinhão aprazado.

Foy avisado de tudo Gonçalo Mendes Çacoto que ainda governava a cidade de Azamor: e parecendo-lhe conjunção de poder fazer hum honrado feito, em quanto durava a irresolução dos concertos, e pollo mesmo caso se vivia em toda a Enxouvia com descuydo, como era cavalleyro de grande valor e animo, não quiz perder o que o

tempo lhe offerecia quasi sem perigo, e como já feito. Põe a ponto cento e oytenta de cavallo, que capitaneava: e vinte que lhe mandou de Mazagão o capitão Antonio Leyte a cargo de Antonio das Neves seu cunhado, com que fez duzentos: e cem besteyros e espingardeyros de pé. E juntando a este numero sincoenta cavallos do Xeque Acoo, dos mouros de paz confidentes, e mil homens de pé, não duvidou acometer alegremente a entrada. Dous caminhos avia pera ella. Hum polla corda, como dizem, outro pollo arco; o primeyro polla praya do mar, mais breve, mais seguro e defensavel: o segundo pollo sertão, mais largo, e com algumas descomodidades de serra e bosques: porém polla mesma razão mais dissimulado pera o effeito, e assi foy seguido.

Partio Gonçalo Mendes Çacoto hum sabado primeyro dia de Novembro, e tardou em chegar até a terça feyra que foy amanhecer duas legoas áquem da villa de Salé: donde começou a entrar pollos aduares enimigos, a tempo que Alimimero era hido a cerrar seus concertos. Pollo que, como faltava cabeça certa, a quem obedecer, e os nossos entrarão quasi sem ser sintidos até estarem sobre os aduares, e dali começarão seu assalto, com hum temeroso ruido de trombetas, e atambores, e espingardaria, e com vozes misturadas de christãos e mouros, que ferião o ceo, não avia em todo aquelle grande povo, senão medo, desordem, terror, e confusão. Todavia se foy juntando, entre sete Xeques que na terra avia, hum bom corpo de gente, que vindo encontrar os nossos, mostrarão valor e animo em defender desesperadamente e sem fazer pé atras seu povo. Mas forão desfeitos e mortos todos, como gente tumultuaria e mal apercebida. E então não ouve mais de parte dos aduares, que fugirem homens e molheres a quem mais podia, contra huma ribeyra que os atravessava, cega de arvoredo, e fragosa de penedia, que foy salvação da mayor parte do povo: e da nossa parte estenderem-se todos a roubar e fazer-se ricos. Foy o saco grossissimo, porque se em Berberia avia alguma terra que estivesse inteira e prospera de tudo o que entre mouros se possue e préza, era esta. Como gente poderosa e que se atrevia a viver fóra da obediencia dos Reys de Fez, não sómente não erão garramados, mas elles garramavão, e roubavão a seus visinhos. Deu-se pressa o Capitão, como pru-

dente, em recolher os seus, e carregar toda a presa, que se pôde em poucas horas juntar, antes que se désse rebate ao longe. Affirma-se que se trouxerão dous mil camellos, e de gado vinte mil cabeças, afora seiscêntos cativos entre homens e molheres: em que entrarão a molher de Alimimero, e as de dous filhos seus que se salvarão da peleja muyto feridos. De roupa ouve fermoso despojo. Muytos capilhares, e marlotas de sedas e panos finos: muytas camizas de zarzagitania, que entre mouros são particular louçainha: grande numero de alcatifas, e jaezes de cavallo custosos, estribeyras e cabeçadas de prata. Só de dinheyro e prata lavrada acharão os nossos muyto menos que imaginarão, e do que desejavão. Mas esta parte tocou toda aos mouros de pazes que nos forão acompanhar: que como ladrões de casa, e que sabião onde avião de buscar e achar as cousas de preço, alcançarão o melhor. E affirmavão os cativos, que foy huma muy grossa cantidade: da qual inda não contentes, como a cavalgada caminhando tomava huma grande legoa de distancia: e se lhes entregou pera a fazerem andar, por quanto a nossa gente, como homens de recado, vinha na retaguarda, e em ordem de guerra pera o que podia acontecer: aproveitarão-se da confiança e da occasião, e vierão roubando como infieys tudo o que poderão. E ainda que o Capitão como homem prevenido, e que sabia quão pouco devia fiar de tal gente, mandou diante tomar hum passo, que chamavão o Vao do Duque, onde ouve ás mãos duas barcas e alguns camellos que já levavão carregados dos furtos do caminho, e pollo tempo adiante foy tirando delles muytas cousas de preço, com tudo como mayores ladrões, sempre ficarão mais aproveitados que os nossos. Nesta retirada pera que tudo succedesse prosperamente ao capitão Gonçalo Mendes lhe veo cahir nas mãos huma quadrilha de doze almogavares de pé, que se recolhião pera Salé, donde erão moradores: E vendo-se perdidos com tal encontro, lançarão mão das armas, a ver, se resistindo, terião lugar de se salvar entre humas rochas que á vista estavão sobre o mar. Mas sahio-lhes o conselho errado: forão logo mortos sete ás lançadas: e os sinco que se renderão tardarão pouco em seguir os companheyros. Porque se soube de tres christãos que cativos levavão, que de fresco tinhão salteado hum barco de Castella no rio de Azamor, em que deixavão mortos nove homens. Cor-

reo logo huma voz geral que se não désse vida a nenhum. Ao que se juntou serem conhecidos por grandes almocadens, manhosos e arriscados, e que como tays tinhão feyto muyto dano em gente da cidade. Foy sua desgraçá acharem tanto povo junto, e tantas testimunhas de seus maos feitos, que não pôde o Capitão estar polla boa ley da guerra, e perdoar-lhes a vida como quizera. Diligencia fizemos por alcansar os nomes das pessoas de mais conta, que neste feito se acharão, pera lhe darmos memoria. Não pudemos descobrir mais que Francisco Botelho, Duarte da Cunha, Vasco da Silveyra, Diogo Leyte, Bastião Leyte: o feitor Martim Alonso de Fonseca e Cárrion. Era ouvidor na cidade hum bom letrado, a quem o officio da justiça, e a profissão dos livros desobrigavão das empresas arriscadas da guerra. Mas vendo posto a cavállo seu Capitão, não ouve cousa que lhe tirasse vestir hum arnês, sobir em hum bom ginete, empunhar sua lança, e acompanhallo. E no tempo da briga soube dar tão boa conta de si, que mereceo lembrar-se delle quem fez a relação que se inviou a elRey: mas descuydou-se no nome, que por ventura por muyto conhecido não devia especificar, e eu muyto estimara saber, pera ficar nestes escritos, por gloria das boas letras, que sabido he que sempre derão lustre ás armas. Mas por honra dellas e delle e dos mais vencedores, lançaremos aqui os nomes dos Xeques desbaratados, que são os seguintes: Josef Ben Mahamed: Barahoo: Ali-Ben Narbian: Josef Ben Bucibael Gueila: Mahamed Ben-Abuu: Azus Ben Mahamed Ben Maleque: Hamed Ben Maleque Barahao. Erão sete: porém dos que delles e do povo morrerão na refrega, não pudémos alcansar nomes, nem numero.

CAPITULO XVII.

Successos da India: Governador Dom Duarte de Meneses; Levantamento del Rey de Ormuz; e cerco que pôe á fortaleza.

Segundo a ordem que temos proposto, de darmos conta dos estados que reconhecem por cabeça o Reyno de Portugal, e do que nelles achamos digno de memoria: he tem-

po de dizermos alguma cousa do que nesta conjunção se fazia pollos nossos naturays em Asia, na conquista daquellas estendidas terras, e mares da India. Advirtindo primeyro ao leytor que seguiremos nesta parte o famoso escritor João de Barros, em quanto nos durar escritura sua. E abreviaremos as materias quanto a calidade dellas consintir, visto andarem escritas por muytos Autores.

Era chegado por governador Dom Duarte de Meneses filho herdeyro de Dom João de Meneses, Conde de Tarouca e Prior do Crato, tirado por elRey Dom Manoel da capitania de Tangere, pera hir succeder na governança da India a Diogo Lopez de Sequeyra. Tinha procedido Dom Duarte em Tangere com credito de valente braço, e maduro juyzo, que se teve então polla mais acertada eleyção que se podia fazer no Reyno. Levou comsigo huma armada de doze naos com muyta e boa gente, de que erão capitães elle, e Dom Luis seu hirmão, que neste tempo servia ao Principe no cargo de Monteyro-mór; Dom João de Lima filho de Fernão de Lima Alcayde-mór de Guimarães, que hia pera capitão da fortaleza de Calicut: Dom Diogo de Lima filho do Bisconde Dom João de Lima, pera capitão de Cochim: João de Mello da Sylva filho de Manoel de Mello Alcayde-mór de Olivença, pera capitão de Coulão: Francisco Pereyra Pestana filho de João de Pestana, pera capitão de Goa: Dom João da Silveyra filho de Dom Martinho da Silveyra, pera capitão de Cananor: Diogo de Sepulveda filho de Dom João de Sepulveda, pera capitão de Sofalla: Martin Affonso de Mello, filho de Jorze de Mello, Lageo d'alcunha: Gonçalo Rodriguez Correa de Almada, armador da propria nao em que hia: e Vicente Gil, filho de Duarte Tristão, tambem armador da sua nao: e Antonio Rijo em hum navio, com que avia de acompanhar a Diogo de Sepulveda a Sofalla, e ficar por Alcayde-mór e feitor della, pera se vir no mesmo navio Sancho de Toar que la era capitão e acabava seu tempo. Chegou Dom Duarte com toda esta frota em salvo. E porque o Governador Diogo Lopez de Sequeyra residia em Chaul, assistindo na obra da fortaleza que ali fazia: e lhe não podia hir logo dar entrega da governança: quiz elle começar a exercitalla, pera dar lugar aos capitães que avião de vir nas naos de viagem pera o Reyno, de se aperceberem e poderem partir da India com cedo (cousa

que sendo a mais entendida de quantas ha na India, pera se ganhar a viagem, he desgraça nossa sem remedio, que nenhuma menos se segue). Despachou primeyro seu hirmão Dom Luis, que levava por elRey o cargo de Capitão-mór do mar, pera que fosse assistir em Chaul, e Diogo Lopez de Sequeira se pudesse vir a Cochim tratar de sua embarcação. Estava a terra de guerra, e avia mister grande força de nossa parte. Porque sendo o sitio em que se fabricava cercado de enimigos, não andava o mar mais pacifico, como adiante veremos: e acontecia aos edificadores hirem assentando com huma mão os materiaes, e com a outra esgrimindo a espada, ou brandindo a lança. Conseguintemente foi Dom Duarte despedindo os fidalgos que vinhão providos de fortalezas por elRey, cada hum pera a que lhe tocava. Entre tanto acudio Diogo Lopez a Cochim. E porque tinha provisão delRey pera não largar o cargo em quanto estivesse na India, vêo a fazer a entrega a Dom Duarte em 22 de Janeiro de 1522.

No fervor e pressa de sua partida, e na carga de oyto naos que o avião de acompanhar, entendião ambos os Governadores com igual cuydado, quando entrou no porto quem lho deu mayor a elles, e a todo o Estado da India. Foy João de Meyra que vinha em huma caravella, em que andava de armada no mar de Ormuz, mandado por Dom Garcia Coutinho capitão da fortaleza, com aviso da mais estranha e menos cuydada traição daquelle Rey, que se podia esperar, se entre mouros e pera com christãos são de estranhar traições. Passou assi: Domingo primeyro dia de Dezembro do anno de 1521, no mayor silencio da noyte, derão no mar sobre dous navios nossos, que erão huma galeota e huma caravella, oyto terradas de gente armada. Avia descuydo entre nós, como em terra de paz e de nossa obediencia: Não se achavão mais na galeota que alguns marinheyros, que espantados do sobresalto, e picados das frechas dos acometedores, se lançarão ao mar, e ficou logo em seu poder. Defendendo-se melhor a caravella, contentarão-se com dar fogo á galeota e começarão por uma cantidade de folhada de palma (chamão-lhe olla) que acharão sobre a craxia (fazião conta que isto bastava pera arder o vaso) e derão volta pera terra. Apoz o fogo da olla, que levantou grande labareda, como se fora sinal de rebate concertado, começou a soar da tor-

re alta do Alcorão hum som muyto picado de bacia de arame, que hum mouro com força badalejava, juntando altas vozes que dizião em sua lingua, mata, mata. Logo se foy ouvindo por toda a cidade huma confusa chocalhada do mesmo arame, e bacias, que segundo se mostrou foy segundo aviso em lugar de pifaros e atambores pera se juntarem os conjurados, que erão todos os mouros que podião tomar armas. Porque logo forão acudindo em esquadras: huns a arrombar as portas dos portuguezes moradores da cidade; outros a tomar as da fortaleza, pera estarem em silada, e colherem nellas, como em rede, os que escapassem da cidade. Vivião entre os mouros grande numero de gente nossa, como erão todos os officiays da Alfandega, que o Governador Diogo Lopez de Sequeyra deixara assentada: e muytos mercadores e chatins, e até soldados que pertencião á fortaleza e aos navios da armada. Tinhão os mais sua morada em tres partes distinctas: huns em huma casaria grande, que os da terra chamavão Madrassal: outros em hum hospital nosso; e o resto nas casas da feitoria. Aqui forão acometidos com alarida e festa de gente que fazia conta que tinhão a presa certa. A ferro e fogo desfizerão os conjurados todas as portas: a nenhum portuguez perdoavão a vida: e aos que se defendião fazião saltar pollas janellas, ou affogar na fumaça que sahia do fogo, que por muytas partes juntamente poserão. Era grande a revolta, grande o furor do povo; e o estrondo das armas, e o sangue tanto, que representava tudo huma terra que assolavão crueys enimigos. Neste conflicto teverão remedio só aquelles, que se acharão com corpo de gente de companheyros ou criados: tomarão suas armas, fizerão rosto com valor aos traydores, e animados da desesperação sahirão pollo meyo delles em demanda da fortaleza, matando huns e ferindo a outros. O feytor Inacio de Bulhões foy o primeyro que se determinou com seus officiays e criados a morrer antes no campo, que affogado de fumo, ou queimado do fogo: e por outra parte Manoel Velho com os seus fez outro tanto: e todavia não passarão sem lhes custar muyto sangue e muytas feridas, não só ao sahir da estreiteza das ruas, mas tambem ao entrar na fortaleza, topando com outros enimigos e gente fresca e bem armada.

Passou-se a noyte na fortaleza com grande desconso-

lação e dor polla muyta gente que nos faltava: até que a luz da manhã foy descobrindo grandes nuvens de fumaça, que em novellos se sobião ao ceo, das casas que todavia ardião. Do que julgando o Capitão que poderia inda aver alguma gente nellas escondida, mandou vinte sinco valentes homens, que se atreverão a entrar pollo meyo da cidade levantada: e ainda que toda junta foy sobre elles, e ouve de ambas as partes mortos e feridos, salvarão alguns que acharão vivos no Madrassal.

Apoz esta diligencia foy segundo cuydado do Capitão mandar a Francisco de Mello e João de Meyra que recolhessem pera junto da fortaleza e debayxo da artilheria a caravella e galeota de que erão capitães. O que logo fizerão. Porque he de saber, que o fogo da galeota antes que penetrasse polla madeyra, foy apagado, tanto que as terradas se afastarão, por hum moço que dentro ficou escondido. E por mostrarem brio aos enimigos, forão-se logo ao porto, e em seus olhos queimarão algumas naos de mouros que nelle estavão, e salvarão huma nao de Manoel Velho que carregada de tamaras estava de verga d'alto pera partir pera a India: e servio a fruyta pera sustentação no cerco, e a madeyra pera reparo nas muralhas. Mas era grande a confusão entre os nossos. Porque alem de nos faltarem mais de vinte portuguezes, que entre o fogo e armas dos levantados perecerão, avia notavel falta de mantimentos, e munições: e tão pouca agoa na cisterna, que porque a gente não desesperasse vindo a sua noticia, tomou o Capitão a chave e fechou-a. Do que tudo mandou larga relação ao Governador Dom Duarte, despachando-lhe ao segundo dia João de Meyra na sua caravella, como temos visto.

Entre tanto foy a fortaleza cercada por mar e terra. Porque elRey quando assentou levantar-se tinha mandado em segredo tomar a soldo na terra firme tres mil frecheyros: e com estes, e toda a mais soldadesca que na cidade avia, ordenou suas estancias em toda razão de guerra: de sorte que no mar nos queimarão as suas terradas a galeota, que do fogo da primeyra noyte tinha escapado, sem lhe podermos valer, como ficou desacompanhada da caravella. E juntamente se fizerão senhores de huma nao carregada de mantimentos, que foy mayor dano, que de Chaul vinha pera Dom Garcia. E por terra se chegarão tanto aos nossos muros, que nenhum homem descubria a cabeça

que logo não fosse frechado. Ao que se juntava sua artilheria, que assestada em lugares acomodados, por traça de hum turco que fazia officio de engenheyro, jogava de dia e de noyte, e o mesmo fazia hum trabuco que tirava das casas delRey. Mas nenhuma cousa fazia tanto pavor, como a falta que dissemos de agoa, e vitualhas pera passar a vida: e de polvora e mais munições pera defender do enimigo: fazendo-se juyzo que sem outras armas nos poderia tomar ás mãos, em caso que tardasse, soccorro. Assi se foy passando o mez de Novembro e Dezembro, trabalhando os nossos de dia e de noyte em fazer reparos e vigia continua: quando o Senhor Deos foy servido consolar os cercados, na mesma noyte e hora de seu gloriosissimo nacimento em carne humana. Entrou em salvo, e quasi sem ser sintido por meyo de cento e sessenta terradas que sobre a fortaleza velavão, hum parao cheo de boa gente portugueza, e muytos mantimentos, capitão Tristão Vaz da Veyga, que quando soube do levantamento em Mascate, onde estava em negocios pera que fora ali deixado pollo Governador Diogo Lopez de Sequeyra, logo se determinou com o Capitão-mór Manoel de Sousa de Tavares, e Fernão Vaz Sarnache, que se viessem todos tres soccorrer a seus hirmãos. Então contou como o Rey infiel mandara recado aos guazis das villas de sua jurdição, que matassem todos os portuguezes: e se não fora em Mascate, onde o guazil com toda a terra tomou a voz delRey de Portugal, todos os mais forão tão pontuays na maldade, que sem dar tempo de passar a fama de hum lugar a outro, padecerão nas terras de Soar, Calayate e Baharem numero de cem portuguezes, afóra cativos: Entre os quays nos merece o Escrivão da feitoria de Baharem, Ruy Boto, que honremos sua memoria, como elle honrou sua patria. Sendo tentado com promessas de vida, se quizesse trocar a Fé de Christo polla seyta de Mafamede, abominou como bom portuguez e bom christão a offerta: e escolheo antes ser martyrisado, como foy com muytos e muy exquisitos generos de tormentos: e todos padeceo, não só com valor e constancia de valente cavalleyro, mas com alegria de quem sabia por quem os passava, e conhecia o premio certo que com elles grangeava.

Não tardarão em chegar os dous navios companheyros de Tristão Vaz, que delle se tinhão apartado com tormen-

ta mais que tres dias: amanhecerão a terceyra oytava de Natal surtos, duas legoas da fortaleza, á parte da ilha de Queixome. Sintirão logo os cercados grande alvoroço entre os enemigos, apercebendo-se muytas terradas pera hirem sobre elles: e tomando conselho no que em tal caso se devia fazer, porque sabião que a nao de Manoel de Sousa vinha falta de gente, que por se levantar de Calayate, com força de tempo, lhe ficara em terra a mayor parte, assentarão que Tristão Vaz no seu parao, com seus soldados, e muytos outros da fortaleza, que folgarão de o acompanhar, se fosse dar favor aos que os vinhão soccorrer. Não fez dilação Tristão Vaz em sahir, e com o remo em punho hir-se a toda furia demandar os navios: nem tardarão em se hir traz elle com a mesma diligencia oytenta terradas atulhadas de soldadesca. Affirma-se que vendo elRey a temeridade com que Tristão Vaz em bom dia claro se atrevera a deixar o abrigo da fortaleza, dissera a Coge Mahamud seu Capitão que lhe fosse trazer pollas orelhas aquelles doudos, ou desesperados: e encomendasse aos seus que não matassem nenhum; que todos queria vivos. Quando este Capitão acabou de sahir, levava já Tristão Vaz grande dianteyra. Mas as terradas se derão tanta pressa em bogar, que forão brevemente com elle: E logo lhe lançarão em cima tantas frechas que se não vio chuva de inverno mais espessa, ajudando-se, a volta dellas, de algumas peças de artilheria que levavão. Porém elle tanto que as teve a tiro, e bem apinhadas, que até então não quiz perder polvora, começou a varejallas com sua artilheria, e arcabuzaria, amiudando huma carga sobre outra com tanto tino, e sem perder tiro, como a gente e barcos erão tantos, que nenhum se atrevia a abalroallo. Nesta pressa com que Tristão Vaz procurava chegar aos seus, e os mouros a elle, foy a briga tão travada e crespa, que cahirão mortos dos enemigos mais de trinta dos mais atrevidos, e entre elles o capitão Coge Mahamud. Chegou em fim Tristão Vaz a juntar-se com Manoel de Sousa: mas foy caso gracioso que elle lhe mandava tirar como a enemigo, receando-se que podia o parao vir de falso, e ser artificio de mouros pera o enganarem: até que levantando-se Tristão Vaz em pé, como era conhecido por de grande estatura, em fim foy recebido na nao. Como forão juntos, desesperarão os enemigos de fazerem mais effeito contra el-

les. Resolverão-se em mandar a terra os corpos mortos, ou pera terem sepultura, ou pera ver elRey nelles o que se tinha trabalhado; e mandasse que queria fizessem de novo. A vista dos defuntos variamente despedaçados causou na cidade hum tão excessivo clamor e pranto, que foy ouvido dentro na fortaleza, e celebrado com som de trombetas, e estrondo de alegres follias, com que os cercados davão graças a Deos polla vitoria, e procuravão acrecentar magoa nos traydores.

CAPITULO XVIII.

Acometem os mouros de novo as nossas embarcações: e são de novo desbaratados com segunda e famosa vitoria. Despeja elRey a cidade com todo o povo, e manda-lhe pôr fogo.

Não era menos em elRey o sentimento. Abafava de indinação e rayva, já contra os conselheyros do levantamento, já contra os pobres soldados. A'quelles chamava verdadeyros traydores, e destruydores de seu estado, que o obrigarão com fundamentos de malicia, a perder a paz descansada em que vivia. Aos soldados, gente fraca, vil e sem honra, pois sendo tantos que só com o bafo podião meter no fundo o nosso parao, não ouvera nenhum, que lhe pozesse o pé dentro. Que esperança, dizia, poderei ter, que subays vós outros aquelles muros altos, ou me rendays esses encastellados: se em saltar o bordo de huma pequena barca achaste difficuldade? Logo subindo a cavallo, e com hum bastão na mão, se foy á praya, e mandando que nenhum homem ficasse em terra, fez sahir de novo sincoenta terradas, e embarcar nellas á sua vista, a mór parte dos mires, que o acompanhavão (são mires os seus fidalgos illustres). Mas primeyro usou de hum termo que lhe pareceo seria poderoso pera esforçar a todos. Mandou vir duas mezas. Huma fez luzir de ouro e prata em varias moedas: a outra cobrir de toucados de molheres. Era costume dos Persas usado naquelle tempo, ao homem que fazia vileza na guerra, enfeitarem-no com hum daquelles toucados, pera sinal de perpetua infamia. Prometia o Rey huma cousa e outra a todos: mas de melhor vontade

a prata e ouro, e em cima honras e mercês aos que entrassem os nossos navios. E apoz isto sobio-se a hum teso sobre o mar, donde fosse visto dos que hião: e elle pudesse notar o que fazião. Voavão, não remavão as sincoenta terradas, que levavão a flor da Côrte, até se juntarem com as oytenta; e fizerão hum cardume que coalhava o mar. Estavão os da fortaleza pendurados sobre as muralhas, suspensos e receosos, e considerando que se Deos não acudia com suas misericordias, parecia impossivel valerem-se contra tamanho poder tres pequenos navios, em mêo do mar, que segundo boa conta devia aver pera cada soldado nosso, vinte ou mais mouros. E assi os encomendavão a Deos, como quem fazia conta, que na salvação delles consistia a daquella fortaleza e de todos. Mas Manoel de Sousa deixando-se estar surto, em quanto tardava a viração, com que avia de demandar o anchoradouro da fortaleza, apercebia-se pera o assalto, com atracar a fusta e parao ao bordo da nao, cada vaso de sua parte, tão juntos e apertados, que se não podessem alargar, e ficassem em estado de aver passagem de hum a outro, e poderem-se soccorrer, avendo necessidade. Assi fez hum genero de barbacam e reparo de muyto effeito pera os costados da nao: E ordenou mais pera se pôder servir da artilheria pera toda a parte, que as proas da fusta e parao ficassem contra a popa da nao: e por cima corresse somente a mareagem das velas da nao, de maneyra que só ellas levassem todas tres embarcações. Dada esta traça, como todos tres Capitães erão muy esforçados cavalleyros, e tinhão comsigo gente animosa e determinada, esperavão alegremente o enemigo, que não tardou em chegar quasi ao mesmo tempo que soltava as velas á viração que começava a assoprar. Foy o acometimento dos mouros bravo e temerario, e como de gente que estava aos olhos de seu Principe, e não lhe esquecião suas promessas e ameaças. A primeyra cousa foy despedirem dos arcos tantas nuvens de setas, á volta de muyto fogo e ballas de artilheria, que todos tres navios ficarão cravados e juncados dellas; e feridos a mór parte dos nossos que na fusta estavão; que como era raza, e sem mais reparo que seus peitos, recebião nelles toda a frecharia. Neste passo se lançou sobre a proa da fusta Rayz Sabadim, que tinha polla manhã prometido a elRey finezas de sua pessoa, e fazendo-as de verdade, se meteo pollos nos-

sos com seis companheyros que levava escolhidos, tão ardidamente que entrados pollo esporão e por cima da artilheria, começarão a sobir pollo bordo da nao, não faltando outros que o exemplo obrigava. Acometimento foy este bem merecedor de huma grande luz: mas não o foy menos a defensão. Dignos huns e outros soldados, que teverão diante os Reys por quem trabalhavão. Que por muyto que se esforce a penna dos que relatamos os successos da guerra, sempre fica defectuosa na representação do valor, das feridas, do sangue, das mortes. Porém aqui não avia mais testimunhas, que os mesmos que, como em desafio, e praça aprazada e cerrada pelejavão. Porque o fumo da artilheria e arcabuzaria tinha o ceo e toda a armada coberta de espessa escuridão. Estava muyto ferido Fernão Vaz Sarnache, e com tudo sustentava o peso dos mouros no bayxo da fusta: e Manoel de Sousa fazia o mesmo no bordo da nao, pelejando todos pé a pé, a vivas cutiladas, e lança varada com tanta furia e teima de ambas as partes, que mal se podia discernir donde ficaria a vitoria. Aqui se lançou Tristão Vaz de hum salto dentro na fusta, e traz elle outros valentes soldados: e ferirão nos mouros de sorte que em fim os fizerão despegar do bordo da nao, e largar a fusta com morte de muytos. Jogava entre tanto a nossa artilheria levando cabeças, pernas e braços, arrombando terradas e metendo muytas no fundo, e fez crecer o pavor entre os enemigos de sorte que ouverão por seu partido hir-se alargando de nós. E todavia como a viração refrescava, e hia levando os navios pera a fortaleza, não deixavão de se hir traz elles frechando e tirando: até que sendo já o dia gastado, e todos bem cansados, o vento e maré meteo os nossos debayxo da artilheria, que logo começou a fazer mayor terror, disparando peças grossas, e obrigou o enemigo a se afastar de todo, e hir tomar repouso, que bem avia mister. Ouve entre os nossos trinta e tantos feridos, e nenhum morto, senão foy hum grumete negro, caso sem duvida milagroso, como se pode julgar do numero de frechas que se colherão nos nossos navios, e das que despois a maré foy levando á praya da fortaleza; que forão tantas, que acho escrito, derão muytos dias lenha, pera se queimar na fortaleza. Dos enemigos se soube despois, que forão mortos, neste segundo assalto, oytenta, e muytos mais feridos.

Na fortaleza entrarão com triunfo de louvores e espanto Manoel de Sousa e seus companheyros. E com tudo o Capitão Dom Garcia convertendo os descuydos passados, de que muytos o culpão, em huma muy considerada providencia, chamou no dia seguinte a conselho: e propoz aliviar a fortaleza de toda a gente inutil, como escravos, molheres e mininos, que ajudavão a diminuir a agoa, e consumir as poucas vitualhas que avia, não sendo de nenhum bom serviço no perigo presente. Dizia que embarcassem todos no navio de Manoel de Sousa, e fossem caminho da India. Não succedeo aqui o que he ordinario nos mais dos conselhos: que em propondo e declarando sua vontade o que preside, todos correm traz seu gosto. Era tempo de necessidade: ella insinava a esquecer adulações. Determinadamente o contradisserão os mais e melhor entendidos. Duas vitorias, dizião, ganhámos ontem, cada huma dellas tão famosa, que onde quer que forem contadas, ou serão avidas por fabulosas, ou de milagre, como na verdade devemos confessar. Se estas por beneficio do Senhor que no-las deu, e soccorro destes tres navios, nos tem rendido sermos senhores do mar, em que juyzo cabe desfazermo-nos dos mesmos navios, despedindo com essa gente o mayor e melhor delles: e encurtarmos o numero dos defensores destes muros, pois de força lhe avemos de dar muytos pera sua defensão? Que quereis que digão estes mouros, senão que de puro medo começamos a despejar esta praça poucos e poucos? Pois fazer tal despejo não tem outra significação! Se vitoriosos damos sinal de fraqueza, pera quando guardamos o brio e valor portuguez, que nos mayores trabalhos costuma refinar-se mais? O que cumpre he que donde estes traydores nos acometião até agora, sejam d'oje em diante de nós acometidos. Estão cheos de covardia com o que ontem exprimentarão. Não entrará navio (que muytos hão vir cada hora) que lhes não tomemos nas barbas: sobejarão não só mantimentos, mas riquezas de mercadorias. E se for faltando a agoa; ao seu despeito, a iremos tomar dentro a Queixome: que isto senhor he certo, em quanto formos senhores do mar, sempre o seremos da terra. Não ouve mais apoz estas razões, senão que logo assentarão, que providos os tres navios de boa gente, fossem destruir e queimar a armada das terradas enemigas. Sahio com elles o Capitão-mór Manoel de Sou-

sa e foy sobre ellas com tanto terror dos mouros, que por fogirem o perigo, as arrimavão tanto á terra, que o navio grande com receyo de dar em seco, ficava tão longe, que lhes não podia danar. Mas os outros dous vazos tomarão bastante vingança: Porque vindo demandar o porto hum parao cheo de fazendas, em seus olhos lho abalroarão, sem nenhumas das terradas se atreverem a soccorrello, e o forão descarregar na fortaleza. Desesperados os enemigos de bom successo no mar, tornarão com todas suas forças a continuar a bataria dos muros: e forão ordenando de novo humas estradas cubertas pera se chegarem a nós sem perigo: e tendo feito disto quanto lhes pareceo bastante perá se poderem arrimar e escalar a muralha, amanhecerão hum dia sobre ella com grande numero de altas escadas, e começarão a subir por ellas os mais valentes, que forão muytos. Acudirão os nossos ao perigo, e a botes de lanças e chuças fizerão cahir huns sobre outros, com que muytos forão mortos: E logo soltando sobre os mais grande golpe de panellas de polvora, queimarão tantos, que mal de seu grado largarão o posto os que ficarão livres do fogo, deixando o chão alastrado de corpos mortos e das suas escadas.

Devia elRey confiar muyto neste escalamento. Deixouse entender em que despois que vio o pouco effeito delle, não tentou nenhuma cousa mais contra a fortaleza: e foy tomando novos conselhos, e todos de mais perdição sua: porque se veja em que parão trayções. Resolveo com o Xech seu sogro, e Mahamed Morado, seus principaes conselheyros e privados, passar a cidade com todos os moradores pera outra terra e outro sitio. Era a imaginação, e discurso, que deixando elles a cidade erma, fariamos nós outro tanto á fortaleza. Porque ficando Ormuz sem gente, não tinhamos nós pera que sustentar muros e soldadesca em terra deserta. O sitio que escolherão, foy a ilha de Quéixome. Fica Quéixome á vista de Ormuz, em distancia de tres legoas. Jaz sobre a costa da Persia, e tão arrimada a ella, que a cinge como huma faxa: porque sendo em demasia estreita, se estende ao longo da terra firme por espaço de quinze leguas: tem muytas e boas agoas, e fertilidade bastante, mas os ares são pera a saude pestilenciaes. A tal terra trouxe a desesperação, e força de maos conselhos este miseravel Principe. Mandou com pregão publico

declarar sua mudança, e amoestar que todos o seguissem com familias e fazendas, e que pera isso terião embarcação franca. Com lagrimas e desconsolação foy recebido do povo tal dito: mas executado logo. Porque elRey se passou huma noyte caladamente, e pera que o povo fizesse o mesmo, deixou sessenta terradas, pera sua embarcação, e hum Capitão com mil e quinhentos frecheyros pera guarda. Este foy Mir Corxet, que soube ser tão astuto, que pera os nossos não impedirem a passagem, procurou pratica com Dom Garcia, vendendo-se-lhe por amigo; e lançando as culpas da guerra aos privados delRey, fazia-lhe crer que o ficar elle na terra, era a fim de tratar pazes, pera que affirmava ter ordem, e commissão delRey. Entre estes enganos, que muyto valerão ao mouro pera acabar de fazer a transmigração em salvo, amanheceo o dia de 19 de Janeiro que mostrou aos nossos hum espectaculo que a todos fez magoa. Ardia toda a cidade em fogo, que durou quatro dias inteyros com tal violencia, que temerão os da fortaleza se lhe communicasse dentro. E com tudo inda o Mir Corxet vêo demandar o Capitão, e continuando em sua malicia affirmava que o fogo fora posto a caso: e que no trato das pazes não averia duvida. Porém passado o quarto dia, em que tudo o melhor da cidade estava feito em brasa e cinza, se embarcou com todos os seus. Então sahirão muytos dos nossos a ver de perto o lastimoso estrago da cidade feito por mão de seus naturays, e de mandado de seu Rey. Outros forão buscar suas pousadas, a ver se achavão inda alguma fazenda da muyta que todos tinhão: mas tudo era ou levado, ou feito carvão. Contentarão-se com acharem algumas jarras de mantimento, e cisternas de boa agoa, que forão de muyto proveito.

Aliviada por esta maneyra a fortaleza do cerco, e remediada na sustentação, respirarão os nossos. Porque não tardou em chegar largo provimento de todo o necessario, em hum navio da India, e noutro galeão em que vinha por capitão Dom Gonçalo Coutinho primo de Dom Garcia, e filho de Dom Diogo Coutinho, mandado de Chaul pollo Capitão-mór do mar Dom Luis de Menezes. Assi pareceo bem a Dom Garcia que se fossem Manoel de Sousa, e Tristão Vaz a Curiate, a ver se podião livrar de catveyro a gente de Manoel de Sousa.

CAPITULO XIX.

Avisa o Governador a seu hirmão Dom Luis que acuda ao soccorro de Ormuz: Faz novo Capitão em Chaul: Despacha outros Capitães pera varias partes. Dom Luis navega pera Ormuz.

Pouco avia que Dom Luis era chegado a Chaul, quando teve aviso do Governador seu hirmão, que cumpria hirse com toda diligencia a Ormuz a soccorrer Dom Garcia Coutinho. Porque além da necessidade que obrigava, hia já nas naos de viagem a nova do cerco, e levantamento: e pollo abalo que avia de fazer em Portugal era bem darem-se mais pressa em salvar aquella praça, que despois de Goa era a mayor e melhor parte do estado da India. Que por hora se fosse com os navios que levara de seu cargo: e que pera apparecer mais poderoso aos levantados, serião com elle antes de chegar a Ormuz mais tres naos, que ficava despachando com o novo Capitão João Rodriguez de Noronha, que hia succeder a Dom Garcia. Que pera guarda da fabrica que se fazia em Chaul, proveria de novo gente e navios. Era Dom Luis homem de guerra: sabia quanto pode nella a boa diligencia; quiz em quanto se aprestava pera partir, antecipar parte do soccorro, com despachar no mesmo dia que teve o aviso do Governador a Dom Gonçalo Coutinho com hum galeão bem provido de gente, vitualhas e munições. (1) E elle passados poucos dias se partio apoz Dom Gonçalo, levando consigo tres galeões, e quatro fustas e huma caravella, de que erão Capitães, elle, e Ruy Vaz Pereyra, Antonio de Lemos, Nuno Fernandes de Macedo, Anrique de Macedo seu hirmão, Duarte de Tayde, e Pero Vaz Trevassos.

Como Dom Luis deixava Chaul, tratou o Governador de segurar a obra que ali fazia, por duas maneyras; primeyra, porque teve aviso, que o dano que os nossos recebião na guerra que lhes fazia Aga Mahamud capitão de Miliquiás, procedia de trazer navios de remo leves e ligeyros, ordenou mandar doze fustas, que juntas com a mais

(1) Barros Dec. 3. L. 7. C. 4.

armada que lá avia, guardassem a costa, repartidas em tres esquadras, a cargo de tres Capitães que logo nomeou: que forão Dom Vasco de Lima, Francisco de Sousa Tavares e Martim Correa. Foy a segunda tirar o cargo da nova fortaleza a Anrique de Menezes, provido por Diogo Lopez de Sequeira seu tio, hirmão de sua mãy: e pôr nelle Simão d'Andrade, conhecido, quando moço, por valente cavalleyro; e agora, que era entrado em dias, por virtuoso e sisudo: ao que se juntava estar muyto rico de huma viagem que fizera á China, e ser tão amigo do serviço delRey, que das doze fustas, que temos dito, tinha elle feito as seis á sua custa. Justo e acertado provimento, se o não danara fazer o Governador semjustiça ao primeyro provido, que a possuhia legitimamente, por privilegio que os Governadores tem de darem a quem lhes parece as fortalezas que fundão de novo. Mas o que mais afeou o caso, e afiou as linguas dos murmuradores contra o Governador foy, que misturou com a data da fortaleza delRey negocio proprio, contratando casamento de huma filha bastarda com Simão d'Andrade. Mostrou logo Simão d'Andrade ser digno do cargo, e de cousas mayores. Passando por Dabul com as fustas que dissemos, foy avisado serem entradas no rio duas galés de rumes: Mandou da boca delle dizer ao Capitão da cidade, que lhas entregasse, com apercebimento que avendo tardança, elle as hiria tomar sem por isso lhe ficar devendo nada. A recado tão resoluto não ouve replica; entregou as galés: E porque soube que ficava em Chaul por Capitão e seu visinho, lhe significou que folgaria de assentar com elle amizade: respondeo Simão d'Andrade que o sinal que a cidade de Dabul avia de dar pera a merecer, era sogeitar-se ao serviço delRey de Portugal: e em reconhecimento de vassallagem acudir-lhe com suas pareas. Aceytarão o Capitão e a cidade o concerto: fizerão seus assentos de sogeição ao Estado, e que as pareas fossem dous mil Xerafins por anno. Este era Simão d'Andrade. Porém será razão ficar aqui dito que o matrimonio não ouve effeito: e elle despois de muytos annos do serviço delRey, vêo a tomar melhor amo, entregando-se a Deos na religião de S. Domingos, cujo habito recebeo em Goa: e nelle acabou santamente, co-

mo mais ao largo contamos nos livros que temos escrito da nossa Ordem (1).

Apoz este despacho lançou o Governador polla barra fóra outros tres Capitães, a saber: João Rodriguez de Noronha que hia succeder na Capitania de Ormuz a Dom Garcia, e levou tres naos pera acompanharem a Dom Luis, em caso que fosse necessario valer-se dellas: e Martim Affonso de Mello Coutinho pera a China: e Dom André Anriquez pera a fortaleza nova de Pacem. O successo que teverão, veremos adiante.

Entre tanto navegava Dom Luis parecendo-lhe annos cada hora que tardava em chegar a Ormuz. Passou por Calayate, onde o Guazil que matara os nossos que ali estavão, e cativara os soldados de Manoel de Sousa, estava armado com uma carta do Rey de Ormuz, em que desculpava seu levantamento e maldades com queixas do Governador Diogo Lopes de Sequeira, e dos Capitães de Ormuz. Pedio-lhe Dom Luis os cativos. Não vêo em os dar, nem Dom Luis quiz por então tomar vingança delle, receando que a pagassem os cativos, que erão vinte e seis portuguezes. Aqui se lhe juntarão Manoel de Sousa Tavares, que vinha em demanda dos seus soldados, e Tristão Vaz da Veiga: E pouco despois chegou da India João Rodrigues de Noronha com as suas tres naos, com que fez fermoso corpo de armada: com que foy entrar em Mascate, onde foy festejado do Xeque nosso amigo, e Dom Luis o honrou de palavra e obras em graças da fé que teve com os nossos, como atraz fica dito. Erão já onze de Març̧o quando chegou a outro lugar e fortaleza da costa de Arabia pouco distante de Ormuz: chama-se Soar: e porque o Guazil seguira o levantamento e ordens delRey Torunxá contra os nossos, assolou o lugar e tomou a fortaleza, fugindo oytenta persas que tinha de presidio antes de acometidos: e entregou-a a hum Xeque arabio chamado Hocen Ben Sayd, que prometteo guardalla por elRey de Portugal. Nesta paragem vêo encontrar a Dom Luis hum criado do capitão Dom Garcia, pollo qual o mandava avisar de grandes alterações, que de novo erão succedidas na casa real de Ormuz, e entre seus ministros. He de saber que o autor originario de todos os males e trayções destes

(1) P. 3. L. VIII. C. 4.°

mouros nunca foy outro, senão Rayz Xarafo Governador ou Guazil-mór do Reyno: mas era tão sagaz, que sabindo de seu perverso animo todas as traças do levantamento e mortes que ouve, e despois o despejo, transmigração, e incendio, tal era o aviso, segredo e dissimulação, com que as encaminhou, que no publico as culpas erão alheas: elle sempre se ficava vendendo por innocente ao povo: e até aos nossos. Porém vendo agora que se chegava dia de juyzo pera elle com a vinda e poder de Dom Luis, e começando a temer o mesmo os mais cumplices, porque o mesmo Rey os avia de accusar e descubrir, primeyro vierão a entrar em brigas entre si, querendo, ao que se pode crer, sanear cada hum sua causa, com carregar culpas ao companheyro, de que resultou ficar mal ferido o mayor valido delRey, que era Mir Hamed Morado, e Rayz Xarafo tomar animo pera nova trayção, persuadindo a Rayz Xamisser seu hirmão, e Rayz Geilal, que convinha pera salvação de todos tirarem do mundo a seu amo e senhor o pobre Rey Torunxá: que morto elle não tinhão que temer culpas, nem accusador: porque despois de enterrado, nem poderia descubrir crimes alheos, nem defender-se dos que sobre elle amontoarião, como em quem era Rey e cabeça e senhor de todos. Assi vay huma maldade chamando, e ás vezes necessitando outra. Era o Rey froxo e pouco acautelado: tinhão os dous entrada com elle como nobres que erão: executarão sem difficuldade a trayção. Acudio Xarafo, empossou-se da familia e thezouros: publicou que morrera naturalmente, como era já notorio que andava enfermo: e fez levantar por Rey hum moço de treze annos, chamado Mahamud Xá, filho delRey Ceyfadim passado. Este ficou Rey em titulo, e Xarafo na sustancia.

Espantado Dom Luis de tantas novidades, e receoso de outras mayores, levantou ferro de Soar a toda pressa. Navegando appareceo huma terrada que se vinha contra a frota, demandando a capitana. Chegada a bordo, vio-se nella hum mouro que na representação, e geito mostrava ser pessoa honrada, que disse vinha inviado pollo novo Rey Mahamud Xá com visita e presente pera o Capitão-mór. Mandou-lhe dizer Dom Luis, que se fosse a Ormuz, que lá o ouviria. Mas não era bem desembarcado, quando foy o mouro com elle levando sua carta e presente. Não quiz Dom Luis ver huma cousa, nem outra, senão em sala publica,

diante de muytos fidalgos e soldados: e respondendo á visita com palavras de cortezia, tomada do presente huma pouca de verdura, mandou ao messageiro que tornasse a levar o mais. Não duvidarão os presentes, que seria o mais outro genero de verdura com que Xarafo costumava resgatar suas insolencias, quero dizer força de moeda ou peças de grande valia: e ficarão pasmados como de grande novidade. A obra foy de Dom Luis: mas o conselho naceo de Inacio de Bulhões feitor de Ormuz, a quem he razão darmos o louvor della. Como se criara em casa do Conde Prior, pay de Dom Luis, quando Dom Garcia o mandou avisar a Soar das alterações que contámos, lhe escreveo elle poucas regras que dizião assi: «Fuy criado do Conde vosso pay em Portugal, e sou aqui ministro delRey. Huma e outra cousa me obriga a escrever-vos: e d'ambas fio que me dareis credito. Vindes remediar a melhor praça da India: e vingar o sangue de cento e vinte portuguezes mortos á trayção e a sangue frio. Faço-vos saber que estamos já no tempo, que hum gentio profetizou, que os portuguezes ganhando a India como cavalleyros, a perderião como mercadores: quiz dizer por falta de verdade e sobegidão de cubiça. Não basta, senhor, ser limpo de mãos e de condição: convém também parecello. O primeyro serve pera acertar o negocio, o segundo pera conservar reputação. Cá está tudo em estado, que não ha mouro que cuyde aveis de ser de ferro pera o seu ouro: nem christão que o crea. Filho sois de bom pay, e criado em boa escolla. Ao sabio basta pollo na estrada e deixallo. Deos vos guarde.»

Descontente ficou Xarafo deste modo de proceder, parecendo-lhe que o avia com homem que o entendia, e conhecia suas manhas: e todavia não desesperando dellas, fez segunda visita, em que ajuntou carta sua a outra delRey, acompanhadas ambas com peças de seda rica da Persia. Era o argumento das cartas ambas hum só, desculpar os males passados, carregallos todos sobre o Rey morto. Respondeo Dom Luis com palavras gerays e cortezes, como na primeyra visita, apontando em resolução que pera quietação e boa ordem de tudo se viesse elRey e o povo pera a sua cidade. E sem tomar nada do presente despedio o Embayxador. Fazia-se de mal a Xarafo metter-se em poder de homem tão inteiro e limpo, e cercado de tamanha armada: e como sua consciencia o arguhia, represen-

tando-lhe d'antemão muytos generos de perigos, não se resolvia nem atrevia a tornar pera Ormuz. O que entendendo Dom Luis, por serem passados oyto dias sem nenhuma conclusão, se passou em primeyro de Junho com toda a armada a Queixome. Onde despois de tentadas em segredo algumas traças por aver á mão a pessoa de Xarafo, que não ouverão effeito, e fazendo-lhe no publico honras e gasalhado, em fim forçado do estado das cousas, e do muyto que cumpria tornar-se a povoar Ormuz, e dissimular por hora com o passado, por se não arriscar o presente e futuro, porque já se soava que Xarafo trazia em pratica passar-se pera Chilao, com o Rey e seus thesouros, lugar da costa da Persia donde era natural, vêo a concertos de paz, que se assentou na forma seguinte: Que elRey com toda sua Côrte e povo se passasse a Ormuz: que pagasse de pareas ordinarias vinte e sinco mil xerafins: e a este respeito o que se devesse dos tempos atraz: que governasse seu Reyno sem os Capitães da fortaleza se entremeterem com elle, nem na fazenda nem na justiça: tornasse todos os cativos; e pagasse a seus donos as fazendas tomadas, ou queimadas na noyte do levantamento. Assinarão-se estas condições por elRey e Dom Luis, e o Governador Xarafo. E logo vierão muytas peças ricas de ouro e pedraria, humas que Xarafo apartou pera hirem a Portugal a elRey, e á Raynha, em seu nome, e de Mahamud Xá: outras que offereceo a Dom Luis, e elle as acceytou desta vez por cortezia, mas dando ordem que fossem entregues ao feitor Inacio de Bulhões, que as mandou todas a Portugal com as que se derão pera elRey, nas tres naos com que viera João Rodriguez de Noronha, que Dom Luis despachou logo pera Cochim tanto que assinou as pàzes, porque erão parte das que avião de hir pera o Reyno com carga de especiaria, Capitães Lopo d'Azevedo, Duarte de Atayde, e Manoel Velho, por Pero Trevassos, que tinha a capitania da terceyra, e ficou em Ormuz doente. O successo que teverão foy perder-se em Mascate a de Duarte de Atayde com hum temporal que lhe deu sobre anchora. Acabou nella muyta gente nobre: entre outros o Capitão e hum filho seu, e Dom Garcia Coutinho. As duas chegarão a Cochim em paz, e partirão com sua carga pera o Reyno em entrada do anno de 23, como adiante veremos. E Dom Luis não tardou em se hir traz ellas por-

que entrava a monção de hir esperar as naos de Meca sobre a ponta de Dio: onde andou sem encontrar mais que huma que tomou, até que hum rijo temporal o obrigou a arribar a Chaul já em 16 de Setembro, e pouco despois passou a Goa.

CAPITULO XX. (1)

Partem Dom André Enriquez a entrar na fortaleza de Pacem: Martim Affonso de Mello Coutinho pera a China: Antonio de Brito pera Maluco.

Antes que desembarquemos a Dom Luis em Goa, parece que levará a Historia a sua verdadeyra ordem se relatarmos primeyro todos os mais successos, que nestas partes orientays teverão os nossos, em quanto dura o anno de 1522 que nos vai correndo: E por esta razão faremos agora huma breve memoria da viagem, que vierão a fazer nelle tres Capitães despachados por elRey Dom Manoel cada hum a seu effeito. Dom André Enriquez a entrar na Capitania de Pacem: Martim Affonso de Mello Coutinho, a fundar huma fortaleza em terras da China: Antonio de Brito outra em Maluco. Dom André Enriquez filho de Dom Enrique Enriquez senhor da villa das Alcaçovas passou á India em companhia do Governador Dom Duarte de Meneses, provido por elRey Dom Manoel da fortaleza nova de Pacem. Chegou a ella em Mayo. Foy entregue da Capitania em 23 do mesmo mez, por Antonio de Miranda d'Azevedo que a servia. Era o sitio na costa da grande ilha de Samatra, em terras do Reyno de Pacem, visinha da mesma cidade que dá o nome ao Reyno e á fortaleza; terra opulenta de muytos generos de mercadorias, mas de ares pestiferos pera os que não são naturays. Porque jaz debayxo da Torrida Zona, em sinco gráos pouco mais ou menos á banda do norte. O estado em que Dom André a recebeo, era de guerra, rota e cruel, que Raia Abrahemo Rey do Achem lhe fazia; guerra de odio e rayva, naci-

---

(1) Aqui parece que deve entrar o primeyro desbarate que teve Jorze d'Albuquerque em Bintão acompanhado de Antonio de Brito que parece foy na entrada deste anno de 522. *(Nota á margem do Ms.)*

da de que tendo feyto muytos males em gente e navios nossos, e procurando fazellos mayores contra esta fortaleza, fora não só rebatido em varios acometimentos, com que a tentou; mas ficara nos mais delles vencido e afrontado, e com muyta gente morta. Ajuntava-se, que aspirava a fazer-se senhor dos Reynos de Pedir e Pacem nossos alliados: e os artificios e trayções que sabia inventar lhe davão disso grandes esperanças: e nenhuma cousa achava comprir-lhe mais, que lançar da terra os portuguezes, receando, que em quanto nella durassem, poderia alguma vez acudir tal soccorro de Malaca, que lhe acontecesse o que ao tyrano velho de Pacem, e perder como elle estado e vida. No tempo que Dom André chegou, tinha já despojado de todas suas terras ao Rey de Daya, e entrado tanto pollas de Pedir, que o pobre Rey não se atrevendo a esperallo na cidade cabeça do Reyno, se vêo metter na de Pacem, e favorecer-se de Dom André e da fortaleza. Assi ficou Abrahemo senhor de dous Reynos: porque na hora que o Rey de Pedir sahio da cidade, tão vencidos tinha os melhores della com dadivas e promessas, que foy recebido sem nenhuma contradição. E com tudo, avendo que tinha feito pouco, por lhe ter escapado a pessoa do Rey, foy maquinando huma traça pera o aver ás mãos, com que de caminho podesse fazer alguma boa sorte contra os portuguezes da fortaleza. Despejou a cidade, tanto que foy senhor della, fingindo nos modos, que era lançado á força pollos naturays. E logo concertou com os mais honrados que escrevessem a seu Rey e senhor verdadeyro, que soubesse, como elles o tinhão feito fugir da cidade: e á ley de bons vassallos, estavão prestes pera o receber nella: e que podia vir não só pera reynar, mas tambem pera destruir seu enemigo Abrahemo: o que poderia fazer ligeiramente ajudando-se das armas portuguezas. Enganou-se o despojado, como he facil de crer o que se deseja. Mas foy mayor a culpa de Dom André, que devera ser menos confiado. Concertarão que fossem oytenta portuguezes em huma fusta, e algumas lancharas (são lancharas embarcações de remo rasas e ligeiras), acompanhadas de duzentos mouros amigos: capitão de todos Dom Manoel hirmão de Dom André. Foy seu Rey por terra com bom numero de gente sua e alguns elefantes de guerra: entra na sua cidade, com verdadeyra alegria do povo ignorante, falsa e

fingida dos grandes, que o tinhão enganado com suas cartas: entrão os nossos no rio: começão a consultar como hirião sobre o arrayal de Abrahemo, quando chega recado a Dom Manoel que se pozesse em salvo, porque estavão todos vendidos. Foy o caso que entre tanta gente falsa ouve hum bom espirito, que aquella manhã madrugou mais que o Sol, a avisar a elRey de Pedir que soubesse que todos os seus mais amigos estavão conjurados pera o entregar a seu enemigo Abrahemo, na hora que sahisse a acometello: e tal conta lhe deu de toda a trayção que lhe estava armada, que o pobre Rey cahindo tarde em que fora em demasia credulo, se sahio dissimuladamente com dous elefantes e alguma pouca soldadesca que o pôde seguir, avisando juntamente a Dom Manoel que fizesse o mesmo. Quando Abrahemo soube ser descuberta a silada, e que lhe escapara o Rey, foy-se com todo seu campo sobre os portuguezes. Tinha muytas lancharas escondidas pollo rio assima bem providas de gente e armas, com ordem que a certo sinal dessem sobre a fusta e suas lancharas. Trabalhava Dom Manoel já por se livrar da garganta do rio, mas era trabalho perdido, porque a conjunção de maré vazia tinha as embarcações em seco, e sem poderem dar passo, sogeitas á frecharia, e todo genero de arremesso, que os enemigos disparavão sem cessar, de huma e outra margem do rio, que além de correr muyto estreyto na paragem em que estavão, ajudava a violencia dos tiros com as barreyras altas: e com as mesmas os emparava da nossa artilheria que jogava de balde. Assi estiverão desesperados vendo-se ferir e matar sem remedio, até que tornou a enchente da agoa. Mas então começou nova briga, decendo contra nós a toda furia as lancharas escondidas, que erão em grande numero, e bem remadas, e ajudarão a vitoria com tão grande perda nossa, que só dos portuguezes forão mortos trinta e sinco, e entre elles Dom Manoel que os capitaneava.

Encheo-se Dom André de melencolia: e foy cahindo na conta que entrara em praça mais aparelhada pera perder honra, que pera a ganhar. Abria os olhos e via que era toda de madeyra, e tal que com ser nova no feitio, estava gastada e velha na sustancia. A causa estava clara: penetrada a madeyra das agoas do ceo que neste clima são continuas e grossas, e logo ferida da vehemencia

do Sol, abre, troce, apodrece, e em pouco espaço de tempo fica inutil. Considerava que o avia com hum enemigo poderoso, inquieto e atrayçoado: e que nos amigos faltavão forças e prudencia. Prejudicou ao corpo a força do cuydado, ajudada dos ares grossos e maos. Cahio em cama; e resolveo-se em escrever ao Governador que provesse a fortaleza de gente e capitão: de gente, porque pera com tays enemigos, e terra tão mal sam, era pouca a que tinha: de capitão, porque segundo o estado de sua doença, tinha pouca esperança de vida.

Em quanto Dom André espera successor, passaremos com Martim Affonso de Mello Coutinho á China. Era a ordem que levava delRey Dom Manoel hir-se ao porto de Tamou, e procurando amizade com o Rey daquella grande provincia, edificar nelle, ou n'outro lugar que mais accommodado parecesse, huma fortaleza em que elle ficasse por capitão. (1) Facilitava o negocio ter mandado Fernão Peres d'Andrade hum Embayxador ao mesmo Rey, que foy Thomé Pires: e não avia até então novas do mal que lhe sahira a jornada. Levou pera o effeito quatro navios, de que erão capitães, elle, e Vasco Fernandes Coutinho, e Diogo de Mello Coutinho seus hirmãos, e Pedro Homem filho de Pedro Homem que fora Estribeyro-mór delRey Dom Manoel. Juntarão-se-lhe mais em Malaca, donde sahio em dez de Julho deste anno, duas velas de Duarte Coelho e Ambrosio do Rego. Por Agosto chegou á ilha de Tamou, e entrou no porto acompanhado de Diogo de Mello, e Pedro Homem, com tanta confiança e descuydo como se entrara na barra de Goa. E foy na pior conjunção que pudera ser. Porque em terra andavão os chins encarniçados na prisão do Embayxador Thomé Pires e seus companheyros, e muyto mais no roubo de seu fato e fazenda que era muyta e boa: e no mar corria a costa huma armada grossa da mesma provincia, por ser monção em que acudião áquelle porto navios de varias nações a fazer seu trato. Procurou Martim Affonso tomar lingoa da terra: mandou hum barco e outro ao General da armada. Não lhe tornando nenhum, entendeo que estava todo de guerra, e que fizera erro em se metter no porto. Determinou sahir-se ao mar largo. Não esperavão mais os chins, que ver o movimen-

(1) Barros Dec. 3. L. 8.° C. V.

to que fazia. Tanto que virão que os nossos se fazião á vela, forão sobre elles com todo seu poder, disparando muyta artilheria. Era o partido muy desigual: e acrecentou a desigualdade hum desastre: Deu fogo na polvora no navio de Diogo de Mello, voarão as cubertas pera o ceo, e foy toda a gente ao mar, huns mortos, outros nadando. Era Pedro Homem tão animoso, que lhe não tolheo a vista de tantos enemigos mandar alguns homens no batel a ver se podião salvar Diogo de Mello: e foy parte a falta delles; pera ser acometido com mais ousadia dos chins, e com menos difficuldade entrado. Era Pedro Homem de corpo agigantado, e de forças e animo igual. Pelejou de maneyra, que se o não acabara hum tiro de fogo, contra quem não valem forças nem esforço, puderamos dallo por vencedor de hum exercito inteiro. E isto he certo, que teverão tanto que fazer os chins, com elle só, e com o seu navio, que isso valeo a Martim Affonso pera não entenderem com elle. Assi vendo que não tinha outro remedio, se fez á vela pera donde viera, e chegou a Malaca meado Outubro do mesmo anno: e dahy se passou á India na monção.

No mesmo tempo que Martim Affonso navegava da India pera Malaca, a dar cumprimento á mal estreada viagem que acabamos de contar, se despedia Antonio de Brito no cabo de Sincapura (1) de Jorze d'Albuquerque, capitão de Malaca, pera hir fundar fortaleza nas ilhas de Maluco, por mandado delRey Dom Manoel, que sendo convidado por cartas de dous Reys destas ilhas, pera mandar edificar nellas huma praça forte, como tinha em muytas terras da India, ordenou que fosse Jorze de Brito com navios e poder bastante. Na Capitania delles, porque Jorze de Brito foy morto em huma sahida que fez na ilha de Samatra no porto de Achem, entrou por successão Antonio de Brito seu hirmão. Os navios forão seis; os Capitães dos sinco Francisco de Brito, Jorze de Mello, Pero Botelho, Lourenço Godinho, Gaspar Gallo: elle do seisto. A gente passava de trezentos homens. Entrou pollo estreyto de Sabão: e seguindo sua viagem, arribou com hum tempo forte á ilha de Banda, que he já do senhorio de Maluco, onde deu pendor aos navios pequenos, que avião mister reparo por aver muyto tempo que navegavão. Daqui foy deman-

(1) Barros Dec. 3. L. 4. C. 5.

dar as ilhas de Maluco e primeyro a de Bachão, a cujo Rey determinou dar castigo, por huma maldade que naceo de traça sua, em que forão mortos alguns soldados do junco de Simão Correa. Pareceo que convinha assi a nossa reputação. Sahio em terra Simão d'Abreu: queimou huma aldea, e matou muytos moradores.

As ilhas de Maluco, tão nomeadas pollo fruito do seu cravo que só ellas dão no mundo, são sinco: e tão pequenas que a mayor não passa de seis legoas em roda. Sendo todas juntas conhecidas pollo nome geral de Maluco, cada huma tem tambem outro particular. Jazem de norte a sul huma ante outra. A primeyra he Ternate, a segunda Tidore, as outras tres Moutel, Maquiem, e Bachão. Sua situação he debayxo da Equinocial, e tão vizinhas á linha, que Ternate se não afasta della mais que por mêo grao. Os mareantes contão trezentas legoas de viagem dellas a Malaca. No tempo que Antonio de Brito chegou, erão as tres governadas por Reys: Ternate por Cachil Boáhat minino de sete annos filho de Buleyfe, que primeyro e com mais instancia requereo a fortaleza: Tidore por Almansor; Bachão por Laudim. Desembarcou Antonio de Brito em Ternate com grande alvoroço da Raynha viuva, e festa de todo o povo, persuadindo-se ella e elle que ficava Ternate envejada e aventajada de todas as mais ilhas em honra e proveito com a nossa vizinhança e fortaleza: e procurando em que não ouvesse tardança na fabrica, escolheo Antonio de Brito pera lançar a primeyra pedra o dia de S. João Bautista 24 de Junho deste anno. Chegado o dia, appareceo com toda a gente e armada posta de festa, coroados elle e os mays dos homens com capellas de flores, e ervas cheyrosas colhidas por devação do Santo na mesma manhã: e assentou por sua mão a primeyra pedra na fortaleza que por respeito da festa ficou com o nome S. João. Foy o sitio sobre o porto que he junto da cidade, em hum arrecife que deu firme fundamento á obra. Trabalhavão os portuguezes, ajudavão os da terra, crecião as paredes. Mas he grande a inconstancia do juyzo humano. Longe estava a fabrica de chegar a sua perfeição, quando a Raynha e muytos dos seus, como se acordarão de pesado sono, se começarão a culpar de terem tomado sobre o pescoço hum terrivel jugo naquella fortaleza. Crecia o desgosto a passos iguays com a fabrica. Enxergou-se em que os naturays co-

meçarão a faltár no fervor primeyro. E Almansor Rey de Tidore fomentava o descontentamento da Raynha sua filha: fazia-lhe crer que Cachil Daroes hirmão bastardo do Rey minino que por elle governava a terra tinha já mais poder no Reyno, que elRey seu filho, e a poucos lanços se faria Rey com o favor que tinha no Capitão e fortaleza: e o que cumpria, era, antes que ella estivesse mais defensavel fazer-lhe a guerra, e procurar logo algum meyo de darem a morte ao Capitão. Tratou-se de tentar veneno. Aprazou Almansor hum famoso banquete: chamou o Capitão; mas elle andava sobre aviso: fingio doença, e escusou-se. Seguio logo outro genero de guerra, que foy represa secreta nos mantimentos que vinhão á praça, de que os nossos se sustentavão. Tanta era a falta, que avendo na fortaleza muytos doentes, não se achava huma galinha por nenhum dinheyro. Determinou-se então o Capitão em hum feito ao parecer cruel: mas muy necessario pera o estado presente, que foy com autoridade de Cachil Daroes, que sempre achou fiel, trazer a pessoa do Rey moço, e seus hirmãos e mãy pera a fortaleza. A mãy sintindo-se culpada, retirou-se com tempo pera a serra: os moços vierão: e sendo tratados com a cortezia devida, quiétou o povo e segurou a fortaleza. Mas porque Almansor Rey de Tidore era o principal movedor destas alterações, publicou o Capitão guerra contra elle. Della faremos relação no anno de 23 em que succedéo.

CAPITULO XXI.

Do successo que teverão as naos de carga que este anno despachou o Governador Dom Duarte pera o Reyno: e as que do Reyno partirão pera a India.

Como he parte principal da Historia clareza e distinção de tudo o que nella se trata, tenho tenção de dar hum capitulo cada anno ao numero das naos, que acharmos despachadas da India pera o Reyno: e no mesmo dar conta das que do Reyno sahirem pera a India com a relação de suas viagens. E porque de ordinario, as que se despachão no Oriente tem seu aviamento mais temporão, diremos sempre destas em primeyro lugar: e no segundo das que partem de Portugal.

Achamos que despachou o Governador Dom Duarte a seu antecessor Diogo Lopez de Sequeira por fim do mez de Janeiro deste anno de 522: e entrou Diogo Lopez em Lisboa a salvamento com oyto naos, de que erão Capitães elle, e Dom Aleyxo de Menezes, Ruy de Mello de Castro, Dom Ayres da Gama, Manoel de Lacerda, André Dias, Sancho de Toar, Pero Quaresma. E porque em Março do mesmo anno tinha chegado a nao Annuncida de Bertolameu Florentim, de que era Capitão seu filho Pero Paulo Marchone, forão por todas nove naos as que este anno entrarão em Lisboa com carga de especiaria. Mas não podemos deixar de dizer, que sendo tantas as naos, e todas bem carregadas na India, a mayor parte da pimenta de algumas se achou em Lisboa mais terra, que pimenta. Porque além de quebrar no peso, a setenta por cento, era tal em sustancia, que chegando neste primeyro anno do governo delRey Dom João, não teve gasto a contia de duas naos, senão quatro ou sinco annos despois de seu falecimento, que então lhe fez venda não aver outra na casa (1). Deu-se a culpa a André Dias Alcayde de Lisboa que elRey Dom Manoel mandou á India no anno de 1520 com grandes poderes pera elle só negociar a pimenta: ao que se pode entender com alguma desconfiança dos Ministros da India. Este homem se deixou enganar, aceitando pimenta verde, e carregando-a sem reparar nisso, sendo ponto que mais devera ponderar. Dezejou parecer grande official em carregar muyta contia: da bondade, ou não fez caso, ou a não entendeo. A causa de serem muytos quintaes na carga de Cochim, e muy poucos na descarga de Lisboa foy que como não era colhida de vez, nem madura, chupava-se, secava e sumia-se com a quentura propria, e do navio e longa viagem: e assi vinha huma a quebrar desmedidamente, e outra a resolver-se em terra e pó.

Por Abril deste anno se despacharão de Lisboa pera a India tres naos: e não forão mais, assi porque o novo governo trouxe comsigo occasiões e negocios a que foy força acudir primeyro, como porque o grande poder que o Governador Dom Duarte levara no anno atraz fazia escusado metter no presente mayor cabedal. Forão os Capitães Dom Pedro de Castelbranco, filho de Dom Pedro de Castel-

(1) Barros Dec. 3. L. 6. C. 10.

branco: Diogo de Mello que hia pera succeder na Capitania de Ormuz, na vagante de João Rodrigues de Noronha, e Dom Pedro de Castro filho de Estevão de Castro: E não ouve entre elles Capitão-mór. Partirão de Lisboa tarde, e só Dom Pedro de Castelbranco passou á India: os companheyros invernarão em Moçambique. Tomou Dom Pedro a barra de Goa; e foy o primeyro que levou a nova do falecimento delRey Dom Manoel e successão delRey Dom João. Enxergou-se no extraordinario sentimento que ouve em todos os portuguezes moradores da India, que não erão os Reys de Portugal senhores somente dos corpos dos homens: mas muyto mais das almas e vontades. E podemos contar esta por huma das mayores boas venturas de tays Reys.

Agora digamos o que aconteceo aos que invernarão. Era capitão e feitor de Moçambique João da Mata. Estando a seu cargo arrecadar as pareas que dous mouros senhores das ilhas de Zamzibar e Pemba ali vizinhas pagavão cada anno, fazia-lhe difficultosa a cobrança, serem estes mouros mal obedecidos de muytos vassallos, que tinhão nas ilhas de Querimba, de cujo serviço e fazendas se ajudavão, pera poderem cumprir com seus pagamentos. Vio que tinha estas duas naos ali ociosas: pedio aos Capitães quizessem dar hum salto na povoação de Querimba, que era a mayor e mais rebelde em virtude do favor que tinha delRey de Mombaça; que qualquer pequeno castigo bastaria pera a reduzir á sogéição de seus senhores. Pareceo aos Capitães que se pedia cousa justa. Porém só Dom Pédro de Castro aceytou a empresa. Embarcou consigo até cem homens, repartidos por hum navio em que andava por Capitão daquella costa Pero de Monterroyo, e pollo batel grande e esquife da sua nao, e por outras duas embarcações da terra que chamão zambucos: juntarão-se-lhe muytos fidalgos, que folgarão de servir elRey naquelle feito, que forão Dom Roque de Castro seu hirmão, Dom Christovão seu primó, Dom Anrique Deça, Christovão de Sousa, que hia entrar na fortaleza de Chaul, e outros. Assi acompanhado lançou-se na praya de Querimba, defronte da povoação que jaz estendida por huma fermosa cham: e dando parte da gente a Christovão de Sousa, pera que désse ao enemigo pollas costas rodeando o lugar, acometeo a terra: mas não achou descuydo nella. Tinhão con-

sigo de soccorro hum sobrinho delRey de Mombaça com boa gente: defenderão-se com tanta ouzadia e fervor, que foy a briga de muyto sangue. Mas apertando os nossos, forão-se retirando, e posto o rosto no mato, derão com Christovão de' Sousa, com quem pelejarão de novo de maneyra que o ferirão a elle, e a Nuno Freire e Luis Machado, e outros muytos. Por fim foy o lugar saqueado de muyta e boa fazenda que nelle avia, e despois queimado. Porém não se pagou o gosto da vitoria só com a dôr das feridas, que estas são as que dão honra na guerra: outra ouve mayor, que foy perder-se tudo quanto tinhão recolhido de riqueza. Foy tanta a cobiça no carregar as embarcações que estavão em seco, e tão pouco o tento, que quando tornou a maré trabucarão todas: e ficou o mar senhor do saco. E ainda não parou aqui a desgraça: na volta pera Moçambique acharão tanto trabalho de tempos contrarios, e de fome, e sede, que fez a jornada de assaz merecimento. E todavia antes de darem vela pera a India virão fruyto della, porque acudirão a humilhar-se a Dom Pedro todas as ilhas rebeldes. Chegada a monção partirão ambas as naos juntas, e forão anchorar na barra de Goa, onde se perdeo a de Dom Pedro, que chamavão Nazzaret. Era muyto velha, e huma das mayores que se fizerão no Reyno. Huma e outra cousa foy parte pera não poder sustentar-se contra hum furioso tempo, que a cometeo.

LIVRO II. (1)

. . . .
e andar Rayz Xamixer a monte e desterrado em galardão do quo por seu mandado e promessas fizera, foy tanto seu sintimento que determinou hir-se logo pera a India sem esperar por seu hirmão: e assi o fez tomando por achaque hir esperar as naos de Meca na ponta de Dio. Porém como era Agosto e os tempos ainda verdes, foy forçado tornar a arribar a Ormuz. E em fim partirão juntos pera a India. E vierão a Goa, onde o Governador em pago da injusta pençâo com que deixava carregado hum innocente, achou perdidas as terras firmes de Goa que rendião muyto mayor contia ao Estado, como veremos no capitulo seguinte.

CAPITULO X.

Perdem-se as terras firmes de Goa. Vem novas ao Governador de ser achado o corpo do Apostolo S. Thomé.

Justiça quer Deos que guardemos ao grande e ao pequeno: ao mouro e ao judeu: e como Elle he justissimo, ordena que quando nella faltamos ou se não logre o mao interesse, ou se perca muyto mais por vias não cuydadas. Rendião as terras firmes de Goa cem mil pardaos. Estes se perderão no mesmo anno que se acrecentarão 35$ a hum Rey de treze annos, de cuja pessoa não avia culpa nem razão de queixas. Chamamos terras firmes de Goa todas aquellas que abração a ilha ao longo d'agoa, e correm pollo sertão dentro até certo limite. Estas ganhou Ruy de Mello sendo Capitão de Goa: e foy o titulo saber-se que em tempos antigos erão todas dos senhores da ilha. O modo com que se sustentavão e se arrecadava o que rendião,

(1) Lacuna desde o 1.º Capitulo até quasi o fim do 9.º— Veja-se a nota respectiva.

era o mesmo que agora se usava. Repartidas as terras em comarcas, que chamavão tenadarias, avia huma como cabeça de todas, aonde das mais se acudia com o tributo (era o nome cociverado) e hum Capitão que com gente de guerra as corria e guardava, e polla mesma razão tinha titulo de Tenadar-mór: Servia neste tempo o cargo Fernão Rodrigues Barba, provido por Francisco Pereyra Pestana capitão da cidade, com quem tinha razões de parentesco. Erão seus officiays, pera boa arrecadação das rendas, João Lobato thesoureiro, e escrivão Alvaro Barradas. Elle acompanhado de vinte e sinco de cavallo, e setenta soldados de pé, andava o mais do tempo no campo; e pera quando convinha mais força trazia a soldo seiscentos piões da terra canarins. Erão tres as tenadarias principaes, Pondá, Mardor e Margão. Estas tinhão seus particulares tenadares. E Fernão Rodrigues quando descansava era ordinariamente na de Pondá, porque tinhamos nella fortaleza. Nesta posse e estado se vivia quando entrou por ellas hum capitão delRey de Bisnagá com cem cavallos e quatro mil de pé a fim de nos lançar fóra. Acudio Fernão Rodrigues: acha-os recolhidos em hum sitio fragoso de penedias: lança-lhes diante os canarins. Estes os descomposerão de maneyra que lhe ficou facil entrallos e desbaratallos com morte de muytos, e prisão de mais de duzentos que levou como em triunfo á cidade, entrando no mesmo cavallo do capitão enimigo (chamava-se Tamerseá) porque o seu lhe foy decepado na briga.

Não tardou elRey de Bisnagá em mandar novo Capitão e maior poder de cavallaria, tanto pera ganhar as terras que pretendia serem suas, como pera se satisfazer da afronta de Tamerseú. Trazia este segundo duzentos de cavallo em que avia vinte acubertados, e tres mil de pé. Começava a fazer algum dano. Porém avendo vista de alguns nossos, que se hião a elles como descubridores do campo, tamanho terror entrou em todos, que sem esperar golpe de espada virarão as costas, e elle fez o mesmo.

Seguio a estes Capitães, passados trinta dias, outro de mais brio e mais força inviado pollo Hidalcão, com quatrocentos de cavallo e sinco mil de pé, que entrou pollas tenadarias cobrando á força as rendas e matando os portuguezes que achava nellas. Fazia já neste tempo o officio de Tenadar-mór Fernandeanes Souto Mayor que Dom Duarte de novo provera. Era bom cavalleyro: não duvidou sahir-lhes ao encon-

tro e mostrar valor. Não passava o numero dos que levava de vinte sinco de cavallo e setecentos de pé, de que só erão portuguezes sincoenta, e os mais gentio da terra. E com quanto os seus canarins na primeyra vista do enimigo, assombrados de ver tanta gente, o desempararão e se poserão em salvo, como gente vil e que não tem por afronta fugir, elle se vêo retirando e pelejando em voltas até se recolher em Mardor a hum templo, que ali avia feito a modo de fortaleza. Lançarão-se sobre elle os enimigos pondo-lhe cerco, até que no segundo dia lhe entrou de soccorro com fustas Antonio Correa pollo rio de Goa a Velha e os fez levantar. Mas não lhe soffreo o animo a Fernandeanes ficar sem vingança dos dous dias de cercado: juntou a gente de Antonio Correa com os seus poucos e com outros sessenta besteyros e espingardeyros, com que nesta conjunção se vêo a elle João Lobato: seguio-lhes a trilha: fez conta que como hião com presunção de senhores do campo e vitoriosos, estarião com descuydo, e sem receo de serem buscados: e assi aconteceo pontualmente. Descansavão ao longo de hum esteiro sobre a erva verde, huns comendo outros dormindo, sem nenhuma ordem de guerra. Aqui os salteou com tamanho impeto, que despois de huma acesa briga, que todavia mantiverão hum espaço, forão rotos e desfeitos e postos em vergonhosa fugida todos os sinco mil, deixando o campo alastrado de gente morta. Mas não sem sangue dos nossos, de que forão mortos sinco de cavallo na primeyra arremetida e quatro de pé, e feridos quasi todos e com elles o Tenadar-mór.

Agora he de considerar que com todas estas vitorias se nos forão da mão estas terras, porque como o Hidalcão confina com ellas e he senhor de grande poder, e começava a estar já desabafado das guerras dos Reys seus visinhos, ouve de nossa parte rebêo de que quebraria as pazes que comnosco tinha se de novo o escandalizassemos. Assi sendo nós os vitoriosos perdemos as terras como vencidos.

Acudio Deos nesta conjunção aos seus Reys da India com huma nova bastante a temperar mayores desgostos, qual foy a que Manoel de Frias capitão da costa de Choromandel trouxe ao governador Dom Duarte de se ter descuberto e achado o Corpo do Bemaventurado Apostolo S. Thomé no sitio da muy antiga cidade de Meliapor sete legoas do porto de Paliacate. Mas porque nas cousas des-

ta calidade não he razão contentar-se a pessoa a quem tocão senão com muy exactas averiguações, elRey Dom João que sobre todos era o que mais desejava o descubrimento das santas reliquias, estimando muyto este bom principio que Dom Duarte dera, assi em o procurar como em lhe reparar a Capella em que jazião, e nomear Capellães que nella as ficassem honrando com santos sacrificios, não se ouve por satisfeito até que no anno de 1533, governando a India Nuno da Cunha, foy tirada pollo capitão de Paliacate huma tão miuda e copiosa inquirição de tudo o que cumpria saber-se do Santo, por hum interrogatorio que elRey inviou, que tirou toda a duvida, e foy causa que desde então começasse a correr muyta gente devota a fazer sua morada á sombra do sagrado Apostolo, pelo que nos pareceo conveniente suspendermos toda a narração que aqui era devida pera a fazermos por junto chegando áquelle anno. E por hora passaremos a outras cousas que chamão por nós.

CAPITULO XI.

Successos desastrados do Capitão e fortaleza de Malaca.

Caso he digno de consideração que sendo o Governador Dom Duarte grandemente bem afortunado no governo que teve de Tangere em Africa, se lhe trocasse a ventura na Asia de maneyra que em todos os tres annos que lhe durou o cargo quasi não temos que escrever senão desbarates, mortes, desastres e successos avessos de mar e terra entre aquelles que pendião de seu governo: e sendo verdade que foy muyto temido dos mouros de Berberia, vêo a ser tão pouco respeitado dos da India, que chegarão em hum tempo que se achou em Cochim, passarem á vista da cidade, e delle, com seus paraos, e lançarem contra a terra foguetes voadores que sobião ao ceo em modo de escarneo e desprezo nosso. Que acompanhe as pessoas a boa ou contraria ventura, he cousa que leva razão, e que cada dia exprimentamos; porém que venha a trocar-se cos lugares, e depender delles, mysterio he e dos mais incubertos que a natureza em si tem. Mas sejão as causas quaes forem, os effeitos deste governo nos obrigão a crer, que póde aver tays

trocas. Parte dellas temos visto atraz: parte veremos no presente capitulo, e em outros.

Bintão he huma ilha no mar de Malaca distante daquella cidade quarenta leguas. Esta escolheo o Rey, que foy de Malaca, para passar seu desterro, e fazer assento de guerra contra os portuguezes despois que o lançámos do primeyro em que se tinha fortificado (1). Chamava-se Pago; e foy o capitão deste feito Antonio Correa tão venturoso em desbaratar Reys, que poucos annos despois fundou nella huma povoação cercada de muros e baluartes de huma madeira forte e incorruptivel, guarnecidos de muyta e boa artilheria, e fortificou o rio, por onde se vay a ella, com hum genero de estacada, por tal maneyra disposta que ficava sua entrada maravilhosamente defensavel. Daqui fazia seus saltos com muytas lancharas que trazia no mar, e o que era de mayor prejuizo, tolhia toda provisão de mantimentos aos nossos, humas vezes tomando os navios que lha levavão, outras entrando no porto e queimando os que achava nelle. Sintido destas afrontas o capitão Jorze d'Albuquerque, e d'outra mayor que teve o anno atraz quando pretendeo entrar o rio e tomar-lhe a força em companhia de Antonio de Brito, donde tornou desbaratado e com muyta gente morta, tratou este anno de se vingar de todas. Deu-lhe boa occasião o mez de Abril, com hum aviso que nelle teve de serem entradas no rio de Muar, a sete leguas de Malaca, hum grosso numero de lancharas de Bintão. Navegava Duarte Coelho em hum navio seu a descubrir, por ordem que tinha delRey Dom Manoel, de tempo atraz, a enseada de Cauchim China, que os chins chamão Reyno de Cacho. Como vinha correndo a costa, ouve vista daquella armada: entrou em Malaca pera avisar o Capitão, e ser companheyro se determinasse acometella. Ordenou Jorze d'Albuquerque a toda a pressa dez embarcações de que deu a capitania-mór a Dom Sancho Enriquez seu cunhado; hirião nellas até duzentos homens. A ordem que levarão era que o Capitão-mór no seu galeão, e Duarte Coelho na sua naveta, e Manoel de Berredo em huma galeota fossem largo ao mar, pera fazerem crer aos enimigos que erão navios de mercadores, e os convidarem a vir ao mar: e as sete ao longo da terra, pera que sahindo a armada do rio não te-

(1) Barros Dec. 3, L. 5. C. 5.

vesse despois guarida nelle. Todo este bom conselho desordenou huma trovoada, que estando prenhe de vento, rompeo tão fortemente na conjunção que as sete hião chegando á boca do rio, que humas soçobrarão logo, e outras levou a furia do vento pollo rio acima. E como á mão as metteo em meo da armada enimiga, onde os nossos cercados della, e descompostos do impeto e marulho do mar, que tudo era contra elles, forão a mór parte mortos: e teve-se por dita poderem-se recolher em salvo pera Malaca Dom Sancho e Duarte Coelho, porque as lancharas erão quarenta, como despois se soube, e não deixara de os acometer o capitão de Bintão Parducca Raja, se ou dera fé delles, ou lho não tolhera contentar-se com lhe ficarem sessenta e tantos portuguezes no rio, huns affogados outros mortos a ferro.

Não teverão fim os infortunios de Malaca nos que temos referido, nem Dom Sancho Enriquez póde escapar de acabar ás mãos dos mouros de Bintão, se bem escapou delles no rio de Muar. Póde tanto no mundo hum bafo de prosperidade, que andando este Rey aborrecido de seus visinhos, na hora que o virão favorecido de bons successos contra os nossos assi creceo em reputação, que levou traz si até os Reys que mais profissão fazião de nossa amizade. Foy hum destes o Rey de Paõ, provincia da costa de Malaca, que sendo dantes confederado e amigo nosso, pera penhor e segurança de seu animo lhe offereceo huma filha por molher. Aceitou o mouro o parenteseo, e imaginando logo que por meio delle poderia fazer alguma sorte importante contra Malaca, assentou com o sogro que estevesse o negocio em segredo, até o tempo dar de si cousa que fizesse o matrimonio celebre, que não tardou muyto. Como a cidade de Malaca não tem remedio de sustentação senão de carreto, em lhe faltando navios de mar em fora, padece muyto: vendo-se Jorze d'Albuquerque cercado de necessidades, despachou Dom Sancho Enriquez no galeão em que andava, acompanhado de outros dous navios, que fossem buscar remedio ao Reyno de Paõ. Estava o parentesco tão secreto e a amizade cos nossos inda tão corrente, que carregou Dom Sancho os dous navios, e despedindo hum traz outro, quando ficou só se achou huma manhã cercado de trinta e sinco lancharas de Bintão, que elRey de Paõ tinha escondidas em o rio. Estas o acometerão tão repentinamente, que sem se poder valer foy morto elle e Dom

Antonio seu hirmão com trinta portuguezes. Erão estes dous hirmãos filhos de Dom Afonso Enriquez senhor de Barbacena. Succedeo o caso entrada do mez de Novembro deste anno.

Com o mesmo engano de falsa amizade, e com as mesmas lancharas colheo este enimigo Rey de Paõ pouco despois, como em rede e á traição, huma náo que Jorze d'Albuquerque mandara a Sião com dous juncos a buscar vitualha. Era capitão hum André de Brito, que da India viera a mercadejar: da volta de Sião quiz entrar no porto de Paõ ignorando o que era passado com Dom Sancho. Como ha pouco reparo contra acometimento não esperado e subito, foy salteado e levado á espada com todos os seus sem escapar homem. Grande caso he que em nenhuma cousa pozesse Jorze d'Albuquerque mão ou conselho por este tempo, que lhe sahisse bem. E não duvido que ha de ficar aborrecida esta historia por tantos desastres, a quem ler por gosto, pois a my que por obrigação a escrevo me quebrantão e causão tanto horror, que estou dezejando fugir de os contar. Porém faz-me força pera não deixar nenhum, huma lembrança de que póde aver pollo tempo adiante algum Assuero, que sequer em noytes mal dormidas mande ler estes Annays, e vendo que esta he a mais certa mercadoria que os pobres portuguezes vão buscar á India por honra do Rey e do Reyno, sirva a lição de ter delles lastima, e á conta de tanto numero de mortos, folgue de fazer mercê aos poucos que tornão vivos de tão longos e perigosos desterros. He qualquer Reyno hum corpo, cujos membros são todos os particulares moradores delle. Claro está que sempre resultará consolação pera os membros maltratados da que se dér aos que menos padecem.

Tanto brio derão as perdas referidas a Laxamena capitão-mór delRey de Bintão, que entrou no porto de Malaca e acometeo com suas lancharas hum navio de Simão d'Abreu chegado de pouco de Maluco: E porque trese homens que dentro estavão se defenderão com valor, acabou com fogo o que não pôde com o ferro: arrimou-lhe a hum costado hum junco vazio que estava no porto: deu-lhe fogo: fez que ardessem ambos.

Morria Jorze d'Albuquerque por se vingar, porque como era muyto cavalleyro vinha a julgar por descredito as adversidades em que não tinha culpa. Quiz usar do con-

selho do enimigo contra o mesmo enimigo. Elle vinha tolher-nos os mantimentos com suas lancharas: achou-se com numero de navios: determinou tomar com elles a boca do rio de Bintão e fazer que lhe não entrasse barco. Manda Dom Garcia Enriquez seu cunhado com sete velas pera o effeito, com ordem que de nenhuma maneyra tentasse o rio, que já tinhão exprimentado ser impenetravel pera os navios de quilha. Estava Laxamena recolhido em hum cotovello que o rio faz na entrada: lança-lhe duas manchuas por negaça: não entendeo Dom Garcia o artificio: pareceo-lhe soberba e atrevimento: despedio dous caravellões que as fossem tomar. Mas não tinhão bem tocado a boca do rio, quando se descobre Laxamena tão vivo e prestes no remo, que antes de poderem os nossos fazer volta nem valer-se das armas forão todos mortos.

CAPITULO XII.

Cerco da fortaleza de Pacem, que obrigou aos defensores a desemparalla, e darem-lhe fogo. Guerra em Maluco contra elRey Almansor de Tidore.

Não corrião com mais prosperidade as cousas da guerra e materias de governo em outra fortaleza visinha, e por outro Enriquez administrada. Tinha Dom André Enriquez capitão de Pacem mandado pedir ao Governador no anno atraz lhe inviasse successor, e gente que defendesse aquella praça, pollas razões que deixamos contadas. Despachou o Governador no mesmo navio a Lopo d'Azevedo com algumas cousas necessarias pera provimento da fortaleza, e ordem pera Dom André lha entregar. Chegou Lopo d'Azevedo a Pacem por Junho deste anno: era Dom André vario em suas determinações; e vindo a ter differenças com Lopo d'Azevedo sobre advertencias importantes, que lhe fazia, se vêo a declarar com elle que lhe não avia de entregar a fortaleza. Despedido e embarcado Lopo d'Azevedo, não se passarão muytos dias que Dom André se arrependeo de sorte, que a fortaleza, que deixou de entregar a quem tinha poderes do Governador, vêo a pedir a Ayres Coelho seu cunhado, que a acceitasse como Alcayde-mór que era

della, e elle se embarcou e fez á vela. Tinha este homem huns vinte mil pardaos que ouve de huma nao de mouros, que tomou quando vinha pera Pacem. Tanto póde o amor de pouca fazenda, se hum homem começa a vencer-se delle (bem se diz que he genero de idolatria) que com receo de os não poder lograr ali com quietação, se atreveo a fazer á desordenada entrega. Vio cercada a cidade de Pacem de hum poderoso exercito e muytos elefantes por Raiz Abraemo: vio-a tomada só com tres combates. Entendeo que todo aquelle poder lhe avia de cahir logo ás costas: quiz usar inda que tarde da licença que tinha do Governador pera se hir pera a India. Era homem animoso Ayres Coelho e exercitado na guerra dos mouros de Tanger, donde era natural e filho de Gonçalo Coelho Alcayde-mór della: não duvidou aceitar o trabalho. Mas entrou logo n'um mar de cuydados, porque sobre ter pouca gente e muyta della enferma, erão os mantimentos muy poucos, e a gente pera os gastar demasiada, porque se tinhão metido com elle os Reys de Daya e Pedir e Pacem, e tinha por padrasto huma força que Dom André com pouco recato deixara fazer a hum ministro pouco fiel de elRey de Pacem quasi encostada á nossa. Assi começou a padecer hum apertado cerco por todas as vias, de fóra com assaltos amiudados de grande numero de enimigos: dentro com fome e falta de muytas cousas necessarias á defensão, que fazia mais pavor que a guerra. Correrão dias: defendia-se valerosamente, senão quando huma noyte dá sobre a fortaleza o exercito infiel junto. He costume nestas partes quando os barbaros comnosco tem briga escolherem a noyte escura, e de melhor vontade a que he mais chuvosa, porque a escuridão tira a nossas armas a pontaria, e a chuva tolhe o lavor da polvora. Foy o combate de tanta força que os enimigos se fizerão senhores de hum baluarte com toda a artilheria delle. Mas neste tempo acudio Deos aos nossos, porque amanhecendo virão duas naos ao mar que demandavão a fortaleza. Despedio logo Ayres Coelho huma almadia a lhes fazer saber o trabalho em que estava e o aperto daquella noyte. Erão os capitães Bastião de Sousa e Martim Correa, que com licença do Governador fazião viagem mercantil pera Banda. E como gente de valor não esperarão ser muyto rogados; antes desembarcando derão logo vista ao enimigo, e o fizerão desalojar da borda do rio com assaz da-

no. Entrados na fortaleza forão entendendo em reparar o dano que os mouros tinhão feito, e entulhar humas minas que acharão abertas. Gastados nisto oyto dias entrou outro navio no porto, de que os mouros tomarão occasião pera se afastarem da fortaleza tanto espaço, que derão a entender levantavão o cerco: mas alegrando-se todos, só Martim Correa conheceo ser ardil de guerra, e persuadio que se dobrassem as guardas e vigias, fundado em serem os enimigos quinze mil homens de peleja; e os nossos até trezentos e sincoenta, os mais doentes e feridos, todos cansados do contino trabalho: E não duvidava que tinhão os mouros disto aviso certo pollos escravos que cada hora nos fugião pera elles. Sahio o pronostico certo, e o conselho tão acertado, que na mesma noyte duas horas ante manhã foy a fortaleza cercada em roda de oyto mil dos melhores do exercito, e acometida com tanto silencio, como se não forão mais que dez homens. Foy o combate geral, trazendo diante mais de setecentas escadas feitas de humas canas mociças (chamão-lhes bambus) que juntamente são leves de menear e fortes pera sustentar. Valeo aos nossos estarem álerta, e terem repartido entre si quatro Capitães os quatro lanços da quadra da fortaleza, que erão Ayres Coelho, Bastião de Sousa, Martim Correa e Manoel Mendez de Vasconcellos Capitão-mór do mar de Pacem; porque os mouros, arvoradas suas escadas, se abalançarão a subir atrevidamente por toda a roda da fortaleza com tanto impeto, que mais de huma hora durou huma acesa briga, procurando elles fazer-se senhores da coroa do muro, e os nossos fazendo-os hir de salto das escadas abayxo, em que ouve infinitos mortos, porque logo succedião outros e outros de refresco sem nos darem hora de repouso. Neste ponto trouxerão sete elefantes contra o lanço de Ayres Coelho, que arrimados juntamente e todos a hum tempo á escada da fortaleza, que era de madeyra fortissima, assi a torcerão e inclinarão pera dentro como se fora uma sebe muyto fraca de varas verdes e rama. Foy aqui a revolta e a grita grande, porque os defensores largarão a escada, e acudirão de suas estancias Bastião de Sousa e Martim Correa a tempo que Ayres Coelho com huma chuça que tinha nas mãos, e muytos soldados com lanças, descarregavão valentes botes sobre as trombas dos elefantes. Mas era tempo e trabalho perdido, porque nada mostravão sintir, até que os dous

lhes arremessarão muytas panellas de polvora, cujo fogo os fez em todo desobedientes a quem os governava, e se forão pisando e trilhando os seus, sem pararem, até muyto longe. Amanheceo o dia e descubrio huma espantosa mortandade de mouros: estava o campo alastrado de tantos corpos mortos que não serião menos de dous mil, sinal da teyma com que todos pelejarão. O trabalho desta noyte, inda que entre os nossos não ouve nenhum morto, sendo muytos os feridos, mostrou-lhes, fazendo bom discurso, que se o enimigo continuasse o cerco, a fortaleza se não poderia defender, porque a gente que tinha estava impossibilitada de doença e faltas de tudo: o soccorro não podia ser outro senão de Malaca com a monção que avia de tardar seis mezes. Assi sem mais oppressão que a que tinhão dentro de casa serião vencidos e tomados ás mãos. Soube-se entanto que o navio que entrára era de Dom André, arribado por achar tempos contrarios, a quem tanto que entrou na fortaleza Ayres Coelho restituio logo o cargo della. E juntos todos assentarão que a devião despejar e queimar, salvando artilheria meuda, que podião levar enfardelada por dissimulação, e sobrecarregando a grossa pera arrebentar. Executouse o conselho, e começou o fogo a fazer bom effeito; mas os enimigos acudirão a tempo que ainda salvarão humas peças grossas, a que não tinha chegado o fogo; colherão muyta e boa fazenda, parte deixada na fortaleza, parte na praya: que como toda a retirada tem parte de fugida, ordinario he acompanhar-se com effeitos de medo, tratando cada hum ser o primeyro a salvar a vida mais que a acudir ao interesse da fazenda e obrigação da honra.

Emquanto se pelejava em Pacem, não faltavão cuydados, guerra e desastres tambem na nova fortaleza de S. João em Maluco. Deixámos Antonio de Brito, no fim do primeyro Livro, com guerra publicada contra Almansor Rey de Tidore: agora diremos brevemente como procede a deste anno. O primeyro auto que fez despois de com trombetas lha mandar denunciar, foy mandar publicar em Ternate que daria premio certo em panos da feitoria por cada cabeça que se lhe presentasse de qualquer vassallo de Tidore. Foy guerra tão cruel que em poucos dias lhe rendeo grande vingança. Porque como gente orgulhosa e muyto sogeita ao interesse, hia-se em suas embarcações, fazião saltos em Tidore, carregavão de cabeças dos miseraveis, e

em pouco tempo se contarão dados neste emprego mais de seiscentos panos. Mas não lhe succedeo tão bem o segundo intento. Emquanto se juntavão e punhão em armas os vassallos de Ternate, que Cachil d'Arroes tinha mandado armar todos pera hirem sobre Tidore com poder, despedio Antonio de Brito dous capitães em hum zambuco e outro navio de remos, que se fossem lançar sobre o porto de Tidore e lhe tomassem quanto de fóra entrasse. Erão os capitães Jorze Pinto da Silva e Lyonel de Lima. Tendolhe feito muyto dano alguns dias neste genero de cerco, eis que huma manhã apparece ao mar huma caracora (são caracoras navios de remo muyto ligeiros) que fazia geito de demandar o porto: lançou-se a ella Jorze Pinto porque lhe não escapasse, e a caracora fingindo temor dos nossos, apertou contra huma enseada da mesma ilha, que na entrada tinha huma calheta onde o mar cobria hum arrecife de tão pouco fundo, que não podião nadar nella navios de quilha. Hia Jorze Pinto a voga arrancada traz a caracora, e já com a proa sobre ella quando se sente encalhar sobre o recife e ficar em seco: foy laço mortal pera elle e pera seis portuguezes e outros quarenta remeiros, que todos forão mortos e as cabeças cortadas, acudindo muytos para os enimigos que dentro na enseada estavão escondidos pera o effeito, que pintado não podera sahir mais a seu sabor. E sendo assi entre elles, entre os nossos não cessavão desgraças, que forão, em dous acometimentos que fizerão de novo contra a ilha, tornarem-se com os Capitães mal feridos, e sem effeito de consideração. Erão os capitães Martim Afonso de Mello Jusarte e Francisco de Sousa: e as feridas ambas forão de huma mesma espingarda meneada por mãos de homem nosso tão embaraçado e pouco destro, que de ambas as vezes lhe tomou fogo fóra de tempo. Do que Antonio de Brito chêo de paixão e temendo que lhe viesse a faltar a gente pera defender a fortaleza, que era sua principal obrigação, esteve em pensamentos de deixar a guerra; porque entre todos, os portuguezes que ali se achavão com elle não passavão de cento e vinte, e muytos delles cortados de doença dos maos ares da terra. Mas Cachil d'Arroes, que de seu era valente homem, e tinha por afronta sua e nossa ficar Almansor vitorioso, fez tantas instancias com Antonio de Brito, que todavia consintio em que se procedesse nella; e foy Deos servido que fosse a vingança tal, acompanhan-

do Martim Correa e Lyonel de Lima a Cachil d'Arroes, que entrarão Tidore, e lhe tomarão a escalla vista a melhor villa da ilha, que chamavão o Mariaco, com morte de grande numero dos melhores: e em fim obrigarão Almansor a se humilhar e pedir paz, que Antonio de Brito lhe não quiz conceder.

Este ultimo acometimento lançamos aqui inda que sei pertencia ao anno seguinte, por não quebrar despois o fio em casos que nelle temos de mais sustancia.

CAPITULO XIII.

Relação das naos que na entrada deste anno despachou Dom Duarte pera o Reyno: e das que no mesmo partirão do Reyno pera a India.

As naos que este anno tornarão pera o Reyno, segundo boa conta em primeyros dias de Janeiro, forão as duas que atraz dissemos que partirão de Lisboa em Mayo de 523 com ordem pera tornarem com especiaria. E não achâmos memoria nos escritores da India se vierão outras em sua companhia, nem nos dizem nada do successo das duas. Devião chegar em paz, pois se fora outra cousa, a dor do mal faz que não esqueça o escrever-se.

De Portugal mandou despachar elRey, em nove de Abril, fermosa frota e nella o Conde da Vidigueyra Almirante do mar da India, que sendo velho e tendo passado o Cabo de Boa Esperança duas vezes de hida e duas de vinda, não duvidou deixar a quietação em que vivia e arriscar-se a terceyra em serviço de seu Rey. Deu-lhe Sua Alteza sobre as mercês que lhe tinha feitas de juros e tenças e outras cousas no anno atraz de que temos feito relação, o titulo de Viso-Rey. A frota foy de catorze velas: as nove naos grossas, e as sinco caravelas latinas. Erão capitães das naos Dom Anrique de Meneses filho de Dom Fernando de Meneses que chamavão o Roxo, que hia nomeado por Sua Alteza pera capitão de Ormuz, Pero Mascarenhas filho de João Marcarenhas que hia pera capitão de Malaca, Lopo Vaz de Sampayo filho de Diogo Sampayo que levava a capitania de Cochim, Francisco de Sá filho de João Rodrigues de

Sá Alcayde-mór e Veador da fazenda do Porto, o qual elRey mandava que fosse á Java fazer huma fortaleza, na parte que chamão a Sunda, Dom Simão de Meneses filho de Dom Rodrigo de Meneses, provido da capitania de Cananor, e Dom Jorze de Meneses e Antonio da Silveyra de Meneses filho de Nuno Martins da Silveyra senhor de Goes, que hia pera capitão de Soffalla, e Dom Fernando de Monroy filho de Dom Affonso de Monroy, Craveyro que foy da Ordem de Alcantara em Castella, que levava a capitania de Goa, e Francisco de Brito filho de Simão de Brito, que avia d'andar por Capitão-mór das naos da carreira da India pera Ormuz. Os capitães das caravelas erão Lopo Lobo, Pero Velho, Christovão Rosado, Ruy Gonçalves e Mossem Gaspar de nação Malhorquim, que levava o cargo de Condestabre-mór dos bombardeyros, pera o servir na India. Partio o Conde em 9 de Abril com esta armada, em que hirião até tres mil homens, dos quays muyta parte erão gente illustre e criados delRey e moradores de sua casa. Sahido da barra achou tão bons tempos que quando forão 14 d'Agosto lançou ferro em Moçambique. Donde, com breve detença, tornou logo a sua navegação. Mas antes de passar daquella paragem, sempre perigosa pollas muytas ilhas de que he semeada, perdeo duas naos: a de Francisco de Brito sem della parecer cousa alguma, e a de Fernando de Monroy, que salvou a gente. Das caravelas se perdeo tambem a de Christovão Rosado: e a gente do Malhorquim se levantou contra elle e o matou, e pera cobrir hum insulto com outro maior, desapparecerão da companhia e forão-se onde o pagárão com as vidas, como adiante se verá. Proseguio o Conde sua navegação sintido da perda mas não espantado, por quão ordinaria he nestas viagens. Mas logo succedeo caso que tem mais de admirar e menos que sintir. Huma quarta feyra vespera de Nossa Senhora de Setembro, sendo oyto horas da noyte, tempo calma, começou-se a sintir em todas e cada huma das naos hum tão desusado movimento, que tudo o que avia sobre o convés, de caixas e outras cousas, assi jogava e corria a huma parte e outra como se fora tormenta desfeita: e não atinando os homens com a causa, qual julgava que erão aguagens sobre bayxos e restingas, e mandava fazer sinal com artilheria aos companheyros, qual acudia ao leme, qual á bomba, qual á sonda, qual dando-se por perdido

buscava barril ou taboa pera salvação. E em todos era a confusão e pavor tão geral como em certo naufragio. Foy Deos servido que passou dentro de hum quarto de hora, e o Conde como marinheyro velho, entendendo ser tremor da terra, que quando se abala por causas naturays, he força que sinta o mar que lhe fica em cima o mesmo effeito, sahio ao convés dizendo alegremente: não ha que temer, amigos: treme de nós o mar da India, sinal que tambem suas terras fazem o mesmo: pronostico he de vitorias. Notou-se que deu o sobresalto saude a muytos que hião ardendo em febres: e a hum miseravel foy causa que sem ser bom nadador, quiz prevenir a morte de naufragio com a hir buscar na agua, lançando-se de salto ao mar. Cessou aquelle espanto e terror; mas logo sobreveo outro, que foy hum chuveiro de agoa tão grossa e tão extraordinaria, que passou pollo encarecimento, que dizemos de chover a cantaros. Tal foy que se no primeyro se temeu naufragio, neste segundo temeo-se diluvio, porque assi se alagavão todos os navios, que parecia quererem as agoas do ceo sovertel-los nas do mar.

Passados estes medos, deu alegria geral encontrar-se huma rica nao de Meca que Dom Jorze de Meneses fez amaynar: e pouco despois foy surgir toda a frota junta no porto de Chaul.

Em 15 de Junho deste anno foy por Capitão-mór ás ilhas Garcia de Mello Anes Coudel-mór dos besteyros a esperar as naos da India.

CAPITULO XIV.

Trata elRey de seu casamento com a Iffante D. Caterina hirmam do Emperador: Manda Commissarios a Castella pera assentarem as condições delle.

Dous annos avia que o poder e liberdade real junta com o fervor da mocidade trazião a elRey distrahido com molheres de que ouve filhos, como adiante diremos, vicio da fraqueza humana, a que os moços por muy prudentes que sejão sabem mal resistir; mas cahindo na conta que offendia a Deos tanto mais gravemente quanto em mais al-

to estado elle o tinha posto, já com o effeito das culpas, já com o mao exemplo dellas, inda que as suas não chegarão nunca a fazer afronta a vassallo, nem a molher força, determinou todavia trocar o estado de solteiro em casado, que era o mesmo que vestir armas contra o fogo da natureza, e contra a liberdade das occasiões. Só lhe fazia contradição huma lembrança da palavra que elRey seu pay lhe tomara morrendo, que tal não faria sem primeyro casar a Iffante Dona Isabel sua hirmam. Porém julgando que no casamento della avia de presente muytas difficuldades, que procedião das guerras em que o Emperador andava embaraçado com França, que era a pessoa em quem tinha postos os olhos e só lhe parecia digno consorte da Iffante, ordenou de não suspender mais os grandes desejos que sabia tinhão geralmente todos seus vassallos de o verem quieto em estado de lhes dar hum Principe pera successor. E como avia muytos dias que em Portugal e Castella corria a pratica de que estaria bem a ambas as Coroas contrahir-se matrimonio entre elRey e a Iffante Dona Caterina hirmam do Emperador, nomeou Sua Alteza por seus Embayxadores, pera o hirem assentar e concluir em Castella, a Pero Correa senhor da villa de Bellas e o Doutor João de Faria, ambos do seu conselho. E mandou-lhes dar duas procurações bastantes pera dellas uzarem segundo as occasiões que o negocio de si desse, feitas ambas pollo secretario Antonio Carneyro, huma em 13 d'Abril deste anno em que vamos, outra em 12 de Mayo. Acharão os Embayxadores o Emperador em Burgos, que como já sabia ao que hião, nomeou por sua parte e da Iffante sua hirmam outros dous Commissarios, que forão Mercurino Gatinara seu grande Chançarel, e Fernando de Vega Commendador-mór em Castella da Ordem de Santiago: pera que juntando-se com os Embayxadores, discutissem todos a materia e se effeituasse o que d'acordo dos quatro em conformidade resultasse. E deu-lhes sua procuração feita em 6 dias de Julho do mesmo anno por Francisco de los Cobos seu secretario e notario publico nos Reynos de Castella. Sendo juntos, foy primeyro cuydado reverem-se e examinarem-se de parte a parte as procurações dos Principes constituintes, e achando-se em tudo bastantes, forão logo procedendo no negocio, e tanto continuarão nelle que aos dezenove dias de Julho vierão a conformar-se em todas as condições do matrimonio,

e no mesmo dia se fez dellas escritura publica por mão do secretario Francisco de los Cobos, em que forão testemunhas o Marichal de Borgonha Mordomo-mór do Emperador e o Commendador....... e Monsiur de la Xaus. Forão as condições principays: Que elRey Dom João tomasse á sua conta procurar da Sé Apostolica a dispensação dos estreytos parentescos que entre os contrahentes avia: Que alcansada e sendo vinda, o Emperador dentro de dous mezes mandaria a Iffante até a raya d'ambos os Reynos, e ahi a mandaria elRey buscar: Que o dote serião duzentas mil dobras de ouro castelhanas do preço que tevessem quando se fizesse o pagamento; e o pagamento seria em termo de tres annos, hum terço cada anno, e o primeyro terço se daria hum anno despois de consumado o matrimonio, e os outros dous terços nos dous annos primeyros seguintes: Que da soma maior do dote se descontaria todo o ouro, prata e joyas que a Iffante consigo levasse: Que elRey daria de arras á Iffante o terço de toda a contia do dote que erão sessenta e seis mil seiscentas e sessenta e seis dobras e dous terços; dobras da mesma valia e peso das que avía de receber em dote: Que o Emperador proveria a Iffante de todo o movel de vestidos e atavios de sua pessoa e casa conforme a cuja hirmam era, e a com quem casava; e lhe daria mais dous contos de maravedis de renda em cada hum anno pera a ajuda do governo e sustentação de sua casa, assentados em terras e lugares onde o pagamento fosse certo e seguro, e elRey pera o mesmo effeito lhe daria as terras que de presente erão possuidas polla Raynha Dona Lyanor sua tia, e estavão obrigadas á Raynha de França Dona Lyanor, tanto que viessem a vagar por falecimento dellas, e em quanto não vagassem lhe pagaria em cada hum anno quatro contos de reis: com tal declaração que em vagando se descontaria dos quatro contos, toda aquella soma que as terras rendessem. Foy ultima capitulação que de novo se approvassem as pazes antigas que avia entre ambos os Principes: as quays logo ficarão ratificadas, ajuntando de novo que hum a outro se ajudassem todas as vezes que lhes fosse necessario á defensão dos Estados que tinhão em Espanha e tambem em Africa, em conformidade das capitulações antigas que limitavão sitios e lugares. Celebrada assi a escritura, caminharão os Embayxadores pera a villa de Tordezilhas, aonde o Emperador

se tinha passado, e em sua presença aos dez dias do mez de Agosto jurou a Iffante D. Caterina em mãos do Arcebispo de Toledo Dom Alonso de Azevedo Chançarel-mór de Castella, que tanto que a dispensação viesse ella se casaria por palavras de presente com elRey Dom João de Portugal, ou com seu bastante procurador. E logo os Embayxadores fizerão outro tal juramento nas mãos do mesmo Prelado, prometendo em nome delRey que cumpriria da sua parte todas as capitulações e condições que continha a escritura por elles otorgada: e com esta solenidade se deu por rematado o matrimonio com geral contentamento do Emperador e de toda sua Côrte e satisfação igual de elRey, e alegrias publicas de todo este Reyno, quando por aviso dos Embayxadores se publicou.

CAPITULO XV.

De algumas cousas que elRey mais fez neste terceyro anno de seu Reynado.

Neste anno se assentou entre elRey e o Emperador que pera bem de paz ouvesse junta de astronomos e juristas e mareantes de ambas as Coroas, entre Elvas e Badajoz, sobre revista da demarcação de Maluco: e sendo juntos se apartarão sem effeito. (1)

No mesmo anno em 9 de Fevereiro fez elRey doação ao Conde de Tentuguel das terras do Carvalhal Meão, termo d'Agueda, e do Minhocal, termo de Selorico, e do Coudessoyro, e o Minhocal no ribeiro do Meyono, termo de Covilhã, e da Lyzira de Tavora termo de Aguiar da Beyra; e declara que lhas dá com toda jurdição civel e crime, mero e misto imperio, assi como as teverão Ruy Vaz Coutinho e seu filho João Rodrigues Coutinho.

Passou-se Carta de Viso-Rey ao Conde Dom Vasco da Gama em 27 de Fevereiro de 1524. Em 12 de Fevereiro proveo o officio de Capitão e Anadel-mór dos espingardeyros em Enrique de Sousa do seu conselho, renunciado nas mãos de Sua Alteza por Martim de Freitas fidalgo de sua Casa por sessenta mil reis de tença que lhe deu.

(1) Antonio de Herrera Hist. das Indias — Dec. 3. L. 7 e 9.

Em 6 de Março de 1524 era Marquez de Villa Real e Conde d'Alcoutim Dom Pedro de Meneses.

Fez em 10 de Setembro mercê a Dona Joana da Sylva molher de Vasqueanes Cortereal, Veador que foy de elRey Dom Manoel, de duas mil coroas de tença, — val cada coroa 120 reis: são 240$000 reis.

A seu filho Manoel Cortereal, confirmação da saboaria preta e branca das ilhas Terceyras em 15 de Setembro.

Em 17 de Fevereiro, a Dom Rodrigo de Melo Conde de Tentuguel o privilegio de Desembargador da Casa da Suplicação.

Em 18 de Fevereiro, a João Rodrigues de Sá pollos muytos serviços delle recebidos fez mercê da Alcaydaria-mór da cidade do Porto, com todas suas rendas e direytos, assi como a teve seu pay.

Em 14 de Dezembro, mercê a Dom Lopo d'Almeyda fidalgo de sua Casa de lhe dar a capitania de Sofalla.

Em 18 de Fevereiro, huma tença de 6$000 dobras a Dona Felipa de Castro filha de Dom Diogo de Castro do conselho delRey Dom Manoel.

No ultimo de Junho, mercê a Garcia de Sá do officio de veador da fazenda do Porto, por razão de o ter comprado a seu hirmão Francisco de Sá.

Em 24 de Mayo, tença de 2$800 coroas a Dona Anna de Mendonça Comendadeyra de Santos filha de Nuno Furtado.

Em 6 de Dezembro, Carta por que elRey fez mercê a Ruy Lopez Coutinho seu moço fidalgo, filho de Fernão Coutinho, de trinta mil reis pollos muytos serviços que o dito seu pay fez em Africa, onde morreo na batalha da Enxouvia.

Em 18 de Fevereiro, o officio de mestre-sala a Christovão de Melo filho de Enrique de Melo assi e pela maneyra que o servio o dito seu pay.

Em 6 de Outubro, mercê de cem mil reis de tença a Dom Francisco de Sousa filho de Dom Felipe de Sousa do seu conselho.

Em 10 de Setembro, confirmação da capitania de Mazagão em Antonio Leyte cavalleyro de sua Casa, — nomeação de capitão de Arzilla em Antonio da Silveyra a requerimento do Conde de Redondo, que pedio licença pera vir ao Reyno a tratar de seus requerimentos.

Em 30 de Janeiro, tença de quarenta moyos de pão á Condessa de Borba.

Em 12 de Novembro, tença de duas mil coroas a Dona Isabel de Noronha molher que foy de Nuno Vaz de Castelbranco.

Em 8 de Junho, Carta de privilegio e brasão d'armas a Sebastião Pinheyro por mostrar descender da linhagem dos de Pina e dos Pinheyros.

Neste anno estando elRey em Evora tomou assento de mudar o estilo que uzavão os Reys antigos nas cartas e provisões que passavão, dizendo Nós elRey.:. e mandou que em todas se fallasse por termo singular, dizendo: *Eu elRey*, e disso mandou passar sua provisão pera aviso dos secretarios em 18 de Junho.

E logo em Julho seguinte, porque se hia devassando demasiadamente o uzo das sedas em todo o genero de gente, acudio Sua Alteza com huma prematica em que as defendeo rigorosamente com certas limitações em pessoas e cantidades, modos e guarnições. E mandou que se começasse a guardar e executar de ultimo de Agosto do mesmo anno em diante. E no restante deste anno mandou pôr em ordem as cousas que cumprião pera a solenidade de seu recebimento, e negociar a dispensação de Roma que á sua conta estava, e nomeou pera hirem buscar a Raynha e tomar entrega de Sua Alteza na arraya aos Iffantes Dom Luis e Dom Fernando, e mandou ao Duque de Bargança se fizesse tambem prestes pera hir assistir com elles na entrega, e a virem acompanhando. E elle por fim do mez de Dezembro se passou com a Côrte á villa do Crato pera ahi esperar a Raynha.

CAPITULO XVI.

Corre elRey de Fez a Arzilla por algumas vezes: Perigo em que o Conde Capitão esteve com o Alcayde de Alcacere.

Neste anno correo elRey de Fez quatro ou sinco vezes a Arzilla, e ainda que das mais não fez effeito consideravel, porque o Conde tanto que sabia de sua vinda dizia com galantaria que pollo que se devia á sua pessoa real não seria nunca descomedido em lhe tolher o campo, e dei-

xava-se estar recolhido e em boa guarda, todavia da ultima que tornou, lhe cahirão nas mãos oyto almogavares. E foy o caso, que sendo elRey hido a Mequinês a ver seu hirmão Moley Nasser na doença de que morreo, corria a fama que fora socorrer ao Xeque Omar senhor de Tafilete, é que a esse fim levara consigo os Alcaydes fronteiros de Arzilla. Quiz o Conde certificar-se e tomar lingoa do que avia, e deu licença a Estevão Fernandez que fosse fóra com sete companheyros, limitando-lhe os lugares até onde avia de chegar, e que, achando tudo de paz até á ribeyra dé Taliconte e ó Xercão, podessem embora montear. Mas foy sua desgraça que tratando já de se retirar, ouverão vistá de tres mouros de pé junto do ribeyro do Alberge: arrancarão contra elles e colherão hum, que perguntado perá onde hião, disse que pera elRey, que naquelle ponto chegava ao Xercão sua ordinaria estancia quando nos corria. Derão-se os oyto por perdidos, porque os dous mouros que lhes escaparão forão correndo dar rebate no campo de elRey, o que logo entenderão por ver muyta gente espalhada pollo campo, huns a tomar-lhes o Outeyro das Vinhas, que era por onde se podião furtar péra Tangere, outros a talhar os caminhos da Villa, com que não teverão outro remedio senão largar os cavallos e embrenhar-se no Soveral; mas sintindo no dia seguinte grande rumor de gente que os buscava, porque acudirão os barbaros da serra, como cães a caça de coelhos, determinarão sahir-se em demanda da Villa cada hum como melhor podesse, entregues ao beneficio da ventura; mas ella não valeo mais que á Gaspar Fernandez, que foy tão sofrido, que em sinco dias que o campo delRey esteve sobre o Soveral, não quiz desembrenhar-se, e como os mouros desapparecerão, appareceo elle e foy-se em salvo á Villa. Os sete inda que se devidirão forão todos cativos, porque todos acharão enemigos em grande numero nos caminhos que tentarão. Festejou elRey o successo, porque como deixava seu hirmão enterrado, vêo correndo a Arzilla pera fazer algum officio por sua alma com sangue christão, que elles chamão fazer gazua. Mas sobre tudo estimou ver entre os cativos a João Vaz mourisco, hirmão de Gonçalo Vaz, que logo determinou matar, e não lhe valerão grandes instancias com que o Conde acudio logo a Muley Abrahem, pedindo-lhe a vida, e offerecendo por elle qualquer dos mouros que tinha cativos,

que erão alguns que elRey e elle muyto dezejavão libertar. E a isto juntava que dissesse a elRey que por João Vaz se não podia dizer que de mouro se tornara christão, porque no tempo que fora cativo era tão minino, que quasi não tinha conhecimento de nenhuma ley. Não bastou nada, nem hum grande presente de doces que a Condessa mandou a elRey: foy entregue aos cacizes que executarão nelle hum novo genero de martyrio, que foy cobrindo-o todo de linho e estopa, brearem-no despois com huma sorte de breu, que chamão mera, com que curão os camellos, e assi lhe derão fogo, e ardeo bemaventuradamente, porque sendo presentes dous cavalleyros que o Conde mandara com seus requerimentos a elRey e a Muley Abrahem, esteve tão animado do espirito do Senhor que esforçando-o elles, elle os requereo que fossem testimunhas em Arzilla de como morria na fé de Christo, e que só sintia não lhe darem a morte com tamanhos tormentos, como a tinhão dado em tempos atraz a seu hirmão Gonçalo Vaz. He cousa certa que lhe trouxerão diante a mãy que o parira, e muytos parentes, e a todos torceo o rosto, dizendo em altas vozes que outros parentes não conhecia senão a Jesu Christo e a Santa Maria.

Passado este caso que o Conde muyto sintio, quiz Muley Abrahem ver-se com o Conde de paz, ou pera desculpar o feyto, ou pera o conhecer e tratar de perto, e sahio do arrayal com mil de cavallo e a sua bandeyra de xixuão vermelha e outras duas, e tanto que foy onde chamão os Mastos, mandou que parassem, e só com seis de cavallo se foy pera o Conde que o esperava na praya com sua gente posta em ala. Vinha o mouro vestido em hum pelotão de veludo pardo, cingido hum cinto mourisco largo, e hum rico treçado em tiracolo, sem mais armas que huma lança e adarga, que lhe levava diante hum lacayo, que acompanhavão alguns outros com mandis e cabrestos de destro. Disse-se que vinha entre os seis o filho delRey, disfarçado, e os mais erão hum hirmão de Abrahem e hum primo e outros principais. O Conde se apartou com outros seis companheyros; elle todo armado em hum arnês, salvo a cabeça que cubria com huma gorra, e nella huma pruma: os seus com suas couraças e adargas. Juntos com suas cortezias, caminharão ambos pera o Adro, onde andarão passeando hum espaço, acudindo toda a gente do mouro a ver os dous Ca-

pitães juntos: e era bem de ver o Conde, porque em seu tempo não ouve homem mais gentilhomem armado e a cavallo. Vierão-se logo a elles seis pagens da Condessa com pratos e confeiteyras de doces e agoa: foy Abrahem tão bom cortezão que comeo e partio com os companheyros, e o que sobeijou lançou em sua bajoceta e nas dos companheyros, e querendo beber saltou do cavallo em terra e poz a talha na boca, e assi se satisfez. E logo lançou mão na algibeyra, e deu valia de sinco cruzados a cada hum dos pagens.

Passadas estas vistas, correo o Alcayde d'Alcacere á villa em tempo que o Conde era sahido a montear ás aldeas: onde correo grande risco de se perder se o Alcayde fora tão atrevido que decera a lhe atalhar a boca do rio doce; que se o fizera não podera o Conde juntar-se com os nossos que como bons cavalleyros o forão buscar. Cegou Deos este enemigo, contentando-o com levar tres soldados besteyros que ó Conde tinhão sahido, e sete ou oyto moços que andavão fazendo lenha.

CAPITULO XVII.

Como Bastião Nunes rendeo com huma caravela em que andava no Estreyto a huma nao de Cossarios que o cometeo: e Vasco Fernandez Cesar tomou hum bergantim de mouros.

São muyto anexas aos lugares de Africa todas as cousas que sucedem no mar do Estreyto de Gibraltar: principalmente as deste tempo em que elRey Dom João tinha cuydado de o mandar guardar com navios armados e governados por pessoas de conhecido valor. Achou-se hum dia só com a sua caravela em que andava de guarda naquella paragem o capitão Bastião Nunes, e logo lhe deparou sua boa sorte entre Tangere e Tarifa huma nao de guerra que vendo-o só se inviou a elle, como a presa que tinha por certa: mas achou-se enganada, porque o portuguez se defendeo de sorte que de acometido se fez acometedor, e de combatido combatente, e em fim a rendeo e ficou senhor della. Posta neste estado e começando os sol-

dados a dar saco ao que avia, acudio o capitão que era francez ás manhas de seus naturays, dizendo que seu Rey era hirmão do de Portugal, e não era justo que seus vassalos fossem roubados por portuguezes, que elle protestava aver-se-lhe de fazer restituição do navio e das fazendas que trazia. Era Bastião Nunes mais valente que cobiçoso: contente da honra que tinha ganhado, mandou sobreestar no saco, e levando a nao a Arzilla fez entrega com inventario a dous moradores de tudo o que avia, com obrigação de darem conta aos ministros delRey quando lhes fosse pedida, e elle avisou logo a Sua Alteza do successo; e porque se visse com quanta mais pontualidade e justiça procedia do que os francezes comnosco uzavão em semelhantes acontecimentos, deu licença a hum dos soldados francezes que fosse seguindo o seu messageyro a Portugal. Mas o soldado teve tão má sorte no requerimento, como na briga; porque elRey mandou que a nao e fazenda ficasse por represaria, em lugar do galeão que o anno passado fora tomado por francezes a Vasco Fernandes Cesar, e que logo se entregasse a nao ao mesmo Vasco Fernandes, que de pouco avia era chegado ao Reyno despois de fugir da prisão de França.

Com esta nao e duas caravelas ficou Vasco Fernandes continuando este verão sua assistencia no Estreyto, onde hum dia vêo amanhecer com elle hum bergantim de mouros: devião cuydar que erão navios de trato mancos. Começarão as caravelas a varejallo com a artilheria: quando entenderão com quem o avião, derão volta pera terra a voga arrancada até entrarem polla boca do rio Tagadarte junto a Arzilla. Donde sendo vistos, acudirão os moradores por terra, e Vasco Fernandes mandou os bateys com cada hum seu berço pollo rio dentro: e em fim os mouros vararão em terra, e se lançarão ao monte do porto de Alfeixe como melhor poderão, e o bergantim vêo pera Arzilla.

CAPITULO XVIII.

Despacha o Governador Dom Duarte huma Armada pera o Estreyto do Mar Roxo; e elle parte segunda vez pera Ormuz.

Mas he tempo de nos passarmos á India seguindo a ordem que começámos, e darmos conta do que nella succedeo este terceyro e ultimo anno do Governador Dom Duarte. Como tinha assentado consigo dar segunda vista a Ormuz e gastar lá outro inverno, tanto que despachou as naos da especiaria pera o Reyno, segundo atraz deixamos contado, deixou em Cochim seu hirmão Dom Luis com poderes de governador, com ordem de guardar a costa no verão e residir ali no inverno. E elle se passou a Goa, donde partio pera Ormuz, viagem escusada, e que, pollas circunstancias que della se contavão, lhe carregou grandes culpas diante delRey e dos homens. Dizia-se que levava todos seus navios carregados de pimenta de Coulão e Baticalá, e de gengivre de Cananor, emprego de muyto valor pera em Ormuz. Antes de partir de Goa despachou Eytor da Silveyra pera o Estreyto. (1) Dambas as viagens daremos razão neste lugar, e primeyro da do Silveyra que sahio primeyro. Começou Eytor da Silveyra a sua por fim de Janeiro, levando nove velas, a saber, quatro galeões, e quatro navetas e hum bergantim, em que fóra gente de mar, se contavão setecentos homens. Erão capitães dos galeões, elle e Antonio de Lemos, Nuno Fernandes de Macedo e Manoel de Moura: das navetas Duarte de Mello, Antonio Ferreira, Alvaro de Crasto e Enrique de Macedo, e do bergantim Fernão Carvalho. Encomendava elRey ao Governador com grandes encarecimentos em todas suas cartas que mandasse buscar a Maçuá o embayxador Dom Rodrigo de Lima, que fora ao Preste; e como Dom Luis tinha hido no anno atraz áquelle porto em conjunção que lhe não foy possivel esperar por elle, mandava agora Eytor da Silveyra ao mesmo effeito. A derrota que levou foy pera fazer agoa-

(1) Veja-se no fim a nota respectiva.

da a Çacotará e d'ahi hir-se na volta do Estreyto, onde encontrou muytas naos de mouros com carga de roupas de Cambaya, que mandava queimar com seus donos, como gente sempre enemiga, despois de baldear as fazendas na nossa armada. Quiz juntamente dar huma vista á cidade tão nomeada de Adem a ver se chegaria em conjunção de fazer de caminho algum bom serviço ao Estado das Indias. Foy surgir nella a tempo que no porto avia muytas naos de mouros todas ricas, e todas carregadas, porque não teverão lugar com a vinda repentina das nossas nem pera fogirem nem pera porem suas fazendas em terra. Derão-se por perdidos, porque acertarão a terem novas do que Eytor da Silveyra vinha fazendo aos que encontrava de sua nação e ley, no mesmo dia que elle appareceu. Mas o Rey lhes mandou que estivessem de bom animo, que elle tinha traça pera os salvar: e logo despedio hum barco ao Capitão-mór, dizendo, que se vinha de paz acharia naquella cidade todo bom gasalhado e serviço, porque estimava fazer pazes por seu meyo com elRey de Portugal e fazer-se seu vassallo, mas se quizesse guerra, defenderia sua casa como era obrigado. Alegrou-se Eytor da Silveyra com a embayxada, fundando nella, como moço e muyto altivo que era de pensamentos, poder ganhar a honra de fazer tributaria huma tal cidade. Como moço deixou-se levar do engano sempre certo das verdades mouriscas, e como altivo não quiz pedir conselho aos homens antigos da India que vinhão na armada, porque fosse só sua toda a gloria do feito que imaginava. Respondeo ao mouro que lhe mandasse huma pessoa de confiança com quem pudesse capitular as condições de paz que pedia. Não tardou em apparecer hum regedor da terra cercado de muytos barcos cheos de refrescos de toda sorte pera todas as naos, e presente rico e particular pera o Capitão-mór. Chegados a concerto de pazes ficou capitulado que o Rey de Adem se faria vassallo delRey Dom João 3.º de Portugal, por assento gravado em chapa d'ouro ao uso da India. E em reconhecimento de vassallagem daria todos os annos huma coroa d'ouro de peso de dous mil xerafins, e seria condição que os portuguezes que a seu porto viessem não pagarião mais direytos de suas fazendas que o mêo do que pagavão as outras nações: e elle Capitão-mór offerecia em nome delRey de Portugal segurança a todas as naos de seu porto, e que as dos naturays de Adem poderião navegar

16

seguramente por onde quizessem. Destas e outras particularidades se fizerão escrituras por ambas as partes. Em cabo de quinze dias vêo a coroa feita, e com ella novos presentes pera todos os capitães da armada e a chapa d'ouro por elRey assinada. Mas não parou o infiel vendo a facilidade com que nos hiamos enganando e fiando delle: imaginou outra traça pera lhe ficar pinhor em que se pagasse largamente. Pedio ao Capitão-mór o bergantim com vinte portuguezes a que offereceo promessas de grossas pagas como quem nenhuma determinava cumprir. Dizia que o avia mister pera effeito de lhe fazer arribar ao porto todas as naos que passassem. Tão contente estava Eytor da Silveyra de si e do que tinha feito, que nenhuma cousa soube negar: ficou o bergantim e o mesmo capitão Fernão Carvalho com os vinte portuguezes que nelle trazia.

Deo logo velas pera Maçuá, que era o fim da viagem, e foy ancorar no porto por fim de Março. Aqui teve informação que o lugar em que Dom Rodrigo residia era tão distante que não poderia vir em menos de vinte sinco dias, e lançando conta que se tantos esperava ficava arriscado a invernar no Estreyto, que era cousa de muyto perigo, porque não podia deter-se mais que até vinte de Abril, aos seis do mesmo mez fez volta pera a India, e foy encontrar o Governador Dom Duarte, que já vinha de Ormuz, na costa de Dio, donde se forão. E tal foy a viagem de Eytor da Silveyra que enganado de sua opinião e das palavras do Rey mouro perdeo com elle quinze dias, que se os não perdera podera chegar a tempo de trazer a Dom Rodrigo de Maçuá; e por dous mil xerafins de hum tributo fingido e sem fundamento, perdeo a muyta riqueza que pudera interessar das naos dos mouros, perdeo toda a despeza daquella armada, e sobre tudo ficou obrigado o Estado a mandar despois outra em busca de Dom Rodrigo. E o que pior he que o Rey, falsando a palavra e fé que tinha dado, tanto que Eytor da Silveyra sahio ultimamente daquelles mares, prendeo Fernão Carvalho com os seus vinte companheyros, e todos matou com exquisitos generos de tormentos, salvo alguns que quizerão negar a fé.

Mas se nesta viagem ouve as perdas que temos visto, da do Governador Dom Duarte não resultarão melhores fruytos, sendo ambas de muyto grande custo pera o Estado, e em tempo que os mouros de Calicut sem nenhum medo

de nossas armas coalhavão o mar de paraos, e como senhores delle levavão a Cambaya tanta pimenta que carregavão as naos de Meca com gravissimo prejuizo da fazenda real de Portugal. O que achamos que fez foy mandar Balthezar Pessoa por embayxador á Persia, que por chegar em tempo que faleceo logo o Xá Ismael e se fazer nova eleyção de hum sobrinho seu por nome Xá Thamas, tornou sem nenhum bom despacho. Bem sei que João de Barros põe esta embayxada na primeyra jornada que o Governador fez a Ormuz: mas outros a põem neste lugar. O Governador se vêo polla costa de Dio, e d'ahi tocou Chaul e Goa e despois Baticalá. E ultimamente se foy a Cochim ja na entrada de Dezembro, onde fez entrega do Estado ao Conde Almirante seu successor, em quatro dias do mesmo mez.

CAPITULO XIX.

Entra o Conde Almirante em Goa: passa a Cochim. Dá-se conta do que fez de caminho, e navios que despachou contra os mouros que navegavão especiarias: e dos muytos que por sua ordem e de Dom Enrique de Meneses foram logo castigados.

Parece que resuscita a India e o credito primeyro dos portuguezes deste anno em diante, e começão os mouros a sintir que tem na India o seu açoute antigo, tanto no governo do Conde Almirante, como dos mais Governadores que logo lhe succederão. Assi se alenta e alègra o espirito pera escrever, como vejo que se animão os Capitães pera trabalhar e vencer. Entrou o Conde em Goa por fim do mez de Setembro. E como era homem muyto activo e amigo da justiça, acudio a muytas cousas logo, que requerião brevidade e diligencia: e não se esquecendo da justiça, tirou da capitania da cidade a Francisco Pereyra Pestana por queixas que delle achou, e proveo nella a Dom Enrique de Meneses. Logo caminhou pera Cochim, e por lhe não ficar nada por fazer, deu vista a Cananor, onde meteo de posse da fortaleza a Dom Simão de Meneses, a quem fez entregar hum mouro cossario chamado Balu Hacem, que andava tão solto em palavras e obras em nosso dano, que tendo feito muytos males se fazia chamar Capitão-mór

do mar. Foy presente, que o Rey de Cananor fez ao Conde deste mouro que tinha preso: e elle mandou a Dom Simão que lho tevesse a bom recado até conhecer de suas culpas. Daqui passou a Calicut, onde Dom João de Lima estava com huma guerra surda com os mouros, e sahio em terra pera ser visto delles; porque affirmavão que era fama falsa e lançada pollos nossos delle estar na India pera terror da gente ignorante: e providas algumas cousas foy-se a Cochim. Nesta jornada se lhe poserão diante muytos paraos de mouros com mostras de que o não tinhão em conta. Ardia em rayva o animo do Conde, mal soffrido em semelhantes demasias, de sorte que mandou a seu filho Dom Estevão, e Antonio da Sylva, e Tristão de Tayde e outros fidalgos que nos bateys das suas naos lhos fossem castigar. Abayxo de Cananor correrão traz oyto que fizerão varar em terra, onde ouve alguns mortos e muytos feridos: e junto a Panane derão caça a outros doze com que teverão briga muy acesa e de perigo; porque varando os mouros na praya juntou-se a gente da terra a defendellos, e sendo delles muytos mortos, ficarão feridos dos nossos Antonio da Sylva de Meneses, Manoel da Sylva d'alcunha o Galego, e João de Cardona, e mortos dous. E porque lhe parecia que não conhecia a India pollo desaforo e soberba que via nos mouros, ordenou muytas armadas juntas pera acharem por toda a parte quem os domasse e reduzisse á humildade antiga. Foy a primeyra de duas galés e huma galeota, Capitão-mór Jeronimo de Sousa, e companheyros Francisco de Mendonça o velho e Antonio da Sylva de Meneses, com ordem que despois de proverem a Dom João de Lima em Calicut de cousas necessarias, que lhe hião em huma caravella de sua companhia, ficasse naquella paragem pera freo dos paraos daquelle Malabar. E sahio o provimento bem acertado; porque dentro de pouco tempo destruyo mais de quarenta, cujo capitão era o mouro Cutialle, que por mandado do Samorim sahia de Coulete a tolher os mantimentos que navegavão pera a nossa fortaleza. Em segunda armada mandou Simão Sodré com quatro velas ás ilhas de Maldiva, em busca de huns mouros que fazião guerra a certos senhores das ilhas nossos amigos, e tambem pera fazer vir cayro a Cochim, que he principal munição pera as naos que partem pera o Reyno. Partio Simão Sodré e encontrou seis fustas, de que era capitão hum mouro dos prin-

cipays de Cananor: desbaratou-as e ficarão-lhe na mão duas. Em terceyro lugar despachou pera a costa de Melinde Fernão Martins de Sousa com duas embarcações: e juntamente mandou mais duas galeotas a Jeronimo de Sousa, pera que igualasse em ligeireza os paraos de mouros, e ficasse com mais força. E forão-lhe bem necessarias; porque logo teve novas que no rio de Braçalor estavão oytenta paraos carregados de pimenta pera hirem vender a Cambaya ás naos de Meca, e foy pelejar com elles. E por ser sobre tarde quando os acometeo, tomando doze com seu recheyo, os mais se tornarão ao rio, onde os encerrou pera lhes tolher a navegação da pimenta. Porém não foy a vitoria sem custo, porque forão dos nossos feridos muytos, e mortos quatro.

No mesmo tempo tendo novas Dom Enrique de Meneses capitão de Goa que á vista da cidade passavão cada dia muytos paraos caminho de Cambaya, assi o sintia que se desfazia de dor tendo por afronta sua tamanho atrevimento: e se lhe fora licito polla obrigação do cargo, não lhe pedia seu grande animo menos que hir em pessoa tomar por seu braço satisfação delles. Mas via-se com as mãos atadas, porque o Viso-Rey, na passagem que fez por Goa, tinha levado todo genero de navios que avia no porto. E com tudo achou-se hum dia tão vencido da payxão, que correndo a ribeyra em pessoa, e achando dous paraos, que carregavão sal pera a cidade, logo os comprou e mandou armar: e porque na mesma conjunção entrou Antonio Correa de Dabul com tres paraos e huma galeota, com que fez seis vazilhas, cheo de contentamento e boa esperança por lhe parecer que tinha huma grande armada, deu a Capitania-mór com a galeota a Dom Jorze Tello seu sobrinho, filho de Dom João Tello de Meneses, e das mais fez capitães Antonio Correa, Payo Rodriguez d'Araujo, Alvaro d'Araujo seu hirmão, João Caldeyra de Tangere, e Duarte Denis de Carvoeyros. Erão todos homens de feito: mandou-os sahir em dia do Apostolo S. Thomé, que como he patrão nosso nas partes da India assi guiou a Dom Jorze, que onde chamão os ilheos queimados junto de Goa lhe deparou trinta e oyto paraos carregados de especiaria, capitão delles hum mouro de Calicut por nome China Cutialle. Pelejou com elles, tomou quatro, e fez dar á costa a mór parte dos mais, e as bandeyras com que festejou a vitoria forão de mouros enforcados das vergas das embarcações, pera terror

e exemplo: e não tardou em o fazer sahir segunda vez com só tres dias de descanço: e valeo a diligencia pera dar com huma nao de Calicut acompanhada de nove paraos de guarda, dos quays ouve semelhante vitoria: tomados alguns, fez dar a nao á costa.

CAPITULO XX.

Morte do Conde Almirante. Successão de Dom Enrique de Meneses.

Procedia o Conde nas cousas atraz ditas com a sua vehemencia natural e sem dar hora de repouso a seu espirito. Mas o corpo carregado de annos e quebrado dos trabalhos e navegações antigas vêo a sintir com demasia os cuydados presentes. Adoeceo gravemente: e conhecendo que o chamava a ultima hora, fez juntar diante de si os fidalgos e pessoas mais principays que na cidade se achavão, com o Capitão della que era Lopo Vaz de Sampayo, e mostrando os poderes que elRey lhe dera em sua partida, declarou que por sua morte ficasse governando a India o Capitão Lopo Vaz, até tomar posse do governo aquella pessoa que se achasse nomeada nos papeis secretos, que em mão do Veador da fazenda Affonso Mexia tinha depositados. Erão estes tres patentes serradas e selladas com as armas reays, das quays a primeyra tinha por sobrescrito huma regra assinada da mão de Sua Alteza, que dizia: — Successão do Conde Almirante: — e a segunda e terceyra não tinhão mais escritura nem titulo no sobrescrito que duas palavras:— Successão segunda—em huma, e —Successão terceyra — na outra, com o sinal ordinario de Sua Alteza abayxo. E porque o Veador da fazenda da India he a segunda pessoa della despois do Governador em todas as materias da fazenda real, he costume estarem em seu poder estas patentes, que pollo effeito em que servem são chamadas successões. Ajuntou logo a esta declaração mandar fazer hum auto della por taballião publico, em que o Veador da fazenda e os fidalgos e mais pessoas de importancia assinarão e fizerão juramento de obedecerem em tudo, assi ao que sahisse nomeado polla patente de Sua Alteza, como a Lopo Vaz em quanto o tal nomeado tardasse em tomar posse do Estado. Nesta conjunção chegou a Cochim Dom Duarte: e

porque sobre a materia de sua embarcação, e sobre a entrega do governo, teve o Conde alguns desgostos com elle e com seu hirmão Dom Luis, como era impetuoso e ardente no que lhe parecia ordem de justiça, de maneyra lhe aggravarão o mal e encurtarão os dias da vida, que vêo a falecer aos vinte e sinco dias de Dezembro deste anno de 524, dia em que celebramos o glorioso nacimento de Jesu Christo nosso bem.

Sepultado o Conde Almirante, juntou Lopo Vaz de Sampayo, como Governador, nas mesmas casas em que o Conde falecera, tudo o que em Cochim avia de fidalgos, cavaleyros criados delRey, e mais gente nobre, e com a solenidade que o caso requeria fez abrir diante de todos a patente que tinha por titulo Successão do Conde Almirante. A qual sendo aberta e lida pollo secretario da India, se achou nomeado por seu successor no governo do Estado Dom Enrique de Meneses. (1) Despachou-lhe Lopo Vaz em toda diligencia com a nova sinco velas, de que deu a capitania-mór a Francisco de Sá, com ordem que désse de caminho aviso a Jeronimo de Sousa na boca do rio de Braçalor, onde estava sobre o grande numero de paraos que nelle encurralara, pera se hir acompanhar o Governador. Dom Enrique recebido o aviso de sua successão nem se deu muyta pressa em partir, nem em seguir a viagem despois de partido, porque quiz chegar a Cochim a tempo que achasse partidas as naos do Reyno; que como Dom Duarte e Dom Luis erão seus parentes, e sabia que estavão escandalizados dos termos com que o Conde os fizera embarcar, foy-se detendo na viagem, porque não queria deminuyr hum ponto por razão do sangue no que o Conde, seguindo a obrigação de justiça e das ordens que trazia de elRey contra Dom Duarte, ordenara. E na verdade não foy a detença ociosa nem de pouco fruyto, segundo adiante veremos, inda que o primeyro intento foy o que temos dito, e a essa conta de caminho mandou suas vias de cartas pera elRey ás náos de viagem. Mas porque vêo a entrar em Cochim em 4 de Fevereyro do anno de vinte sinco, daremos aqui fim a este capitulo, e com elle ao segundo Livro desta Historia. E no seguinte se verá quam bem empregadas e de serviço de Deos e delRey forão suas demoras.

---

(1) Barros Dec. 3. L. 9. C. 3.

LIVRO III.

CAPITULO I.

Das naos que este anno partirão com carga da India pera o Reyno: e das que do Reyno forão pera a India, e o successo que humas e outras teverão.

Sahirão de Cochim este anno de 1525 pollo mez de Janeyro pera o Reyno, com a carga ordinaria de especiarias, a nao S. Jorze, em que embarcou Dom Duarte que acabara seu tempo de governador: e a nao Santa Caterina de Monte Sinay, que se deo a seu hirmão Dom Luis: e a de Duarte Tristão Armador em que se embarcarão os filhos do Viso-Rey que elle mandou se tornassem pera o Reyno. Não achamos noticia que fossem despachadas mais naos: mas porque consta que o Conde Viso-Rey tinha feito força a Dom Duarte que se viesse na nao Castello, e tambem tinha despachado outra com cartas a elRey que partio em primeyro dia de Dezembro, capitão Francisco de Mendonça, parece que devião sahir sinco por todas. Destas sabemos que teverão infelice viagem as dos dous hirmãos, huma procurada e quasi assinte, a outra muyto desastrada. Contão que dos rigores que o Conde uzou com Dom Duarte, que forão muytos, além de o mandar vir prezo em menagem e com ordem de não desembarcar em Lisboa sem recado expresso delRey; resultou temer-se que avia diante de Sua Alteza tão graves culpas suas, que justamente o fazião vacillar nos conselhos, e ninguem deu disto sinal mais claro que seu hirmão Dom Luis, porque des do dia que ambos se fizerão á vela em Cochim, elle o não desacompanhou de dia nem de noyte, vigiando-o sempre com grande cuydado: e fazia-o de melhor vontade porque enxergava, no modo que levava de navegar, que era sua determinação não passar naquelle anno ao Reyno, e fazer-se arribado a Moçambique: sendo assi que onde todos os nave,

gantes dezejão velas dobradas e ainda asas pera chegarem com cedo a vencer o cabo temeroso de Boa Esperança, elle ao revês hora mandava tomar as velas de gavia, hora levantar a vela grande nos palancos, e se de noyte sobrevinha qualquer chuva, inda que fosse sem vento, logo fazia amaynar todas as velas, e ao levantallas dava tanto vagar que se perdia muyto tempo, não bastando arribar a elle muytas vezes Dom Luys e lembrar-lhe com brados que perdião a viagem: e emfim chegarão tão tarde ao Cabo, que a força de ponentes, que já acharão muy frios e asperos, arribarão a Moçambique ambos. Como o tempo deo lugar de tornarem a navegar sahirão ambos os hirmãos com o mesmo cuydado: Dom Duarte de hir muyto devagar, e Dom Luis de o vigiar e apressar. Mas passado o Cabo, tomando já mal Dom Duarte as diligencias de seu hirmão, mandou-lhe dizer que elle se hia entrar na Agoada de Saldanha porque hia falto d'agoa, que elle Dom Luis não perdesse viagem e se fosse embora em demanda da ilha de Santa Elena e que ahi se juntarião. Dom Luis ou parecendo-lhe que tinha feito assaz em fazer passar o Cabo a seu hirmão: ou cansado de o seguir mais, se foy em demanda do Reyno aonde não chegou, e se teve por perdido com tormenta, successo ordinario nesta viagem: mas pollo tempo adiante se vêo a saber que fazendo a nao tanta agoa que se hia sem remedio ao fundo, encontrou nesta costa de Portugal com hum navio francez, do qual querendo-se valer como de amigo, e pedindo-lhe ajuda e remedio, os que nelle vinhão lho derão de verdadeyros enemigos, porque entrando á falsa fé se fizerão senhores della e despois de baldearem em seu navio o melhor e mais precioso, porque nunca viesse a luz tamanha traição lhe poserão fogo e a fizerão arder com tudo e com todos os que dentro vinhão. Averiguou este successo no anno de 38 Diogo da Silveyra que andando por Capitão-mór na costa e colhendo hum cossario francez, alguns soldados por salvarem as vidas lhe offerecerão descobrir o que temos referido, e ajuntarão que o Capitão com que ali vinhão fora companheyro na tomada da nao, e era hirmão do traydor a quem Dom Luis se encomendara. Posto este a tormento confessou tudo, e Diogo da Silveyra fez que o pagasse com a pena de talião, ficando queimado vivo com o navio e companha, pequena consolação pera a perda de Dom Luis, mas justo castigo.

Dom Duarte sem tomar a Ilha de Santa Elena se veo buscar a costa do Algarve e surgio na barra de Farão. E logo mandou ao Piloto que fosse tomar Cezimbra; mas elle poz a nao na boca da barra de Lisboa, donde Dom Duarte o fez voltar a Cezimbra, e ali se desembarcou com o mais que pode de sua fazenda, e estas demoras forão occasião de se perder a nao levantando-se hum tempo travessia que sem remedio a fez hir á costa.

De Lisboa sahirão pera a India no mesmo anno quatro naos, Capitão-mór Felipe de Castro filho de Alvaro de Castro: os mais capitães erão Dom Lopo d'Almeyda filho de Dom Diogo d'Almeyda Prior do Crato, que hia pera entrar por capitão de Sofalla em lugar de Diogo de Sepulveda que acabava seu tempo: Diogo de Mello: e Francisco de Anhaya filho de Pero de Anhaya (1). Destes se foy perder o Capitão-mór com a sua nao Corpo Santo na costa de Arabia junto ao cabo de Roçalgate, onde por má vigia foy a nao varar em terra: e Francisco de Anhaya se perdeo tambem com a nao S. Vicente á sahida da barra de Lisboa. Neste anno de 25 foy por Capitão-mór d'armada da costa Fernão Correa, com huma nao e quatro caravellas, e tornou Garcia de Melo ás ilhas com a nao Santa Caterina e outros sete navios.

CAPITULO II.

Entra a Raynha Dona Caterina em Portugal: Espera-a elRey na Villa do Crato. Ahi se recebem, e passão pera Almeyrim.

Entrado o anno de 1525 ardia o Reyno em apercebimentos de festas começados des do anno atraz pera o recebimento da Raynha, e continuados neste por toda a nobreza do Reyno com custo, riqueza e variedade de librés, desejando cada hum mostrar naquelle exterior concerto o muyto que dentro na alma estimavão o gosto de seu Rey e o bem do Reyno. E tanto que se soube que a Raynha abalava de Valhadolid caminharão os Iffantes com grande e luzido acompanhamento pera Elvas: E o Duque de Bargança por outra parte, seguido de seu filho e do commendador-

(1) João de Barros Dec. 3. L. 10. C. 1.

mór de Christo seu sobrinho, e de hum grande numero de fidalgos e criados, aparato quasi real e estilo ordinario desta grande casa em todas as occasiões que se acha de serviço dos Reys e honra do Reyno, se foy juntar com elles na mesma cidade. E quando forão 14 dias do mez de Fevereyro se acharão todos na ribeyra de Caya, que he a raya de ambos os Reynos. Vinha a Raynha da parte de Badajoz acompanhada do Bispo de Ciguença e do Duque de Bejar, seguidos ambos de muyta nobreza e fidalgos principaes de Castella, todos lustrosos e custosos em diversidade de trajos, sedas e côres, e numero de criados. Sendo juntos o Bispo e Duque com os Iffantes, e mostrados de parte *a parte* (1) os poderes que huns e outros trazião pera a solenidade da entrega, foy logo executada á vista de infinito povo, que a ella concorreo de ambos os Reynos, com huma universal e extraordinaria alegria de todos. E porque o modo e ordem desta entrega sahio toda do juyzo delRey, e temos viva a carta que Sua Alteza escreveo a Damião Dias, que acompanhava os Iffantes como notario publico e geral destes Reynos pera o que se offerecesse, pareceo-nos mais acertado lançalla aqui como está em seu original, que fazermos descripção do como passou. E he a que se segue:

« Hey por bem que todas as pessoas que invio com os Iffantes meus hirmãos, vão logo sahindo de Elvas, todos juntos com Elles, e não apartados em magotes: e que no lugar onde se ouver de fazer a entrega da Raynha, se decção todos a pé, e a pé beijem todos a mão á Raynha, e assi como cada hum melhor o poder fazer, sem nisso aver precedencia, e despois de beijada a mão se tornarão a pôr a cavallo. Despois de todos beijarem a mão, se adiantará o Duque, e se decerá a pé pera beijar a mão: e tanto que fôr a pé, a Raynha lhe mandará que torne a cavalgar, e assi a cavallo lhe beijará a mão, e despois de beijada se tornará a pôr a par dos Iffantes meus hirmãos, e despois de ser junto com Elles, se decerão os Iffantes e se porão a pé, e a Raynha lhes mandará que cavalguem, e lhe hirão beijar a mão a cavallo. O filho do Duque e o Commendador-mór seu sobrinho beijarão a mão a pé á Raynha antes do Duque lha beijar. Beijada a mão pollos Iffantes, como dito he, Elles se retirarão hum pouco, ficando o mais junto

(1) Falta no Ms. o que vai em italico.

da Raynha que for possivel: e se vierem o Duque de Bejar e o Bispo de Ciguença, que vinhão acompanhando a Raynha pera a entregarem na raya, nos lugares da mão direyta e da outra parte da Raynha, não lhes dando elles lugar, esperarão até se fazer a entrega, e como for feita tomarão logo seus lugares, a saber, o Iffante Dom Luys no melhor lugar. Os Iffantes, despois de beijada a mão, não cobrirão suas cabeças, salvo quando lho mandar a Raynha, e Ella será avisada para os mandar cobrir logo. De tudo o que dito he ouve por meu serviço vos mandar este regimento pera, antes da sahida da Cidade de Elvas, saberem as pessoas principays e todas as outras o que nisso ordeno e mando, e terdes cuydado pera que assi se faça. E polla muyta confiança que de vós tenho quiz dar-vos disso cuydado antes que a outrem: e por isso fazei-o assi bem, como de vós confio.»

Por outra carta mandou elRey alguns apontamentos a Pero Correa senhor de Bellas, concernentes á decencia desta entrega, com ordem que os tevesse em todo segredo, e em caso que por mandado da Raynha fosse perguntado por alguma cousa, respondesse conforme a elles, mas isto como quem dava seu parecer, e não como que tinha instrução sua, pera que a Raynha pudesse fazer aquilo de que tevesse mays gosto. Como este fidalgo foy hum dos Embaixadores e procuradores que assistirão na conclusão e escrituras deste matrimonio em Castella, e era já conhecido da Raynha: Mandou-lhe elRey tambem que ao tempo da entrega estivesse junto della, pera lhe dar a conhecer as pessoas que lhe fossem beijar a mão, e não errar no gasalhado e honra que a cada hum por sua calidade se devia. Em remate desta solenidade despedio a Raynha com palavras de muyto respeito e cortezia o Bispo e Duque e fidalgos de sua companhia que se tornarão pera Badajoz; e Ella com os Iffantes se recolheo a Elvas, e logo caminhou pera o Crato onde elRey a esperava: e passados poucos dias se forão juntos á Villa de Almeyrim, despovoando-se os lugares até muyto longe com alvoroço de verem e festejarem a sua Raynha. E como entre os portuguezes he tão entranhavel e natural o amor de seus Reys, creceo grandemente pollo tempo adiante pera com Ella em todo o Reyno, porque foy descobrindo raras e eroycas virtudes, grande zelo e piedade christã, grande brandura e affabilidade em obras e palavras para com gran-

des e pequenos, a que juntava fazer mercês a huns, e procurallas delRey pera outros: e ganhando as vontades dos vassallos, ganhar tambem a delRey, que muyto estimava este bom termo.

Era a Raynha de dezoito annos de idade perfeitos quando entrou neste Reyno, porque naceo em 15 de Janeyro de 1507 na Villa de Torquemada. Trouxe Sua Alteza consigo alguns criados, que neste Reyno passarão muyto adiante em cargos e estimação merecida por partes de entendimento e prudencia. Forão no Ecclesiastico Julião d'Alva, Paulo Affonso e Rodrigo Sanches. Os Seculares Felipe de Aguilar etc. Como foi condição do contrato que em Castella se fez que as pessoas que a viessem acompanhando ficarião logo gozando do privilegio de naturays, todos forão admittidos no que cabia em suas calidades, como adiante veremos.

CAPITULO III.

Trata-se do Casamento do Emperador com a Iffante Dona Isabel: Vem de Castella Embaixadores pera celebração dos contratos e desposorio. Chama elRey a Cortes os Estados do Reyno.

Resultou da vinda da Raynha começar-se a tratar com calor do casamento da Iffante D. Isabel com o Emperador: ElRey o desejava pollo amor que lhe tinha, e polla lembrança da palavra que elRey seu pay lhe tomara morrendo, e a Raynha o procurava com efficacia, obrigada em todo estremo das excellentes partes que achava na Iffante, das quais a experiencia e trato familiar fazia grande aventagem á fama que dantes tinha dellas. Tratado o negocio por cartas e recados dos Embaixadores que em Castella e neste Reyno assistião, emfim se vêo a apertar tanto, que pera se lhe dar conclusão com solenidade de escrituras e dos mais autos que em semelhantes materias se costumão, ordenou o Emperador mandar a este Reyno particulares procuradores e Embaixadores. Por outra parte vendo elRey que sobre o grande gasto que da vinda da Raynha e sustentação de sua casa lhe recrecera, tinha por davante outro maior que cumpria fazer no dote e ida da Iffante, assentou chamar

Cortes pera se ajudar de seus povos nesta occasião. E na entrada de Julho mandou fazer chamamento geral dos Estados pera a Villa de Thomar, pera onde se vêo logo de Evora onde fora ter o verão: e porque em Thomar começou a aver doenças de má calidade e principios de peste, passou-se a Torres Novas, e nesta Villa se fizerão as Cortes. Juntavão-se os Estados na Igreja de S. Pedro a tratar das cousas que se offerecião pera beneficio do Reyno e em serviço delRey. No que tocava ao Reyno fizerão muytos apontamentos de cousas que cumprião trocar-se ou fazer-se de novo pera bom regimento e assosego da terra, que se proposerão a elRey, das quais, porque não sahio a luz o effeito dellas senão treze annos adiante no de 38 despois doutras Cortes que elRey juntou em Evora no de 1535, não faremos aqui menção, guardando-as pera o anno em que se publicarão e forão impressas. No que tocava a Sua Alteza ordenarão servillo com cento e sincoenta mil cruzados pagos em dous annos.

No mesmo tempo que as Cortes corrião, entrarão em Torres Novas Monsiur de la Xaus Carlos Popet, e João de Estuniga cavalleyro do habito de Santyago, pera rematarem por escrituras a pratica que corria do casamento da Iffante D. Isabel. Mandou elRey juntar com elles Dom Antonio de Noronha hirmão do Marquez de Villa Real, que tinha o officio de seu escrivão da puridade, e Pero Correa polla experiencia que já tinha de semelhantes materias ganhada em Castella nos contratos da Raynha. Do que os quatro assentarão se vêo a celebrar escritura em 17 de Outubro deste anno de 1525. Forão condições principays de parte delRey que tanto que o Emperador alcansasse dispensação do Summo Pontifice, logo mandaria a Iffante a hum dos lugares da raya, qual o Emperador nomeasse, até ultimo de Novembro primeiro seguinte: E que se daria em dote a Iffante novecentas mil dobras douro castelhanas de 365 maravedis a dobra, nos tempos e lugares e modos que logo ficarão declarados; na qual contia entrarião 23$066 dobras, que tanto valião os oyto contos novecentos oytenta mil e tantos réis que a Iffante erdara da Raynha sua mãy: e se descontarião da soma mayor deste dote cento e seenta e sinco mil duzentas e trinta e duas dobras, da mesma valia de 365 maravedis, que o Emperador estava devendo a elRey pera cumprimento do dote da Raynha; e assi mais 51$369

dobras, do mesmo preço e valia, que tantas se montavão em sincoenta mil cruzados douro, que o Emperador devia a elRey por outros tantos que elRey Dom Manoel lhe emprestara no tempo das alterações de Castella, que chamarão communidades. Da parte do Emperador prometerão os Embaixadores de arras á Iffante trezentas mil dobras, que era o terço de toda a contia do dote: e outras quarenta mil, a que despois juntarão mais dez mil, pera sustentação de sua casa, pagas todas 50$000 em cada hum anno, e assentadas em rendas de Cidades e Villas, que logo se declararão e hipotecarão, com outras particularidades e miudezas que pera esta historia escusamos referir. No dia seguinte forão os quatro procuradores diante delRey que os esperou em casa da Raynha, acompanhado della e da Iffante; e lida a escritura jurou de comprir tudo o que nella se continha. E logo Dom Fernando de Vasconcellos, Bispo que então era de Lamego e Capellão-mór delRey, tomou juramento á Iffante que compriria tudo o que á sua conta estava fazer pera bem daquelle contrato: e o mesmo jurarão em nome do Emperador Monsiur de la Xaus e João de Estuniga em mãos do Bispo. O que sendo assi concluydo, e dado tambem ultimo ponto ho negocio das Cortes, pareceo a elRey passar-se pera Almeyrim, como lugar mais acomodado de paços reays e largueza, pera se fazer a cerimonia que faltava do desposorio. Chegado elRey a Almeyrim logo em primeyro dia de Novembro sendo já noyte sahio á sala, que estava armada de rica tapeçaria de ouro e seda, com hum fermoso docel de brocado de pello no topo: vinhão com elle a Raynha e a Iffante, e sendo presente Monsiur de la Xaus, o Bispo de Lamego Dom Fernando de Vasconcellos, que junto estava a Suas Altezas, disse em voz que de todos foy bem ouvida estas palavras: « Entre o muyto alto e muyto poderoso Rey Nosso Senhor, e o muyto alto e muyto poderoso Senhor Dom Carlos Emperador dos Romãos Rey de Alemanha e Castella etc. he concertado e contratado que o dito Senhor Emperador aja de casar com a muyto alta e muyto esclarecida Princesa a Senhora Iffante Dona Isabel: sobre o qual concerto forão feitos juramentos, que dispensando o Santo Padre para o casamento se poder effeituar, os ditos Senhor Emperador e Senhora Iffante se receberião por palavras de presente. E por hora ser vinda a dispensação, quer elRey Nosso Senhor que Vossa Alteza (falando com a Iffante) cumpra por

sua parte o dito juramento, porque o dito Senhor Emperador polla sua o quer cumprir por Carlo de Popet seu Embaixador e procurador neste caso, e Vossa Alteza dirá estas palavras: — Eu a Iffante Dona Isabel por vós Carlo Popet e vós mediante, como Embaixador e procurador pera este caso de Dom Carlos Emperador dos Romãos Rey de Alemanha e Castella etc. recebo ao dito Dom Carlos Emperador por meu marido bom e lidimo, e me dou por sua molher, como manda a Santa Madre Igreja de Roma.» E pondo o Bispo os olhos em Carlos Popet disse: «E vós magnifico Embayxador direys estas palavras: — O muyto alto e muyto poderoso Senhor Dom Carlos Emperador dos Romãos Rey de Alemanha e de Castella etc. por my Carlo Popet seu Embayxador e procurador neste caso, e eu mediante recebo a vós muyto alta e muyto esclarecida Princesa Iffante Dona Isabel por sua molher boa e lidima, e se dá por vosso marido, como manda a Santa Madre Igreja de Roma.» Acabado este acto a Iffante, feita huma grande inclinação ante elRey até pôr os joelhos em terra, lhe pedio a mão e lha beijou porfiando elRey por lha não dar, e ella polla tomar, e o mesmo fez com a Raynha. Logo beijarão a mão a elRey e á Raynha os Iffantes por esta ordem: foy primeyro o Iffante Cardeal Dom Afonso, segundo o Iffante Dom Luys, e apoz elle os Iffantes Dom Fernando e Dom Anrique, e o ultimo Dom Duarte. Traz os Iffantes fizerão o mesmo os Embayxadores Carlo Popet e João de Estuniga; a quem seguirão todos os senhores e fidalgos que erão presentes. E todos despois beijarão tambem a mão á Emperatrix.

Pareceo a elRey festejar este dia com sarao real, e o seguinte com banquete pera que forão convidados os Embayxadores. O sarao se começou sentando-se elRey e a Raynha debayxo do docel em almofadas de brocado, com a Emperatrix entre ambos. Dançou a Raynha com a Emperatrix, elRey com D. Anna de Tavora, e os Iffantes Dom Luys e Dom Fernando com as Damas da Raynha; e foy a festa de tanta magestade que não teve fim menos das duas horas despois de meia noyte. O jantar foy com a mesma e mayor pompa. Sentou-se elRey á mesa e junto delle o Cardeal, logo os Iffantes Dom Luys, e Dom Fernando, e apoz elles Monsiur de la Xaus e no topo João de Estuniga. O serviço foy, que aos Embayxadores vinha tudo cortado da copa, e o servidor da toalha lhes punha os pratos, e seus

criados lhes trazião de beber. E na mesa não ouve mais officiays que os delRey e dos Iffantes; e não ouve agoa ás mãos pera os Embayxadores.

Parecia que não faltava nada pera a Emperatrix se poder hir pera Castella: e de parte delRey estava prestes tudo o que convinha pera a jornada: mas sendo visto o Breve da dispensação por pessoas curiaes e doutas, assentarão que convinha passar-se em mais ampla fórma, vistos os muytos vinculos de parentesco que entre os contrahentes avia. E assi foy forçado aver dilação em quanto se expedia outro Breve, que vêo na entrada do anno seguinte. E neste mêo faleceo a Raynha Dona Lyanor tia delRey e molher del-Rey Dom João Segundo, cuja morte fez todavia amaynar muyto no que se apercebia de festas e pompa de atavios.

CAPITULO IV.

De algumas cousas que elRey mais fez este anno: E como recebeo a Rosa que o Summo Pontifice lhe mandou.

Deste anno he huma notavel acção delRey que o Conde da Castanheyra contava com gosto despois de sua morte. Vendo o Emperador que tinha em Portugal sua hirmã por Raynha e muyto amada delRey; e que esperava cedo ter consigo a Iffante Dona Isabel por molher, pareceo-lhe conjunção de aver a suas mãos alguns homens de conta que por culpas das communidades andavão retirados neste reyno. Mandou pedillos: Poz Sua Alteza o negocio no Conselho. Erão os que assistião nelle o Duque de Bargança Dom Gemes, o Marquez de Villa Real Dom Estevão, e Dom Martinho Conde de Villa Nova e Camareyro-mór, e outros, velhos e honrados: ElRey de 23 annos. Assentarão todos que os devia entregar, e Elle disse que nunca Deos quizesse que tamanho mal fizesse a seus vassallos, porque isto era tirarlhes todo o refugio pera quando algum erro fizessem. Cahirão os velhos na conta; lançarão-se aos pés delRey em graças do voto, e da tenção delle, confessando que os alumiava.

Estando elRey em Evora, em 6 d'Abril deste anno, confirmou o officio de Capitão-mór destes Reynos a Dom Antão d'Abranches do seu Conselho, assi como o fora seu pay

o Conde d'Abranches, com privilegio passado aos dezoyto do mesmo mez que pudesse chamar a toda hora todos os homens que quizesse, assi de pé como de cavallo, pera serviço de Sua Alteza, e aos que não acudissem pudesse tomar, e apropriar pera si seus bens e fazenda.

Em 21 d'Abril, em Evora, fez Chançarel-mór da justiça, officio vago por morte de Pero Ruy da Grã, ao Doutor João de Faria do seu Conselho e desembargador que já era do paço. E dá elRey por razão desta mercê suas letras e lealdade, e o serviço que lhe fez em Castella no trato de seu casamento com a Raynha Dona Caterina.

Em 4 de Mayo confirmou o titulo de Conde de Abrantes, a Dom Lopo d'Almeida, e a Villa de Abrantes com seu castello e alcaydaria-mór.

Em 8 d'Agosto, em Thomar, comprou a Martim Afonso de Sousa a Villa de Prado e a tornou a unir á Coroa, por quatro mil cruzados que Sua Alteza lhe tinha emprestado pera compra de certa fazenda.

Em 12 de Setembro, na Villa de Thomar, confirmou ao Marquez de Villa Real Dom Pedro de Menezes as Villas de Freyxieyro e Abreyro e o castello da Villa de Vianna Foz do Lima.

Em 14 de Setembro, doação das saboarias de Portalegre a D. Joanna de Tavora molher que foy de Martim Vaz de Gouvêa pay de Pero de Gouvêa.

Em 9 de Novembro, capitania de Çafim dada a Garcia de Mello do seu Conselho capitão e anadel-mór dos besteyros de monte: E dá por razão a bondade de sua pessoa e muitos serviços de Africa e das armadas.

Em 26 de Setembro, capitania da fortaleza de Calicut a Francisco de Sousa de Tavares, com 400$000 réis d'ordenado; e que entraria na vagante de Dom João de Lima.

Em 6 de Dezembro, licença a Dom Antonio de Noronha seu Escrivão da Puridade pera comprar o castello de Linhares, a Francisco de Almeida, por noventa e sete mil réis de tença que o dito Dom Antonio nelle trespassa.

No mez de Dezembro entrou por Almeyrim hum Prelado Camareyro do Summo Pontifice Clemente septimo com hum presente que os Papas costumão enviar aos Reys benemeritos da Santa Igreja, que he huma Rosa sagrada; e trazia com ella huma indulgencia e jubileo pera elRey e pera mais cem pessoas que Sua Alteza nomeasse. Foy rece-

bida com a ceremonia seguinte: Sahirão todos os Capellães delRey á porta da Capella com Cruz alçada e cantando devotamente o hymno Te Deum etc.; receberão o Prelado que trazia a Rosa e o levarão até o altar, onde a poz. Deceo despois elRey á Missa, e sendo acabada, tomou a Rosa da mão do messageiro, e ouvio a oração que dando-a rezou. Chamava-se este Prelado Antonio Ribeyró, que no nome mostrava mais ser espanhol que romano, e tudo podia ser, mas de certo não nos consta. ElRey lhe fez mercê de trezentos cruzados: não achamos clareza nas memorias donde esta tiramos, se forão de renda ou pensão, se dados por huma vez de contado. Em cousas tão antigas não pode aver mais certeza que propormollas assi como as achamos.

CAPITULO V.

Guerra de Africa: Capitães em Tangere Dom Duarte de Menezes; em Arzilla Antonio da Sylveyra.

Da guerra de Tangere não ouve escritores, como da de Arzilla: Mas achamos huma carta na Secretaria da Torre do Tombo, escrita a elRey pollo Capitão Dom Duarte de Menezes, que por mayor nos declara o sucedido nos tres annos que já tinha comprido em seu cargo: e despois de dizer que tinha servido os tres annos, acrecenta, palavras formays: — os quais tres annos são mais de sete pollos trabalhos e perigos que neste tempo passey em que elRey de Fez me apressou mais que a nenhum Capitão que ca estivesse este tempo. Elle me correo por sua pessoa oyto ou dez vezes, e poz minha pessoa em muy grande perigo ferindo-me o cavallo com muytas azagayadas, que parecia hum touro carregado de garrochas, e assi as armas derribadas das mesmas lanças. Esteve sobre my oyto dias, afora me correrem os Alcaydes outras tantas vezes, em que passey muyta afronta e oppressão. Pois senhor, quem em tres annos tanta afronta e perigo passou, já agora será rezão de folgar o derradeyro quartel de sua vida; que sou velho e cansado das armas. He feita a carta em 22 d'Abril deste anno.

Atraz deixamos apontado como requerendo o Conde de Redondo a Sua Alteza licença pera vir tratar de seus requerimentos, que lhe atalhara o desbarate de Dom Manoel

de Menezes seu sobrinho, e a necessidade que então avia de sua pessoa em Arzilla, pera onde partira deixando todos em aperto, proveo elRey da capitania, em lugar do Conde, a Antonio da Sylveyra, filho.................... e primo com-hirmão da Condessa. Mandou-lhe Sua Alteza dar tres navios no Algarve pera sua passagem, e foy entrar em Arzilla por Dezembro e na ultima semana do Advento, levando consigo sua molher Dona Genebra de Brito, e alguns fidalgos pera fronteyros; que forão Dom Fernando de Noronha avô por mãy de quem isto escrevia, e Dom Jorze de Noronha, hirmão de Dom Fernando, e Dom João de Sande, Fernão d'Alvares Cabral, e seu hirmão Antonio Cabral, com os quais avia já na Villa mais de cem lanças. Quiz o Conde entregar-lhe o governo; mas elle uzando de cortezia affirmou que tal não aceitaria em quanto elle se não embarcasse, e que estimaria que tardasse muyto na embarcação, porque tanto mays se aproveitaria de sua doutrina naquelle estudo das armas. Aconteceo logo vir Amelix o atrevido com os seus companheyros do Farrobo desejoso de fazer algum salto e saber que gente viera nos navios de que avia nova em Alcacere. E sucedeo-lhes, de dous atalayas que erão fóra, cativar hum que chamavão Diogo Neto: do que sintido o Conde, mandou no dia seguinte Artur Rodriguez que fosse correr ao Farrobo pera que soubesse Amelix que tanto o avia de perseguir até que hum dia lhe pagasse por junto quantos desgostos lhe tinha dado muytos annos avia. Trouxe Artur Rodriguez pera sanear a perda do atalaya dous mouros e duas mouras e vinte vacas, e hum dos mouros era dos valentes do Farrobo e companheyro de Amelix.

Soube elRey em Fez do novo Capitão; e quiz logo provar a mão com elle, lembrado da vitoria que tevera do Menezes, e que, quando menos, lhe ficarião na mão alguns Almogavares que já pollo costume tinha certos, como atraz contamos, e sobre tudo nos faria o mal de nos comer as ervas, e pera si o bem de fartar seus cavallos e poupar a cevada. Era o tempo que o campo mais fermoso estava de erva muyto verde e crecida, por ser em fim de Março. Deceo com seu acostumado segredo, mas desta vez foy sintido: porque derão nova delle huns mouros que andando descuydadamente no Corrego de Almenara crestando abelheyras forão tomados por huns monteyros nossos. E o Conde tanto que se certificou da vinda delRey mandou disparar

tres peças grossas sinal pera que todo homem se recolhesse. E logo no dia seguinte teve mais certeza por um mouro, que vêo ganhar os vinte cruzados que o Conde dava a todos os que trazião aviso de ser entrada no campo gente grossa. Este affirmou que elRey estava com seu arrayal no posto de Taliconte; e na mesma noyte despachou o Conde hum barco a Dom Duarte com a nova a Tangere; pera onde elRey caminhou, tanto que entendeo das cautellas que via em Arzilla ser descuberta sua vinda; mas achando os mesmos sinays em Tangere, não tardou em se tornar sobre Arzilla. He caso digno de ficar em lembrança o que em hum dia destes sucedeo a Dom Jorze de Noronha com o valente Amelix. Estava Dom Jorze doente de sezões: Não consintio o Conde que cavalgasse, por muyto que o dezejou, por se lhe não agravar o mal. Sahio o Conde deixando-o na cama e ficando acompanhado do medico; mas elle disse ao medico que se ouvesse repique não averia febre nem frio que lhe tolhesse acudir ao campo. O que sendo ouvido pollo medico lhe aconselhou que pois assi o determinava, seria melhor hiremse ambos passeando de vagar até o facho, que não despois que repicassem, correndo. Pareceo bem a Dom Jorze a razão; mandou-lhe dar hum dos seus cavallos, e forão-se ambos de vagar caminho do facho. Não chegavão bem ás tranqueiras quando o facheyro gritando quanto podia deixou cahir o facho, e vindo-se pera a Villa, disse a Dom Jorze que as atalayas do Corvo vinhão com pressa demandar o Valle; porque sete ou oyto mouros os vinhão atalhando. Apertou Dom Jorze as pernas ao cavallo e foy-se correndo pera onde o facheyro dizia, se não quando chegando á tranqueira de bayxo vio hum mouro abraçado com o atalaya, que ao parecer trabalhava como em luta pollo cativar e tomar vivo, e elle forcejava por se defender com quanto estava cercado de outros sete ou oyto mouros. Sahio Dom Jorze fora da tranqueira, e bradou-lhe dizendo—larga, larga:—E pondo a lança em hum dos mouros que o vêo receber deu com elle em terra, e foy-se aos que estavão abraçados; e por não offender ao Christão largou a lança, e levando da espada deu huma boa ferida polla cabeça ao mouro, que foy causa que sintindo-se ferido, largou o que quizera cativar, e com hum golpe de treçado lhe cortou mêa mão, e juntamente lhe fez huma grande ferida na cabeça. Porém assi ferido teve lugar de se salvar e recolher á tran-

queira, ficando Dom Jorze e o Doutor e outros dous Cavaleyros que lhe acodirão pelejando cos mouros até que o Conde os vêo recolher, sintido de ver Dom Jorze, que deixara ardendo em febre, mesturado cos mouros: E como inda não sabia a boa sorte que tinha feito, lhe disse com aspereza:— pera fazerdes desmancho ficastes na Villa: — e passando por elle disse pera Antonio da Sylveyra alanceay-me, senhor, todo homem que virdes sahir traz my, que vou por este doudo; dizia-o por Dom João de Sande que envejoso de Dom Jorze se hia metendo nos mouros desalembradamente no milhor cavallo que avia em Africa: E o Conde hia tão rayvoso que nenhum homem achou diante de si que não fizesse debruçar sobre o pescoço do cavallo ás contoadas. Recolhido Dom João e os mais, entrou o Conde da tranqueira pera dentro, onde Antonio da Sylveyra estava já metido com toda a gente. E foy sisudo conselho, porque os mouros como erão muytos chegarão furiosamente até os vallos, e despedirão muytas lanças d'arremesso. Mas como o vallo estava coroado de espingardeyros levarão huma boa curriada de setas e pelouros. Vendo-se o Conde dentro de suas tranqueiras sem dano, fez tambem recolher os arcabuzeyros e bésteyros e arrimando-se ás portas da Villa com toda a gente, porque os mouros vinham carregando em grande numero ao laranjal, e da banda da pontinha e á fonte de Alvaro Gabriel, deu lugar a que do muro fossem visitados de muytos pelouros da artilharia, de que forçadamente avião de receber dano: e emfim se meteo na Villa dizendo a Antonio da Sylveyra, que sempre que elRey viesse lhe avia de fazér cortezia. Despois de descansados soube o Conde o caso de Dom Jorze, e lhe louvou muyto a boa ventura de salvar hum tão bom homem como era Christovão Rodriguez o Chamiço, que assi se chamava o atalaya, e de mãos de tão valente mouro como era Amelix, que este era o que tinha em braços. E foy o caso que o Chamiço lhe tinha escapado outra vez, e desta colhendo-o em parte onde o poderia matar, não quiz senão tomallo vivo: E vindo traz elle dizia-lhe: — Velho, agora me pagarás a ouzadia com que outra vez me encontraste e escapaste. Velho era o Chamiço, mas tão duro e robusto, que vendo-se atalhado de oyto mouros dos melhores do Farrobo, e que seu companheyro Francisco da Mota deixado o cavallo se embrenhara na Canaveirinha da fonte de Lengano(?) onde escapou, elle pondo

a lança debaixo do braço determinou romper por elles; mas Amelix como desejava tomallo vivo, abateo-lhe a lança e abraçou-se com elle, e neste estado os achou Dom Jorze, que ficou bem envejado pollo successo de todos os mais fronteyros; que na verdade este era o caso porque os lidos nas historias antigas se lembravão que os capitães sohião coroar aquelles que tal fazião de huma coroa de...... que chamavão civica, mais estimada que as d'ouro, pollo muyto que mais valia salvar hum companheyro e cidadão na guerra que fazer qualquer outra grande façanha.

CAPITULO VI.

Como se vierão fazer Christãos dous Mouros, hum surdo e mudo, outro sabio e valente Cavalleyro: E como foy morto Amelix em Arzilla; e cativo em Tangere o mouro Abenaix.

Embarcado o Conde ficou a terra em aperto porque se diminuyo a gente de cavallo, assi polla que elle trouxe sua, como por alguns moradores que o forão acompanhando pera terem favor em seus requerimentos. Ajuntou-se ficar escandalizado do Conde o Alcayde de Alcacere por represa que lhe fez em huma cafila até se pagar (?) de certas dividas. O que foy causa de cerrar de todo os portos e não deixar vir outra: E assi se padecia muito na Villa, porque com as cafilas corria o commercio e trato e resgates e todos se aproveitavão, e com ellas se sabião novas dos dizenhos do enemigo ou pera sahir confiadamente ao campo, ou pera se guardarem. E foy pior porque nesta cegueira de cousa mandando o Capitão gente fóra, não puderão tomar lingoa. Mas acudio Deos com hum caso assaz extraordinario, e todo nacido de sua divina providencia, porque lhe devemos dar infinitas graças. Avia em Alcacere hum mouro official de armeria, que tinha por cativo outro, que de nacimento era surdo e mudo. Este cativo amanheceo hum dia nas portas da Villa, e trazido diante do Capitão confundia a todos com a prizão dos dous sentidos, que era tal que nenhuma cousa falava, nem dava sinal de ouvir; só por acenos e geitos se deixava entender que queria que

o levassem á Igreja e lhe dessem o santo bautismo. Entendeo-se-lhe mais que não avia gente de guerra no campo, nem mais que homens e molheres que andavão segando. Com tal nova assi escura e cega deu o Capitão licença a dous Almocadens que sahissem com dezoyto de cavallo á parte de Benagofrate. Entre tanto mandou bautizar o novo hospede, e porque dos cativos se soube que alimpava e estofava bem hum capacete, e de presente estava vaga a praça de armeyro, foy provido nella e a servio muytos annos. Tornarão os Almocadens com seis cativos, tres mouros, duas mouras, e hum minino. Festejou-se então a presa por ser a primeyra despois de ido o Conde: mas logo se estimou mais por hum grande bem que della resultou. E foy assi, que avendo dous mezes que Antonio da Sylveyra fazia o officio de Capitão, hum dia que as atalayas sahirão contra onde chamão a Atalaya Ruyva, huma dellas, que muito se adiantou, topou com hum mouro bem armado e a cavallo, e de tal presença e geito, que voltando e dando rebate não parou correndo até á Atalaynha onde já estavão tres de cavallo. O mouro socegadamente se foy pera elles, e lhes perguntou quem era o Capitão e como se chamava, dizendo elles o nome, — ide, tornou o mouro, ao senhor Capitão, e dizei-lhe que o mouro de seu primo Eytor da Sylveyra o vem buscar, e eu fico que elle vos dê boas alvissaras, e não deixeis de lhas pedir. Foy o Capitão, ouvido o recado, a recebello até a carreira do Almirante, imaginando que fosse algum Alfaqueque que trazia novas de portos abertos, que muyto desejava. O mouro se apeou e chegou a elle dizendo que avia dias que trazia na vontade servillo, e que sahira aquelle dia por Almocadem com quatorze de cavallo que desejava entregar-lhe por penhor do animo que tinha de morrer na fé de Christo: e os trouxera até o Zambugeyro, donde tomando delle alguma suspeyta fizeram volta: mas que o tempo daria outras occasiões em que o mostrasse com ventagem. Fez-lhe o Capitão muita festa assi polla boa tenção com que vinha, como porque o conheceu do tempo do cativeyro, e lançando-lhe os braços ao pescoço, mandou-lhe que tornasse a cavalgar e se fosse pera a Capitoa, que se não fartava de lhe fazer honra e gasalhado. Aqui declarou como sua molher e filho estavão cativos e em poder de Fernão Caldeyra, que se lhos dessem tambem os faria Christãos. Vêo o Capitão da guar-

dá já de noite; e sabendo o que passava lhe prometeo dar-lhos, e logo o poz á sua mesa, e mandou agasalhar de suas portas a dentro: e assi foy delle sempre tratado até o bautizar com a molher e filho, e lhe dar humas boas casas na villa. No bautismo se chamarão, elle Diogo da Sylveyra, ella Genebra de Brito, e o filho Antonio de Brito. Pagou Antonio da Sylveyra polla mãy e filho a Fernão Caldeyra cento e sincoenta cruzados, que Sua Alteza mandou despois se dessem de sua fazenda: Este homem sendo mouro foy cativo no anno de 17, e comprado por Eytor da Sylveyra filho do Coudel-mór, que então estava em Arzilla por fronteyro. Mas elle era tão rico que logo foy resgatado por doze quintaes de cera, porque não possuhia menos que duas mil colmeas na serra de Benagofrate, e quanto ao sangue era dos melhores do lugar de Zahara, e tão cavaleyro que os alcaydes fiavão muyto delle. Era de gentil disposição, grande de corpo, muyto alvo e poucas carnes, regrado em comer e beber, e tão bem entendido e de boa pratica, que se fazia amar e estimar por ella. Fazemos tão meuda relação deste homem, assi pera louvarmos a Providencia Divina, que quasi n'um mesmo tempo deu luz a hum surdo e mudo pera vir buscar a salvação, e juntamente tirou das trevas e cativeyro de Babilonia o grande entendimento de Diogo da Sylveyra: como tambem pollos grandes bens que por mêo deste homem vierão a Arzilla, que iremos contando tanto que dissermos como acabou Amelix, que não foy menos ventura pera Arzilla e Tangere que a vinda de Diogo da Sylveyra. Era fim do mez de Setembro, e dia de S. Miguel quando Amelix com dezoyto ou vinte de cavallo se descobrio huma manham correndo contra onde chamão os Codeços traz as nossas atalayas. Hia Artur Rodrigues dando-lhe costas com dez ou doze de cavallo; recolheo-as, conheceo que era Amelix, e não só estiverão á vista, mas tambem tiveram pratica. Dizendo-lhe Amelix afrontas, e elle desejando vingar-se, em fim o trouxe até junto donde já vinha o Capitão; e alli, juntando-se com elle Dom Jorze de Noronha e Dom João de Sande e outros cavalleyros da companhia do Capitão, voltou sobre Amelix, que vendo gente de capacetes e bem armados, se foy retirando apressadamente pera o porto de Alicacapo com proposito de tornar sobre elles se o seguissem e se alongassem do Capitão: mas nesta volta que fez adiantando-se com

dous primos seus, e pondo todos tres as lanças nos nossos, achou tanta força em dez ou doze da companhia de Artur Rodrigues, em que entravão os fronteyros nomeados, e Jorze Manoel que pouco avia sahira de cativo, que sem se poder valer de sua destreza e valentia, ficarão passados de muytas lançadas elle e os dous primos: e os companheyros vendo que assomava o guião do Capitão se pozerão em fugida; mas nella forão mortos muytos e um tomado vivo; os mais, deixando os cavállos, se salvarão embrenhados. Assi foy este dia muyto alegre pera o Capitão, porque lhe trouxerão sete cabeças de valentes mouros, e entre ellas a de Amelix, e hum cativo e treze cavallos, em que avia fermosos ginetes. E o de Amelix mandou o Capitão a elRey, mais polla fama de seu dono, que por fermosura: era castanho, comprido e de pouca tripa; mais de guerra, que de côrte. A morte de Amelix se teve por grande vitoria, porque em toda a terra de Africa não avia mouro mais valente nem mais manhoso na guerra. Affirma-se que por sua mão e industria tinha mortos e cativos mais de cem homens de cavallo em Tangere e Arzilla: e porque a virtude até nos enemigos he fermosa e de estimar, sabe-se deste mouro que nunca trouxe mais armas que sua lança e adarga e seu treçado. Era homem pequeno e de poucas carnes; e assi desarmado era sempre o dianteiro em nos acometer, e nos fazia mais dura guerra elle só que toda a visinhança de Alcacere e Xixuão. Com isto não havia animo mais afidalgado: todo o cativo que levava, punha consigo á mesa, consolava-o, e primeyro que o levasse a Muley Abrahem, como era obrigado, lhe fazia tratamento de hirmão, não de prisioneyro.

Neste mesmo dia se perdeo em Tangere outro grande e affamado Almocadem, tambem natural do Farrobo, que muyta e continua oppressão lhe dava: chamava-se Ali-ben-aix. Foy colhido pollos nossos em parte que lhe matarão a mor parte de sua quadrilha, que era tudo gente de preço, e elle ficou cativo com outros quatro ou sinco.

CAPITULO VII.

De huma entrada que fez Diogo da Sylveyra, de que se ouve grande presa.

Tirado tamanho enemigo como era Amelix, ficou Arzilla tão desafogada, pera que se veja quanto val hum só homem, e quão pouco valem muytos homens, que hum mez inteiro estiverão como em Pascoa, e gozando de todos os interesses do campo como senhores delle, enchendo a villa de carnes de montaria, mel, cera e lenha. Mas chegado o fim de Outubro, pedio licença Diogo da Sylveyra pera huma sahida, de que se lhe representava averia proveito. Sahirão vinte homens em dia sinelado de Todos os Santos; e entre elles Antonio Freyre pessoa de muyto recado, a quem o Capitão encomendou que não ouvesse ninguem que sahisse da ordem de Diogo da Sylveyra. Foy a sahida polla porta da ribeira, e o caminho contra Benagofrate, e forão-se lançar da banda de Zahara junto do lugar, e ali estiverão esperando que rompesse a alva: mas era a manhã tão esquiva de agoa grossa do ceo e escuridão da terra, que enfadados os mais da companhia obrigarão a Diogo da Sylveyra a que fossem, antes de tempo e contra sua vontade, emboscar-se no lugar que elle tinha nomeado, que seria a proposito pera o feito que pretendia. Era alto dia: não sahia gado nem homem, se não quando, começando a estear hum pouco a força da chuva, virão sahir hum fato de vacas, em que averia perto de corenta que logo recolherão, e Diogo da Sylveyra ordenou que com ellas se sahissem fora da serra, porque n'um momento foy tomado o rebate por todas as aldeas; e juntos contra os nossos mais de cem homens de pé, que acompanhados de sete de cavallo, se metião desatinadamente com os nossos; e conhecendo a Diogo da Sylveyra, lhe dizião mil injurias, e rogavão pragas, que Diogo da Sylveyra lhes pagava com bom conselho, dizendo-lhes que erão doudos em seguirem a pé gente de bons cavallos e bem armados; e elles respondião que querião morrer todos só por se verem vingados de hum tão máo homem, enemigo de sua ley e de seu sangue. Mas Diogo da Sylveyra não curando de mais razões mandou que quatro de cavallo se fossem tangendo o gado, e elle despachou hum

cavalleyro ao Capitão avisando-o como tinha fermosa presa na mão, porque os mouros vinhão cegos e já no campo, passando Alefe e Seynete e chegando ao Alborge. Tomou o aviso ao Capitão já em Almenara, duas leguas da villa, donde com hum trote serrado se vêo com toda a gente juntar com Diogo da Sylveyra no Alborge. Aqui foy de ver a teyma dos sete de cavallo, que estando já á vista do Capitão, e podendo-se salvar, pelejarão tão denodadamente, que morrerão todos sem fazer pé atraz. Os de pé, vendo-se perdidos com a vinda do Capitão, tomarão por partido recolherem-se a huns pardieyros e canaveal da aldea do Alborge: mas pouco lhes aproveitou; porque Dom Jorze de Noronha, Dom João de Sande e os mais fronteyros, fazendo inveja a toda a companhia, se meterão entre elles recebendo muytas lançadas em suas pessoas e seus cavallos; e seguindo o exemplo os moradores, não ficou nem hum de todos os cento que não fosse morto ou cativo. O Capitão, despojados os mortos e arrecadados os cativos, recebeo a Diogo da Sylveyra com grande amor, vendo-o cercado de muytos parentes e amigos, em sinal de animo fiel e christão, huns presos e outros alanceados. E tratando de se recolher achou que os vivos erão corenta e sete, e os mortos sessenta, alem de sete cavallos e das vacas que já hião diante. Foy fermoso dia e com que a terra teve muyto proveito e alegria, mas a honra toda Diogo da Sylveyra; e assi tratou o Capitão de lhe fazer huma grande aventagem entre todos os cavalleyros. E foy, que sabendo por relação de Antonio Freyre que entre os cativos estavão dous primos seus, que erão o Almessure que em tempo do Alcayde Larós fora adayl de Alcacere, e outro seu hirmão mais velho, de quem elle Diogo da Sylveyra tinha recebido boas obras em tempos atraz, e desejava agora mostrar-se agradecido com lhe dar liberdade, chamou por elle diante de toda a companhia, e disse-lhe: — tudo isto, Diogo da Sylveyra, he vosso: se a todos quereis soltar, todos seremos contentes; e quando algum o não for, eu de minha fazenda lhe pagarey suas partes. — Ficou o homem tão alegre com esta honra e offerta, que humilhando-se até lhe beijar a estribeyra, disse que não queria mais que aquelle que tinha ali consigo, que hindo pago de obrigações que lhe tinha antigas, serviria tambem de hir negocear o resgate dos mais. Queria o Capitão que fosse primeyro á villa, e tornasse pera os seus muyto gentilhomem e vestido de grã: mas não faltou quem advirtio que lhe faria nisso

má obra, que antes lhe estaria melhor hir na sua algeravia cuberto de sangue e lodo, que não com tays favores que o fizessem sospeito e odioso aos seus. O que parecendo acertado, tirou o Capitão o barrete vermelho que trazia na cabeça e lho deu, o que tambem fizerão alguns moradores, e o mesmo Diogo da Silveyra, com que o cativo se foy mais rico de barretes que de companheyros, mas alegre polla liberdade que tão temporam alcançara. Chegados todos á villa, e recebidos com a festa e gosto que he de crer, o Capitão, despois de vendida a presa, mandou que a Diogo da Sylveyra, alem da parte que lhe tocava, como a todos os mais, se desse hum dos mouros de mayor conta e o melhor cavallo da presa; e assi se fez.

CAPITULO VIII.

Guerra da India. Parte o Governador Dom Anrique de Menezes pera Cochim: desbarata de caminho muytos paráos de mouros: destrue Panane: queima os navios do porto de Calicut.

Mas chama pór nós a Asia com mayores vitorias de mouros, que as que nos fez escrever Africa. Não lhes foy o anno de 525 favoravel nestas duas partes do Mundo. Chegado Francisco de Sá a Goa, e dada a nova e papeis que levava a Dom Anrique de Menezes, pagou-lhe elle a diligencia com o fazer Capitão daquella cidade em seu lugar, e embarcado nos navios em que elle vêo fez-se á vela pera Cochim aos dezesete de Janeyro, deixando-lhe ordem que com toda a brevidade armasse os mais navios que pudesse, e delles desse o cargo a Christovão de Brito, Alcayde-mór de Goa e filho de Ruy Mendes de Brito, pera andar em guarda da costa até Dabul contra os muytos de mouros que por ella fervião. Partido Dom Anrique de Goa, e sendo tanto avante como Baticalá, derão huma manhã com elle trinta e seis paráos. Levava elle, alem dos navios com que Francisco de Sá o fora buscar, os que Jeronimo de Sousa tinha consigo sobre Braçalor, com os quais deixando aquelle rio se foy recebellos ao caminho. Pelejarão os mouros, como erão muytos, valerosamente; mas chegando quasi nas suas costas

Dom Jorze de Menezes com hum galeão em que vinha de Cochim, forão desbaratados facilmente: derão huns á costa, outros forão fogindo; ficarão em poder do Governador dezesete. Aos 26 de Janeyro entrou o Governador em Cananor; e porque se arreceou que o Rey lhe pedisse a vida do mouro Ballabacem que entregara ao Viso-Rey, antes de lhe dar lugar pera o requerimento o mandou enforcar de huma palmeyra, sem querer 30$ pardaos que offerecia por si. Fez espanto esta apressada execução em todos os mouros, e ficando mais queixosos delRey, que fora causa original della, que do Governador, determinarão por vingança passar-se alem do rio de Cananor, a hum lugar chamado Tramapatão, que era covil de cossarios, e favorecido da visinhança delRey de Calicut: mas sahio-lhes mal o conselho; porque certificado de sua hida o Governador por aviso do mesmo Rey, mandou contra elles Bytor da Sylveyra com duas galés e hum bergantim, e não somente lhes entrou e queimou o lugar de Tramapatão, que he duas legoas abaixo de Cananor contra Calicut, e quantas embarcações nelle achou, mas sobindo pollo rio assima queimou outros tres lugares, inda que não foy sem muyto trabalho e sangue dos nossos, porque os moradores os tinhão fortificado com trincheyras e artilheria, e não forão covardes na defensa. Daqui foy dar vista a Calicut com toda sua armada; e provendo a fortaleza de algumas cousas, se passou depressa a Cochim, por escusar ali a pratica de pazes que se entendia querer tentar com elle o governador da cidade; e entrou em Cochim em 4 de Fevereyro, mandando diante avisar a Lopo Vaz de Sampayo que nem da cidade queria festas, visto o falecimento do Viso-Rey, nem de pessoa nenhuma senhorias, porque se não pagava de honras emprestadas e acidentays. E logo começou a entender no apercebimento de huma grossa armada, com que determinava correr a costa do Malabar e tolher de todo a navegação aos mouros. No mêo destes cuydados recebeo cartas do Capitão de Goa Francisco de Sá com relação do sucesso que tevera a armada, que lhe mandara fazer, e entregar a Christovão de Brito, e alguns mouros cativos que lhe mandava pera testimunhas delle. E foy assi, que partido o Governador armou a toda pressa sete velas, que erão huma galeota e seis fustas e catures; e dando a galeota a Christovão de Brito, Capitão-mór, e os mais vazos a Payo Rodrigues d'Araujo, Alvaro d'Araujo

seu hirmão, Duarte Deniz de Carvoeiros, Jurdão Fidalgo, Bertolameu Bispo, e João Caldeira de Tangere, se lançou polla barra fora. Forão elles correndo a costa até o rio Zemguizar, que entra no mar sinco legoas aquem de Dabul, onde se detiverão dous dias obrigados da fermosura do rio, e necessidade de mantimentos, com que os da terra lhe acudião largamente. Soube o tenadar de Dabul, enemigo nosso, de sua chegada e detença, do numero da gente, que erão pouco mais de cem homens, e as vazilhas fracas e pequenas, por aviso que teve por terra: pareceo-lhe que tinha presa certa: arma duas galeotas e sete fustas; mete nellas trezentos homens gente escolhida, e hum valente rume, por capitão: manda-lhe que va pelejar com os nossos. Sahio do rio Christovão de Brito ao tempo que os mouros chegavão, que o acometerão no mar largo com impeto e alvoroço de gente que não duvidava da vitoria; e assi foy tanta a frecharia e arcabuzaria de sua parte, que no primeyro rompimento nos ferirão e matarão muytos homens, e Christovão de Brito, falsando-lhe duas frechas hum gorjal forte que levava, atravessado dellas o pescoço, foy hum dos que primeyro morrerão. — Mas creceo a ira nos portuguezes em lugar de afroxarem com a perda do Capitão, e apertarão tão furiosamente cos enemigos, que todavia se mantinhão com bravesa e brio, que durou a briga desde polla manhã até as nove horas do dia, e sem mostrarem sinal de fraqueza, forão a mor parte mortos a ferro ou affogados n'agoa, e alguns cativos com seu Capitão. Não se tinha visto muytos dias avia batalha naval mais porfiada. Assi morrerão dos nossos dezesete, e ficarão feridos quasi todos. Foy novo genero de triunfo; o Capitão morto e vencedor em ombros de seus soldados, levando diante banhados em sangue os cativos, e entre elles mais cortado que todos o Capitão turco, que poucas horas despois, vendo-se acabar das feridas, soube pedir o bautismo e ganhar o Ceo. Grande força da predestinação! Assi forão enterrados juntos em S. Francisco, o vencido aos pés do vencedor. Estimou o Governador o successo quanto era razão, e folgou cos navios e gente, de que Francisco de Sá nomeara por Capitão-mór em lugar do defunto a Manoel de Magalhães.

Com estes navios, e com os que tinha consigo e outros que foy ajuntando fez o Governador sincoenta velas, entrando neste numero 27 caturcs de um Capitão vassallo delRey

de Cochim, que erá o Arel de Porcá, que se embarcou em serviço do estado com muyta gente malabar. Erão os Capitães principays dos nossos navios Pero Mascarenhas, Dom Simão de Menezes, Dom Antonio de Menezes, Dom Jorze de Menezes, Dom Jorze Tello de Menezes, Simão de Mello, Jorze Cabral, João de Mello da Silva, Ruy Vaz Pereyra, Jeronimo de Souza, Antonio da Silva de Menezes, dous Franciscos de Mendonça, o velho e o moço, Dom Jorze de Noronha, Ayres da Cunha, Francisco de Vasconcellos, Nuno Fernandes Freyre, Diogo da Silva, Antonio d'Azevedo, Gomez de Souto Mayor, Antonio Pessoa, Rodrigo Aranha, Ayres Cabral, e alguns moradores de Cochim; e avia entre todos dous mil homens de guerra. Com esta armada sahio o Governador em 18 de Fevereyro, e aos 25 surgio sobre Panane que he huma das principays povoações que elRey de Calicut tem nesta costa, e sem embargo de a achar cercada de fortes trincheyras e terraplenos guarnecidos de muyta e grossa artilheria, e gente bem armada e bastante pera a defensa, poz a sua em terra, e acometeo o lugar por duas partes, em que foy tamanha a força e esforço dos nossos, que sobindo por cima das trincheyras e artilheria, pozerão em desbarate os enemigos, queimarão o lugar, e todos os navios que avia no rio, que erão muytos. Testimunhou a boa resistencia que os mouros fizerão, o sangue dos nossos; porque forão mortos nove e feridos mais de corenta, de que os principays forão Jorze de Lima, Simão de Miranda, e Payo Rodrigues de Araujo. Sem descançar passou o Governador no dia seguinte a Calicut e lhe queimou dez ou doze velas que no porto estavão, e no mesmo tempo Dom João de Lima, sahindo com a soldadesca da fortaleza, andou pollos arrabaldes da cidade pondo-lhe fogo por muytas partes.

CAPITULO IX.

Acomete o Governador o rio e povoação de Coulete, de que alcansa formosa victoria.

O caso de Panane facilitou no animo do Governador o que trazia imaginado contra Coulete; porque lhe parecia necessario quebrar nelle os brios e soberba dos mouros de Calicut e artificios do Çamorim, que fazião tanto caso des-

ta praça que a trazião por proverbio de ameaço contra nós, dizendo em sua lingoagem — Uxar Coulete — ; que era o mesmo que — guarda de Coulete. Mas o que elle tinha por necessario, e não muyto difficultoso, quando quiz pôr em conselho a ordem que teria no assalto, pareceo a muytos dos que juntou, que seria temeridade desembarcar aqui como em Panane, porque era negocio muyto mais arriscado, visto o sitio e fortificação do lugar; o sitio mais sobranceiro, e a fortificação aventajada á de Panane; e sobre tudo com vinte mil soldados dos melhores e mais determinados do Malabar pera lha defenderem, afora hum grande numero de navios, providos todos de muyta e boa artilheria; que nesta armada estava junto todo o poder da India; e era sorte muyto perigosa, e desnecessaria, e contra o serviço delRey, offerecello a tanto enemigo junto, por ir queimar humas cazas palhoças; que o trabalho passado em Panane devia antes abrir os olhos pera com Coulete, que não dar confiança: E assi resolvião, que bastava pelejar no mar, e de nenhum modo sahir em terra. Era Dom Anrique sobre maneyra esforçado, e igualmente prudente: tomou hum meyo com que satisfez aos que se prezavão de sisudos, e ficou em pé a opinião que tinha de em todo caso saltar em terra, o que fez mandando sahir por huma parte Dom Simão de Menezes seu primo com trezentos homens, e elle desembarcando por outra só com cento e sincoenta, deixando toda a mais gente no mar. Está Coulete seis legoas de Calicut contra o norte, assentado sobre uma barranceira alta, que faz hum reduto a modo de mêa lua, e ficando a sobida ingreme polla praya. Tinha no alto hum muro de madeira terraplenado guarnecido de muyta artilheria, e nas pontas outra tal fortificação, que, como de travezes, se podião ambas ajudar. Ao sopé estavão os navios com as popas em terra, e com tão boa ordem em tudo, que justamente se fazia arrecear. Mas Dom Anrique, cujo peito não sabia dar lugar a nenhum temor, pedindo a todos com poucas palavras, que fiasse cada hum de si naquelle feito tanto como elle fiava delles, porque só o hir com desconfiança lhes poderia danar muyto mais que todo o Malabar junto, ferrou terra na parte direyta da fortificação enemiga, onde estava o Capitão della; e como hia acompanhado dos melhores fidalgos, cavalleyros e soldados da armada, pelejarão elles com tanta força e esforço diante de seus olhos, que brevemente cahio a seus pés

o Capitão mouro atravessado de muytas lançadas com outros tres, que despois se soube que tinhão jurado em seu Alcorão de morrerem com elle. No mesmo tempo acometerão os nossos navios de remo aos paraos, e foy Rodrigo Aranha o primeiro que ganhou a honra de aferrar hum, e levar á espada todos os mouros delle; a quem seguindo os mais navios nossos, era a briga tão temerosa em mar e terra, que tudo ardia em fogo, e se resolvia em sangue. Dom Simão tardou na volta por encavalgar o logar da parte esquerda; mas em chegando apertou tão vivamente com os que tinha diante, que erão o mayor peso dos mouros, porque imaginarão que vinha com elle o Governador, que com morte de muytos saltou a fortificação, arvorando nella seus guiões, e gritando vitoria, com que em fim toda aquella multidão se poz em fugida, e ficou o Governador inteiramente senhor do lugar. Morrerão de nossa parte catorze homens, em que entrarão Diogo Pereyra, que chamavão o malabar, e Diogo Ferreyra; e forão feridos quarenta e oito, em que se contarão muytos fidalgos. Recolherão-se sincoenta e tres navios, os mais delles carregados de especiaria, que estavão pera fazer viagem, e trezentas e sessenta peças de artilheria de toda sorte, e grande numero de espingardas; e queimou-se o lugar com quasi cem navios que não servião para nosso uzo; dos enemigos acabarão tantos, que ficou o mar e a terra semeada de corpos mortos. Deu materia de riso aos vencedores, despois da vitoria, a prudencia ou pusillanimidade do Arel de Porcà, que como se fora ali pera ver a briga, e não ter parte nella, se poz de parte sem fazer nenhum movimento. Mas levou boa paga, porque o Governador, despois de lhe mandar fazer sinal com o pelouro de hum berço que lhe foy quebrar huma perna, por remate o despedio com todos os seus. Daqui se foy o Governador a Cananor curar os feridos, onde o Rey como em parabens da vitoria lhe offereceu hum fermoso collar d'ouro e pedraria, que aceitou pollo não desgostar, mas com tenção de o mandar a El-Rey Dom João, como fez, em companhia de hum fio de perolas e peças de seda, que na mesma conjunção lhe chegarão de parte delRey d'Ormuz, com que aquelle Rey escrevia ao Conde Viso-Rey defunto.

Neste mesmo tempo navegava Antonio de Miranda pera o Estreito com terceyra Armada, que hia em deman-

da do Embayxador Dom Rodrigo de Lima, que estava com o Pratee. Desta tinha o Conde Almirante dado o cargo a seu filho Dom Estevão, e por sua morte o deu Lopo Vaz de Sampayo a Antonio de Miranda, que chegando a Baçorá teve novas que andava por aquelles mares huma caravella ás presas, que logo buscou e tomou, e achou ser a mesma que da companhia do Conde Almirante se levantara; e prendendo a todos os que nella andavão, vierão a pagar variamente, inda que tarde, sua infidelidade: Pondo a proa na cidade de Adem pera recolher as parias do contrato e pazes de Eytor da Sylveyra, encontrou e tomou huma nao da mesma cidade, donde se lhe lançou hum negro ao mar, e em lingoagem portugueza pedio que o tomassem. Este contou como tanto que Eytor da Sylveyra sahira do Estreyto, forão os portuguezes do Bergantim que ali deixara, presos, e mortos com varios tormentos todos os que não quizerão negar a fé. Não se fiou Antonio de Miranda no negro; mandou vir á sua nao os mouros principays; ameaçados com tormento confessarão chammente a maldade. Avisou-os logo que tratassem do seu resgate, chegando-se á vista da cidade. Não tardarão commissarios em hir e vir, porque os presos erão dos melhores e mais nobres de Adem: concertou-se o resgate em trinta mil pardaos: contado e recebido o preço, mandou-os Antonio de Miranda tornar á sua nao, e logo dar-lhe fogo e queimalla com todos, e mandou significar aos moradores que quando seu Rey com ser Rey, e por isso mais obrigado a manter verdade, uzara traição com os Portuguezes, não se espantasse de achar semelhante paga em homens particulares. Assi, trazendo comsigo as parias de quinze annos, e queimando primeyro todos os navios que no porto avia, que erão muytos, vingou em parte as falsidades e traições deste Rey, que não forão só em dano dos do Bergantim, mas de muytos outros portuguezes. Daqui se fez á vella pera a India sem hir a Maçuá em busca de Dom Rodrigo, assi por ser já muyto entrado o mez d'Abril, como porque foy certificado que em Judá estavão levantadas vinte galés de Rumes, e pareceo temeridade a todos os capitães entrar e fazer detença em nenhum porto daquelle mar com tays enemigos e tão vizinhos nelle.

CAPITULO X.

Recolhe-se o Governador a Cochim: despacha Pero Mascarenhas para Malaca, e Dom Simão de Menezes a correr a costa. Dasse conta dos principios do cerco da fortaleza de Calicut.

Com as vitorias de Panane e Coulete pareceo ao Governador que, pera o que ficava que fazer naquella costa, era já escusada sua assistencia, e foy-se pera Cochim, donde despedio pera Malaca Pero Mascarenhas, que de Portugal vêo nomeado pera capitão della em lugar de Jorze d'Albuquerque, que tinha acabado seu tempo: e mandou a Dom Simão de Menezes que andasse na costa alimpando-a de ladrões até que o inverno o obrigasse a tornar-se juntar com elle em Cochim. Partio Dom Simão, e sem lhe ficar rio que não visitasse até Mangalor, entrou neste, e queimou-lhe a cidade com dez ou doze navios que dentro estavão: e passando adiante, acompanhado já do galeão de Fernão Gomez de Lemos, e das duas galeotas de seu hirmão Gomez Martins de Lemos e Antonio da Sylva, foy-se correndo a costa, onde lhe aconteceo encontrar tres ou quatro vezes com embarcações de mouros que desbaratou facilmente. Mas foy fermoso dia o que teve na festa da Pascoa, em que se vio cercado de setenta paraos, dos quays tomou vinte, e fez dar muytos á costa, ficando o mar tinto de sangue e as prayas cubertas de gente morta; feito de estima se o não deslustrara hum desastrado acidente. Levava Domingos Fernandez hum catur muyto ligeyro: meteo-se animosamente pollo rio Marabú dentro, traz os que fogião: pareceo a Dom Simão que hia mêo perdido com o alvoroço de chegar aos mouros: mandou a Gomez Martins de Lemos que lhe fosse valer com o seu catur; e foy em tão forte hora, que deu em hum seco, aonde sem remedio foy morto ás frechadas pollos moradores do rio, que acudirão por huma e outra margem a favorecer os que fogião, e com elle Dom Miguel de Lima filho de Dom Afonso de Lima, e quantos no batel hião, em que entrarão sete portuguezes, afóra estes dous fidalgos.

Esta perseguição de Dom Simão, sobre as perdas de Panane e Coulete, trazião tão quebrantado e descontente o

Çamorim, que lhe parecia, segundo o grande numero de navios que tinha perdido, que brevemente viria a estado de não poder ter no mar nem huma manchua de pescadores. Cuidando no remedio de tantos males, e na vingança delles, que igualmente dezejava, determinou-se em tratar de paz com o Governador: era a tenção que se a alcansasse com as condições que a sua reputação convinhão, cessarião os males presentes, e pera se vingar não faltarião pollo tempo adiante occasiões: se lha não desse, empregaria todo seu poder em nos fazer tanto dano por toda parte, que ou de cansados lha pedissemos, ou seu animo ficasse satisfeito com nossas perdas. A este fim escolheo hum gentio homem principal, seu nome Lambea Morij, que mandou ao Governador, pedindo-lhe que tevesse fim tanta morte de homens, tanta destruição de lugares, e lograssem ambos huma paz quieta em que consistião todos os bens da vida: que se estava sintido dos encontros que seus vassallos de Calicut tinhão com Dom João de Lima, toda a culpa era do mesmo Dom João, por ser homem de dura condição, mal sofrido e aspero, que não só culpas leves, mas até pensamentos castigava com rigor; e se o seu Governador que deixara em Calicut se desmandara em alguma cousa contra a fortaleza, fora parte escandalizado das bravezas de Dom João, e parte por estar elle Çamorim longe em certa guerra occupado: que pera terem fim e ficarem sepultadas de parte a parte todas as desavenças, lhe mandava pedir paz, e devia elle Governador estimar pedir-lha hum Principe tão poderoso e senhor de tamanhos Reynos, que por muytas perdas que tevesse as podia reparar brevemente, o que não seria tão facil, em hum revez da fortuna, a quem todo o seu poder tinha em pouca gente, e poucos navios sogeitos á braveza do mar e inconstancia dos ventos. Era o Governador de seu natural homem seco, e de poucas palavras: Cortou as do gentio, fazendo dellas pouco caso, com quanto lhe entendia os fins, e a fraqueza das desculpas, e vindo ás condições da paz forão tays as que propoz que o gentio se despedio sem assentar em nada. E dizem que o Çamorim teve por dita negar-se-lhe; porque como se chegava o inverno, que em toda a costa da India entra em primeyros dias de Mayo, cerrando-se todas as barras dos rios com a força das ondas do mar, que as entupem com as areas que nelles ajuntão, e fica inutil todo serviço dos navios, fazia

conta que neste tempo se faria senhor da nossa fortaleza de Calicut, com que acudiria a seu credito diante dos potentados da India, e satisfaria pera consigo a seu odio. Assi poz logo por obra o cerco da fortaleza, mandando primeyro que tudo hum capitão com dez mil homens, e ordem que cingissem a fortaleza em roda, de huma cava de vinte sinco palmos de largo, de sorte que os dous estremos della chegassem a beber no mar. Era engenheyro desta obra hum renegado de nação siciliano, que se jactava aprendera a arte no cerco e tomada de Rodes. Está fundada esta praça na costa brava que corre de norte a sul, sem ter porto nem abrigo onde possão estar navios seguros. Só lhe ficão pegados huns arrecifes e pedras, cortadas de alguns canays, por onde podem entrar navios pequenos, mas tudo tão exposto e patente aos ventos, que a toda hora arrebenta n'elles o mar em frol, e sempre tolhe desembarcação pacifica. Fica-lhe a cidade nas costas a parte de levante, o mar ao ponente. Tinha Dom João consigo trezentos homens, e sua pessoa era tal que valia por outros tantos, como se conta delRey Antigono quando quiz romper huma batalha naval, que sendo-lhe dito que as naos dos enemigos erão com excesso mais que as suas, respondeo: — E a quantas dessas comparays vós minha pessoa? — E o mesmo podião bem dizer muytos parentes seus, e outros fidalgos e valentes cavalleyros e soldados que o acompanhavão! Lançou-se a cava, custando antes de ter perfeição muyto sangue dos enemigos e tambem dos nossos; porque Dom João, humas vezes por credito, outras por rayva, sahia a elles a meude, e matava e feria tantos, que o engenheyro por emparar os que trabalhavão, cubrio a cava com vigas. Mas nada basta pera impedir obra de muytas mãos. Na entrada de Junho estava a cava de todo aberta: e em cada ponta, das que se olhavão de travez sobre a praya, fundada uma valente plataforma coroada de tam grossa artilheria, que avia nella peça que jugava pelouro de seis palmos em roda. Estas fazia o siciliano pera tolher a entrada do socorro: e pera nos bater a fortaleza acompanhou a cava com outros sinco baluartes em lugares acomodados com sua artilheria assestada, obra de que se prometia tanto, que o mesmo Çamorim, que cercado de noventa mil combatentes se vêo nesta conjunção sobrella, disse entre os seus, que bastantes erão pera a cobrir e alagar só com punhados de terra. E todavia

Dom João, querendo mostrar ao Çamorim que nenhum caso fazia daquelle grande poder, sahio hum dia a dar no campo, onde foy tanto o numero de homens e armas que vierão sobre elle, que correo sua pessoa muyto risco, e foy necessario menearem bem as mãos elle e os seus pera se recolherem em salvo.

CAPITULO XI.

Começa-se a bater a fortaleza: Acode-lhe o Governador com varios socorros; e ultimamente com sua pessoa.

Era dia do nosso Santo portuguez Antonio de Padua, treze do mez de Junho, quando ElRey de Calicut mandou que se começasse a bater a fortaleza. Mal sabia o barbaro que dia escolhia pera se pronosticar bem de toda a empresa: Dia pera os nossos cheo de boa esperança, sem embargo que não avia peito tão constante que deixasse de sintir grande pavor com o que nelle se vio. Toda a manham não teve mais claridade que a que davão os relampados e affozilar do fogo: tudo o mais era um grosso e escuro fumo, que cubria o circuyto da fortaleza, com tamanho estrondo da artilheria, e grita dos cercadores, que dentro dos nossos muros não avia homem que se ouvisse hum ao outro: E não era maravilha; porque a terra tremia, o mar se empollava, o ar roncava como em huma semelhança do Juizo final. Tinha Dom João repartida a fortaleza em estancias, de que erão as principays pessoas Dom Vasco de Lima, Jorze de Lima, Ruy de Mello, Antonio de Sá, seu hirmão João Rebello feitor, Duarte da Fonseca e Antonio de Serpa ambos escrivães da feitoria, cada hum com gente ordenada, que de contino nellas assistia. Só Dom João ficava livre com outra de sobreselente pera acudir onde o chamasse a necessidade. Acabou com o dia aquella horrenda trovoada, e mostrou o seguinte que fora a dos enemigos terror sem effeito, e a nossa lhe fizera gravissimo dano: Porque os seus pelouros davão em paredes firmes, e os nossos sempre matavão ou ferião, dando em mêo daquella multidão de gente, que cobria montes e valles. Todavia pareceo a Dom João que compria pedir socorro: avisou em huma almadia o Governador; e elle despachou logo duas ca-

ravellas com cento e quarenta homens, que pelejando com as ondas e tormenta do inverno, chegarão perto da fortaleza. Atreveo-se a desembarcar com trinta e cinco companheyros Christovão Jusarte, capitão de huma; mas com tanto trabalho polla furia do mar, que sahirão com a agoa pollos peitos, e pelejando sempre cos mouros, que como cardume de golfinhos se forão misturar dentro nella com os nossos, com a comodidade que tem de andarem sempre nus. Tinha Dom João feito hum genero de couraça com pipas e *terra* (1) que corria da porta da fortaleza até o arrecife, obra muyto acertada, assi pera reparo do socorro quando lhe viesse, como pera danificar o enemigo com a arcabuzeria por entre ellas. Foy correndo polla couraça Dom Vasco de Lima a recolher os amigos; mas carregou sobre elle tanta gente do campo, e pelejou tão determinadamente, que quasi ouvera de entrar de volta com os nossos: E custou a briga ficarem mortos quatro da companhia do Jusarte, e muytos feridos, entre os quays foy Manoel Cerniche, que por fazer fineza e salvar hum amigo, que ficava cercado de mouros, foy passado de tantas frechas e lançadas, que dentro de poucos dias morreo, ficando o amigo vivo. Nesta conjunção se vio Dom João muy afadigado; porque os enemigos entendendo que estaria occupado como estava com os do socorro, arremeterão ao muro polla parte da terra, arrimando-lhe muytas escadas, e sobindo ousadamente por ellas, até que acudindo-se com muytas panellas de polvora forão derribados e abrasados. O capitão da outra caravella não se atrevendo a desembarcar levou carta de Dom João pera o Governador, em que lhe dezia, que com menos de quinhentos soldados lhe não mandasse nenhum socorro, porque de tantos tinha necessidade, segundo o muyto trabalho de vigias, cansaço e feridas dos que tinha consigo: e tambem que com menos gente era temeridade acometer a desembarcação. Não tardou o Governador em lhe mandar este numero, a cargo de Francisco Pereyra Pestana e Antonio da Sylva, em sete navios: mas estava o mar tão levantado, e tempestuoso, como era na força do inverno, que levou cada navio pera sua parte.

Tinha o Çamorim avisos continos de todos os movimentos que o Governador fazia; e entendendo que se aprestava para socorrer os cercados, determinou apertar com a

(1) Falta esta palavra no Ms.

fortaleza por tantas vias, que se fizesse senhor della antes de sua vinda. Aqui mostrou o siciliano todas suas abilidades, porque ordenou trabucos com que lançava pedras de desmesurada grandeza dentro na fortaleza, e tantas que não avia nella lugar seguro: e no mesmo tempo fez mover huma serra de terra, trabalhando na obra o campo todo, que igualava a nossa muralha, e della nos matavão e ferião muyta gente. Ao que juntou abrir huma mina tão secreta e bem lançada, que fora total destruição da praça, se Deos nosso Senhor, misericordioso sempre nos mayores apertos, não movera o coração de hum moço portuguez, que andava lançado cos enemigos, pera dar aviso della, o que fez cantando, porque não teve outro meyo. Assi era o trabalho incomportavel em todos, porque sobre as vigias continuas, baterias e pelejas de toda a hora, e andarem com a enxada na mão contraminando, não avia pera viver mais sustentação que hum pouco de arroz cozido na agoa. Mas em mêo de tantas incomodidades, e na mayor fraqueza dos corpos, andava o espirito honrado tão vivo, que, como se forão de bronze, não havia em nenhum queixa, nem ainda sentimento. E esta constancia foy parte pera lhes resultar della hum não cuidado alivio. Vio o Çamorim que continuando longos dias o seu engenheyro em artificios, não ganhava palmo de terra da fortaleza, e era infinita a gente que tinha perdido e cada dia perdia: doendo-se dos seus vêo a remediar os nossos, porque mandou cessar todo genero de artificio, e declarou que só por fome nos queria fazer a guerra, guerra segura pera os seus, e pera os nossos de mayor dano.

Erão já neste tempo mortos dos cercados sincoenta; mas os vivos estavão inteyros e generosos de sorte, que chegando Antonio da Sylva só, defronte da fortaleza, e despois Eytor da Sylveyra com sete navios, mandou-lhes Dom João dizer que escusava gente, e só lhe mandassem provisão de polvora e mantimentos: o que Eytor da Sylveyra fez largamente, mas a poder de ferro e fogo.

Poucos dias despois chegou Francisco Pereyra Pestana; e querendo prover os nossos de arroz e de algumas cousas que trazia, acertou estar a *noyte* (1) tão clara com a lua, que acudio todo o campo ao arrecife, e matarão sinco dos nos-

(1) **Falta no Manuscripto esta palavra.**

sos; e Dom João de Lima, que a tudo queria sempre ser presente, ficou ferido em huma perna com perigo, de maneyra que ás costas o meteo Jorze de Lima da porta pera dentro, e foy necessario fazer cama alguns dias. Trocou Francisco Pereyra as horas, e mandou com outro provimento hum parao polla sésta. Tão bravo andava o mar, que não podendo tomar bem a boca da couraça, perdeo sinco marinheyros entre mortos e cativos: e sahindo Dom Vasco de Lima pera o recolher, achou na cava lançado em silada hum capitão enemigo, com quem teve huma muy crespa briga; e entre muytos feridos ficou Jorze de Lima com huma arcabuzada polla cabeça, inda que sem perigo; e não largarão os enemigos o campo senão por morte de seu capitão, que Dom Vasco matou por sua mão.

Hia o inverno no cabo, e esperava-se cada hora que apparecesse o Governador com todo o poder da India, quando o Çamorim tentou huma obra, que fora a mais danosa de quantas tinha feito, se Deos a não remediara com sua providencia. Tinha Dom João levantado hum forte de madeyra sobre a porta da fortaleza pera segurança da entrada: Manda-lhe o Çamorim dar fogo com tanta pressa e tamanho numero de atissadores, que não avia remedio humano pera se poder apagar nem tolher. Nesta conjunção appareceo Eytor da Sylveyra com os seus sete navios, disparando contra o campo muyta artilheria. Os mouros como esperavão já pollo Governador, imaginando que seria elle, correm todos á praya, largão o forte, e assi derão tempo aos cercados pera lançarem tanta terra sobre o fogo, que fez effeito d'agoa, e o abafou e apagou.

Apoz Eytor da Sylveyra chegou Pero de Faria com vinte e sinco velas, que o Governador diligentissimo em acudir a sua obrigação mandou diante, e elle tardou pouco. Trazia vinte velas, e nellas mil e quinhentos homens de peleja; e appareceo sobre Calicut aos vinte dias de Setembro.

CAPITULO XII.

Junta o Governador conselho sobre o que deve fazer no socorro da fortaleza: Manda pedir a Dom João de Lima seu parecer. Resolve-se com elle em desembarcar, e dar batalha ao Çamorim.

Surgindo Dom Anrique defronte da fortaleza e de todo aquelle grande exercito enemigo, procurou primeyro que tudo saber o estado da fortaleza; e logo metido em hum barco com alguns capitães e pessoas de mais conta, foy dando vista ao campo dos mouros, e notando o assento, sitio e ordem delle: apoz esta diligencia quiz ouvir os pareceres dos capitães fidalgos e soldados velhos sobre o como se devião aver naquella occasião que ali os tinha juntos com todo o poder da India. Erão capitães dos navios mais principays e mayores Dom Afonso de Menezes, Dom Jorze Telo de Menezes, Dom Jorze de Menezes, Dom Jorze de Castro, Dom Pedro de Castelbranco, Jorze Cabral, Dom Diogo de Lima, Dom Tristão de Noronha, João de Melo da Sylva, Antonio da Sylveyra, Fernão Gomez de Lemos, Antonio de Lemos, Antonio da Sylva de Menezes, Antonio d'Azevedo, Manoel de Macedo, Anrique de Macedo seu hirmão, Jorze de Vasconcellos, Duarte da Fonceca, Antonio Pereyra, Rodrigo Aranha. Era tambem chegado da sua jornada do Estreyto Antonio de Miranda com os navios de seu cargo: e juntos todos, que passavão de sessenta, fazião temerosa vista no mar, como tambem a fazião na terra com sua multidão os barbaros. Feito sinal de conselho acudirão todos á capitana. E sendo juntos propoz o Governador que bem sabião o fim pera que ali erão vindos, que era socorrer aquella fortaleza apezar do Çamorim: o como isto se faria com mais credito do estado da India, e do Rey a quem servião, convinha que consultassem e assentassem. Começada a tratar a materia, ouve grande variedade de pareceres, muyta altercação e porfias, por fim das quays tomando a mão hum dos presentes, a quem o valor da pessoa, sangue e obras davão confiança pera fallar livremente, dizem que fallou assi: — « Em dous meyos se resolvem todos os debates que aqui são passados, hum he

sabirmos em terra, pondo os peitos ás bombardas de tantas trincheyras e baluartes como nelles vemos assestadas; e descercar a fortaleza: outro he metermos nella tanta gente, munição e mantimento que fique fornecida pera muytos mezes. Ao primeyro meyo vejo aqui inclinados alguns, e quanto a my he mais quererem parecer valentes e gentis homens no votar, que ordinariamente he caminho de perdição, ou cuydarem que agradão a quem tudo quer levar ao fio da espada, que não pollo entenderem assi. Porque, senhores, se nós quasi sem risco podemos fazer inexpugnavel esta praça, porque avemos de querer por cobiça de hum nome vão de honra pôr a perigo todo o estado da India, que no poder que aqui temos consiste? porque avemos de querer perder muytos homens, onde podemos executar o a que vimos sem perder hum só? Debalde e sem fruyto he o feitio que se faz por muytas mãos, quando por huma só se pode fazer. E não me alegue ninguem com as valentias de Panane e Coulete: se Deos lá nos quiz guardar, quem nos promete o mesmo em Calicut? Quanto mais, que o avemos aqui, se consideramos o mar, com huma costa brava, onde o rollo das agoas quebra sempre naquelle arrecife, e avemos de sahir com agoa pollos peitos, descompostos e meyo vencidos: se consideramos a terra temos nella sessenta mil homens que nos esperão, e sete baluartes que rodeão essa fortaleza, tão bastecidos de artilheria que só a que daqui estamos vendo no monte de Cota China ouvera de bastar pera nos fazer prudentes. Canhões reforçados são: e devera-nos lembrar, que sem ter estes contra si pagou neste mesmo lugar o marichal com a vida a zombaria que fazia destes nayres, e não erão tantos os que lha tirarão, como aqui vemos. Por onde meu parecer he que sem mais porfias sigamos o segundo meyo; meyo sisudo, meyo seguro, e mais do serviço delRey que o primeyro.» Enxergavão todos no sembrante e olhos de Dom Anrique que o que se dizia era muy contrario ao que em seu coração tinha: mas como era muyto prudente e sofrido deu fim ao conselho daquelle dia dizendo, que seria razão antes de se resolverem, ouvir o parecer de Dom João de Lima e dos fidalgos e soldados que com elle estavão, e pelejavão com aquelles enemigos avia tres mezes e meyo. E escreveo a Dom João que lhe inviasse huma pessoa que lhe declarasse seu voto pera tomar com elle assento na confusão que na armada avia. Despachou

Dom João na mesma noyte com sua resposta a Jorze de Lima, que se atreveo a embarcar em huma pequena manchua; e teve tal ventura, que sendo buscado com muytos pelouros de artilheria, que a montão se tiravão do campo contra a ardentia que levantava o remo ao ferir na agoa, foy o barquete colhido e arrombado de hum que o fez nadar a elle e o indio que o remava. Chegado á capitana, quando o Governador soube quem era, e que sobre a fama que tinha ganhado de valente no cerco, se offerecera ao risco presente, não se cansava de lhe dar louvores: mas muyto mais crecerão despois que ouvio o voto que trazia de seu tio e dos mais cercados, que era conforme o que em sua alma dezejava. Não tinha Jorze de Lima neste tempo mais de vinte annos, mas acompanhados de grande esforço e muytas forças. No dia seguinte, que foy terceiro e ultimo dos conselhos, sendo juntos os costumados, mandou-lhe o Governador que declarasse a resolução que trazia de seu tio e dos mais cercados. Levantou-se e disse assi: — «Dom João e seus companheyros até o minimo de todos vos fazem saber por my, que o alvoroço, que com a vossa chegada e com a vista de tão fermosa armada receberão, não he outro senão esperarem que lhes deys licença pera saltarem por cima desses vallos e trincheyras, e hirem vingar-se desses enemigos, que ou seja polla ira e odio que lhes merecem, ou pollo costume que tem de medir com elles as lanças e espadas cada hora, nenhuma estima fazem de toda sua multidão, e tem por certo que na hora que virem estendida por aquellas prayas tanta e tão boa gente como aqui trazeys, vós por huma parte e elles por outra, por muytos que sejão, não poderão deyxar de ser desbaratados e desfeitos, e ficareis com huma vitoria que seja principio e fundamento de ganhardes outras muitas por toda a India. Porque não ha duvida senão que todos os potentados della estão hoje com os olhos postos neste cerco, pera julgarem do successo e estimação que devem fazer das armas portuguezas. Se nos virem prudentes e muyto recatados, está certo que por fracos nos hão de ter; e hão de ficar assentando que Panane e Coulete, ou forão cousas feitas a caso, ou que todos nossos brios não são mais que pera entre rios quietos, e contra navios miudos, gente pouca, e lugares fracos; e que onde ha huma pouca de mais força não valemos nada. Assi, senhores, vos pedem que vos não envejeis a vós mes-

mos e a elles huma gloria immortal, que tendes certa na hora que pozerdes os pés em terra: e de sua parte vos offerecem, se ha quem se espante daquellas bocas abertas de ferro e bronze vomitadoras de fogo e mortes, e que por tays tem os nomes de lyões e serpes e culebrinas, que nós seremos os primeyros a lhes pôr em cima os pés e encravallas: E isto he o que sentem, e o que pedem, e o que de si vos prometem.» Assi hia dizendo Jorze de Lima, quando ferio as orelhas de aquella junta huma extraordinaria grita de todos os navios da armada, que respondia a outra mayor que em terra fazia retumbar montes e valles. Era o caso que virão sahir da fortaleza hum corpo de gente, e assaltar de subito o baluarte mais temeroso de Cota China, e apezar de todo o campo que sobre elle se ajuntou, levarem-lhes a artilheria que nelle estava. Foi feito grandemente louvado na armada, e que muyto alegrou a Dom Anrique, de cujo juyzo se afirma que procedera por tirar os receos que só aquelle sitio fazia aos que mais contradizião o sahir em terra, e que por sua ordem avisara Antonio de Azevedo ao Capitão Dom João que o tentasse, mandando-lhe a isso hum criado que fora e viera a nado.

Passado aquelle accidente, e cessando o estrondo da nossa artilheria, que jugou contra os enemigos por toda a roda da fortaleza até que teve fim a empresa, tomou então o Governador a mão, e sem mais deixar falar a Jorze de Lima: «Ao parecer — disse — que nos mandão tão bons soldados, parecer provado com a experiencia de muyto tempo que ha que pelejão com estes barbaros, não vejo que deminuir nem acrecentar: só vos lembrarey, senhores, em confirmação delle, o que me passou por estas mãos que todos deveis de ter ouvido e por ventura vos esquece: No anno de 508 foy saqueada Arzilla em Africa por elRey de Fez, com tanta potencia de gente como o Çamorim aqui tem: ficou só o castello por entrar, em poder do Conde de Borba Dom Vasco Coutinho. Acudio-lhe Dom João de Menezes meu tio, General de huma armada que elRey Dom Manoel tinha feito pera Azamor: e tendo o mouro levantados outros baluartes, com tanta e melhor artilheria nelles da que aqui vemos: e avendo de ser a sahida por mais perigoso arrecife, e mar de muyto mayor furia, nenhuma cousa foy parte pera lhe estorvar pôr sua gente em terra; e foy o primeyro que a tomou Dom Tristão de Menezes meu

primo, que ganhou os trezentos cruzados, que Dom João tinha prometido de premio a quem primeyro pozesse os pés em terra: e não fuy eu dos derradeyros neste perigo, em cuja consideração fica muy leve o que aqui vemos: porque lá o aviamos contra gente bem armada e a cavallo, e cá com Indios nús, se bem melhores frecheyros que os alarves. Os casos passados são verdadeyra doutrina pera os presentes, e por vir. Naquelle perdi o medo ao marulho do mar e armas da terra; e achey que as serpes, e lyões da artilheria são muytas vezes mais carrancas pera espantar os demasiado prudentes ou muyto receosos, que pera danar os valerosos e atrevidos: e esta foy a causa porque não duvidey acometer Panane e Coulete, que esses braços tão honradamente destruirão; e agora com tão bom voto como temos ouvido, e como he o de muytos fidalgos que aqui estão, sahirey com o nome de Deos em terra, sem mais dar orelhas a contrario parecer. Por tanto tratemos dos modos de sahir, que no effeito lançado está o dado.» E assi concluyo. E porque o fidalgo que mais contradezia esta resolução, disse ainda como magoado della, e na confiança do seu braço, que lá hirião e se veria o que cada hum fazia: ratificou o Governador com juramento o que tinha dito, e acrecentou promessas de trezentos cruzados ao primeyro que diante de Jorze de Lima se lançasse em terra.

CAPITULO XIII.

Sahe o Governador em terra: Dá batalha ao Campo do Çamorim; e despois de o desbaratar, derriba a fortaleza.

Apoz a determinação que o Governador declarou de desembarcar com todo seu poder nas prayas de Calicut, e descercar a fortaleza, seguio o effeyto polla maneyra seguinte: Ordenou primeyro que tudo meter dentro na fortaleza hum bom golpe de gente pera dous effeitos: hum pera que o Çamorim imaginasse que não era sua tenção mais que socorrer os cercados com soldadesca, e assi estivesse mais descuydado: outro pera que assaltando os cercados as trincheyras com poder grosso, lhe ficasse a desembarcação, senão de todo franqueada, ao menos mais fa-

cil. Logo na mesma noyte meteo cento e sincoenta homens a cargo de Eytor da Sylveyra, e no seguinte outros cento e sincoenta, que levou Dom Diogo de Lima primo de Dom João; que com assaz trabalho entrárão huns e outros. E quando vêo no quarto d'alva mandou fazer hum sinal de fogo na gavia do seu galeão, com que os da fortaleza, que estavão álerta e o esperavão, lançarão por huma ponte Eytor da Sylveyra com os de sua companhia, e por outra Dom Vasco com duzentos soldados, que tocarão arma tão apertada, e com tanta furia e grita assaltarão os enemigos dentro de suas trincheyras, que converterão a si todo o exercito. Levava cada capitão muytos homens diante de si com panellas de polvora, que como davão sobre corpos nús, que estes barbaros não uzão mais vestido que o natural com que nacerão, abria o fogo largo caminho, e abrasava tudo. Entre tanto saltou o Governador em terra com todo o resto dos seus, quasi sem resistencia como o imaginara: e logo mandou a Dom Jorze de Menezes, e a Dom Jorze Telo de Menezes ambos seus primos, que com sessenta homens cada hum acometessem as bocas da Cava, hum a do norte, outro a do sul, com força de polvora em muytas panellas, pera fazerem praça aos que vinhão de traz. E tanto que os despedio mandou dar as trombetas, a que responderão as de Dom João, e traz ellas se levantou huma tamanha grita e vozes de todos os nossos, e até dos da frota, chamando por Santiago, que confundindo-se aquelle grande numero de enemigos, já com a grita que chegava ás nuvens, já com o canto temeroso das trombetas, que de diversas partes soavão, já com o estrondo da artilheria, que não cessava de jugar por toda a roda da fortaleza, e cegar e envolver a luz da manhã, não avia entre elles capitão que soubesse mandar, nem soldado que atinasse aonde devião acudir. Entre tanto os dous Menezes, cada hum por sua parte, hião despejando a Cava á força de polvora e fogo, instrumento mais odioso pera este gentio que todas as outras nossas armas: mas os que dellas se desviavão sobindo-se nos seus vallos, achavão espingardas, lanças, bombas de fogo, com que erão feridos e mortos polla gente dos dous capitães, Sylveyra e Lima, que feitos senhores das estancias que tomarão á sua conta, huns lançavão a polvora que nellas achavão sobre os enemigos e dentro das cavas, outros não esquecidos do dano, que tinhão recebido

dos trabucos, forão dar-lhe fogo, e de caminho, achando recolhidos e em som de defensa hum corpo de enemigos dentro em huma grande casa que em tempo de paz servira de almazem do gengivre ao feitor da fortaleza, tanto fogo lhe derão que arderão juntos mais de trezentos: e em hum baluarte, que tinha duzentos apostados a defender a artilheria, forão mortos todos com seu capitão e com o renegado siciliano; e sucedeo que tendo estes pera disparar huma bombarda grossa, foy Deos servido dar-lhe tal torvação, que lhe não tomou fogo; e sem duvida fora de grande dano pera os nossos se o tomara. Estava o Governador parado em hum posto alto da praya, de que bem divisava tudo o que se fazia no campo: assi dispunha e ordenava dos que consigo tinha, mandando a huns, e detendo outros, e dando louvores a todos, porque em tanto numero de gente não ouve homem de nossa parte que neste dia deixasse de mostrar grande valor. Nem se tinha visto até então na India feito mais bem ordenado, nem melhor obedecido e executado. Bem tomara eu poder particularizar as obras de cada homem e de cada braço, mas em caso tão baralhado, que foy como huma batalha campal, mal póde descer a miudezas quem pretende seguir a pureza da verdade, e não escreve fingimentos ociosos: com tudo não deixaremos de dizer como esteve quasi perdido Dom Vasco de Lima, por se empenhar tanto contra hum Caymal, que com quatrocentos nayres se retirava pera a cidade, que ficara sem vida se Eytor da Sylveyra lhe não valera. Pelejava Dom Vasco com huma espada de duas mãos, acompanhava-a com grandes forças, não dava golpe que fosse menos que de morte. O mesmo acontecia a Dom Jorze de Menezes com outra tal espada, porem foy-lhe cortada a mão direyta quando mayor terreyro fazia; e pera salvar a vida, fez troca com hum companheyro tomando-lhe huma espada pequena, e esgrimindo-a com a esquerda. Affirma-se que se acharão corpos enemigos cortados em claro pollo meyo, e que forão tantos os mortos que passarão de tres mil: entre os nossos perderão a vida mais de trinta, sem aver entre elles pessoa notavel, e forão feridos duzentos e trinta. Neste tempo o Governador, vendo que não avia já em todo o campo quem fizesse rosto, quiz tratar de se fortificar sobre as mesmas trincheyras do enemigo: o que logo pos por obra mandando vir dos navios toda a marinhagem com pas, cestos e

caixadas, que fazendo bastante assento pera o nosso arrayal forão cobrindo os mortos com a terra dos vallos que elles tinhão levantado, e livrando aos vivos da corrupção do ar que se podia temer. Gastou-se nesta obra o que ficava do dia, não avendo capitão nem fidalgo que quizesse isentar-se do trabalho della, e em levar os feridos ás naos pera serem melhor curados. Na mesma tarde appareceo diante do Governador hum mouro de parte do Çamorim, que dise vinha pedir-lhe trégoas de quatro dias pera tratarem cousas que a ambos estarião bem. Era este mouro Coge Bequi muyto conhecido por tão bem inclinado aos portuguezes que lhe tinha ElRey Dom Manoel feito mercê de huma tença de vinte mil reis. Concedida a trégoa tratou-se de pazes; mas gastarão os dias sem averiguar nada, porque o Governador propunha tays condições, que o Çamorim as tinha por affrontosas pera sua autoridade. Em quanto hião e vinhão recados, entendia o Governador em armar cavaleyros a muytos que o pedião, recebendo de todos os parabens da vitoria: e referindo-a elle aos braços delles, sem pera si querer mais que o gosto della; assi enchia a todos de honra e louvores; e em especial deu muytos a Jorge de Vasconcellos, que foy o Capitão a quem Dom João de Lima deu o cargo de hir ganhar a artilheria do baluarte de Cota Chinà: e assi a Belchior de Brito filho de Jorge de Brito Copeyro-mór delRey Dom Manoel, que foy o primeyro que poz os pés sobre a bombarda mais grossa, que era hum camello, e aos mais companheyros que forão no feito.

Mas vendo que perdia o tempo em esperar boa conclusão com o Çamorim, como sabia que o Conde Almirante levava ordem delRey pera derribar a fortaleza, determinou fazello com toda brevidade: e dando mostras aos mouros que a queria reformar, mandou-a picar por dentro em pontos, e meter-lhe polvora em certos lugares: e no mesmo tempo fez recolher quanto avia nella e no arrayal pera a frota em modo que não foy sintido: E huma antemanhã quando menos o cuydavão os enemigos appareceo embarcado com todos os seus, despejada a fortaleza, e ardendo as estancias. Fez grande espanto em todo Calicut esta novidade: acudio logo o povo com alvoroço e pouco recato, huns por curiosidade de ver a fortaleza, outros com cobiça de aver ás mãos alguma cousa que poderia ficar de proveito. Entre tanto lavrava o fogo por bayxo da terra, e tanto

que chegou aos lugares da polvora, fez hum espantoso terremoto, levantando nos ares e fazendo voar grandes panos de muro, e os baluartes inteyros, em que morrerão grande numero de homens, e outros ficarão miseravelmente feridos e aleijados. E foy o negocio tão bem feito, que de todo aquelle grande edificio não ficou mais em pé que hum cunhal da torre da Menagem e parte de huma parede. Posta por terra a fortaleza fez-se o Governador á vella pera Cochim, despedindo primeyro pera Goa Pero de Faria com os navios que dali trouxera pera continuar na guarda da costa do Malabar.

CAPITULO XIV.

Guerra de Malaca: Sucessão de Pero Mascarenhas naquella capitania, e de Dom Garcia Anriques na de Maluco.

Em quanto o Governador Dom Anrique discorria vitorioso por todos os rios e costa do Malabar, pelejava Jorge de Albuquerque em Malaca com todas as incomodidades de fome, doença e assaltos de enemigos, como se padecera verdadeyro cerco. Tinha-lhe aliviado grande parte do trabalho á boa vinda e socorro com que chegara da India, por Julho do anno passado, Martim Afonso de Sousa filho de Manoel de Sousa. Levara este fidalgo consigo seis vellas com titulo de Capitão-mór do mar de Malaca; e erão os Capitães que seguião sua bandeyra Alvaro de Brito, André de Vargas, Antonio de Mello, Vasco Lourenço, e Andre Dias. Tanto que Jorze de Albuquerque se vio com gente fresca, que serião até duzentos homens, e boa provisão de munições, quiz empregala em pôr cerco a el-Rey de Bintão, em vingança de quantos males lhe tinha feito. E mandou a Martim Afonso que se fosse lançar sobre a boca do seu rio, onde tantas desgraças tinha experimentado. Porem Martim Afonso, seguindo o conselho d'alguns moradores que levava consigo de Malaca, não quiz esperar a conjunção das doenças, que naquelle sitio matão como peste, e foy-se pella costa fazendo a guerra aos amigos de Bintão a fogo e sangue, de que tambem tinha Malaca recebido dano e afrontas. Naceo desta guerra juntarem-se

todos os escandalizados em hum corpo e darem ajuda ao Rey de Bintão pera mandar sobre Malaca, com mil e trezentos homens em vinte lancharas, o seu Capitão Laxemena. Em 25 de Março deste anno, dia fermoso pera todo christão polla annunciação que nelle celebramos da Virgem Mãy de Deos, appareceo antemanhã Laxemena sobre o sitio de Upa, que he junto á povoação dos mouros, e lançou em terra hum golpe de gente. Erão ja horas de Missa, e estava a ella Jorze de Albuquerque, quando lhe chegou o aviso da armada enemiga, e da gente que lançara em terra: pera acudir a huma cousa e outra, mandou o Feitor Garcia Chainho, que fosse por terra com oitenta homens encontrar os desembarcados, e a Martim Afonso de Sousa que acudisse por mar com outros tantos em duas fustas que só havia no porto; elle capitão de huma, e João Vaz Serrão em outra. Teverão boa ventura os primeyros, porque os Bintanezes que estavão em terra, tanto que ouverão vista dos nossos que cuydavão achar dormindo, sem quererem com elles provar a mão, se tornarão a mais que de passo a suas embarcações. Mas não aconteceo assi a Martim Afonso: desejoso de se encontrar com Laxemena, por ver se era tão valente como ardiloso, fez apertar o remo, e foy-se a elle a voga arrancada, chamando todos voz em grita por Nossa Senhora, cujo era o dia. Não refusou o mouro o encontro; mas lembrado de seus ardiz, alargou-se ao mar, e logo partindo a armada em duas esquadras, vêo receber os nossos, e tomallos em meyo, fazendo conta que delles lhe não escaparia homem com vida. Começou-se a briga com tanta vontade e animo de ambas as partes, como se fora desafio aprazado, dentro de estacada firme; ou em praça publica huma naumaquia por passatempo representada. Passado o primeyro fogo da artilheria, que os nossos empregarão bem arrombando logo algumas lancharas com morte de muytos mouros, entrou o segundo de espingardaria e panellas de polvora, que desta gente nua he mais temido que toda outra arma: Lançavão-nas os portuguezes de lugar superior, e abrazavão navios, soldados, e remeyros, que desesperados se hião remediar e affogar na frialdade das agoas. Passado tambem este fogo, vêo o negocio ás mãos: Despedião os enemigos infinito numero de setas; e com ellas, e com as mais armas pelejárão tão ardidamente, que nos derribarão morto na proa da sua fusta a João Vaz

Serrão, e junto delle Ayres Coelho de Tangere, que fora Alcayde-mór de Pacem: E na fusta do Capitão-mór matarão Gonçalo de Atayde seu sobrinho, e Duarte Borges, e outros homens de menos nome; mas elles venderão honradamente suas vidas, porque durando a briga até os deixar a luz do dia, foy tanta a mortandade dos mouros que Laxemena, tanto que a noyte escureceo, se foy retirando ao rio de Muar pera refazer as lancharas e o que escapou do desbarate. E não ficarão os nossos melhor parados com Laxemena se confessar vencido: Tays estavão de cansados e feridos quando a noyte os despartio, que não havia braços que remassem, nem mãos que mareassem os navios: que quasi não ouve homem a que não custasse muyto sangue a vitoria; e o Capitão-mór Martim Afonso de Sousa a pagou com tantas feridas que vêo a morrer dellas em terra.

A esta vitoria seguio logo outra, com que a Virgem Gloriosa quiz consolar a perda dos bons homens e muyto sangue que ouve no seu dia. Estava cercado elRey de Linga, em odio nosso por ser amigo e confederado da fortaleza, por dous capitães do Rey de Bintão. He Linga na costa de Çamatra. Erão os capitães Raianara e o Laxemena; o numero dos cercadores dous mil soldados, e oytenta lancharas. Soube Jorze de Albuquerque o trabalho do amigo: não quiz faltar-lhe sendo requerido: Arma dous navios, despacha-os com oytenta homens, (numero hum e outro bem escansado no recontro que acabamos de contar) a cargo de Alvaro de Brito e Balthezar Rodrigues Raposo de Beja: Chegarão á boca do rio de Linga a tempo que os enemigos, com aviso que teverão do socorro, vinhão todos alegres correndo ao mar largo em busca dos nossos, e fazendo conta de vingarem nelles a affronta passada: Juntarão-se os nossos navios tão atracados hum no outro que ficarão como hum só, e logo começarão a varejar os enemigos com sua artilheria, com que fizerão nelles maravilhoso estrago, porque se não perdia tiro, e vindo ás mãos, foy tanto o valor com que se mantiverão contra tão excessivo numero de embarcações e homens, que claramente se vio fora mais milagre de Deos que obra de forças humanas. Porque os enemigos perderão ametade das embarcações, humas queimadas, outras metidas no fundo, e da gente mais de seiscentos homens, sem da nossa parte faltar mais que hum só, inda que ouve muytos feridos.

Mas não era em mão delRey de Bintão dar huma hora de sossego á fortaleza: Crecia na indinação com as perdas, e temia mingoar em credito cos vizinhos, sendo publico que o avia com poucos homens, e esses cortados de doenças e mortos de fome. Passarão dias: vêo a saber que estavão os nossos tão deminuidos em numero, que erão poucos mais de cem homens os que avia na cidade pera poderem tomar armas, de que alguns erão enfermos. Determinou cercar-nos por mar e terra: foy o conselho forjado entre Laxemena, que andava desvalido do Rey e dezejava tornar a sua graça, e hum renegado portuguez cujo apellido antes de negar a fé era Avellar. Dezia este Avellar a elRey que se queria de huma vez acabar os portuguezes, lhe desse gente pera os combater por terra, e Laxemena lhe tolhesse os mantimentos e comercio do mar. Foy esta guerra tão prejudicial e apertada, que chegou a valer uma ganta de arroz, que he huma medida não grande, dez cruzados, e huma galinha dous. E sendo o mar fechado por este modo, o Avellar por terra fazia suas entradas e acometimentos, humas vezes como rebates de almogavares, e outras com força de gente, com que se padecia muyto trabalho por ser necessario manter estancias e vigia continua: E com tudo, em dous recontros que teve comnosco se desenganou elRey do pouco que podião contra os portuguezes sua força e manhas; porque lhe matámos gente, e tomámos embarcações: E assi cessou por algum tempo de nos perseguir.

Neste estado estava Malaca quando chegou a ella Pero Mascarenhas, que partio de Cochim em 8 de Mayo deste anno despachado por Dom Anrique com quatro vellas, em que levava trezentos e sincoenta homens, e muytas e boas munições. — Tanto que Pero Mascarenhas tomou posse da capitania, e conhecimento do estado e cousas della, logo se determinou em não tomar hora de repouso até destruir e acabar de todo este tirano de Bintão. Porque, segundo as inquietações que nos dava, temia poder-se perder nella o comercio, que era só o que lhe dava riqueza, poder e lustre, acudindo-lhe de todo este Oriente, como a huma feira continua, todo genero de mercadorias e mercadores mouros e gentios, que agora pellos danos que recebião començavão de se ausentar, e buscavão outras terras. Pera o principio de guerra quiz correr com o estilo que dera do Al-

buquerque usara, tolhendo-lhe primeyro os mantimentos que lhe entravão pello rio, pera despois de enfraquecido por fome ficar mais facil de render por armas. Mandou a isto hum galeão e dous navios de remo, de que deu a capitania a Ayres da Cunha filho de Ruy de Mello da Cunha seu Capitão-mór do mar. Mas elle achou tal corrupção de ares no sitio, que se tornou com a mór parte da gente morta. E assi começou Pero Mascarenhas a experimentar as miserias, fomes, enfermidades, e falta de tudo quasi no mesmo grao do seu antecessor.

No mesmo tempo que estas cousas corrião em Malaca era chegado a Maluco Dom Garcia Anriquez cunhado de Jorze de Albuquerque, com provisão que alcançara do Governador Dom Duarte pera hir succeder a Antonio de Brito, que, se bem não tinha acabado seu tempo, requeria successor com instancia, por ver que estando em guerra continua com elRey de Tidore quasi desdo dia que fundara aquella fortaleza, não via de nenhuma parte quem se doesse della nem delle, ou lhe acudisse com algum favor. E com tudo, quando vio o successor em casa, foy maior o desgosto de se ver tirar, que de padecer o que padecia. Ouve fogo de paynões, bandos e requerimentos, não faltando atissadores como he ordinario, até que como fidalgos sisudos que ambos erão, se vierão a compor em que Antonio de Brito lhe largaria o cargo tanto que tevesse acabado hum junco que fasia pera trazer sua casa e fazenda: e assi o cumprio. E ainda que sobre a detença que fez em deixar a terra, que foy até fim deste anno em que vamos, se tornarão a atear novos desgostos, servio o tempo que estiverão conformes pera acordarem de mandar descobrir as Ilhas dos Celebes, em que se dizia aver ouro. Distão estas Ilhas sessenta legoas de Maluco. Partio ao descobrimento o Almoxarife da fortaleza em huma fusta: tocou em tres ou quatro; mas achou a gente tão sisuda, ou tão ciosa de sua liberdade, que vendo panos que levava em sinal de resgate e demanda do ouro (devião ter noticia da guerra que custava a Maluco o seu cravo) em nenhuma foy recebido com menos que arcos e frechas e animos alterados. Pollo que determinando fazer volta pera Maluco, ao desviar das Ilhas lhe deu hum temporal que o levou a hum mar largo e desabrigado, no qual correndo de popa sempre contra o nascente bons trezentas legoas segundo a estimativa do piloto,

foy dar em huma fermosa Ilha, fresca de arvoredo e grande de terras, de gente branda, simples e sem malicia; os corpos bem feitos, e enxutos, barbas largas a nosso modo, alegres na vista, e tão bem assombrados que parecia estarem na primeyra innocencia natural. — Mostrando-se-lhe metays, ferro, estanho, cobre e ouro, somente do ouro significarão ter noticia; e acenavão pera huma alta serra contra o Ponente, onde o avia. Mas o que fez mais espanto aos nossos foy verem que tinhão grandes e bem lavrados paraos não tendo uzo de ferro. Ao que responderão perguntados, com mostrarem espinhas de peixe que fazião effeito de todos os nossos instrumentos de ferro e asso. Aqui se detiverão quatro mezes como em suas casas até entrar a monção, e demarcada a Ilha, e posta na Carta de Marear com o nome de Gomez de Siqueira, que era o piloto, tornarão em salvo a Maluco ja entrado o anno seguinte.

CAPITULO XV.

Das naos que este anno partirão da India pera o Reyno, e do Reyno pera a India, e successo que humas e outras teverão.

Entramos em anno novo, e he tempo de darmos razão, segundo nosso costume, das naos que nelle vierão da India, e das que no mesmo partirão deste Reyno. Sinco naos achamos que despachou de Cochim, na entrada deste anno de 26, o Governador Dom Anrique com a carga ordinaria de especiaria pera o Reyno. Os Capitães forão Dom Diogo de Lima filho do Bisconde Dom João de Lima, Diogo de Sepulveda que acabara de servir de Capitão de Sofalla, João de Mello da Silva, Dom João de Lima e Diogo de Mello. Destas sinco se perderão duas: a de João de Mello da Silva em tal paragem que nunca mais se soube della: a de Diogo de Mello, pera fazer mais lastima, á vista e ares da patria na barra de Lisboa; mas salvou-se a gente toda.

No mesmo anno mandou elRey despachar em Lisboa sinco naos pera a India sem lhes nomear Capitão-mór. Os Capitães que as levarão forão Francisco da Anhaya, Tris-

tão Vaz da Veiga, Vicente Gil armador, Antonio d'Abreu que hia provido da Capitania-mór do mar de Malaca, e Antonio Galvão. As tres naos primeiras chegarão a Goa com prospera viagem por fim de Agosto. Das outras duas invernou em Mossambique Antonio d'Abreu; e Antonio Galvão porque sahio de Lisboa no mez de Mayo, tomou sua derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, e foy dar entre as Ilhas de Maldiva, o que tudo foy causa de chegar muyto tarde á India. De alguma gente nobre, que nestas naos e nas do anno passado se embarcou pera serviço de seu Rey e da Patria, achamos huma memoria na casa da India que indistintamente aponta os nomes dos homens sem particularizar armada nem naos: E confesso que me faz escrupulo deixar de lhes dar fama nestes escritos; porque, além de não aver Cronica de Rey se he desacompanhada de vassalos, não merecem menos honra os que com generosa determinação se offerecerão aos perigos do mar, e inclemencias do ceo, ficando hora sorvidos das ondas com naufragios, hora consumidos de doenças dos ares pestiferos de clymas destemperados, que aquelles que especificadamente louvamos ou por morrerem animosamente passados das lanças e ferro enemigo, ou por ganharem grandes vitorias. Que se he verdade, que diante do juizo dos que bem entendem e que com justos pesos sabem avaliar as cousas, não tem menos preço huma vontade determinada pera emprender feitos eroycos, inda que desfavorecida do successo, que o valor daquelles que venturosamente os acabão, obrigação me parece dos que nos encarregamos deste officio de escritores, fazermos igualmente memoria de huns e outros, todas as vezes que em registos tão autenticos como são os da casa da India se nos descobrirem. Os que se embarcarão estes dous annos são os seguintes: João da Cunha filho de Ruy da Cunha, Manoel da Sylva filho de Antonio da Sylva de Pombeyro, Ayres da Fonseca hirmão de Garcia de Castro, Alvaro Coutinho e Fernão Coutinho e Antonio Coutinho filhos de Francisco Coutinho, Simão de Sousa filho de Duarte Galvão, Dom Antonio de Castro filho de Jorze de Castro, Jorze Paçanha filho de Lourenço Paçanha, Fernão da Sylva filho de Gonçalo Rodrigues de Magalhães, Manoel de Siqueira, Antonio Moniz filho de Jorze Moniz, João de Melo filho de Alvaro da Cunha fronteyro-mór do Algarve, Dom Francisco

de Castro filho de Dom Antão d'Almada, Francisco de Melo filho de Francisco de Melo Caceres, Dom Fernando de Eça, Lopo Botelho, João Coutinho filho de Francisco Coutinho. He o titulo do caderno em que estão lançados — « Livro dos annos de 1525 e 1526, dos fidalgos que nelles passarão á India.

Nestas naos mandou ElRey novas provisões pera a succession da governança da India que forão causa de .... (1)

Neste anno foy ás Ilhas por Capitão-mór Garcia de Sá com tres naos e sete caravellas a esperar as naos da India.

No mesmo despachou ElRey a primeyra Armada que foy em seu tempo ao Brazil; Capitão-mór Christovão Jaques. Foy correr aquella costa e alimpalla de cossarios, que com teyma a continuavão pollo proveito que tinhão do pao Brazil. E erão os mais, dos portos de França do Mar Oceano.

CAPITULO XVI.

Segundo recebimento da Iffante D. Isabel, com a chegada de nova dispensação. Sua partida pera Castella, e entrada em Badajoz.

No fim do anno passado deixámos recebida a Iffante D. Isabel em Almeyrim com o Emperador Carlos Quinto por mêo de seu procurador Carlos de Popet. Agora temos segundo recebimento, porque se impetrou e vêo segunda dispensação do Papa Clemente Septimo, na forma que convinha pera tirar todo o escrupulo que se offerecera na primeyra, de que se fez auto com o treslado do Breve, assinado pollos Embayxadores Popet e Estunbiga. E logo aos vinte dias de Janeyro deste anno em que vamos de 526, fez o segundo desposorio o mesmo Bispo de Lamego com as mesmas palavras e solenidade que fizera o primeyro. E como ElRey tinha prestes e a ponto tudo o que convinha pera a Iffante se poder ir, sinalou pera a partida o penultimo dia do mesmo mez de Janeyro: No qual sahio de Almeyrim huma terça feira acompanhada delRey seu hirmão, que por se achar indisposto, e não deixar a Raynha que andava mui vizinha a seu primeyro parto, chegou até á Cha-

(1) Lacuna no Ms.

musca, por onde era o caminho, e dahi se tornou. Passarão com Ella os Iffantes Dom Luis e Dom Fernando, que na raya avião de fazer a entrega, e o Marquez de Villareal que hia por Embayxador, e pera a entregar ao Emperador. Forão celebres e grandiosos os gastos que o Marquez fez nesta jornada, de que achamos relação em Memorias que temos do primeyro Conde da Castanheyra: famoso acompanhamento de criados e gente de pé e de cavallo, e ricas librés; quarenta azemalas de sua recamara, com reposteiros quarteados de branco e preto e bordados, e no mêo a sua divisa do Aleo; e a da sua cama com reposteiro de velludo carmesi com bandas de tela d'ouro; vinte quatro alabardeyros vestidos de suas cores, e vinte e quatro moços da camara a cavallo.

Em 14 de Fevereyro deste anno se fez a entrega da Emperatrix no rio de Caya; e avia hum anno pontualmente que no mesmo lugar e no mesmo dia de 14 de Fevereyro fora entregue a Raynha D. Caterina aos mesmos Iffantes pera vir casar com ElRey Dom João. Sahio Sua Magestade a Emperatrix da cidade de Elvas em humas andas de brocado descobertas, cercadas de oyto moços da Estribeyra vestidos de jaquetas de brocado e calças de gram, e outros oyto de calças brancas e jaquetas de velludo negro, e tres pagens vestidos de tela d'ouro. Hião diante o Rey d'armas Portugal, e o Arauto Lisboa, com suas cotas d'armas sobre roupas de velludo forradas de setim alionado, e quatro porteyros com massas de prata douradas, e com elles o aposentador que levava as taboas pera quando Sua Magestade ouvesse de passar-se á mula. Hião a destro huma mula com andilhas de prata, guarnições de tela de prata sobre velludo alionado, e huma faca pomba com guarnições de tela de prata, fundo de brocado de pelo, e guarnições d'ouro, e seus thelizes; o da mula de velludo avellutado carmesi; o da faca de velludo avellutado amarello. Os dous Iffantes hião de huma e outra parte das andas á gineta, vestidos em sayos e capuzes de coutray frisado, e barretes redondos pretos, sinal de dó polla morte da Raynha D. Lyanor sua tia.

Chegados ao rio de Caya, passou-se a Emperatrix á mula pera receber os senhores castelhanos. Ali parados, e feita com trabalho huma grande praça, porque avia povo sem conto, forão chegando os senhores castelhanos que vinhão pe-

ra a receber, e diante delles a companhia e apparato que cada hum trazia. Vêo primeyro a do Duque de Bejar Dom Alvaro de Estunhiga. Erão oyto trombetas, sinco charamellas e dezoyto pagens, todos bem encavalgados, parte mulas, parte cavallos. Os ministris de roupas vermelhas barradas de velludo preto, as mangas esquerdas entretalhadas de preto, e nellas huns AA negros atrocelados de branco. Os pagens com sayos de gram barrados de velludo preto, e os AA bordados nos peitos e nas costas. As bandeyras dos estormentos dos ministris de damasco branco bordadas de chaparia de prata, e nellas suas armas bordadas, que são huma banda negra em campo de prata, e huma cadea d'ouro que atravessa o escudo. Entrarão logo do Arcebispo de Toledo Dom Alonso de Fonseca doze trombetas, seis charamellas, e tres mulas de atabales. Todos vestião roupas vermelhas barradas de velludo verde, as mangas esquerdas bordadas de verde, e atroceladas de amarello, bandeyras dos estormentos dos ministris de damasco carmesi franjadas d'ouro com suas armas bordadas, que são sinco estrellas de sangue em campo d'ouro. Seguião humas andas de velludo preto cercadas de vinte e quatro lacayos vestidos de calças e jaquetas de gram, com suas gorras sem guarnição; e sinco mulas a destro, guarnecidas duas de velludo carmesi, huma de roxo, outra de lionado e outra de preto. Entrou o Duque de Calabria, traz muytos senhores que lhe fazião companhia, vestido em roupa de setim preto forrada de martas, sayo de velludo preto com barrete de volta de pano, em huma mula guarnecida de negro. O Arcebispo á sua mão direyta com roupas de carmesi forradas em martas, barrete vermelho, mula guarnecida de carmesi. O Duque de Bejar da outra parte em hum ginete castanho bem guarnecido de jaez largo, a sella lavrada de fio d'ouro, sua mochila da feição das antigas. Elle vestido em sayo de setim preto, capús de coutray frisado barrado de velludo preto. E porque trazia dó, barba crecida que lhe dava muyta autoridade. Os que diante deste senhor hião erão Dom Pedro Sarmento Bispo de Palencia, o Conde de Ribagorça, e Dom Affonso d'Azevedo Conde de Monte Rey, e Dom Afonso da Sylva Conde de Cifuentes. Estes senhores com outros muytos vinhão com o Arcebispo, e outros com o Duque de Bejar, todos bem acompanhados, seus pagens e

lacayos vestidos de suas cores, exceito o Conde de Cifuentes, que vinha de luto. Passando a ponte nesta ordenança, apeavão-se, e chegavão a beijar a mão á Emperatrix. Ultimamente chegarão e se apearão o Duque de Calabria e o Arcebispo e Duque de Bejar; e Ella fazendo-lhes muyta honra, foy mais particular a que fez ao de Calabria. Tornando a calvagar forão-se pera os Iffantes, e mostrado o poder que trazião do Emperador, que foy visto e lido, trocou-se todo o acompanhamento. Despedirão-se os Iffantes de sua hirmã, e o Iffante Dom Luis poz ao Duque de Calabria em seu lugar, e o Iffante Dom Fernando ao Arcebisbo no seu. Da parte do Arcebispo ficou o Duque de Bejar: da do Duque de Calabria o Marquez de Villareal com o Embayxador Monsiur de la Xaus, e da outra parte João de Estunhiga. E nesta ordem se fez a entrada em Badajoz. Foy recebida debaixo de pallio, que levavão em doze varas doze Regedores da cidade. Ouve arcos triunfaes, e no dia seguinte touros e canas e desafios de justas. Daqui caminhou pera Sevilha onde entrou em... de Março, onde foy o recebimento com apparatos conformes ao grande poder daquella rica cidade, e ao muyto amor que tem a seus Principes.

Hião por Mordomo-mór da Emperatrix Ruy Telles de Menezes, e por Veador João de Saldanha. He ponto de notar, que mandou ElRey corresse por sua conta todo o gasto da Emperatrix até chegar ao lugar onde se ouvesse de receber com o Emperador, e quinze dias despois de recebida. Este gasto levava a cargo Fernão d'Alvares d'Andrada, e assi todo o pagamento do dote da Emperatrix, que o soube governar com tanta destreza e prudencia, que a Emperatrix em Castella, e ElRey em Portugal, se ouverão por muy bem servidos delle. Mandou-lhe ElRey dar regimento em 31 de Janeyro do que avia de fazer; em que o advirte que não se gastem cada mez mais que mil cruzados em compras e esmollas, e alugueres de bestas: e que em despesas extraordinarias, que a Emperatrix mandar, despenda até trezentos cruzados. Não limita tempo.

Consta deste regimento, que alem dos Reys d'armas e Porteyros de massas, acompanhavão a Emperatrix charamellas, trombetas, e atabales.

CAPITULO XVII.

Nacimento do Principe Dom Afonso; e algumas cousas notaveis que ElRey fez este anno.

Sabado 24 de Fevereyro foy o primeyro parto da Raynha Dona Caterina em Almeyrim, festejado de seus pays e por todo o Reyno como era razão, por nacer delle o Principe Dom Afonso, que assi quiz ElRey que ouvesse nome: mas durou pouco este gosto (como são breves todos os da terra) porque o Principe faleceo dentro dos annos da infancia. De 16 de Março ha uma carta que o Emperador despois de casado em Sevilha escreveo a ElRey, que me pareceo digna de a lançarmos neste lugar de verbo ad verbum, polla grande satisfação que mostra do casamento. Diz assim: = Dom Carlos &c. A El serenissimo, muy alto y muy excellente Rey mi muy caro y muy amado primo y hermano: El Marquez de Villareal, y Ruy Telles, y Antonio d'Azevedo vuestros Embaxadores me dieron vuestra carta, y me hablaron y dixeron de vuestra parte, el contentamiento que de la conclusion de mi casamiento, y nuevo deudo que avemos tomado teneys, que he por muy cierto: yo lo tengo tan grande que no puede ser mayor, y doy muchas gracias a Nuestro Señor por averlo guiado y effectuado, como mas largo lo he dicho a los dichos Marquez, Ruy Telles y Antonio d'Azevedo, a quien en esto me remitto. De Sevilla a 16 de Marzo de 526. — yo El Rey. =

Na entrada deste anno confirmou ElRey a Dom Antonio d'Athayde os lugares de Povos, Castanheyra e Chileyros e lhe fez mercê que podesse fazer eleição dos officiaes da Camera, e dar os officios de tabelliães como e a quem lhe parecesse. Estes lugares herdara Dom Antonio de Dom........seu tio.

No mesmo anno fez S. A. mercê a Dom Francisco Lobo, seu pagem da lança e filho do Barão d'Alvito, de sesenta mil réis de tença, e das saboarias de Thomar, Torres Novas, Soure e Pombal.

No mesmo deu a capitania das Ilhas de Maldiva a Christovão Leitão fidalgo de sua casa.

No mesmo fez mercê de mil e duzentas coroas de tença

a Francisco de Faria fidalgo de sua casa, que forão de seu pay Antão de Faria, Camareyro e Vedor-mór (são palavras formays da carta) delRey Dom João segundo, e de seu Conselho.
E a Dom Pedro de Menezes Marquez de Villareal confirmou huma tença de quatrocentos e sincoenta mil réis.
E a Dom Francisco de Portugal Conde do Vimioso confirmou outra tença de trezentos mil réis.
Em 20 de Outubro deu S. A. a jurdição civel e crime da Villa de Linhares a Dom Antonio de Noronha seu Escrivão da Puridade; e juntamente o titulo de Conde da dita Villa em sua vida.
Neste anno deu S. A. trezentos mil réis de assentamento a Dom Afonso de Lencastro filho do Mestre de Santiago.
E deu a Alcaydaria-mór de Alanquer a Luis da Sylveyra seu Guarda-mór, polo modo que a teve Ruy Gomez d'Azevedo filho de Gonçalo Gomez, que lha vendeu.
E deu cento e dous mil e oyto centos e sessenta e quatro réis d'assentamento ao Conde de Redondo Dom João Coutinho.
Deu trezentos mil réis de assentamento a Dona Joana de Mendoça Duqueza de Bragança; e deu cento e sessenta mil réis de tença a Dona Guimar, molher que foi de Ruy Dias de Sousa pay de Ayres de Sousa.
E deu conto e sincoenta mil réis de tença a Tristão da Cunha do seu Conselho.
Em 22 de Novembro fez S. A. mercê da Villa do Prado a D. Pedro de Sousa, de juro e herdade pera todo sempre, a qual mercê declara que lhe faz pollos muytos e notaveis serviços que delle recebeo em Africa, em muytas capitanias onde servio muyto honradamente, com muyta gente de pé e de cavallo, fazendo grandes gastos e despezas de sua fasenda; e diz que a Villa he a mesma que S. A. ouve por compra de Martim Afonso de Sousa: E juntamente lhe fez mercê do titulo de Conde da dita Villa: E aos 17 de Dezembro lhe mandou passar carta de assentamento de Conde, de cento e dois mil oyto centos e sessenta e quatro réis.

CAPITULO XVIII.

Guerra de Africa, e successos de Arzilla: Cativeyro de Lourenço Pires de Tavora: Morte de Alvaro Pires seu hirmão.

Entra segundo anno de Antonio da Sylveyra em Arzilla com o de 526 em que vamos. Em principios de Janeyro, tendo nova, por dous mouros de cavallo atalhadores, que Artur Rodrigues, almocadem, por sua industria cativou, que estava o Campo de paz, determinou sahir fóra, e foyse lançar com sua bandeyra e guião em Bena-mandux á entrada da boca de Bena-marés; e foy a corrida tão larga e desembaraçada de enemigos, que alguns de cavallo chegarão á boca de Benamede, e se fez huma boa presa de cem cabeças de gado vacum, e sete ou oyto mouros. Estimara o Capitão o sucesso, por ser a primeyra vez que lançara a bandeyra fóra, se lhe não agoara o gosto delle a morte de Afonso Pinheyro, atalaya, que seguindo huns tres mouros de pé, e decendo-se do cavallo por lhe não escaparem em huma ribeyra onde pretenderão salvar-se, vêo a braços com hum, e no mesmo tempo o acometeo outro por detraz com um punhal, e o ferio de maneyra, que quando os companheyros chegarão a socorrello estava já em estado que lhes morreo nas mãos.

Pouco tempo depois vêo ElRey de Fez correr a Tangere e á Villa, e sem fazer mayor feitio que tomar-nos huma atalaya e matar outra, se recolheo. Porem o mal que elle dezejou fazer tevemos logo depois de sua morte por mãos de Muley Abrahem e do Alcayde de Alcacere seu cunhado. Acabou ElRey Mahamet sua carreira mortal passada esta ultima corrida, e falecendo deixou mandado que no Reyno lhe sucedesse de presente seu hirmão Muley Boaçu, e depois da morte de Boaçu então tornasse a seu filho mais velho Muley Hamet, a quem por bom direito pertencia logo. Foy sementeyra de discordias, odios e mortes, mais que disposição de homem sisudo. Tomou Boaçu posse do Reyno com effeito. Hamet ficou-se com as esperanças de longe: Do que sendo muytos mouros principays mal contentes, era hum delles Muley Abrahem filho de Ali Barraxa, Alcayde de Xi-

xuão e Targa, e teve animo pera não acudir ao chamado de Boaçu, antes escreveo a Muley Hamet, com quem de tempos atraz professava amizade, que se elle fosse Rey, como era razão, tinha em Muley Abrahem vassallo fiel e amigo. Mas como esta materia era de tanta instancia, quiz ter conforme consigo o Alcayde de Alcacere pera o que podia suceder; porque, alem de ter por molher huma hirmam sua chamada Sitioli, merecia o Alcayde ser estimado por sua pessoa e valor. Pera este effeito tratou que se vissem; e por tirar occasião de suspeitas ao novo Rey, assentarão correrem ambos a Arzilla, e communicarem-se no campo, bastante capa pera cobrir a determinação mais secreta. Era fim de Mayo, e dia de Corpus Christi, que este anno cahio aos 29: vierão-se juntar e lançar em silada no Pallugal sobre o porto de Alemoquique, sitio tão visinho da Villa, que o alcançava huma peça grossa de artilheria (chamavão-lhe o Lyão) que agora está em Tangere. Daqui despedirão o Almocadem Alibenaix com vinte e dous de cavallo, que se fosse esconder no porto, e sahindo as atalayas, corresse a ellas até as tomar, ou as encerrar dentro nas tranqueyras. Porem ao recolher-se não tomassem pollo mesmo porto de Alemoquique, mas por outro que chamão do campo, que he mais alem quasi hum tiro de bésta, pera que sahindo alguns nossos a elles, lhes ficasse a gente da silada a travez, e não escapasse homem. Isto assi assentado, vêo a suceder tudo em favor dos mouros, como se com hum compasso o estiverão traçando e disenhando. Sahirão atalayas; foy huma descobrir a ribeyra: arrebenta Alibenaix com os seus: vem tomalla sobre o valle do facho á vista do Adail. Não tinha o Adail João Monis consigo mais que seis ou sete companheyros: reconhecendo ser Alibenaix com gente do Farrobo, foy-se traz elles pouco a pouco, dando lugar a que se lhe viessem juntando alguns cavalleyros.

Não se esqueceo neste passo Alibenaix do que lhe estava mandado: podendo passar a ribeyra pollo porto visinho, foy-se demandar o do Canto, que foy hum sinal manifesto, se os nossos teverão discurso, e olhos abertos, que tinha costas quentes, pois alargava o caminho que podia encurtar. Chegava neste tempo o Capitão ao facho com alguns de repique, e vendo hir o Adail nas Lombas do Corvo traz os Almogavares, passou o valle e foy-se pôr

sobre o Corvo, onde se lhe foy juntando toda a cavallaria da Villa. Mas notando daqui que o Adail, com alguns desmandados que o seguião, corria contra o porto do Canto, (parece que lhe revelava o coração o perigo que podia aver) despedio Alvaro Pirez de Tavora com vinte de cavallo, mandando-lhe que dissesse ao Adail, que por nenhum caso passasse o porto, e se recolhesse logo. Não falta quem diga que Alvaro Pirez tomou a licença, pedindo-a e negando-lha o Capitão, genero infelice de mostrar valentia, e vicio natural de portuguezes, que muyto dano lhes tem causado em todas as partes, desculpado, se tem desculpa, com hum impeto de colera, que não sabe ter redea, nem temer perigo. Fez enveja a remetida de Alvaro Pirez a todos os que ficavão. Não quizera ficar nenhum. Acrecentou o alvoroço huma voz de dous atalayas, que vierão gritando: — mouro tomado, mouro tomado!—Aqui não ouve homem que tevesse mão em si; como se o mouro tomado fora principio e sinal de desbarate ou cativeyro dos mais, sendo tanto ao revez, que a retirada era irem cevando, e levando manhosamente o Adail á silada. Soltarão-se do Capitão mais de quarenta, sem lhe valerem brados nem mandados, nem ferir muytos de fortes contoadas; e forão os primeyros Dom João de Sande, e logo Lourenço Pirez, e Manoel da Sylveyra. Notava Alibenaix o fio da gente, que despegava do Capitão; e pera lhe fazer maior cobiça, e meter mais christãos na rede, uzou nova manha, que foy fingir que levava medo, de que deu dous sinays; primeyro, soltar o nosso atalaya que levavão cativo; segundo, fazer huma breve detença alem do porto, como que queria voltar, e logo tornar a picar, como quem fogia. Já neste passo o Adail hia cahindo no desmancho da corrida: e sospeitando mal dos termos que vio em Alibenaix, começou a requerer que ninguem passasse o porto; mas erão já tantos com elle, e todos tão enganados, que João Coelho seu sogro, com ser homem velho, não só passou logo, mas gritava que passassem todos. No mêo dos brados de João Coelho, e passagem que muytos tentavão, eis que vem dar volta contra o porto, a redea solta, e com grita até o ceo, Alibenaix e seus Almogavares: e apoz elles começão a dar vista de si os Alcaydes com mil e quinhentos de cavallo, que não trazião menos. Desfazia-se em tanto a Villa em dar rebate com muytas bombardadas. E o bom velho, querendo tornar a tomar a ribeyra, pagou

primeyro que todos a temeridade com ficar logo morto: e o genro que fez detença, e procurou de o recolher, foy ferido de huma lança que lhe passou o corpo em claro: e a briga se travou aqui tão crespa, e estavão os nossos tão sofregos e embebidos nella, que quando quizerão despegar, e buscar o Capitão, cometendo a sobida das Lombas, aonde se deteve grande espaço, e foy mêo sua detença pera salvar a muytos, acharão já tudo atalhado do poder dos Alcaydes, e forão cativos e mortos muytos. Foy morto Vasco Lourenço Aljofarinho polla fraqueza do cavallo que cahio com elle. Chegou ao Capitão Dom João de Sande, porque trazia o melhor ginete que avia em Africa, avendo já diante delle muytos mouros. Logo matarão João Dias (1) do Conde Alcayde-mór de Arzilla, e Duarte Pais criado delRey, e João Marinho: e forão cativos João Vaz Aljofarinho e Francisco Lyonardes: ficara morto atraz Alvaro Pirez, que acabou pelejando, e foy cativo seu hirmão muyto ferido.

A detença que o Capitão fez nas Lombas, assi como foy proveitosa pera muytos dos desmandados, que a elle se vinhão recolhendo, como dissemos, pudera ser tambem occasião de se perder, se não começara a retirar-se á força dos brados de Fernão Caldeyra e de Pedro Lopez e outros, que affirmavão ser temeridade e desatino deter-se mais em tal lugar: E fallarão bem a tempo, que logo foy sobre elle tamanho numero de enemigos, que lhe foy força voltar sobre elles: e dizendo — volta — em voz alta, se misturou animosamente cos mouros, sem mais companhia que dezoito ou vinte cavalleyros que o ouvirão. Pelejavão todos com grande valentia, quando sae d'antre os mouros huma lança d'arremesso contra o Capitão, tão bem guiada, que colhendo o cavallo pollos téstos, e ficando-lhe emperrada nos ossos, deu com elle morto em terra. Foy grande a grita dos nossos vendo o Capitão a pé, e acudirão todos com novo esforço a ter os mouros; mas logo subio n'outro que lhe deu hum criado seu, porem á custa de sua vida; porque ficou logo morto diante de seu senhor: gloriosa morte pera hum bom criado. Posto o Capitão a cavallo, e carregando os mouros com nova furia, tomou em fim as tranqueyras, fazendo-os afastar a poder de muytas lançadas.

---

(1) Parece faltar aqui no Ms. a palavra *criado* ou outra semelhante.

CAPITULO XIX.

Do que mais succedeo este dia, e como foi captivo Manoel da Sylveyra, e se salvarão o Adail e outros, e o Alcayde d'Alcacere mandou desafiar ao Capitão.

Em quanto o Capitão pelejava, e depois procurava recolher-se e os seus ás tranqueyras, o Adail e Fernão da Sylva, Manoel da Sylveyra e Diogo da Sylveyra, que com outros seis ou sete forão os derradeyros que do porto sahirão á varzea, vendo já tomado de enemigos o caminho das Lombas, determinárão ir-se ao longo da ribeyra de Bugano a ver se poderião tomar a Atalaya alta, e aver vista do Soveral. Mas Alibenaix e os seus, que vinhão vitoriosos, apertarão tão rijo com elles, que o cavallo de Manoel da Sylveyra, que já vinha muito cansado, quando forão junto da fonte de Bugano acabou de desfalecer de todo. Aqui foy nova briga, e entre os mouros nova contenda: Manoel da Sylveyra não queria morrer sem vender bem a vida: dos mouros uns trabalhavão por lha tirar, outros pollo tomar vivo, como as armas e uma marlota de gram rosada que sobr'ellas vestia lhe davão sinal de ser pessoa nobre: em fim acabarão de o render com tres lançadas perigosas, a fóra outras muitas de que o defendeo a bondade das armas; mas durou tanto a sua resistencia e a contenda dos mouros, que os companheyros tiverão logar de se alargar, e não serem mais seguidos, e em fim se salvarão, e entrarão na Villa ao quarto d'alva, porem com assaz trabalho, porque o Adail se vazava em sangue das feridas, e vinha mui desfalecido. E com tudo sarou dellas, mas perdeo o cargo de Adail, que o Capitão proveo logo, dando-lhe toda a culpa do desmando que ouve na briga. Melhor succedeo a Diogo da Sylveyra. Vio que lhe cansava o cavallo: não quiz apertar com elle: apea-se, mete-o na ribeyra em um pego até os peitos coberto de muitas canas que ali cria a agoa: lança-se á vista delle em hum bisnagal: Descançarão toda a noyte ambos, e quando vio tudo quieto, foy-se á Villa no dia seguinte, com grande gosto do Capitão, que deu boas alviçaras a quem lhas pedio de sua chegada.

Mas não he pera ficarem silencio outro caso do dia da briga que muyto lhe mitigou ao Capitão o desgosto della. Estava nas tranqueyras chêo de paixão e rayva: parte polla falta que julgava lhe fizerão os seus em não voltarem todos com elle, quando os chamou: parte por ver nas pontas das lanças dos mouros as cabeças dos nossos que forão mortos no recontro; quando vio chegar um mouro e pedir licença para lhe fallar, que mandado dizer o que queria, fallou assim: «O Alcayde meu senhor vos faz saber, que elle está naquelle facho descontente do pouco que hoje fez, e muyto desejoso de entrar em campo com vosco, ou de corpo a corpo, ou de tantos por tantos. Se aceitays a offerta, elle segura o campo, e promete compri-la.» Nenhuma cousa podera então suceder que mais desassombrára ao Capitão da melancolia com que se achava. Alegremente e sem nenhuma alteração: «Cavalleyro — disse — de my tendes sincoenta cruzados e hum capilhar d'escarlata, se fazeys com o Alcayde que cumpra o que dizeys; que eu de minha parte estou prestes e me vou pera elle:» e chamando a João de Deos, hum cavalleyro que fôra cativo do Alcayde sinco annos, mandou-lhe que fosse com o mouro, e dissesse a seu amo, que aceitava o desafio, e lhe dava a escolha dos partidos que cometia; e que não tardassem na execução, pois estavão no campo e com as armas nas mãos: E pondo as pernas ao cavallo encaminhou pera o facho, dizendo a todos que esperassem em Deos vingar a magoa daquelle dia, se o mouro cumprisse qualquer das condições que offerecera. Mas o Alcayde teve bom padrinho em Muley Abrahem, que sabendo o que passava se vêo a elle chêo de colera, e o reprendeo àsperamente: E logo chamou João de Deos, e lhe disse com termo brando e cortez: »Dizei-me ao senhor Capitão, que por mercê lhe peço, que não faça caso das palavras vãs de meu cunhado, que he homem mais montanhez, que entendido em lanços de aviso e cortezia, e já estava conhecido de seu erro, e bem arrependido de lhe ser pesado nesta conjunção.» E acrecentou, que naquella hora lhe trazião vivos Lourenço Pires de Tavora, Francisco Lyonardes, e João Vaz; se outros viessem lho avisaria, e todos serião bem tratados.» Recebido este recado pollo Capitão, tornou a despedir João de Deos com resposta de comprimentos; mas o fim era saber da gente que faltava. Foy João de Deos alcançar os Alcaydes já sobre as Lombas, onde achou com

elles Manoel da Sylveyra ferido das tres lançadas que dissemos, de que uma foi assaz perigosa por ser por baixo do braço direyto, e os Alcaydes tão contentes de si por terem cativo hum primo do Capitão, o que aviam por grande vitoria, que logo dali despedirão o Benganemí, mouro muyto conhecido em Arzilla e estimado em Alcacere, com nova visita ao Capitão. Era a sustancia affirmar-lhe que no mêo da boa ventura que Deos lhes dera aquelle dia, sintião como amigos e bons visinhos a pena que teria dos cavalleyros perdidos, que lhe pedião a aliviasse com saber, como tão experimentado, que estes erão os fruytos que a fortuna da guerra de si dava, uzando sempre mudanças, já olhando a uns com alegre rosto, já com triste e carregado a outros: que com esta certeza e esperança de alcançar um dia melhor, desse passagem ao desgosto do presente. E acrecentou da parte de Muley Abrahem, que lhe fazia saber que muytos dos nossos, que se acharão no recontro do porto com os seus Almogavares, erão lançados ao campo, mas que os não mandaria buscar nem esperar. Esta palavra cumprio Abrahem com pontualidade; porque na verdade não se prezava menos de brando e cortez na paz, que de valeroso na guerra. Assi o mostrou na mesma noyte com Lourenço Pires de Tavora; porque trazendo-lhe hum mouro huma Cruz d'ouro de reliquias, que se achára a seu hirmão Alvaro Pires, quando foy despojado da roupa e armas, logo lha mandou entregar com tays palavras, que muyto lhe aliviarão a magoa do morto, e a de sua prisão.

CAPITULO XX.

Corre o Capitão Antonio da Sylveyra a serra de Benamarés: toma uma Aldea. Conta-se a variedade de vida de João da Sylveyra mourisco, e o miseravel fim que teve.

Não passarão muytos dias que o Capitão desejando mostrar aos mouros, que se achavão pouco quebrantados elle e os seus do sucesso que acabamos de contar, determinou hir sobre uma Aldea de que João da Sylveyra mourisco deu o alvitre, e foy o Almocadem. Dezejava o Capitão omiziar

este novo convertido com os seus naturays pera se poder fiar delle, e lançou por isso mão da occasião com mais vontade. Achava-se na Villa então o Almocadem de Tangere Francisco de Menezes com sincoenta de cavallo, companhia luzida com que viera visitar Antonio da Sylveyra de parte do seu Capitão polla desgraça passada. Pedio-lhe Antonio da Sylveyra que o quizesse acompanhar na empreza, do que sendo contentes elle e os companheyros, guiou João da Sylveyra polla boca de Benamarés a uma Aldea que chamão Alfinaçar. Chegados a ella, mandou o Capitão apear alguns de cavallo, que com huns vinte soldados que hião de pé, cercarão quatro ou sinco casas por estarem espalhadas e muyto distantes umas das outras. Por isso foi a presa pequena; que podera ser muyto grande. Cativarão-se dezesete almas, com algumas vacas e egoas, e muyto gado miudo: o que tudo recolhido, se tornou o Capitão á Villa sem contraste nem impedimento; e pagando aos de Tangere suas partes, aventajou o Almocadem na sua com liberalidade, que foy bem empregada, porque Dom Duarte, sintido delle fazer tal ida sem ter ordem sua, o castigou com prizão, de que naceo vir-se Francisco de Menezes despois de solto pera Arzilla, e aver alguma quebra entre os dois Capitães.

Mas como contámos que João da Sylveyra mourisco foy o que deu a Aldea, e o que guiou os nossos a ella, não será desagradavel contarmos tambem a variedade de sua vida, e miseria de sua morte, pera exemplo da constancia com que deve permanecer na Fé quem foy tão ditoso que chamado por Deos entrou no numero dos seus fieys e no gremio santo de sua Igreja. Ficou o Capitão tão satisfeito de como este homem procedeo na cavalgada, que tendo-o já por fiel, visto o que fizera contra os seus, quiz obrigallo mais, e tanto que forão na Villa mandou-lhe dar sincoenta cruzados em dinheyro pera comprar cavallo e armas; e do seu quinto lhe deu dous boys e duas vacas, e o casou com huma molher viuva, moça e honrada, que tinha de seu humas casas e bom enxoval. Em meyo desta prosperidade, a que se juntava ser estimado e honrado do Capitão e de todos os fronteyros, o tentou o enemigo do genero humano, e o achou tão fraco, que se mandou preitejar com o Alcayde d'Alcacere, por mêo de hum mouro de negocio que andava na Villa, que se lhe desse seguro

se hiria pera elle, e lhe entregaria huma companhia de Almogavares; e em sinal de comprir o que dizia lhe mandou hum capacete que o Capitão lhe tinha dado. Embebido nesta traça, como todo traydor he fraco, entrou em cuydado que o Capitão lhe podia perguntar pollo capacete, e não lhe dando boa razão, viria a alcansar seus designios. Assi, sem ninguem o obrigar, se foy ao Capitão, e armou huma mintira sobre o capacete, com que o Capitão ficou suspeitoso, e descontente, e longe de o fazer cabeça de Almogavaria de importancia. Deste pensamento passou a outro, que foy intentar matar Diogo da Sylveyra ou Artur Rodriguez, fazendo conta que qualquer cabeça destas, que levasse, seria estimada dos mouros como feito eroyco, pollo grande odio que a estes dous mouriscos tinhão. Mas não lhe sucedendo, porque ambos estavão avisados de seus parentes de Alcacere que se guardassem delle, em fim desapareceo hum dia do campo, e se foy presentar ao Alcayde em Alcacere, onde sendo festejado do filho de Cid Naçar, não foy bem visto do pay. Passados poucos dias começou a imaginar no muyto favor que tinha em Arzilla, e no pouco que lhe fazia o Alcayde: juntavão-se lembranças da molher, que por virtude e bom parecer era merecedora de melhor fortuna; tudo pensamentos da terra, nenhum do Ceo. Determinou tornar-se pera os christãos; e mandando prometer ao Capitão outra quadrilha de Almogavares mouros, como prometera ao Alcayde d'Alcacere, e não podendo cumprir a promessa por inconvenientes que ouve, em fim entrou hum dia polla porta da Villa e de sua casa. Mas que diremos á instabilidade e pouca firmeza da natureza humana? No mesmo momento que se vio senhor do que tanto desejava, logo aborreceo tudo; logo lhe fez saudade a vida mourisca, e não o teve em segredo. Começou a persuadir a molher que se quizesse hir com elle; e como a não pôde mover, sahindo hum dia a montear com hum moço sobrinho della, tanto que se vio longe da Villa tomou-lhe a espada e lança, e posto no caminho d'Alcacere á força o levou diante de si, e fez presente delle a Cid Naçar: mas não passarão muytos dias que pagou esta trayção com a vida; porque ouve quem o accusou diante do Alcayde, que pretendia entregar Almogavares ao Capitão de Arzilla; e o Alcayde, não querendo perder tempo em averiguar a verdade, mandou-o pendurar de huma ameâ.

CAPITULO XXI.

Guerra da India. Parte o Governador de Cochim pera Cananor, despois de despachar Eytor da Sylveyra pera o Estreyto, e a outros Capitães pera outras partes: morre em Cananor.

Deixámos na entrada do anno ao Governador D. Anrique em Cochim despachando as naos de carga que forão pera o Reyno. He tempo de tornarmos a elle, e vermos o que fez e ordenou e mandou nos breves dias que despois teve de vida. Trazia D. Anrique traçado em seu peito fazer jornada sobre a Ilha e Cidade de Dio, mas com tanto segredo, que nunca se abrio com ninguem, nem se soube seu dizenho se não despois de sua morte; e pera mais dissimulação, como os apercebimentos que fazia de navios e munições erão grandes, e não podião estar escondidos, despachou armadas pera varias partes com ordem aos capitães que o esperassem em paragens a proposito de seu intento, dando-lhes a entender que queria ir tomar Adem. A primeyra deu a Eytor da Sylveyra, que foi de quatro galeões e huma caravella e huma galeota, e no publico declarou que hia a buscar o Embaixador Dom Rodrigo de Lima ás terras do Preste, e em segredo lhe mandou que andasse no rosto do Cabo de Fartaque até quinze de Março, no qual tempo seria com elle; e em caso que o não fizesse, então se fosse demandar Maçuá, e tomar o Embayxador. Despachou tambem Antonio da Sylva de Menezes a Dio com pretexto de trazer roupas pera Malaca, mas o fim principal era reconhecer o rio e fortaleza, e sondarem a barra. E pera mais certeza mandou por outra via Pero Barreto ao mesmo effeito, e com elle o Piloto-mór do Estado. Com Jorze Cabral tratou, que despois de o acompanhar até Cananor, hiria esperallo em certa parte, tempo limitado, com a sua galeota e sinco caturos. Mas porque destes enviados só a viagem de Eytor da Sylveyra teve effeito, porque as mais foram atalhadas com a morte de D. Anrique, parece razão não passarmos adiante sem dar primeyro conta della. Partio Eytor da Sylveyra em 2 de Fevereiro. Era capitão do galeão em que elle hiaNuno Barreto, e dos outros tres, Ma-

noel de Macedo, e Anrique de Macedo seu hirmão, e Francisco de Mendonça. A galeota levava Francisco de Vasconcellos, e Fernão de Morays a caravella. Navegou direytamente em demanda de Socotorá, onde fez agoada: e dahi passou ao Cabo de Fartaque, sobre o qual andou até os vinte de Março, tomando mais sinco dias alem do prazo, ao que juntou pera mais desengano outra diligencia, que foy encostar-se á Costa de Arabia e da cidade de Dofar, a ver se encontrava com algum navio ou recado do Governador. Teverão medo da armada os moradores de Dofar com ser a terra forte e bem murada, e pondo suas fazendas e o que mais estimavão em cobro, tomarão as armas e com ellas acudirão á praya tão soberbos, que os nossos se ouverão por obrigados a pedir-lhes conta deste genero de rebolarias. Sahirão em terra trezentos e sincoenta homens, que os fizerão dar as costas com morte de muitos, e com a mesma arremetida foy entrado e tomado o lugar, que todavia custou a vida a dous dos nossos, e boa copia de sangue a mais de vinte, sem se achar cousa de valia que o pagasse. Não sendo tempo de mais tardar a Maçuá, foy lançar ferro naquella Ilha em primeyros d'Abril; e porque achou estar com nosco de guerra, mandou rodear cos bateis os portos por onde o povo se poderia embarcar pera a terra firme, mas tendo-se antecipado muytos na fogida, todavia inda colheo bom golpe delles no mar, e melhor saco na villa que em Dofar. Avia muytas roupas, que em Arquico forão de proveito, dadas a troco de mantimentos e escravos. Pedirão paz despois de saqueados pera evitarem mayor castigo, offerecendo trezentos pardaos de pareas em cada um anno. Otorgou-lha Eytor da Sylveyra com anteciparem logo o primeyro pagamento. Melhor andarão os moradores de Dalaca, outra Ilha visinha, e terra de mais sustancia. Vierão com tempo comprar a paz, derão-se por vassallos d'ElRey de Portugal, com reconhecimento de tres mil pardaos de pareas, de que logo contarão primeyra paga. Terçou por elles a humildade com que souberão negocear, e o gosto que o Capitão-mór teve de deixar tributarias duas Ilhas em mór contia, e com mais certeza pera o diante do que n'outro tempo lhe aconteceo com Adem. Passados alguns dias que o Embayxador Dom Rodrigo de Lima tardou, e recebido na armada com outro que o Preste enviava a Portugal, levantou a armada anchoras aos 28 de Abril, e foi tomar a Ilha de Camarão, don-

de feita agoada desembocou o Estreyto; e com muyto trabalho de temporays e falta de agoa, tomou Mascate, e dahi se foy invernar a Ormuz, aonde chegou aos 26 de Junho.

Apoz a partida de Eytor da Sylveyra deu o Governador tanta diligencia em prover tudo o que cumpria pera a empresa que trazia na imaginação, que tardou pouco em sahir de Cochim; mas primeyro lhe pareceo fazer uma diligencia importante pera sua saude. Corria-lhe humor a huma perna, que lha inchava, e lhe tolhia a ligeireza e liberdade que avia mister pera o exercicio das grandes occupações em que se empregava: procurou remedio; fez consultas com medicos e cirurgiões: assentarão que dando uns botões de fogo se iria purgando aquelle humor como por fonte, e enxugaria a perna. Não duvidou da cura, com quanto foy violenta e chea de dores, e o que pior he, pouco proveitosa. No mesmo tempo quiz ouvir Cide Alli messageiro de Meliqueiaz senhor de Dio, que bem entendia vinha mais por espia que embayxador singelo. O negocio de Calicut tinha espantado muyto todos os potentados da India, em especial os que possuhião estados e terras visinhas ao mar. E como o Melique era um destes, e em saber e sagacidade se aventajava a muytos, foy o primeyro que quiz com capa de visita e offertas de paz vêr se podia penetrar os dizenhos que o Governador de novo tinha. Presentou-lhe o mouro muytas peças ricas, despois dos comprimentos que trazia de amizade e paz. As peças mandou o Governador que tornasse a levar, tomando só hum assento forrado de madre perola, peça de mais lustre que valia, com tenção de a enviar a ElRey nas primeyras naos que fossem pera o Reyno, como despois lhe foy. E em retorno desta lhe mandou dar algumas de preço: e ordenou-lhe que o seguisse até Cananor pera la o despachar, que foy hum modo de o enganar, como dizem, com a verdade, a fim que por huma parte se assombrasse com a grandeza dos apparatos, e por outra vendo que delle os não escondia se desimaginasse de serem contra seu amo. Partio o Governador de Cochim com dezesete velas, e determinado em hir de caminho alimpando a Costa de enemigos, mandou entrar Dom Jorze de Menezes no rio de Chale duas legoas de Calicut, que abrasou a povoação e quantas embarcações avia no rio. E a seis legoas de Cananor, dando novas os catures que levava diante de terem visto certos paraos no rio de Mayne, fazendo algazarras contra os nossos, e outras mos-

25 *

tras de soberba, sintido do atrevimento, não se contentou com menos que hir em pessoa ver a barra e disposição do rio; mas esta fragueirice, junta a huma grande indinação que tomou do engano dos catureiros, porque achou que nem a foz tinha remedio de entrada, nem parecia possivel que tays paraos podessem por ella hir, de sorte lhe assanhou a chaga, que quando sobre tarde a quiz curar encheu de medo o cirurgião achando-a cerceada de nodas negras. Chegado a Cananor foy rogado dos medicos que logo desembarcasse pera se tratar da cura em terra, como convinha, mas inda os entreteve muytos dias, com que acrecentou o mal de maneyra, que não estando já capaz de remedio, com quanto o martyrizarão com muitos cauterios, aos dous dias despois de estar em terra, que foy aos 23 de Fevereiro, passou a melhor vida. E não foy pequena ajuda pera abreviar a presente, estando já no estremo della, chegar-lhe recado dos dous primos Dom Jorze Tello e Dom Jorze de Menezes e de Pedro de Faria, que tendo encerrados no rio de Bacanor cem paraos carregados de pimenta, quando cuydarão de os desbaratar e queimar, teverão tanta desgraça na entrada e acometimento, que se tornarão pera a barra com perda de quarenta homens e muytos feridos.

CAPITULO XXII.

Abre-se a segunda successão da governança: acha-se nella Pero Mascarenhas: por ser ausente, abre-se a terceyra que nomea Lopo Vaz de Sampayo. Aceita o cargo, e vai pelejar cos paraos de Bacanor: fica vencedor, e parte pera Goa.

Falecido o Governador Dom Anrique, e sepultado na capella de Santiago da igreja de Cananor, poz-se logo por obra entre os capitães e fidalgos que com elles se achavão abrir-se a segunda successão das tres que o Conde almirante levara á India. Achou-se nomeado Pero Mascarenhas capitão de Malaca, que foy causa de grande confusão pera todos, considerando que se por elle avião de esperar ficava o estado sem cabeça pera mais de hum anno, porque a monção de navegar pera Malaca era por Mayo do anno presente, e a de vir de Malaca pera a India entrava já

no anno seguinte. Avendo variedade de opiniões no que se devia fazer, levou Affonso Mexia todos os fidalgos a seu parecer, que foy abrir-se a terceyra successão, com hum assento que assinarão e jurarão, que quem quer que nella sahisse por Governador não usaria do cargo mais tempo que até a vinda de Pero Mascarenhas. Aberta a successão, vio-se que era nomeado nella Lopo Vaz de Sampayo capitão de Cochim. Aceitou Lopo Vaz o governo com a condição e juramento que os mais fidalgos tinhão consintido na abertura da sua successão. Era Lopo Vaz por natureza diligente, e de sua pessoa muyto valoroso: não tardou em seguir a ordem que Dom Anrique levava de alimpar a Costa de cossarios: sahio de Cochim com sete velas, de que erão capitães, da galé bastarda, em que elle hia, Dom Vasco de Lima, e das mais, Manoel de Macedo, Anrique de Macedo seu hirmão, Diogo da Sylveyra, Manoel de Brito, Diogo de Mesquita seu hirmão. E correndo com este intento a costa, achou cartas em Cananor de Dom Jorze Tello e Pero de Faria, que todavia estavão sobre a barra de Bacanor, como atras dissemos, em que o avisavão que os mouros se fazião prestes pera navegar, e erão tanta gente e navios, que não tinhão ambos bastante força pera lhes defender a sahida. Encheo-se de alvoroço pera fazer sua esta empresa, e despachou a Goa hum catur dos mais ligeyros que trazia, com recado a Antonio da Sylveyra e Christovão de Souza, que ambos com seus dous galeões se viessem em continente pera Bacanor, onde os esperava; e mandou a Manoel de Brito que com o seu se fosse logo juntar com Dom Jorze e Pero de Faria, e os avisasse que não teria mais detença que em quanto se provia de mantimentos e mais munições. Era Capitão-mór da armada de Bacanor o mouro Cotiale, que, sendo informado como o Governador o hia demandar, determinou esperallo em terra, com dez mil homens que ajuntara entre os seus e os moradores do rio, que animosamente o seguião. Chegou Lopo Vaz determinado em pelejar; mas achou contra si a maior parte dos capitães e fidalgos de sua companhia, tantas considerações fazião sobre o grande numero e fortificação dos enemigos, tanto risco fantesiavão na empresa, como se não forão elles os mesmos que tinhão pouco avia desbaratado todo o poder de Calicut diante dos olhos de seu Rey, abrasado Panane, e destruido Coulete. Fundava nisto serem fingidos todos os receyos que lhe pu-

nhão, e nacerem mais de emulação ou enveja da gloria, que a elle Lopo Vaz se aparelhava (como nos feitos de guerra sempre a mor honra fica com o capitão), que não temor de enemigos tantas vezes vencidos: e não quebrando hum ponto do que comsigo trazia assentado, tanto que forão com elle Antonio da Sylveyra e Christovão de Sousa, que achou conformes com sua opinião, foy-se hum dia ante manhã, a horas que fazia bom luar, reconhecer pessoalmente o estado do rio e fortificação enemiga. Achou que de huma e outra margem do rio continuavão grandes e fortes trincheyras de madeyra, que terraplenadas e guarnecidas de muyta artilheria representavão impossibilidade de passar sem perigo a todo o genero de embarcação. Ao que se juntava terem por este modo estreitado o canal em demasia. E por lhes não ficar nada por fazer corrião de tranqueyra a tranqueyra por baixo d'agoa huns viradores grossos, pera que chegando a elles as nossas embarcações, e sendo de terra entesados, soçobrassem. Achou mais que em huma volta que o rio dentro fazia, onde a terra sahe com huma lingoa sobre a agoa, tinhão levantado huma cerca de pedra e terra bem entulhada e rebatida, de altura quasi de hum estado de homem, provida de boas peças de artilheria, que a modo de baluarte de tres faces jugavão todas em travez humas das outras. E como gente que devia fazer muyta conta deste forte, juntarão-lhe estacadas ao longo da praya, e outros viradores somidos dentro na agoa nas partes onde julgavão que os nossos poderião tentar sua desembarcação. Não espantado Lopo Vaz da fortificação, e artilheria enemiga, porque, chovendo sobre elle e outros dous catures com que foy espiar o rio, huma tempestade continua de pelouros, passou ida e vinda sem receber dano, mandou primeyro que tudo cortar todos os viradores que atravessavão o rio pera dar passagem franca a nossas embarcações, e logo fez embarcar em tres grandes bateis, dos que Dom Anrique tinha mandado fazer pera a jornada de Dio, trezentos homens, a cento por cada hum, a cargo de Payo Rodrigues de Araujo e Manoel de Brito, e outros trezentos em bargantis, pera saltarem de hum golpe todos juntamente em terra: e mandados estes na dianteira, elle os foy seguindo com todo o resto da gente e navios de remo, em que havia mil soldados portuguezes, afora remeyros e marinhagem de canarís e malabares. Erão horas que o sol começava a apontar sobre o orizonte, quando

os nossos, ao som de muytas trombetas e com grita que feria as nuvens, nesta ordem começarão a entrar o rio, com tanta força e viveza no remo, que mais parecião voar pollos ares que caminhar por agoa. Tinha o Governador notado hum lugar junto ao baluarte que acertou a ficar livre das estacadas, e embaraços que cingião os mais: mandou hum catur guiar a elle os bateis dianteyros, e pera divertir os enemigos fez sinal de acometer a huma parte, e logo tornou a outra que elles não cuydavão. Ardia neste tempo o rio todo em fogo e trovões das bombardas de terra, e da nossa espingardaria, e a frecharia dos mouros era tão espessa, que cobria o sol, e nos feria grande numero de gente em todos os navios. Mas, passando os bateis a abordar com o baluarte pollo posto que dissemos, e lançados nelle os primeyros trezentos, e apoz elles os que hião nos bargantis, foy tal a braveza com que menearão os braços e armas, que por muyto animo que os defensores mostrarão, fiados em sua multidão e na força de suas tranqueyras, foi o baluarte entrado e ganhado. Entre tanto o Governador, tendo ameaçado querer acometer huma tranqueyra, aonde correo logo grosso numero de gente, despedio Pero de Faria que passasse ao posto em que estavão os paraos, e lhes desse fogo, que era o fim principal da empresa. Aqui foy a mayor força da peleja, com uma desuzada furia e teima dos mouros, obrigados do amor da fazenda: mas acudio por huma parte Antonio da Sylveyra e por outra o Governador, e á força de lançadas e espingardadas os fizeram retirar e vêr de longe a labareda de suas embarcações e pimenta, que tudo ficou feito cinza em poucas horas com morte de muitos. Pera com os nossos foy grande o favor do Ceo, porque sendo feridos oytenta e sinco, não ouve mortos mais que quatro. Ficou em poder do Governador toda a artilheria do baluarte e tranqueyras, que passou de oytenta peças: os paraos queimados foram setenta e tantos. Dos enemigos que morrerão se não averiguou o numero, mas ninguem duvidou em ser muyto grande, vista a constancia com que resistirão. No lugar mandou o Governador que se não tocasse visto ser delRey de Narsinga, com quem tinhamos paz. Daqui partio pera Goa, onde despois de alguma contradição que Francisco de Sá lhe fez, em fim foi aceitado por Governador, e despachando armadas de importancia pera varias partes, mandou uma nao a Malaca a Pero Mascarenhas

com novas de sua successão, e provimento de roupas de Cambaya, que o Governador Dom Anrique em sua vida mandara buscar a Dio.

CAPITULO XXIII.

Parte Lopo Vaz pera Ormuz, e torna pera a India. Entende em prover as fortalezas polla nova que tem dos Rumes. Eytor da Sylveyra toma algumas naos de Meca. Pero Mascarenhas, tomado o titulo de Governador, vai sobre Bintão.

Erão tantas as queixas que ElRey d'Ormuz e Xarafo seu guazil tinhão feito ao Governador Dom Anrique, e agora fazião a Lopo Vaz, que elle se deu por obrigado a hir ouvillas pessoalmente, navegar fóra de monção, e com menos armada do que convinha a sua authoridade. Levou sinco velas, que foram huma galé bastarda em que elle hia, de que fez capitão Dom Vasco de Lima, e tres galeões, capitães delles Dom Afonso de Menezes, Manoel de Macedo e Manoel de Brito, e um bargantim pera serviço. Chegou a Ormuz em 3 dias de Junho: achou que Diogo de Mello tinha preso ao Xarafo em vingança das queixas que fizera a Dom Anrique: e na confiança do parentesco que tinha com elle Lopo Vaz: o que logo remediou soltando o Xarafo, e tornando-lhe o cargo de guazil. Nestas cousas entendia o Governador quando entrou no porto Eytor da Sylveyra aos 26 do mesmo mez de Junho, da volta da sua jornada do mar roxo; e lhe entregou o Zagazabo Embaixador do Preste, que elle recebeo com particulares honras, e o mandou agazalhar e prover do necessario com muita largueza. E logo no mez de Julho despediu a Eytor da Sylveyra que se fosse lançar sobre a ponta de Dio, a esperar as naos que navegão do mar roxo pera Cambaya: e elle, passados poucos dias, em que recebeo sessenta mil pardaos de resto das pareas que ElRey devia dos annos atraz, deixou Ormuz e tornou pera a India. Entrando em Chaul soube que Eytor da Sylveyra fizera presa de tres naos, com que entrara no mesmo porto, além de hum zambuco, que tambem tomou e meteo no fundo.

Aqui tambem soube as primeyras novas da armada que os turcos tinhão no mar roxo, dadas pollos mouros que o

Sylveyra tomou nas náos de Meca; todavia para se inteirar dellas despedio Tristão de Gá em hum bargantim que fosse até a paragem de Adem espiar o que havia. Tornou Tristão de Gá brevemente com certeza de ficarém os turcos na Ilha de Camarão levantando huma fortaleza: o que foy causa de despachar logo hum navio à Portugal, em que dava o aviso a El-Rey, e como homem de guerra empregar todo seu cuidado em prover as fortalezas que se podiam temer, humas com fabricas novas, outras com copia de munições.

Entre tanto tinha chegado a Pero Mascarenhas, por differentes vias, a nova da sua successão na governança do Estado, declarada e aceitada por todos os fidalgos da India. E elle aceitou tomando com solemnidade o juramento de Governador na Igreja mayor; e criou logo secretario e ouvidor geral, e proveo da capitania da cidade a Jorze Cabral, que foy hum dos que se adiantarão a pedir-lhe as alvissaras da successão. Posto logo em caminho pera a India, foy Deos servido estorvar-lhe a ida pera remedio d'aquella cidade: veio-lhe tão forte tormenta estando surto sobre os ilheos de Pulo-puar, que tornou a arribar com mastros quebrados e muyto trabalho. Assi vendo que já não tinha monção senão por fim do anno presente, ou principio do seguinte de 1527, e que se achavam ali com elle muytos navios e muytos fidalgos e boa gente de que se podia aproveitar, determinou acometer Bintão; e tendo posto em ordem com segredo e cautella tudo o que cumpria pera a empresa, partio com vinte velas hum domingo 23 de Outubro. Eram capitães, do galeão em que elle hia, Alvaro de Brito: e das mais Ayres da Cunha, Alvaro da Cunha seu hirmão, Antonio da Silva, Antonio de Brito, Dom Jorze de Menezes, Francisco de Sá, Duarte Coelho, Simão de Sousa Galvão, João Rodrigues Pereyra Passaro, Francisco de Vasconcellos, Jurdão Jorze, Francisco Jorze, e Fernão Serrão de Evora. Estes todos em navios portuguezes. As mais embarcações eram lancharas da terra, que levavam a seu cargo Jorze d'Alvarenga, Diogo de Ornellas, João Esteves, Vasco Lourenço, Fernão Pires e Gaspar Luiz. Avia nesta frota quatrocentos soldados portuguezes, e seiscentos malayos.

Chegado á Ilha, foy primeyro trabalho desembaraçar o rio de hum grande numero de estacas que tolhiam a entrada, obra de muyto risco e fadiga; mas no maior fervor

della deu novo cuydado apparecerem ao mar trinta lancharas que vinhão demandar o rio, e erão de soccorro que mandava elRey de Pão ao genro. Mandou Pero Mascarenhas contra ellas Duarte Coelho com sinco navios, e após estes Ayres da Cunha com outros, que apertaram com ellas de maneyra, que desbaratadas tratarão de se salvar em huma Ilha visinha, e todavia ficarão em poder dos nossos mais de doze, bom pronostico pera o que ficava por fazer.

CAPITULO XXIV.

Acomete Pero Mascarenhas a cidade de Bintão: Ganhada e saqueada põe-lhe fogo: Dom Garcia Anriquez capitão de Maluco saquea e queima a cidade de Tidore.

Determinou Pero Mascarenhas ver por seus olhos o sitio e fortificação da cidade, e achou que era cercada de madeyra muyto grossa, com huma estacada dobrada de paos a pique tão alta como um bom muro, e feita toda a dentes de serra, que ficavão entre si fazendo traveses, e estes defendidos com muyta artilheria. A pouco mais de mil passos da cidade avia huma ponte sobre o rio, que não servia só de dar passagem de huma praya á outra, mas tambem de fortificação; porque, alem de estar fundada sobre vigas grossas de hum genero de madeyra, que por sua grande fortaleza chamamos ao ferro, e os naturays barbuzano, tinha sobre a parte esquerda levantado hum baluarte da mesma madeyra, e igualmente provido de artilheria, que ficava mais defensavel com hum genero de fortificação natural de um espesso bosque de arvores grossas e entre si mui enredadas (chamão-lhe mangues) que des-da foz até por cima da ponte, porque se crião na agoa salgada, lhe ficavão como muro. Na parte contraria que he a direyta do rio, onde a cidade estava assentada, na distancia que dissemos corria della contra a ponte, avia uma grande praça aberta e desabafada, que vinha fazer porto no rio: nesta tinha ElRey posta toda sua defensão como quem só por ella temia de ser acometido. Era um grande baluarte terraplenado, e nelle força de gente e artilheria, e soube-se despois que estavão repartidos nestes fortes e pollos muros da cidade sete mil combatentes.

Pero Mascarenhas, entendendo que lhe convinha usar de manha contra terra por natureza e arte tão defendida, intentou hum ardil que só seu grande entendimento pudera inventar, e seu valor e animo effeituar. Em todo outro homem fora julgado por temerario mais que prudente. Cerrando-se o dia mandou ordenar hum reparo de pipas cheas de terra na margem do rio e ao longo da praça que era porto e serventia da cidade, pera fazer crer aos enemigos que por ali havia de tentar o assalto, que era o mesmo que elles tinhão entendido, porque d'outra parte se não temião. Pera mais os divertir, fez meter neste forte, que guarneceo de alguns falcões, todos os malayos com seus capitães, e alguns soldados portuguezes que os governassem, descobrindo-lhes que tinha dizenhado outro lugar pera assaltar a terra, e assentando com elles os sinays que haviam de fazer quando fosse tempo. Logo cerrando-se a noyte lançou um golpe de gente na margem esquerda do rio huma legoa abaixo da ponte, e com suas guias diante começou a caminhar rio a cima. Era o caminho por si em estremo trabalhoso; acrecentava a difficuldade ser por entre os mangues, que do meo pera baixo cria cada hum muytas rayzes, com que tolhem o andar, em bom dia claro, quanto mais pollo escuro da noyte, e por terra alagadissa, qual esta era toda. Mas tudo vence hum animo determinado. Cansados, e moidos e enlameados, chegarão os nossos, antes que a alva rompesse, ao pé do baluarte. Dormião os defensores a bom sabor, parte cansados da vigia da noyte, parte com descuydo de poderem ser acometidos por tal lugar. E quasi não sintirão os nossos senão despois que os virão sobre si. Espertou-os a grita, e estrondo de trombetas, que segundo a ordem que estava dada, soavão temerosamente por varias partes; e com mayor terror da estancia dos malayos como erão mais gente e mayor numero de vozes. Assi perdido o tino aonde avião d'acudir, e confusos com a novidade não esperada do acometimento, foy entrado e ganhado o forte da ponte, e o primeiro que poz os pés em cima foy Ayres da Cunha: custou-lhe a honra ficar mal ferido de hum zarguncho. Derão logo os nossos com hum postigo que fechava na ponte, e aberto, encaminharão por elle até hirem entrar a cidade: fizerão o mesmo por sua parte os capitães malayos com sua gente: mas Pero Mascarenhas, querendo aver ás mãos o Rey enemigo, e que tanto mal nos tinha fei-

to, tirou contra o sitio de sua morada com o mayor corpo da gente. Era o Rey fogido; porém achou um capitão seu bem acompanhado de mouros, e tão esforçados todos, que foy necessario aos nossos menear bem as mãos pera os desfazer; porque em quanto não souberão que elRey era hido, pelejavão e morrião sem sinal de fraqueza. Ferido já de duas espingardas o capitão, que Laxaraja se chamava, teve aviso da ausencia, e então tratou de salvar a vida, o que fizerão tambem os que o seguião e toda a mais soldadesca, deixando em nossas mãos a cidade com grosso despojo, de que foy a melhor parte hum grande numero de peças de artilheria, que erão poucas menos de trezentas, mais estimadas porque muitas dellas nos tinha tomado este tyrano nos recontros e desgraças que atraz ficão contados. Seguio fogo ao saco e ao fogo ficar feita cinza, como era toda de madeyra.

Em quanto Pero Mascarenhas alegra Malaca com o triunfo de Bintão, será razão darmos conta do que entre tanto passava em Maluco D. Garcia Anriquez, que em 12 de Janeyro deste anno entrava em posse daquella fortaleza. Vendo-se com pouca gente polla muyta que com seu antecessor Antonio de Brito se embarcara para Malaca, e com poucas fazendas pera paga dessa que lhe ficara, assentou paz com ElRey Almansor de Tidore; e foy condição della que dentro de seis mezes primeiros seguintes entregaria certas peças de artilheria, que seus vasallos tinham tomado de uma fusta de portuguezes. Vêo este Rey a morrer de sua doença, e avendo discordia entre os filhos sobre a successão, pareceo a D. Garcia boa occasião de lhes mover guerra: e mandando pedir aos que tinhão o governo lhe cumprissem a promessa da restituição da artilheria, visto ser expirado o tempo com a morte de Almansor, porque logo lha não mandarão, inda que pedião cortezmente alguns dias de tempo pera a entregarem, lhes mandou apregoar guerra, e lha fez com tanta pressa e força, que na mesma noyte que teve este recado, como de Ternate á cidade de Tidore não ha mais distancia que huma pequena legoa, foy sobre ella e a saqueou e queimou. Vitoriosos tornarão os nossos; mas desacreditados grandemente na reputação que dantes tinhão de guardar fé e palavra, que he parte propria de quem professa a lei e verdade christãa. E daqui podemos crer que naceo permittir Deos que perdesse despois D. Garcia em

Cochim tudo quanto tinha adquirido neste cargo, que passava de sincoenta mil cruzados.

LIVRO IV.

CAPITULO I.

Das naos que este anno vierão da India pera o Reyno, e das que forão do Reyno pera a India.

Partirão da India pera o Reyno este anno de 1527 em 10 de Janeyro sinco naos com a carga de especiaria ordinaria, e nellas por capitães Sebastião de Sousa de Elvas, Francisco da Maya, Antonio Galvão, Felipe de Castro, e Tristão Vaz da Veiga: estas vêo despachar Lopo Vaz a Cochim, e tinha despachado outro navio, quando vinha de Ormuz com as novas que teve da armada dos rumes, de que deu a capitania a Francisco de Mendonça.

De Portugal sahirão em Março do mesmo anno sinco naos pera a India, de que erão capitães Manoel de Lacerda, Aleyxo d'Abreu, Christovão de Mendonça, que hia provido da fortaleza de Ormuz na vagante de Diogo de Mello e era hirmão de Dona Joanna de Mendonça duqueza de Bargança, filhos de Diogo de Mendonça alcayde-mór de Mourão, Balthezar da Sylva e Gaspar de Paiva. Destas sinco chegarão tres a salvamento a Goa pollo mez de Setembro, e se perderão na Ilha de S. Lourenço Manoel de Lacerda com a nao Santo Antonio, e Aleyxo d'Abreu com a nao Bastraina. Vicente Gil, e Antonio d'Abreu, invernados do anno passado, entrarão em Goa em 16 d'Agosto de 527.

Despachou mais El-Rey outro navio pera a India antes de chegarem a Lisboa as naos de viagem, de que deu a capitania ao piloto Pedreanes francez, porque entendeo que as successões que tinha mandado por Francisco d'Anhaya e Tristão Vaz da Veiga avião de ser causa de novas controversias entre Lopo Vaz e Pero Mascarenhas: e inviava com este navio cartas e provisões pera se quietar tudo: mas este se perdeo tambem no mar.

Apoz este Pedreanes mandou Sua Alteza Diogo Botelho Pereyra filho de João Gago a hum effeito muyto differente, mas bem digno de quem era pay de seus vassallos, e como tal os amava. Atraz fica dito como desapparecerão Dom Luiz de Menezes e João de Mello da Sylva, vindo da India: mandou El-Rei a Diogo Pereyra com duas embarcações com ordem que corresse a costa desde o cabo da Boa Esperança até o das Correntes, e a ilha de S. Lourenço, a ver se achava alguma nova delles: e no anno seguinte o encontrou Nuno da Cunha em Melinde.

CAPITULO II.

Recebe ElRey o Embaixador do Preste: Despacha-o pera Roma. Nace a Iffante Dona Maria. Apontão-se algumas cousas que ElRey fez e proveo.

Ao tempo que as naos deste anno chegarão a Lisboa estava ElRey em Coimbra, e tendo recado que vinha nellas o Zagazabo Embayxador d'ElRey da Abassia, que chamamos vulgarmente Preste João, alvoroçado com a nova, como era razão, maudou que lho levassem áquella cidade para o ver, e ouvir sem detença. E quando soube que vinha, mandou a Diogo Lopes de Sequeira, que quando Dom Rodrigo passara era Governador da India, e de presente servia a El-Rey de seu Almotacé-mór, que o fosse buscar ao caminho, e o viesse agazalhando e acompanhando. E á entrada da cidade o mandou receber pollo Marquez de Villa Real, que o trouxe ao paço, e Sua Alteza o recebeo com muytas honras e grandes demonstrações do gosto que tinha de sua vinda: e elle lhe presentou logo huma coroa que o Preste lhe mandava, composta de partes de ouro e prata, e duas cartas com ella. Acompanhava a este Embaixador um sacerdote portuguez, por nome Francisco Alvares, que fôra companheyro de Dom Rodrigo de Lima, a quem o Preste por suas boas partes se affeiçoou, e encarregou levallo a Roma, e darem ambos em seu nome obediencia ao Summo Pontifice Vigario de Christo na terra, que então era Clemente septimo, e pedirem-lhe hum Patriarcha da Igreja Romana; e em confirmação disto mostrou Francisco Alvares a ElRey huma crus d'ouro

que o Preste lhe entregara pera a dar ao Papa, que fazia guarda a uma preciosa reliquia nella inclusa, que era hum bom pedaço do Santo Lenho da Cruz de Nosso Salvador: e juntamente outras duas cartas. E porque fique aqui dito o successo desta Embayxada, he de saber que ElRey os mandou despachar pera seguirem sua viagem a Roma, aonde chegarão no anno seguinte de 528, e o Papa com grande alegria sua e do sagrado Collegio ouvio a Embayxada daquelle Rey do ultimo Oriente, e lhe concedeo a petição com muytas outras graças; e foy eleyto em primeyro Patriarcha......, que deixou escrita huma copiosa relação desta tão alongada viagem; e ambos se tornarão a Lisboa, e dahi se embarcarão pera a India, aonde chegando a salvamento, faleceo o Zagazabo de sua doença, e o Patriarcha seguio seu caminho até as terras da Abassia, a dar conta de si a quem o mandara, e fiara delle hum tamanho negocio; do qual se devem as graças primeyras a ElRey Dom Manoel, que com o Embayxador Dom Rodrigo de Lima soube persuadir áquelle Rey huma tão grande honra pera a Igreja Latina; e as segundas a ElRey Dom João, que com excessivo gasto de quatro armadas grossas o mandou buscar, e á custa de sua fazenda o despachou pera Roma, e despois o tornou a embarcar pera se hir a sua patria.

Neste anno teve a Raynha Dona Caterina seu segundo parto em Coimbra, de que naceo a Iffante Dona Maria, que despois foy Princeza de Castella, casando com seu primo o Principe Dom Felipe, filho do Emperador Carlos Quinto e da Emperatrix Dona Isabel hirmã d'ElRey. Naceo esta Senhora huma terça feira 15 de Outubro.

Pouco antes por fim do mez de Setembro chegou a Lisboa hum Embaixador d'elRey Francisco de França, solto já da prisão de Castella, e conssertado de casar com a Raynha Dona Lyanor madrasta d'elRey Dom João. Era Honorato deCaiz, o mesmo que no anno de 522 viera visitar Sua Alteza e tratar do casamento de Madama Carlota com elle. O fim desta Embayxada era renovar amizades antigas, pois avia de ter tamanho penhor consigo, como era a Raynha Dona Lyanor; e justificar as causas que tinha pera de novo fazer guerra ao Emperador: (1) E segundo o que achasse provar a

(1) Dom Frey Prudencio, Cronica do Emperador, livro 15 §. 26.

mão, e tentar se o poderia fazer companheyro em huma grande liga que no anno proximo passado tinha concertado com o Papa e elRey de Inglaterra contra o Emperador.

Deu Sua Alteza este anno:

No primeyro de Fevereyro a Dom Francisco Lobo seu pagem da lança fez doação das Alcaidarias-móres de Campomayor e Ouguella vagas por falecimento de seu sogro Afonso Telles: Ao mesmo em 31 de Janeyro as saboarias de Mourão, por casar com Dona Branca de Meneses filha do dito Afonso Telles:

Carta do officio de Vedor dos Almazens, casas de Guiné e India e das naos e navios da cidade de Lisboa ao Contador-mór Dom Antonio d'Almeyda, o qual officio vagou por falecimento de Jorze de Vasconcellos — dada a 7 de Fevereyro:

Em 28 de Mayo, doação a Anrique de Sousa do seu conselho do lugar de Oliveira do Bayrro com jurdição civel e crime mero e misto imperio:

Em 2 d'Abril, carta a Manoel Corte Real de toda a fazenda que foy de Pero de Goes da Ilha Terceyra, que perdeo por matar sua mulher mal e como não devia:

Em 17 de Junho, doação a Dom Fernando de Noronha fidalgo de sua casa das Jysiras da Palmeira e da Tamargueira em Santarem, e do jantar da Villa da Arruda:

Em 18 de Junho, officio de provedor do Hospital de Lisboa a Garcia de Sousa Chichorro, por sua bondade e fidalguia:

Em 22 de Junho, carta a Dom Antonio de Tayde por que Sua Alteza lhe dá licença pera que seus herdeiros e successores se chamem senhores da Villa da Castanheira, Povos e Chilleyros: e declara que o dito Dom Antonio he senhor de juro e erdade dos tays lugares:

Em Coimbra em 5 de Agosto, tres cartas ao Iffante Dom Luys. Na primeyra o faz ElRey Duque de Beja, e senhor das Villas de Covilhã, Cea, Almada, Moura, Serpa, Marvão, Consellios de Lafões, e Besteyros com todas suas jurdições. Na segunda o faz fronteiro-mór dantre Tejo e Odiana. Na terceyra o faz Condestable destes Reynos:

Em 30 de Setembro, carta de Vedor da fazenda a Dom Antonio de Meneses de Vasconcellos Conde de Penella:

Em 23 de Outubro, carta da Commenda de Langroyva da Ordem de Christo a Dom Antonio de Tayde, em lugar da Commenda de S. Miguel de Angeira que dantes tinha:

Em 22 de Novembro, Capitania de Cananor a Francisco de Sousa Tavares. Devia ser em lugar da fortaleza de Calicut, que lhe tinha dado como atraz parece:

Em 13 d'Abril, carta a Antonio Borges fidalgo de sua casa das terras de Carvalhaes e Ilhalvo com todas suas rendas e jurdição pera elle e pera seu filho mayor que nacer de D. Antonia Pereira, com que está consertado pera casar.

CAPITULO III.

Guerra de Africa, em Azamor, Tangere, e Arzilla.

Temos de 15 de Janeiro d'este anno huma carta de Antonio Leyte Capitão de Mazagão pera ElRey, em tempo que aquella praça estava inda em seus principios, de que me pareceo cousa digna fazer relação, porque se veja quão bons e arriscados soldados avia nestas fronteyras, não só contra os mouros, mas tambem contra bestas feras, com quem a honra he pouca e o risco demasiado. Escreve que tendo novas de huma lyôa, que com dous filhos já grandes lhe tinha feito dano em um fato de gado, se foy a ella com nove de cavallo, e fazendo-lhe tiro hum besteyro de cavallo por nome Antonio Rodrigues, a lyôa sahio a elle, e colheo o cavallo pollas ancas com unhas e dentes: o cavalleyro esteve tão acordado que levou da espada e a ferio em uma pá: e cahindo logo o cavallo, e elle juntamente, se levantou ligeyro em pé, e com a espada na mão e gentil ar deu ao andar pera a lyôa, que todavia com estar brava e muito assanhada o arreceou: e fez volta bramindo: e correo contra outros dous cavalleyros, e a ambos ferio os cavallos; e todavia não pôde escapar a tantos, e ficou morta. Mas affirma o Capitão que tendo morto muytos outros lyões, não vira nenhum igual a esta, nem em ferocidade, nem em ligeyreza.

Neste tempo governava Tangere Dom Duarte de Menezes, e avia já dous annos que requeria a ElRey successor, como atraz tocamos; mas com ser velho e cansado e desejoso de trocar cuidados, não se via nelle descuido, e por isso ElRey, inda que entrava ja em seisto anno daquelle cargo, não diferia o seu requerimento, imitando nisto a hum

Emperador antigo muyto prudente, que achando Ministros fieis e arrendados nas cousas que lhes encommendava, folgava que lhe envelhecessem nos cargos, pollo bem que se seguia ás partes. Mas como a guerra traz muytos acontecimentos, que nenhuma prudencia humana pode previnir, sucedeo dar licença ao Almocadem Velho, pera se ir á serra de Segny esperar Almogavares, que he o exercicio ordinario dos fronteyras. Detiverão-se dous dias, sem acharem em que entender mais que montaria e caça. Na noyte do segundo, fazendo conta de voltar polla manhã pera casa, fizerão fogo, assarão muita carne e coelhos: foy a cêa alegre; e como he ordinario traz boa cêa seguirem festa e jogos, o em que mais se empregarão, sem tal cuydarem, foy agoyro certo do que logo experimentarão. Quizerão fazer representação do que muytos delles tinhão visto em terra de mouros. Prendião-se uns aos outros com os cabrestilhos dos cavallos; avia pregoeyro como em verdadeira almoeda, que dava vozes: tantas onças dão por este Christão; acudião a lançar huns e outros; aporfiavão a quem daria mais e quem levaria o cativo; festejava-se a compra com grita e riso e ditos de passatempo. Assi estenderam o jogo até alta noyte. Entre tanto, como fazião conta que não avia que temer, crecia a grita, e ao som della a fogueyra, de sorte que a serra estava toda allumiada, e a luz e vozes abrirão olhos e orelhas a huns guardas ou corredores, que Muley Abrahem sempre trazia diante, pera verem e contarem muyto a seu salvo todos os nossos. Era conjunção, em que Muley Abrahem vinha correr a Tangere em companhia de Muley Hamet, filho d'elRey Mahamet defunto, e sobrinho de Boaçú que reynava; e estava já em Benamaçuar com todos os seus esperando por Muley Hamet, com quem se avia de juntar na ponte de Gosmá tres legoas de Tangere. Sendo avisado do que seus guardas tinhão visto, mandou logo a Muley Hamet o Almocadem Abenaix, para que o guiasse polla serra e porto de Alfeixe, dando-lhe novas que tinhão presa certa no campo. Amanheceo o dia, e os nossos com hum descuydo fatal forão-se apartando de dous em dous a montear de caminho, como se não ouvera mouros no mundo; mas logo se virão atalhados de muitos, que forão os de Muley Abrahem: de sorte que de sincoenta que erão, ficarão em mão dos enemigos mais de metade, porque alguns que se desviarão de Abrahem, forão cahir nas de Muley Hamet.

Os que se salvarão, embrenhando-se, perderão os cavallos, exceito uns tres que com muito risco tomarão o caminho d'Arzilla até o rio Tagadarte, que passarão a nado, e forão dar a nova de sua perda a Antonio da Sylveyra.

Esta junta de Muley Hamet dizem que foy procurada por elle, e consintida por seu tio Boaçú que reynava, prometendo Hamet de trazer a seu serviço ao Abrahem, e sendo esta sua tenção, dizem que Abrahem se declarou que, se não fosse pera o fazer Rey a elle Hamet, não entraria em Fez. E como todo o reynar he saboroso, facilmente forão concertados, resignando-se Hamet na vontade de Abrahem. Tornarão juntos pera Fez, e Abrahem teve tal manha, que no mesmo dia que chegou, levantou por Rey Hamet, prendeo a Boaçú, e o encerrou em huma torre.

Estas alterações forão causa de levarem o Alcayde d'Alcacere a Fez, e deixar o governo a Cid Abaluá, seu hirmão. Não tardou Cid Abaluá em querer provar a mão com Arzilla, e correr-nos até as tranqueyras, com força de gente, e quatro filhos do Alcayde ausente, dos quaes Cid Hamet se adiantou com tanto brio, que tirando da cabeça o barrete vermelho e tomando-o entre os dentes, lançou o cavallo polla tranqueyra dentro; mas achou duro encontro, porque inda que seguido de mais de cento dos seus, foy recebido em huma lança, que tomando-o por entre a saya de malha e o arção da sella, e entrando-lhe por uma virilha até sahir ao quadril, deu com elle em terra. Aqui foy huma briga de lanças varridas, quanto podia ser crespa e bem ferida, por ser o lugar estreyto: pozer o-se a pé tres valentes mouros pera socorrerem o ferido, e pelejarão com tanto esforço de ambas as partes, que ás lançadas derribarão dos cavallos a Dom Antonio d'Almeida, e Dom João de Sande, e Francisco de Mello filho do Abbade de Pombeyro; e todavia levarão Cid Hamet, e o pozerão a cavallo. Dos nossos ficarão dous cavallos entre os mouros, hum do Almeyda, e o outro de Francisco de Mello. Este dia podéra o Cid Abaluá colher-nos Artur Rodrigues, que era sahido com Almogavares; mas foy tanta a dôr que recebeo com o mal do sobrinho, que sem entender em nenhuma outra cousa se foy acompanhando-o o caminho, que antes de chegar a casa expirou.

Soube o Alcayde d'Alcacere em Fez da morte do filho. Desejou vinga-la, e tornando a casa correo logo á villa: e

pudera bem satisfazer-se, porque andava fóra Artur Rodrigues com Almogavares, mas tão desmandados, que se não fôra a boa diligencia e saber de Artur, todos lhe ficavão nas mãos. Elle os guiou de maneyra, que tornarão em salvo a Arzilla, mas o Capitão castigou o desmancho com os prender a todos em huma torre, e despois com tirar a cada hum na paga do sileyro o que lhe pareceo.

CAPITULO IV.

Dá o Capitão licença a alguns fronteyros pera fazerem entradas. Corre ElRey com grande campo. Resgatão-se Lourenço Pires e Manuel da Sylveyra.

Corrião n'este tempo de parte dos mouros e da nossa Almogavares, com a continuação que he ordinaria nas fronteyras, cujo sucesso deixamos de continuar, por não perdermos tempo e papel em cousas miudas. Como o Capitão tinha muitos fronteyros, e era razão ir-lhes dando doutrina pera quando viessem a servir nos cargos das fortalezas e fronteyras, deu por estes dias licença a Antonio Cabral, hirmão de Fernão d'Alvares Cabral, pera ir fóra com sincoenta de cavallo. Entrou este fidalgo pollo Farrobo, levando por almocadens Diogo da Sylveyra e Artur Rodrigues: deu sobre huns cavalleyros da serra, que andavam debulhando huma eyra de sevada, e com medo dos nossos elles mesmos debulhavão postos em cima de seus cavallos; mas tendo vista dos nossos, acolherão-se á ribeyra, que corre pollo pé da serra, meterão nella os cavallos, e elles embrenharão-se. Não poderão os nossos passar o rio por hir muito crecido de agoas, mas tomarão-lhe os cavallos, que todos erão de preço; e hum delles fouveyro levou Antonio da Sylveyra despois a Lisboa, e era tal que o presentou a ElRey. Deu gosto na villa esta presa por deixarem a pé os valentes do Farrobo.

Deu o Capitão segunda licença a Thomé de Sousa, que despois foy Vedor d'ElRey Dom João, e tambem de seu neto ElRey Dom Sebastião; e foy com elle por guia Diogo da Sylveyra, que o levou a huma aldêa principal da serra de Benagofrate onde nacera: chamava-se Agoni: mas não houve mais presa que tres mouros.

Melhor sucesso teve a terceyra cavalgada concedida á Fernão d'Alvares Cabral, e almocadem o mesmo Diogo da Sylveyra com sincoenta de cavallo, em que entravão hum hirmão de Fernão d'Alvares e Dom João de Sande e outros fidalgos fronteyros: trouxerão sinco mouros vivos, os mais de resgate, e algumas vacas, sendo seguidos de cento e sincoenta homens de pé e quatro de cavallo até sobre Alicototo. Chegarão á villa sem perder homem.

Não esperou muyto tempo o novo Rey de Fez, filho de Mahamet, sem mostrar o odio que herdara de seus pays em perseguir esta fronteyra; e por ser a primeyra vez não trouxe menos de sinco mil de cavallo e todos seus Alcaydes comsigo, e com todo segredo se vêo meter em cilada no Toral sobre o rio Doce. Daqui despedio com Alibenaix cem homens de pé, que fossem com enxadas romper no vallo: E foi o ardil tão bem encaminhado, que sem remedio nos tomavão a boyada toda, se não acontecera o que logo diremos, que sendo feyto a caso foy a salvação della, e occasião do dano que elRey levou. Sendo horas de se dar guarda, e tocando da-la ao Adayl Fernão Rodrigues de Colares, e querendo-a dar da outra parte do rio Doce, foy a sahir polla porta da ribeyra, e porque sucedeo não lha abrir logo Ruy Carvalho, lançou polla da Villa, e trocada a tenção com que sahira, foy-se ao longo do vallo seguido de dezoito ou vinte de cavallo, e de todos os arvolarios e moços de serviço com as atalayas diante, como he costume; e sem tal cuydar foy dar com os mouros de pé, que entendiam em sua obra postos em cima do vallo. Cuydarão que era o Capitão que os buscava, e se lançarão todos á outra parte, e forão causa que elRey se descubrisse, e corresse á praya sem parar senão defronte do baluarte da mesma praya, cubrindo tudo com sua gente e bandeyras desde o rio Doce e Toral até o mar. O Capitão Antonio da Sylveyra, que era sempre o primeyro em acudir ao repique, como vio gente tão grossa, juntou-se co Adayl, tendo comsigo até coarenta de cavallo, e recolheo-se para dentro do baluarte da praya. Tardarão os que da Villa vinhão acudir ao rebate e a seu Capitão; porque se encontrarão com a boyada que entrava pera dentro, e tomava a porta e a rua toda, e não poderão correr senão despois della recolhida: e quando sahirão até o pé de Santa Cruz, virão tudo já tão cuberto de enemigos, que lhes não pareceo siso nem possi-

vel, irem-se juntar com o Capitão: e deixando-se assi estar, começou o Capitão de se vir recolhendo. Mas foy acometido de muitos mouros, tão denodadamente, que em direyto do baluarte lhe ferirão Antonio Rodrigues Alcayde, e derribarão mal ferido Manoel Tavares. O que foy causa de levantar a voz dizendo — volta; e voltando com os que tinha consigo, ferio tão rijo nos enemigos, que forão logo derribados tres mouros, e cobrado Manoel Tavares ferido de tres lançadas, afóra outras muytas que as armas defenderão, e deixarão bom sinal nellas. Neste passo teve o Capitão logar de tomar outro cavallo, porque achou o fouveyro do Farrobo, em que vinha, tão folgado que lhe dava pejo com saltos e corcovos, e logo foy por elle alanceado um mouro em quem tinha empregada huma seta hum homem nosso, que entre os de cavallo trazia bésta, e não perdia tiro. Afóra este forão derribados outros dous; e adiantando-se pera fazer rosto hum cavalleiro do Alcayde d'Alcacere muito conhecido em Arzilla, por ver tão pouca gente com o Capitão, foy recebido nas lanças de Fernão da Sylveyra e Antonio Freire de tal maneira, que elle e o cavallo ficarão passados de muytas, e o mesmo aconteceo a outro atrevido, que teve animo pera se meter entre a gente do Capitão e a de Santa Cruz, que se hia juntando com elle; mas como tudo estava cheo de mouros ferirão nos dous cavalleyros, e assi passou este dia sem outro dano de nossa parte, ficando da d'elRey mortos oyto dos milhores, que estes são sempre os mais arriscados. Por este tempo se acabou de effeituar o resgate de Lourenço Pirez e Manoel da Sylveyra, sendo medianeyro Fernão Caldeira: foy o preço sinco mil cruzados, e huma moura cativa da Condessa, que Muley Abrahem dezejava; e porque não avia certeza de a dar a Condessa, como não deu, deixou em penhor da palavra quatrocentos cruzados em prata lavrada. Assi vierão a custar ambos sinco mil e quatrocentos cruzados.

CAPITULO V.

Perdem-se huns Almogavares da companhia d'elRey de Fez, e outros do Farrobo. Juntão-se os Capitães de Tangere e Arzilla pera huma entrada.

Sendo elRey recolhido com sua Almahalla á ponte de Alcacere seis legoas de Arzilla, juntarão se até vinte e sinco mancebos da criação d'elRey e favorecidos do Alcayde Mafete, que era seu maior valido, e vierão-se lançar em cilada na Atalaya Ruyva. Soube o Capitão da retirada d'elRey por hum negro que se veo lançar comnosco, e dos vinte sinco pollos espias que tinha lançado fóra, que os virão entrar na cilada. Pareceo-lhe presa certa: deu a dianteyra com trinta de cavallo a Lourenço Pirez e a Manoel da Sylveyra, pera que nella fossem companheyros como no cativeyro; e armou-lhes d'esta maneyra: mandou ao Almocadem Diogo da Sylveyra que metesse os nossos trinta ao pé da Atalaya Gorda, junto com o caminho da Ruyva, e com ordem que sem tomar lingoa não passassem da Ruyva. Chegados ao posto, passou diante a descobrir Roque Ravenga, que sendo conhecido dos mouros, porque era esquerdo e pollo cavallo quatralvo que entre elles tinha fama, foy logo seguido de muytos. Mas desconfiados de o alcansar, pararão a tempo que os nossos lhe sahirão de travez, e tão vizinhos, que logo levarão tres nas lanças, e foy hum delles o filho do Alcayde de Assuar de Jassem, pessoa de tanta calidade, que em ausencia dos Alcaydes ficava servindo por elles. Seguia a todo correr ao Ravenga em hum fermoso ginete, vestido em hum pelotão de veludo pardo sobre jaqueta de setim carmesi: como vinha diante dos seus, assim foy primeyro a sentir as lanças de Diogo Delgado e Gramatão Telles, que forão primeyros; e morto este e outro, foy o terceyro tomado a vida, que perguntado por Diogo da Sylveyra quantos erão, declarou o numero e que não trazião costas, o que ouvido, derão todos os nossos traz elles, e forão mortos e cativos treze, e tomados outros tantos cavallos, em que havia alguns de muyto preço: mas não foy o dia sem perda nossa, inda que sem custo de sangue. Era o dia calmoso: durou a corrida duas legoas: rebentarão dez ou doze cavallos. Recolhi-

dos todos, deu cuidado ao Capitão ver que faltava Antonio Freyre, criado do Conde, e tal cavalleyro que fazia sua falta menos alegre o sucesso: mas não tardou muyto em alegrar todos com sua vista e hum honrado feito. Foy o caso que seguindo na corrida hum mouro, que lhe cahio a lanço, quando o mouro se vio na varzea do Zambugeiro, sem mais que hum só enemigo, fiado em suas forças e bom cavallo que trazia, fez volta, e encontrando animosamente ao Freyre vierão ambos ao chão, e provando forças de braços como em desafio, em fim ficou o mouro rendido e com algumas feridas. Assi foy visto decer pollo rosto de Almofar, com o mouro maniatado e sem cavallo diante, louvado e envejado de todo o povo de Arzilla.

Passados dous mezes vierão hum dia as espias com nova que erão entrados outros Almogavares no porto do Canto: julgou o Capitão por bom discurso que não podião trazer costas: despedio Fernão da Sylveyra com vinte e sinco de cavallo, e mandou-lhe que se passasse da outra parte do rio Doce, e se escondesse ao longo das pontinhas de Pero de Menezes, com ordem que ouvindo primeyro rebate corressem a atalhar o caminho de Alicacapo. E mandou ao Adayl e a Diogo da Sylveyra que cada hum de per si se fossem chegando a Bugano, como homens que hião fazer erva, e elle com toda a mais gente se deixou ficar na cabeça do valle do Facho, estando sua pessoa só nas Lombas do Corvo, á vista donde os mouros avião de sahir. Isto assi ordenado, correo Vicente Vaz Atalaya a descobrir os mouros, que não tardarão em o seguir; mas suspeitando dos geitos que Vicente fazia, revolvendo-se na sella de sorte que quasi os esperava, e mostrava que tinha as costas quentes, pararão todos. Então Vicente, que muy bom cavallo tinha, voltou sobre elles, e na confiança de ser soccorrido meteo a lança em hum que logo ficou morto: mas os companheiros, deixando este em terra, procuravão passar o ribeiro, e vendo-se perdidos porque os nossos emparelhavão ja com elles, não acharão outro meio de se valerem, senão lançar-se polla ribeira de Redemoynhos assima; porem como os nossos hião ja envoltos com elles, forão logo quatro ao chão passados de muytas lançadas, e os mais, que procurarão remedear-se na espessura e silvados de Redemoynhos, forão logo caçados e tirados hum e hum; de sorte que de quatorze que erão estes Almogavares hum só escapou, e forão mortos sinco ou seis e os mais cativos.

Fez estranhada esta sorte serem os mais destes da serra do Farrobo.

Poucos dias despois, tendo o Capitão avisado a Dom Duarte de Menezes a Tangere, que por serem os Alcaydes vizinhos ausentes na guerra que elRey de Fez tinha com os Xarifes de Marrocos, podião entrar polla terra confiadamente. Em quanto elle tardava deu licença a Fernão d'Alvares Cabral que com cincoenta de cavallo corresse até Agoni, sendo guia Diogo da Sylveyra. Fez Fernão d'Alvares sua entrada, e tornou com sinco mouros cativos. Entretanto chegou de Tangere Dom Duarte com sua gente, e seus filhos Dom Fernando e Dom Diogo, e junto com Antonio da Sylveyra entrarão ambos polla serra do Farrobo, e forão sobre a aldêa de Algibila: mas sendo sintido o nosso campo, acharão todas as casas ermas e despejadas do fato, e até o gado lançado fóra; e foy acudindo das outras aldêas tanta gente de pé, que os Capitães fizeram sahir os nossos de Algibila, e travando com os mouros, foy derribado Jorze de Sande, fidalgo e morador de Arzilla, de huma azagaya d'arremesso de tal braço que, passandolhe o capacete e entrando polla cabeça, ficou logo morto: e apoz elle ficou tambem morto hum cavaleyro de Tangere passado de huma lança: e com estes dous mortos sem mais presa que de algumas cabrinhas que se largarão á gente de Tangere, se tornarão os dous Capitães pouco contentes, cada hum pera sua casa.

CAPITULO VI.

Successos e guerra da India. Chega Pero Mascarenhas a Cochim; defendelhe Afonso Mexia a entrada. Entregalhe Pero Mascarenhas galeões e fazenda delRey, e parte pera Goa.

Ultimo dia de Fevereyro deste anno apareceo sobre a barra de Cochim Pero Mascarenhas, que vinha de Malaca a entrar no cargo de Governador, pera que fôra chamado na morte de Dom Anrique. Trazia tres galeões carregados de muita fazenda delRey, e seus officiays, que,

como Governador, criara em Malaca, Ouvidor geral e Secretario, com cujo parecer e traça determinava correr em todo rigor com Afonso Mexia, que ja então alem de Vedor da Fazenda, era Capitão de Cochim, por provisão que tevera delRey. Fundava sua razão Pero Mascarenhas pera querer castigar a Afonso Mexia em que, estando elle nomeado por ElRey na primeira successão despois da morte de Dom Anrique, e assentado com juramento entre todos os fidalgos da India, que ao abrir della se acharão, que tanto que elle de Malaca viesse, fosse obedecido por Governador, fora demasiado atrevimento querer espreitar só por sua autoridade o que ElRey ordenava nas novas successões, que mandara nas naos de Francisco d'Anhaya e Tristão Vaz da Veiga; porque claro estava que se Sua Alteza pudera saber o que passava na India, nenhuma cousa ouvera de innovar: e daqui dizia que resultava manifesta culpa contra Afonso Mexia, e culpa digna de muyto grande pena. Mas não tinha Pero Mascarenhas tanta ventura na paz como na guerra, nem tanta fineza com seus naturays, como contra os enemigos da fé. Inda não tinha surgido na barra quando forão com elle no mar os juyzes da Cidade, e juntamente Duarte Teixeira, Thesoureyro delRei, e Manoel Lobato, Escrivão da Feitoria: por elles lhe mandou notificar Afonso Mexia duas cousas: primeira, que Lopo Vaz de Sampayo, por nova provisão de Sua Alteza, estava nomeado por Governador da India; segunda, que tinha ordem do mesmo Lopo Vaz, pera por nenhum caso o receber naquella fortaleza como Governador. Encheo-se Pero Mascarenhas de paixão com tal novidade, e logo ali fez notificar os juyzes, que chegando a terra se fossem a suas casas prezos em menagem, e sem ordem sua não sahissem dellas: e ao Thesoureyro e Escrivão mandou lançar ferros em hum dos galeões. E tendo por certo que a mór parte da Cidade estava por elle, quiz levar o mais por arte; fez conta que se huma vez entrasse na terra seria obedecido por todos: determinou sahir de paz e sem armas: amanhecendo lançou-se em dous bateis com alguma gente, e toda tão pacifica que até as espadas deixarão no mar; mas Afonso Mexia, que não dormia, e avia que fazia ja negocio seu pollo escandalo que tinha dado a Pero Mascarenhas, multiplicou recados e requerimentos, fazendo-lhe a saber que por armas lhe avia de

tolher a dezembarcação; e cumprio tão bem sua promessa que chegando os dous baleys a pôr as proas na praia, a acharão cuberta de gente armada, e Afonso Mexia apareceo sobre hum cavallo acubertado e armado, mandando aos que o seguião que ferissem e matassem a qualquer pessoa que ouzasse pôr pés em terra; e foy demasiadamente obedecido, porque Pero Mascarenhas se tornou pera o mar levando duas feridas em hum braço, e muytos dos seus escalavrados, e Jorze Mascarenhas, seu parente, ferido de uma chuçada. Passada a briga de ferro e sangue, começou outra de penna e tinta. Pero Mascarenhas fez autos de Afonso Mexia e dos moradores de Cochim, como de gente levantada contra seu Governador, e mandou pregoar todos por traydores. Afonso Mexia por outra parte, despedindo primeiro Ayres da Cunha pera Goa com cartas a Lopo Vaz do succedido, mandou requerer a Pero Mascarenhas que lhe entregasse os galeões e fazenda del-Rey, e se por paz quizesse requerer sua justiça, se fosse a Goa, pera o que lhe daria huma caravella em que levasse sua casa e fazenda. Era Pero Mascarenhas tão prudente, como valeroso; tão amigo do serviço delRey e do bem de seu povo na paz, como esforçado contra seus enemigos na guerra: cuydando bem no que lhe convinha fazer, assentou comsigo levar o negocio por via de paz e brandura, e reduzillo a termos de direyto, visto como ja sabia que em toda a India se praticava estar de sua parte a justiça. Assi fez entrega dos galeões a Afonso Mexia, e aceitou a caravella, e despois, pera mais justificar sua causa, chegando a Cananor se passou a hum catur muyto pequeno e raso, e sem mais gente que o seu Ouvidor e Secretario, e dous pagens consigo, navegou pera Goa. Mas não achou melhor gazalhado naquella cidade indo desarmado, do que achara em Cochim acompanhado de galeões. Guardava a barra Antonio da Sylveyra, genro de Lopo Vaz, que o recebeo com muyta cortezia de palavras, sendo as obras mandar-lhe lançar huns grilhões, e leval-o Simão de Mello a Cananor, onde o deixou preso e entregue ao Capitão Dom Simão de Menezes.

Deste ponto em diante começarão a melhorar as cousas de Pero Mascarenhas, porque o estremo do mao tratamento que recebeo em Goa gerou escandalo nos animos de toda a nobreza da India, e até do povo, em forma que

nos entendimentos de todos era Governador o preso, e o solto só dos corpos. E particularmente teve por si Pero Mascarenhas a Christovão de Sousa, capitão de Chaul, que, como juntava á nobreza do sangue condição liberal e grande magnificencia em dar mesa continua a todos os que a querião, tinha tantos fidalgos consigo que era Chaul corte, e em sua pessoa tanta autoridade que não duvidou escrever a Lopo Vaz o que na materia entendia, declarando-lhe sem rebuço, que se tardasse em pôr a direyto a causa de sua successão, elle seguiria só a quem quizesse justiça e razão. Sintio-se Lopo Vaz desta carta, porque a pessoa de Christovão de Sousa não fazia só pendor pollos muytos fidalgos que o acompanhavão, mas tambem por conhecido valor e esforço de animo. E todavia, communicada a carta com seus amigos, procurou primeyro abranda-lo com boas razões, e despois tirar-lhe a capitania e armada que tinha consigo, em que vinha do reyno por successor Francisco Pereyra de Berredo, ao que mandou Antonio da Sylveyra e o Berredo provido. Mas Christovão de Sousa, que outro intento não tinha senão procurar a paz do Estado, concordia e união de todos, fez então mayor declaração, dizendo que tinha mandado em contrario de Pero Mascarenhas, a quem reconhecia por verdadeiro Governador da India. Já neste tempo se tinhão declarado em Goa grande numero de fidalgos por parte de Pero Mascarenhas, e elle estava em Cananor solto da prisão, e obedecido por Dom Simão. Era capitão-mór do mar Antonio de Miranda d'Azevedo: chegando á barra de Goa despois de partido Antonio da Sylveyra pera Chaul, mandou-lhe Lopo Vaz que se fosse traz elle pera o ajudar a tirar o cargo e armada a Christovão de Sousa. E este foy o mêo que Deos foy servido tomar pera dar remedio a tantas discordias. Era o Miranda fidalgo sisudo, muyto amigo do serviço delRey, e como tal sintia o grande risco em que estava a India se, vindo os Rumes que se esperavão, achassem divisão nas cabeças e membros della. Como trazia grande poder fez-lhe Christovão de Sousa sobre o caso tantos requerimentos e instancias, que em fim, vendo-se ambos em terra, assentarão que o negocio não tinha outro remedio senão por-se em juyzo e votos de pessoas de bom entendimento e consciencia, que entre si logo elegerão, e assentarão que fossem sete em numero, e os nomearão, a sa-

ber: elle Antonio de Miranda, e Dom João d'Eça, e Francisco Pereyra de Berredo, Balthezar da Sylva, Gaspar de Payva, Fr. João d'Alvim da Ordem de S. Francisco, e Fr. Luiz da Victoria da de S. Domingos. Nisto se vio quanto pode a virtude e valor de animos bem intencionados: tomarão estes dous fidalgos sobre si obrigar a hum Governador, que estava de posse do Estado, que desistisse della, e a outro que tinha por sua parte grande parte delle, se sometessem a parecer alheo: e logo apos a nomeação dos juyzes, como se tiverão prasme e compromisso de ambas as partes, forão capitulando muytas cousas de importancia, e ultimamente que a sentença se daria em Cochim, onde os competidores hirião ouvi-la, como pessoas particulares, e sem nenhuma superioridade, ambos entregues a elle Antonio de Miranda; e querendo Antonio de Miranda levar de Cananor a Pero Mascarenhas no seu galeão, em tal caso se entregaria a pessoa de Lopo Vaz a Christovão de Sousa. Não faltarão desgostos e differenças até os competidores chegarem a Cochim, onde finalmente ficarão no mar entregues de novo Lopo Vaz a Antonio da Sylveyra, seu genro, na nao S. Roque, e Pero Mascarenhas a Diogo da Sylveyra na nao Flor de la mar, pera esperarem a sentença; mas neste estado recrecerão novas duvidas, porque Christovão de Sousa cahio em que os sete juyzes nomeados erão quasi todos parciays de Lopo Vaz, e que o religioso Fr. João d'Alvim franciscano tinha publicamente declarado seu voto, prégando em Goa. Polla qual razão não podia elle ser admittido áquelle compromisso, nem estava bem a Pero Mascarenhas consintir nos primeyros juyzes, sem se lhe juntarem em lugar do franciscano, não hum só, mas sinco. Ouve na materia tantas contendas, que se temeo viessem a romper em guerra civil, resintindo-se Lopo Vaz de lhe tirarem hum voto certo, e queixando-se agramente e com palavras pesadas de lhe juntarem sinco, que não sabia quays serião. Em fim, a prudencia e sofrimento de Antonio de Miranda acabou com elle que consintisse no acrecentamento dos juyzes, que forão Lopo d'Azevedo, que viera aquelle anno de Portugal, Antonio de Brito, que fôra Capitão de Maluco, Nuno Vaz de Castelbranco, Tristão de Gá, e Bastião Pirez Vigario Geral da India. E porque receou que Lopo Vaz não ficasse satisfeyto das pes-

soas, tornou a instar que entrasse de novo o Padre Fr. João d'Alvim, e com elle Braz da Sylva d'Azevedo, e fossem por todos treze votos, no que Christovão de Sousa, despois de muytas replicas vêo a consintir, mais com dezejos da pacificação do Estado, que por entender estava bem a Pero Mascarenhas o que se fazia. Em fim forão juntos no mosteyro de Santo Antonio da Ordem de S. Francisco, a 21 de Dezembro deste anno: e no mesmo dia julgarão por sua sentença que Lopo Vaz de Sampayo governasse; sentença que, sendo notificada a Pero Mascarenhas, elle a ouvio sem alteração nem queixa, e Lopo Vaz, estimando-a muyto, foy logo correndo os navios todos, e falando aos do bando contrario com tays palavras e tão boa graça que não ouve nenhum que receasse ficar servindo em sua companhia. Mas porque nestas cousas teve o anno fim, e em todo elle não occupou aos nossos na India outra guerra senão a desta dissensão civil, será bem darmos uma vista a Malaca e Maluco, onde não faltou verdadeyra guerra.

CAPITULO VII.

Guerra de Malaca e Maluco.

Temos em Malaca Francisco de Sá de volta da sua empresa da Sunda, sem lhe dar effeyto, porque achou o sitio de Calapa, em que avia de fundar a fortaleza, occupado de mouros: e a cidade de Bantão senhoreada de hum tyranno mouro chamado Faletehan, que não só despojou della o Rey Samiam, gentio nosso amigo e confederado, mas pondo-se em armas contra Francisco de Sá, lhe matou alguma gente, e o poz em estado que, desesperando de poder dar passo no que levava a cargo, se tornou pera Malaca com perda do bergantim de Duarte Coelho e de toda a gente delle; e de Malaca despedio Francisco de Mello em huma caravella ao Governador pedindo-lhe por elle novo provimento e mayor poder pera tornar a ir tentar a fabrica. Não teve melhor successo outra empreza particular do Capitão de Malaca, Jorze Cabral: correndo em amizade com a fortaleza elRey de

Lobu, porto e cidade da ilha de Samatra, succedeo hir a ella hum navio nosso a fazer seu trato, como em terra de amigos, e entrando de paz forão acometidos pollos mouros sem mais razão que a do odio que nos tem, e matarão todos os Portuguezes que puderão aver ás mãos. Pareceo a Jorze Cabral que convinha á reputação do Estado satisfazer-se deste agravo: mandou a isso Alvaro de Brito com setenta homens em huma gale. Temerão-se os mouros; determinarão colher por manha a quem desconfiavão de vencer por força: juntou-se descuydo e pouca cautella dos nossos, dando credito a palavras fingidas e falsas humildades dos mouros. Quando menos o cuydavão forão salteados de tanto inimigo, e tão repentinamente, que acabarão todos com seu Capitão sem escapar homem, e a galé e artilheria foy tomada. Pera gosto de quem lê parece razão ficar logo aqui dito que lhes não durou mais a oufania desta vitoria, que até a entrada do anno seguinte, em que, chegando Martim Correa a Malaca, lhe pedio Jorze Cabral fosse vingar a traição: e elle o fez passando de noyte á outra costa, e dando de madrugada sobre a cidade, levou-a toda a ferro e fogo, sem perdoar a sexo nem idade; vingou os nossos; escarmentou os vizinhos. Agora convem passarmos a Maluco.

Era chegada em ultimo dia do anno de 1526 a Tidore huma nao de Castella da companhia de sete que o Emperador mandara despachar na Corunha pera Maluco no anno de 1525, depois que se desfez sem aver resolução huma junta de juristas e mareantes que de ambas as coroas se fez entre Elvas e Badajos no anno de 24, de que atras démos noticia. Foy Capitão-geral Garcia Jófré de Loayza, cavaleyro do habito de S. João. Entrou pollo Estreyto de Magalhães, mas de toda a frota só a capitana chegou a terras de Maluco no tempo que temos dito, e fazia officio de capitão della hum Martim Inhiguez, Biscaynho, por morte do Geral Loayza, e d'outros dous, que lhe tinhão sucedido no cargo hum traz outro. Dom Garcia, sendo avisado desta nao, tratou de ver se podia trazer pera si os castelhanos por via de cortezia e bom termo, e despois de alguns recados que ouve de parte a parte, assentou em conselho com os seus hir elle em pessoa a Tidore falar com o Biscaynho, e requerer-lhe deixasse a companhia de mouros nossos inimigos, e se

viesse pera Ternate; e refusando a vinda por bem, obrigallo por armas. Apercebido pera ambos os fins, deixou por Capitão da fortaleza Manoel Falcão, e embarcado na armada de Cachil Daroes com Martim Correa, foy demandar os castelhanos. Tinha-se fortificado o Biscaynho na maneyra seguinte. Meteo a nao em huma calheta que fazião dous arrecifes, e cegou-lhe a boca de sorte que ficava a nao como dentro em hum lago: logo lhe juntou huma casa fabrica tumultuaria de pedra e barro, e diante sua plataforma do mesmo, em que assestou toda a artilheria que a nao trazia, e com isto se dava por seguro das armas portuguezas, porque sabia pollos mouros o pouco poder que avia na nossa fortaleza. Assi chegando Dom Garcia e querendo começar a falar, foy recebido com bombardadas; o que visto por elle poz tambem mão nas armas: e mandando chegar a fusta de Diogo da Rocha, que levava hum grosso canhão, e outras duas embarcações, que tiravão huma hum camello, e outra huma espera, começou huma batalha de fogo que bem podemos chamar civil, pois era entre vassalos de dous principes muyto christãos, muyto parentes, e muyto amigos. A cabo de tres horas, que tantas gastarão em se esbombardear, retirou-se Dom Garcia com algum dano. E porque soube, tanto que foy na fortaleza, que a nao com a nossa bataria abrira e se fôra ao fundo, ao que devia ajudar o trabalho da longa navegação, determinou não lhes dar mais guerra, fazendo conta que a destemperança do clyma, sempre contrario á natureza dos estranhos delle, lha faria tal, que brevemente serião todos consumidos.

Mas porque este anno, por alguma occulta influencia das estrellas, ou mais ao certo por ordem divina que tudo governa, avia de passar té o fim com discordias entre os que mais obrigação tinhão de guardar paz e conformidade, despois das que temos contado da India, começarão neste ultimo oriente outras entre os nossos de grande descredito de todos, e com risco de perdermos o pouco que nelle tinhamos. Entrou em Ternate ultimo dia de Maio Dom Jorze de Menezes pera Capitão de Maluco, provido por Dom Anrique de Menezes, e confirmado por Lopo Vaz de Sampayo, e despois em Malaca por Pero Mascarenhas; tomou posse da fortaleza assi

como estava de guerra, que Dom Garcia não fez duvida em lhe entregar. Mas sabendo logo que o Governador mandava, por notificação que Dom Jorze lhe fez, que havia de fazer sua viagem pera Malaca polla via nova de Borneo, e deixar a de Banda, onde tinha muyto proveito certo na carga da noz e massa que ali se carrega, vèo em tanto desconcerto com Dom Jorze, ajudando as differenças homens novelleyros e de má consciencia, que Dom Jorze se ouve por obrigado a prendello em ferros. Porêm passada a paixão não duvidou soltallo e reconciliar-se com elle. Como amizades reconciliadas são pouco seguras, e Dom Garcia estava sintido do aggravo de sua prisão, em terra onde mandara e fôra obedecido, não se contentou com menos que fazer outro tanto a Dom Jorze: juntou seus amigos, e colhendo-o descuidado vingou-se tanto a seu sabor, que o não fizera pior nem mais pesadamente contra hum vil malfeitor. Emfim se vierão a concertar por mêo de Simão de Vera, Alcayde-mór da fortaleza, que estando retirado com muytos dos amigos de Dom Jorze, mandou ameaçar a Dom Garcia, que se tardava em o soltar hiria sobre a fortaleza com os mouros de Tidore, e até com os Castelhanos. Consintio Dom Jorze, como quem estava oprimido e sem liberdade, em todas as condições que Dom García Anriques lhe quiz pôr, e assi foy solto, e o Anriques despejou a terra: E porque não tornemos a perder tempo com elle, e se veja como Deos castiga obras de soberba e malicia, he de saber que desembarcando este fidalgo em Cochim, se lhe foy ao fundo o junco em que vinha, sem lhe ficar de toda a fazenda delle, que valia sincoenta mil cruzados, mais que a capa e espada com que sahira em terra, e sobre a perda da fazenda topou com o Governador Nuno da Cunha, que o prendeo pollas cousas de Maluco, e o mandou preso a Portugal.

CAPITULO VIII.

Naos da India pera Portugal, e de Portugal pera a India. Armadas ás Ilhas e á Costa.

Entra o anno de 528 livre de discordias caseyras, e com vitorias de enemigos da fé e do Estado, que por huma e outra cousa será de mais agradavel lição que o passado. Despachou Lopo Vaz na entrada delle as naos ordinarias da carga; e em huma dellas a seu competidor Pero Mascarenhas, de que fez Capitão Antonio de Brito, primeyro Capitão e fundador da fortaleza de Maluco. As mais que avia pera tomar carga pera o reyno erão por todas quatro; a saber, duas de invernada, de que erão Capitães Antonio d'Abreu e Vicente Gil, e duas de viagem, que erão as de Gaspar de Payva e Antonio d'Abreu.

No fim deste anno despachou Nuno da Cunha de Mombaça a Diogo Botelho Pereira pera Portugal com novas de sua viagem: partio a 27 de Dezembro deste anno de 528, e entrou em Lisboa por Junho do anno seguinte de 529.

Este anno mandou ElRey grossa armada pera a India, e nella por Governador Nuno da Cunha, filho de Tristão da Cunha, que ambos, pay e filho, erão Vedores de sua fazenda. Levou Nuno da Cunha dous mil e quinhentos homens d'armas, afóra a gente do mar, em onze naos: Erão os Capitães, elle Nuno da Cunha da nao Flor da Rosa; das outras Simão da Cunha e Pero Vaz da Cunha seus hirmãos, Antonio de Saldanha, Garcia de Sá, filho de João Rodrigues de Sá, Alcayde-mor do Porto. Dom Fernando d'Eça, filho de Dom Pedro d'Eça, o Velho, Dom Fernando de Lima, filho de Duarte da Cunha, Bernardim da Sylveyra, filho do Coudel-mor Francisco da Sylveyra, senhor das Serzedas, Francisco de Mendonça Guedes, filho de Pero Guedes, senhor de Murça, Afonso Vaz Azambujo Piloto da Mina, Capitão e Piloto de hum navio pequeno acomodado pera serviço de toda a armada, e pera as entradas dos portos, e

João de Freytas em huma nao biscaynha, e duas caravellas mais com muytos mantimentos pera acompanharem e proverem a frota até a linha, e dahi tornarem.

Achamos em huma memoria do Conde da Castanheira que se despenderão nesta armada, alem do que se podera gastar se fôra a armada ordinaria, duzentos mil cruzados.

Foy a viagem desta armada chea de trabalhos, perdas e mortes: sobre sahir tarde de Lisboa, que foy em 18 d'Abril, forão-lhe os ventos tão pouco favoraveis por fracos e bonançosos, que em 6 de Mayo não tinha chegado ao Cabo Verde: e neste dia se encontrou a nao de Simão da Cunha com a de João de Freytas, e como esta era biscaynha, fraca na compostura e velha, foy ao fundo sem remedio: salvou-se logo o Capitão João de Freytas, e depois quasi toda a gente, por boa diligencia de Dom Fernando de Lima, que lhe acudio com o esquife da sua nao. Nuno da Cunha, vendo que perdia viagem, porque as mais das naos lhe não mantinhão companhia, como forão refrescando os ventos determinou deixallas: deu suas instrucções do que cada huma avia de fazer, e largou todo panno: era tão veleira a sua nao que em poucas horas perdeo de vista toda a companhia, senão foy a nao de Simão da Cunha seu hirmão, e a do Zambujo, que por boas de vela levou comsigo: por fim de Julho chegou á vista do Cabo de Boa Esperança, e em 23 de Agosto se achou sobre o rosto da Ilha de S. Lourenço com outras duas naos, que forão a de Pero Vaz da Cunha seu hirmão, e a de Dom Fernando de Lima, porque Simão da Cunha e o Zambujo se tinhão apartado delle com hum temporal. E por irem todas tres muyto faltas de agoa (parece que as tempestades que teverão, muytas e fortes, lhe arrombarão as pipas) tomou nesta Ilha o porto de Santiago pera se prover: mas pagarão a boa agoada e bom gasalhado que acharão nos naturays com lhes dar ao terceyro dia hum tempo do mar tão descompassado, que a nao de Nuno da Cunha, com a força dos mares, foy levada a terra e abrio, e as duas passarão muyto trabalho. Salvou a piedade e prudencia do Governador toda a gente sem perder hum homem, porque a não desemparou nem tratou de sua pessoa senão depois de a pôr toda em terra. Repartindo-a logo

pollas duas naos companheyras, determinou demandar Melinde, aonde chegou em 8 de Outubro com tantos doentes, que tendo deixado ja na Ilha de Zamzibar, que primeyro tomara, duzentos, lançou em Melinde outros cento e sincoenta; e dezejozo de todavia passar este anno á India se fez á vela aos 14 de Outubro, mas achou mar e ventos contra si, que o fizerão arribar ao mesmo porto: e porque a terra era tão pobre de mantimentos que estava certo averem de padecer muito nella, tomou por mêo saltear a cidade e mouros de Mombaça, tomando vingança da contrariedade que sempre nelles achámos desda primeyra viagem que os nossos fizerão á India, e juntamente, como era terra mais abundante, passar nella o inverno ao seu pesar. Assi se foy á Ilha, e cometeo a cidade; e foy Deos servido entregar-lha com morte de muytos mouros e fogida dos mais, e muyto pouco dano dos nossos. Apozentado nella, começou a fazer seu effeito nos portuguezes a malignidade do ar pestilencial daquelle clima, que bastantemente vingou de nós aos mouros de suas perdas. Morrerão de febres mais de duzentos homens, entre os quais foy Pero Vaz da Cunha hirmão do Governador, e outras muytas pessoas de calidade. Na entrada de Março de 529 deixou o Governador Mombaça, mandando primeyro queimar e assolar a cidade, e tornou a Melinde, donde sahio em tres de Abril, caminho de Ormuz, e tomando Socotorá para fazer aguada, em fim entrou em Calayate em dez de Mayo: Onde o deixaremos para darmos conta das mais embarcações de sua armada.

Simão da Cunha e o Zambujo perderão o Governador com hum temporal, que lhes deu na paragem das ilhas que chamão de Tristão da Cunha: e seguindo sua viagem, o Zambujo se foy perder na Ilha de João da Nova, distante de Moçambique 46 legoas: donde salvou toda a gente: Simão da Cunha tomou Moçambique em 9 de Setembro; e apoz elle forão entrando as naos de Francisco de Mendonça e Dom Francisco d'Eça. Aqui invernarão todos tres; mas com tanta doença, que quando se forão buscar o Governador deixavão enterrados naquella ilha quatrocentos companheyros.

A nao de Bernardim da Sylveyra desapareceo, sem nunca se saber como nem onde acabara: indicios ouve que se perdera no parcel de Sofala. Assi de toda esta fro-

ta de onze naos só a de Garcia de Sá e Antonio de Saldanha passarão á India no mesmo anno de 528 em que partirão de Lisboa, e forão entrar em Cochim no principio do mez de Novembro.

Neste anno mandou ElRey huma armada ás ilhas esperar as naos da India. Foy Capitão-mor Antonio Ferreyra: levou huma nao e quatro caravellas.

No mesmo anno foy outra pera a Costa, Capitão-mor Fernão Peres d'Andrade: levou duas naos e seis caravellas.

E em Setembro, tendo ElRey largas informações pollas naos de viagem das cousas de Ormuz, despachou Manoel de Macedo em hum navio ligeyro com a comissão que adiante diremos em seu lugar.

CAPITULO IX.

Da-se conta de huma instrucção que ElRey deu a Nuno da Cunha pera a India, e outra com que vêo a Portugal hum Embayxador do Emperador

He muyto notavel huma ordem que Sua Alteza deu a Nuno da Cunha em 23 de Março deste anno, quando se aprestava pera sua embarcação; porque lha mandou notificar pollo Secretario Antonio Carneyro, e não quiz que se lhe desse por escrito, senão que a levasse por memoria, ficando só escrita nos livros de Antonio Carneyro, e assinada por Sua Alteza: e delles a tiramos e lançamos aqui para testimunho da cautella e aviso com que ElRey fazia todas suas cousas. Como o Emperador pretendia cahirem em sua repartição as ilhas de Maluco, contra o assento que estava tomado entre os Reys Dom João segundo de Portugal e Dom Fernando Catolico, e continuava em mandar a ellas suas armadas despois do descubrimento que fez Magalhães pollo Estreito que ficou com seu nome, ElRey Dom João 3.º, que estava já dantes senhor, e com sua fortaleza feita em Ternate, cabeça de Maluco, davase por obrigado a defender sua posse, e não consintir fazer-se-lhe força no que notoriamente era seu. E porque

toda boa ley dá licença que por conservação do que he proprio de cada hum se possa uzar de todo rigor contra qualquer invasão, ordenou Sua Alteza ante todas cousas que a todos os Castelhanos que a seus portos fossem, se fizesse todo bom tratamento, não fossem presos, nem suas fazendas tomadas, mas se procedesse com elles de maneyra que não viessem a Portugal, e em fim resolvia com esta clausula, que são palavras formays: *Peró tereys maneyra, o mais secreto que vos possivel for, em modo que nunca se possa saber, como se fação rombos nas suas naos e navios, ou se lhes ponha fogo, em tal maneyra que não possam navegar; e neste caso serão assentados em mantimento e soldo: e não leyxeis vir nenhum sem meu mandado, e se alguns achardes no caminho daqui pera a India, ou alguns franceses, tereis com elles a maneyra sobredita.* Sirva esta lembrança pera se ver que, avendo entre estes dous Principes tantas razões de parentesco e sangue, dobrada affinidade e cunhadio, com tudo, em se atravessando razão de estado ou interesse, este fica sempre em primeyro lugar: tudo o mais esquece. No que he muyto de louvar o bom animo delRey, que, dando ordem secreta em que pudera alargar mais o rigor, só lhes quiz impossibilitar a navegação e uzo das fazendas, visto ser a navegação por mares da coroa de Portugal, e as fazendas de terras suas; mas que nas pessoas ouvesse todo bom tratamento.

Assi nos cae aqui bem outra instrução, cujo original vêo a nossas mãos, com que neste mesmo anno entrou em Portugal por Embaixador extraordinario do Emperador, Lope Hurtado de Mendonça, commendador de Vilharuvia: He assinada pollo Emperador por este modo: yo El-Rey, e feita em 8 de Fevereyro pollo secretario... E digo que nos cae bem, porque no ponto das cousas de Maluco, se bem não se declara tanto como a delRey, he por outro modo igualmente cautelosa: porque mandando ao Embayxador que peça a ElRey se junte com elle Emperador, e se fação ambos n'um corpo contra ElRey Anrique oytavo de Inglaterra, e que lhe empreste todos os mais dinheyros, navios, artilheria, e munições que puder, ajunta: que se ElRey Dom João lhe tratasse de huns assentos que estavão tomados sobre Maluco, respondesse que pera tal materia não tinha nenhum genero de ordem, nem sabia o que se podia fazer. Pera melhor se entender

o requerimento e cautela he de saber que fez insigne este anno hum desafio (1) que ElRey Francisco de França, e Anrique de Inglaterra mandarão solemnemente intimar por seus Reys d'armas ao Emperador, estando em Burgos, em 22 de Janeyro dia de S. Vicente, despois de ambos se terem confederado e unido em huma famosa liga com todos os mais potentados de Italia. Era o fim publico pedir Francisco que se lhe dessem seus filhos com hum arrezoado resgate de dinheyro, e pedir o Ingrez que o Emperador lhe pagasse muytos dinheiros, que em differentes tempos e differentes partidas lhe tinha prestado; e quinhentos mil cruzados mais de pena, em que tinha encurrido por não casar com sua filha: Mas o secreto de ambos e de todos os colligados era lançar os Espanhoes de Italia (2); porque antevião que se o Emperador quizesse uzar do favor que a fortuna lhe hia mostrando, podia facilmente ser senhor universal de Italia, e ficar formidavel a França e Inglaterra. No Ingrez corria outra particular razão, que começando a soar neste anno, pouco depois se vêo a publicar, com grande dano da Religião daquelle reyno, e da que o mesmo Rey tinha em seus principios honradamente professado.

Teve poder huma tentação de sensualidade, fomentada por hum mao conselheiro, que foy o Cardeal de Yorc, pera pôr em caminho separar-se da Rainha Caterina, tia do Emperador; e já neste tempo a tinha mandado retirar pera hum mosteyro. Esta determinação, que em seu animo tinha tomado assento, e sabia que muyto avia de escandalizar ao Emperador, foy parte pera ser primeyro a tomar contra elle as armas, e unir-se com seus enemigos. Por maneyra que, querendo o Emperador meter em guerra a ElRey Dom João, não só com Inglaterra, mas conseguintemente com França, e querendo ajudar-se da sustancia de seu dinheyro, poder e vassallos em materia que tanto lhe importava, dava ordem ao seu Embaixador que nas que tocavão a ElRey se fizesse surdo e mudo.

Propoz o Embaixador os pontos de sua instrução, que temos dito. Mostrou ElRey com palavras graves e sinti-

(1) Dom Fr. Prudencio de Sandoval.

(2) Dom Fr. Prudencio, — Cron. do Emperador L. 16 f. 488 na resposta ao Cartel de Inglaterra, e f. 490 e 491 v.

das doer-se muyto da perturbação em que estava a Christandade, e a que de novo se esperava com a liga de tantos Principes: porêm que confiava na justiça com que elle Emperador encaminhava todas suas cousas, e no favor com que por esta razão lhe acudia Deos, darião seus capitães tão boa conta daquelle numero de conjurados, como tinhão feito na jornada de Pavia, sem aver mister que Portugal quebrasse as confederações que de tempo immemorial tinha com França e Inglaterra, das quaes, quando o tempo mostrasse que devia esquecer-se, não faltaria a sua obrigação; mas que ordinario era começarem ligas com grande estrondo, e no processo do tempo cahirem por si mesmas, como edificios mal fundados. Quanto mais que nenhuma cousa viria melhor a elle Emperador que ficar algum Rey de fora, quando todos os da christandade entravão na liga, pera pacificador e conciliador de concordia, que sempre procuraria. E quanto ao emprestimo, sua fazenda se achava de presente muy alcançada com huma extraordinaria despesa de armar huma grossa frota pera a India, a que o obrigava nova certa que seus vassalos lhe mandavão, de terem os turcos armadas muytas galés no Estreyto do mar roxo. Porêm como desejava acudir ao que pedia a necessidade proposta, tanto que despedisse a armada da India, lhe mandaria seu Embaixador, com aviso e ordem do que na materia podia fazer.

Foy ultimo requerimento do Embaixador pedir encarecidamente a Sua Alteza que não consintisse em sua corte o Embaixador de França Honorato de Cays, e pera o persuadir punha tachas em sua pessoa, chamando-lhe vagamundo e homem de pouca sustancia, e que fôra já por tal lançado de França. E ajuntava o Emperador em sua instrução, que a razão principal por que nisto insistia, era por se não poder cuydar delle que fazia competencias com França, ou que entre dous Principes tão amigos, e com tantos parentescos aliados, avia algum genero de quebra ou desavença, pois em tempo que ElRey de França levantava o mundo contra elle Emperador, e o mandava desafiar, era recebido hum Embaixador francez em Portugal com honras e apparatos: e disto se sintia tanto que podia certificar a ElRey, que em quanto Honorato residisse em sua corte não inviaria a ella Embaixador ordinario, antes faria cerrar os portos de Castella com Portu-

gal. Respondeo ElRey: que das razões que se lhe davão pera despedir Honorato acceitava só a do recêo que o Emperador mostrava de se poder cuydar que avia entre elles desgostos, porque esta lhe tocava igualmente; das mais não fazia caso, porque encontravão o favor que o direyto das gentes dava aos Embaixadores: e com tanto procuraria que sem desabrimento fizesse Honorato volta pera França, o mais breve que os negocios que trazia dessem lugar.

CAPITULO X.

De algumas cousas que ElRey fez este anno; terras e titulos que deu.

Era trinchante delRey Simão da Cunha, hirmão de Nuno da Cunha: determinou hir servir á India com seu hirmão, e poz em pratica vender o officio. Soube-o Sua Alteza: mandou dizer a Ruy Lourenço de Tavora e a Dom Felipe Lobo, que erão fidalgos pobres, e de que tinha satisfação, que levaria gosto que fossem elles ambos os compradores, porque, repartido entre ambos, seria o custo menos, e Sua Alteza ficaria melhor servido em cargo que requeria muyta continuação; e que pera isso lhes faria a mercê que ouvesse lugar. Levou-lhes o recado Damião Dias. Tratarão da compra: como Simão da Cunha soube que o fazião por ordem delRey, inda que avia quem lhe dava tres mil cruzados, contentou-se de se acommodar com elles, e deu-lho por quinhentos mil reis, e ficou desembolçando cada hum dos compradores duzentos e sincoenta mil reis. Estimou ElRey a moderação de Simão da Cunha, e pagou-lhe os setecentos mil reis que ficava perdendo, em um alvitre para a India. Assi como pay acomodou dous filhos pobres: e como senhor liberal e grande não consintio que tevesse perda o outro que o hia servir. Peço a quem isto ler que va considerando as acções deste Rey, e julgando por ellas, não por minhas palavras, sua bondade no remediar, seu entendimento no repartir, e sua equidade em não faltar a nenhum. Porque inda que o cargo e honra de escrever de hum Rey seja genero de

soborno, e crie affeição para com elle em quem escreve, nunca este poderá tanto comigo que trate de levantar suas cousas com artificios de lingoagem, como orador, nem com sombras e cores, como pintor. Espero em Deos que quando chegarmos ao fim deste trabalho, se Deos for servido que lho vejamos, fação fé suas obras, que até agora estiverão enterradas, que no que he virtude merece lugar entre os Reys muy santos: e no que he valor e prudencia de governo entre os mais sabios.

Serve-nos pera testimunho de grande reputação em que ElRey já neste tempo estava com todos os Principes da christandade, o que os tres mayores della, a saber, Carlos Quinto, Francisco, e Anrique fizerão neste mesmo anno. Andava desagasalhado, passava já de cinco annos, o Grã Mestre de Rodes, despois que os turcos o lançarão daquella ilha por fim do anno de 1522; requeria a todos os Principes folgassem de restaurar a terra perdida, que não quizerão ou não puderão soccorrer antes que se perdesse. Acudirão os tres que digo, e o mesmo Mestre com cartas encarecidas, de que vimos os originaes na secretaria da Torre do Tombo, pedindo-lhe sua ajuda, que tinhão por certa pera tão pia causa. Não lançamos aqui as copias, assi por escusar prolixidades, como porque do effeito que as seguio nos escondeo noticias o curso dos annos, e o descuydo de quem o pudera pôr em lembrança.

Mas pois tratamos do valor e partes do animo del-Rey, não me atrevo a passar a outras cousas, sem referir primeyro hum caso que em Lisboa lhe sucedeo, que muyto acreditou aquelle brio e segurança que o outro poeta quer que se ache no varão constante, dizendo: *Si fractus illabatur orbis, impavidum ferient ruinæ:* deixou-no-lo escrito o mesmo Ruy Lourenço de Tavora em hum caderno que de sua mão fez, de algumas cousas que notou em Sua Alteza no tempo que o servio, e mo communicou seu bisneto Alvaro Pires de Tavora. Jantava ElRey nos paços da Ribeira, na sala baixa do aposento da Raynha: trinchava-lhe Ruy Lourenço. Estava a casa, segundo costume, acompanhada de muyta gente nobre, officiays e criados de Sua Alteza. Eis que soa do alto hum rumor temeroso, como de muytos trovões, que ao parecer não ameaçava menos, senão que toda a machina daquelle grande edificio se desatava e vinha ao chão. Foy tal o terror em todos os

assistentes que quasi não ouve nenhum que deixasse de demandar, correndo a quem mais podia, as portas que se hião pera a varanda e pera huma escada que decia pera o terreyro: e Dom Miguel, Bispo de Vizeu, com quem ElRey falava, perdeo o discurso de maneyra que, tomando a escada, cahio no meyo della, e alguns dos que levavão o mesmo medo lhe ficarão sobre as costas; só ElRey não fez movimento, nem sinal de perturbação, mais que dizer ao trinchante que mandasse saber o que era. Mandou: e foy o caso, que se fazia obra na sala grande, e a esse respeito estava a telha toda em montes huma sobre outra no alto do telhado: levantou-se repentinamente huma tormenta de vento, derribou-a, e espalhou-a toda, fazendo-a correr com o terremoto que dissemos. Averiguada a causa do medo, forão tornando a seus lugares o Bispo e os mais, mas todos corridos da fogida: e neste passo fez ElRey mór valentia em reprimir o riso, como reprimio, polos não envergonhar, mais que em sofrer o sobresalto. Confessava Ruy Lourenço que a segurança e sosego que em Sua Alteza vira, como estava com os olhos nelle, lhe tirara todo o medo que recebera com a trovoada, e muyto mais com a revolta e exemplo dos que fogião.

Em 11 de Janeyro deu Sua Alteza o titulo de Visconde de Villa Nova de Cerveyra a Dom Rodrigo de Lima, com sincoenta mil reis de tença, e lhe fez doação das pensões dos tabelliães da mesma villa, confirmando-lhe pouco despois as pensões dos tabelliães de Ponte de Lima, e a Alcaydaria-mor e Capitania-mor de Villa Nova, e os direytos reays della com os padroados das igrejas da villa e termo: e confirmando-lhe todas suas terras, lhe fez doação do Reguengo, portagem, e censos da villa de Ponte de Lima.

Neste mez, em 10, privilegiou Sua Alteza a defeza da Negrita a Alvaro Gonçalves de Moura, do seu conselho, e lhe confirmou pouco despois as villas das Meadas e Povoa, e a Alcaydaria-mor de Marvão.

Em 23 de Janeyro fez merce a D. Isabel de Castro, molher de Diogo Lopes de Lima, e filha de João Pereyra, das terras de Crasto Dayro, em caso que seu hirmão Diogo Pereyra morresse sem filho.

Em 20 d'Abril deu a Capitania da Ilha do Fogo a Dom João de Meneses de Vasconcellos, Conde de Penella.

Em 18 de Março e 27 d'Abril Doação de Juro e Erdade da villa de Salvaterra, com todas as rendas e direytos della, e da lisira do Romão a Dom Fadrique Manoel.

Doação das terras de Aguiar da Pena, S. João de Rey e de Bouro, com toda sua jurdição civel e crime, mero e misto imperio ao Infante Dom Luys, seu hirmão, por sua pessoa e seus grandes merecimentos. — Em 28 de Mayo.

Em 19 d'Agosto deu Sua Alteza o titulo de Conde de Monsanto a Dom Pedro de Castro, do seu conselho, pollos muytos serviços que delle tem recebido.

Em 9 de Setembro a Capitania-mor da villa de Nisa a Dom Francisco da Gama, Conde da Vidigueyra.

A João Rodrigues de Vasconcellos a Alcaydaria-mor de Penamacor, como a teve seu pay Ruy Mendes de Vasconcellos.

A Dom Fernando de Castro, filho mais velho de Dom Alvaro de Castro, Governador da Casa do Civel, a saboaria preta de Lisboa.

A Dom Fernando de Castro, que chama seu sobrinho, filho de Dom Diniz seu primo, duzentos mil réis de tença, que averião effeito casando com a filha do Conde Dom Fernando d'Andrada.

CAPITULO XI.

Guerra de Africa em Ceyta e Arzilla.

Era Capitão este anno e governava a cidade de Ceyta Gomez da Silva de Vasconcellos, filho de...... Soube pollos escutas que tinha lançado fóra, serem entrados no campo vinte e tantos almogavares, e estarem em cilada onde chamão a Atalaya das Quintas. E porque isto era hum domingo á noite, dia em que o Capitão tinha por costume mandar aos escutas que fizessem seu officio perto da cidade, e sem se alargarem ao longe, não pode ter certeza se vinhão dando costas aos almogavares Muley Abrahem e o Alcayde de Tituão, dos quays tinha nova dias avia, que lhe avião de correr. E apercebendo-se

pera tudo o que podia succeder, sahio até o bayxo do topo da Caneyra, levando comsigo vinte de cavallo dos melhores e mays ligeiros que tinha, e com elles Simão de Brito, seu hirmão, e Miguel da Sylva, seu filho, pera que, tanto que os mouros sahissem traz as atalayas até onde chamão Delo Vidi, os mandasse acometer e pelejar com elles. A mais gente deixou posta na tranqueira do mêo pera acudir a dar costas sendo necessario aos seus vinte. E com elle ficou outro filho seu, por nome Pero Mendez. Isto assi ordenado, não tinhão dado muytos passos os nossos descobridores, quando os mouros arrancão contra elles a toda a furia dos cavallos. Estava o Capitão á vista, e notou que tinhão em terra hum dos nossos, e sobre elle avia revolta: mandou voando o hirmão e filho com os mais; e forão tão a tempo que lho tirarão das mãos, e brigarão com elles tão valentemente que matarão logo hum cavalleyro, que despois se soube ser dos mais principays de Tituão, e cativarão outro, e tomarão dous cavallos. E porque o cativo disse que vinhão atraz Abrahem e o Alcayde, deixarão de ser este dia mortos e cativos todos estes almogavares. Teve o Capitão a gente, que com alvoroço os seguia, porque o nosso Almocadem a vozes requeria que não passasse ninguem adiante. Foy a força do recontro ao perto dos Alemos: e estimou-se a pequena vitoria por ser em terra dobrada e cega, e serem os desbaratados dos mais valentes de Tituão, e por tal deu o Capitão conta della a ElRey por huma carta feita em 27 do mez de Julho, na qual lhe pede faça merce a Luys d'Oliva, porque foy o primeyro que poz a lança no morto: e diz que era natural de Tangere, e avia vinte quatro annos que residia em Ceyta. A carta original achamos na secretaria da Torre do Tombo. E nella aponta o Capitão que foy o successo em 8 do mesmo mez.

Não deixava por este tempo Antonio da Sylveyra, Capitão de Arzilla, descançar os mouros vizinhos, nem estar seus subditos ociosos: pedia-o a boa occasião da guerra em que ElRey de Fez andava embaraçado com os xarifes de Marrocos. E aproveitando-se della fazia muytas entradas. Achamos que das primeyras duas que este anno mandou fazer deu a capitania de huma a Thomé de Sousa, que despois foy Vedor de ElRey Dom João,

e pollo tempo em diante servio o mesmo officio com seu neto ElRey Dom Sebastião: e da outra fez Capitão a Dom Antonio d'Almeyda, filho do Conde de Abrantes, cada hum com sincoenta de cavallo, guiados hum e outro por Diogo da Sylveyra, que a ambos levou polla boca do Capanes, e correndo até Agonnis, por andarem as aldêas tão recolhidas por medo de Diogo da Sylveyra, que pera poderem lavrar e sahir das tranqueiras uzavão de fachos e atalhadores, não trouxe Thomé de Sousa mais que tres mouros. Dom Antonio teve melhor successo. Sahirão com elle quasi todos os mais fidalgos que avia na villa, em que entravão Lourenço Pirez de Tavora, Manoel da Sylveyra, e Dom João de Sande e outros, e creceo a companhia até setenta de cavallo. Com elles se foy lançar Diogo da Sylveyra até junto das casas de Agoni. Amanheceo o dia tão escuro e esquivo de grande força de agoa e chuva, que os mouros tiverão confiança pera lançarem seus gados fora. Foi logo atalhada pollos nossos huma grande parte delles, e tomado só hum mouro: com o que se deu rebate na aldêa, e della e d'outras vizinhas se juntarão duzentos homens de pé, que furiosamente vierão sobre os nossos: e hum caso que sucedeo foy parte pera chegarem mais em breve. Vinhão os nossos recolhendo o gado e decendo a serra, que aqui he muyto fragosa e aspera, eis que o cavallo de Dom Antonio ao passar por huns penedos entallou entre elles huma perna tão desatinadamente, que não bastou pera o tirarem apearem-se quatro ou sinco homens; e em fim por se não aproveitarem delle os enemigos, tirada a sella, foy alanceado. Mas a detença foy causa de se perder este dia hum grande feito. Porque chegando os mouros, e procurando tomar a dianteyra ao gado, alguns dos nossos menos sofridos do que cumpria voltarão com elles, não valendo a Diogo da Sylveyra dar-lhes vozes que se tevessem. Assi foy causa esta volta de os enemigos pararem, e sahir juntamente o Capitão da ribeyra que corre polla varzea de Agoni, ate onde se veo com toda a gente dando costas a Dom Antonio e a seus companheyros. Descobrio-se o Capitão, cuydando que ainda poderia alcansar os mouros; mas elles tanto que o conhecerão, vendo ondear a bandeyra, fizerão-se fortes entre a penedia e bosque, onde nem os nossos puderão sobir, nem

elles ser offendidos. Em fim a cavalgada que pudera ser muy custosa de homens e sangue aos mouros, não o foy mais que do seu gado grosso, de que vierão pera a villa, com só hum mourinho, cento e setenta cabeças.

Alguns dias despois entrou o Capitão até a boca de Benamares, donde trouxe nove mouros cativos, e forão mortos outros. Teve o Alcayde de Alcacere por afronta sua esta cavalgada, e outras que Antonio da Sylveyra fazia cada dia: determinou vingar-se: correu duas vezes á villa; e ainda que fez algum dano, não foy de consideração polla muyta vigilancia com que o Capitão procedia.

CAPITULO XII.

De algumas entradas que Antonio da Sylveyra fez correndo até Larache e Alcacere. Peleja com o Alcayde de Alcacere nos muros de Arzilla: alcansa delle fermosa vitoria: cativa o Xeque Afão.

Dezejava Antonio da Sylveyra colher em parte ao Alcayde d'Alcacere que pudesse pelejar com elle, e procurava azedallo com algumas entradas não pouco arriscadas, porque duas vezes passou o rio de Larache, huma com barcos que mandou hir por mar, e outra com hum genero de jangadas que ordenou de paos compridos, lançados sobre barris vazios, ajudados de algumas taboas e tecidos de canas. — Era a tenção hir tomar o gado da aldêa de Alhaudete, que de Larache não dista mais de mêa legoa, e despois tomar a mesma aldêa, mas sendo o dizenho bem traçado sahio o effeito vão d'ambas as vezes: porque da primeyra, tendo quasi todo o gado junto d'agoa, ao tempo de o lançarem a passar o rio não ouve cousa que o fizesse tomar a passagem, antes fogio todo sem remedio: da segunda forão sintidos os barcos ao passar por Larache, e logo dado aviso aos da aldêa com fogos e bombardadas. Mas o Capitão, que não era nada froxo no fazer da guerra, tardou pouco em cometer outras entradas, de que só diremos huma, que foy verdadeyra sobrançaria feita aos cavalleyros e Alcayde de Alcace-

re. Caminhou com toda a gente em demanda da ponte de Alcacere, e fazendo alto aquem della, onde chamão a Figueyra, despedio Jorze da Sylveyra com ordem que passasse o rio, e se fizesse sintir no campo, de sorte que fosse seguido d'alguns atrevidos, e lhos trouxesse á mão. Passou o Sylveyra por hum porto que sabia no rio, e a huma legoa d'Alcacere, onde chamão o Rur, topou com tres de cavallo, de que logo cativou os dous, e conhecendo na artilheria, que começou a soar de cidade, que estava bastantemente sintido, fez volta com o rosto na ponte, onde achou outros dous de cavallo, e alguns vinte piães que a guardavão, mas nem hum que lhe fizesse rosto, antes se lançarão todos á ribeyra, e não pode colher delles mais que os dous cavallos, e assi se vêo pera o Capitão com quatro cavallos e dous mouros. O Capitão esperou que o Alcayde acudisse, mas vendo que não avia movimento na terra, mais que de poucos homens que chegarão a visitar a ponte, descobrio toda a gente sobre hum tezo, onde podia ser visto da cidade, mandando despregar a bandeyra de Christo nos olhos della.

Era por fim do anno, e dia do Santo Nacimento. Julgava o Capitão que não podia faltar o Alcayde em se querer vingar e vir-lhe correr; lançou fóra na mesma noyte duas escutas com ordem apertada que andassem tão vigilantes que não fossem colhidos em descuydo. Amanheceo o dia seguinte, festa do Santo Protomartir Estevão: tornarão os escutas: avisarão que na atalaya alta de Tendefe ficavão dez ou doze de cavallo, e todos de capilhares e toucas — sinal de gente mais que ordinaria. Acabando o Capitão de jantar mandou dar as trombetas, sahio polla porta da villa, e despedio as atalayas, e ordenou ao Adayl Fernão Rodriguez que desse costas ás que fossem descobrir a Ruyva, por ser logar mays perigoso, e elle se foy pollo caminho velho ao longo dos vallos, por não ser visto da atalaya alta: e deixando toda a cavallaria abrigada ao vallo e no outeyro, passou com Diogo da Sylveyra e Fernão Caldeyra até sobir ao alto do outeyro, e dar vista ao que fazião as atalayas. Fizerão as atalayas seu officio, descobrindo os postos ordinarios de Bugano e Corvo, e da Ruyva, e por derradeyro a atalaya do mar. Com o que, avendo o Adayl que tudo estava seguro, começou a derramar-se com os companheyros, apeando-se,

e desenfreando os cavallos, pera pacerem hum pouco: que bem o avião mister, segundo andavão fracos, porque lhes faltava a provisão do reyno muytos dias avia, e a erva então era de pouca sustancia. Mas não erão bem desenfreados os cavallos, quando de parte das furnas se descobre o Alcayde com toda sua gente e bandeyras, e os corredores que diante hião forão atalhando as atalayas que vinhão da Ruyva. Sahio Diogo da Sylveyra a favorececellas de mandado do Capitão. Entre tanto o Capitão se recolheo pollo facho abaixo, dando lugar que os mouros entrassem polas tranqueiras, pera se travar com elles como desejava. Mas vendo que não arrostavão as tranqueiras, nem mostravão vontade de pelejar, pera os obrigar mandou ao Adail que com vinte de cavallo tornasse a tomar o facho, e tanto que o vio sobre o taboleyro, fez elle capitão o mesmo. E daqui foy notando que os mouros tratavão de se recolher sem briga, porque, passado o valle, começavão a caminhar por entre a atalaya Ruyva e Bugano, feitos em duas batalhas, a tiro de arcabuz dos nossos, huma que seguia a bandeyra branca do Alcayde, orçada em quatrocentas lanças, outra em que estava Cid Naçar com alguns espalhados, e parecia ter até trezentas. — Determinou-se logo em pelejar, obrigado de ver que não tinha mais gente diante de si que a que via, e que até seus capitães fazião della pouca confiança, pois sendo tanta, e vindo correr á villa, não avia nenhum atrevido que pegasse c'os nossos: e tomando alegremente a redea ao cavallo, disse contra Diogo da Sylveyra, palavras formays: Compadre, a minha Alleluya he chegada em ser este o Alcayde; porque hei-de pelejar oge com elle. Era Diogo da Sylveyra muyto sisudo; respondeo que não avia cavallos pera tal feito, que nem erva nem grão comião: e o Capitão, replicando que pelejarião a pé quedo, porque em todo caso queria dar no Alcayde, chamou por Fernão Caldeyra, e disse-lhe outro tanto. Mas foi pior a reposta do Caldeyra, que passou a vozes e a requerimentos da parte de Deos e delRey que tal não fizesse. E todavia o Capitão, como se tevera certa revelação da vitoria, mandou a Braz Fernandez que trouxesse diante a bandeyra, e fazendo sinal que queria falar, juntarão-se-lhe todos, e começou assi: — « Senhores e amigos, se cuydará que avia mister palavras pera vos animar contra os ene-

migos que ahi vedes, antes lhes fizera ponte de prata, e os deixaria hir, que perder huma só; que na verdade boas palavras não crião animo em quem de sua natureza he falto delle. Muytos dias ha que pelejamos juntos: os successos de cada dia me tem dado a conhecer como fere a lança, como corta a espada de cada hum de vós; e porque sei bem que sois tais, que, com muytos menos dos que aqui me ouvis, não duvidara pelejar com dobrados mouros, só vos quiz dizer que tendes oge dia pera restaurar a perda de Dom Manoel, que ainda no sintimento está tão fresca como no primeyro dia, e que temos o Alcayde em lugar que ou ha de pelejar por força, ou largar-nos o campo com fraqueza. Já vedes no caminho que vai tomando que se desvia de brigar comvosco, e isto he o mesmo que hir mêo desbaratado. Mas dizei-me, senhores, que vergonha seria, estando nós aqui juntos, poder dizer este mouro que teve brio pera nos correr, sem mais companhia que a de Alcacere? E quando nos dará o tempo outra tão bella occasião para nos satisfazermos desta afronta, quando ha quatro dias que a sincoenta dos que aqui estays vos deu ElRey de Fez as costas, com perda de sete homens e dous cavallos; e sete cavalleyros sós posestes em desbarate o Alcayde Mafote? A vitoria tendes tão certa que, na hora que largardes as redeas aos cavallos pera os acometerdes, eu vos affirmo que elles as larguem pera se porem em fogida, e nos deixarem por presa a fermosura daquelles capelhares, que tanto campeão com suas cores por esses montes; aquelles ginetes gordos e bem sellados, e seus jaezes de ouro e prata, que oge havemos de metter em Arzilla. Honra vos prometto, e vingança na briga, e rico despojo no cabo della. Vamo-nos a elles, valentes cavalleyros, que tanto tardamos em alcançar huma cousa e outra quanto dilatamos o menear as mãos. »
Erão os nossos cento e trinta de cavallo, e outros tantos de pé, besteyros e espingardeyros, e alguns de piques. Tomou o Capitão todos os de pé diante de si, e mandando o Adayl que com os de cavallo lhe fosse tomar a *Ruyva*, pera onde os enemigos tinhão seu caminho, elle o foy seguindo seu passo chêo, com toda a mais gente. Tinhão os mouros neste tempo passado as Pontinhas, e sobião pollo rosto d'Alfomar assima. O Adayl, conhecendo da Ruyva, onde já estava, a fraqueza com que hião, come-

çou a capear aos nossos que decessem pera as Pontinhas. Neste tempo fizerão os mouros alto, e sinal de quererem tornar atrza: e Cid Naçar, com o seu guião, e bem duzentos de cavallo, cortando pollo Giestal, ameaçou passar o ribeyro das Pontinhas, e meter-se entre os nossos e a villa. Aqui ouve huma breve refrega, disparando os mouros muytos tiros de vinte espingardões que trazião, e fazendo os nossos piães outro tanto, até que passando o Capitão furiosamente a Pontinha, seguido de toda a cavallaria, levantou a voz, dizendo: « Santiago! » Voz he esta que em todo tempo foy flagello de mouros, e neste passo se mostrou bem; porque na hora que lhes soou nos ouvidos se vio enrolada a bandeyra branca do Alcayde, que foy como o sinal pera que cada hum dos que a seguião buscasse seu remedio como podesse: assi começarão todos a tratar de salvar as vidas sem tornar rosto. Medo fatal pareceo, mais que negocio humano: entre setecentos de cavallo não houve homem que se lembrasse que trazia lança, e cingia espada. Em fim quiz Deos vingar o sangue de Dom Manoel, e, como elle he o Senhor dos exercitos, mostrar aos vencedores e vencidos que as vitorias são de sua mão, não dos braços dos homens. Foy o alcanse até o poço de Fernão de Xira, que he sinco legoas da villa. O Alcayde se contentou de salvar a bandeyra e sua pessoa, com os que teverão com elle, sem se lembrar da affronta que fazia ao nome que por toda Berberia tinha de valente. Forão os nossos matando sempre e derribando homens e cavallos por todo o caminho, de sorte que tudo ficou semeado de corpos mortos, de armas e lanças, e sayas de malha. Não quiz o Capitão que se passasse avante no alcanse, porque os cavallos estavão demasiadamente cansados. Mandou que dessem volta pera casa, e de caminho se fosse recolhendo com boa ordem todo o despojo. Achou-se que forão mortos e cativos cento e sinco mouros, noventa e oito mortos, e sete cativos: entre estes ficou o Xeque Afão, pessoa de tanta conta, que concertou seu resgate em quatrocentas cabeças de gado grosso, e outros tantos carneyros, e outras tantas arrobas de manteyga, e outros tantos vellos de lã, que offereceo de gages á Capitoa. Forão tomados mais noventa e quatro cavallos e tres azemalas, duzentas adargas, e outros tantos capuzes, e sesenta sayas de malha, porque se averiguou que muytos, por ficarem

mais lestes pera a fogida, lançavão de si as armas, assi offensivas como defensivas. Foy confissão geral de todos os que se acharão no recontro, que toda a honra e bem della se devia a Antonio da Sylveyra; porque com seu bom entendimento conheceo o dia, e a fraqueza dos mouros: e podemos dizer que só elle venceo; mas, reconhecendo que de mayor poder lhe viera o bem que de seu juizo, sem entrar em sua casa, foy primeyro á de S. Bertolameu, que he orago da villa, offerecer a bandeyra ao Santo patrão de Espanha, que nella tem seu altar.

CAPITULO XIII.

Guerra da India. Despacha o Governador armadas pera varias partes — Da-se conta do successo que teverão Martim Afonso de Melo e Dom João d'Eça.

Vendo-se Lopo Vaz de Sampayo desabafado de contendas, e Governador pacifico, aplicou-se todo a tratar do que cumpria ao Estado. E porque desejava juntar ás vitorias que tinha alcansado dos mouros de Calicut a gloria de queimar por suas mãos as galés dos Rumes, que todavia estavão em ser, parte na ilha de Camarão, e parte em Suez, despois da morte do seu general Raez Soleymão, e das discordias que nacerão entre os successores (largamente contadas por João de Barros e pollos mais escritores da India; e por isso procuramos usar brevidade nesta parte, como de cousas que, por terem muytos relatores, podem antes gerar fastio que dar gosto, repetidas) poz o Governador seu pensamento em conselho. Não achou por si voto nenhum, parecendo a todos que era superflua a ida d'um Governador da India a queimar galés, que já por si estavão desbaratadas e sem força. Ordenou então inviar ao efeito Antonio de Miranda d'Azevedo, Capitão-mór do mar da India, em cujo despacho se deu tanta diligencia que partio de Goa com huma poderosa armada, em que avia vinte vellas e mil homens de guerra, em 25 de Janeyro. Erão os principaes Capitães Antonio da Sylva, filho de Tristão da Sylva, Lopo de Mesquita, Anrique de

Macedo, Fernão Rodrigues Barba, Ruy Pereira, Dom Jorze de Noronha, Francisco de Vasconcellos, e Ruy Gonçalves, capitão da ordenança.

Partido Antonio de Miranda, despachou pera Malaca Pero de Faria pera hir succeder a Jorze Cabral, que acabava seu tempo: e em sua companhia mandou em huma galé bem armada Simão de Sousa Galvão, que hia entrar na capitania de Maluco.

Quasi juntamente aviou outras duas armadas; huma que deu a Dom João d'Eça, que viera provido por ElRey da capitania de Cananor, e quiz que neste verão guardasse a costa do Malabar, onde, com as discordias passadas da successão, tinha crecido demasiadamente o numero de paraos de mouros, e ao mesmo passo sua soberba e ouzadia. A outra deu a Martim Afonso de Mello Jusarte, pera hir á Sunda em proseguimento da fortaleza, que ElRey queria que todavia tevesse effeito, sem embargo das contrariedades que na terra achara Francisco de Sá. O sucesso destas armadas e inviados proseguiremos pollo mesmo tom e modo que João de Barros o deixou escrito, uzando de nossa parte a maior brevidade que pudermos, e o que nos parecer necessario pera mais clareza e distinção dos tempos e materias. Mas peço ao leitor que me sofra fazer aqui huma breve parentesis, que o lugar parece estar pedindo, com queixas das mudanças do mundo e de seus Estados. Estava a India em seus principios, e pouco mais de trinta annos de idade: poucas fortalezas, rendas curtas, guerra viva com todos seus vizinhos; e com tudo despachava Lopo Vaz tantas armadas com força de gente paga e contente, munições e artilheria de sobejo, que me faz desejos d'inquirir e averiguar donde nacia este poder, e donde naceo que muytos annos adiante, quando ouve mais fortalezas, grossura de rendimentos de cada huma, começou a aver tanta falta e pobreza de tudo, que os soldados desesperados por fome, ou se fazião mercadores, ou se passavão a servir os Reys gentios, e os que tinhão fé pera aturar hum inverno de Goa chegarão a lançar mão de huma tocha em um mortuorio, como qualquer pedinte? Que no estado mayor e mais florente aja mais necessidades parece que faz contradição, se não quizermos dizer que por huma parte a prosperidade cria cobiça nos que vão governar, que, tratando só de seus par-

ticulares, e não se contentando com pouco, fica o bem commum e publico desemparado; e por outra parte a mesma prosperidade gera huma torpe confiança nos ministros a que toca a eleição desses governadores; com que não buscão pera o cargo a melhor cabeça ou o melhor braço. E a experiencia nos tem mostrado que não são outros os rayos e coriscos que a fortuna e o tempo criam pera porem por terra as torres que mais alto sobem.

Mas tornando á nossa historia, he de saber que, estando Martim Afonso a ponto de partir, teve o Governador aviso de Ceylão, que Pate Marcar, Capitão-mór d'elRey de Calicut, tinha posto em aperto ao Rey da Cota Boenegobago Pandar, tanto em odio nosso, por ser vassallo d'elRey de Portugal, como por dar favor a Madune Pandar, hirmão do mesmo Rey da Cota, que lhe fazia guerra. Requeria o negocio brevidade. Mandou-lhe o Governador que fizesse sua viagem por Ceylão, e socorresse o amigo. Partio Martim Afonso com oyto velas grossas e alguns navios de remo. Erão capitães Antonio Cardoso, Francisco Ferreira, Duarte Mendes de Vasconcellos, Francisco Velho, João Lobato, Manoel da Veyga, Manoel Vieyra, João Coelho, Vasco Rebello, e Thomé Rodriguez: e levavão quatrocentos homens de guerra. Chegado a Columbo, achou que obrara a fama de sua vinda com os mouros de Calicut o que pudera fazer a presença: desaparecerão todos, e meterão-se pollos rios, onde as nossas embarcações, por mayores, não podião chegar. O mesmo aconteceo ao Madune, que logo desapressou o hirmão. Daqui passou Martim Afonso á costa da pescaria do aljofar, ao lugar de Calecare, onde assentou com o Senhor delle a ordem que havia d'aver no trato do aljofar, que pertencia ao Estado; e logo assaltou Care, lugar visinho, a tomar satisfação da maldade com que os moradores tinhão morto a João Flores, que fora Capitão e guarda daquella pescaria. Foy a satisfação entrar a terra, deixa-la destruida e assolada. Mas não teve tão boa ventura no que restava da viagem; foi-se a Paleacate para dali passar o golfão e enseada de Bengala. Na travessa della saltou á armada um temporal que a espalhou toda, e Martim Afonso com o seu navio se vêo a perder n'um baixo na ilha de Negamale, salvando a mór parte da gente consigo no batel; e despois de muytos perigos e traba-

lhos de fome e sede, vierão todos a ser cativos de hum vassallo delRey de Bengalla, que ajudado delles, em huma guerra que tinha com um visinho a quem vencerão, quando cuidarão alcansar liberdade, que antes da vitoria lhes prometera, então se acharão verdadeiramente cativos, porque lhes fez a saber que sem pagarem bom resgate de seu poder não sahirião. Quizerão valer-se de huma boa occasião de fogida, vista a impossibilidade de juntar resgate; forão sintidos e guardados com mais cuidado. Em fim ali acabarão todos, se não acharão mayor piedade em mouros sempre enemigos, que nos gentios, a que tinhão servido com seu sangue: forão resgatados por hum mouro mercador, que polla boa obra merece não deixarmos seu nome em silencio. Chamava-se Coge Sabadim.

Seguio melhor ventura a Dom João d'Eça e á armada que levou contra a costa de Calicut: com tanto valor se ouve, que só naquelle verão tomou sincoenta velas, e as mais dellas carregadas de pimenta, de mouros de Calicut. E parecendo-lhe que não avia mais que fazer no mar, desembarcou em Mangalor, destruyo o logar, e queimou alguns paraos que nelle achou; e tornando a embarcar sem receber dano, eis que se lhe offerece novo perigo: dá de rosto com sessenta paraos, capitão-mor delles por ElRey de Calicut o mouro China Cutiale, homem muyto esforçado, e que costumava acompanhar-se de gente limpa e de feito. Assi se vêo aos nossos como homem que não duvidava da vitoria. E na verdade foy huma batalha naval das bem pelejadas que ouve na India, porque os mouros fiavão no numero que tinhão mayor de gente e embarcações, e isto os animava de maneyra que se deixavão antes fazer pedaços que tornar pé atraz: e assi mantiverão o feito em duvida grande espaço, até que a capitana de Cutiale foy entrada, e elle, ferido de duas cutiladas pollo rosto e duas arcabuzadas em huma perna, foy cativo. Morrerão dos nossos vinte bons soldados, e ouve grande numero de feridos: mas dos mouros ficarão mortos mil e quinhentos e outros tantos cativos, e a mor parte dos paraos tomados. Foy tão estimada do Governador esta vitoria, que fez mercê a Dom João da pessoa de Cutiale, de que ouve bom resgate.

CAPITULO XIV.

Do que succedeo a Antonio de Miranda na ida do Estreyto.

Sahio Antonio de Miranda com bom tempo, e foy brevemente em Socotorá. Dali navegou pera a costa de Arabia té cabo de Guardafu, onde repartio a armada em tres esquadras, pera que não entrasse navio no Estreyto, nem delle sahisse que escapasse de suas mãos; mas sobre ser mais poderosa a força do tempo que as boas traças dos mareantes, muytos se affirma que se lhe forão sem ser vistos por beneficio de cerrações e dias ennevoados com que entrou Fevereyro. Com tudo ouve presas de consideração, e em algumas dellas casos perigosos, como foy o do galeão de Anrique de Macedo, que encontrando-se com outro de turcos, tão poderoso que não fez duvida em vir ás mãos com os nossos, esteve em risco de ficar abrasado de huma lança de fogo que os turcos lhe lançarão na vela: mas foy sua ventura, que sacudindo-a de si a mesma vela com as lufadas do vento que acalmara, tornou contra o mesmo navio donde sahira, e cahindo no convez, que os turcos tinhão semeado de polvora pera offensa dos nossos, em caso que nelle entrassem, fez tal lavor, que ardeo o galeão sem remedio com todos os que vinhão dentro, excepto alguns poucos que se lançarão ao mar, e ficarão cativos. Salvou-se Anrique de Macedo do mesmo fogo por beneficio de Diogo de Mesquita, que lhe acudio com o seu batel, dando-lhe toas e afastando-o do que ardia. Dom Jorze de Noronha andando dous dias ás bombardadas com huma nao grossa, em fim se lhe foy, deixando-lhe muyta gente ferida na sua galé. Vingou-se despois em hum zambuco que lhe foy cahir nas mãos bem carregado. Em fim, qual mais qual menos, não ouve navio que deixasse de fazer proveyto. Tinha o Capitão-mor dado ordem geral que se fossem todos juntar com elle em Caxem, cidade da costa da Arabia. Daqui foy dar vista a Adem, que neste tempo corria em amizade com o Estado, em odio dos ru-

mes, que tinhão tentado fazer-lhe dano. E porque a tenção e aparato desta armada fora ir buscar os rumes de Camarão, quiz primeyro ter informação dos tempos que cursavão no estreyto, e do estado em que se achavão estes enemigos. Cuydando em que pessoa inviaria a isso, fiou-se da que menos devera, que foy o Piloto-mor da armada. Este encontrando á entrada do estreyto duas embarcações de presa, encheo-se de vão-gloria com o sucesso; e sem mays se cansar no que lhe era encommendado, fez volta, dando tays novas do mar e dos enemigos, que Antonio de Miranda ficou corrido de fiar cousa de tanta importancia e honra sua de tal homem, porque em nada concordava seu dito com o que tinha sabido d'outros. Dezejou então acometer o estreyto, mas vio-se falto de mantimentos e receou tempos contrarios. Em fim parou huma armada tão custosa no interesse das presas, e em se tornar sem ver o rosto aos enemigos de Camarão, quando este era o principal fim pera que fora inviada. — Quiz da volta vingar-se de Zeila e Xael, cidades de mouros: em Zeila não achou mays que o casco da povoação vazia de gente e fazendas: queimou o que achou, e quando quiz fazer outro tanto em Xael, deu-lhe huma tempestade que o fez correr contra Mascate, que he colheyta e abrigo dos navios que sahem do estreyto. De Mascate deu vista a Ormuz, a pôr em boa arrecadação as presas; e tornando contra a costa de Cambaya, afim de fazer outras nas naos que vão a Dio, sendo fim do mez de Agosto, achou o tempo tão verde que, não podendo o seu galeão sofrer amarra no porto de Dio, onde todos ancorarão, correo pera Chaul, o que fizerão tambem os companheyros, salvo Antonio da Sylva e Enrique de Macedo com outras duas velas. Foy-se apoz o Capitão-mor Lopo de Mesquita com o seu galeão, que chamavão o Çamorim, e correndo tormenta foy encontrar com huma poderosa nao de mercadores que navegava pera Dio. Não quiz o Mesquita perder a occasião: abalroou-a; mas achou brava resistencia. Trazia duzentos homens de guerra, bem providos de armas e melhor de animos: com tudo forão entrados, sendo o Mesquita o dianteyro com até trinta companheyros que o seguião. Mas eys que na mor furia da briga sentem quebrar os arpeos, que tinhão os navios ferrados, com a força da tormenta que

não cessava. Larga-se o galeão: ficão os nossos trinta envoltos com os enemigos. Dando-se por perdidos, determinarão vender a vida por tal preço, que esta desesperação os fez vencedores: tantos matarão dos duzentos que ficarão senhores da nao. Mas avia novo e mayor perigo: estava a nao aberta, e hia-se ao fundo com agoa, do saluçar que fizera sobre o galeão como em huma penha forte, em quanto estiverão juntos. Juntou o Capitão á pressa todo o dinheyro que avia entre os enemigos: manda com elle no batel seu hirmão Diogo de Mesquita, que o passasse ao galeão, e torne a buscar os companheyros. Partio elle; mas o vento era tanto que n'hum momento lhes levou da vista o galeão: quizera o Mesquita que se tornara o batel pera a nao, mas os companheyros tomarão outro conselho: fizerão conta que se tornavão se perderião todos, ou na nao por aberta e chea d'agoa, ou no batel por pequeno e não capaz de tanta gente: fizerão-se á vela, apezar do Mesquita, em demanda de Chaul. Entre tanto o hirmão com os poucos que lhe ficarão deu-se tal manha em remediar a nao, vendo tardar o batel, que tomadas as agoas mais damnosas entrou brevemente em Chaul, inda que com muyto trabalho, onde achou o seu galeão e o Capitão-mor, mas nenhuma nova nem recado de Diogo de Mesquita nem do batel. E foy o caso que como derão á vela pera Chaul, toparão com a armada de Dio, que os cativou e levou a ElRey de Cambaya. He muyto digno de memoria o grande valor com que todos resistirão a hum abominavel requerimento que ElRey com elles teve de que negassem a fé: não valerão promessas de estados e riquezas, menos ameaças e feros: passou-se a obras; mandou ElRey cevar hum grossa bombarda, e meter dentro Diogo de Mesquita pera fazer delle pelouro. Tão alegremente e com tal esforço entrou no martyrio, que admirado ElRey mandou que cessasse e ficassem todos em prisão, de que despois sahirão honradamente.

Por differente modo passou quasi igual perigo Anrique de Macedo com o seu galeão Çamorim. Deu-lhe calmaria sobre a barra de Dio: sahem-lhe sincoenta fustas e tres galeotas: envestem com elle: pelejou-se desde polla manhan até tarde com tal braveza, que mortos a mayor parte dos nossos e feridos todos, chegarão a estado de não

ficarem mais que seis ou sete homens em pé, e huma molher servia de dar polvora aos bombardeyros. Faltava pouco pera tambem estes acabarem de moydos e cansados do trabalho, quando lhes acudio a misericordia divina, que nunca desampara os seus, por hum estranho modo. Vinha seguindo a mesma via Antonio da Silva no seu galeão Reys-magos: começou a entrar a viração da tarde; levou-lhe ás orelhas os ecos da artilheria que retumbavão pollas agoas. Velejou quanto pode, entendendo o que podia ser, e chegou a tão boa hora, que não só salvou ao Macedo da afronta em que estava, mas fez fugir as fustas com morte do capitão, que era hum filho de Xeque Gil, que tambem morreo ás mãos de portuguezes em Chaul, sendo Capitão das fustas de Baçaim. Com a chegada destes dous galeões, que erão os que só faltavão de toda a armada, navegou Antonio de Miranda pera Goa aonde chegou em 17 de Oitubro.

CAPITULO XV.

Desbarata Lopo Vaz cento e trinta paraos de Malabares, e queima o lugar de Porcá.

Tendo Lopo Vaz feito tamanho estrago nos paraos de Calicut e sua costa, assi por sua mão como pollas de seus capitães, erão todavia tantos os que cada dia aparecião de novo, que não lança mais formigas do centro da terra hum seco outono. E porque o numero lhes dava brios pera usarem de rebolarias e soberba, atrevendo-se a passar á vista das nossas fortalezas, deu-se por obrigado a ir em pessoa visitar a costa, e despedio logo diante Simão de Mello com um galeão e seis fustas, e elle o seguio com quatro vellas grossas e sete paraos. Chegando a Cananor quiz mandar espiar onde acharia huma grande frota delles, que no dia atrás sobre tarde se lhe tinhão mostrado ao longo de terra: mas não foy necessaria a diligencia, porque os mesmos, tendo vista da nossa armada, se forão despejadamente a ella, a tentar se nos podião fazer algum damno: e no dia seguinte, com grande affouteza passarão

pollo Governador, lançando-se por entre elle e a terra, porque os navios grossos vinhão ao mar com calmaria, e dos miudos, por serem poucos, não fazião caso. Não tinha o Governador natureza pera dissimular com sobrançarias: encheo-se de paixão; e com quanto os mais da companhia erão de parecer que se não arriscasse a pelejar, visto não se poderem aproveitar da força dos navios grossos, e os miudos serem nada em comparação dos que tinhão diante, assi se foy a elles como faz hum gavião a bando de estorninhos; e rompendo com as suas seis fustas e sete paraos aquelle grande cardume de vasos, que não erão menos de cento e trinta, como depois se soube, entrava e sahia, e tornava a voltar sobr'elles, como fazem ginetes com gente de pé, e de cada volta lhes fazia notavel dano com novas cargas de espingardaria e artilheria, tão bem empregadas e replicadas que, despois de lhe meter algumas embarcações no fundo com muyta gente ferida e morta, ouveram pera seu barato irem-se alargando, porque virão no mesmo tempo que da parte de Cananor vinhão em nosso favor tres paraos de gente fresca e descansada, e do mar começava a viração da tarde a trazer os galeões. Conhecido o medo, deu o Governador traz elles, tomando embarcações, matando e cativando homens, de sorte que no fim da briga, que durou desde polla manhã até a vespara, e foy dos mais fermosos dias que por este tempo tevemos na India, se achou que ficarão mettidos no fundo dezoito paraos, tomados vinte dous, mortos quasi oitocentos malabares, e muytos outros cativos.

Avia dous lugares nesta costa de que o Governador tinha particular escandalo, e desejava castiga-los e humilha-los de maneyra que servisse o castigo de emenda pera elles e exemplo pera os visinhos. Era hum destes Chatuá, onde, perdendo-se com tormenta naquella paragem huma armada nossa de navios de remo, e querendo-se salvar no rio alguns que escaparam da furia do mar, forão recebidos como enemigos, mortos e cativos todos. Era o outro a cidade de Porcá, cujo senhor, que vulgarmente he chamado Arel de Porcá, tinha ganhado honra e proveito seguindo as armadas portuguezas, e ajudando-as com numero de catures e gente, e despois, mudando conselho, por toda a parte que podia nos fazia crua guerra, pera o que tinha muyto aparelho no seu rio. A occasião

que teve pera esta quebra deixamos contada no feito de Coulete, onde sendo companheiro se pôz de parte na mór força do perigo a ver, e não experimentar o assalto. Pollo que o Governador Dom Anrique, despois de lhe mandar fazer alguns sinays que acudisse á sua obrigação, lhe fez o ultimo com o pelouro de um berço, tão bem guiado que lhe foy quebrar huma perna.

Contra Chatuá lhe pareceo que bastava mandar Simão de Mello capitão dos bargantins, que no rio queimou catorze paraos, e sahindo em terra destruyo e abrasou o lugar: mas pera com Porcá, como terra grande e rica, juntou o poder da nossa armada que estava em Cangranor, assi pera levar mais força, como pera lhe dar parte no saco, que esperava ser de muyto proveito. Estavão os mouros descuydados, e era o Arel ausente: amanheceo o Governador sobre a cidade com mil homens, os mais arcabuzeyros, e todos alvoroçados pera se fazerem ricos, que entre soldados costuma ser a melhor espora pera facilitar toda difficuldade. Não foi comtudo parte a hora do acometimento não esperada, o descuydo dos acometidos, e a falta do capitão, pera deixarem de acudir ás armas com grande primor, e receberem muytos constantemente a morte em defensão dos lares da patria, e á vista das molheres e filhos; mas forão tantos os mortos que os montes delles tolhião aos vivos a desenvoltura na resistencia e na offensa dos nossos; e em fim não podendo sofrer o impeto do ferro e fogo que por toda parte os cercava, venceo o amor da vida ao de todos os mais penhores presentes, e tratarão de se salvar por pés, deixando em poder dos nossos hum fermoso rechêo de ouro, prata, pedraria, sedas, panos ricos e outras fazendas, junto de muytos annos pera saco de hum só dia. Ouve grande numero de cativos, e entre elles a molher do Arel e outras pessoas nobres. Tomarão-se treze bons navios de remo e muita artilheria, e ultimamente, despois de esgotada a cidade de tudo o que avia de preço, foi entregue ao fogo e ardeo toda. Fez o successo mais de estimar não aver de nossa parte homem nenhum morto, e serem os feridos poucos.

Com este mesmo rigor foy tratado pouco depois o lugar de Marabía, a quatro leguas de Cananor, por mandado de Lopo Vaz. Era o rio huma ladroeyra de cossarios,

sem ElRey de Cananor, que era senhor da terra, lhe poder dar remedio. Pagarão agora por junto. Foy Simão de Mello huma manhã a horas que começava a clarear o dia: pelejou com hum golpe de paraos que guardavam o porto, queimou doze, e fogindo os mais saltou em terra. Trabalharão os mouros polla defender, mas no fim aconteceo-lhes o que aos de Porcá.

CAPITULO XVI.

Viagem de Pero de Faria a Malaca: Morte de Simão de Sousa Galvão no Achem: Guerra em Maluco entre Portuguezes e Castelhanos.

Resta-nos, pera concluyr com os sucessos de Asia do presente anno darmos conta da viagem de Pero de Faria e Simão de Sousa Galvão, ultimamente despachados pollo Governador, e juntamente dizermos alguma cousa do que no mesmo tempo passou em Maluco. Partirão juntos de Goa, como fica dito; mas antes de chegarem a se engolfar forão salteados de huma brava tormenta que os apartou, e com muyto trabalho chegarão a tomar terra; Pero de Faria em Malaca, onde logo lhe foy dada posse da fortaleza por Jorze Cabral; Simão de Sousa Galvão na barra do Achem, onde o esperavão mayores males que os da viagem. Quizera elle fazer-se logo à vella, como quem sabia que não avia que ver da terra em que estava: tolheo-lhe o tempo contrario; que durava todavia o bom conselho. Entretanto teve aviso de sua chegada o Rey da terra, e uzando de sua costumada dissimulação e enganos, com que tem acrecentado seu estado e derramado muyto sangue portuguez, primeyro mandou espiar o estado em que os nossos vinhão por hum inviado que trazia nome e palavras de visitador; palavras brandas e sintidas do tempo riguroso e viagem mal escançada, e juntamente conselho que entrasse no porto, com promessas de achar nelle todo bom tratamento da terra e abrigo do mar. Respondeo Simão de Sousa com agradecimento ás offertas, mas sem aceitar nada. Porém amanhecendo o dia seguin-

te, e não dando o mar sinal de bonança, acudio á bordo huma embarcação de parte delRey a lhe pedir que quizesse entrar pera dentro, e que pera revocarem a galé inviava humas lancharas, que começarão a dar vista de si, e vio-se logo pollo numero dellas e da gente e armas que trazião que vinhão pera fazer força como enemigos mais que pera uzar de beneficio e amizade. O estado da galé era de hum navio que tinha pelejado com as ondas do mar, e corrido muytos dias a arvore seca, destroçado de remos e todo genero de palamenta, e os homens meyo mortos do grande trabalho que tinhão padecido. Erão as embarcações muytas, e em todas muytos enemigos: foi a galé entrada por muytas partes, como huma praça aberta, servindo de tranqueira e muro os braços e peitos de setenta Portuguezes, que não vinhão mais. Porem estes poucos derão tanto que fazer a hum exercito inteiro, que em roda os cercava e metia gente fresca a cada passo na galé, que o fizerão retirar com tantas mortes e feridas que forão dar novas a ElRey que erão lyões e não homens os que nella pelejavam. Ficarão os nossos sem sangue e sem forças, e mortos e feridos a maior parte. Encheo-se de rayva o Achem: chama aquella noyte o seu capitão-mór do mar, que no porto se achava; manda-lhe que leve pola manhã toda a armada e traga a galé, com pena de o pagar com a cabeça, se lha não traz. Dezejou o capitão-mór escusar briga: tomou por mêo imitar nas manhas a seu amo; manda-lhe significar que não duvide entrar no porto, affirmando que ElRey seu senhor queria por seu meyo tratar de paz e commercio com o capitão de Malaca. Sempre fez dano escutar razões de enemigos, inda em casos de menos aperto. A força do perigo e o temor da morte hião acreditando o fingimento e a falsidade certa. Assi começarão a brandear alguns, e a pedir a Simão de Sousa que, visto não estarem já com forças pera segunda resistencia, desse ouvidos a algum concerto. Era Simão de Sousa hum dos valentes soldados que tinhão passado á India, e juntava com a valentia nome de grande christão, e muyto sisudo, e por tal fôra escolhido pera hir remediar as descomposturas de Maluco: chamou pera si os companheyros, e falou-lhes assi: « Senhores e hirmãos, o tempo não he de consulta; só vos quero dizer o que ha de ser de vós e de my se a estes barbaros nos rendemos: a hum assarão

vivo a fogo lento, outro frigirão em azeite, a outro espetarão. Ha aqui algum a quem não sejão notorias as verdades mouriscas? A nenhum de nós deixarão de tirar a vida com exquisitos martyrios senão áquelle que for tão mofino que deixar a fé. Vede agora qual nos estará melhor, se ganharmos oge coroa de martyres pelejando por Christo, e defendendo o navio delRey, se arriscarmos essa mesma coroa quando despois nos poserem á vista dos tormentos. De my vos sey dizer que tanto amo minha vida como cada hum de vós ama a sua; mas em quanto este braço tever forças pera governar esta espada (levantou o braço e a espada que nua tinha na mão), não aceitarey partido nenhum de quem sey que me mente, e que se agora me offerece vida he pera ma tirar despois com dobrada pena e com risco por ventura da salvação da alma.» Cahirão todos em que aquella era a pura verdade; responderão que estavão prestes pera o seguir e morrer com elle. Não tardarão os mouros em remetter á galé com tanta braveza que pareceo que daquelle primeyro impeto ficarião senhores della; mas os Portuguezes, assi como erão poucos e estavão desfalecidos de sangue e das forças, lembrando-lhes que morrião polla fé de Christo e contra enemigos della, cobrarão novos espiritos, e fizerão taes proezas que podemos dizer excederem as sonhadas dos livros fabulosos. Tantos corpos tinhão diante de si mortos, que já lhe servião de vallo contra os vivos, e era o sangue tanto na galé que corrião rios delle ao mar; mas não era menos seu que dos enemigos; porque a este tempo erão quasi todos mortos, e os vivos tão feridos que já não podião governar as armas nem menear os braços. E com tudo inda assi fizerão retirar os mouros: e puderão ter mais horas de vida se não succedera lançar-se a nado hum dos mouros forçados da galé, que dando aviso aos enemigos do estado dos nossos, foy causa de tornarem sobr'elles e os acabarem de todo. Morreo Simão de Sousa passado de hum zarguncho d'arremesso e tal força que lhe falsou as couraças e lhe pregou o coração. Sobre Dom Antonio de Castro forão tanto numero de frechas que lhe cravarão as mãos na haste de uma alabarda com que tinha mortos muytos mouros, e perdendo muyto sangue de outras grandes feridas que já tinha, cahio morto. Todo o triunfo dos mouros se resolveo em levarem ainda vivos dous homens,

que forão Antonio Caldeyra e Jorze d'Abreu, aos quays o Rey barbaro mandou curar com piedade fingida pera com elles, como negaça, colher outra redada de gente enganada segundo adiante veremos.

Neste tempo governava a nossa fortaleza de Maluco Dom Jorze de Menezes, que, sendo naturalmente inquieto de seu animo, não lhe faltavão outras inquietações de fóra. Sucedeo aparecer nesta paragem pollo mez de Março huma nova nao de Castelhanos: mandou-lhe requerer Dom Jorze que se viesse a Ternate: respondeo ao requerimento com bombardadas, e foy-se recolher no porto de Geilolo enemigo dos Portuguezes, donde foy em ajuda de se tomar em Montel huma galeota nossa, e matarem nella com huma briga muy travada a Fernão de Baldaya e outros Portuguezes. Esta nao era huma de tres com que Alvaro de Saavedra sahira de Nova Espanha, do porto de Zinatlanejo no anno atraz de 1527 em busca da armada de Loaysa, e mandado por Fernando Cortez seu parente (1). Em Geilolo carregou de cravo e pertendeo tornar a Nova Espanha. Teve trabalhosa viagem, e morrendo nella, arribou a nao a Geilolo por fim de Outubro comida de bruma. Entre tanto ardião em guerra os Tidores e Ternates. Queimarão os Tidores hum lugar delRey de Ternate chamado Chiamo, e Dom Jorze mandou a Dom Jorze de Castro sobre a cidade de Camafo da jurdição de Tidores que pagou queimada a perda de Chiamo. E em fim vierão os dous Capitães Dom Jorze e Fernando de la Torre a concertar-se em tregoas por algum tempo: o qual sendo espirado tornarão a romper com tanto odio, que o Castelhano mandou os seus em favor de Cachil Rade, capitão-mor delRey de Tidore a tomar huns lugares que o de Ternate possuya na Ilha do Moro: e foy o successo tão contrario aos Portuguezes e Ternates, que ficarão mortos alguns e desbaratados todos. Dom Jorze que, sobre muyto esforçado, era tambem ardiloso, e de Fernando de la Torre tinha particular escandalo, porque pedindo-lhe prorogação das tregoas, o Castelhano lha negou, juntou com segredo tudo o que avia de força entre os Ternates, e deu huma manhã, dia celebre dos Santos Apostolos Simão e Judas, sobre a cabeça do Estado de Tido-

(1) Antonio de Herrera na Hist. das Indias, dec. 4, L. 1 e 3.

re que he a ilha e cidade do mesmo nome, e sem lhe poderem valer os Castelhanos, que ardidamente acudirão á defensa, foy entrada, saqueada, e queimada. ElRey fogio, e os Castelhanos se retirarão ao seu forte deixando no campo dous mortos, e presos quatro, e todos os mais feridos. Bem se diz que a boa guerra faz a boa paz. Ficou Fernando de la Torre tão espantado do sucesso, que temendo ser assaltado por Dom Jorze, deceo a todos os partidos e condições que Dom Jorze quiz, mandou-lhe a galeota do Baldaya com toda a artilheria e munições, e fez que ElRey de Tidore restituisse ao de Ternate a ilha de Maquiem, e se fizesse tributario a ElRey de Portugal em certos bares de cravo em cada hum anno. Com que ficarão por algum tempo em paz.

CAPITULO XVII.

Das naos de 1529 que partirão da India pera o Reyno e do Reyno pera a India: e outras armadas que ElRey despachou em Portugal.

Parece-me conveniente juntarmos a este livro quarto o anno de 1529 pera acabarmos com o governo de Lopo Vaz de Sampayo, e darmos conta do que fez Nuno da Cunha em quanto tardou em chegar á India, e tomar posse della. Entrada de Janeyro mandou Lopo Vaz despachar com carga de especiaria as duas naos que pouco antes erão chegadas a Cochim da companhia do Governador Nuno da Cunha, em que vinhão por Capitães Antonio de Saldanha e Garcia de Sá: e Lopo Vaz, ordenando que estes dous fidalgos ficassem com elle no serviço delRey, deu a capitania dellas pera o Reyno a Gonçalo de Sousa e Lopo Rebello.

No mesmo anno mandou ElRey despachar em Lisboa quatro naos pera a India, Capitão-mor Diogo da Sylveyra filho de Martim da Sylveyra, hirmão de Dona Maria da Cunha primeyra molher de Nuno da Cunha. Das tres erão Capitães Anrique Monis, Ruy Gomes da Gram, e Ruy Mendes de Mesquita. O Monis faleceo no mar,

e levava comsigo dous filhos de pouca idade, Antonio Monis, que despois foy Governador da India, e Ayres Monis. Chegarão estas quatro naos á barra de Goa com fermosa viagem dia de S. Bertolameu 24 d'Agosto. No mesmo mandou em guarda ao Estreyto de Gibraltar huma armada de que fez Capitão-mor a Dom Estevão da Gama filho do Conde Almirante Dom Vasco, e despachou outra pera a Malagueta de quatro caravellas, de que deu o cargo a Francisco Annes Gago.

CAPITULO XVIII.

Despacha ElRey Embaixador ao Emperador sobre as cousas de Maluco, e provê algumas cousas no Reyno. Nace a Iffante D. Isabel.

Atraz deixamos contado como o Embaixador do Emperador Lope Hurtado de Mendoça, entre as mais cousas que de sua parte pedia a elRey, foy hum emprestimo grosso de dinheyro, navios e munições, visto o grande poder da liga, que elRey Francisco de França e Enrique de Inglaterra tinhão contra elle movido, e a obrigação em que Sua Alteza estava de o não desemparar em tal tempo. Pera responder nesta materia lhe inviou ElRey Dom João na entrada deste anno por seu Embaixador o licenciado Antonio d'Azevedo Coutinho, fidalgo de sua casa e do seu conselho, com ordem que em particular a elle e a seus ministros representasse os grandes desejos que Sua Alteza tinha de acudir a huma necessidade tão urgente como por Lope Hurtado lhe fora manifestada; porem que sendo a boa vontade muy certa e prompta, era vencida da estreyteza em que sua fazenda se achava com acudir á India, por onde lhe entravão Turcos com grande armada, que tinhão junta no mar roxo: e sobre esta despeza, que era extraordinaria e excessiva, lhe fazião outra muyto grande, e tambem extraordinaria, as praças que sustentava em Africa; porque neste anno as tinha mandado ver e fortificar com engenheyros: e sendo, como o erão todas, de mais uso e proveito dos Reynos de Castella

que de Portugal, despendia no provimento continuo grande parte das suas rendas dellas, alem d'outro gasto que fazia quasi cada anno despachando armadas pera guarda das mesmas praças e do Estreyto, e afóra muytos navios outros, que sempre trazia no mar pera guarda deste reyno e suas costas e das naos que tornavão de suas conquistas, infestadas sempre de muytos piratas, que França de continuo brotava, á conta da guerra que tinha com elle Emperador, e de que o mayor dano era de Portugal. O que tudo era causa despois de estarem seus thesouros esgotados, de chegar a valer-se de muytos dinheyros tomados a cambio por meyo dos feitores que tinha em Frandes como era publico: que empenhar-se em novos cambios pera emprestimo e necessidades alheas, inda que elle o fizera de boa vontade, receava seria cousa de seus conselheyros e vassalos mal recebida, pois era desentranhar-se pera outrem em tempo que avia mister tudo pera si. Porém que o grande amor e obrigação que a elle Emperador tinha, lhe descobriria hum mêo, não pera emprestimo, mas pera verdadeira dadiva, que era comporem-se ambas as coroas na questão que todavia durava sobre a propriedade das ilhas de Maluco, as quays sendo, como verdadeyramente erão, da conquista e demarcação de Portugal, todavia Sua Alteza por escusar contendas e odios onde tantos vinculos avia de amizade, e por se não póder dizer que ajudava em algum modo a conjuração geral que contra elle Emperador estava feita, folgaria de se comporem com lhe dar huma moderada contia de dinheyro, com aquella commodidade de tempo e prazos no pagamento que o estado e difficuldades de sua fazenda pudessem sofrer. Erão tres os ministros a quem o Emperador tinha commetido a materia, Mercurio de Gatinara Grão-Chanceller de Castella, e Dom Fr. Garcia de Loaysa confessor do Emperador e Bispo de Osma, e Dom Garcia de Padilha Commendador-mayor de Calatrava. Disputado o negocio por muytos dias, em fim vierão a concordar e celebrar escritura na cidade de Çaragoça de Aragão, onde o Emperador se achava, aos 22 dias do mez de Abril do anno em que imos de 1529. Não posso acabar comigo treladar escrituras inteyras, onde basta especificar a sustancia. Dar treslado de papeis he modo de encurtar trabalho, encher muyto, e cansar os leytores. Forão as condições de

mais sustancia, que o Emperador, como Rey que era de Castella, vendia a ElRey Dom João 3.º de Portugal com pacto de retro todo o direyto, poder e dominio, propriedade e posse, ou quasi posse que tinha ou podia ter nas ilhas de Maluco, por contia de 350:000 ducados d'ouro de 375 maravedis cada ducado, pagos em certos lugares e tempos. E com declaração, que desde logo avião por lançada huma linha de polo a polo por hum semicirculo, que distasse de Maluco pera o nordeste, tomando quarta de leste, dezenove graos, a que correspondião na Equinocial dezesete escassos, que he a paragem onde estão situadas as ilhas que chamão de las Velas e de S. Thomé: na qual distancia se comprendião duzentas e noventa e sete legoas, mais ao oriente das ilhas de Maluco. Item que nenhum vassalo do Emperador poderia comerciar, nem tratar, nem navegar pera dentro do dito limite, e sendo achado nelle fosse castigado, como quebrantador da paz de seu Rey e deste assento. Item que sendo achados dentro do dito limite alguns vassalos do Emperador fossem presos por qualquer Capitão d'ElRey de Portugal. Item que este contrato não derogasse as capitulações antigas feitas entre ElRey Dom João 2.º de Portugal e os Reys catolicos Dom Fernando e Dona Isabel. Item que este contrato seria jurado pollo Emperador e por ElRey: e sobre tudo se pediria ao Santo Padre o confirmasse por sentença sua.

Confirmou ElRey este contrato em 20 de Junho do anno seguinte de mil quinhentos e trinta: fez a escritura de confirmação Pero d'Alcaçova Carneyro.

Em 7 d'Abril fez ElRey mercê a Dom Jorze de Menezes filho do Conde de Cantanhede de lhe confirmar em sua vida as villas de Tancos, Atalaya e Assinceira, com toda sua jurdição, e com mais os padroados.

Em 9 de Setembro a Christovão de Brito deu o officio de trinchante do Cardeal Dom Afonso.

Em 16 de Janeyro a Dona Isabel, molher que foy de Dom Alvaro de Castro, fez mercê de huma tença de 2:500 coroas.

Em 10 de Fevereyro confirmou Sua Alteza hum escaymbo feito entre ElRey Dom Afonso 5.º e Martim Lourenço da Cunha, pollo qual lhe deu a terra de Pombeyro pollos lugares de Torres do Bairro e do Vilarinho:

os quays ora confirmou e deu a Matheus da Cunha, filho de João Alvares da Cunha, com todos seus direytos e pertenças, e jurdição civel e crime.

Em 17 de Oytubro confirmou Sua Alteza a Luis da Sylveyra, seu Guarda-mor, ojulgado d'Oliveira do Conde e as terras de S. João de Penalva, com todas suas rendas, e as quintas que forão de João Fernandes Pacheco, que tinha na Lousã e em Oliveyra de Courellos.

Em 6 de Novembro confirmou Sua Alteza o officio de Alferes-mór do reino a Dom João de Meneses, filho de Dom Luis de Meneses.

Em 20 d'Abril mercê de setenta mil réis a Dona Anna da Costa, molher de Dom Fernando de Noronha.

Em 22 e 30 de Julho mercê a Fernão Vaz de Sampayo de duzentos mil réis de tença pollas judarias da Bemposta e em satisfação dellas; e confirmação do cargo de fronteiro das villas de Moncorvo, Villafrol e Ansiães, e declara que lhe faz esta mercê por sua lealdade, bondade e desquirição.

Em 24 d'Abril confirma o officio de Almirante destes Reynos a Antonio d'Azevedo, filho do Almirante Lopo Vaz de Azevedo.

Em 23 de Junho mercê de Conservador dos Estudos de Lisboa ao doutor Francisco Tibaut, pollos serviços do Doutor Ruy Gonçalves Maracote seu sogro, desembargador dos feitos crimes.

Em 20 de Mayo confirma Sua Alteza a doação da Honra de Sobrado em terras de Payva a João Rodrigues de Sá Alcayde-mór do Porto.

Em 20 d'Agosto confirma a doação das terras do Castello de Lanhoso e lugares de Sinde com toda sua jurdição civel e crime, e assi mais os lugares de Azeire, Santa Cruz e Cifrães a Dom Diogo de Castro fidalgo de sua caza.

Em 16 de Dezembro mercê de tres mil coroas de tença a João Lopez de Sequeira em satisfação do Castello de Santa Cruz no Cabo de Gué.

Em 8 de Junho carta e mercê da capitania-mór das galés que Sua Alteza ordenou este anno pera andarem no Estreyto de Gibraltar, a Dom Pedro Mascarenhas.

Em 17 de Oytubro mercê ao Marquez de Villa Real Dom Pedro de Menezes dos direytos reays da terra de Val-

ladares de juro e herdade, que forão de Leonel d'Abreu, que lhos vendeo: e ao dito Marquez doação da fortaleza de la Pella, que he sobre o rio Minho, em sua vida.

Em 29 de Novembro mercê a Dom Gemes filho do Duque da Bargança, da comenda de Santa Maria de Gundar da Ordem de Christo.

Neste anno teve a Raynha Dona Caterina seu terceyro parto de que naceo a Iffante Dona Isabel em Lisboa, huma quarta feira 28 de Abril, que faleceo minina.

CAPITULO XIX.

Successos de Africa. Guerra de Arzilla, sendo inda Capitão Antonio da Sylveyra.

Por huma carta original do Duque de Bargança Dom Gemes pera ElRey, escrita em Olivença a 8 de Janeyro deste anno, que achamos nos cayxões da Secretaria da Torre do Tombo, se mostra mandar Sua Alteza este anno a Duarte Coelho correr os lugares de Africa, com dois engenheyros, pera com parecer dos tres os fazer fortificar. Não nos consta se era este o fundador da capitania de Pernambuco no Brasil. E se elle era, este foy o primeyro serviço em que por ElRey foy occupado no Reyno: e podia ser chegado do anno atraz de 28 despois de continuar vinte annos na guerra e trabalhos da India, que tantos correm da entrada do de 1509, em que passou á India na armada em que foy por Capitão-mór o Marichal Dom Fernando Coutinho. A sustancia da carta he avisar o Duque a Sua Alteza que não se fará bem seu serviço levando Duarte Coelho em sua companhia mais que o engenheyro Diogo d'Arruda, porque o outro, que não nomêa, diz que era de tal condição, que em nenhuma cousa concordaria com Duarte Coelho. Adverte mais que pera correrem a costa era o tempo de muyto perigo, e bastava por então verem as praças que ha de Arzilla até Ceyta, e virem dar conta a Sua Alteza do que nellas acharem, e despois tornar a ver Çafim e Azamor; e concluia a carta com humas palavras que muyto servem pera o que veremos

adiante: e são as seguintes: *No cabo de Gué não falo, porque neste não deve Vossa Alteza mandar ver nenhuma cousa, senão manda-lo derribar, porque sempre assi mo pareceo des do dia que se fez. Nosso Senhor &c.* Não tem mais firma que — o Duque — sem declarar o nome, mas bem se vê que neste tempo era Dom Gemes o que escrevia.

No mesmo tempo, que era entrada de Janeyro deste anno, deu o Capitão Antonio da Sylveyra em Arzilla licença ao Alcayde-mór Fernão Nunes pera fazer huma entrada com trinta de cavallo, em que teve por companheyros a Roque de Farão, e Artur Rodrigues Almocadem: e entrando polla boca do Bena Mandux derão com hum mouro que guiava hum grande golpe de gado grosso e miudo, que sem nenhum trabalho, nem serem sintidos na serra, trouxerão ao campo, e entrado na villa se acharão ser setecentas cabras e carneyros, e trinta vacas, com que a villa ficou largamente provida de carne.

Forão queixas a ElRey de Fez da gente da Serra desta e outras oppressões, que recebia dos nossos. Acudio a favorece-la com tanto poder de gente, que cingio a villa de mar a mar. Era já entrado o mez de Abril: estavão as sementeyras dos pobres moradores viçosas e fermosas: achando o capitão recolhido e acautellado, passou depressa a Tangere, mas não caminhou tanto que anticipasse o aviso que na mesma noyte Antonio da Sylveyra lhe mandou por mar; o que foy causa de achar lá tudo em tão boa ordem, que não pode fazer mais dano que vingar-se nas novidades, em que fez lastimoso estrago, mandando-as talhar e comer por quatro dias inteyros, e dando volta sobre Arzilla não quiz vir com segredo, nem por-se em cilada, como outras vezes fazia, mas com suas bandeyras despregadas estendeo toda a gente de pé e de cavallo a talhar e segar tudo o que havia de verde, com rayva barbara, que muyto custou despois a todos os vizinhos, assi da serra como de Alcacere. Nos dias que aqui esteve fez seu alojamento no sitio costumado do Palhegal, que he tão chegado á villa, que o alcansavão alguns pelouros de huma peça grossa, com que se lhe fizerão tiros. E como a gente era tanta chegarão a por-se no Barreyro, que he hum tiro de pedra do baluarte de Santa Cruz, e entrarão pollo adro até trinta de cavallo; onde aconteceo cahir hum em terra, e notado por alguns dos nossos o ca-

so (serião dez ou doze de cavallo) derão sobre elles, chamando por Santiago, e levando-os té fóra da tranqueira, matarão quatro mouros: e com este dano, sem dos nossos se receber nenhum, levantou elRey o campo e tornou pera Fez. Mas não era elRey bem despejado da villa, quàndo o Capitão despachou os Almocadens contra Bunsara com quarenta de cavallo, que cortando os pães á espada, e trilhando-os com os cavallos em ala, fosse sinal do que havia de fazer ao diante quando estivessem secos e a ponto de debulhar. Entrado o mez de Junho, estavão às searas parte branqueando de maduras e secas, parte cegadas já e postas em medas nas eyras: mandou o Capitão fazer muytas rocas de fogo, e carregando dellas huma azemala, sahio com toda a gente a correr a Algarrafa, e passada a ribeyra de Taliconte chegou até junto do Porto Largo a horas de mêo dia, que os cegadores, fogindo do sol do campo pera as sombras do arvoredo, tomavão o repouso da sesta: então mandou repartir as rocas pollos corredores e dar-lhes fogo, caminhando em ala pera o fogo fazer mais obra ajudado do Levante que assoprava e o favorecia. Era lastima ver arder campos inteyros; mas mayor o foy pera os naturays quando os nossos chegarão ao lugar das eyras, onde as rocas, goteando enxofre e accesas, fizerão em cinza grandes e altas medas de trigo e cevada, que erão tantas que se perdeo o dia, ficando cuberto o ceo de espessura de fumo, e os pobres lavradores queixandose ao ceo com miseraveis exclamações, não dos christãos, mas do seu Rey, que fôra primeyro autor da crueldade que agora pagavão. Não era o dia de fazer dano mais que aos fruitos da terra; mas ainda se fez algum aos homens Sinalou-se nelle Manoel da Costa, natural de Serpa e amo do Capitão. Entrando polla tranqueira da aldêa diante dos companheyros, foy recebido de tres mouros de cavallo que acudião ao rebate; mas tal manha se deu com elles que derribou hum com a lança e outro com o encontro do cavallo, e no chão forão ambos alanceados dos que entrarão traz Manoel da Costa, e os dous cavallos tomados, fogindo o terceyro mouro. Ouve-se o Capitão por vingado com a perda que deu aos mouros neste dia, e com tudo inda trouxe seis cativos, e tres cavallos tomados, e algumas poucas de vacas: e ficou toda a comarca tão atemorizada, que tanto que o Conde do Redondo entrou em

Arzilla, que foy por fim de Setembro, assentou com elle Muley Abrahem que não ouvesse mais semelhante insulto contra as novidades.

Antes de rematar seu tempo o Capitão Antonio da Sylveyra fez huma notavel almogavaria. Sahirão nella Artur Rodrigues, com os mais almocadens e quarenta de cavallo, contra a boca de Capanés: acharão no campo todo o gado das aldêas visinhas junto, e salvando-se o grosso por boa diligencia dos mouros, trouxerão todo o miudo, que despois de metido na villa se achou serem duas mil cabeças. Mas o gosto desta boa presa se trocou logo em muyto sentimento, porque se perderão oyto cavaleyros moradores e casados, sahindo a montear, e forão todos mortos polos mouros, sem escapar mais que hum, que foy Roque de Farão. Este homem se salvou por estranho modo: vendo-se perdido largou o cavallo, metteo-se n'agua da ribeyra de Rio de Moynhos; derão os mouros fogo ao silvado e mato que a cobria, porque acharão o cavallo, e sabião que o tinhão aly certo; porèm foi sua ventura que, mergulhando quando a labareda lhe andava sobre a cabeça, em fim escapou. Succedeo esta desgraça hum Domingo, dia de Nossa Senhora de Agosto, 15 do mez; e logo por fim de Setembro, em 29 do mez, amanheceo sobre o arrecife huma grande frota de caravellas e barcos, que trazia o Conde e sua casa e familia.

CAPITULO XX.

Notavel esforço com que hum barco de Arzilla se defendeo de muytos mouros; e huma caravella d'armada pelejou com tres fustas, e com outra nao de cossarios.

Não se pode passar em silencio o gosto e alvoroço com que o Conde foy recebido em Arzilla. Assi o festejava aquelle povo, como se cada homem vira nelle pay ou hirmão, ou outra pessoa que muyto amasse. Merecia-o elle a todos em geral, e a cada homem em particular, porque se conta que era tão medido nas obras, e tão atentado nas palavras que, em trinta annos que governou aquella fron-

teyra, nunca escandalisou ninguem. Ao que avia que reprender, emendar, ou castigar acudia com prudencia, e sem dissimular culpas; mas era a emenda de maneyra que os culpados confessavão ficar-lhe devendo muyto. Antonio da Sylveyra, por não deter os navios em que viera o Conde, deu pressa em sua embarcação, e partio do Recife em 10 de Outubro, e chegou em salvo ao reyno, onde, como lhe faltou aquelle exercicio quotidiano de trabalhar e cansar, viveo pouco tempo.

Ja tenho dito n'outra parte que os successos do mar de Arzilla e do Estreyto são tão anexos aos da mesma terra, que não determino deixar nenhum que por calidade mereça ficar em memoria, juntando-se achar-se nelles gente de Arzilla. Era casado em Arzilla Petit João Francez, natural de Normandia, bombardeyro de officio, mas em sua pessoa e trato homem muyto limpo e de bons respeitos. Foy em huma caravella acompanhando o Conde a Portugal; e quando se quiz vir fretou hum barco em Ayamonte, que carregou de telha e madeyra, e pera o que podia succeder acomodou-lhe nos bancos huns quatro berços com tão boa ordem que ficavão jugando e servindo bem. Assi se fez á vela, e quando se deu por entrado em sua casa, vendo-se a duas legoas da villa na boca do rio de Tagadarte, eis que lhe sae hum bergantim de mouros, que a boga arrancada foy sobre o barco, que estava em calmaria sem dar hum passo: mas não perdeo o animo o francez. Era sua companhia entre todos sete homens; tres marinheyros castelhanos que mareavão o barco, tres portuguezes dos quays dous erão besteiros, e hum morador de Arzilla pescador, e elle que fazia o officio de Capitão: animando alegremente os companheyros, entregou dous berços que levava de popa ao pescador, com ordem aos castelhanos que o ajudassem, porque erão de camera: e elle, posto na proa com os dous besteiros bem providos de setas, e os outros dous berços e algumas panellas de polvora, esperou o enemigo. Chegados os mouros disparou-lhe Petit João primeyro os seus dous berços, e como forão mais vizinhos lançou-lhe duas panellas de polvora, que queimarão alguns, e fizerão saltar outros ao mar e largar o remo bem chamuscados. Erão os mouros muytos; fazião os besteiros emprego certo de suas setas, e o pescador e marinheyros não estavão ociosos com

os berços de popa. Assi houverão por bem afastar-se; mas vendo que começava a bafejar o vento e sahir-se o barco, tornarão a tomar os remos e investillo, tendo por vileza que tão poucos christãos lhe fizessem rosto; e com tudo não acharão desta vez menos resistencia que da primeyra, e os nossos tão animados que lhe davão apupadas e os chamavão que chegassem. Determinarão os mouros então outro modo de combate, com recêo das panellas de polvora: deixarão-se ficar por popa do barco, e começarão a lançar-lhe dentro muytas setas de quatro ou sinco béstas que levavão, com que se ouverão de fazer senhores do barco se lhe tardara socorro. Deu-se rebate na villa á vista do bergantim: acudirão tres barcos de pescar carregados de moradores armados de couraças e lanças, e alguns espingardeyros, que fizerão fogir o bergantim: ficarão os sete vitoriosos, porêm quasi todos mal feridos. Petit João com duas setadas, e hum dos besteiros com outras duas polla cabeça de que morreo em terra. O bergantim se tornou a Tagadarte, donde foy certo que enterrarão quatro ou sinco mortos; e por levarem mais quinze feridos se forão por terra a Tituão donde erão, deixando o bergantim metido em hum braço do rio que corre contra o campo de Tangere. Forão louvados os sete companheyros, porque sendo tão poucos se mantiverão contra trinta e seis, que tantos se soube despois que erão os mouros.

Não foy menos estimado outro encontro que Lopo Mendez de Vasconcellos, morador de Arzilla, e criado do Conde do Redondo, teve com tres fustas de mouros de Velez, andando por Capitão de huma caravella da armada, de duas que este anno mandara ElRey ficar de guarda no Estreyto. Navegava pera a villa: acalmou-lhe o vento, e cerrou-se juntamente o dia entre ella e Tagadarte: começavão os companheyros a picar os remos, senão quando se vem investidos de tres fustas, que, avendo vista della ao mar, se tinhão escondido no rio esperando a ocasião de a saltearem. Foy o acometimento subito: vinhão os nossos descuydados. Espertou-os a grita dos mouros, e os golpes com que os esporões das fustas vierão quebrar nella. Acudindo ás armas acharão ja muytos enemigos que sobião polla enxarcea por huma e outra parte. Foy a primeyra resistencia d'espadas e lanças, com que fizerão decer huns, e outros saltar ao mar; e logo lançando mão

de bombas de fogo e panellas de polvora, fizerão tal lavor nelles, que arrependidos do jogo se forão desviando com muytos queimados e feridos. Mas foy a desgraça que tomou fogo hum barril de polvora, que entre os nossos se poz sobre o chapiteo de popa pera provimento da briga, e entre muytos que derribou e maltratou ficou queimado no rosto e por huma ilharga o Capitão: o que deu animo aos das fustas, vendo a labareda, e cuydando que não averia quem lhes deffendesse a entrada, pera tornarem com mayor furia a cometella, e matarão logo dous dos nossos e ferirão outros. Porêm o Capitão, inda que atordoado e escaldado do fogo, não se descuydou de sua obrigação, e acudindo com elle o piloto Nuno Martins, e seu hirmão o mestre (erão naturays de Tavilla, ambos valentes de animo e agigantados de corpo) de maneyra menearão as mãos e jugarão dos instrumentos de fogo, que de todo se apartarão as fustas, levando muytos mortos e feridos e queimados.

Outro caso não menos perigoso, mas tambem de louvor e gloria, aconteceo na mesma caravella ao mesmo Capitão Vasconcellos. Foy-se com outras embarcações acompanhando a Dom Antonio d'Almeyda filho do Conde de Abrantes, que acabara de servir sua Commenda. Navegando pera o Algarve, e hindo na paragem de Lepes, foy acometida e ferrada de huma nao francesa de tanto poder e força, que todos os navios da companhia forão buscando abrigo nos portos visinhos. Só a caravella ficou pelejando tantas horas, que travando a nao de huma peça grossa de artilheria da caravella, teve tempo pera a arrancar polla portinhola, e dar com ella no mar. Foy a briga de muytos mortos e feridos de huma e outra parte: o nosso Capitão foy de novo queimado de huma bomba de fogo e ferido de hum pelouro, que, ficando-lhe no peito, a cabo de hum anno lhe vêo a despedir a natureza sem trabalho por baixo da teta direyta. Forão mais feridos na caravella vinte homens, e mortos quatro, nos quays entrou o valente mestre, hirmão de Nuno Martins. Teve termo a teyma com a morte do Capitão francez, sendo passado de hum pique pollas virilhas. Sinalou-se muyto neste feyto Francisco Gonçalvez, que ElRey tinha mandado por pagador aos lugares de Africa, e tornava agora pera o Reyno, sem estar á sua conta semelhante obriga-

ção. Affirmarão os passageiros que fizera maravilhas, pelejando por seu braço e animando por sua voz os companheyros.

Antes que espirasse o anno ordenou o Conde algumas almogavarias, das quays foy importante huma de que fez Capitão Alvaro da Cunha, fidalgo honrado e fronteyro, e Diogo da Sylveyra seu Almocadem; e não faltando briga com muytos mouros de pé e alguns de cavallo, todavia trouxerão todo o gado da aldea de Guri, que serião cento e vinte cabeças de gado grosso e seiscentas de miudo. Era na força do inverno: tiverão forte trabalho com a chuva e vento, que dando de rosto tolhia ao gado o caminhar: e sendo força parar e pôr as costas no vento, porque a escuridade da noyte tolhia atinar-se com o caminho, sobrevêo novo contraste que lhes deu maior fadiga, e foy acodirem muytos lyões ao gado, e serem causa, fazendo suas presas, de fogir algum.

Pera cerrarmos este anno temos do cabo delle huma carta de Simão Gonçalves da Costa, que fazia o officio de Capitão da Villa de Santa Cruz de Gué, em que avisa a Sua Alteza, como correndo-lhe almogavares em 2 de Dezembro, se descobrio huma cilada de trezentas e sincoenta lanças, que pelejarão com elle com muyta força por espaço de tres horas, e os nossos lhe matarão sete mouros e onze cavallos, e levarão inda mais dano. He carta original de 23 de Dezembro deste anno, achada na secretaria da Torre do Tombo — e por outra certidão do mesmo consta que era tambem Contador desta fronteyra, e tinha passado a certidão em 12 d'Agosto deste mesmo anno.

CAPITULO XXI.

Guerra da India. Socorre o Governador Lopo Vaz ao Nisamaluco contra ElRey de Cambaya, e desbarata Alixiah Capitão de Cambaya.

He tempo de nos tornarmos á India, e acompanharmos a dous Governadores, até embarcarmos hum pera o Reyno, e trazermos o outro a Goa. Estava o Governa-

dor Lopo Vaz em Cananor quando teve aviso de Francisco Pereira de Berredo Capitão de Chaul, que o Nisamaluco se achava apertado delRey de Cambaya por terra, e no mar era tamanha a armada do mesmo Rey, que não sahia embarcação do rio que não fosse tomada; por onde convinha dar-se algum favor áquella fortaleza pera se tolher o dano que cada hora recebia. Apoz o aviso do Capitão chegou Embaxador do Nisamaluco fazendo a mesma relação, e pedindo-lhe socorro de gente portugueza contra a de Cambaya. Determinou o Governador não tardar no socorro dos seus e do Nisamaluco; e desde logo inviou diante seu sobrinho Simão de Mello com nove bergantins bem artilhados e esquipados; e elle, juntos os mais navios que pode, ahi e em Goa, partio pera Chaul por Janeyro deste anno de 1529. Levava o Governador quarenta velas, e hia com elle toda a gente nobre que então avia na India, e passavão de mil homens Portuguezes, afóra muyta gente da terra, assi de peleja como de mar; e pera melhor ordem da viagem mandou que obedecessem a Eitor da Sylveyra todos os navios de remo, com regimento que se fossem cozendo com a costa, e vigiando tudo pera se lhe não esconder nenhuma das fustas de Cambaya. Chegado a Chaul despedio oitenta Portuguezes, a cargo de hum valente cavaleyro chamado João do Avelar, em socorro do Nisamaluco: e como desejava pelejar com as fustas de Cambaya quiz todavia pôr em Conselho a empresa. Ouve varios pareceres: dizião uns que, pois sua vinda fôra pera segurar aquella fortaleza do cerco que temia por terra delRey de Cambaya, e isso alcansava estando no porto, devia escusar hir buscar os enemigos do mar que erão muytos, e podia receber delles tanto dano, inda que os vencesse, que ficasse inhabil pera resistir ao cerco que na fortaleza se esperava. Arrezoavão outros polla parte contraria; e era um dos que mais insistião Eytor da Sylveyra, que, como grande amigo de honra, entendia que a mayor parte da que se ganhasse no mar avia de ser sua, visto capitanear todos os navios de remo. Dizia que era afronta do poder que ali estava junto, sendo o cerco de terra incerto, e os enemigos do mar tão certos, que nos dias atraz tinhão aparecido treze fustas suas na boca do rio, e com grande soberba disparado muyta artilheria contra a nossa armada, deixar triunfar estes, em quanto es-

peravão os outros, o que parecia huma tão aberta confissão de medo, que não duvidava tomariam brios e affouteza, os do mar pera se virem lançar sobre a barra, e deitarem fama que tinhão em cerco hum Governador da India, e os de terra apressarem sua vinda contra a fortaleza. Tal era o parecer dos mais animosos, e o Governador que o era mais que todos, se conformou logo com elles: e sahindo de Chaul dia de entrudo se foy em demanda dos enemigos, elle com os navios grossos ao mar largo, e Eytor da Sylveyra com os miudos ao longo da terra. Não tardou o Governador em dar com os enemigos, e tomou por bom prognostico acha-los de traz de huma ponta, da qual parecia que se querião valer, pera que sucedendo-lhe mal a briga, se podessem salvar no rio de Bandorá, mêa legoa assima: e mandou logo alguns catures que se fossem pôr dissimuladamente na boca delle: e como se o adivinhára assi aconteceo. Porque o Capitão Alixiah, tanto que vio que Eytor da Sylveyra se hia a elle a toda a força de remo, fez vilmente outro tanto contra terra, não se atrevendo a fazer rosto aos nossos, com ter oytenta fustas tão providas de gente, artilheria e todo genero de munições que, se tevera animo, não só pudera defender-se, mas fazer nos nossos muyto dano. Assi foy a briga mais de fogida que de jogo d'armas. Alixiah, como achou a boca de Bandorá tomada, quiz ver se podia entrar no rio de Maym, mas foy primeyro alcançado de Eytor da Sylveyra e dos companheyros, onde todavia procurarão os seus fazer alguma resistencia, cubrindo o ceo com nuvens de frechas, e disparando muyta e boa artilheria; mas como a retirada do General lhes levava já os animos quebrados, foy a vitoria hum espectaculo de passatempo, mais que de guerra. De oytenta fustas não escaparão mais de sete, e com ellas o General Alixiah. Vierão a poder dos nossos trinta e tres inteiras e sans; as outras ficarão tão destroçadas que não servirão mais que pera o fogo, que logo lhe foy posto. Tomarão-se muytos cativos, muyta artilheria, polvora e artificios de guerra; e o que mais espantou, que sendo a mortandade dos mouros tamanha que o mar andava tinto em sangue, dos nossos não ouve nenhum morto, e só forão alguns feridos.

Desfeita tão poderosa armada, que na verdade era toda a força que ElRey de Cambaya tinha no mar (e não

era pequena, se no Capitão ouvera valor) quiz Lopo Vaz caminhar logo pera a ilha de Dio, fazendo fundamento que a poderia tomar; mas posto o negocio em conselho achou contra si a mór parte dos Capitães e fidalgos que o acompanhavão, lembrando-lhe que levava pouco poder pera tamanha empreza, e o que muytos sem pejo encarecião, que era que não deixava nada pera fazer ao Governador Nuno da Cunha, que a nenhuma outra cousa o mandava ElRey senão a tomar Dio. Bem sintio Lopo Vaz que perdia grande occasião; mas por não encontrar sempre pareceres gerays, contentou-se com pedir ao Secretario huma certidão do que ali passara, e foy entendendo em despachar algumas armadas pera onde convinha: huma de vinte bergantins e duas galeotas, que deu a Eytor da Sylveyra, com ordem que todo o verão fizesse crua guerra a toda a costa da enseada de Cambaya. E tanto que chegou a Goa, que foy em 20 de Março, despachou Dom Fernando d'Eça seu cunhado pera Ormuz, com tres galeões carregados de fazenda delRey; e Garcia de Sá pera Malaca, aonde hia suceder a Pero de Faria, quo acabava seu tempo. E pera que o Capitão-mór Antonio de Miranda, que guardava a costa do Malabar, andasse com mais força, mandou que se lhe fosse juntar e seguisse sua bandeyra Christovão de Mello seu sobrinho, com huma gallé e seis bergantins. E tudo foy bem necessario pera os encontros que logo teverão. Foy o primeyro com huma muy poderosa nao delRey de Calicut, que acharão no rio de Chale de vergas d'alto pera Meca: estava carregada de pimenta, e com poucos menos de oytocentos mouros de guarda, e a esta proporção era o provimento de artilheria e munições: deu muyto trabalho, mas foy rendida. De segundo encontro derão sobre o Monte Fermoso com huma armada de sincoenta velas de Calicut, que desbaratarão com presa de treze paraos, e muyta gente morta e outra cativa.

No mesmo tempo e com a mesma prosperidade corria Eytor da Sylveyra a enseada de Cambaya. No rio Nagotana, que he de Baçaim oyto legoas contra Goa, por não ter fundo, sahio na praya e queimou seis povoações, despovoadas todas com medo de nossas armas. Acudio o Capitão da terra com quinhentos de cavallo acubertados e muyta peonagem a impedir-lhe a embarcação: estava

na retroguarda Eytor da Sylveyra; poz nelle o rosto, e deu-lhe tantas surriadas de arcabuzeria que o fez apartar mal de seu grado, e se embarcou em salvo. Neste passo se conta hum gentil successo de Francisco Godinho, soldado desta companhia.. Vio hum mouro, que, como fazião os mais, se chegava aos nossos e os assoberbava com apupadas; foi-se pera elle com huma lança nas mãos, e sua rodella embraçada: levantou o mouro o braço pera o ferir com hum zarguncho que trazia; no mesmo tempo lhe meteo o Godinho a lança pollo sobacco com tanta força que deu com elle morto em terra, e com a mesma ligeireza lhe tomou o zarguncho das mãos e saltou sobre o cavallo; e sem parar, porque outro mouro vinha pera o ferir, o encontrou pollos peitos com o zarguncho, e deixando-o sobre o companheyro, não quiz perder o cavallo do segundo, e tomando-o polla redea se foy pera Eytor da Sylveyra, envejado dos companheyros, e muyto louvado do Sylveyra.

Daqui passou Eytor da Sylveyra ao rio de Baçaim, e acometeo hum forte que os mouros tinhão feito sobre a agoa, terraplenado e bem provido de artilheria. E não só se fez senhor delle, mas desbaratou tambem Alixiah, que aqui fazia officio de general, porêm tão pouco animoso em terra como no mar. Tinha este Capitão consigo tres mil homens de pé e quinhentos de cavallo. Vindo sobre os nossos, fechou-se o Sylveyra em hum esquadrão cerrado, e começou de os varejar com a arcabuzeria, que sendo mal sofrida dos cavallos, desacostumados daquelle som e das feridas que com elle recebião, fogião com seus senhores, e atropellavão a gente de pé; e creceo o desmancho de sorte que os nossos derão nelles como em gente vencida, e os poserão em desbarato.

Espantado desta vitoria o Xeque da cidade de Taná, que está quatro legoas pollo mesmo rio de Baçaim assima, mandou-se offerecer por vassallo e tributario delRey de Portugal em quatro mil pardaos em cada hum anno, e inviou logo em principio de paga dous mil, e segurança bastante pera a demasia. Era a cidade grande e de muyta gente. Aceytou o Sylveyra o partido; deu-lhe paz, e mandou-lhe que a fosse assentar com o Governador.

Tantos bons successos juntos acreditarão tanto o Governador Lopo Vaz com os Reys da India que o Hydal-

chan, visinho de Goa, poderoso e grande senhor de terras e gente, lhe mandou requerer paz com elle, e por seu meyo amizade com ElRey de Portugal.

CAPITULO XXII.

Passa o Governador Nuno da Cunha a Ormuz. Da-se conta do que ahi fez; e como foy preso Raiz Xarafo por mandado delRey Dom João.

Deixamos atraz o Governador Nuno da Cunha chegado em 10 de Mayo deste anno de 29 a Calayate, primeyro lugar do reyno de Ormuz: razão será trazermo-lo pera a India, despois de darmos conta do que fez por aquellas partes. Em Calayate se deteve tres dias, nos quays mandou lançar pregão, que todo o homem que tevesse alguma queixa dos officiays delRey Portuguezes acudisse a elle, e seria desagravado. Acudirão muytos; proposerão suas queixas; fez justiça exemplar, e de que os mouros se espantavão: sinal que faltava d'antes. Prendeo a huns; suspendeo de seus officios a outros; e outros fez que pagassem cousas que mal levadas tinhão. De Calayate passou a Mascate, onde, sendo informado da lealdade com que o Xeque Raxit procedera no levantamento de Ormuz, prometteo consola-lo e honra-lo: e deixando em Mascate as naos grossas, se foy a Ormuz com todos os fidalgos de sua companhia que estavão livres de cargos. E fez sua entrada com apparato de guarda lustrosa de alabardeyros, vestidos de libré, e com trombetas, atabales e charamellas, cousa que até então se não vira em Ormuz; e tanto pareceo melhor quanto juntava com esta pompa a fama que já trazia de fazer justiça com igualdade e pronta execução, e sobre tudo com mãos lavadas. E não bastou pera lhe cortar o fio deste proceder hum caso não cuidado, que a todo outro homem podera muyto descompor e perturbar. Foi assi, que a quatro dias de sua chegada, apareceo na cidade Manoel de Macedo, mandado de Lisboa por ElRey Dom João com huma commissão izenta do Capitão da fortaleza e do Governador da India, pera le-

var preso a Portugal a Rayz Xarafo; e soube-a executar de maneyra, que a prisão se fez sem nenhum ruydo exterior, mas com muyto desgosto do Governador, não pollo feito, mas pollo termo e pouco respeito com que o Macedo se ouve nelle. E por não tornarmos a falar nesta materia, he de saber que Manoel de Macedo, partindo de Lisboa em Setembro do anno passado, foy demandar Baçorá, onde chegou em... de Mayo deste anno, e escondendo o navio no cabo de Roçalgate na costa de Arabia, se passou a Ormuz em huma terrada. Feita a prisão, o Governador lhe mandou entregar a pessoa de Xarafo; e embarcados em Cochim com as naos de viagem, chegarão a salvamento a Lisboa, donde o Xarafo tornou a Ormuz a servir seu cargo (1).

Entretanto foy o Governador entendendo nas cousas da terra, e inquirio primeyro sobre a morte que ElRey dera sem razão a Raiz Hamet; e procedendo na materia por termos judiciays condenou a ElRey em que, sobre os sessenta mil pardaos que pagava de pareas, pagasse mais por pena daquelle excesso outros quarenta mil. Cousa foy dura pera ElRey; mas acusado da propria consciencia sofreo o castigo, esperando que quem contra elle executava justiça não lha negaria em muytas cousas que tinha pera requerer; com que esperava aliviar a carga do crecimento das pareas. Assi lhe fez logo algumas queixas. Foy a primeyra contra o preso Rayz Xarafo: affirmava que valião as rendas do reyno mais de trezentos mil xerafins, e o Xarafo as sumia todas em si e em seus maos fins, sem no thesouro real entrar cousa de sustancia. Esta não aceytou o Governador, dizendo que pollo mesmo caso o mandava ElRey Dom João hir a Portugal; e onde tão bom juiz tinha, cessava sua jurdição. Mas offereceo-lhe fazer dar conta ao Guazil de Mascote Xeque Raxít, que pera isso mandara vir a Ormuz. Assistio nella, por parte do Rey, seu thesoureyro Coge Abrahem, e polla do Governador o Secretario Simão Ferreyra. Achou-se não dever nada. Mandou o Governador que se lhe passasse sua quitação por ElRey assinada.

Fez ElRey segunda queixa contra este mesmo thesoureyro Coge Abrahem. Sabia-se que fora thesoureyro

(1) Barros, Dec. 4. L. 3. C. 12.

de dous Reys passados, como era do presente, e que sendo hum pobre homem antes de servir o cargo, sem mais partes que a de sua pena e habilidade, tinha aquirido grossa fazenda. Mandou-o logo Nuno da Cunha arrecadar em prisão, donde se contratou com ElRey, e lhe deu quarenta mil xerafins de concerto, e ficou fóra do officio.

Aliviou mais o Governador a ElRey de huma pensão que pagava ao Capitão da fortaleza, que então podia importar de dous até tres mil xerafins, e era a renda da casa das Orracas: são Orracas hum genero de vinho de palmeyras que os Reys, mais por costume que de vontade, davão aos Capitães da fortaleza pollos terem contentes. Mas oque ElRey mais estimou foy livra-lo o Governador de hum Guarda-mór Portuguez, que lhe não deixava dar passo senão comprado: juntou-se hir provido nelle do Reyno Manoel d'Alboquerque, fidalgo honrado, filho de Lopo d'Alboquerque, e renuncia-lo nas mãos do Governador; porque, sendo como era homem virtuoso e de bons costumes, soube que pera aquirir alguma fazenda avia de consintir em muytos vicios d'ElRey, que era moço e descomposto de vida. Com esta occasião extinguio o Governador o officio.

Foy ultimo requerimento pedir ao Governador lhe fizesse entregar a ilha de Baharem membro principal do reyno de Ormuz, que possuia hum sobrinho de Xarafo chamado Raez Barbadim com titulo de Guazil, e ambos tio e sobrinho a comião entre si sem lhe acudirem com nada. Tratou o Governador desapossar o Barbadim da ilha por mêos de paz, e offerecendo-lhe honras em Ormuz. Não aproveitando huma cousa nem outra, vêo o negocio a rompimento de armas. Despachou contra elle seu hirmão Simão da Cunha, como Capitão-mor que era do mar da India, com bastante poder: e elle tratou de se ir pera a India. Deu Simão da Cunha sobre a ilha: sahio em terra; cercou o mouro; bateo-lhe a fortaleza. Estava bem provida de gente e animos, mas nada lhe valera, se a conjunção de Setembro e Oitubro não pelejara por elles. São nestes mezes os ares tão pestilenciaes naquelle clima, que até os naturays se sahem da terra pera escapar á doença: assi deu nos nossos com tamanha violencia, que em tres dias adoecerão duzentos, de que logo morrerão os cento, e tornando-se a embarcar com bom conselho pera Or-

muz, achou no mar a mesma e mayor força do mal. Deu tão forte doença sobre todos, com huns dias que sobrevierão de calmaria e calma incomportavel, que não avia homem em pé, nem quem mareasse os navios: e aqui falecerão muytos, entre os quays forão o Capitão-mor Simão da Cunha, Afonso Tellez filho de Tristão da Sylva, Francisco Gomez Pinheyro, Diogo de Mesquita, Dom Simão de Lima: e a Ormuz forão acabar Dom Francisco d'Eça, Francisco de Mendoça, Diogo Soares, e Dom Afonso de Soutomayor, e outras pessoas nobres: e não ficara homem com vida se lhes não acudira o Capitão Christovão de Mendoça de Ormuz com muytas terradas carregadas de gente pera marear os navios, e abundancia de mantimentos pera enfermos e sãos.

Em quanto estas cousas passavão na ilha de Baharem, fazia sua viagem o Governador Nuno da Cunha pera Goa aonde chegou aos 22 de Oytubro, e detendo-se nella pouco passou a Cananor aos 18 de Novembro, e aqui tomou a entrega da governança de mão de Lopo Vaz, que ahi achou; e foy feita no mar; porque desejava sair brevemente em Cochim, assi pera o despacho das naos de carga que avião de ir pera o Reyno, como pera saber o que tinha feito de apparatos pera a jornada de Dio, que sobre toda outra cousa o desvelava. Chegado a Cochim em 25 de Novembro, ordenou lançar fóra tres armadas, huma de trinta velas, que deu a Diogo da Sylveyra pera andar na costa do Malabar, e outra a Antonio da Sylveyra de Menezes seu cunhado pera a costa de Cambaya: a terceyra a Eytor da Sylveyra pera entrar no estreyto do mar roxo. E por ultimo feitio deste anno mandou tomar a menagem a Lopo Vaz de Sampayo, com particular dor e desgosto seu (quasi revelando-lhe o espirito que o mesmo lhe avia d'acontecer a elle despois de muytos annos, em cabo e paga de grandes e bons serviços) e inviallo preso ao Reyno, em virtude de huma provisão de ElRey, que nas mesmas naos lhe vêo.

CAPITULO XXIII.

Successos de Maluco.

Por fim deste anno estamos obrigados a dar conta do qué nelle passou no ultimo Oriente. Parece que era estrella de Maluco não dar hora de socego nem a naturays nem a estrangeiros. Terra tão pequena, tão repartida em desavenças entre os Reys e subditos, entre os Capitães e soldados, e até entre os pretensores da monarchia dellas afastados por tantos milhares de legoas, bem a podemos chamar maçam de discordia, ou pedra de continuo escandalo, fomentado de huma natureza avessa dos homens que por estes annos a forão governar, quasi todos revoltosos, crueys, chêos de cubiça, enemigos do bem publico e de si mesmos, que se por tays forão assinte buscados, não se poderão achar facilmente tão juntos. Dom Joize que por este tempo era Capitão de Ternate, sobre cruel e aspero de condição, fazia-o mais absoluto e menos tratavel o favor da vitoria que ultimamente deixamos contada, com que ficou temido de todas aquellas ilhas. Sucedeo pouco despois desta vitoria morrer na fortaleza ElRey Boahat, a quem sucedeo seu hirmão Cachil d'Ayallo. Foy primeyro cuydado de Dom Jorze levallo pera a fortaleza. Por maneyra, que a felicidade real andava junta com viver encarcerado quem tinha o nome de Rey. Não foy Dom Jorze o primeyro autor desta prisão da pessoa real: outros a começarão; elle a continuou. As causas temos apontado atraz. Estas estavão agora mais vivas, porque a fortaleza estava mal provida de gente e do necessario pera sua defensão: os Portuguezes cada dia mais odiados: se não teveramos em nossa mão tão bom penhor, estava certo hum levantamento geral. Ajudava Cachil d'Aroes o conselho, não com singeleza, nem por muyto amor que nos tevesse, que antes estava muy encontrado de animo com Dom Jorze; mas porque sendo, como era, Governador do Reyno, quanto mais inhabilitado estava o senhor verdadeyro, tanto mais absoluto e temido ficava elle: e não valião clamores da Raynha viuva sua mãy, que não

tendo ja outro filho, temia-lhe fim semelhante ao defunto, de que avia suspeitas falecera de veneno negociado por industria de Cachil d'Aroes. Assi estava Dom Jorze malquisto da Raynha por lhe não largar o filho; enemistado com d'Aroes, porque temia lhe tirasse o cargo desdo tempo das differenças que teve com Dom Garcia Anriquez; odiado de todo o povo por sua esquivança. Neste estado sucedeo mostrar elle gosto de huma porca da China que em casa criava; e só isso bastou para que não faltasse quem, pollo offender no que estimava, lha matasse. Tendo indicios que o Caciz-mor Cachil Vaydua tio d'elRey tevera parte nesta morte, foy tanta sua paixão, que, sem lhe valer sangue nem cargo, o mandou prender; e quando a rogo de muytos o soltou foy agravado de novo com mayor offensa que a da prisão. Sendo entre os mouros grave culpa tocar carne de porco, o cacereyro, ao tempo de o soltar, quiz que levasse no rosto por castigo lembranças da porca: untou-lho com huma posta de toucinho. Foy affronta que a todos os mouros arrancou lagrimas de verdadeyra dor, e deu principio a huma terrivel conjuração, hindo-se o affrontado por todas aquellas ilhas e exhortando a todos a sahirem polla honra da ley, vingarem o despreso e a injuria feita nelle a toda a nação. Não foy necessaria muyta oratoria pera indinar os animos, que do ventre das māys trazem o odio contra a christandade. Erão cabeças da conjuração Cachil d'Aroes governador do Reyno, Cachil Simarao almirante do mar, Cachil Boyo justiça-mor de Ternate. O concerto era fazer d'Aroes paz com Catabruno governador de Geilolo, pera extinguirem a hum tempo todo o nome espanhol em Maluco, matando Catabruno os Castelhanos que com elle estavão e d'Aroes os Portuguezes. Azedou sobre maneyra os animos dos conjurados e de toda a terra huma crueldade que Dom Jorze nestes dias uzou com huns moradores, gente principal da villa de Tabona, que é na ilha de Ternate. Tinha-se feito nesta villa huma descortezia a certos soldados da fortaleza, que passou a ficarem alguns feridos e com as armas tomadas. Determinou Dom Jorze castigalla exemplarmente; e fora o castigo justo se não excedera o modo. Mandou vir o governador do lugar e outros dous dos melhores delle: a estes dous fez logo cortar as mãos, e tornallos assi á vista dos seus: ao rege-

dor mandou atar as mãos e lançallo a dous cães de filla que tinha muy feros: foy espectaculo indigno de olhos christãos, e mais proprio dos tempos de hum Diocleciano, ver acabar hum pobre homem atanazeado dos dentes de animays bravos. E fez o caso mais atroz o grande valor com que o mouro se defendeo, até que não podendo mais, e chegando a ferrar hum dos cães por huma orelha se meteo com elle no mar, e ficou affogado. Entre tanto chegou á noticia de Dom Jorze toda a ordem da conjuração (que nos segredos repartidos e fiados entre muytos raramente se acha silencio), prendeo os tres principays complices, que chegados a perguntas confessarão animosamente e sem tormento que sua tenção era livrar sua patria dos excessos e atrocidade delle Dom Jorze, da soberba e desaforos de todo homem de Espanha; que, pois Maluco fora tão mofino que em lugar de amigos recebera tiranos, assi nos que tinhão nome de Portuguezes, como nos que se chamavão Castelhanos, obrigação era de homens que sintião e se sintião, offerecerem-se a todo perigo por salvar sua patria, e remediarem o primeyro erro e primeyro engano com hum valor, se não venturoso, ao menos honrado. Se isto era culpa ali estavão as cabeças pera pagar, mas protestando que toda a culpa era dos Ministros que chamavão Capitães, que em lugar de Ministros de Rey santo, como dizião que era o de Portugal seu senhor, não fazião obras de menos que verdadeyros tiranos. Prendeo Dom Jorze a Cachil d'Aroes dentro na fortaleza, como a homem de que se podia temer muyto por seu saber e valentia, e em fim determinou abreviar e segurar-se delle com lhe mandar cortar a cabéça, o que se fez em hum cadafalso a uso de Portugal; honra na morte a quem tinha merecidas muytas na vida; mas com tanto espanto nos naturays daquellas ilhas, que a Raynha e os principays de Ternate se forão fogindo de terra tão cruel e vizinhos tão enemigos, pera hum lugar chamado Turucó, distante huma legoa da cidade, aonde os deixaremos té vinda de novo Capitão e novas tragedias.

LIVRO V.

CAPITULO I.

Naos que partem da India pera o Reyno, e do Reyno pera a India; e armadas do Reyno.

Este anno de 1530, por Janeyro, despachou o Governador Nuno da Cunha com carga de especiaria tres naos somente, de que forão Capitães Dom Lopo d'Almeyda que na India estava esperando embarcação, e com elle mandou preso em menagem a Lopo Vaz de Sampayo. Das outras duas deu huma a Antonio de Miranda d'Azevedo, e a outra a Ruy Mendez de Mesquita, que tambem trouxe preso a Diogo de Mello, Capitão que fora de Ormuz, por culpas do officio: e todas vierão a Portugal a salvamento.

He de saber que estas tres naos erão da companhia que trouxe Nuno da Cunha; e as tres que vierão do Reyno mandou a Ormuz com fazendas tomadas em Baticalá, e na viagem desaparecerão por partirem despois de gastada a monção.

No mesmo sahirão de Lisboa pera a India seis naos sem Capitão-mor, e chegarão as sinco a Goa em Setembro. Dellas erão Capitães Manoel de Brito, Luis Alvares de Payva, Fernão Camello, Vicente Pegado, e Francisco de Sousa de Tavares, que hia provido da fortaleza de Cananor. A sexta de que era Capitão Pero Lopez de Sampayo, que levava a Capitania de Goa, chegou por fim de Oytubro á paragem de Cananor, com tanta gente morta e doente, que se perdera ao desamparo, se não acertara de dar com ella Diogo da Silveyra Capitão-mor daquella costa, que lhe meteo gente, com que foy surgir no porto de Cananor.

Os fidalgos e cavaleyros que nestas naos acho embarcados, em serviço de seu Rey e da Republica, e que por isso hey por muyto dignos de terem memoria nestes escritos, são os seguintes, que lançaremos polla mesma ordem que os achámos e recebemos dos livros e registos reaes. « Estevão Guaguo d'Andrade filho do Thizoureyro Joam Guomes — Antonio d'Albuquerque hirmão de Manoel d'Albuquerque — Belchior de Lemos filho de Jorze de Lemos — Jorze de Lima filho de Francisco Freire — Ruy de Sousa filho de Pero de Sousa — Guomez de Saa — Luiz de Mello filho de Francisco de Cacerez — Antonio d'Azevedo filho de Guonçalo Guomez d'Azevedo Alcaide-mor d'Alemquer — Dom Jorze de Noronha filho do Comendador-mor de Santiaguo — Dom Antonio da Silveyra filho de Dom Martinho da Silveyra — Ruy de Mello filho de Jam de Mello de Cerpa — Dom Alvaro de Lima e Dom Antonio filhos do Monteyro-mor Dom Joam de Lima — Pero de Goes filho de Gil de Goes — Jorze Pereyra filho de Diogo Pereyra — Dom Paulo de Menezes filho bastardo do Conde de Cantanhede — Dom Manoel de Menezes filho bastardo de Dom Estevão de Menezes — Dom Joam Lobo filho bastardo do Barão Luis Xira filho de Gaspar Xira — Alvaro Pereyra de Sampayo filho de Ruy Diaz de Sampayo — Tristão de Sousa de Guimarães — Lopo Correa filho de Ruy Correa — Pero de Lemos sobrinho de Dom Alvaro da Costa — Henrique de Mello filho de Dioguo de Mello. »

Neste anno despachou Sua Alteza segunda armada pera o Brasil, de que fez Capitão-mór Martim Afonso de Sousa, que levou tres naos e quatro caravellas; e correndo aquellas costas, despejou todas de cossarios francezes, que hião tomando nellas muyto pé.

No mesmo, outra armada pera a costa da Malagueta, Capitão Francisco Annes Gago, com huma nao e tres caravellas. E Dom João de Lima por Capitão-mór de outra esperar as naos da India ás Ilhas Terceyras.

CAPITULO II.

Nace a Iffante D. Brites. Da-se conta de algumas cousas que ElRey fez e ordenou no Reyno.

Terça feyra, 15 de Fevereyro deste anno, pario a Raynha D. Caterina em Lisboa terceyra filha, que foy a Iffante Dona Brites, que viveo pouco.

Em 4 de Março fez Sua Alteza venda de onze mil reis de juro a Bastião de Tavares, fidalgo de sua casa, com pacto de retro; e declara que os vende pera effeito de pagar os trezentos e sincoenta mil cruzados que dá ao Emperador Carlos quinto seu cunhado pollo conserto que com elle tem feito sobre as ilhas de Maluco: dizendo mais que faz esta e outras vendas pera ajuntar dinheiro, sem fazer oppressão nem dar fadiga a seus povos.

Em 8 d'Abril mandou passar carta da capitania do castello de S. Vicente, d'apar de Belem, com sua alcaydaria-mór, a Bertolameu de Payva, do seu conselho, seu amo e camareyro.

Em 11 d'Abril carta do officio de Veador da Fazenda a Dom Antonio de Atayde, do seu conselho: e declara que he polla criação que nelle fez, e pollo muyto amor que lhe tem, e polla sua experiencia, muyta confiança e bom cuidado, e assi polla boa vontade que lhe tem.

Em 10 de Março carta a Pedro d'Alcaçova Carneyro, fidalgo de sua casa, do officio de Secretario de todos os despachos e cousas das partes da India, polla sua muyta habilidade, filho de Antonio Carneyro que servio o dito officio.

Em 23 d'Abril carta do officio de Governador da Casa do Civel a Dom Fernando de Castro, filho de Dom Alvaro de Castro, Governador que foy da dita casa.

Em 22 de Fevereyro carta de confirmação do officio de Contador-mór dos lugares d'Africa a Dom Manoel Mascarenhas fidalgo de sua casa, o qual officio ouve em casamento com a filha de Francisco Palha, proprietario delle, e fidalgo da casa do dito senhor.

Confirma ElRey a Dona Guimar Coutinha molher

do Iffante Dom Fernando, todas as terras que o Conde de Marialva seu pay tinha da corôa, a saber: Marialva, com sua jurdição civel e crime; as terras de Mudim e Cever; a terra e couto de Luymil, de Pera e Souro; os castellos de Lamego, Trancoso e Marialva; a quinta do Quinto, junto a Trancoso; e o escaimbo dos direytos das terras de Monção, Caria e Gumay pollos direytos que tinha em Rio-Mayor; e o morgado dos bens de Santarem, instituido por Gonçal Vasquez d'Azevedo e sua molher Ines Afonso.

Doação á dita Dona Guimar da jurdição de Pena-Verde e Algodres, e do condado de Loulé, e do lugar de Medelo com seus reguengos, e da villa e castello de Castel Rodrigo, e da terra de São Martinho de Mouros.

Doação ao Infante Dom Fernando das villas de Trancoso, Sabugal e Alfayates, e do castello da Guarda com suas rendas, e da villa de Abrantes e seu termo; e huma carta por que o faz Duque da Guarda, e outra por que ElRey lhe dá o officio de Meirinho-mór do reyno. Outra achamos entre os papeis da Secretaria da Torre do Tombo, polla qual ElRey ordena que de Janeyro do anno de 531 em diante aja o Iffante de renda em cada hum anno, de juro e herdade pera elle e seus decendentes, dous milhões de reis, nos quais declara que entrem o que valerem em cada hum anno as rendas, direytos e tributos, foros e pertenças, que lhe dá nas villas de Trancoso, Sabugal e Alfayates.

Em 26 d'Agosto mercê a Dom Pedro de Menezes Marquez de Villa-Real de todos os moyos que vagarem por morte dos que os teverem no reguengo de Leyria.

Em 6 de Abril carta por que ElRey deu licença a Manoel de Sousa pera confirmar juyzes e officiays das villas de Miranda, Podentes e Bouga: e outra carta em 7 de Dezembro, por que lhe faz mercê da Alcaydaria-mór de Arronches.

Em 20 de Novembro carta a Martim Afonso de Sousa de Capitão-mór de huma armada pera o Brasil: e outra de Capitão-mór do mesmo Estado.

Neste anno temos que dar conta de hum pensamento delRey, que muyto acredita o que temos affirmado de seu grande juyzo. Via-se Sua Alteza em trinta annos de idade, sem filho varão, e a Rainha nos tres partos ante-

cedentes inclinada a continuar com femeas. Inda que tinha casado o Iffante Dom Fernando, segundo de seus hirmãos, quiz segurar mais a successão de seus Estados em Principes naturays: tratou de casar o terceyro que era o Iffante Dom Duarte. Entendendo que o Duque de Bragança Dom Gemes tratava de casar sua filha Dona Isabel, fez-lhe saber que lhe daria por genro seu hirmão Dom Duarte, como largasse a mão em proporcionar o dote com tal genro. Era o Duque homem de fazenda; pedia-lhe a filha o Conde de Benavente; achava que isto era o que cumpria a sua casa, porque se avia de contentar com pouco, e pollo contrario o Iffante lhe avia de ser muyto custoso, e parecia-lhe, como por tantas vias estava já sua casa ligada com a real, podia bem escusar um vinculo novo, que lhe ficava servindo de mais pezo e não de mais honra. Era medianeiro Dom Antonio de Tayde, que despois foy Conde da Castanheyra: quiz o Duque saber delle o que avia Sua Alteza de dar a seu hirmão, pera conforme a isso dotar elle sua filha. Deste termo se descontentou ElRey, e mais quando o Duque declarou que não daria maior dote ao Iffante que sesenta mil crusados. Achamos entre as memorias do Conde huma carta sua de 17 de Setembro desto anno, em que muyto estranha ao Duque, assi a estreyteza do dote, como o não pôr tudo nas mãos delRey. Este casamento ouve efeito, como adiante veremos.

Vierão neste anno a concerto de pazes o Emperador e Francisco Rey de França. Recebeo Francisco em 5 d'Agosto a Rainha Dona Lyanor, viuva delRey Dom Manuel, e o Emperador lhe entregou seus filhos que em Espanha estavão em arrefens. Pollo que despachou ElRey Dom João a visitar os noyvos a Bernaldim de Tavora, que despois foy seu Reposteyro-mór. — He de ver da instrucção o favor com que trata o vassallo: manda-lhe que se não dê pressa nas primeyras jornadas á posta, e que não corra de noyte. Era mancebo; partia por fim de Oytubro, o tempo doentio: forão dous conselhos de medico sabio e senhor amigo.

CAPITULO III.

Guerra de Africa em Ceyta e Alcacere Ceguer e Arzilla com varios successos.

Por carta original, que achamos na Secretaria da Torre do Tombo, de Dom Nun'alvares Pereira, Capitão de Ceyta, feita em cinco dias de Abril, temos huma entrada que fez em terra de mouros, em companhia do Capitão de Alcacere Ceguer, de que dá conta a ElRey na fórma seguinte.

Estava o Capitão d'Alcacere (de que não diz o nome) muyto falto de gente, e essa tão mal armada que, tanto que sahia da villa, logo os mouros, que não ignoravão o estado della, se vinhão a elle á redea solta; e hum dia aconteceo não deixarem de o apertar com grande atrevimento até o porto de Dom Pedro. Desejava vingar-se por arte, visto não poder faze-lo por força, como lhe pedia o animo. Avisa ao Capitão de Ceyta que o desprezo que os mouros vizinhos fazião delle lhe promettia huma boa vitoria delles, se elle Dom Nun'alvares quizesse passar-se hum dia com a sua gente a Alcacere, polla maneyra que o avisava. Não pareceo a Dom Nun'alvares desencaminhado o disenho, mas achava difficuldade no caminho que avia de levar, porque hir polla vereda de Barraxa, que he a estrada ordinaria de Ceyta pera Alcacere, estava certo averem de ser sintidos, sendo assi que todo bom successo da jornada pendia do segredo: pera hir por mar faltavão embarcações, e quando as houvera, arriscava-se a fazer ausencia de Ceyta de mais dias do que convinha. Estas contrariedades lhe fizerão lembrança que se podia tomar o caminho que chamão da Calçada, caminho seguro e secreto, abrindo-se de novo hum vereda, que avia sincoenta annos estava cerrada, e em tempos muyto atraz servia de se communicarem estes dous lugares. Chamou logo o Almocadem, deu-lhe setenta homens, e fez-se tão boa diligencia que em tres dias foy aberta, e Dom Nun'alvares se foy por ella a Alcacere com cento e trinta e sinco de cavallo, e cento de pé, espingardeiros e

besteiros. Partio huma terça feira polla manham, e quando forão horas de jantar se achou em Alcacere. Cerrando-se a noyte, sahirão ambos os Capitães juntos até onde chamão o Lyão: dali passou o de Alcacere com cem lanças, de que as setenta erão suas, e as trinta de Ceyta a cargo de Niculao de Sousa, que era fronteyro naquella cidade; foy-se demandar huma aldea que está junto da Cadina, a huma legoa e mêa de Tituão; e o de Ceyta foy-se lançar em silada no mesmo caminho de Tituão. O descuydo que avia nos mouros de poderem ser acometidos por gente de Alcacere foy causa de não ser sintido até estar sobre a aldêa. Avia nella muyta gente: começarão a matar e cativar, e por outra parte a pôr fogo; e os de Alcacere, como escandalisados, não perdoavão a vida aos que lhe cahião nas mãos. Foi acudindo gente d'outra aldêa, em que vierão até sessenta lanças, que apertarão com os nossos com tal brio, que o Capitão fez volta sobre elles, acompanhado de Niculao de Sousa e Gaspar de Sousa seu hirmão; e nesta volta matarão logo oyto mouros, pelejando como gentis cavaleyros (he termo da carta); com o que se forão sahindo da estreiteza das ruas, que favorecia os mouros: e com tudo tornarão juntos acometer os nossos até chegarem a pôr as lanças sobre o Capitão, e lhe darem huma lançada sobre as ancas do cavallo. Neste passo fez volta sobre elles, e não sendo os que voltavão com elle mais que dez ou doze de cavallo, cada hum levou seu mouro na lança, que logo ficarão mortos, e isto fez que os mouros se alargassem de todo: e assi se vêo com boa ordem retirando, trazendo diante todo o gado da aldêa e quatro mouros cativos; e deixava mortos mais de sincoenta. Quando chegou onde Dom Nun'alvares estava, vinhão já envoltos com elle mil homens de pé e até quarenta de cavallo, de Guadares e Dangera: e não vinha nenhum de Tituão, porque estava doente o Alcayde; e todavia estes não se desmandavão, tendo por certo que avia costas quentes, e sospeitando como homens de guerra, que não podia a gente d'Alcacere só cometer tamanha entrada. Dom Nun'alvares se teve até passarem por elle dez ou doze de cavallo; e hião passando todos os nossos, quando hum mouro chegou a dar fé delle e de sua bandeyra, e levantando a voz deu aviso aos que lhe vinhão cahir nas mãos: e este lhe tolheo fa-

zer huma grande matança; porque, ouvida a voz do mouro, n'um momento desaparecerão e se embrenharão todos, sem os nossos lhes poderem fazer mais mal que tomar-lhes alguns cavallos. O que visto pollos Capitães, se juntarão logo, e com suas bandeyras despregadas se forão pera a villa. Acrecenta no cabo da carta que fôra Alferes da bandeyra de Ceyta aquelle dia Pero Arrayz, que hia a Lisboa, e seria fiel relator do sucesso.

No mesmo tempo sucedeo em Arzilla huma bóa sorte ao Conde do Redondo com menos enemigos em numero, mas dos mais valentes das serras visinhas. Estava em Arzilla cativo um mouro moço, natural de Benamarés, que cahio nas mãos a Diogo da Sylveyra em huma sahida que fizera nos dias atraz. Tinha o moço pay, que como tal o amava e desejava sua liberdade: este fez conta que se tomava huma atalaya, por ella resgataria o filho, sem outra despesa de sua fazenda; e sem mais cuidar nas difficuldades que o negocio tinha, juntou vinte quatro de cavallo dos melhores da serra, e por guia e almocadem de todos hum sobrinho seu, por nome Alhocem Nijar, companheyro antigo de Amelix e Alibenaix, valente por sua pessoa, e no campo bem pratico. Vierão-se juntos lançar em silada onde chamão os Bairros, mas teverão tão pouca ventura que forão vistos e contados das espias da villa, que o Conde tinha largado fóra a noyte antes. Tanto que o Conde teve o aviso, sahio até o rio Doce, e ali, passada a agoa, chamou os Almocadens e alguns cavaleyros dos mais antigos, e lhes deu conta como e onde tinhão os almogavares da serra, e que entendia sem duvida virem sem costas: e por tanto ordenou que o Adail Jorze Leonardes se fosse com vinte sinco de cavallo até a varzea do Amame, de dous em dous e tres em tres, como hervolarios que hião buscar remedio pera os cavallos, e se juntassem na fonte da mesma varzea; e pera mais dissimulação nenhum levasse capacete nem adarga: e logo apartou outros trinta de cavallo, de que deu o cargo a Alvaro da Cunha fronteyro, com Diogo da Sylveyra por Almoçadem, que, tomando o caminho de Alfandequim, forão passar o porto com o rosto em Ali Maxuus. Entre tanto João Conde atalaya, que homem de recado era, e trazia bom cavallo, chegou a descobrir os que ficavão na silada, e como animoso e sem medo, soube-os trazer até

onde o Adail estava. Vinhão todos enlevados em seguir a atalaya, quando derão de rosto com o Adail; e João Conde foy o primeyro a voltar a elles, e levou logo na lança hum dos que o seguião; e o mesmo fez o Adail com os seus, que logo derribarão seis ou sete dos que diante vinhão. Acudio Artur Rodriguez a salvar o que João Conde ferio, porque os companheyros o querião acabar, e segurando-lhe a vida obrigou-o a confessar a verdade da gente que era. Confessou o mouro que não erão mais de vinte quatro almogavares, e que vinhão sem costas. Avisou logo Artur Rodriguez ao Adail do que passava, e que podia hir até o Farrobo; e ficando se com o mouro, levou-o ao Conde, que muyto estimou a discrição do Almocadem, assi na pergunta, como em o trazer á sua presença. Desbaratados estes primeyros, que não erão mais de dez, quiz o Adail seguir os outros; mas os cavallos hião tão cansados, por ser o caminho donde sahirão ladeyra assima, que os mouros tomarão grande dianteyra, e se davão por salvos; porem acharão-se salteados dos que hião com Alvaro da Cunha e Diogo da Sylveyra, que apertarão com elles de sorte que, como bons cavaleyros, determinarão ganhar por mão aos Christãos, e com grande furia e grita voltarão todos de pancada contra huns poucos que lhe hião no alcanse, imaginando que por serem poucos lhe largassem o campo; mas achando nelles boa resistencia, tornarão a seguir sua retirada; e em fim forão todos alcansados, e huns mortos e outros cativos; e de todos os vinte e quatro não escapou mais que hum só, por trazer cavallo corredor, e o Almocadem Alhocem-Nijar, que se salvou a pé, metido em hum cardal, donde nenhum dos nossos deu fé delle.

CAPITULO IV.

Desbarata o Conde outros Almogavares, e faz huma entrada em companhia do Capitão de Tangere. Corre El-Rey de Fez a ambos os lugares.

Ao bom successo que acabamos de contar seguio logo outro quasi iguál, e tambem em Almogavares, e o que

faltou de numero de homens sobejou na calidade dos que forão cativos. Estava o Conde no leilão da cavalgada passada, quando o sino começou de repicar, e deixando tudo caminhou pera o facho, e dahi pera os Forninhos, onde soube que da silada do Malhão sahirão huma companhia de Almogavares, que serião pouco menos de vinte homens, e forão seguindo as nossas atalayas, e correndo a ellas cahira um mouro, e o cavallo sem dono se fora seguindo o tropel das atalayas, que o tomarão e o levarão ao Conde, e a boa guarnição de sella e frèo dava indicios de ser a companhia de gente mais que ordinaria, e que despois de serem vistos se hião retirando pollas Furnas abaixo, levando em ancas o que perdera o cavallo. Fez o Conde discurso que os mouros não trazião costas; porque tinha sabido que o Alcayde d'Alcacere estava em Larache, e andava garramando e cobrando suas dividas, pera se hir a Fez, donde era chamado delRey pera mayor cargo: e com tudo á mór cautella mandou ao Adail que fizesse descobrir a atalaya alta, e despois mandou Artur Rodriguez que fizesse o mesmo ao missilco (?) e á mesquita que está da outra parte do Cabo Branco, e achando estas siladas livres caminhasse pera o porto da Palmeyra, e seguisse os mouros até dentro a Larache. Não foy lerdo Artur Rodriguez na execução do mandado: tomou hum trote, e sendo sobre a atalaya da Barrosa, vio que levavão grande dianteyra, e polla praya hião já á boca de Bena mourel. Não pareceo que seria possivel dar-lhes alcance mais que com os olhos, quando succedeo caso que com espanto de huns e outros fez que chegassem os nossos a emparelhar com elles. Era a maré chêa; tinhão caminhado muyto polla arêa solta: não avia esporas que fizessem andar os cavallos; ao que se juntou como despois se soube, que ao passar do ribeyro que corre por junto da mesquita, os deixárão fartar d'agoa, com que de todo se impossibilitarão pera a fogida. Quando os nossos forão com elles, acharão-se igualmente cansados, e não juntos como os mouros estavão: era necessario esperar que chegassem os companheyros que vinhão á longa. Neste passo lançarão os enemigos o que levavão nas ancas, que se foy esconder em hum ervaçal sobre a praya, do que fazendo juyzo Artur Rodriguez, que pertenderião embrenhar-se

(?) Leitura duvidosa. — Póde ser *missilão*.

em hum ribeyro que perto corria, acompanhado de huma espessa mata de canas e arueyras, fez apertar com elles os que achou comsigo, de sorte que levarão logo dous nas lanças. Mas não o havião com covardes: virarão os mouros esforçadamente, e ferirão logo dous dos nossos, e travarão huma honrada briga. Porêm era o partido desigual; que a nossa gente engrossava, e via-se a praya chêa dos melhores de Arzilla. Assi forão logo mortos dous, e outros dous tomados cativos. O que sintido, os mais acolherão se ao remedio que o Almocadem antevira, que foy largarem os cavallos e meterem-se polla brenha. Só tres se atreverão a hir seu caminho direito, levando de redea os cavallos até subirem a ladeyra que o ribeyro fazia: estes forão seguidos por Roque Ranenga e João Vaz Graiao e outros, que matarão hum dos tres, e os dous, chegando á borda do rio acharão muytos mouros de pé que os salvarão. Entre tanto Artur Rodriguez e os mais companheiros ficarão batendo o mato e cortando canas até descobrirem tres dos embrenhados, e matarem hum que se quiz defender, e levarem tambem o que se escondeo no ervaçal sobre a praya, que logo pollo rasto foy achado. Por maneyra que, de dezesete que erão, escaparão tres a pé, e os dous que chegarão ao rio: todos os mais forão mortos e cativos; e ficarão em poder dos nossos quinze cavallos. Entre os cativos se achou Muley Fassem, parente delRey de Fez, que por passatempo pedio ao Alcayde esta entrada, achando-se com elle em Larache. Forão mais cativos hum sobrinho de Pero de Menezes, que logo se fez christão, e se chamou João de Menezes, e servio muy bem a villa. Tambem se fez christão o que perdeo o cavallo na primeyra corrida, e o Conde o honrou e casou, e ficou servindo em sua casa.

Logo em Maio seguinte offereceo João de Menezes dar huma aldêa junto a Alcacere, chamada Algorfa, e fazia o negocio facil e proveitoso; mas tinha contra si os Almocadens que, sendo mouriscos, nenhum delles tinha della noticia. E com tudo, o Conde se determinou hir a ella, se Dom Duarte quizesse vir de Tangere com sua gente, porque sabia que os Alcaydes visinhos estavão em suas casas descansados, e o de Alcacere anojado polla morte do hirmão, que hindo buscar honra em mayor estado, achou nelle morte abreviada. Avisou a Dom Duar-

te do estado das cousas, e da facilidade e importancia da empresa, pedindo-lhe quizesse ser nella, porque juntos ambos não tinhão que temer. Era Dom Duarte escrupuloso e muyto acautelado em semelhantes entradas; com tudo não quiz faltar nesta, e foy brevemente em Arzilla. Sahirão os dous Capitães em 12 de Mayo com quasi quinhentos de cavallo: cearão na fonte do Azambugeiro, duas legoas da villa; e passada de noyte a ribeyra de Taliconte, forão dar na de Algarrafa, que por levar muyta agoa deu trabalho na passagem, e fez duvidosa a empresa, por parecer que não avia tempo pera chegar a boa hora á aldêa; com tudo fiados no poder que levavão, e dando-se pressa, a tomarão descuydada, e fizerão tão fermosa presa, que ficarão della mais de mil e duzentas rezes na villa, afóra cavallos, egoas, potros, e outros animays de carga.

Não tardou ElRey de Fez em decer a vingar os seus, e correr a Tangere e Arzilla; mas desta vez perdeo o feitio; porque vindo fogido de junto a Tituão hum morador de Arzilla cativo, por nome Artur Ortiz, chegou com tempo a avisar os nossos, que achara ElRey no campo.

CAPITULO V.

Entra no Estreyto de Gibraltar com armada Dom Estevão da Gama: mete no fundo huma galeota de turcos. Dáse conta do que aconteceo com lyões em Arzilla.

Era pescador e morador em Arzilla hum João Vaz Mayo, avido geralmente por covarde e homem pera pouco, porque de cousas que acaso se lhe encarregavão, humas vezes se escusava com desvios, e em outras não dava de si boa conta. Este sendo tentado do diabo desapareceo huma noyte, e se foy tornar mouro a Alcacere com hum filho de 13 annos e hum moço que o servia no barco. Ao filho fez logo renegar, e não podendo acabar o mesmo com o criado, fez venda delle ao Alcayde. E foy caso de notar que com a mudança da fé, trocou de maneyra os espiritos, que de covarde christão deu em valente mouro; e juntando comsigo fustas de mouros e turcos

fez alguns saltos nos reynos do Algarve, donde era natural, e no de Andaluzia, em que cativou muyta gente, e começou a ter nome e ser temido: no Algarve com dous navios de Argel e hum de Belez e outro de Tituão, e com o seu, que era huma fusta de dezeseis bancos, deu junto de Farão, e lançando em terra cem homens cativou sincoenta ou sessenta pessoas; e fora muyto mayor o dano se não acudira Nuno Rodrigues Barreto, Vedor da fazenda do Algarve, com a gente nobre de Farão e Loule: todavia se embarcou com sua presa, e de caminho tomou sobre as areas gordas hum navio de Cabo Verde carregado de algodões e marfim; de sorte que se tornou a Larache com esta presa e setenta ou oitenta cativos: e tornando sobre a bahia de S. Lucar entrou pollo rio de Sevilha, o que obrigou a ElRey Dom João a mandar huma armada a cargo de Dom Estevão da Gama pera guarda do Algarve e do Estreyto, e fazer espalhar e recolher estes cossarios. Andou Dom Estevão este verão correndo as fronteyras, e ainda que o Mayo se lhe escondeo, fez que se não juntassem com elle outros navios de Belez e Xixuão que o buscavão como a fiel e arriscado almocadem: e andando entre Tangere e Alcacere lhe vierão cair nas mãos outras duas galeotas de turcos, cuja desgraça foy que vindo a nossa armada correndo com levante forçoso, subitamente saltou o vento ao ponente, com que se não poderão livrar de ser alcansadas, e sendo a mayor investida do galeão, ficou feita em pedaços, e os turcos nadando sobre a agoa, onde se affogarão quasi todos. A outra fusta por ser pequena se arrimou tanto a terra que isso lhe valeo pera escapar. Vinhão ambas ricas e contentes do rio de Messa, que he junto ao cabo de Gué, onde tinhão vendido aos Xarifes huma boa presa de huma caravella que de Portugal navegava pera Salé com seguro delRey de Fez e de Muley Abrahem, e levava muyta roupa da India, cujo dono era hum judeu honrado chamado Rosales que em Lisboa ficava. Derão sobrella sahindo do porto de Salé; e alegando os Portuguezes o seguro que trazião pera o mesmo porto, isso mesmo lhes fez mais dano; porque se forão com a caravella a terras de jurdição alhea, e vendida aos Xarifes com todo seu rechêo, caminhavão descuydadamente pera Argel; mas acharão duro encontro com que perderão tudo; a maior na nossa armada; a mais pequena em

huma galeota castelhana de mais força, de que não pôde escapar.

Em Arzilla ouve até o cabo do anno almogavarias com vario sucesso, que deixamos de escrever por não fazermos leitura de cousas miudas; e cerraremos este capitulo com humas perigosas montarias de lyões a que o Conde era tão affeiçoado, como se forão de muyto passatempo. Disserão-lhe hum dia que no valle dos Borrazeiros estavão dous lyões que tinhão morto hum cavallo: mandou logo vir lanças d'arremesso, e espingardeyros a cavallo e bater o mato. A poucos golpes saltou fora hum dos dous, e vendo-se cercado de cavallaria e de muytos cães, poz as mãos em alguns, e assi os abrio e matou logo, sendo assaz bravos, como se forão cordeirinhos. Tirou-lhe o Conde primeyra lança e pregou-lha de maneyra que o lyão se sintio, e acudindo á dor lançou mão da lança, e logo correo a vingar-se: mas em continente foy passado d'outras; porque Dom Francisco acudindo a seu pay, e Fernão da Silva que com elle estava empenarão no lyão cada hum sua lança: e Dom Francisco não contente com o arremesso, tomando nas mãos outra de monte, poz ás pernas ao cavallo e o foy encontrar a todo correr, de sorte que lha ensopou no corpo. Mas não lhe ouvera de sahir bem o lanço, se não fora soccorrido do Conde, que com segunda lançada varou o lyão de parte a parte; e logo o cravarão tantas dos cavaleyros que ficou estirado, e o Conde o mandou levar em huma azemala á Condessa, que muyto aborrecia taes presentes.

Mas poucos dias se passarão que lhe não mandasse outro semelhante, mais de estimar pollo grande perigo de que Deos livrou o Conde. He de saber que no presente anno em que imos e no seguinte de 531 ouve na villa muytos rebates de lyões, que vinhão saltear bois e cavallos, como se no mato lhes faltara em que fartar a fome. Estando as atalayas no posto que chamão da Atalaya ruyva, virão hum lyão que vinha tomando chegada pera lhe saltear hum cavallo: cavalgarão elles á pressa, e sucedeo com o medo que lhes fez a vista e má tenção do lyão, soltar-se o facho e cahir, com que logo ouve repique e rebate na villa, e todo homem se poz a cavallo e tirou pera o campo. Sabendo o Conde a causa do rebate, caminhou pera onde o lyão aparecera, que não tardou em

se deixar ver, grande no corpo e temeroso na vista, e com se ver cercado de mais de cem homens armados, movendo o passo com tanto sossego ou soberba como se fora senhor do campo. Foy o Conde primeyro a lhe fazer tiro, e foy tão bem guiado que lhe ficou a lança empenada no corpo; mas o animal feroz cobrando forças e ligeyreza da ira, inviou-se ao Conde de sorte que n'um momento foy com elle, e ferrando o cavallo por huma coxa o fez acurvar e cahir, mais com a força do medo natural que o lyão se faz ter de todos os animays, que do mal da ferida. Estava o Conde tão senhor de si e do perigo, que como o cavallo foy cahindo, saltou em terra, e levando da espada se poz a ponto não só de defensão, mas tambem de offensa. Porêm não foy necessario cansar-se mais; porque logo foy socorrido de todos, e primeyro de hum pagem seu por nome Jorze Peçanha, que no tempo que vio hir o lyão traz seu senhor arrancou apoz elle, e tanto que o cavallo cahio, saltou-elle do seu e se poz entre o lyão e o Conde com tanta ligeyreza e acordo, que n'um mesmo tempo se acharão a pé amo e criado, e defronte do lyão. Estava o Conde tão sofrego da montaria, que tomando logo o cavallo e outra lança lha foy pregar, e apoz ella forão mais de vinte, com que o lyão cahio e acabou a vida, sendo hum só á mão de hum exercito de enemigos. Mandou-o o Conde levar á villa, e pera memoria guardar-lhe a pelle. O corpo foy lançado na praya do mar, onde se vio por experiencia o que a este animal acontece entre todos os outros, que ou seja pollo cheyro temeroso, que até na carne morta conserva, ou por outra natural e oculta causa, nem cão nem gato nem adibe, nem outro bicho do mato chegou a por-lhe boca.

CAPITULO VI.

Guerra da India. Pede paz ElRey de Calicut. Da-se conta do que fizerão as tres armadas que o Governador Nuno da Cunha despachou em fim do anno passado.

Diogo da Silveyra, a cujo cargo estava a costa do Malabar, andava tão vigilante na guarda della, que nem

barcos de pescar lhe escapavão, doque nacia aver em Calicut grande falta de mantimentos, de sorte que se padecia em geral e particular muyto trabalho. Assi clamando o povo, mandou o Çamorim embaixadores ao Governador pedindo-lhe paz, a qual não ouve effeito; porque, ainda que o Governador lha concedia, parecião as condições tão pesadas ao Çamorim, que quiz antes ficar em guerra. E assi lha começou logo a fazer Diogo da Sylveyra queimando povoações e decepando palmares, cousa que estes gentios tem não só por dano e perda de fazenda, mas tambem por affronta e descrèdito. Daqui se passou ao rio de Challe, onde encontrou o Governador que passava pera Goa: nesta passagem alegrou o Governador toda a armada; porque fez mercê aos fidalgos, e mandou fazer paga geral de soldos ao commum da gente d'armas: e deixando encarregado a Diogo da Sylveyra que desse hum rigoroso castigo a hum vizinho de Mangalor, que chamavão o Chatim, passou em 12 de Fevereyro pera Cananor. Aqui visitou Elrey com tanto amor e benignidade que o deixou muyto contente por esta via, alem de lhe conceder alguns requerimentos justos. Por costume destas gentes, mais que por agradecimento, offereceo o Rey ao Governador huns braceletes de pedraria, que o Governador tambem por não ser costume engeitar semelhantes presentes aceitou; mas lembrado da obrigação do officio que fazia, e muyto mais do que aborrecia todo genero de cobiça, logo os mandou entregar ao feitor da armada, pera virem a ElRey Dom João nas naos de viagem. E provendo em algumas obras pera mais segurança da fortaleza, navegou pera Goa.

Não foy descuydado Diogo da Sylveyra em buscar o Chatim de Mangalor. Levava quatrocentos e sincoenta homens em dezeseis velas, de que erão Capitães João da Sylveyra seu hirmão, Francisco da Cunha, Manoel de Vasconcellos, João Penalvo, Diogo Quaresma, Ayres Cabral, Antonio de Sousa, Nicolao Jusarte, Gomez de Sotomayor, Antonio de Sotomayor, Affonso Alvares, Lourenço Botelho, Antonio Mendes de Vasconcellos, Francisco de Sequeira e Antonio Mendez Malabarés. Entrou pollo rio, que he de bom fundo, e sobindo por elle acima lançou em terra duzentos e corenta homens, que

acharão diante de si hum esquadrão de mais de quatro mil frecheyros, e de mistura alguns espingardeyros; mas dos nossos sahia tanto fogo, e tal furia de ferro e armas, que brevemente largarão o campo deixando muytos companheyros estirados nelle. E como elles levavão azas pera fogir, assi as tinhão os nossos pera vencer tudo quanto achavão diante; e não foy parte pera deixarem de entrar huma casa forte, que sobre o rio estava, defensalla muyta gente e muyta e boa artilheria. Arrombarão as portas, e ficarão senhores de tudo. Quiz o Chatim salvar a vida quando não podia a fazenda, mas tirou-lha hum tiro de arcabuz, que o colheo demandando o rio, que fazia conta passar a nado. A mesma conta fazião tambem os seus, mas sahio-lhes errada, porque vierão dar c'os nossos bergantins e catures, que fizerão nelles cruel matança, de sorte que o rio se tingio de sangue, e foy fazer o mesmo no mar. He de saber que este Chatim de mercador ordinario, que isso quer dizer na India o nome de chatim, creceo tanto em menêo e sustancia de fazenda, que vêo a arrendar a ElRey de Narsinga o rio de Mangalor, cujo era, e delle despachava muytas naos pera Meca. Foy o dizenho parecer-lhe que como Elrey de Narsinga tinha paz comnosco, ficava com a capa della exercitando seguramente seu trato: e valeo-lhe alguns annos em que se fez muito rico, e vêo a ser chamado por excellencia o Chatim de Mangalor. Soube Nuno da Cunha que, alem de despachar muyta pimenta por sua conta pera Meca, fazia o mesmo por conta do Çamorim, e que fortificava o rio com tranqueiras e artilheria, e tinha já huma casa forte de pedra e cal, como quem não duvidava que tal trato era em manifesta offensa dos Portuguezes, que della tarde ou cedo lhe avião de pedir conta. Assi acabou neste dia seu poder; ficou arruinada a força, tomada a artilheria, e o lugar e fazenda queimada.

Era já no fim do verão: navegou Diogo da Sylveyra pera Cananor, e foy despedindo de si algumas velas, quando soube que Pate Marcar Capitão de Calicut passava com sesenta paráos. Não quiz perder a ocasião de pelejar com elle, e ainda que neste primeyro encontro perdeo hum Catur, que soçobrou por desastre, e seu hirmão João da Sylveyra ficou mal ferido de huma bombardada, na vol-

ta que o mouro fez se vingou delle bastantemente; porque o esperou em Monte Deli, e o desbaratou metendolhe seis velas no fundo.

Antonio da Sylveyra, como hia pera mayor negocio, teve mayor armada e mais gente: eram as velas que levou sincoenta e huma, em que avia tres galés, de que erão Capitães, elle em huma, e nas outras duas Francisco de Vasconcellos, e João Rodriguez Paes: e duas galeotas a cargo de Fernão de Lima, e João de Magalhães. Tudo o mais erão navios miudos, fustas, bergantins e catures, e novecentos homens Portuguezes, em que havia muytos fidalgos e criados delRey. Assi acompanhado partio pera a enseada de Cambaya em 21 de Janeyro, e entrou pollo rio de Tapty, onde havia duas cidades, as mais notaveis daquella enseada. A primeyra, que chamão Surat, tinha seu assento ao longo d'agoa a tres legoas da foz; a outra, que se diz Reyner, estava situada da outra banda do rio, mêa legoa distante da margem delle. Surat, povoada de gente vil e fraca, que chamão banianes, tecedores, polla mór parte, de panos de algodão: Reyner, de gente bellicosa, costumada a andar no mar e servir á Elrey de Cambaya em suas fustas; e conforme a isto he a terra mais sumptuosa de edificios e policia. Ambas destruio e assolou, sem embargo de Surat ser logar de dez mil visinhos, e acudir á sua defensão com hum corpo de gente de mais de dez mil homens, em que entravão trezentos de cavallo: Reyner tinha mais defensão de tranqueyras e artilheria ao longo d'agoa, e quinhentos de cavallo no campo; mas nada lhe valeo, e foy dada a saco aos soldados.

Daqui passou Antonio da Sylveyra a Damão, que sendo lugar grande e tendo huma boa fortaleza pera guarda, os moradores, de assombrados com os sucessos de Surat e Reynel, despejarão tudo. Mas não o fizerão assi os moradores de Agacim, que he outro rio e logar mais adiante, que dista de Chaul catorze legoas: poserão-se em boa defensa, e matarão-nos sinco Portuguezes; porêm no cabo forão entrados, e mortos muytos, e muytos cativos: e o lugar queimado com todos os navios que avia no rio.

Resta darmos conta da terceyra armada que o Governador mandou pera o estreyto do mar-rôxo, a cargo de Eytor da Sylveyra. Esta vêo a partir de Goa em 21 de

Janeyro deste anno: era de quatro galeões, duas caravellas, e quatro bergantins, e nella seiscentos homens de guerra. Chegado ao cabo de Guardafu, estendeo-se de maneyra naquelle mar com todos seus navios á vista huns dos outros, que lhe não pudesse escapar os que viessem ou sahissem de mouros. Assi fez algumas presas de importancia: foy a primeyra de huma nao carregada de especiaria, que lhe vêo dar nas mãos; esta era do Chatim de Mangalor. Outra coube a Martim de Castro, que lhe custou muyto sangue e feridas; vinha de Dio, trazia duzentos turcos: Martim de Castro era homem arriscado e sem medo; saltou dentro com dez ou doze companheyros semelhantes em brio e animo; mas acharão dura resistencia no numero e valor dos contrarios, que todavia forão vencidos, e a nao ficou em poder dos nossos. Daqui se foy Eytor da Sylveyra á cidade de Adem, que achou desassombrada do cerco que Mustafá turco lhe tinha posto, e se levantou tanto que teve novas da nossa armada. Era a tenção do Sylveyra unir os potentados deste estreyto em amizade comnosco contra os turcos, o que a todos estava bem, e o entendião assi polla pouca verdade que achavão nelles, e só nos Portuguezes era certa. Assi acabou com Elrey de Adem que se fizesse vassallo delRey de Portugal, com dez mil xerafins de parias em cada hum anno; e antes de sahir de Adem teve recado delRey de Xael, que queria acceitar a mesma sogeição, e feitos seus assentos com hum e outro, fez volta pera a India.

CAPITULO VII.

Guerra de Malaca: novas treições do Rey do Achem contra os nossos. Chega novo Capitão a Maluco, que prende ao antecessor Dom Jorge.

Contado temos atraz a morte desastrada que os Achens derão a Simão de Sousa Galvão, e o favor e bom tratamento que o Rey mandou fazer aos que da companhia escaparão com vida, traçando já então que assi enganados lhe servirião pera a semente de novas treições, como

logo foy ordindo, e por secretos juyzos de Deos lhe sucederão a todo seu sabor. Trazia este Rey guerra com o de Arú, nosso amigo, e não lhe faltava mais que conquistallo pera ficar quasi universal senhor de toda a grande ilha de Samatra. Teve aviso secreto de Malaca que se ordenava socorro em favor do Arú, em tempo que ainda servia de Capitão Pero de Faria: despacha-lhe tres dos portuguezes cativos, affirmando que queria paz com elle, e tornar a galé e artilheria de Simão de Sousa, mas que pera se tomar assento em tudo como convinha, mandasse alguma pessoa de sustancia a seu reyno. He a humana natureza tão facil em crer o que lhe está bem, que tendo Pero de Faria começado a pôr em ordem o socorro do amigo, assi se venceo das offertas enganosas do enemigo, que suspendeo o valer ao Arú, e despachou huma lanchara ao Achem com alguns Portuguezes, pera que fallando com elle vissem se com tenção verdadeira procurava nossa amizade. Chegarão estes a sua presença; forão delle tratados com bom gazalhado e dadivas: mas como era falso e sem fé mandou saltar com elles no caminho, e forão todos mortos; e pera que do feito não ficasse rasto, a lanchara foy metida no fundo.

Isto era sucedido em tempo de Pero de Faria. Passados seis mezes despois da treição, sendo já Capitão de Malaca Garcia de Sá, começou o Achem a tecer outra polla maneyra seguinte: Despachou-lhe huma carta com o sobrescrito pera Pero de Faria, pera mais dissimulação do que traçava: dizia nella que avia meses lhe mandara reposta sobre a materia de pazes que muito dezejava, e estava confuso vendo a tardança do recado, e por tanto lhe fazia agora saber que elle estava com o mesmo animo que então. Porêm que pera escusar idas e vindas, e as incertezas que o mar tinha, sería bem elle Capitão inviar-lhe huma pessoa de autoridade, com quem podesse assentar as condições da paz, e com isso ficassem correndo como a ambos convinha. Enganou-se Garcia de Sá com a palavra de hum homem que tinha nome de Rey; mas como sabia que o avia com mouro, não quiz proceder sem cautella: poz em ordem hum tal navio que, por artilheria, munições e gente, fosse poderoso, sendo necessario, pera pelejar com todo o poder do Achem: era hum galeão de dozentos toneys; a gente oytenta e sinco Portuguezes

dos principays de Malaca; trinta peças de artilheria entre grossa e miuda. Porêm toda esta prevenção descompoz e danou a simplicidade e pouco aviso do Capitão que nelle mandou, que foy hum Manoel Pacheco, melhor homem de mão que de cabeça: porque sendo bom cavaleyro entrou com tanta confiança e descuydo no porto enemigo, que sem se querer armar, por mais que foy advertido de alguns dos companheyros, não cahio em seu erro senão despois de passado com muytas frechas, elle e quasi todos os seus. Levarão os enemigos o galeão com triunfo a seu Rey, e com elle os que ficarão dos nossos com vida. Vendo o tirano que já não avia meyo com que cobrir tamanha maldade, uzou então d'outra mayor, que foy mandar matar a sangue frio todos os cativos da galé de Simão de Sousa, e os que no galeão se renderão.

Era a pessoa principal em Malaca hum mouro por nome Sinaya Raya. Este se carteava em segredo com o Achem, e dando-lhe traças e modos pera hos fazer dano, não lhe promettia menos que faze-lo senhor da cidade. Cuydava elle que ninguem tinha do comercio noticia; quando por via dos mesmos Achens se publicou, que, juntos hum dia a comer com alguns malayos, a festa da comida e o gosto do vinho, mao secretario de cousas importantes pera quem a elle se entrega, fez que tratassem sobre meza materias de Estado, e os Achens sem rebuço declarassem que tinhão em Sinaya Raya tamanho amigo, que por seus conselhos tinhão alcansado as vitorias da galé de Simão de Sousa e galeão de Pacheco, e esperavão ganhar Malaca. E como estavão quentes do vinho, não calarão os tempos e mêos que pera isso estávão assentados. Teve o Capitão aviso de tudo por alguns malayos fieys; estava sintido da perda do galeão e gente, não quiz tardar com o castigo a quem tão bem o merecia: chamou Sinaya ao castello, e atadas as mãos atraz mandou-o lançar da torre da menagem abaixo, donde acabou miseravelmente suas treições e seus dias, pequena vingança pera tantos males como tinha feito.

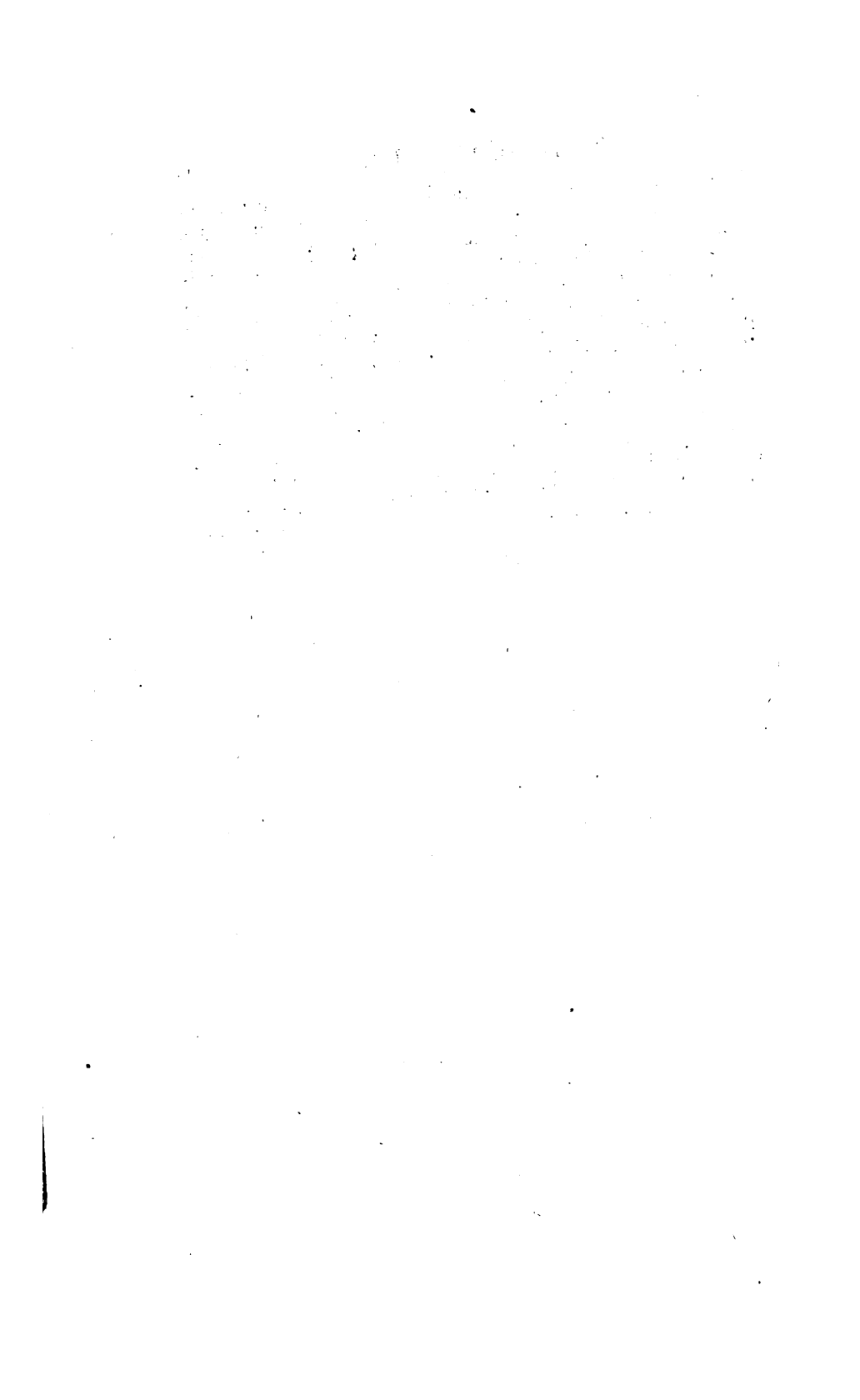
Por este tempo navegava pera Maluco Gonçalo Pereyra, provido daquella capitania por ElRey Dom João. E por ter ordem do Governador Nuno da Cunha que fizesse sua viagem polla ilha de Borneo, partindo de Malaca por Agosto, foy a Borneo, assentou paz e amizade

com o Rey da terra, e tornando a navegar, entrou em Ternate por Oitubro deste anno. Temeo-se Dom Jorze ou de sua consciencia, ou de ver em companhia de Gonçalo Pereyra a Lionel de Lima, que não tinha por amigo, despois de lhe fazer chammente entrega da fortaleza, lançou mão de huns grilhões que hum criado lhe trazia por seu mandado debaixo da capa, e disse a Gonçalo Pereyra que, se avia mister alguma cousa de semelhantes ferros, não queria que os mandasse buscar longe; ali lhos trazia e offerecia, e tambem meteria os pés logo nelles sem paixão. Acudirão logo grandes clamores da Raynha e dos seus mandarins, pedindo justiça contra Dom Jorze, e requerendo sobretudo a soltura delRey seu filho, que preso estava na fortaleza, sem ter mais de Rey........
....

ANNAYS

DA

VIDA, REYNADO E GOVERNO

DO

PRUDENTISSIMO

REY D. JOÃO III.

PARTE SEGUNDA.

(1540 — 1542.)

CAPITULO I.

Naos que partem da India com a carga ordinaria de especiaria, e do Reyno pera a India.

Entrados no inverno da vida, que he a velhice e enferfermidades que acompanhão a quem vay já fazendo numero de annos sobre setenta, entramos na segunda parte da vida do nosso grande Rey Dom João. Poderoso he o Senhor, que nos chegou [a contar tantos, inda que tristes e trabalhados, em tempo que vemos a muytos moços robustos e fortes estallar como vidro na flor da idade, conservar-nos nesta até comprirmos com a obrigação em que estamos a quem fiou sua historia de nossa diligencia, avendo outra de tão bom estilo que pudera bem forrar-nos o trabalho. Dias Alcionios tem ordinariamente o mais es-

quivo inverno, e não ha homem tão velho que não possa viver mais hum anno. Se Deos for servido dilatar o chamamento, que já por muytas maneyras nos sôa nas orelhas, e quasi o temos á porta, brevemente daremos fim ao que resta do governo do nosso bom Rey, porque os materiaes, que pera o edificio servem, estão juntos, e a vontade promta pera os empregar, sem perdoar ao trabalho, nem dar ferias á pena: e pera que nem este curto prologo nos roube horas, comecemos logo.

Em 10 de Janeyro deste anno se despacharão na India as naos de carga pera o Reyno, negoceadas por Dom Alvaro de Noronha, filho do Visorey Dom Garcia, que a isso foy mandado a Cochim. Estas são as em que tinhão chegado a Goa em Setembro do anno de 1539 Diogo Lopez de Sousa, e porque elle hia provido por El-Rey da Capitania de Dio, e ficou na India, vêo por Capitão-mór.

Nellas se embarcarão muytos fidalgos, e foy hum delles o grande Antonio da Sylveyra, e outro Martim Afonso de Sousa. Erão sinco naos.

De Lisboa sahirão por Março deste anno quatro naos, Capitão-mór Francisco de Sousa de Tavares: das tres eram Capitães Simão da Veiga, Vicente Lourenço Baterias, e Vicente Gil. Teverão prospera viagem, e forão surgir na barra de Goa em dez dias de Setembro, sendo falecido o Visorey Dom Garcia por Abril do mesmo anno, e governando já a India Dom Estevão da Gama, como logo iremos dizendo. Nestas naos forão de novo a servir na India Jorze da Sylva, filho de Anrique Correa, Dom João d'Almeyda, e Dom Francisco d'Almeyda, hirmãos e filhos de Dom Lopo d'Almeyda, João de Sousa, Gonçalo Coelho, filho de João Coelho, Dom Bernardim da Sylva, filho bastardo de Dom Antonio de Menezes, Antonio de Sousa, filho de Ambrosio Paçanha.

Este anno foy de armada pera as Ilhas, a esperar as naos da India e dar-lhes guarda, o galeão Santa Cruz, com tres caravellas. Não vêo á nossa noticia o nome do Capitão-mór.

Foy outra armada pera a Malagueta de mais sustancia, Capitão-mór Manoel de Macedo; levou duas naos, tres galeões, e tres caravellas; armada bastante pera de

presente fazer levantar os cossarios que a continuavão com teima e força, e pera atemorizar ao diante a quaysquer outros que della tevessem novas.

CAPITULO II.

Falecimento dos Iffantes Dom Afonso e Dom Duarte: seus dotes e calidades. Da-se conta de algumas cousas que ElRey fez.

Tinha-nos a morte levado no anno de 1534 o Iffante Dom Fernando, como atraz contamos, com gravissimo sintimento delRey seu hirmão: neste lhe deu segundo e terceyro golpe, e quasi juntos ambos, com o falecimento do Cardeal Iffante Dom Afonso e do Iffante Dom Duarte, cujas vodas celebrara com gosto no de 536. Foy a morte do Cardeal em 21 do mez de Abril em Lisboa. Viera de Evora curar-se de certa infirmidade: custou-lhe a vida o dezejo da saude. Acabou traz elle o Iffante Dom Duarte tambem em Lisboa em 20 de Oytubro. O Cardeal Dom Afonso assi como faleceo primeyro, assi deixou huma geral saudade em todo o Reyno, porque sendo Principe, e Cardeal, e moço, fazia exactissimamente o officio de Prelado. Esteve *D. Duarte* (1) casado poucos mezes mais de quatro annos. Nelles teve duas filhas, Dona Maria, que casou em Italia com o Duque de Parma Alexandre Farnès; e Dona Catarina, que foy molher do Duque de Bragança Dom João, seu primo cohirmão. Ficou a Iffante prenhada: pario por Março do anno seguinte hum filho que por nacer postumo, quero dizer, despois de seu pay enterrado, se lhe poz o mesmo nome. Ficou com o cargo de Condestabre do Reyno e titulo de Duque de Guimarães, parte principal do dote da Iffante sua mãy. Corria o Iffante em 25 annos de idade quando o Deos chamou. Em vida e morte deu mostras de grande christão. He cousa certa que trazia cingido hum aspero cilicio á raiz das carnes, tão encuberto até dos mais chegados criados, que nunca se lhe notou nem soube senão por morte. A tal cuydado respondião huma grande pureza

(1) Falta está palavra no original.

d'alma e perfeição de vida e costumes, rara temperança no comer e beber, e grande devação pera as cousas da igreja. Donde fica menos de espantar que soube o tempo de sua morte, e o declarou algum tempo antes a seus hirmãos e a alguns criados; e o que delle contava o padre mestre frey André de Resende, honrado e muy grave religioso de S. Domingos, que fora seu Mestre. Era noyte escura quando hia a enterrar: ao tempo que a tumba chegou defronte da porta do hospital vio-se sahir della huma pomba e vôar pera o Ceo. Das letras tinha gosto, e juntava-lhe outro das armas, com que lhe dava mais lustre. Sendo grande caçador passava muytas noytes no mato vestido e em tempos esquivos; e dizia que o fazia pera se acostumar ao trabalho da guerra quando chegasse a exercitalla. Enterrou-se na igreja de Belem, aonde foy levado pollos hirmãos da Misericordia. Do senhor Dom Duarte seu filho puderamos dizer muyto: escusaremos tudo com dizer que era em tudo verdadeyro filho de seu pay; porque resplandecerão nelle as mesmas virtudes, juntas com huma estremada brandura e affabilidade e largueza de condição, que levava traz si os animos e vontade de todos os que chegavão a tratallo. E por todas lhe era particularmente affeiçoado o Cardeal Iffante Dom Anrique, seu tio. Achou-se com ElRey Dom Sebastião na primeyra jornada que fez a Africa no anno de 575, levando muyto mayor despesa do que suas rendas sofrião de criados, armas, e cavallos. Vindo de Africa retirou-se pera Evora, e ahi faleceo de huma doença vagarosa, que o vêo a consumir por fim do anno de 76. Achamos deste anno huma carta delRey, sua data de 20 de Maio, pera Manoel de Mello, que, segundo por ella se entende, estava em Veneza. Agradece-lhe Sua Alteza humas instancias, que teve aviso fazia com Fernão Coutinho por que se viesse pera o Reyno. Foy o caso que este fidalgo, segundo ouvimos a nossos mayores, achando-se hum dia em Belem a visitar hum amigo que estava embarcado pera a India, se deixou ficar com elle, e, ou fosse levado da boa amizade, ou de desejo de ver terras, folgou de o acompanhar. Não era sua tenção servir na India; porque estava ja entrado em dias e idade pouco conveniente pera principiar o exercicio da guerra. Chegado ao Oriente, como se fora a elle sem ordem nem licença delRey, determi-

nou tornar-se á Europa, mas não pera a Patria: tomou por mêo vir polla Persia até Aleppo, e Tripol de Suria, donde achou passagem pera Veneza. Era cousa mal conhecida então este caminho, que no tempo presente se tem grandemente facilitado. Nesta cidade foy encontrado de Manoel de Mello Coutinho, que muytos annos foy Embaixador delRey em Alemanha e Castella: erão parentes pollo apellido: persuadio-lhe que se tornasse pera Portugal: e he muyto de considerar a grande bondade e brandura delRey, que, despois de agradecer a Manoel de Mello a diligencia que fez com o parente no que lhe estava bem, acrecenta, são palavras formais da carta — que lhe faria mercê vindo-se a seu serviço, vista sua calidade e daquelles de que decende: e assi vêo logo pera Lisboa.

Neste mesmo anno proveo Sua Alteza do cargo de Governador da Casa do Civel a Dom Anrique de Menezes, hirmão de Dom Duarte de Menezes, que foy Governador da India. Era vindo de Roma: trouxera as bullas da Inquisição, que forão de particular gosto pera ElRey. Cahia bem nelle o cargo por ser bom letrado, e não menos nobre, como quem era filho do Conde de Tavora, Prior do Crato.

CAPITULO III.

Guerra de Africa. Mandão os Alcaydes do Xarife desafiar o Capitão de Çafim: aceita o desafio: faltão elles.

Despede-se o anno de 1540 com hum honrado sucesso da fronteyra de Çafim, de que temos relação por huma carta original do Capitão Dom Rodrigo de Castro pera ElRey, que me pareceo digna de hir copiada assi como nos vêo da Torre, sem tirar nem acrecentar letra. He a que se segue: « Senhor. Mandou o Xarife ao Alcayde Bodibeyra, e a seu hirmão o Alcayde que foy de Dará, com os Xeques e Arahala de Xiatima, e os Dabia e Garabia, e a metade da Enxouvia, em que averá mil e quinhentos de cavallo, e muyta gente de pé, que com todos seus Aduares se viessem pôr á roda desta cidade. Huns

estão da Atalaya gorda pera dentro: e.... está na Varzea de Gornis: e outros estão da banda de Villa Velha. Os quays nos tem cercados, sem podermos sahir fora dos vallos: e ás tranqueiras jogão todos os dias ás lançadas comnosco, onde, louvores a Deos, lhe matamos e ferimos muytos mouros: e elles nos tem feito perder á fome a mayor parte dos cavallos, e se Vossa Alteza antes de hum mez nos não mandar acodir com mantimento, perderseão todos, e a mayor parte da gente que aqui ha: estamos em mêas rações pollo pouco trigo que nos vêo, e polla muyta guerra que temos; porque o serco que temos he muy grande, tirando sermos combatidos com artilharia; porque isso só nos falta.

A 29 de Dezembro me mandou o Alcayde Bodibeyra desafiar, dizendo que elle queria dar quatro cavaleiros do Xarife, os quays se matarião com quatro christãos, sobre quays erão melhores cavaleiros. E o porque isto fez, foy pollo muyto nojo que lhe faziamos, sendo nós poucos e elles muytos. E eu aceitey o desafio, por me parecer que nisso servia Vossa Alteza, por elles não hirem com esta honra adiante. E vespara de Janeyro me alevantey muy cedo; e despois de ouvirmos missa, lhe mandey dizer que aceitava o desafio. Elle mandou logo levantar os fachos que tem de redor de nós; e vêo com os quatro cavaleiros que trazia escolhidos pera isso. Erão Amor Benga Neme, e Falhaora, e Ale Ben Mafamede, e Cide Narzocco, os quays são os mais experimentados e melhores que tem el-Rey de Marrocos. E entre nós houve grande prazer com este desafio: e logo me pedio meu filho Dom Diogo licença pera lhe sahir; e ainda que elle não he mais que de dezeseis annos, polla confiança do que lhe tenho visto fazer, o ouve por bem; e dei-lhe por companheiros Fernão do Carvalhal, e Alvaro de Morays, e Lopo Barriga Adail.

Assentámos, o Alcayde e eu, ser o campo em que se avião de matar entre nós e elles, e eu estar de dentro das tranqueiras com toda a gente de cavallo e de pé, e os mouros de fora arredados, pera que dessem lugar pera se poderem matar entre nós e elles. Tanto que eu fuy no campo, leixarão cahir os fachos: e os outeiros e valles forão cubertos delles: e assi o erão os nossos baluartes e torres de molheres e homens que hião ver o desafio. E logo lancei meu filho com seus companheiros fóra das tran-

queiras, os quays se forão pôr no campo que tinhamos assinalado. E elle apartou os quatro mouros, e vierão a passos contados, e não se quizerão chegar aos nossos. Então mandei quatro ou sinco recados ao Alcayde, dizendo-lhe porque não mandava os seus cavaleiros matarem-se com os christãos, pois os mandara desafiar, e elle mandou-me dizer que logo se chegarião: e a sua gente não fazia senão chegar-se pollas ilhargas. E quando aquillo vi mandei aos nossos que fossem a elles: e como os mouros os virão hir perto de si, forão fogindo até onde estava o Alcayde: e os nossos ficarão onde elles estavão: tocarão as trombetas, e a nossa gente deu-lhes huma grande grita, de que elles ficarão muyto corridos: e o baluarte novo disparou a artilharia; porque tinha eu mandado que lhe não tirassem até o desafio não ser acabado. Estiverão os nossos no campo até a noyte. Ouve-os por vencedores do desafio, e fiz meu filho cavaleyro. No dia seguinte me mandou o Alcayde grandes desculpas, e todas frivolas. Nosso Senhor, &c. — De Çafim a 5 de Janeyro de 1541. — Dom Rodrigo de Castro.

CAPITULO IV.

Successão de Dom Estevão da Gama no governo da India ao Visorey Dom Garcia; e algumas cousas que logo ordenou.

Mas convem passarmos á India, onde temos novidades com a morte do Visorey Dom Garcia de Noronha. Tinha o Visorey em seus ultimos dias, e já quasi no cabo da vida, mandado seu filho Dom Alvaro assentar pazes com ElRey de Calicut, que se capitularão em Panane com honra do Estado, porque tal medo cahio sobre os potentados do Oriente, vendo retirada e posta em desbarate a poderosa armada turquesca, que acabarão de entender que não avia forças que igualassem as delRey de Portugal; e todos huns traz outros vierão procurando nossa amizade: e como não tinhão mais que esperar dos Rumes, nem d'outros estrangeiros, resolverão-se, pera terem segurança em seus comercios, em tratar cada hum de paz

verdadeira, não simulada nem fingida, como as de outros annos. Esta guardou em particular o Çamorim espaço de trinta annos, com tal pontualidade, que forão os melhores que gozou a India; e nelles se enriquecerão e florecerão todas as nossas cidades e fortalezas em abundancia de todos os bens da terra, em comercio e mercadorias, em povo e christandade.

Faleceo o Visorey Dom Garcia em tres dias do mez de Abril deste anno de 540; foy sua morte causada da mais irreparavel doença de todas, que he a velhice: foy levado seu corpo á Sé; fizerão-se-lhe as honras costumadas, com solenidade e assistencia de toda a nobreza e povo de Goa: as quays acabadas suspendeo-se o enterro do corpo, até o Vedor da Fazenda Fernão Rodrigues de Castello Branco mandar vir hum cofre, que em seu poder tinha, das successões da India. Tirou logo huma á vista de todos, e vio-se que dizia o sobrescrito: « Primeyra successão, que se abrirá falecendo o Visorey Dom Garcia de Noronha. » Entregou-a logo de sua mão ao Secretario da India; elle a abrio, e leo em voz alta; e o que continha era, que Sua Alteza nomeava por sucessor Martim Afonso de Sousa. Era Martim Afonso embarcado pera o Reyno nas naos de viagem do mesmo anno. Tirou o Vedor da Fazenda a segunda successão com a mesma diligencia que fizera na primeyra, que foy mostra-la a todos, por que se visse que estava serrada, inteyra e sem vicio; e aberta por mão do Secretario, achou-se nella nomeado Dom Estevão da Gama.

Era sahido Dom Estevão da Capitania de Malaca, e muyto rico; porque a lograra sinco annos, e herdara o que tinha acquirido seu irmão Dom Paulo: vêo a Cochim pera se embarcar pera o Reyno; e sem aver occasião de importancia, tornou pera Goa. Não faltou quem fizesse discurso que o fizera ficar na India ver embarcado Martim Afonso de Sousa, que então era primeyra pessoa no Estado, despois dos que o governavão. Ajudava o discurso imaginar-se a que devia ter em tal caso algum aviso secreto do Reyno, vista a muyta idade e longos annos de Dom Garcia, que poderia cuydar se encurtarião com a mudança dos climas, que pera os velhos, por pequena que seja, sempre he danosa. Fez Dom Estevão na entrada do governo huma prevenção de boa prudencia, e que

por tal sabemos que foy despois imitada neste Reyno de alguns homens de grande entendimento: chamou o Ouvidor Geral e Provedor-mór dos defuntos; mandou fazer por elles inventario de toda sua fazenda; porque como trazia muyta, e toda bem ganhada, não fosse ocasião pera se dizer, quando deixasse o cargo presente, que ajuntara nelle.

Deu-se logo a ver e revolver os papeis e instruções que avia do Visorey, e porque a que mais encarecida achou por ElRey foy que fizesse diligencia, e procurasse que as galés, que de Dio sahirão inteiras pera Suez, não dessem segundo cuydado á India, mandando por algum bom mêo dar-lhes fogo, visto como sendo huma vez desfeitas, ficava muy custoso ou quasi impossivel aver outras de novo, pollo trabalho que se sabia dera o carreto da madeyra destas, vindo por terra de dentro de Alexandria até Suez (era a ordem de Sua Alteza apertada, e muy encomendada e precisa). Dom Estevão, amigo de honra, julgou que se lhe abria caminho pera ganhar muyta, assentou comsigo hir em pessoa dentro a Suez, e sem tardar começou logo a ordenar huma armada que fosse bastante pera correr sem recêo todo o Mar-Roxo, e se fazer senhor de Suez.

Augmentava-se neste tempo com a quietação da paz, que por todo o Estado avia, a christandade e amor de nossa santa fé: corrião ao bautismo, de todas as nações gentilicas, muytos moços, de que Goa se via chêa. Não podião os Padres do Serafico Francisco, que só então erão os que esta vinha cultivavão, acudir a tamanho numero. Teve noticia o Governador, estando em Malaca, do seminario que Antonio Galvão fundara em Maluco, pera criação das plantas tenras que juntava pera Christo; instituio em Goa por sua imitação outro semelhante, que chamou o Collegio de Santa Fé. Foy o sitio na rua que tinha nome Carreira dos Cavallos. Aqui recolheo muytos, e lhes deu mestre que os doutrinasse, e ordem pera terem commoda sustentação. Acertada prevenção pera esperar bem da jornada que imaginava.

CAPITULO V.

Desbarata Ruy Lourenço de Tavora em Baçaim a hum poderoso Capitão de Cambaya. Põe o Governador em conselho a jornada de Suez.

Ruy Lourenço de Tavora, que fora acompanhando o Visorey por Capitão de uma nao até a India, e despois o seguira na jornada que fez pera Dio, chegando juntos a Baçaim, foy mandado por elle que se ficasse logo na mesma fortaleza, visto como della hia provido por ElRey. Tomou Ruy Lourenço posse do cargo, e começou a entender no que convinha a sua obrigação. Tem Baçaim huma muy estendida, fertil e rendosa comarca, povoada de muytas aldêas, de que resulta boa parte do aproveitamento dos Capitães. A poucos mezes despois de chegado soube que entrava por ella hum Capitão delRey de Cambaya, poderoso de gente e armas, e que se vinha fazendo senhor das terras, e obrigava os moradores a lhe acudirem com as rendas. Pertencião as rendas e terras ao Estado da India dês do dia que Soltão Badur as largou com a cidade, por contrato de pazes, ao Governador Nuno da Cunha, fazendo perpetua doação dellas a ElRey Dom João de Portugal. Porem o mesmo Badur tinha feito outra antes desta a hum Capitão seu, a quem deu juntamente então a fortaleza de Damão. Este Capitão, que Bramaluco se chamava, tanto que teve novas de ser morto o Visorey Dom Garcia, ouve que era tempo de se restituir no que tinha por fazenda propria. Não juntou menos pera a empresa que sinco mil homens de pé e trezentos de cavallo. E como o avia com gente pobre e lavradores, huns se lhe entregavão logo, outros se vinhão a Baçaim pera os nossos. Determinou Ruy Lourenço acudir com tempo, antes que o dano fosse mayor: poz-se em campo com seiscentos Portuguezes que tinha consigo, parte moradores da cidade, parte soldados que o Visorey lhe deixara, como em fronteira de enemigos; e foy demandar os Guzzerates. Estavão elles já tanto adiante, que não avia mais que duas legoas da fortaleza ao sitio que

tinhão. Madrugarão os nossos, com tenção de os colherem a horas de sesta, em que os gentios se recreião, alem do sabor do jantar, com se lavarem e repousarem; e pararão a este fim entre hum arvoredo que avia no caminho. Mas o Bramaluco era homem de guerra; trazia espias no campo: tanto que por ellas soube onde estavão, deu-se pressa a ganhar por mão no acometimento: achou que huns começavão a estender-se sobre a relva, outros a almoçar e deixar pacer os cavallos. Deu-lhe animo a ocasião, e o descuydo dos que fazião conta de o saltear descuydado; arremeteo tão esforçadamente, que poz tudo em confusão e desordem. Levava a dianteyra a seu cargo Fernão da Sylva Alcayde-mór de Alpalhão: sem ter lugar de se armar sustentou, a muito trabalho, o peso dos enemigos; e juntando-se-lhe Antonio de Soutomayor com os de sua companhia, ouve entre todos huma muy porfiada briga. Erão os Guzzerates muytos e bem armados: andavão já feridos Fernão da Sylva e Antonio de Soutomayor, e erão mortos alguns de ambas as companhias, e não fazião os enemigos sinal de fraqueza. A este tempo tinha-se Ruy Lourenço armado com sincoenta de cavallo, que o seguião, e juntos com Dom Luis de Tayde e muytos fidalgos e outra gente nobre de sua companhia, derão sobre os enemigos com tamanha força que forão rotos e desbaratados, e em fim se poserão em fogida, deixando bom sinal de sua valentia em grande numero de mortos de sua parte, e alguns da nossa. Tornou-se Ruy Lourenço ao mesmo posto onde fora o almoço, pera curar os feridos, que erão muytos, e dar hum pouco de alivio aos sãos, que o avião bem mister, segundo tinhão bem trabalhado, com tenção de buscar, em amanhecendo, o Bramaluco, e não parar até o desfazer de todo. O gosto da vitoria encurtou o sono, e fez saborosa a madrugada. Mas os gentios lhe forrarão o trabalho; porque logo foy Ruy Lourenço avisado que não pararão em toda a comarca, e se tinhão passado alem de hum rio de jurdição alhêa. Foy o feyto muyto estimado na India pollo valor que os nossos móstrarão, e terror em que poserão os enemigos, que foy ocasião de ficar toda a terra de paz. Pouco despois juntou Ruy Lourenço á vitoria huma boa presa: tinha o Bramaluco acabada, e ainda no estaleyro sobre a ribeyra do rio de Agaçaim, huma poderosa nao, que fazia conta

carregar pera Meca: mandou Ruy Lourenço a Dom Luis de Tayde com alguns navios de remo pera a lançarem ao mar e lha trazerem, e elle foy por terra pera lhe dar costas e favor; e tudo foy bem necessario, porque os visinhos do rio estavão de aviso, e pelejarão teimosamente polla defender; matarão-nos dez homens, e ferirão muytos; porêm pagárão a temeridade com ficarem destruidos, e sua povoação queimada, e a nao vèo em salvo pera Baçaim, e foy de muyto serviço no Estado pollo tempo adiante.

Entre tanto não deixava tomar sono a Dom Estevão o desejo em que ardia de se ver no Mar Roxo, e ganhar a grande honra, que imaginava tinha certa queimando por sua mão as galés de Suez. Nem duvidou pôr em conselho sua determinação, fiado no encarecimento com que El-Rey encomendava a obra a Dom Garcia, ou tendo por certo que não averia quem lha encontrasse, sendo entendido o gosto que della tinha, como acontece de ordinario a todos os que presidem. Propoz a materia, e forão taes os termos, que não ouve quem se atrevesse a fazer-lhe contradição, se não forão tres fidalgos de honrado nome e boa experiencia nas armas, que por tays he rasão ficarem aqui nomeados. Erão Garcia de Sá, Ruy Vaz Pereyra e Diogo Alvares Telles. Aprovavão fazer-se o que ElRey mandava; mas reprovavão os modos que o Governador queria seguir: e na verdade a razão estava clara pera qualquer entendimento, que livre estivera da ambição, que do peito do Governador se tinha empossado. Porque o mesmo negocio, pera ter o effeito que se pretendia, estava pedindo fazer-se em segredo, sem estrondo de armadas, e só com poucas mãos; e com ellas se vinha a forrar huma exorbitante despesa ao Estado, despesa desnecessaria, e como feita assinte só por hum nome vão de gloria, e com risco de grandes perdas de gente e navios, como tinha acontecido a tres Governadores antigos em semelhante jornada. Mas, vencido o negocio em votos, foy o Governador dando pressa a sua armada.

Nesta conjunção apareceo Ruy Lourenço de Tavora em Goa com tenção de se embarcar pera o Reyno. E ou fosse desejar de tornar ao bafo delRey, que lhe fazia merce e honra, ou que, tomado o pulso a Baçaim, achasse que lhe seria de pouco proveito, deu conta de si ao Go-

vernador Dom Estevão, affirmando-lhe que era o lugar de Baçaim muy pouca cousa pera perder tres annos de vida nelle hum homem que se sabia estimar, despois de tantos mares e tormentas como tinha visto e experimentado.

Destas palavras, a que o Governador não guardou segredo, teve origem hum honrado desafio, que pollos termos que nelle ouve parece dino de ficar em memoria. Era primeyro a caber na fortaleza de Baçaim, despois de Ruy Lourenço, Dom Francisco de Menezes, filho de Dom Anrique de Menezes hirmão do Marquez de Villa Real. Juntava-se-lhe com tal sangue hum brio e presunção natural, que o fazia estimado por toda a India; porque na presunção não avia soberba, e no brio tinha muyta brandura e affabilidade com todo homem que o tratava. Soube das palavras de Ruy Lourenço, referidas por ventura com toada mais descomposta; juntarão-se outras circumstancias; sintio-se: mandou desafiar Ruy Lourenço: forão ao campo, acutilarão-se, sem mais testimunhas que o campo e suas espadas, e por fim se recolherão feridos; Dom Francisco em hum braço, Ruy Lourenço na cabeça. Soou polla terra o caso; acudirão parentes e amigos a cada hum: foy tal o primor d'ambos, que Dom Francisco respondia que Ruy Lourenço o dissesse, e Ruy Lourenço dizia que o perguntassem a Dom Francisco, sem nunca se tirar delles outra cousa. No que ambos ficarão com novo e grande credito de cavaleyros e honrados.

CAPITULO VI.

Provimento de Capitães em Malaca e Maluco.

Não nos dão materia de escritura este anno as terras de Malaca e Malueo, segundo a ordem que levamos em dar conta dos sucessos dellas por cabo de cada anno. Somente temos que foy succeder em Malaca a Dom Estevão da Gama Pero de Faria, que ja n'outro tempo governara com muyta prudencia a mesma fortaleza. Tambem temos em Maluco novo Capitão, Dom Jorze de Castro, que foy despachado pollo Vedor da Fazenda Fernão Ro-

drigues de Castello Branco, sendo-lhe encomendada pollo Visorey a administração do Estado nas cousas que de presente se offerecião; porque os fidalgos não aceitarão ser governados por Dom Alvaro seu filho, por ser muyto moço. Isto era em primeyros dias de Abril do anno em que vamos correndo de 1540, e fim da vida do Visorey. Levou Dom Jorze hum galeão com bom provimento de gente e do que convinha pera Maluco, e com sua chegada se despedio e vêo pera a India Antonio Galvão. De cuja pessoa e partes nos parece obrigação fazer aqui huma breve memoria, se quer em premio de seus bons serviços, e do muyto que com elles mereceo á coroa destes Reynos. Foy quarto filho de Duarte Galvão, que neste Reyno teve o officio de Cronista-mor. Acabando seu pay e os mais hirmãos nas partes do Oriente, e todos em serviço delRey, elle só tornou ao Reyno, e esperando da benignissima condição delRey, foy Deos servido que, sem nunca poder alcançar nada, vêo, forçado da pobreza e do brio honroso de não cometer vileza, a povoar hum lugar no Hospital delRey, e sustentar-se de huma triste ração dos enfermos delle por falta de todo remedio humano. E em fim sabemos que foy enterrado polla confraria da corte, como pobre cortezão, despois de ter gastado em serviço delRey e em dar huma era dourada ás Ilhas de Maluco, sobre tantas injustiças e extorsões como tinhão sofrido de seus antecessores, todo seu patrimonio que não era pequeno. Desejo neste passo desenterrar mortos, e perguntar aos que então tinhão mão e mando no governo do Reyno que razão podem dar a deixarem culpado hum Rey santo em tamanho desemparo; que se me disserem que Duarte Pacheco trouxe culpas do governo da Mina, porque vêo preso, e lhe tolherão melhor galardão; e que Nuno da Cunha, com ordenar em testamento que se pagassem a ElRey os ferros com que mandou deitar seu corpo ao mar, por achar em sua consciencia que de outra cousa lhe não era em cargo, todavia teve accusadores que metera as mãos no thezouro delRey de Cambaya: só de Antonio Galvão se não souberão crimes que merecessem castigo, nem ouve emulos que lhe notassem cobiça. Pobre embarcou em Maluco, donde pudera trazer muyto: pobre desembarcou em Portugal á vista do mundo todo: e com tudo (como se trouxera os cargos que Dom Jorze trouxe do mesmo

Maluco, e por que mereceo ser desterrado e morrer frechado de pontas de canas, triste sorte pera quem não temiu ferro nem fogo, dos barbaros Brasis) foy degradado pera a miseria e fome de hum hospital. Concluamos com razões do Ceo; pois somos christãos. Cegou Deos os ministros da terra pera sua ingratidão ser mêo de galardoar com grandes aventagens hum homem que o tinha servido em lhe ganhar muytas almas, segundo o que Christo prometeo aos que com obras virtuosas juntassem doutrinar e insinar os proximos, dizendo que estes taes serião os que no reyno dos Ceos terião nome de grandes.

CAPITULO VII.

Naos que vem da India com a carga ordinaria pera o Reyno: e armadas que sahem do Reyno pera a India, e pera outras partes.

Entramos em anno novo, que he o de 541, chêo de sucessos pesados e de muyto desgosto pera ElRey, não só em Portugal, mas tambem em Africa; a que se juntarão outros nas partes do Oriente de pouco gosto, pera que lhe foy bem necessario seu grande animo e constancia, que sempre em todos mostrou.

Lançou o Governador Dom Estevão pera o Reyno com a carga da pimenta e drogas as naos de viagem, que erão as quatro com que chegou a Goa Francisco de Sousa de Tavares. Nellas se embarcou Dom Alvaro de Noronha, filho do Visorey defunto; e juntamente huns Embaixadores do Rey de Ceilão senhor da Cotta. O requerimento com que vierão he bem ficar aqui dito; porque as naos teverão boa viagem, e elles tornarão bem despachados pera sua terra. Pedirão a ElRey Dom João que quizesse coroar por senhor da Cotta hum neto do Rey presente, filho de huma filha sua, que queria esta honra de sua mão; e pera o effeito lhe mandava hum retrato do neto, não em pintura, mas em vulto, e o vulto era de ouro, e vinha em hum grande cofre, e com elle huma coroa d'ouro, e pedraria com que queria que ElRey o co-

roasse, o que Sua Alteza fez com solenidade e festas em presença dos Embaixadores e de toda a Corte por comprazer ao Rey amigo, e os despedio, com mercês que lhes mandou fazer, nas naos do anno seguinte.

Neste mesmo anno em 7 de Abril se fez á vela Martim Afonso de Sousa, eleyto Governador da India, com sinco naos; elle na nao Santiago; e das outras quatro erão Capitães Dom Alvaro de Tayde da Gama, filho do Conde Almirante Dom Vasco, que hia provido da capitania de Malaca, e Alvaro Barradas, e Francisco de Sousa, e Luis Cayado. Nesta companhia foy o Santo Francisco Xavier, mandado pollo Santo Padre Inacio de Loyola fundador de sua congregação, acompanhado do Padre Misser Paulo e de hum hirmão do mesmo instituto: dos quays faremos larga menção ao diante, como se lhes deve. A viagem foy trabalhosa, e tal, que era entrado o mez de Setembro quando as naos chegarão a Mossambique; e por não ser tempo de passarem a India, ficarão invernando até entrar o anno de 1542. No qual daremos conta do tempo, e viagem que dahi fizerão.

O novo Governador fez alvoroço na terra, como he costume, e foy causa de se embarcar com elle muyta gente nobre, que nomearemos, segundo nosso costume, pera se não perder sua memoria; e são os seguintes: Estevão de Brito, filho de Estevão de Brito, Cide de Sousa, filho de João Lopez d'Almeyda, Francisco Teixeira, Dom Jorze d'Eça e Dom Francisco d'Eça seu hirmão, filhos de Dom Garcia d'Eça, Luis da Sylveyra, filho de Manoel da Sylveyra, Jorze de Mendoça, filho de Jorze de Sousa, Pantalião de Sá, filho de João Rodrigues de Sá, Manoel de Vasconcellos, Dom Manoel d'Eça, filho bastardo de Dom João d'Eça, Fernão de Sousa, filho de Jorze de Sousa, Antonio de Soutomayor, Luis Cayado, filho de Thomé Lopez, Antonio de Sousa, Duarte de Miranda d'Azevedo, Gil de Castro, filho de Diogo Borges de Castro, Joane Mendes de Vasconcellos, filho de Gonçallo Mendes, Dom Fernando de Noronha, Martim Gonçalvez de Lyão, Jorze Nunes de Lyão, Nuno Gonçalvez de Lyão, todos tres hirmãos, Diogo Cabral, Dom João Pereyra, Dom Manoel, Dom Duarte, todos tres hirmãos, filhos do Conde da Feira, Dom Jorze Pereyra, filho bastardo do Conde da Feira, Anrique de Sousa, filho de

João de Sousa, Diogo Ortiz de Tavora, Antonio de Tayde, filho de Antonio de Tayde, Lopo Vaz Coutinho, filho de Vasco Rodriguez de Castelbranco, Lopo Rodriguez de Sousa, filho de Martim Afonso de Sousa.

Achamos mais neste anno de 1541 mandadas polla barra fóra tres armadas a differentes effeitos. Huma a Beni e á costa da Malagueta, de tres galeões e tres caravellas, Capitão-mór Diogo Botelho Pereyra filho de João Gago; outra a Mazagão, a cargo de Antonio Correa com hum galeão e tres caravellas; com a terceyra foy Fernão Peres d'Andrade a socorrer a villa de Santa Cruz do Cabo de Aguer, que estava cercada pollos filhos do Xarife Rey de Sus; levou tres naos e quatro caravellas, e não chegou a tempo.

CAPITULO VIII.

Pede ElRey ao Padre Santo Inacio, fundador da Companhia de Jesu, pregadores pera mandar á India. Vem de Roma quatro: embarcão-se logo tres: he hum delles o Padre Santo Xavier.

Começara com o pontificado do Papa Paulo Tercio a publicar-se em Roma e dar luz por Italia a Congregação e Instituto da Companhia de Jesu, autor e fundador della o grande Santo Inacio de Loyola, espanhol e natural de Guipuscua, muyto nobre em sangue e tanto mais em virtudes, que o temos oge no catalogo dos Santos canonizados. Chegou á noticia delRey, por cartas de Dom Pedro Mascarenhas, seu Embaixador em Roma, o muyto fruyto que este Santo e seus companheyros fazião nas almas, e o grande conceito que o Pontifice tinha delles. Logo se persuadio que por mêo de tal gente alcansaria o que sua alma mais desejava, que era ver todas as partes do Oriente, que por armas tinha descoberto e sogeitado, allumiadas com a luz da verdadeyra fé, e sogeitas ao jugo suavissimo de Christo nosso Redentor, e de sua Igreja sagrada. Parecia-lhe que criar Deos huma religião de novo, em tempo que de todas as nações gentilicas da India corrião, segundo tinha aviso de seus Go-

vernadores, innumeraveis sogeitos ao santo Bautismo, era querer sua divina providencia que, assi como a vinha era nova, assi tevesse novos agricultores, e mostrár tambem que determinava estende-la tanto, que occupasse e desse que fazer, juntamente com elles, a todas as ordens que havia em Portugal, como se vio logo dentro de breves annos. Com este pensamento foy escrevendo a Dom Pedro, que desse novas ao Padre Inacio do estendido e larguissimo campo que Deos lhe offerecia no Oriente pera exercitar aquelle seu espirito e dos seus; que se bem todos os que tinha juntos, e hia juntando, erão poucos pera o muyto que havia que fazer, que pollo menos lhe mandasse com toda brevidade seis dos seus mais animosos companheyros. Fez Dom Pedro suas instancias: forão e vierão cartas: communicou-se o negocio ao Summo Pontifice. Emfim, por seis que ElRey queria, largou o Santo quatro, que chegarão a Lisboa em companhia do Embaixador, a tempo que o novo Governador Martim Afonso de Sousa se andava embarcando. Recebeo ElRey os novos hospedes com o mesmo amor e vontade que os buscára e pedira. Alegrou-se quando os tratou; porque achava muyto mais nelles do que fora a informação: e ainda que todos quatro vinhão offerecidos a passar á India, ordenou que se embarcassem somente os tres, e ficasse hum em Portugal. Forão os que se embarcarão o Santo Francisco Xavier, e com elle o Padre Misser Paulo e o hirmão Francisco de Mansilhas, providos com largueza por mandado de Sua Alteza de tudo o necessario pera a navegação. O que ficou foy o Padre Mestre Simão Rodriguez, natural deste Reyno, cabeça e fundamento das casas e collegios, que a Companhia tem em Portugal, e em todas as terras sogeitas a esta Coroa, do Cabo da Boa Esperança pera dentro. Destes Padres faremos adiante mayor relação.

CAPITULO IX.

Do grande desgosto que ElRey teve por se ausentar do Reyno, sem ordem sua, o Bispo de Viseu Dom Miguel da Silva.

Profundissimos são os juyzos de Deos: tres annos avia que ElRey andava entendendo com grande cuydado em buscar pera a India os pregadores que no presente lhe mandou, e juntamente dando ordem pera se reformarem todas as mais Ordens e Religiões de seu Reyno; edificando Collegios pera todas, dotados com sua industria e muyta despesa da Coroa real. E com tudo, he muyto de notar que em mêo de tão santas obras e pensamentos, tanto do ceo, fosse Deos servido provallo e ferillo com excessivas penas e sintimentos juntos, como atraz vimos, de mortes não só de hirmãos dignissimos de vida, mas até de dous filhos, hum jurado já por Principe e successor do Reyno, e outro que podemos chamar filho da velhice (porque foy o ultimo de todos os que teve) arrebatado diante de seus olhos na primeyra infancia. Que se pode dizer, senão que queria o Senhor coroa-lo de grandes merecimentos, pera lhe dar mayor gloria na outra vida, carregando-o de pesares quando mayores serviços lhe fazia, estillo com que lemos que tratou antigamente a hum São Luis Rey de França, que sendo santo, e muito santas todas as empresas que cometeo, em nenhuma permitio que tevesse hora de prosperidade? Mas não pararão os infortunios nas mortes referidas: inda neste anno trouxe o tempo occasiões, que muyto quebrantarão aquelle bom peito. Foy primeyra ausentar-se-lhe do Reyno Dom Miguel da Sylva, Bispo de Viseu, sem licença nem ordem sua. Era Dom Miguel filho de Diogo da Sylva, ayo que fôra delRey Dom Manoel, nos primeyros tempos de sua vida e no estado de Duque de Viseu. Chegado ElRey á Coroa honrou o ayo com titulo de Conde de Portalegre, e senhorio de boas villas, e mandou-lhe o filho a Paris; que mostrava habilidade e inclinação pera as letras. Sustentavão de annos atraz os Reys deste Reyno hum Collegio em Paris de muy-

tos moços de todas calidades, pera se fazerem habiles pera seu serviço com o estudo das sciencias que ali floreciào. Deu Dom Miguel eminente letrado; e particularmente se aventajou nas letras humanas, fundamento importante pera todas as sciencias. Era elegante latino, escrevendo e falando; e no estilo e graça da Poesia hum dos que com mais pureza e artificio imitavão a antiguidade. Antes de tornar pera o Reyno quiz dar huma vista a Italia, e communicar os que nestas faculdades tinhão fama, que então erão muytos. Achou em Bolonha Jeronimo Osorio, estudante tambem Parisiense, e outro Tulio na posse do thesouro e perfeição da verdadeyra latinidade. Amão-se os bons, como conformão em qualquer arte: forão-se juntos a Veneza, pera tratarem os homens insignes daquella grã cidade. Era conjunção em que os que avia empregavão seus engenhos em reduzir á verdade da primeyra composição alguns lugares de Plinio, escurecidos ou depravados por erro ou vicio das impressões. Aqui se affirma que descobrio Dom Miguel rara viveza de entendimento; porque no mesmo tempo que outros gastavão na emenda de hum só lugar, dava elle luz a dous e a tres, com espanto e aprovação das melhores habilidades. Era juntamente com estas partes grande cortezão, muyto brando, facil, e naturalmente engraçado, calidades com que se fazia amar e estimar de quantos o tratavão. As mesmas, tornando ao Reyno, o fizerão igualmente aceito a ElRey Dom João: honrou-o Sua Alteza com mercês e apresentações de varias igrejas; e despois de o ter alguns annos por seu Embaixador na corte de Roma, o fez seu Escrivão da puridade, e ultimamente lhe deu o bispado de Viseu. A residencia de Roma lhe aquirio muytos amigos; e o Papa Paulo 3.º fazia delle tanto caso, que em huma promoção de Cardeays, publicada por Setembro do anno de 1539, foy hum dos nomeados; mas a eleyção desagradou a ElRey, por algumas considerações de Estado em que andava sempre vigilante; e por mais instancias que se fizerão com Sua Alteza, nenhuma valeo pera lhe dar consintimento. He a dinidade tão alta, e a natureza humana tão amiga de se adiantar em honras, que Dom Miguel determinou não perder o que se lhe offerecia de graça, e sem nenhuma pertenção sua. Passou-se furtadamente a Castella neste anno que vamos correndo de 1541,

e ainda que ElRey mandou fazer com elle diligencias por que se tornasse, com termos e palavras de real benignidade e amor, era o homem tão sagaz, que das mesmas se soube valer pera segurar a passagem por Castella, e mostrar em Roma que valia muyto em sua patria. Assi foy recebido do Pontifice e de toda a corte e nobreza romana com geral alvoroço, e publicada sua creação de Presbitero Cardeal, no titulo da Basilica dos Doze Apostolos. Mas não ha palavras que possão bem encarecer o escandalo que ElRey mostrou da ida e da dignidade: pollas obras se entenderá. Despachou logo correo a Roma, com cartas ao Embaixador Christovão de Sousa, que sucedera a Dom Pedro Mascarenhas, pera que requeresse ao Pontifice que de nenhuma maneyra honrasse, nem visse, nem admittisse a Dom Miguel: e não se avendo por satisfeito com esta ordem, mandou Francisco Botelho e Jorze de Barros com outras mais pesadas; e chegou a mandar ao Embaixador que se sahisse de Roma. Em Portugal fez passar huma carta rigorosissima contra o mesmo, e contra todos seus fautores, que se publicou na entrada do anno seguinte de 542, polla qual o privou de todos os bens e honras que tinha da Coroa; e porque foy avisado que Dom Jorze da Sylva seu hirmão tinha com elle respondencia secreta de cartas e negocios, determinou castiga-lo de maneyra que fosse exemplo a todo reyno: teve-o preso na Torre de Belem apertadamente, e por grande favor e intercessão da princeza Dona Maria lhe commutou a prisão e mayor castigo em degredo perá Africa. Mas em fim o andar do tempo, que tudo mollifica e cura, fez que ElRey se deixasse falar em partidos nas materias do ausente, medianeyros João Riccio Arcebispo Sipontino, Nuncio deste Reyno, e João Golino, cavaleyro da Ordem de São João, como procuradores do Cardeal Farnez. Consintio Sua Alteza, passados sete annos, que o Pontifice provesse ao Cardeal Farnez no bispado de Viseu, e em todos mais beneficios que Dom Miguel possuhia, sem todavia o admittir nunca a sua graça. Passada esta tormenta, ficou Dom Miguel gozando sua dinidade com autoridade e credito sem igual em todo o Sagrado Collegio; passou ao titulo de Santa Praxedis, e, despois de residir por Legado muytos annos em Ravena, alcansou do Papa Julio 3.º ultimo e mayor titulo, que foy o

de Santa Maria Trans-Tiberim. Junto desta igreja viveo o restante da vida em hum magnifico aposento, que ainda oge conserva sua memoria, passando-lhe polla mão os mayores negocios da Christandade, e tão estimado de todos os grandes espiritos que aquella idade produzio em Italia, que o Conde Balthesar Castilhone, que era hum delles, só a Dom Miguel achou merecedor de lhe dirigir e encommendar a sua celebre e elegantissima escritura, que he fórma d'um perfeito cortezão. Faleceo no anno de 1566; sepultou-se na Igreja de seu ultimo titulo; e he certo que foy dezejado pera Pontifice nas eleyções que se offerecerão. Fora Dom Miguel honra do Reyno e de sua geração, se do grande favor que teve da natureza em tudo, achara em seu Rey huma muyto pequena parte.

CAPITULO X.

Cercão os filhos do Xarife e ganhão a villa de Santa Cruz do Cabo de Aguer em Africa.

Na força mayor do sintimento que ElRey tinha da fogida do Bispo Dom Miguel, foy Deos servido carregarlhe a mão com outro, que, por ser em materia de Estado, lhe deu novo e mayor desgosto. Perdeo-se em Africa, na entrada de Março deste anno, a villa de Santa Cruz do Cabo de Aguer. He o Cabo de Aguer terra do reyno de Terudante: corre sobre o mar Atlantico. Na ponta della lhe abrio a natureza hum bom porto, que deu occasião a se fundar sobre elle huma povoação, importante assaz pera quem tevesse olho á conquista dos Reynos de Terudante e Sus. A este fim a estimava ElRey Dom Manoel; e folgou de a mandar fortificar, quanto sofria o tempo de então. Tinha a villa, a pequena distancia, hum monte que a senhoreava, ficando-lhe em padrasto temeroso: chamavão-lhe o Pico, o que devia ser a causa por que o Duque Dom Gemes aconselhava que se derribasse (como atraz tocámos); todavia o pouco poder que naquella idade havia entre os mouros, e a falta que tinhão de engenho pera entenderem materias de fortifica-

ção, foy criando descuydo em nós, pera se remediar o mal que dali estava certo. Era Capitão Dom Goterre de Monroy, fidalgo castelhano, valente e sisudo, mas de tão pouca experiencia na guerra, que ficou em memoria que dous homens, ambos cegos, governarão o cerco, hum que não via, e outro que nunca vira: o que não via era Manoel da Camara, que lhe foy de socorro; porque naturalmente era curto de vista: o que nunca vira era o Capitão, polla falta que tinha do exercicio militar. Vêo o discurso do tempo a abrir os olhos aos mouros pera conhecerem a commodidade que tinhão no Pico pera nos ganharem a villa. Mandou o Xarife menor, que já era senhor dos Reynos de Terudante e Sus, a seu filho Muley Hemet, que se fosse assentar no Pico, e nas fraldas delle edificasse huma villa. Cumprio o moço o mandado do pay: começou a obra em 26 de Setembro do anno atraz, e quando foy meado Fevereyro do presente, tinha fundado huma força a cavaleyro da nossa, em sitio que sua artilheria nos metia dentro dos muros muytos pelouros; e tão fornecida de trincheyras e gente, que se dava por segura de todo acometimento dos nossos. E com tudo inda então corria o cerco lentamente. Não se descuydou Dom Goterre em avisar de tudo a Portugal. Mandou ElRey aperceber armadas, despois de ter inviado primeyro socorro com Manoel da Camara. Foy a desgraça que humas não chegarão a tempo, e outras acharão contrastes de ventos e tormentas, que as fizerão arribar ao Reyno. Entretanto despachou o Xarife outro filho, que fosse acompanhar o hirmão; e com ordem que nos fizessem guerra declarada e a toda força. Começarão bravissimos assaltos, e não menos valerosa resistencia de parte dos cercados. Mas, porque temos huma carta original do Capitão Dom Goterre, escrita em Terudante, onde foy levado cativo despois da villa perdida, e nella avisa a ElRey Dom João de todo o successo, lançallaemos aqui, assi como a recebemos da Torre do Tombo. E diz assi. Carta.

« Senhor. Despois da chegada de Manoel da Camara « ao socorro, entrando Dezembro, escrevi a Vossa Alte« za por João Martins Alpoem, que a isso inviei em hu« ma caravella d'armada, de que cá tinha necessidade, e « pollos dous moradores, por quem lhe tambem escrevi, « e mandey dizer quam pouco impedimento a vinda des-

« ta gente fizera, pera deixar de vir avante a obra dos
« mouros da força do Pico e villa: e que esta nossa se não
« podia soster: e como se chegavão a nós com suas cavas
« e bastiães: e como tinha nova certa de virem sinco bom-
« bardas mais grossas que as que já estavão, e outras: e
« assi que não vierão com Manoel da Camara os duzen-
« tos homens, que me Vossa Alteza escreveo que me man-
« dava com elle: nem mais que vinte dous criados de Vos-
« sa Alteza, que erão os que eu mandava pedir; porque
« os mais erão de Manoel da Camara, de gente de bem,
« que era a que me mais compria, como se agora bem
« mostrou. E assi me escreveo Vossa Alteza que os outros
« cento virião logo apoz elle; e assi que mandava faser
« prestes o galeão São João com outros navios, e parece-
« me que dizia, com mil homens: e eu escrevi a Vossa
« Alteza, tendo-lhe tudo muyto em mercê, beijando-lhe
« por isso as mãos; e que o galeão estaria muy bem no
« porto: e polla nova que tinha de fazerem estancias for-
« tes pera os mouros porem sua artilheria tão perto, que
« era assaz claro seu proposito e determinação pera come-
« terem a villa, como logo fizerão: e eu cada dia espera-
« va por esta armada e polla da Malagueta, que me de
« lá tambem escreverão que Vossa Alteza mandava vir.
« E com tudo, vendo que isto tardava, mandey quatro
« navios huns apoz outros, em que muyto miudamente
« dava conta a Vossa Alteza do trabalho e risco em que
« estavamos, e a necessidade extrema de todas as cousas,
« pedindo-lhe muyto que quizesse mandar socorrer e pro-
« ver em tudo, e tomar conclusão no da villa, o que eu
« não devia declarar mais nem dizer, não sabendo o seu
« proposito, senão que eu com meus filhos e criados aca-
« bariamos nisso, sem nunca vir resposta de Vossa Alte-
« za. E vendo isto, e o crecimento dos mouros e de suas
« obras pera se chegarem a nós, e o entulho da cava, que
« mostrava vir; e o dano que nos fazião com a sua arti-
« lheria; e porque serião mortos e feridos mais de duzen-
« tos homens dos nossos, mandey outra vez á Ilha da Ma-
« deyra e á Canaria pedir socorro de tudo; e assi a Çafim
« por polvora, de que tinhamos muyta necessidade, e de
« todas as outras cousas com que podessem acudir: e de
« nenhuma parte nos socorrerão. Bem crêo que não seria
« por não terem pera isso muy boa vontade. A artilheria

« dos mouros estava tão perto, como escrevi algumas ve-
« zes a Vossa Alteza; que erão nove bombardas muy gros-
« sas, afóra as que tiravão do Pico, e outra artilheria mais
« miuda, e espingardaria, que se não pode crer quanta
« era; e nos combaterão vinte dous dias de dia e de noy-
« te, derribando-nos todo o alto do castello e cubellos de
« fóra, donde nossa artilheria principal jugava, de ma-
« neyra que nolla cegarão toda, somente alguma do cu-
« bello de Tamaraque e da torre do Facho, com se repai-
« rar e fortalecer por vezes, e com muyto risco e traba-
« lho, porque dali se lhe fazia muyto dano. »

« A quinta feira vinte dous do combate, a dez de Mar-
« ço, nos cometerão a entrada pollo entulho da cava, que
« estava ja no andar do muro, junto da porta da treição,
« por quanto o sumiamos por dentro com minas: e era
« donde a nossa artilheria lhe não podia fazer dano, nem
« os podiamos descobrir com a sua artilheria, e as nossas
« açoteas razas: e os sintiamos picar no muro; porque se
« abrio a porta da treição: e por hi os fizemos afastar á
« sua custa; e nós ouvémos nossa parte. E logo á sesta fei-
« ra polla manham nos tornarão a combater, pollo mesmo
« lugar do entulho, com muyta gente luzida, e muy bem
« armada, e de capacetes dourados. E estando-nos assi co-
« metendo com sua artilheria, e a nossa do facho que lhe
« fazia muyto mal, se acendeo o fogo n'uma pouca de
« polvora, de que arrebentou a torre com toda a artilhe-
« ria, aonde morreo Rodrigo do Carvalhal meu genro,
« que nella estava, e seu hirmão, com trinta e sete homens,
« que com elle estavão, dos melhores que avia na villa; e
« com tudo se arredarão os mouros com muyto dano, e
« nós tambem. E ao sabado em amanhecendo nos acome-
« terão por muytas partes com escadas, e o principal pol-
« lo entulho, donde não tinhão trabalho na entrada, e
« com muyta mais gente, que elles confessão passarem
« de cem mil mouros e turcos, com muytas bandeyras de
« seda; e destas bandeyras poserão tres na açotea da tor-
« re da menagem, donde pelejava Manoel da Camara: e
« em as pondo, elle tomou duas por sua mão, e a outra
« se queimou, e os mouros mortos e deitados fóra da aço-
« tea muytas vezes, e alguns turcos. E na mayor força
« disto me vierão dizer que se lançava muyta gente pol-
« los muros ao mar, e que avia treição em hum cubello,

« e alevantada huma bandeyra branca; a que logo acudi,
« deixando Manoel da Camara na torre da menagem, que
« era o mayor combate, e a Dom Afonso meu filho, aon-
« de acabou, e Dom Francisco meu sobrinho: e provi no
« da villa o melhor que pude, se não ao da gente que se
« avia lançado ao mar, que muyta della chegava já aos
« bateis das caravellas, que os vinhão recolher; que foy
« muy grande mal, e assi não se chegarem as caravellas
« mais a terra pera tirar aos mouros que as combatião, e
« ás escadas da parte do mar, porque elles o podião muy
« bem fazer, e não d'outra parte, e aos mouros que sobião
« pollas cordas, por onde se os nossos lançarão. E se isto
« tudo não fora, tenho por muy certo que nos largarão
« aquelle dia; e pollo dano que de nós recebião, de que
« andava o mar tinto em sangue dos mouros; porque a
« maré enchia já naquelle tempo. E deve Vossa Alteza
« tomar muy estreyta conta disto: e porque não fizerão
« vir logo a terra os bateis de duas caravellas, que chega-
« rão á quinta feira huma, e á sesta outra, que erão as
« que tinha mandado a Çafim e á Ilha da Madeyra. E
« porque se forão logo aquella noyte do porto sem quere-
« rem saber de nós nada. Porque logo ao outro dia vierão
« mercadores que lhes poderão hir falar. »

« Deve Vossa Alteza crer que nesta gente se lançar
« ao mar, a qual foy muyta, foy a principal causa de
« nossa perdição: e assi o dizem os mouros, que o verem
« fogir a gente lhes deu todo atrevimento. E antiga cou-
« sa he vendo fogir os imigos, tomar muyto mais esforço
« contra elles, e dobrarem-lhe o coração. E assi o fizerão;
« porque entravão e sobião de maneyra que não aprovei-
« tava matar numero delles, nem lança-los pollo entulho
« e escadas mortos, porque logo entravão e sobião dobra-
« dos, e tomavão os mortos pollas pernas, e afastavão-nos
« pera entrarem. E por isto ser cousa tão desacostumada
« dos mouros, parece claro que a fogida dos nossos lhe da-
« va este atrevimento. E por esta negra fogida se chega-
« rão ambos os filhos do Xarife e o Alcayde Numen com
« toda a gente diante, mandando a todos que entrassem,
« senão que lhes cortaria as cabeças; porque entravão ja
« mal pollo muyto dano que recebião. »

« Tendo provido no da villa o que pude, como já di-
« go a Vossa Alteza, me torney ao castello, aonde achey

«meu filho morto, e Manoel da Camara maltratado de
«fogo, e com a rodella espedaçada, e já com poucos ho-
«mens; porque se lhe forão a mayor parte delles, e os
«que ficarão erão seus, e alguns criados de Vossa Alteza
«e meus. E nos ajuntámos pera tornarmos a dar nos mou-
«ros, que entravão por outras partes, donde lhe não re-
«sistião: e os cometemos achando muy poucos homens
«pera isso, e tão poucos que serião sete ou oyto; e hum
«delles era Antonio da Costa, que hora lá vay, onde ou-
«ve essa pedrada nos dentes, e eu fuy ferido n'huma per-
«na de huma azagayada, e Manoel da Camara na mão
«da rodella de huma seta. E nisto se poz fogo entre nós
«n'hum barril de polvora, que nos acabou de desbaratar.
«Então nos sahimos pera derribar a ponte da cava pera
«a villa: e se começou de fazer: e forão tantas as espin-
«gardadas e lanças de arremesso, que se não pode derri-
«bar por sermos muyto poucos, e serem lançados ao mar
«e recolhidos pollas casas, onde em fim os matarão, dan-
«do-lhes os mouros seguro das vidas. E desejando eu de
«acabar, torney a dar nos mouros, e Manoel da Camara,
«e os metemos polla ponte matando alguns; e forão tan-
«tos sobre nós, que em nos recolhendo á porta da villa
«nos tomarão de cansados e mortos, a Manoel da Cama-
«ra e a my, e por nos conhecerem nos não matarão, o
«que naquelle tempo não fazião a ninguem. Póde crer
«Vossa Alteza que este dia resistimos duzentos homens a
«cem mil mouros e turcos, que sabem muy bem a guer-
«ra: e elles confessão morrerem delles mais de tres mil, e
«muytos feridos e queimados, em que entrarão alguns Al-
«caydes e homens principays: e outros mouros dizem em
«segredo que morrerão muytos mais. E os Cacizes se diz
«que andavão ja requerendo que se largasse o combate: e
«eu crêo que se fizera se a gente se não lançara ao mar.»

«E com quanta falta tinhamos de todas as cousas
«pera nossa ajuda, e de não termos mantimento, e tudo
«ser contra nós, sayba Vossa Alteza muyto certo que foy
«esta villa tão defendida e pelejada com a pouca gente
«que assima digo, que dos Romanos pera cá nunca se
«vio outra villa nem castello. E porque isto assi he, te-
«nho algum contentamento, lembrando-me d'outros lu-
«gares muyto mais fortes, e com mayor defensão, que
«se derão a partido, e este tão fraco sem nenhuma espe-

« rança de salvação, se fez nelle o que se não fez em ou-
« tros; o que se vê por obra. E alguns turcos contão se
« acharem em treze combates de cidades e lugares muy
« fortes, em que entrou Rodes e Castilnovo: folgara muy-
« to que os ouvira Vossa Alteza, como os nós cá ouvimos,
« pera saber que cousa são os bons Portuguezes e vassal-
« los. E durou a peleja e combate até quasi o sol posto.
« De mi confesso a Vossa Alteza que me cativarão, e pas-
« so de sessenta annos, e em seu serviço, e a meu filho
« Dom Jeronimo, e queimado, e a minha filha, que sinto
« mais que toda a minha fortuna, e a meu sobrinho Dom
« Luis, e assi alguns criados que os mouros me matarão,
« que forão mais de vinte, e perdi toda minha fazenda
« podendo-a salvar: e assi a perdeo Manoel da Camara,
« a quem Vossa Alteza tem muy grande obrigação de
« lhe fazer muyta honra e mercê, pollo que em tudo fez,
« de que eu sou boa testimunha. Nosso Senhor guarde a
« real pessoa de Vossa Alteza, &c. De Terudante a 2 de
« Abril de 1541. — Dom Goterre. » —

De Çafim mandou Dom Rodrigo de Castro huma relação breve desta perda, que achamos na Torre do Tombo, em que, alem dos referidos na carta, nomêa muytos homens de conta que morrerão pelejando, e merecem ficar em lembrança; e são os seguintes: Francisco Machado, Juyz dos Orfãos, João Fernandez Mena, Pero Ribeiro Pinheiro, e Diogo Vaz Vigario: Garcia de Mello, filho de Ruy de Mello de Evora, Simão Jorze Adail, Simão Gonçalves Viegas, Christovão de Aguiar de Brito, Francisco Camões, Alvaro Rodrigues, Francisco de Mello, hirmão de Ruy Lopez de Sampayo, e Tristão da Mota: entre os que forão cativos aponta Bastião de Brito, filho de Luis de Brito de Lisboa, Anrique de Betancor com hum filho e sobrinho, e hum Lomali, fidalgo da ilha, e hum religioso da ordem de São Domingos, Castelhano, passado de muytas feridas, e tres criados delRey, que não diz os nomes. Conta que ouve muytas molheres que morrerão pelejando, e outra que andava com huma cruz animando a gente, e dizendo que morressem polla *fé* de Christo; e que hum Manoel Fernandez, çapateiro natural de Matozinhos, vendo tudo perdido, matou por sua mão hum filho e huma filha mininos, e querendo fazer o mesmo a outra mayor, foy morto pollos mouros.

CAPITULO XI.

Do que ElRey fez e ordenou despois que soube da perda do Cabo de Aguer.

Tem azas todas as novas tristes pera chegarem voando onde mais hão de magoar. Polla via de Çafim e pollas caravellas, que a carta de Dom Goterre aponta que se lhe fogirão do porto, se publicou logo em Lisboa a tomada da villa, e pouco despois o cativeiro de Dom Goterre e Manoel da Camara. Sintio ElRey a perda do lugar, por ser o primeyro de Africa que os mouros lhe ganharão, e muyto mais que tudo a morte de tantos bons vassallos que nelle acabarão. Mas foy hum sintimento chêo de brio e firme proposito de vingança, sem embargo que estava certo não se poder sustentar a praça, por muyto socorrida que fora. Achava-se Sua Alteza em Lisboa quando teve as novas do cerco. Por então tratou em conselho geral de todos os fidalgos, a que tocava serem chamados, segurar as fronteyras de Azamor e Mazagão, despois de mandar acudir aos cercados com socorro. Quando vêo por fim de Março que soube de certo ser ganhada a villa pollos mouros, mandou juntar os mesmos, e lhes disse as palavras seguintes, que achamos escritas em humas memorias de Lourenço Pires de Tavora, e por serem de tal Rey, e em tal ocasião, e tomadas em lembrança por pessoa de tanta calidade, as lançamos aqui sem tirar nem acrecentar letra. « Eu vos disse os dias passados que « tinha mandado prover no socorro de Azamor e Maza« gão; e vos pedi vossos pareceres no que nisso mais de« via de fazer: e tambem vos disse que despois vos diria o « principal, pera sobre isso tomar vossos pareceres. Agora « que está ja tudo provido conforme ao conselho que me « destes, e mais largamente, não quiz que ouvesse dila« ção alguma em praticar isto comvosco, pera logo se pôr « por obra o que se ouver de fazer. Vós sabeis como pas« sou este acontecimento do Cabo de Aguer, de que Nos« so Senhor foy servido, e entendereis bem quanto eu es« tou obrigado por serviço de Deos e minha honra acudir

« a isto como convem á minha e vossas honras: e sabeis
« o grande poder que estes Xarifes vão acrecentando, e
« quanto se deve atalhar, antes que mais creça; e porque
« me pareceo melhor pedir-vos vossos pareceres do que em
« tal caso devo fazer, que declarar-vos primeyro minha
« vontade, muyto vos encomendo que o cuydeis, e me
« deis vossos pareceres por escrito a derradeyra oytava da
« Pascoa. E muyto folgo de vos encomendar que cuydeis
« o que devo fazer em guerra de mouros nestes dias da
« Semana Santa, que tanto obrigão a sintir as ofensas
« que se fazem contra Nosso Senhor e sua santa fé. E
« em Azamor e Mazagão vos falarey, se polla nova que
« vier for necessario. »

Nesta proposta peço aos leytores que considerem a singeleza e liberdade com que Sua Alteza queria ser aconselhado, sem descobrir sua tenção, effeito de verdadeira prudencia, porque nenhuma cousa descompõe mais os conselhos que declarar seu animo quem preside com poder, quanto mais com mando real, e juntamente a devação e christandade com que fez lembrança do tempo santo em que pedio o conselho; que foy huma manifesta advertencia de que se tratasse só do mayor serviço de Deos, unico e certo meyo pera se acertar em tudo. O que resultou destes conselhos foy, despois de mandar bastante numero de soldadesca a Azamor e Mazagão, lançar voz que não teria hora de repouso até conquistar Marrocos. Seguio-se logo mandar por todo o Reyno alistar gente de pé e de cavallo; e em Africa ordenou outra diligencia. Muley Hamet, Rey de Fez, espantado do poder e reputação que hião fundando os Xarifes seus visinhos, como de fogo que lhe ardia junto de casa, tinha-se deixado entender por mêo dos Capitães das nossas fronteiras, que se ElRey Dom João quizesse conquistar Marrocos, seria em sua ajuda, como em causa propria. Pareceo a Sua Alteza que era tempo de o confirmar em tal offerta, e chamou a Lourenço Pires de Tavora pera lho mandar por Embaixador, como pratico nas cousas de Berberia, onde fôra cativo. Partio Lourenço Pires de Lisboa em 28 de Mayo deste anno, com tanta diligencia, que aos nove de Junho estava em Arzila, como nos consta por carta sua, que vimos feita no mesmo dia; e porque era conjuncção em que o Rey mouro estava occupado em guerra, que fazia a Barraxa

seu vassallo, tanto que a concluyo, que foy por mêo de Cacizes, entrou Lourenço Pires polla terra dentro, andou com elle no campo, e acompanhou-o muytos dias, seguindo-o até o reyno e cidade de Mequinés. Porêm como a fé punica não deixa de ser oge a mesma que em tempos passados, antes de presente padece mais fraquezas, polla ignorancia que toda Africa tem das verdades christans, quando apertou pollas promessas, não achou no homem consistencia nem primor em nada. Estava tratado que metendo ElRey Dom João exercito em Berberia contra os Xarifes, como era cousa de tanto beneficio seu, seguraria elle Muley Hamet a entrada e estada dos nossos com dar arrefens a contento de Sua Alteza, e proveria a nossa gente dos bastimentos necessarios. Ao primeyro ponto dizia que não daria arrefens de sua parte, sem se lhe darem outros da nossa. Discutida a materia, vinha Lourenço Pires em que lhe faria entregar Azamor em lugar dos nossos arrefens. Parecia troca de muyta vantagem pera o mouro: vendo-se vencido, pedia que se lhe desse a cidade com toda sua artilheria. Donde ficou colligindo que nem assi a acceitaria; porque vindo a tratar de bastimentos, de que Africa é abundantissima, que era o segundo ponto, dizia chammente que os não havia, dando por escusa esterilidades do tempo. Daqui naceo perder ElRey Dom João esta empresa; porque sem a companhia dos mouros era impossivel poder ter boa execução; e naceo tambem perder Muley Hamet pouco despois seu Reyno, que, como não pretendia por então mais que meter medo aos Xarifes, com saberem que tinha em sua casa hum Embaixador delRey de Portugal, cuydou que tinha feito seu negocio bastantemente. Nenhum pejo teve de faltar no que cumpria e tinha promettido a Portugal; mas achou nos Xarifes a paga de sua pouca fé: como o virão só, não pararão até o destruirem de todo.

CAPITULO XII.

De algumas cousas que ElRey fez este anno no Reyno; e cartas que escreveo.

No mêo das tormentas de cuydados temporays, que neste anno cercavão a ElRey, estava seu animo tão pronto em acudir com gosto a tudo o que pertencia ao espiritual de seus Reynos como se verá de huma carta sua, que nos vêo da Secretaria da Torre do Tombo, escrita ao Bispo de Coimbra, do theor que se segue: — « Reverendis-« simo Bispo Conde, Amigo, eu El-Rey vos invio muyto « saudar, como aquelle que amo. Por serviço de Deos, e « enobrecimento da Sé dessa cidade, pera que nella aja « letrados em theologia, que preguem, e em Canones, « pera a ajudarem a regèr e governar, pedi ao Santo Pa-« dre a bulla, que com esta vos será mostrada e notifica-« da por parte da Universidade. Muyto vos encommendo « que deis todo favor e ajuda que poderdes com justiça, « pera que tão virtuosa e proveitosa obra aja effeito, e pe-« ra que a dita bulla se cumpra como o Santo Padre nel-« la manda; porque me fareis nisso prazer, e vo-lo agra-« decerey muyto. Escrita em Lisboa &c. » Por maneyra que entre as mais dividas, em que estão as catredays deste Reyno a ElRey, he o privilegio das duas Conesias Doutorays de Theologia e Canones, obra tão santa e necessaria que ella por si mesma se louva e engrandece.

No mesmo tempo nos consta que tratava em Roma que o Collegio, que ElRey Dom Manoel seu pay fundara no convento de São Domingos de Lisboa, se passasse pera Coimbra com os mesmos estatutos e leys de sua fundação, como despois se fez, e adiante o diremos; e com ficar a Sua Alteza a superioridade delle, como a tinha sea pay. E porque já no anno atraz de 1539 tinha ElRey avido do Vigario geral de Santo Agostinho huma patente pera entender na reformação desta Ordem em Portugal, com assento que Sua Alteza avia de nomear os reformadores, e os tais reformadores avião de fazer Priores em todos os conventos do Reyno pera tempo de seis an-

nos, sem mais outra eleição, mandou confirmar esta patente pollo Summo Pontifice, pera hir logo executando a traça que tinha imaginado, que foy trazer de fóra do Reyno tais sogeitos, que por mêo delles tevesse effeito a reformação, como adiante veremos.

Parece que tomava ElRey por genero de alivio e recreação dos grandes cuydados, que sempre o cercavão, dar algumas horas já á curiosidade dos edificios e ordem das escollas que hião correndo em Coimbra, já ao bom governo da sua Ordem de Thomar. Pera o que toca a Coimbra e á Universidade tenho em meu poder algumas cartas escritas este anno, em que Sua Alteza fez advertencias ao Concellario da Universidade (este era o Padre Prior de Santa Cruz) do lugar e assento, que hão de ter elle e o Reitor nos autos que se fizerem, e nas precedencias de cada hum, com grande particularidade: e como se outra cousa não tevera em que entender, assi faz lembranças sobre o numero e nomes dos mestres, e o que cada hum ha de ler; e encomenda e manda que aja conclusões, repitições e disputas, e que não faltem multas, que era genero de pena pera os descuydados; e nos dias que hão de ter e dar de folga aos discipulos, e nas horas que ha de durar cada lição. Sobre o governo de Thomar são de ver duas cartas que Sua Alteza escreveo este anno ao Dom Prior. Em huma trata do retabolo e sacrario da igreja de S. João, com huma miudeza, que descobre bem o gosto que tinha de semelhantes obras. A outra he de mais importancia, e por isso irá aqui lançada, assi como a ouvemos do cartorio do convento, onde está originalmente; e diz assim: — « Reverendo Dom Prior, amigo, eu ElRey vos invio muito saudar. Li a carta que me escrevestes so-
« bre o negocio da Santa Inquisição, em que dizeys que
« quereys começar a entender nessa Diocesi, avendo-o eu
« assi por meu serviço. A my me parece assi muyto bom,
« e vos encomendo muyto que comeceis logo de entender
« nisso, procedendo e fazendo no caso aquillo que, como
« ordinario, e por bem da jurisdição que tendes, podeis
« e deveis fazer. E eu faley nisso a João de Mello, que
« me disse que vós lhe escrevereys tambem; e elle vos in-
« via o treslado da bulla, e assi vos escreve algumas cou-
« sas que fazem ao caso, pera mais vossa informação do
« que se nisso deve fazer. Folgarei de me escreverdes o que

CAPITULO XIV.

Manda ElRey por Capitão de Azamor Dom Fernando de Noronha. Dá-se conta de humas desobediencias de soldados, e como as remediou e castigou.

Determinou ElRey este anno fornecer a cidade de Azamor de grande numero de soldadesca, não só pera a sustentar e segurar de enemigos, mas pera lhe ficar por praça de armas, avendo de mandar exercito contra os Xarifes em vingança da perda do Cabo de Aguer, como traçava. A este fim pareceo que convinha prove-lo de novo Governador, sem embargo que Antonio Leyte, que nella assistia, era pessoa de longa experiencia e bons serviços de Africa, mandou Dom Fernando de Noronha, com ordem a Antonio Leyte que lhe entregasse a capitania, e se ficasse servindo na mesma cidade. Temos carta original de Antonio Leyte, feita em 14 d'Abril deste anno, pera ElRey em que lhe dá conta como lha entregou, e juntamente se queixa de Sua Alteza o não passar pera a capitania de Mazagão, que affirma lhe pertencia por carta que della tinha delRey Dom Manoel seu pay. Era Dom Fernando filho de Dom Afonso de Noronha, hirmão mais velho de Dom Garcia, o Visorey da India, e por tal o foy acompanhando na armada em que ElRey o mandou por General ao socorro de Çafim, como atrás se faz menção. Tomado o governo, achou-se Dom Fernando com guerra dos muros a dentro, não lha fazendo os enemigos de fóra. Erão a mor força de gente que avia na cidade Castelhanos Andaluzes, que ElRey mandara levantar em Sevilha e suas comarcas por Fernão de Castro da Sylva e outros comissarios; e só huma companhia, que este fidalgo levou, diz elle por huma carta que achamos sua pera ElRey, feita em Azamor, do primeyro de Mayo, tinha trezentos e vinte nove soldados, donde se deixa entender quays serião as dos outros. Ordinario he a gente que corre a receber soldos nestes lugares grandes ser a que mais segue soltura de vida e costumes; homens broncos e lerdos pera a boa disciplina, e muy faciles e prontos pera

todo insulto. E tais se mostrárão estes em Azamor. Mandou Dom Fernando prender hum soldado por culpa que bem o merecia: entrarão no castello, quebrarão a cadea, e levarão-no com motim tão descomposto, que apellidavão o Emperador, e davão agoas de se levantar com a terra: e á volta do Castelhano soltarão tres Portuguezes, presos por culpas graves. Não achou Dom Fernando meo pera os pacificar mais conveniente que mandar repicar o sino de rebate, disparar artilheria, e correr pera o campo, como se ouvera nelle mouros. Forão-se todos traz elle, e lá os quietou por esta vez, que foy dentro do mez de Abril, a poucos dias despois de entrado em posse do cargo. O castigo dos culpados reservou pera melhor conjunção. Desta desobediencia foy ElRey avisado por carta do Doutor Simão Martins, Ouvidor, por carta que vimos de 27 de Mayo. Mas como a gente era tanta que se avião por senhores da cidade, logo ajuntarão crime novo ao passado. Chegou-se tempo de paga: como lhe foy tardando, e o capitão dissimulando, porque não tinha com que lhes acudir, determinarão valer-se da força: vão-se ao castello alguns dos mais atrevidos, acompanhados de outros taes; pedem dinheyro com despejo e soberba, e ameação claramente saquear a cidade em caso que lhe tarde. Deu-se o Capitão por obrigado a lhes nomear prazo e tempo preciso pera a paga, e despachou logo cartas a Luis de Loureyro, Capitão de Mazagão, com aviso do estado em que estava, e do que convinha fazer. Passados alguns dias, eis que aparecem da parte de Mazagão huma escolta de soldados acompanhando cargas com divisas e armas reays: manda Dom Fernando fazer sinal de festas com repique dos sinos, e recebe os caixões polla porta da treição do castello: faltava pouco pera cumprimento do prazo, nomea logo dia pera paga geral do presidio. Era ordem que então avia acudir a soldadesca com suas armas, e dando mostra dellas, ir arrimando cada homem polla sala as com que servira. Tanto que os teve desarmados, manda lançar mão das cabeças do primeyro motim, e dos que mais descortezes se tinhão mostrado no requerimento e ameaços do segundo: quando amanheceo o dia seguinte aparecerão enforcados e pendurados das ameas todos os mais culpados. Ouve alguns que teverão castigo mais leve; e lembra-me ouvir a meu pay

que foy, entre estes, hum valente esgrimidor, que mandando-lhe o Capitão cortar a mão direita, pedio e alcansou por misericordia que fosse o castigo na esquerda pera lhe ficar remedio de vida no exercicio de sua habilidade. Estava o Capitão apaixonado: quiz vingar-se dos vivos por nova arte; mandou despregar os caixões em praça publica, e vasar nella o que se cuydava ser moeda, que erão tudo sacos de arêa. Foy celebrado em Portugal e Castella o castigo e o artificio; e daqui ficou por titulo a Dom Fernando nos livros de gerações nomearem-no por Dom Fernando o dos Castelhanos. Resta dizermos que era avô, polla mãy, de quem isto escrevia. Mas he tempo de nos passarmos ao Oriente.

CAPITULO XV.

Guerra da India. Parte o Governador Dom Estevão da Gama pera Suez: castiga ElRey de Sumquem no Estreyto: abrasa a cidade de Alcocer; e desbarata os Turcos de Tor.

No mesmo tempo que em Lisboa se fazia prestes, pera se embarcar por Governador da India, Martim Affonso de Sousa, se embarcava em Goa, pera hir queimar as galés dos turcos a Suez ao Estreyto do Mar Roxo Dom Estevão da Gama. Em primeyro dia de Janeyro deste anno se fez á vela com setenta e dous navios; a saber: dez galeões e duas galés, e todo o mais navios miudos, galeotas e catures. Nelles levava dous mil Portuguezes, a melhor gente que avia na India. Na entrada de Fevereyro chegou a ver a costa da Arabia, na paragem do monte Felix. Aqui esperou pollo resto da armada, que se tinha derramado com tempo, arrimando-se á parte da Abassia. Faltou-lhe de toda armada hum galeão, que levava munições e bastimentos de sobrecellente, comido do mar; porque nunca se soube mais delle. Era Capitão Antonio Correa. Junta toda a frota, sem faltar outro nenhum vaso, foy demandar as portas do Estreyto em doze graos de altura da banda do norte; que em tantos fica a boca dellas: desta paragem foy correndo contra a costa da Abassia; e quan-

do seraõ 18 de Fevereyro surgio nella junto ao porto de Arquico e ilha de Maçuá. Deteve-se o Governador em Maçuá e em Suaquem até dez de Março: quiz deixar castigado El Rey de Suaquem: matou-lhe gente; destruio-lhe a cidade; porque sendo vassallo do Emperador da Abassia, se lhe tinha rebelado, e confederado com os turcos. Assi foy perdendo dias onde convinha poupar até as horas. Em Maçuá mandou ficar os navios d'alto bordo e as duas galés a cargo de Manoel da Gama seu tio; e elle seguio sua viagem com toda a mais fustalha; mas achou contrastes no mar e nos ventos: os baixos e restingas, que a cada passo se encontrão, tolhião navegar de noyte; os ventos ponteiros não deixavão correr avante: foy necessario tomar novo conselho; porque avia navios que ajudavão as contrariedades com serem huns muyto pesados, e outros remarem-se mal. Resolveo o Governador ficar-se só com dezeseis, os mais ligeyros, e nelles duzentos e cincoenta homens: despedio todos os mais pera Maçuá, não sem grandes queixas e agravos dos que nelles ficavão. Era já entrado o mez Abril, e fazia-se tão pouca viagem, no que lhes durava o dia, á força do remo, que, tomado o sol, não tinhão sobido de vinte e hum graos e meo. He de saber que fazia este officio Dom João de Castro, com particular sciencia que tinha do Astrolabio e estrellas, aprendida por arte e por curiosidade do grande mathematico Portugues Pero Nunez, que em seu tempo não teve igual: e he rasão que não passemos sem dizer aqui o muyto que se devia a Dom João por tal trabalho; porque sendo muyto pera recear e fogir em qualquer paragem, nesta em que o sol anda perpendicular sobre as cabeças, e de força se ha de tomar no ponto preciso do meo dia (falo como experimentado) não se faz sem muyto dano e perigo certo da saude. Navegava-se quasi direytamente contra o norte: passados quatro graos mais avante acharão huma grande cidade situada sobre a borda do mar; seu nome Alcocer. Quizera o Governador passar sem perder tempo; porêm sintindo ruido de artilheria e pelouros, que soavão sobre a armada, lançou a gente em terra, desbaratou, e poz em fugida muytos defensores, que com affouteza se representárão na praya. Bafejava o devante; tornou a seguir seu caminho; e atravessando á outra costa, que he terra da Arabia, hum Domingo 14 d'A-

bril, quando forão 18 teve vista do lugar de Tór. Era sabido que avia Christãos em Tor: pareceu ao Governador que acharia quem lhe desse novas do que passava em Suez: mandou saltar em terra os mesmos que sahirão em Alcocer, polla mesma ordem. Desembarcados, encontrarão hum esquadrão de turcos arcabuzeyros, que fazião corpo de até duzentos homens, e se teverão hum bom espaço contra os nossos, como gente de esprito. Porêm Dom Christovão, que levava a dianteyra, apertou de maneyra com elles, que os fez recolher, e não se contentar com menos que varar contra a serra. Seguírão os moradores o mesmo caminho, chêos de espanto e medo; e os nossos, entrando, fazião conta de lhes deixar a morada no estado em que ficara Alcocer, quando Tristão de Tayde vio diante de si, e debruçados a seus pés, dous homens, em trajo e sembrante veneraveis, que no modo da lingoagem parecia pedirem misericordia pera aquelle povo. Conheceo logo Tristão de Tayde serem religiosos, pollos cercilhos e coroas abertas: levantou-os nos braços, e foy-se com elles chêo de alegria ao Governador, que os recebeu com a mesma, e logo mandou avisar a seu hirmão Dom Christovão que suspendesse as armas, e se não fizesse dano no lugar á conta de tays hospedes. Delles soube serem frades da Ordem de S. Basilio, hirmãos em habito e regra dos que residem na casa de Santa Caterina, sobre o cume do serra e monte Sinay: a casa mostravão com o dedo; e dizião não estar mais longe que hum dia de caminho. Em mêo desta infidelidade sustentavão convento e igreja, e leis monasticas, e vida santa; tanto poder tem a virtude, e huma determinada resolução de quem não quer nada da terra. Foy-se o Governador com elles ver sua igreja e morada; e sendo recebido dos mais religiosos ás portas della com huma devota precissão e musica de Psalmos, a seu modo entoados, dava graças a Deos com os olhos no ceo de se achar em parte, onde de toda Europa se não tinhão visto até então outras armas nem bandeyras christans, senão as de seu Rey. Assi convidou a novidade da jornada, e a estranheza da terra e lugar, e a visinhança da gloriosa Virgem e Martir Caterina aos mais dos fidalgos presentes a pedirem ao Governador a honra e ordem de cavalaria, que se costuma a pedir e dar em trances de grande risco e nome; porque na verdade este foy hum delles.

Fez o Governador a cerimonia, com particular gosto, na capella. E todos a souberão ao diante estimar; primeyramente por gloria del-Rey Dom João, á sombra de cujo estandarte victorioso se virão armar cavaleyros no coração da Arabia, e despois, polla particular de cada hum. Dom Luis de Tayde, que foy hum delles, offerecendo-lhe a mesma o Emperador Carlos 5.º na famosa rota que deu ao Duque de Saxonia, em Alemanha, onde o seguia por Embaixador de Portugal, espantou aquelle exercito, e fez enveja a muytos, referindo onde e como fôra armado cavaleyro em sua mocidade. O mesmo Governador mandou fazer memoria deste auto em sua sepultura; mas ninguem, a meu ver, se mostrou mais agradecido que Dom Alvaro de Castro, que aqui acompanhou moço a seu pay Dom João de Castro: deste dia em diante tomou por timbre das suas armas a roda de navalhas, que foy instrumento do martyrio da Santa, e a trazem oge seus sucessores, como vimos, no tempo que isto escreviamos, em huma carta e sello do Illustrissimo Senhor Bispo e Inquisidor-mór Dom Francisco de Castro, seu neto, e nos foi declarado o fundamento por Dom Fernão d'Alvares de Castro seu hirmão. Está Tor em vinte oito graos de altura.

CAPITULO XVI.

Chega o Governador ao lugar de Suez: faz volta pera Maçuá com bom conselho.

Com nove dias mais de navegação, que se fazia só de dia, e sorgindo de noite polla razão que atraz dissemos, foy o Governador aver vista do castello e lugar de Suez, e das galés que forão causa da jornada: alegre vista pera todos, como remate do trabalho que se tinha levado. O lugar não passa de quarenta casas, e essas cubertas de palha; porque a terra he tão esteril e pobre, que se não vê nella huma arvore, nem erva verde, nem tem agoa nenhuma de beber; a de que vivem he de huns póssos que estão a duas leguas do lugar, e essa salobre, e, pera quem a não costuma, intoleravel. O castello he de pouca impor-

tancia; a materia taypa; a fabrica em quadro, de até trinta braças; seus cubellos nos cantos com alguma artilheria; o sitio huma ponta de serra, que desce da banda do Egipto até beber no mar, e fica tão humilde como a praya. Aqui estavão as galés varadas com as popas em terra. Erão quarenta. Ruinas durão inda oge em torno do lugar, que dão sinal que ouve nelle, em tempos atraz, povoação de importancia. No nome varião os geographos: Plinio, pollas confrontações que aponta, parece merecer mais credito no nome que lhe dá. Chama-lhe Paneo, dizendo que he porto do ultimo sêo do mar de Arabia, e que ouve em tempos antigos quem poz em pratica abrir delle até o Nilo huma fossa ou canal, que lhe communicasse as agoas do mar, e por este modo se escusar o trabalho e custo de levar por terra a Alexandria as mercadorias, que de toda a India vinhão ahi desembarcar.

Era tempo de dar fim á empresa, dando fogo ás galés: levou a dianteyra Dom Christovão da Gama com oyto vasos; o Governador com os mais lhe foy nas costas. Dos oito poserão as proas em terra Dom João de Castro, Tristão de Tayde, e Dom Francisco de Menezes; mas não erão bem chegados, quando descobrem hum grosso corpo de cavallaria, gente luzida e bem armada na representação, numero de dous mil homens: seguião dous grandes estandartes farpados, e forão cobrindo a praya com soberba e confiança turquesca. Não faltavão animos e bons dezejos pera lha quebrar; mas era muy desigual o partido. Então cahirão todos quanto ao certo falavão os que no conselho de Goa encontrarão a jornada. Virão que o mesmo estrondo e aparato, com que se cometeo, a desbaratou; e a publicidade que ouve na junta de navios e gente avisou por tantas vias os enemigos, que, quando chegarão, acharão chêa de defensores huma terra que em todo o resto do anno costumava estar deserta. Soube-se despois que o primeyro aviso que espertou os Turcos foy de Coja Çofar, e o segundo delRey de Suaquem; e logo se prevenirão com juntarem em Suez tudo o que avia de armas nas terras visinhas, e até no Cayro, que dista doze jornadas. Vendo o Governador por seus olhos o que nunca esperou nem cuydou de ver, não teve que fazer senão dar a empreza por acabada, e por perdido seu trabalho. De parecer e conformidade de todos os companheyros man-

dou voltar as proas contra Maçuá; e se bem tornou com desgosto e magoa, não se póde negar que foy de grande credito pera o Estado da India verem os Reys della que, despois de desbaratados os Turcos em Dio, e sua armada desfeita, hia hum Governador busca-los tão longe e dentro em suas terras, com tal aparato e determinação, que até em Constantinopla fez terror, e soou por toda a Christandade, com honra de Portugal: de maneyra que se os infieis nos ganharão este anno huma pequena villa em Africa, os mesmos Portuguezes, no mesmo tempo, destruimos e queimámos cidades ao mayor senhor de todos os infieys, dentro da sua Arabia; e pera livrar do nosso fogo a madeyra podre de suas galés, lhe foy necessario juntar exercito e grande poder.

Entrado o mez de Junho chegou o Governador a Maçuá. Aqui determinou parar em quanto tardava a Monção pera a India. E logo lhe mostrou Deos outro grande e não cuydado bem que desta sua jornada quiz tirar, que foy socorrer e remediar com o brio dos Portuguezes a Christandade e terras delRey da Abassia. Adel se chama huma provincia que parte com a Ethiopia e reynos do Abexi, da parte onde a Geografia assenta os povos Troglóditas: sua ley e crença he a seita de Mafamede; mas com sogeição antiga ao Emperador christão da Ethiopia. Reynava neste tempo em Adel, e tinha seu assento na cidade de Zeilá hum soberbo tirano, que levantado contra seu antigo principe, lhe fazia crua guerra. Era seu nome Gradá Hamet, e avia catorze annos que não só o desconhecia por senhor, mas tinha-o despojado de alguns reynos e grandes terras, e como infiel que era derribado igrejas e assolado mosteyros. Valia-se do poder e forças do Rey dos Turcos, Solimão, de quem se fizera vassalo; e trazendo comsigo Turcos e armas de fogo, arcabuzes e artilheria, cousa não vista dantes entre Abexins, ameaçava fazer-se senhor da Ethiopia. Tanto foy o terror que fez naquelle Imperio a novidade das armas e a companhia turquesca, que o Emperador Athanad Sagad, por outro nome Claudio, que era muyto moço, e neto daquelle a quem Dom Rodrigo de Lima levou Matheus e a Embaixada delRey Dom Manoel, se foy retirando pera o mais intimo porto de suas terras; e a Raynha se sobio a huma serra, por natureza inexpugnavel, acompanhada de alguns

senhores e vassalos fieys, onde se avia por segura de todo poder da terra. Não era o sitio muyto desviado de Arquico e Maçuá: levou-lhe a fama novas da nossa armada; fez conta que a trouxera Deos pera remedio seu: despachou logo ao Governador hum senhor dos que a acompanhavão, que tinha seu estado junto ao mar e áquelles portos; chamavão-lhe Barnagays. Chegado ao Governador, despois de lhe dar os parabens de sua vinda da parte da Raynha, que Sabámi ou Elisabet avia nome, lhe recontou o triste estado daquelles reynos, e a impossibilidade em que o Emperador seu filho se achava de poder defender o resto delles de hum vassalo rebelde, visto ser ajudado de tão grandes forças, como comsigo trazia do mayor enemigo da Ley de Christo que o mundo tinha. Porêm que já agora tinha por certo que Deos punha os olhos de sua misericordia na Ethiopia, pois em tempo que mais desesperado estava de remedio, fora servido trazer a seus portos aquella poderosa armada do christianissimo Rey Dom João de Portugal, já confederado e amigo daquelle Imperio por suas embaixadas. Por onde lhe pedia que, pois tão longe o levara o zelo de perseguir enemigos de Christo, como fora assolar cidades dentro na Arabia, despois de destruir os infieis de Suaquem, quizesse acudir e socorrer, com as venturosas e victoriosas armas de Portugal, a christandade antiquissima da Ethiopia. Deu-se o Governador por obrigado ao socorro, considerando que ficava bastantemente desculpado o emprego e despesa de toda a armada, quando a outro effeito não viera; que pois lhe trazia o remedio espiritual das almas, que era o Patriarcha procurado por ElRey, e alcansado do Summo Pontifice de Roma, não se averia Sua Alteza por menos bem servido em o defender dos Mouros e Turcos, e em lhe restaurar o temporal das terras e estado. Determinou ajudallo com copia de gente; e nomeou logo por General della Dom Christovão da Gama, seu hirmão, com quatrocentos soldados dos melhores da armada, e oyto peças de artilheria de campo, e com mosquetes emcarretados, e muytas munições e armas de respeito, alem das que cada soldado levava: repartio-lhe a gente em sinco companhias, capitães Manoel da Cunha, hirmão de Vasco da Cunha, João da Fonseca, Francisco d'Abreu, Inófre d'Abreu hirmãos, e Francisco Velho. Erão seis dias

do mez de Julho quando Dom Christovão se poz a caminho, levando comsigo o Patriarcha Dom João Bermudes, de quem atraz falamos.

CAPITULO XVII.

Parte o Governador Dom Estevão pera a India: chega a Goa e passa a Cochim: dá-se conta do que fez nestas cidades e despois em Chaul.

Despachados Dom Christovão e o Patriarcha, abreviou o Governador sua partida pera a India, dezejando achar-se nella antes da chegada das naos do Reyno; e como prudente que era, dispoz de si e de suas cousas antecipadamente, de maneyra que se não achasse desapercebido em qualquer novidade que de Portugal viesse. Por fim de Julho levantou ancoras, e correndo tormenta que espalhou toda a armada, com perda de huma galeota e outra fusta sumidas no mar, entrou em Goa em primeyros dias de Setembro. Era cousa ordinaria naquelle bom tempo, polla muyta diligencia que em Lisboa se fazia no despacho das naos, estarem em Goa por Setembro: como vio que faltavão, ordenou outra prevenção. Deixou em Goa despachado pera o Reyno hum galeão, com ordem que partisse entrada de Oitubro, e tomasse Mossambique pera levar novas a ElRey, se acertasse d'achar ali as naos de viagem; e elle se embarcou pera Cochim a dous fins: primeyro, pera se embarcar folgadamente se achasse successor; segundo, pera fazer carregar as naos com diligencia se lhe não viesse. Em Cochim não achou naos; e como vio que tardavão, não quiz faltar com carga de pimenta a ElRey: embarcou a que estava comprada em duas naos e huma caravella, e porque fazia conta que as naos de viagem estarião invernando em Mossambique, despedio logo hum galeão a saber dellas, e, se as achasse, trazer-lhe os cofres do cabedal, pera ter aviada nova carga assi pera ellas, como pera as que no anno seguinte avião de vir: cousas todas muyto bem cuydadas e sabiamente prevenidas; que na verdade nenhum Governador

passou cá India, que fizesse ventagem a Dom Estevão na diligencia de bem servir a seu Rey no bom governo e acertada disposição das cousas. Do sucesso que teverão estes navios, e a cujo cargo forão, diremos, segundo nosso costume, na entrada do anno que vem de 1542.

No tempo que o Governador Dom Estevão se deteve em Cochim, que foy até fim de Dezembro, não ouve na India cousa dina de Historia: estavão de paz com o Estado todos os potentados della, effeito do terror que causou em todos a valentia com que os Rumes forão rebatidos em Dio, e a quebra de reputação com que se recolherão pera suas terras. Só no districto de Baçaim teve Dom Francisco de Menezes, Capitão delle e da cidade, alguns recontros de guerra assaz perigosos com gente do Nisamaluco, que Diogo do Couto chama Nizamol Xá, senhor poderoso e grande naquelle sertão, visinho a Baçaim e Chaul. Naceo a guerra de pretender o Nisamaluco senhorear duas fortalezas da jurdição dos Reys de Cambaya, e despois de as tomar aos proprietarios, que erão mouros e vassalos delRey de Cambaya, ganhar-lhas Dom Francisco a elle com grande valentia, e sustentando-as ao seu pezar restitui-las aos primeiros possuidores. São ambas as praças situadas sobre huma empinada serra, que faz raya a estes dous Reynos, e cada huma dellas tão forte por natureza e arte, que quem quer que as possue faz conta que tem hum muro inexpugnavel contra o vizinho: chamão-se Sangagá e Carnalá. Conhecia o Nisamaluco o muyto que lhe importavão pera viver seguro do poder de Cambaya; determinou tira-las á força da mão de Dom Francisco, como fizera das dos mouros: juntou gentes; cercou-as; combateo-as apertadamente. Tinha Dom Francisco nellas dous sobrinhos, Dom Aleixo e Dom Jorze de Meneses, e com tais pessoas sua honra empenhada. Pelejou-se d'ambas as partes com porfia e rayva, e com muytas mortes, até que o Nisamaluco desesperou das armas; e tendo noticia que o Governador era chegado a Chaul, o que foy já na entrada do anno seguinte de 1542, alcansou por concerto e bons partidos ambas as fortalezas. Obrigou-se o mouro a pagar por ellas em cada hum anno sinco mil pardaos d'ouro com nome de pareas, alem d'outros dous mil, que já pagava dês do tempo do primeyro Visorey da India, Dom Francisco d'Almeyda. Feito es-

te assento, mandou o Governador que lhe fossem entregues; porque na verdade, como estavão polla terra dentro, erão de mais pejo que proveyto pera o Estado; e elle foy navegando até Dio, donde provêo a algumas cousas de importancia.

Em quanto estas cousas corrião na India, invernavão em Mossambique o novo Governador Martim Afonso de Sousa com as suas naos; e na cidade de Baroá, no sertão da Ethiopia, Dom Christovão com seu campo. Esperava Martim Afonso que chegasse a monção de navegar pera a India, e Dom Christovão que passasse a força das agoas do inverno, pera se hir juntar com o Preste, e buscarem juntos o enemigo Rey de Zeilá. Em Malaca não temos este anno novidade, nem em Maluco.

LIVRO II.

CAPITULO I.

Naos que partem da India pera o Reyno, e do Reyno pera a India.

Como o Governador Dom Estevão da Gama vio faltarem-lhe naos do Reyno, e tinha por certo que não deixarião de sahir de Lisboa as ordinarias daquella viagem, fez aviar em Goa hum galeão pera o Reyno. A capitania deu a Dom Francisco de Lima, com ordem que fosse por Mossambique pera levar a ElRey as novas que ali achasse das naos que na India faltavão, e pollo seu particular fizesse toda diligencia por ser no Reyno antes de Março, termo ordinario da partida das naos que vão a buscar carga das especiarias. Imaginou de poder alcansar delRey dilação no cargo em que estava, se acaso lhe não tevesse mandado sucessor. Tomou Dom Francisco Mossambique: ahi achou o Governador Martim Afonso de Sousa invernando, e doente de tal doença, que lhe não falou, parecendo-lhe que morria: fez aguada, e, por muyta pressa que se deu a navegar, quando tomou Lisboa era já entrado Abril, e as naos de viagem partidas.

Em Cochim, como não aparecião naos, nem novas do Reyno, carregou o Governador duas naos da pimenta que estava comprada, huma que chamou São Thomé, que ouve por compra de hum morador de Cochim, e outra, que foy o Zambuco, que Ruy Lourenço de Tavora tomou aos Mouros em Baçaim. Da nao São Thomé fez Capitão Dom João d'Eça; do Zambuco João de Mendoça, que, a differença d'outro fidalgo do mesmo nome, chamavão Cassão. E por que não faltava pimenta, carregou mais uma caravella, que encommendou a Dom Pe-

dro de Castelbranco. Nas naos se embarcarão muytos fidalgos, e entre elles Dom João de Castro, e acharão tão bons tempos, que na entrada de Julho vierão surgir ambas na barra de Lisboa. Só a caravella teve desgraça. Sucedeo apartar-se da companhia, na volta das Ilhas Terceiras; foy encontrada e entrada de cossarios francezes: baldearão tudo o que acharão á mão em seus navios, e não foy pequeno favor deixarem com vida Dom Pedro e a marinhagem, segundo a crueza que nestes tempos uzavão, pera mêo de occultarem seus roubos. Chegando a Lisboa, saqueado dos vassallos delRey Francisco, confederado e amigo antigo da Corôa de Portugal, passou-se a París; requereo sua fazenda: e não falta quem affirme, que todavia lhe valeo a diligencia pera não ficar perdendo tudo.

Despachou mais hum galeão a Mossambique, onde julgava que estarião invernando as naos do Reyno: delle deu a Capitania a Luis Mendes de Vasconcellos, com a ordem que atraz apontámos: e não se enganou no juyzo que fez; porque Luis Mendes achou em Mossambique o Governador Martim Afonso de Sousa com suas naos, e se ficou com elle, e á sua disposição.

Do Reyno sahirão este anno pera a India quatro naos sem Capitão-mór: os Capitães erão Anrique de Macedo, Balthezar Jorze, Lopo Ferreira, e Vicente Gil. A de Vicente Gil não passou á India; perdeo-se na costa de Melinde, mas em parte que pôde salvar a gente. Nestas naos se embarcarão alguns fidalgos e pessoas de conta, que merecem memoria: forão Simão da Cunha, Ruy de Brito, filho de Simão de Montarroyo, Dom Fernando Coutinho, filho de Dom Gonçalo, João Brandão, filho de Fernão Brandão, Antonio de Sousa, filho de Francisco de Sousa, Martim Afonso de Mello, filho bastardo de Ruy de Mello de Castro, João de Mello, filho de Artur de Mello, Alvaro Ferreira de Sampayo, filho de Ayres Ferreira, Francisco da Sylva, filho de Antonio da Sylva. Assi temos este anno na India, pera tornarem com carga pera Janeyro do anno que vem de 1543, sete naos, contando as quatro da companhia do Governador Martim Afonso de Sousa, invernadas em Mossambique, que, juntamente com as tres, forão lançar ferro na barra de Goa, na entrada de Setembro; fermosa maré e fermosa frota: e não contamos a

nao Santiago, capitana do Governador Martim Afonso; porque esta se perdeo na India, como adiante se dirá.

No verão deste anno achamos que foy ás Ilhas por Capitão-mór, a esperar as naos da carreira da India e dar-lhes guarda, Manoel de Macedo; e levou os galeões Trindade e São Vicente e sinco caravellas.

No mesmo anno mandou ElRey sahir no inverno Dom João de Castro, chegado da India no mesmo verão, e que levasse sete velas: forão os galeões Trindade, São Paulo, e S. Vicente, e quatro caravellas. O effeito a que foy diremos no capitulo seguinte.

CAPITULO II.

Manda ElRey derribar e largar as cidades de Çafim e Azamor.

Annos avia que ElRey tinha entendido com seu grande juyzo e bom discurso, que cumpria muyto a seu Estado e fazenda descarregar-se das duas cidades de Çafim e Azamor; porque, quanto ao Estado, era certo não lhe serem de utilidade nenhuma, visto Çafim não ter porto, e o Rio de Azamor não ser capaz de navios de importancia: e quanto á fazenda, era demasiado o custo que lhe faziião, sem resultar delle nenhum fruyto de consideração. Sem embargo de ter pareceres dos Iffantes e de muytos fidalgos velhos e experimentados, que convinha deixallas, não podia acabar com seu animo desfazer praças, que tantos annos tinha sustentado. Assi se foy entretendo, parte por não espertar lingoas de calumniadores, prontos sempre a julgar mal dos negocios que menos entendem, sem distincção de bem e mal; parte, porque dezejava ver se abria o tempo algum mêo, com que escusasse perder por vontade o ganhado por seus antecessores com muyto trabalho e despesa. Entrado este anno, pareceo que era já temeridade e genero de cegueira dilatar mais huma materia tão bem discutida e tão assentada, e ordenou que delle não passasse o despejo das duas cidades. Requeria o

negocio huma cabeça de grande prudencia e valor; porque se havia de fazer na força do inverno, e sem ser entendido dos mouros. Era vindo nas naos da India, pollo mez de Julho, Dom João de Castro; deu-lhe poucos meses pera descançar, e mandou-o embarcar pera o effeito com as sete velas que atraz dizemos. Com ellas despejou Çafim com tanta ordem e concerto, que, quando chegou á noticia dos mouros o que se fazia, estava tudo feito, recolhida nas embarcações a gente e artilheria e munições, cavallos e alfayas dos moradores. Com Azamor ouve menos que fazer, por razão da visinhança de Mazagão. Deixados os lugares, soltarão-se as redeas a cada juyzo pera discursos. Varios forão por toda parte: mas os mais sisudos não só aprovarão a obra, mas derão-lhe louvor. Achamos huma carta de Lourenço Pires de Tavora, escrita a ElRey desde Mequinês em primeyro de Oytubro de 1541, estando ainda na corte delRey de Fez, na embaixada que atraz escrevemos. Era em tempo que muyto se ventilava já esta materia: e são as palavras que sobr'ella diz as que seguem: — « Posto que me fora necessario mais credito, « não me posso ter que não gabe o conselho e confiança « de deixar aquellas cidades, pollo pouco que se ganhava « em as soster, e o muyto de honra e fazenda que se aven« turava em qualquer perigo dellas, e ser aquella a parte « de Africa em que nos não vay nada, e de que cumpria « tanto desembaraçar-se Vossa Alteza, pera mudar seu « poder e boa fortuna a esta que parece chama-lo com « obrigações, pera descanço desse Reyno, e proveito de « sua fazenda e da de seus vassalos. » — Era Lourenço Pires pessoa de grande entendimento, e que como tal passou neste reyno quasi todos os melhores lugares delle; mas ninguem naquelle tempo se aventajava nas partes de conselho e maduro juyzo ao grande Conde da Castanheyra, cujo he hum discurso que achámos entre seus papeis, mandado nesta conjunção a Sua Alteza, e entre outras clausulas, que tratão das necessidades do Reyno, ha huma que diz assi: — « Os lugares d'alem, que Vossa Alteza « tem no Reyno de Fez, aproveitão pera muytas cousas « muy grandes, e dão esperança d'outras muyto maiores, « e humas e outras de muyto serviço de Nosso Senhor, e « por estes fruytos, que se delles colhem e esperão, he « muyta honra destes Reynos sosterem-se; porque, a meu

« ver, entre os sisudos e honrados, e ainda entre a gente
« commum, se chama vaidade o que se sostem sem fruy-
« to nem esperança delle. De se soster Çafim se não se-
« guem fruytos honrados nem proveitosos; e delle tem o
« Xarife muytos Christãos cativos, de que se tira muyto
« dinheyro destes Reinos; lembrando-me tambem, que não
« tem rio nem porto pera se poderem recolher fustas de
« mouros, nem na terra ha apparelho pera as fazer, me
« parece que Vossa Alteza o deve mandar derribar, e lei-
« xallo de todo. E que o mesmo deve mandar fazer de
« Azamor, mandando fazer primeyro huma fortaleza na
« barra, que baste pera se não virem fustas meter no rio,
« nem poderem delle sahir, que he, a meu ver, o fruyto
« que se agora colhe de Azamor; porque em todo o mais
« está igual a Çafim, senão quanto está aventurado a o
« tomarem cada vez que quizerem; porque claro está que
« não pode ser socorrido senão com outra tanta gente co-
« mo a que o tomou, que será má de juntar em tão cur-
« to tempo como o em que elle se poderá defender. » —
São palavras formays do Conde, que só por conveniencias
de Estado obrigão, sem ajuntar a razão de huma grande
soma de dinheyro, em que Sua Alteza por este tempo se
achava empenhado nos cambios de Frandes, de que adian-
te falaremos.

Em outra parte aponta o mesmo Conde que fora me-
lhor ter largado estas forças logo despois da valerosa resis-
tencia, que em Çafim se fez contra os mouros quando a te-
verão cercada, que não despois que os mesmos mouros to-
marão Cabo de Aguer. Mas o tempo, que he mestre e
acertado censor dos bons e maos conselhos, mostrou logo
que foy a obra de verdadeyra prudencia, com persuadir
a Sua Alteza que uzasse da mesma em outros lugares,
igualmente desnecessarios e pesados á coroa destes Rey-
nos, que tambem desmantelou e largou, como adiante
veremos.

CAPITULO III.

Dá-se conta da satisfação que ElRey mandou dar aos moradores de Çafim e Azamor, e de huns tratos de pazes que teve com o turco pera as terras do Oriente.

Segue ao despejo que Sua Alteza mandou fazer das duas cidades Çafim e Azamor a satisfação que deu aos moradores dellas em paga de os desterrar dos lugares que já tinhão por patria, sem mais noticia de Portugal que a obediencia e vassalagem com que reconhecião a ElRey. Temos viva huma lembrança entre os papeis do Conde da Castanheira, com palavras formays: « No anno de 1542 se desfez Çafim e Azamor; e no socorro dos ditos lugares antes que se desfizessem, e nas armadas que se pera isso fizerão; nas obras de Mazagão, e satisfação que se deu aos moradores dos ditos lugares se despenderão trezentos mil cruzados. » Do mesmo Conde he outra memoria em que especefica esta satisfação, dizendo que mandou avaliar as fazendas dos homens que sahirão do despejo destes lugares, e achando-se que valião quasi noventa e sinco mil cruzados, não deixou homem sem paga: a huns acudio com dinheyro de contado, e tenças em vida; a outros com filhamento na casa real, com feitorias e lugares, e escrivaninhas pera a India e S. Thomé e Mina, e a muytos com casamentos pera as filhas, parte da fazenda real, e parte da Misericordia de Lisboa: e porque avia pessoas de conta, que requerião ventagem na remuneração, a huns deu logo commendas, e a outros carta e licença pera as poderem servir, e se lhe darem a seu tempo. E he consideração muyto digna deste lugar, que fazia Sua Alteza tão exorbitantes despezas em tempo que tinha empenhada sua fazenda e nome, em cada hum anno, com excessivos interesses, que pagava de cambios nas feiras de Frandes, de que adiante faremos menção.

Como ElRey se desvelava sem cessar, procurando por toda parte a quietação e bem de seus vassalos, guardey pera este lugar dar conta de humas pazes que por este tempo procurou, e teve quasi assentadas, com Solimão,

Rey dos Turcos, e do mêo e pontos que nellas ouve. He pois de saber que, governando a India Nuno da Cunha, lhe inviou Dom Pedro de Castelbranco, Capitão de Ormuz, a Goa hum homem que dava novas da armada turquesca, que despois vêo sobre Dio, e já então se aprestava em Suez pera navegar contra a India, em tempo que se temia, mas não avia inda noticia certa della. Era Nuno da Cunha muyto acautelado; imaginou que podia ser espia do Turco; teve-o em prisão até os Turcos cercarem Dio. Perguntado por sua natureza, ley, e vivenda, e polla rasão de tal viagem, dizia ser natural da ilha de Xio em Grecia, seu nome Duarte Cataneo, christão na crença e mercador em officio: passando como tal em uma cafila por junto a Damasco fora roubado; como se vio sem fazenda, e soube do grande apparato que se fazia contra os christãos da India, determinara arriscar a vida pollos avisar, e a essa conta se lançara em Ormuz. Desassombrada a India dos Turcos, foy solto e vêo a este Reyno, onde ElRey lhe fez honra e mercê, e elle se obrigou a passar a Constantinopla, saber se avia fama de nova expedição contra a India, e entrar no Cayro e em Suez, e trazer aviso do estado em que estava a armada que fora a Dio. Fez o Grego sua viagem, tornou a Portugal, e Sua Alteza se ouve por bem servido delle; e affirmava o mesmo, despois de dar boa razão das cousas encommendadas, que segundo achara o nome Portuguez acreditado por toda Turquia, polla valerosa resistencia do cerco de Dio, que seria cousa facil alcansar do Turco huma paz firme e de muytos annos pera o Estado da India, e elle se atrevia a negocialla tornando a Constantinopla. Não se desagradou ElRey do ponto; porque por huma parte entre estadistas nunca perde reputação quem dá paz a enemigo vencido; e por outra estava certo que com nenhum outro mêo poderia ter mais enfreados todos os Reys da India: mandou ao Conde da Castanheira no anno de 41 que lhe fizesse dar quatro mil cruzados pera se ir, dous mil de contado, e outros dous mil postos na mão de Lucas Giraldes. Assi o achamos em suas memorias; e da secretaria de Pero d'Alcaçova nos constou que a instrução que levava era que o tempo das pazes fosse de quinse ou vinte annos, e ao menos por dez: as terras e climas serião desde Cabo de Boa Esperança até a China,

ficando ElRey na amizade dos Reys christãos, e livre pera os ajudar quando lhe parecesse: os partidos erão que Sua Alteza daria ao Turco até tres mil quintaes de pimenta, postos em Baçorá á sua custa e despeza; e o Turco lhe mandasse pôr mil moyos de trigo em cada hum dos seus lugares da India. Tratou-se a materia apertadamente: não quiz o Turco a pimenta por este modo, por se livrar de dar o trigo, dizendo que lhe prohibia sua ley dallo, e o exemplo de seus mayores, que nunca tal fizerão em favor de christãos: porêm, porque não deixasse de aver effeito a paz, fosse Sua Alteza contente que os mouros e navios de Calicut levassem a vender a seus portos os tres mil quintaes de pimenta e algumas drogas. Neste ponto não vêo ElRey, por muytos inconvenientes que nelle avia; mas advirtio a Duarte Cataneo que podia offerecer que Sua Alteza lhe mandaria levar os tres mil quintaes em navios portuguezes aos portos do Estreyto, onde os vassalos do Turco a podessem comprar pollos preços que se concertassem com os vendedores; ou lha mandaria pôr em hum lugar certo, aonde os Turcos a fossem buscar e pagar, com duas ou tres naos que não fossem armadas. Mas avia de ser com tal condição, que em quanto a paz durasse a armada de Suez se vararia em terra, sem se reformar, nem fazer outra de novo; e em caso que o Turco receasse perder-se-lhe, ou danificar-se demasiadamente, Sua Alteza averia por bem pagar-lha pollo que valesse pera se servir della, inda que não fosse mais que pera a queimar: e vindo neste partido, escusava falar-se mais no trigo que primeyro pedia. Esteve o Cataneo de vagar em Constantinopla, e com tão bom credito, que achamos cartas delRey de Romanos, em que avisa a Sua Alteza que se valia delle pera tratar por seu meyo de tregoas com o Turco. Porêm a nossa paz, chegando a termos que em Turquia e Portugal se dava por feita, não sabemos que desvios teve, que nunca lhe vimos conclusão. E só referimos este sucesso pera se entender o grande cuydado com que ElRey acudia a todas as partes de seu governo.

CAPITULO IV.

Começa-se a tratar casamento da Iffante D. Maria, filha delRey com o Principe Dom Felipe, filho do Emperador.

Na entrada deste anno em que vamos correndo de 1542, tinha a Iffante Dona Maria, filha delRey, compridos catorze de sua idade e alguns mezes mais. Desejavão seus pays vella casada, sintidos do mal que se lhe logravão os filhos; pois tendo a Raynha parido tantas vezes, não vivião mais que ella e o Principe Dom João. Mas erão muy varios e encontrados os pareceres dos que entravão no Conselho delRey sobre a escolha do esposo que se lhe devia dar. Dous annos avia que se altercava a materia quasi cada dia, alegando huns que o que mais convinha ao Reyno e ao bem delle era casalla com o Iffante Dom Luis; evitavão-se grandes e forçosas despesas, em tempo que ElRey estava empenhado em somas grossissimas de dinheyro, tomado a cambio nas feiras de Frandes e Castella; e o que montava mais que tudo era ficar atalhado hum recêo de poderem faltar herdeyros a esta coroa naturays, e de dentro de casa. Tinha neste tempo a Raynha Dona Caterina, por suas grandes virtudes e raro entendimento, alcansado tanta autoridade com ElRey, que até nas materias mais importantes ao bem do Reyno queria e ouvia com toda confiança seu voto. Ella se persuadia, e assi o aconselhava a ElRey a todas horas, que era cousa muy desigual pera a Iffante sua filha a pessoa do Iffante seu hirmão; ella minina, elle avansado em dias; ella de treze pera catorze annos, elle de quarenta; quanto mais que nas pessoas reays a idade dos quarenta annos neste tempo se podia bem contar por velhice; e com verdade, segundo os poucos que seus hirmãos tinhão logrado; e quanto ao inconveniente de faltarem herdeyros naturays, parecia demasiada providencia receallo, quando, alem della e do Principe Dom João seu hirmão, avia no Reyno outros sinco, que erão o Iffante Luis e o Iffante Duarte, seus tios, e hum filho e duas fi-

lhas do Iffante Dom Duarte. Por onde assentava que nenhum esposo lhe estava melhor que Dom Felipe, Principe de Castella, na idade quasi igual, no Estado herdeyro de todos os que seu pay tinha em Espanha, Italia e Frandes: e se o dote avia de ser conforme a taes pessoas, como era razão, o Emperador se acomodaria assi na contia, como nos prazos da paga, sem embargo que andando, como andava, envolto em tantas guerras, e todas forçosas, já com França e ereges de Inglaterra, já com Turquia, devia ElRey considerar que o que désse de sua fazenda, com nome de dote, ficava sendo hum genero de donativo em prol da Christandade, perseguida por tantos enemigos, e só pollo Emperador emparada; e era juntamente socorro, a que ElRey estava obrigado por sangue e parentesco, por virtude e honra, quando faltara a razão do dote; era acrecentamento de amor e lianças com Castella, cujo favor e amizade convinha muyto a esta coroa, pera conservação dos lugares que tinhamos em Africa, e do comercio das provincias ultramarinas, sempre infestadas de enemigos e de cossarios franceses e ingreses. Venceo-se ElRey destas razões, e decerão-se os da opinião contraria, levados do gosto de Sua Alteza e do que sintião na Raynha; e este pode tanto, que consintirão lançar-se por condição nas escrituras dotays, que, falecendo ElRey sem deixar herdeyro varão, entraria ella na erança desta coroa. Lembranças achei dinas de todo credito, que reclamou esta clausula com toda efficacia, e ainda com dor, o Conde do Vimioso, Dom Francisco de Portugal, alegando que se não podia contratar a sucessão do Reyno, por ser ponto que totalmente pendia de justiça, e não de arbitrio de partes. O dote se concertou em quatrocentos mil cruzados, pagos em duas pagas dentro de dous annos despois do matrimonio consumado: dos quays o Emperador remittio a quarta parte, contentando-se com trezentos mil, dados com mais brevidade. Assentados estes pontos por cartas e embaixadas, e que a ida da Iffante pera Castella seria no anno seguinte de 1543, entrou em contenda huma materia que durou muytos dias, e foy em todos de muyto desgosto pera ElRey e pera a Raynha. Queria o Emperador que o Duque de Gandia, Dom Francisco de Borja, grande de Espanha, que tinha seu estado no reyno de Valença, servisse a

Princeza de seu Mordomo-mor, e a Duqueza Dona Lyanor de Castro, sua molher, de sua Camareyra-mor. Era Dona Lyanor da Casa dos Castros do Torrão, filha de . . . . : fora dama da Emperatriz, e huma das que deste Reyno levou comsigo: casou-a o Emperador com o Duque, que era seu Estribeyro-mor, e muyto favorecido, e foy tão fecunda, que lhe encheo a casa de numerosa successão. Mas ElRey e a Raynha se descontentarão notavelmente de tal eleyção: qual fosse o fundamento inda oge o não podemos entender. O Emperador por ella ser Portugueza, e o Duque varão espiritual, e já neste tempo entregue aos exercicios santos, que despois o levarão á vida monastica e religiosa da Companhia de Jesu, julgava que lhe não podia dar melhores criados; e estava resoluto em não querer, que se tratasse doutros. Ajudava esta constancia a Duqueza, que conhecia e cobiçava a honra; e ainda que já tinha noticia que desagradava a ElRey entrar ella no cargo, fazia conta, como era molher varonil e de muyto brio, que sendo huma vez admittida, inda que fosse com pouco gosto delRey, o discurso do tempo e seu bom serviço mollificarião tudo. E daqui fazemos conta que devia nacer o rigor com que ElRey trata della em huma carta que achamos na secretaria de Pero d'Alcaçova, escrita de mão propria ao Emperador, em primeyro de Agosto do anno seguinte. Culpa-a de forte, e diz que tem negado a obrigação da natureza; e acrecenta, palavras formays: « E não seria razão que Vossa Alteza quizesse que na casa da Princeza entrasse ninguem com pendão de má vontade contra my. » Escreveo tambem a Raynha no mesmo argumento a seu hirmão, e o Iffante Dom Luis escreveo á Duqueza, estranhando-lhe gravemente querer ella servir a Princeza contra sua vontade e de seus pays. E estas cartas suspenderão por então a vinda dos Duques: e ElRey nomeou por Camareyra-mor da Princeza Dona Margaída de Mendoça, que fora molher do Monteyro-mor Jorze de Melo, e pera seu Mordo-mor Dom Aleixo de Meneses. He de ver huma carta que João Rodrigues de Sá escreveo a ElRey sobre esta materia, acompanhando o Emperador por Embaixador. He feita em Barcelona aos 15 d'Abril do anno seguinte de 1543. Era João Rodrigues grande cortezão. Dizendo-lhe o Emperador que não era costume em Castella dar semelhan-

tes cargos senão a pessoas titulares e de grande estado, replicou-lhe que nas calidades do sangue e fazenda não lhes faltava nada pera merecerem o lugar; porque Dom Aleixo era filho do Conde de Cantanhede, e Dona Margaída hirmã da Duqueza de Bragança: a falta de titulos podia Sua Magestade suprir com seu poder, fazendo Conde a elle e a ella Condessa; e quanto ás pessoas, não podião desagradar a Sua Magestade a velhice e autorizadas cans de Dom Aleixo, quando se lembrasse que n'outro tempo escolhera pera servir a senhora Emperatrix o Conde de Miranda, velho, pouco ayroso de corpo, e muyto fêo de rosto: e pera acompanhar as Iffantes suas filhas escolhera o Conde de Cifuentes, muy parecido ao de Miranda em tudo, e ainda com mais excesso; e o Duque de Gandia era muyto moço, idade de 28 annos, e muyto gentilhomem.

CAPITULO V.

Guerra de Africa: correm a Mazagão huns Alcaydes do Xarife com força de gente: peleja com elles Luis de Loureiro, sem dano nosso, e muyto dos enemigos

Era Capitão e Governador de Mazagão Luis de Loureyro; e por razão das obras e fortificação, que todavia darava e durou ainda muytos annos despois, estava acompanhado de muytos fidalgos honrados, huns que erão fronteyros, e ontros que tinhão a seu cargo companhias de soldados, pollo muyto que importava segurar aquella praça despois que se largou Azamor, em quanto não estavão de todo acabadas as obras que ElRey tinha mandado fazer nella; que, na verdade, este edificio, foy huma das cousas insignes e muy custosas, que ElRey acabou em Africa, na fronteira de Marrocos, e nos olhos e a pesar dos Xarifes. Correrão-lhe os mouros na entrada deste anno com poder de gente; e porque do sucesso temos carta pera ElRey original na Torre do Tombo, e este Capitão, por seu grande valor, merece serem todas suas cousas estimadas, satisfaremos aos leitores com darmos a copia della. Diz assi:

«Domingo, 22 dias do mez de Janeiro, descuberta «já a terra de Atalayas Curtas; porque o dia era nevoa-«do, e o gado na coutada pacendo de dentro dos vallos, «e eu de fóra delles á tranqueira do mêo; e mandava fe-«char por Bertolameu Cavallo Almocadem a terra que «era do facho da coutada, sahirão os mouros dos Medãos «contra Tite. E tanto que deu o repique, vesti huma saya «de malha em cima de huma coura d'anta que tinha ves-«tida; e posto a cavallo, vi vir os mouros em grossas ba-«talhas pera o facho d'antre os caminhos, pegado com as «atalayas. E por lhes valer, andey assi como estava por «fóra dos vallos, com obra de quarenta de cavallo; e fuy-os «receber á tranqueira que mandava fechar, a qual o Al-«mocadem, quando vio vir os mouros, não quiz fechar, «por recolher as atalayas que vinhão fogindo: e eu á tran-«queira, e as atalayas e os mouros comigo. E logo ali, «em me recolhendo pera a tranqueira, acertou de ficar «Fernão Leite só, e derribarão-no os mouros; e fiz volta «sobr'elle, e salvey-o. E tanto que o recolhi, e manda-«va correr a tranca da tranqueira a elle que estava a pé, «pera me recolher com a gente que tinha pera a outra «tranqueira dos vallos pequenos, e como a tranca se não «pôde correr com o peso dos mouros, e vi que me não po-«dia recolher; porque, se o fizera, eu com todos os que «comigo estavão me perdêra, por ter o recolhimento muy «comprido, determiney deter a tranqueira; e fosse o que «Deus ordenasse: e mandey recado a Dom Pedro, que es-«tava á tranqueira do mêo dos vallos pequenos, que vies-«se pera my; e a Dom Diogo, que estava á tranqueira «da Pedreyra, que tambem viesse pera my. E derão o «meu recado a Dom Pedro, e não a Dom Diogo. E Dom «Pedro, tanto que lhe derão meu recado, andou pera «my; e vendo eu que Dom Pedro andava, e não Dom «Diogo, torney-lhe a mandar outro recado, e tanto que «lho derão, logo andou, e me vêo demandar. Ayres de «Souza estava com sua companhia á tranqueira dos Paus, «que lhe cabia por giro (porque cada semana se mudão), «e ali donde estava nos fazia as espaldas seguras. Em «quanto a Dom Pedro lhe levarão meu recado, e elle vêo, «tevemos muy forte baralha e peleja com os mouros, e «elles por nos tomarem a tranqueira, e nós por lha de-«fendermos. Em verdade digo a Vossa Alteza, que eu ha

« trinta e seis annos que ando na guerra, e não me vi em « dia tão baralhado. Entre nós e os mouros averiá mais de « duzentas lanças no chão; que estava o chão juncado del- « las, e dos quarenta de cavallo que vinhão comigo, fica- « rão comigo até vinte seis. Destes sahimos feridos Fran- « cisco de Tavares em hum braço, e João Gomes com hu- « ma ferida polla testa, roim, por não levar capacete; re- « cêo tenho que morra: e Francisco Luiz huma coxa atra- « vessada; e Fernão Leite em hum quadril; e Thomé Pin- « to pollas cadeiras, apontador de Azamor; tenho re- « cêo que morra: e eu pollo pé esquerdo, pollo pei- « to do pé, de huma lançada atravessado, de que tenho « grandes dores. Cavallos mortos e feridos, o de Francis- « co Tavares ficou morto, de huma volta que fizemos á « tranqueira, elle, e Jeronimo Correa, e eu, e salvou-se « a pé, com muyto trabalho e esforço seu: pode-se por el- « le dizer que he estremado cavaleyro. Matarão hum ca- « vallo a Estevão Ramos atalhador, e outro a Fernão Lei- « te, e outro a huma atalaya, que se chama Christovão « de Leyva; e cavallos feridos, o de Vasco de Sousa pol- « los peitos: parece-me que morrerá. Vasco de Sousa vêo « ao repique da villa, que estava doente, e atravessou hum « mouro com sua lança, e ferirão-lhe o cavallo, e fe-lo muy « valentemente. Nicolao de Sousa vêo ao repique, e tam- « bem o fez muy valentemente. Simão Perez tambem vêo « ao repique da villa, e ferirão-lhe o cavallo do pescoço, « e tambem fez sangue, e fe-lo muy esforçadamente. Fran- « cisco Ribeyro, filho de João Ribeyro, lhe ferirão o caval- « lo, e fe-lo elle tão valentemente, como homem de mais « dias do que elle he. Manoel Afonso lhe ferirão o ca- « vallo, e o fez muy valentemente. Diogo Soares e João « da Rosa lhes ferirão os cavallos, e o fez muy valente- « mente. Francisco Nobre e João Alvares d'Almeyda o fi- « zerão bem e esforçadamente. Lopo de Pina se poz a ca- « vallo, a recolher a gente desmandada pera a villa; por- « que esse cargo tem. Francisco Marreiros Adail, e Ber- « tolameu Cavallo o fizerão muy esforçadamente; e posto « que eu falle nelles por derradeiro, não forão elles os der- « radeiros em pelejar. João d'Oliva, e Gonçalo de Lou- « lé, e Diogo Nunes se apearão a pé á tranqueira, e o « fizerão valentemente na defensão della. E estando nós, « Senhor, nesta baralha, eu tinha o meu cavallo com duas

« lançadas muyto ferido, e hia-se-lhe todo o sangue de
« huma lançada que tinha pollos peitos; e eu não tinha
« remedio pera cavalgar em outro cavallo, pollo dor do
« pé grande que tinha, que me não podia affirmar sobr'el-
« le. Nisto derão recado a João Ribeyro de como andava
« muy maltratado e ferido, e muy esforçadamente; e co-
« mo especial cavaleyro, se vêo a my, e me ajudou, e fez
« cavalgar em hum cavallo de Miguel Leite, escrivão dos
« contos desta villa, que he muy bom cavaleyro, e muy
« especial homem. D'outros homens de cavallo poderia di-
« zer a Vossa Alteza que o fizerão muy valentemente, que
« serião todos os que pelejarão, estremados dos outros, até
« corenta. Lopo Fernandes, porteiro das portas desta villa
« he valente homem, e o fez muy bem; e assi Luis Gon-
« çalves, o que serve de almotacé nesta villa. E esta ba-
« ralha desta tranqueira duraria mais de mêa hora até che-
« gar Dom Pedro da Sylva com o seu esquadrão. Elle vi-
« nha na dianteira da sua gente, em sua ordem, hum pou-
« co rijo por nos acudir; e em elle chegando a nós, eu lhe
« abri á gente de cavallo pera que chegasse á tranqueira,
« e chegou e poz á gente á tranqueira em sua ordem; e
« elle, como fidalgo que he e muy esforçado cavaleyro,
« sahio fora com a vanguarda dos arcabuzeiros; e fez com
« muyto esforço afastar os mouros, e com assaz dano que
« lhes fez; e ao afastar dos mouros se desmandarão alguns
« de cavallo; e eu fuy fóra e os recolhi, e fi-los meter do
« esquadrão pera dentro, e vim-os recolhendo até o mêo
« do caminho da outra tranqueira: e deixei ali a gente
« com o Adail, e torney-me ao esquadrão de Dom Pedro,
« e lhe disse que se viesse recolhendo; e elle assi o fez.
« Crêa Vossa Alteza, que dentro do esquadrão o vinhão
« buscar as lanças d'arremesso; e ferirão-lhe dous criados
« as lanças d'arremesso; e elle se vêo recolhendo em seu
« esquoadrão cerrado, e com muy boa ordem de guerra,
« e como muy especial cavaleyro que elle he. A este tem-
« po romperão os mouros a tranqueira do vallo novo que
« eu fiz, e vinhão-me tomar a dianteira; e Dom Diogo
« vinha demandar-me com o esquadrão; e tolheo toma-
« rem-me a dianteira, porque era muyta gente. Pode Vos-
« sa Alteza crer que o fez Dom Diogo tão bem e valente-
« mente, que bem mostrou ser neto do Conde do Prado;
« e fez muy grande dano em os mouros com a arcabuze-

« ria, que logo ahi cahirão delles. E eu, como assi o vi
« vir, fuy a elle só, que a gente de cavallo estava junta,
« e lhe disse que se chegasse ao esquadrão de Dom Pedro,
« porque carregavão muyto os mouros sobr'elle; e me vim
« assi na dianteira a cavallo, por me os soldados verem o
« rosto, e não fazerem desmancho. E Dom Pedro vinha
« na trazeira, e lhe cahio esmorecido hum dos feridos que
« trazia, e esteve quedo: fuy á trazeira, e disse-lhe que
« andasse; disse-me que aquelle homem que o não avia de
« deixar. Tomarão-no então tres ou quatro homens, e trou-
« xerão-no; e elle andou, e se ajuntarão ambos os esqua-
« drões, o seu e o de Dom Diogo, e os recolhi polla tran-
« queira dentro até junto da villa; e trouxerão pera a vil-
« la muytas das lanças dos mouros, que nos arremessavão,
« e mais de vinte com bandeyras. E estando Dom Pedro
« e Dom Diogo já recolhidos na tranqueira, eu me vim
« a curar, e mandey a Ayres de Sousa hum cavallo, e
« mandei-lhe dizer que recolhesse esses homens que andas-
« sem desmandados por esses vallos, e elle o fez. E crêa
« Vossa Alteza que, posto que Aires de Sousa se não achas-
« se nesta baralha, que ali onde estava fez muyto; por-
« que defendeo a praça a os mouros nos não tomarem a
« dianteira; porque por todas as partes nos corrião. Pare-
« ce-me que serião mais de dous mil de cavallo. Era o Al-
« caide da Almahala do Xarife, e seu Adail, e o Alcay-
« de dos Alarves, e a gente de Azamor; e era gente toda
« muy luzida. Parece-me que levão muyta gente morta,
« porque ahi á tranqueira, da peleja que com elles teve-
« mos, assi das lanças como de espingardeiros e besteiros
« que comigo tinha receberão muyto dano, e assi o rece-
« berão do esquadrão de Dom Pedro e de Dom Diogo.
« Oge se acharão muytos cavallos mortos dos seus pollo
« campo: elles nos não matarão nenhum homem, nem fe-
« rirão mais que os que tenho dito, e não nos levarão ne-
» nhuma cousa. Nosso Senhor &c. De Mazagão a 25 de
« Janeyro de 1542. Luis de Loureyro. »

CAPITULO VI.

....

Chamão-nos as cousas do Oriente, e estamos obrigados a dar conta de cousas entre si muy differentes, sucedidas em hum mesmo tempo e sezão; differentes em lugares, em pessoas, em calidade, e acontecimentos; porem juntas neste anno, e como assinte, quasi nos mesmos dias e mezes delle. Esta he a vantagem que faz a pintura ao que se escreve, e o pincel á pena....................

....

NOTICIAS

EXTRAHIDAS DOS

APONTAMENTOS DE Fr. LUIZ DE SOUSA,

RELATIVAS ÁS LACUNAS QUE SE ENCONTRAM
NO MANUSCRIPTO

INDICE

DAS

MEMORIAS E DOCUMENTOS,

CITADOS POR

FR. LUIZ DE SOUZA.

I. Dous Livros da Secretaria de Antonio Carneyro, com huns papeis do Brazil, mandados por Duarte de Albuquerque.
II. Papeis e pergaminhos do Conde de Villa Nova, Dom Gregorio.
III. Seis Livros do Conde da Castanheyra, mandados por Dom Jeronimo d'Atayde, filho do Conde de Castro.
IV. Tres Livros de Lourenço Pires de Tavora, mandados por seu neto Alvaro Pires de Tavora.
V. Livro novo da Embaixada de Alvaro Mendes de Vasconcellos, mandado por seu neto o Regedor.
VI. Maços de papeis que acompanhavão o dito Livro novo da Embaixada de Alvaro Mendes.
VII. Memorias de Bernaldim de Tavora, avô do Conego Antonio Tavares, que as confiou ao A.
VIII. Livro velho de couro pardo, de Dom Agostinho Manoel.
IX. Livro grande, que lhe levou Francisco de Vasconcellos.
X. Huma Chronica, sem declaração de Auctor.
XI. Dous Livros de Manoel de Mello Coutinho.
XII. Tres papeis, que lhe mandou Antonio Correa Baharem.
XIII. Sete Livros da Secretaria de Pero d'Alcaçova, mandados pelo Secretario Francisco de Lucena.

XIV. Huma caderneta, que lhe levou Ruy Barreto de Moura.

XV. Instrucção do Principe D. Filippe (depois Rei 2.º do nome) a Lope Hurtado de Mendoça, Commendador de Villa Rubia, Embaixador ordinario em Portugal, mandada a Fr. Luiz de Sousa pelo Marquez de Castel-Rodrigo.

XVI. Tradições oraes.

XVII. Huma Carta de Fr. Diogo de Murça, Reitor da Universidade de Coimbra.

XVIII. Hum Livro de mão, que ficou de Manoel Correa Baharem, e que estava em poder do Conego Antonio Tavares.

MEMORIAS

E

DOCUMENTOS.

Abril de 1522 — *até o principio de* 1523.

Consta, por assento feito pollo Secretario Antonio Carneyro, que jurou ElRey as pases com o Emperador em Lisboa a 23 de Julho de 1522, a requerimento do Embayxador Carlos Popeto Monsior de la Xaus, e com elle Christovão Barroso Protonotario Apostolico, do seu Conselho, e seu Secretario. — I. L. 1.º

Por carta delRey a Dom Afonso d'Albuquerque Capitão da Mina, escrita em Thomar a 13 de Oytubro de 1523, consta que estava por Governador na dita fortaleza. — III. L. 3.º

1530.

Carta delRey feita em 8 de Setembro de 1530, em que noméa por seu Embaixador de França o Doutor Lourenço Garcês. — III. L. 4.º

Consta pollo treslado da Bulla da Inquisição, concedida a ElRey Dom João 3.º pollo Papa Clemente 7.º, que foy expedida pollo Auditor de Camara Jacobo Simoneta Pisauriense no anno nono de seu pontificado *anno incarnationis Dominicæ* 1531 — 16.º *Kallendas Januarii, pontificatus nostri anno nono*, que vem a responder em 17 de Dezembro de 1530. *Primeira Bulla da Inquisição.* — VI.

1531.

Mostra-se por carta do Conde (da Castanheira) que parte pera França em 27 de Abril de 1531, e que vay

direyto em posta á corte da Emperatrix; mas pera se não deter ahi mais que hum dia. Por carta que o Conde escreve a ElRey, consta que estando pera se partir de França, lhe queria o Francez mandar duzentos e tantos marcos de prata lavrada, e a Raynha tambem lhe queria fazer seu presente de peças; e elle, por não receber nada, se partio em posta; porque soube que ElRey mandava traz elle com as mesmas cousas &c. — III. L. 6.º

Em 11 de Junho de 1531 assentarão concerto em Fonte Nables procuradores delRey de França com Dom Antonio de Tayde e o Doutor Gaspar Vaz, Embayxadores, que todas as cartas de represarias e de marca ficassem de huma e outra parte anulladas: e em caso que de novo aja queixas e requerentes de novas cartas, a estes tays se dará hum Juiz de parte delRey de França, e outro de parte delRey de Portugal, pera que em lugar seguro e neutral julguem se se pedem com justiça; e não concordando, se recorra ao Summo Pontifice, pera lhes nomear hum terceyro.

Item: assentarão que nenhum navio saya de seus portos delles Reys sem jurar e dar caução de não roubarem huns aos outros; e tomando quaesquer das duas nações algum navio sobre mar, serão obrigados a trazer a carta de fretamento que nelle acharem, e dous homens, pera que a todo tempo conste de que terra é que calidade e nação era. — III. L. 6.º

Em Fonte Nables de França, a 11 de Julho de 1531, passarão capitulos de concerto e revogação de todas as cartas de marca e represarias, entre o Cardeal de Sans, Legado e Chançarel de França, e os senhores de Memoransi Grão Mestre e Marichal, e de Biron, Almirante de França, de huma parte; e da outra Dom Antonio de Tayde e o Doutor Gaspar Vaz. — III. L. 5.º

A fol. 196 está huma provisão delRey de França, passada em Fonte Nables a 3 d'Agosto de 1531, por que manda se pregôe em todos os seus portos, que nenhum vassallo seu vá contratar a terras da conquista delRey de Portugal, sô pena de confiscação de bens e pessoas. — III. L. 5.º

Consta por carta delRey, de 15 d'Agosto de 1531, que teve novas que em Ruão entrara huma urca tomada por franceses, que sahira de Frandes, em que avia dez

mil cruzados de fazenda delRey, e que éra tomada outra nao d'açucares. — III. L. 3.º

Estando o Conde em França no anno de 531 em Agosto, não sendo ainda Conde, avisa que lhe pedião sessenta mil francos pollas despesas que tinha feito João Ango, pera se poder revogar a carta de marca; e que, alem disso, prometeo ao Almirante dez mil cruzados por lhe dizer que, em quanto tevesse o dito cargo, não irão navios de França á Malagueta nem ao Brasil. — III. L. 3.º

Alcançou o Conde carta delRey Francisco pera o Almirante senhor De Biron mandar embargar o galeão da Malagueta; escrita em Paris a 6 de Setembro de 1531. — III. L. 1.º

Consta de huma carta escrita para a Emperatrix em 25 de Setembro de 1531, que ElRey mandava Luis Afonso a Roma pollo despacho pera a Inquisição; e que nomeava por Inquisidor-mór seu confessor; e encomendou ao escritor da carta que escrevesse aos Cardeays Santos Quatro e Osma, que ajudem seu Embaixador nesta causa. Não se póde ler o nome deste homem por letra escura e mal declarada. — III. L. 1.º

Copia da Carta do Empenador ao Commendador Lopo Furtado. — No alto da Carta = ElRey. = «Commendador Lope Hurtado, mio Embaxador. Io he sabido la «merced que el serenissimo muy alto y muy poderoso Rey «de Portugal, mi muy caro y amado ermano, ha hecho «a Luys de Silveyra de la villa de Sortella, honrando-le «con titulo de Conde della, de que he holgado mucho, «por saber que es tan cierto criado y servidor suyo, y te«ner yo voluntad de hazer-le merced: y assi lo direys de «my parte al Serenissimo Rey, y que en todo el favor y «buen tratamiento que mas le hiziere, recibiremos muy «singular complazencia.»

«Direys assi mismo al dicho Luys de Silveyra de mi «parte, quanto he holgado desto, y que assi espero que «siempre recivirá mas favor y merced, como el lo mere«ce. De Brucellas a 22 de Ottobre 1531. — Yo ElRey. — Abaixo: Por mandado de Sua Magestade — Covos, Commendador mayor. — II.

Huma instrucção pera o senhor De Corvarem, Capitão da guarda allemã do Emperador, que mandou por seu Embayxador a França; e toda consiste em favor del-

Rey de Portugal: e de se escusarem as represarias e cartas de marca, a que foy mandado á mesma corte Dom Antonio de Tayde. — III. L. 5.º

Consta que foy o Conde da Castanheyra em posta á França, por Embayxador, não sendo ainda mais que Vedor da Fazenda, no anno de 1531. E por mêo do mesmo anno foy traz elle o Doutor Gaspar Vaz, do Desembargo, por suas jornadas, e com titulo tambem de Embayxador. — O fim desta embaixada era pedir restituição de huma nao de Malagueta e outras presas, que francezes cossarios tinhão feitas, e sobre as cartas de marca, que ElRey de França dava a seus vassallos. — III. L. 1.º

Consta por carta do Conde, escrita de Paris a ElRey, que a carta de marca de João Ango era de contia de duzentos e sessenta mil cruzados, por onde grande negocio era acabar com elle que se contentasse com os doze mil cruzados que lhe prometeo; porque he cousa certa, que com as fazendas que estavão em deposito, inda que o homem pedia sessenta mil francos, que são vinte e seis mil cruzados, alem dos doze mil, quando a tal restituição fizesse, viria a ser a contia muyto pouco mais dos ditos doze mil cruzados. Consta mais que o homem tinha suas quatro naos e duas do Almirante, e duas do Duque de Albania, e outras duas dos que erão vindos do Brasil, afóra quatro mais que se armavão pera a Malagueta. — III. L. 6.º

Consta que ouve concerto com o Almirante, que foy de dez mil cruzados, que se lhe derão pera estorvar a carta de marca de João Ango; e tambem se passarem as provisões que ElRey despachou assima. — III. L. 5.º

Consta que estando no porto de Anafrol huma nao d'açucares de Portugal, mandou o Almirante que se embargassem todas as mercadorias della, a requerimento do Embayxador. Não tem data o mandato.

Consta ahi mesmo, por carta do Almirante, mandar que não partissem do dito porto quatro naos, que se sabia estarem de partida pera o Brasil; ou que dessem fianças bastantes a não irem a terras delRey de Portugal. — III. L. 5.º

Consta por carta delRey pera o Conde, estando em França no anno de 1531, que era Embayxador na corte do Emperador Dom Pedro Mascarenhas. E consta que

era Embaixador na corte da Emperatrix Alvaro Mendes de Vasconcellos. — III. L. 5.º

1532.

Consta por carta de Alvaro Mendes de Vasconcellos, que já em Mayo de 1532 fazia officio de Embayxador em Castella. A carta he feita em Medina del Campo pera o Secretario Antonio Carneyro. — IX.

Por carta de Dom Martinho de Portugal, de 19 d'Agosto de 1532, dá conta de huma nao de Franceses de Marselha, que tomou Antonio Correa com grande valor: e foy de importancia por vir do Brasil; que se tornara a salvamento a sua terra, se ouverão de armar outras muytas logo em Marselha, e por toda Italia. — III. L. 5.º

Consta por huma provisão delRey, passada em 21 de Oytubro de 1532, feita por Manoel de Moura, em que Sua Alteza dá poder a Duarte Coelho pera que na armada em que o manda á Costa da Malagueta, edificando fortalezas, possa tomar menagens ás pessoas que nella deixar. — I. L. 2.º

1533.

Consta por carta delRey ao Conde da Castanheira, de 21 de Janeyro de 1533, que Martim Afonso de Sousa tomou na sua viagem (parece que foy do Brasil) duas naos de Franceses com trinta e tantos homens de França e quatro Indios do Brasil, que chama Reys: manda ElRey que os Franceses venhão presos ao limoeyro, e os navios a Lisboa; e os que chama Reys sejão bem tratados, e vestidos de seda.

Consta por outra do dito dia, que Martim Afonso de Sousa, correndo a Costa do Brasil, vêo ter a Pernambuco, e ahi achou ditos Franceses, que tinhão feito fortaleza, e lha tomou e a poz em poder de Portugueses. — III. L. 3.º

Por carta delRey, de 3 de Fevereyro de 1533, consta de hum João Afonso, que andava levantado com Franceses; e que no mesmo tempo andava Duarte Coelho com armada na Costa da Malagueta, e que ElRey lhe mandava que viesse a esperar as naos da India. — III. L. 3.º

Por carta delRey, de 5 de Fevereyro de 1533, parece que avia na Casa da India mil e quinhentos quintaes de malagueta pera vender. — III. L. 3.º

Por carta delRey ao Conde consta que estava por Embayxador em Roma Dom Martinho de Portugal; e manda-lhe ElRey entregar quinze mil cruzados pera certos gastos: he a carta de 18 de Fevereyro de 1533. — III. L. 3.º

Por carta de Dom Martinho de Portugal, feita em Bolonha em 8 de Março de 1533, avisa que fez o Papa grande difficuldade em fazer arcebispado o Funchal e os mais bispados, por não terem diocese, e terem pouca renda. — III. L. 5.º

Em Março de 1533, Capitão-mor pera tres naos da India Dom João Pereyra. — III. L. 3.º

Consta por carta delRey que Duarte Coelho vêo da Costa da Malagueta, com armada de sete vellas, ás Ilhas Terceiras esperar as naos da India: he carta feita em Evora em 6 de Julho de 1533: consta (por hum papel de letra do grande João de Barros) justificado por dous filhos seus, de grandes serviços que fez na India por tempo de vinte annos, entre os quays foy, que da segunda vez que foy á China livrou tres navios nossos de huma armada delRey da China de sessenta e sinco velas: e polla mercê que Deos lhe fez neste sucesso, mandou fazer a ermida de Nossa Senhora do Monte em Malaca, que oge dura: consta pollo mesmo papel, que naquelle anno que vêo a esperar as naos ás *Ilhas*, a poucos dias de sua chegada, forão com elle quatro naos da India, Capitão-mor Antonio de Saldanha; e chegou juntamente Martim Afonso de Sousa do Brasil: e com todos se vêo a Lisboa. — I. L. 2.º

Consta por carta delRey pera o Conde, de 11 d'Agosto de 533, que pede ao Conde lhe mande o orçamento da armada que hade hir á India no Março seguinte, pera se logo proverem quaesquer cousas que falecerem. — *E oge, que são 7 de Abril, estão inda as naos por aviar. Anno de 1628, Visorey Dom Francisco Nunes!* Consta de carta delRey, de 29 d'Agosto de 1533, que manda partir pera a India Dom Pedro de Castel-Branco, com dez caravellas e dous navios, na monção de Setembro do dito anno. — III. L. 3.º

Consta por carta delRey, que partia Dom Pedro Mascarenhas com dez caravellas e dous navios redondos; e tratava ElRey que fosse polla Costa da Malagueta. Carta feita em Evora, 2 de Setembro de 1533.

Por carta delRey de 21 de Setembro de 1533, consta que se achava trigo a trinta reis o alqueire, e quarenta moyos de milho a vinte e sinco reis o alqueire. — III. L. 4.º

Segunda viagem de Bernaldim de Tavora: — anno de 1533: torna a França: dada a instrução em 15 de Dezembro. A razão da visita foy o casamento do Duque d'Orliães, filho segundo seu, com a sobrinha do Papa — Casa de Medicis: levava comsigo Antonio Lopez, pessoa que ElRey lhe deu. Estava em França João Vaz de Caminha, pelo qual se tratavão praticas de negocios secretos com Honorato de Cayz. O fim secreto desta visita era estrovar que se não passassem cartas de marcas, e que as passadas se impedissem; e não podendo al ser, se comprassem as partes, fazendo concerto com ellas, se ElRey o aprovasse, obrigando-se o dito Bernaldim de Tavora em seu nome somente, como de cousa que ElRey Dom João não sabia, e em que s'elle entendia por se achar lá a caso. E ordenou que o gram Chanciller, e o gram Mestre e o Almirante, ouvessem de Sua Alteza de mercê quatro mil cruzados em cada hum anno cada hum delles, e que os ouvesse hum filho de cada hum delles qual elles mais quizessem; aos quays ElRey escrevia de fora recados muy largos: que estas cousas todas communicasse com João Vaz de Caminha, Honorato de Cayz, e Gaspar Palha: que se lhe parecesse falar a ElRey na materia, o fizesse como cousa que sabia delle Bernaldim de Tavora. Estes doze mil cruzados de mercê avia de mandar a França por André Soares, ou outra pessoa, o feitor de Frandes, que então era Jorje de Bayrros. Despois achamos que mandou Sua Alteza se dessem ao Almirante seis mil cruzados, e tres mil a cada hum dos outros. Segunda instrução ao dito Bernaldim de Tavora no mesmo dia, 15 de Dezembro de 1533: Mandava visitar a hirmã do Grão Mestre e a Tinoca: devia ser molher Portugueza, criada da Raynha. — VII.

Parece do livro grande de Francisco de Vasconcellos que a jurisdição episcopal da Ilha da Madeira, em tempos antigos, se governava pollo Vigario do convento

de Thomar, por bullas apostolicas. Como a Ilha he da Ordem de Christo pedio ElRey Dom Manoel ao Papa Leão decimo que levantasse em Sé Episcopal a igreja de Nossa Senhora da cidade do Funchal, e a fizesse Bispado das ilhas adjacentes á da Madeira e todas as mais, que por bullas apostolicas pertencião á jurdição do Vigario de Thomar: e assi lhe proveo logo Bispo, presentado pollo dito Rey. Despois ElRey Dom João impetrou, neste anno de 1533, do Papa Clemente 7.º que erigisse a dita igreja do Funchal em Sede Arcebispal e Metropolitana, dando-lhe por suffraganeos os Bispados de Angra nas Ilhas dos Açores, e o Bispado de Santiago das Ilhas do Cabo Verde, e o Bispado da Ilha de S. Thomé, e o de Goa na India, todos eregidos novamente á instancia de Sua Alteza pollo mesmo Papa Clemente, sendo a presentação de Sua Alteza; e logo pedio que fosse primeyro Arcebispo Dom Martinho de Portugal, como de feito foy. E porque foy logo mostrando o tempo grandes inconvenientes pera esta dignidade correr nesta forma, pedio Sua Alteza, tanto que faleceo em Portugal Dom Martinho, que o Funchal tornasse a ser Bispado ordinario, como primeyro, sem mais jurdição que a dita cidade e ilhas vizinhas, e não uzasse de nenhum poder nas outras igrejas, que primeyro tinha por suffraganeas; que daqui em diante todas, e a mesma do Funchal, reconhecerião por Metropolitana a Sé de Lisboa. E logo presentou pera Bispo do Funchal e Ilha da Madeyra o Padre Mestre Gaspar, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, mestre em Theologia e confessor de Sua Alteza; e lhe concede em dote das rendas do mestrado mil cruzados em cada hum anno, que he o mesmo que tinha sendo Arcebispado. — IX.

O mesmo Dom Martinho avisa de Roma por carta de 17 de Dezembro, escrita ao Conde (da Castanheira), que foy consagrado na dita cidade. — III. L. 5.º

No anno de 533 diz Antonio Tavares, que foy Embayxador ou Visitador a Barcelona, ao Emperador, o Commendador-mor. — II.

1534.

Carta delRey pera Bernaldim de Tavora, em primeyro de Janeyro 1534, que lhe foy ao caminho. Man-

da que Ruy Fernandes, que estava em Frandes, e hia a Cambray, passe a França sem se entender ser ordem de Sua Alteza, e pratiquem os negocios das marcas. Foy isto por aviso de que avia fazendas portuguezas socrestadas em França, digo, que era passado mandado de socresto. Avisa Sua Alteza em outra carta, que sendo assi que os Francezes se queixavão de seis ou sete navios tomados pollos Portuguezes, constava serem tomados aos Portuguezes 350. *Mas* (palavras da carta de Sua Alteza) *que não entendo como aviamos de ser grandes amigos, andando nossos vassallos em continuas pelejas, como seria se elle isto não emendasse.* — VII.

Por carta delRey, feita em Evora pera Fernão d'Alvarez, consta que estava por Capitão de Çafim Ruy Freire: carta feita em 7 de Março de 534. Por outra carta delRey, escrita em Evora pera o Conde (da Castanheyra), em 8 do mesmo mez e anno, consta que era Capitão de Çafim Ruy Freyre: e que ElRey mandava outro: são palavras formais da carta as que se seguem: « *E porque Ruy Freyre, que nella ficou por falecimento de Dom João, que Deos perdoe* (este deve ser Dom João de Faro, que os mouros matarão), *he muyto moço, envio hora lá Luis de Loureiro, cavaleyro fidalgo de minha casa, pera se logo partir e estar por Capitão, em quanto não mandar outra pessoa.* Manda ElRey avisar ao Conde que faça que se venha Dona Isabel Freyre, molher do dito Dom João, em certas caravellas, que hãode hir com socorro. — III. L. 4.º

Doação que ElRey Dom João fez a Duarte Coelho: foy feita em 10 de Março de 1534: feita por Manoel da Costa, e soscrita por Fernão d'Alvarez Thezoureyro-mór e Escrivão da Fazenda. Consta por ella que tinha ElRey mandado fazer este anno repartição, e ordenar Capitanias de certas em certas legoas; e ao dito Duarte Coelho deu sesenta legoas de costa contadas do rio de São Francisco, que he do cabo de Santo Agostinho contra o Sul, e acabadas no rio que cerca a Ilha de Tamaracá, a que novamente mandou chamar Rio de Santa Cruz, com mais as ilhas que estivessem defronte destas sesenta legoas de coste até dez legoas della; que possa fazer villas, que tenhão jurdição, nome e dignidade de villas; prover os officios de Taballiães, que se chamem pollo dito Duarte

Coelho; que sejão suas as alcaydarias-mores, com todos seus direytos, proes e precalços &c.; que aja a dizima do pescado, e a vintena do pao brasil, que se trouxer desta capitania; que possa mandar vinte e quatro escravos cad'anno a Lisboa, que serão despachados sem direytos por certidão do Capitão; que não aja nunca sizas, nem imposições, nem saboarias, tributo de sal, nem outros alguns direytos nem tributos de qualquer calidade que sejão, salvo os do foral; que não entrarão Alçadas, nem Corregedor, nem outras algumas justiças pera uzarem jurdição nesta Capitania. Duarte Coelho foy á India na armada do Marichal, anno de 1509, e se achou com elle em Calicut, e vêo da India no anno de 1529. Indo a povoar esta capitania, levou a ella sua molher Dona Brites d'Albuquerque, e seus filhos, e muytos parentes; e gastou em a povoar muyta copia de dinheiro que trouxe da India. — I. L. 2.º

Carta do Conde (da Castanheira) a El-Rey: diz assi: «Eu cheguei a esta cidade ontem que forão 20 dias deste mez, e até então não erão partidos mais navios pera Çafim que huma caravella que estava carregada de madeyra, em que se meterão Pero Lopez e Thomé de Sousa, e sahirão polla carreyra do Torrão, terça feira á noyte com vento Oessudueste, tanto, que aos mais que virão partir a caravella pareceo que correria grande perigo de se perder ao sahir da barra: e tambem era sahida antes desta outra, em que vay Fernão Sodré, que leva quarenta quintaes de polvora de bombarda, e tres quintaes d'espingarda, e carne, e vinho, e azeite; e oge polla manhã sahio Simão de Mello com a armada, com vento contrario; porem era bonança: leva muy boa gente; porque, alem dos da armada, e dos criados de Vossa Alteza que de lá vierão, se embarcarão nella Dom Antonio de Lima, e Diogo Soares, e Gomes Soares, com alguns homens seus. Os navios e caravellas que aqui achey faço todos fazer prestes, e se fizer tempo, á manhã (Deos querendo) partirão quatro: hum delles leva biscouto, e vay nelle Dom João de Castro; e outro, que aqui estava pera hir á Ilha da Madeyra carregado de sardinha, vay nelle Dom Pedro da Sylva: e huma caravella que agora vêo da Mina, em que vay Jorze Cabral; e Pero da Fonseca vay em outra que fretou á sua custa; e em todos estes na-

vios vão muytos fidalgos. Manoel de Mello e Tristão Vaz da Veyga tem prestes outra caravella. Outros quatro navios melhores, e melhor armados, estarão prestes pera Dom Garcia de Noronha se poder meter nelles tanto que chegar. Afonso d'Albuquerque e os filhos do Conde de Linhares estavão casi prestes pera partir, e deixão de o fazer pollo que lhe eu dixe de parte de Vossa Alteza, que elles ouverão por muy grande mercê, por verem que se lembra delles; e porêm crêo que por mor o ouverão, se a lembrança fôra pera os mandar hir; e desta maneyra me respondeo o Conde, a quem eu tambem disse da parte de Vossa Alteza o que me mandou que lhe dixesse. Christovão de Magalhães se offereceo a servir a Vossa Alteza com huma caravella e homens que a enchessem; e com quanto lho não aceitey, por ser official da cidade, e por me parecer que não hade faltar gente pera cumprimento da que Vossa Alteza mandou que agora fosse, todavia se faz prestes pera hir: diz que tem detidas em Setuvel quatorze caravellas e outros navios de Portuguezes e estrangeiros. Nosso Senhor acrecente a vida e real estado de Vossa Alteza. De Lisboa, 21 de Mayo de 1534. Consta de carta de Dom Afonso de Meneses, filho mais velho do Conde de Penela, que seu pai faleceo, sendo Vedor da Fazenda, de 75 annos, e que o dito Dom Antonio esteve prestes com duas caravellas pera hir ao cerco de Çafim. Era Capitão Luis de Loureyro. — III. L. 1.º

Em 23 de Mayo de 1534 era Capitão do Cabo de Gué Dom Goterre de Monroy. — III. L. 3.º

Por carta de Antonio de Campos, de Villa Nova de Portimão, de dia do Espirito Santo (24 de Maio) do anno de 1534, que foy o do cerco de Çafim, parece que forão do Algarve de socorro os seguintes: Dom João e Dom Afonso de Castelbranco, hirmãos, com 150 homens; Henrique Jaques com 40 homens; Rodrigo Rabello 40; Ruy de Mello de Tavilla 30; Pero Cortereal 40; Diogo Alvez da Costa com gente incerta. — III. L. 5.º

Por carta delRey ao Conde (da Castanheira), que avise a Dom Fernão Martins Mascarenhas e a Dom Francisco filho de Dom Fernando de Faro, que se não embarquem ao soccorro de Çafim; e o mesmo diga a Dom Martim Gonçalves d'Atayde e a Dom Afonso de Tayde seu pay. Carta feita em Evora, 26 de Mayo de 1534. — III. L. 3.º

Consta por carta de Fernão d'Alvares, de 28 de Mayo de 1534, que forão a Çafim caravellas d'agoa de socorro, em que era tanto o contentamento do Conde de Vimioso, que diz se affogava nesta agoa; porque não se advirtio nisso nunca cá, e lá foy de muyto proveito. — III. L. 5.º

Por carta de primeyro de Julho de 1534 avisa ElRey ao Conde (da Castanheyra), que era partido, pera Çafim, de Andaluzia Dom Rodrigo de Castro com mil soldados, e manda-lhe que diga ao Conde de Linhares e a seus filhos, e a Afonso d'Alboquerque, e a Dom Nuno, filho do Marquez, e a Dom Diniz d'Almeyda, e a Dom Fadrique, e a Ruy de Sousa, e a Dom Afonso, filho do Conde de Penella, que lhes agradece a vontade que tem de hir ao socorro. — III. L. 4.º

Carta de 7 de Julho de 1534: — que está Dom Vasco, filho do Capitão dos ginetes, com grande gasto em Belem pera sahir pera Çafim: Gaspar de Teyves tem huma caravella em que leva trinta homens. — III. L. 6.º

Consta por assento de Antonio Carneyro, Secretario, feito em 23 de Agosto de 1534, que era o Conde de Linhares Chançarel da Ordem de Christo, e juntamente Provedor-mor dos defuntos. — I. L. 1.º

Por carta de ultimo de Setembro de 534 pede ElRey conselho a Dom Francisco de Castelbranco, seu Camareyro-mor, se largará os lugares de Çafim e Azamor, e diz que tem aviso de vir Barbaroxa sobre Ceita. — II.

Por carta delRey a Dom Jorze de Noronha, que se venha logo com Dom Garcia seu tio, e entregue a capitania a Dom Rodrigo de Castro, que vai logo, e tardando em chegar Dom Rodrigo, em tal caso fique elle Dom Jorze por Capitão até chegar Dom Rodrigo: carta feita em Evora pollo Secretario em 22 de Novembro 1534. Carta delRey da mesma data pera Dom Fernando de Noronha, do seu Conselho, em que lhe manda que se venha com Dom Garcia de Noronha, seu tio, que levara o socorro e estava por Capitão. — III. L. 4.º

Por carta de ultimo de Novembro de 1534, pede ElRey conselho a Christovão de Tavora se largará Çafim e Azamor, ou algum delles, e se será de todo, ou ficando castellos roqueyros em cada hum: e manda-lhe mostrar hum apontamento do estado em que está a fazenda real;

e ajunta ElRey, que pretende fazer guerra a ElRey de Fez e ao Xarife. — Responde Christovão de Tavora que *como hade fazer conquista quem trata de desfazer lugares já conquistados* (parece ironia); e logo ajunta que os ponha por terra sem ficar pedra sobre pedra. — Entendeo o fidalgo que o tratar de fazer guerra era lanço no ar: e largar os lugares era o certo. E responde cortezãmente ao outro ponto que ElRey lhe pergunta, em que modo se ajudará dos seus vassalos pera a tal guerra, dizendo que veja as mercês que tem feito a grandes e pequenos, e segundo isso se aproveite de huns e outros. — Tambem neste ponto mostra algum sintimento. — IV. L. 2.º

Carta notavel de Vasco de Sion (?) em que conta muytos serviços a ElRey Dom João, e affirma que no cerco de Çafim sahio muytas vezes a defender as minas e dar nos mouros. VIII.

Por folha do rendimento do Reyno, almoxarifados, Ilhas, e tratos de India e Mina, mostra-se render no anno de 1534 tudo isto 279:500$ reis. . . 279:500$ reis.

Não fala nesta folha no rendimento das alfandegas, salvo se vão com os almoxarifados. E valem as despesas do dito anno . . . . 247:350$ reis.

Fica por despender . . . . 32:150$ reis.

Consta da dita folha que devia ElRey no dito anno oyto centos e oyto contos e seis centos mil reis isto he por juros vendidos, e dividas da Casa da India, e cambios de Frandes: nestes cambios de Frandes vão 160:000$ reis. — III. L. 5.º

Parece de huma carta de Alvaro Mendez, de 20 de Janeyro de 1535, que faleceo o Iffante Dom Fernando, e a Condessa de Marialva, sua molher, por fim do anno de 1534. — V.

Por carta de Sua Alteza, escrita ao Arcebispo do Funchal, Embaixador em Roma, manda que peça a Sua Santidade a união das igrejas que forão da casa de Marialva, na cabeça de seu filho Dom Manoel (era filho natural delRey) que he maior de doze annos: mas que nas

bullas se não faça declaração que he seu filho. — Carta feita em 13 de Janeiro de 1535. — V.

— *Relação que ElRey mandou da Armada que tinha prestes pera Tunes.* — He a seguinte: hum galeão, e com elle vinte caravellas, Capitão-mór Antonio de Saldanha; mil e quinhentos homens entre gente de guerra, marinheyros e grumetes, e bombardeyros: e nestes se contão duzentos fidalgos, e cavaleyros, e criados delRey; e quinhentas e noventa e oyto peças de artilheria de bronze, entre grossa do galeão, e miuda das caravellas; e vinte e nove mil novecentos e nove pelouros de toda sorte; e oytenta quintays de chumbo pera mais pelouros; e quatro mil dados de pelouros de falcões, e outros tantos de pelouros de berços; trezentos e seis quintays de polvora de bombarda; catorze quintays de polvora de espingarda; mil e trezentas e vinte panellas de polvora; duzentas e sessenta bocas de fogo; mil e corenta e sinco corpos d'armas brancas; tres mil e cem lanças e piques pera de pé. — V.

Por carta d'Alvaro Mendes pera Sua Alteza consta que chegou a Madrid em 9 de Janeiro de 1535, donde o Sua Alteza tinha chamado, e tornado a mandar a Madrid: diz que a armada que o Emperador tinha pera hir a Tunes erão setenta e huma galés, e tres grandes galeões, em que se contava o de Portugal; e de gente vinte e sinco mil homens, a saber: sinco mil alemães, seis mil italianos, e os mais espanhoes; e que o Emperador dezejava que partisse a nossa armada de Lisboa em 1.º de Março. — He carta de Alvaro Mendes de 20 de Janeiro de 1535. — V.

No principio deste anno, estando o Embaixador Alvaro Mendes em Castella fazendo este officio diante da Emperatrix, moverão pratica os do Conselho de Indias, pretendendo mandar requerer a ElRey Dom João que não mandasse navios seus ao Rio da Prata. Evitou-se o requerimento com boa destreza do Embaixador, e com elle mostrar o regimento que Martim Afonso de Sousa levou quando foy ao Brasil. — VI.

Por carta delRey de 20 de Fevereyro de 1535 se vê que mandava que fossem á India 80$ cruzados de cabedal, e que pera elle fizera vir Fernão d'Alvarez de Castella trinta mil em dobrões. — III. L. 4.º

Por carta delRey: parte Antonio de Saldanha por

Capitão-mor da armada, 4 de Março de 1535: manda ElRey que va a Evora pera tomar o Regimento que há de levar.—III. L. 4.º

Por carta de 13 de Março manda Sua Alteza vir Bernaldim de Tavora de França, e que fique Ruy Fernandes com todo o negocio.—VII.

Por carta de 17 de Março de 1535 consta que estava por Embaixador com o Emperador Alvaro Mendes de Vasconcellos—que foy quando partio a armada pera Tunes.—III. L. 4.º

Advertencias pera o Iffante Dom Luis em nome delRey:

1.ª Que no feito não cure de tomar outro lugar senão o que lhe dér o Emperador: que de sua hida avise o Embaixador Alvaro Mendes de maneira que sua chegada seja tres ou quatro horas, pera que se escusem com elle recebimentos; e nisto aja grande tento.

2.ª Que se o Emperador não for, elle Iffante não va em nenhuma maneyra do mundo, se não se lhe desse a capitania de toda a empresa: no qual elle não falará.

3.ª Que se venha como o Emperador deixar d'entender em guerra de Mouros, ou fizer outro caminho.

4.ª Que se não meta na armada de Sua Alteza: que ao despedir-se do Emperador tome a embarcação que lhe derem, sem fazer fundamento da armada: e que faça por não tomar porto senão em Espanha.

5.ª Que se lhe derem embarcação á hida ou á vinda, não faça bandeyras nem divisas, e se meta nella assi como lha derem.

6.ª Que se o Emperador o meter em conselhos alguns, se escuse de votar com alguma parçaria.

7.ª Que não aceite o Iffante ser armado cavaleyro na jornada: que não aceite o tusão inda que lhe seja offerecido.

8.ª Que não tome ao Emperador senão hum arnês e hum cavallo.

9.ª Que acerca do vestido de sua pessoa e dos seus se guarde a Ordenação de Sua Alteza.

10.ª Que mande em segredo aos seus fidalgos e criados que não joguem.

11.ª Que rompa a sucessão que leva Nuno Vaz de Castelbranco: e que falecendo Antonio de Saldanha em

quanto o Iffante lá estiver, suceda Pero Mascarenhas. — III. L. 6.º

Consta por carta de Dom Martinho de Portugal, Arcebispo do Funchal, de 18 de Março de 1535, que estava por Embaixador delRey em Roma; e chama-se em outra Arcebispo primás: diz que rendia mil cruzados esta igreja: diz que fazia diligencia polla Inquisição. — III. L. 5.º

Consta chamar ElRey a Cortes pera Evora, por carta sua que escreve ao Camareyro-mor Dom Francisco de Castelbranco em 16 de Abril de 1535, pera ser jurado o Principe em dia de Pentecostes. Este foy o Principe Dom Manoel. — II.

Consta que naceo o Iffante Dom Denis a 26 d'Abril de 1535: foy bautizado pollo Cardeal Iffante: foy levado pollo Duque de Bragança: o Marquez de Ferreira levou o saleyro: apoz elle foy o Conde do Vimioso com o sitio e offerta, que forão os cem cruzados costumados: e levou o bollo o Conde de Portalegre, que hia diante: forão compadres o Iffante Dom Luis (isto não pode ser, porque o Iffante estava em Tunes), e o senhor Iffante Dom Anrique, e o Duque que levava o Iffante: foy comadre a Condessa de Portalegre: levavão porteyros de maças, e não ouve charamellas nem atabales pollo dó. Tornando o Iffante christão, sahio ElRey da casa da Raynha, e o foy tomar á entrada da sua guardaroupa, e vêo com elle até a cama da Raynha. — I. L. 1.º

Chegou Antonio de Saldanha á vista de Barcelona, com sua armada pera Tunes, em 26 d'Abril de 1535: mandou o Emperador, que ali estava, visitalo ao mar por hum Mordomo seu, que era o Commendador-mor de Alcantara. No dia seguinte, estando o Emperador a huma janella, donde vêo tomar vista da armada, vêo Antonio de Saldanha dar fundo com toda a armada defronte da cidade: e aos 28, despois de comer, sahio em terra em boa ordem com todos os Capitães, cada hum em seu batel, e grande numero de fidalgos com elle; e na praya se achou o Embaixador Alvaro Mendes com todos os grandes que avia na Corte (Duque de Cardona, Duque d'Alva, Conde de Benavente, o Arcebispo de Çaragoça, o Conde de Valença, o Marquez de Cogolludo; estes e outros muytos fidalgos), que, por honra de Portugal, sem

serem mandados pollo Emperador, se vierão pera o dito Alvaro Mendes; e muytos jantarão esse dia com elle. E juntos todos se forão ao Emperador, que mandou cubrir o Capitão-mor, com outros muytos gasalhados: e despois os mais dos dias o chamava o Emperador, e elle vinha acompanhado de quarenta fidalgos e Capitães, e sempre tornava a dormir no mar: e o Emperador tratava com elle da viagem que avião de levar com muyta particularidade e cortezia. O Duque de Cardona lhe deu hum banquete a elle e a todos os fidalgos Portuguezes: e outro lhe deu o Embaixador. Despois entrou com sua armada de gales e outros navios d'alto bordo André Doria. E tanto que chegou foy primeyro a salvar a nossa armada, de que ouve fermosa resposta.

Partio o Emperador de Barcelona ultimo de Mayo. Chegou á Goleta huma terça feira 15 de Junho polla manham. Mandou o Emperador que os Capitães mores da armada, com André Doria e Dom Alvaro de Baçan, assistissem no mar, e o mesmo se mandou a Antonio de Saldanha. Tomada a Goleta em 14 de Julho, vinte e oyto dias despois da chegada, tratou-se em conselho se hirião contra Tunes. Foy parecer de todos os grandes que se deixasse: só o Emperador e o Iffante teverão o contrario; e em fim se tomou a cidade com grande honra da armada. — VI.

Por carta do Marquez (de Villa real), feita em Zurara 21 de Julho de 535, consta que se jurou hum Principe, (isto foy em cortes) e o Marquez, por ElRey lho mandar, deu sua procuração ao Conde da Castanheyra. Diz mais nesta carta huma clausula assi « porque quando fizerão *ao Marquez meu avô a cerimonia* de Marquez noventa e seis Reys lhe contarão seus progenitores. » III. L. 5.º

Chegou o Iffante Dom Luis a Barcelona em 20 de Mayo de 1535. Embarcou na gale do Emperador ultimo de Mayo do dito anno. Mandou o Emperador Dom Luis de Lacueva ao caminho, até Monserrate, pera vir com o Iffante; e sendo avisado que vinha perto, mandou o Duque d'Alva que o fosse, com parentes e amigos, receber duas leguas da cidade. O Embaixador tinha hido mais adiante, até quatro leguas. O Duque vêo com o Iffante até palacio, onde foy recebido do Emperador nas

escadas do palacio com todos os amores e mostras que podião ser. Consta que neste tempo estava na Corte da Emperatrix em Castella Dom Estevão d'Almeyda, a quem ElRey remetia todos os negocios de importancia. E foy agasalhado dentro nas mesmas casas do Emperador, e mais quatro ou sinco fidalgos que com elle vierão juntamente, e outros, até trinta, que chegarão despois: levou o Embaixador todos pera sua casa, e os agasalhou de cama e mesa aqui, e despois no campo com muyta largueza: quiz o Iffante fazer-lhe mercê de mil cruzados pera ajuda deste gasto; não os aceitou. — Em Barcelona vierão muytos senhores e fidalgos da Corte, Castelhanos, visitar o Iffante, que a todos mandava cubrir sem distinção, com que ficou bem quisto delles. Na galé do Emperador forão com o Iffante Dom Pedro Mascarenhas e André Telles: e dali despachou a Saboya Bras Telles a visitar á Iffante Duqueza. Desembarcados na Goleta, sahirão os fidalgos Portuguezes todos em terra; e aquelle dia se caminhou com muyto sol e muyta sede até huma aldea, onde se alojarão no campo. Aqui vierão correr Mouros com duas ou tres peças de artilheria. Acompanhavão os fidalgos Portuguezes, que serião até quarenta armados e o Iffante, e hião assi de fóra do esquadrão, e o Iffante com elles. Tomada a Goleta em 14 de Julho, caminhou-se contra Tunes, levando cada homem de comer pera quatro dias: fez suas defesas Barbaroxa; presentou batalha; e neste dia andou o Iffante muy gentilhomem, caminhando com os seus Portuguezes por onde vinha jugando toda a força da artilheria, e parecia o mayor peso dos enemigos.

Em fim aos 20 de Julho foy tomada Tunes sem nenhuma resistencia, e despois de estar nella o campo sete dias, e outros sinco dias em Rodas, hum pequeno lugar mêa legoa da Goleta.

Aqui em Rodas tratou o Emperador que se tornasse a nossa armada pera Portugal: todavia o Iffante, porque soube que o Emperador traçava de hir de Cecilia sobre Africa, pedio-lhe que deixasse hir a nossa armada até Cecilia pera o acompanhar neste feito. Escusou-se o Emperador, dizendo que a hida sobre Africa não seria mais que ver se se lhe despejava; porque doutra maneyra não lhe faria força.

Emfim se embarcou o Iffante no nosso galeão; mas primeyro quiz fazer mercê aos fidalgos do Emperador que o forão servindo, que erão Dom Luis de Avila, e Luis Mendes, e dous ou tres pagens, e outros tantos ajudas moços da camara, e dous moços de esporas: a todos fez mercê larga segundo as calidades de cada hum: e mandou de mais dar a dous Mordomos do Emperador, que erão Pero Gonçalves de Mendoça e Falconete, a mil cruzados a cada hum; e os de Pero Gonçalves de Mendoça forão em Portuguezes d'ouro, e dados por mão do Embaixador.

O Emperador tambem fez mercê aos Capitães Portuguezes; e a quatro fidalgos da companhia do Iffante deu o seguinte: a Dom Pero Martins dous mil cruzados, a Dom Afonso, filho do Conde do Vimioso, mil e seiscentos, e a André Telles e Bras Telles mil e quinhentos a cada hum. Dom Afonso não aceitou, e pareceo bem ao Emperador e ao mesmo Iffante: aos dous mandou o Iffante que em todo caso os recebessem, inda que André Telles fez muyta repugnancia e se queixou. — VI.

Relação da armada que foy a Tunes. Francisco d'Andrada diz que não chegarão a sua noticia os nomes dos Capitães, e achamos que forão os seguintes:

Capitão-mor Antonio de Saldanha: Simão de Mello levava ordem delRey pera suceder na Capitania-mor falecendo Antonio de Saldanha; Pero Lopez de Sousa; Dom João de Castro; Simão de Mello; Jorze Velho; Anrique de Macedo; Simão da Veiga; Fernão Rodrigues Barbas; Inacio de Bulhões; Antonio de Mancellos; Anrique de Sousa Chichorro; Francisco Mendes de Vasconcellos; Gaspar Tibao; Balthezar Lobo Teixeira; Manoel de Brito; Manoel Brandão; Nuno Vaz de Castellobranco; Thomas de Bayrros; Francisco Homem; Francisco Chamorro Garcês; Dom Anrique d'Eça; Antonio d'Azambuja; Balthezar Banha.

Forão livres em Tunes e na Goleta vinte e dous mil christãos, homens e molheres e mininos, que estavão cativos, e alguns de quinze e vinte annos de cativeyro: forão cativos Mouros e Mouras oyto mil almas; e dizem

que ouve pouco despojo; porque tudo estava ou fóra da terra, ou bem escondido.

Em Tunes ha hum arrabalde de christãos vizinhos da cidade de mais de trezentos annos: terá duzentos fogos; e hum mosteyro de São Francisco, governado tudo á conta de Genovezes. Aqui ouvio missa o Emperador antes de se embarcar, e encomendou o mosteyro e frades a ElRey de Tunes: e isto he hum burgo com sua cerca: alem desta cerca tem Tunes outras duas com seus muros á moderna baixos, mas grossos e largos, com muytas torres e portas fortes.

Tomarão-se em dous almazens mil e duzentos quintaes de polvora, grande copia de salitre, muyto numero de frechas e arcos turquescos, infinito biscouto, azeites, manteigas, &c.

A fortaleza da Goleta bate o mar nella: he pequena, e por junto della passa hum rio, recolhido entre duas paredes de trinta e oyto palmos em largo: assi que por entre as ditas paredes tem quatrocentos e oytenta passos largos, em que estavão as galés de Barbaroxa; e diante faz huma grande alagoa, que terá huma boa mêa legoa de largo, e assi se estende até Tunes, que são tres legoas grandes. E por esta alagoa corre hum esteyro ou canal, por onde vão e vem bateis e bergantins até junto da cidade: e no cabo da alagoa estão humas tereçenas de abobada grandes, com grandes portas e entradas pera agasalhar e fazer galés: por fora do canal (?) he a alagoa tão baixa que se pode hir a pé até Tunes: e isto foy ocasião de se salvar a mor parte da gente que defendia a Goleta, que erão seis mil Turcos, repartidos na Goleta e galés, e quasi quatrocentos cavallos; e destes morrerão passante de mil.

Tomarão-se sincoenta e quatro gales bastardas e trinta e nove galeotas, e dez fustas com muytas munições e artilheria grossa, de comprimento algumas de trinta e dous palmos, outras de vinte e sinco e de vinte e tres e de vinte: e outras duzentas peças de menos porte, não se contando berços e outra artilheria miuda, que os nossos marinheyros no primeyro dia da vitoria forão levando e furtando.

Em 20 de Julho terça feira, a duas legoas andadas contra Tunes, encontrou-se huma plataforma em que Barbaroxa tinha prantadas quatro peças grossas, e por

detrás dellas se mostrava hum grande batalhão de gente, e outros dous, dizem que estavão escondidos mais: nos dous dizem que averia sinçoenta mil de pé em cada hum, piqueiros e arcabuzeyros: e no terceyro vinte mil cavallos.

Era grande o sol, grande a sede, de que ouve alguns mortos: todavia o Emperador fez passar palavra que pouco adiante avia hum rio de muyta e boa agoa: animou-se a gente; arremeteo aos enemigos, que se forão descobrindo de huns olivays; e aqui se começou a pelejar, e a nossa arcabuzeria da primeyra salva fez cahir da cavalaria, onde se não perdia tiro polla multidão junta, mais de quatrocentos homens. Disparou o enemigo sua artilheria, a tempo que o Emperador, despois de com huma breve fala mostrar hum crucifixo que trazia sobre o peito, mandou fazer sinal de oração; e a gente prostrada em terra, passou a trovoada por alto sem fazer nenhum dano.

Retirou-se o enemigo com perda de duas bandeyras e da artilheria, e muyta gente morta: e fez o Emperador alto pouco adiante, entre huns póssos de pouca e má agoa, e aqui dormio a huma legoa da cidade.

Ao dia seguinte, 21 de Julho, com a primeira luz, e com seis peças de bater e outras tantas de campo, e com suas batalhas ordenadas caminhou o Emperador pera a cidade. Sahio Barbaroxa a recebello, e dizendo que lhe vinha dar batalha, deixando a cidade fechada e a muyto recado: mas tanto que sahio, certos renegados, desconfiando da vitoria, se forão ás masmorras, e dando armas a oito mil cativos, fizerão-se senhores do castello e da cidade, e avisarão o Emperador. Desmayou Barbaroxa, e foy-se retirando logo; e o Emperador entrou sem perda de hum só homem. Na entrada da cidade forão mortos com o impeto dois mil mouros e mouras. — VIII.

Em 17 de Agosto de 1535 se despedio o Iffante, e se embarcou no galeão pera Portugal; e chegou a salvamento com toda sua armada e companheyros. — VI.

Em 17 d'Agosto se despedio o Infante do Emperador e se fez á vela pera Portugal com sua armada; elle no galeão com alguns fidalgos, e os mais repartidos nos mais navios.

Em 23 d'Agosto tomarão porto em Calhar de Cerdenha.

Em 27 sahio a armada de Calhar.

Em 28, que foy dia de Santo Agostinho, deu hum temporal na armada, com chuveiros e sudueste, que a descompoz toda: e acalmando, tornou a seguir sua viagem; mas aos trinta se levantou outra tormenta, que fez espalhar toda a armada; e o galeão com seis caravellas entrou em Palamos; e quatro dias despois chegarão mais onze caravellas nossas.

De Palamos se foy o Iffante por terra a Barcelona, e ahi achou a nao Flor de la Mar, e a caravella São Paulo, de que era Capitão Simão de Melo.

Faltavão só duas caravellas, Capitães Anrique de Macedo e Manoel Brandão: esta foy comida do mar, que nunca mais se soube della, e hia nella Pero Mascarenhas. A de Anrique de Macedo, correndo com o temporal, foy entrar no porto de Moan em Menorca, a tempo que nelle entrou Barbaroxa pouco despois, o qual a mandou cometer por quatro galés, de que se defendeo, matando muytos turcos; mas sendo abalroada por outras tres de refresco, foy entrada, morto Anrique de Macedo, e quasi todos os companheyros. — Isto contarão dous criados de Anrique de Macedo, que vierão a Malaga na armada de Espanha, que escaparão da caravella, e ali se embarcarão em a nao Flor de la Mar, que com tempo entrou em Malaga, na conjunção que a mais armada estava detida em Ceyta.

Domingo á noyte, 19 de Setembro, chegou a armada a Ceyta: e passados seis dias que ventarão ponentes, passou em 4 a Lagos, donde fazendo-se á *vela*, entrou Lisboa huma sesta feira, 15 de Oytubro de 1535.—VIII.

Carta notavel da mão do Emperador despois da jornada de Tunes.

Al Sennor Rey de Portugal mi hermano.

Ya por lo que escrivo a mi Embaxador con una galera que va delante, avreys Senhor sabido la determinacion que se tomó en lo desta armada; y porque el Sennor Infante nuestro hermano le dará larga quenta de todo lo que ha pasado en la jornada a aquello me remitto: no dexaré de dizir quanto contentamento tengo de aver conocido su persona, non solo por las calidades que ay nella,

mas por averme dado la vida con su compania: pues ha tomado tanta parte del trabajo, que me ha hecho poder sufrir el que yo he tenido: y todo con tanta prudencia y esfuerço, quanto antes de agora tenia creido del: y en la soledad que tengo con su ausencia, veo larazon que, Sennor teniades, en pesaros que se apartasse de vós: y en la que yo tengo de aver holgado con tal compannero conosco la que teneys de dar gracias a Dios con tal hermano. — El armada y los cavalleros que aqui vinieron lo han hecho tanbien, que de todo me queda la obligacion que tales obras merecen. No me quiero detener mas, ni dizir otra cosa, sinò que roguè a Don Pedro Mascarenhas que de my parte os diese esta carta; porque no quise que al Sennor Infante le durassen hasta allá los trabajos de acá. Nuestro Sennor su muy real persona y estado guarde y acreciente. — De Galera a cabo de Çafran 17 de Agosto de . . . — V.

Os fidalgos que acompanharão o Iffante, e se vierão de Portugal traz elle, segundo refere a Cronica, são os seguintes: os primeyros que diz sahirão com elle forão Manoel de Sousa Chichorro, Dom Fernando, a que não achou alcunha, Francisco Pereira, Pero Botelho, e André Tellez. — Os que despois o seguirão com licença delRey diz que forão Dom Pedro Mascarenhas, Lourenço Pires de Tavora, Pero Mascarenhas, Ruy Lourenço de Tavora; Luys Gonçalves de Tayde, Dom João d'Eça, Tristão Vaz da Veyga, Dom Garcia de Castro, Antonio d'Albuquerque, Fernão da Sylveyra, Dom Diogo de Castro Sabugal, Dom Francisco Coutinho, Belchior de Brito, Pero da Fonseca, Dom Afonso de Portugal, filho do Conde do Vimioso, Dom Afonso de Castelbranco, Dom Antonio d'Almeida, Ruy Mendes de Mesquita: estes diz que forão com licença delRey. E os que diz que forão sem licença nomea desta maneira: outro filho do Conde do Vimioso, de que não achei o nome, Luys Alvares de Tavora, Dom João Pereira, filho do Conde da Feira, Tristão de Mendonça, e João Freire d'Andrade. — X. (Diz Francisco d'Andrada que foy o Emperador em huma galé de André Doria, de quatro remos por banda, feita aposta pera esta jornada.)

Achamos afora estes assima os seguintes, no mesmo

Livro de Dom Agostinho: Ruy de Mello, Bras Telles, Jorze de Lima, Fernão Soares, e Dom Lyonis, filho segundo do Conde da Feira — VIII.

Gastou ElRey na armada que foy a Tunes no anno de 1535 oytenta mil cruzados: a armada foy o galeão São João, e duas naos e vinte caravellas. — III. L. 5.º

Carta delRey a Alvaro Mendes de Vasconcellos, seu Embaixador na corte do Emperador, feita em Evora a 22 de Oytubro de 1535, em que lhe dá conta, que era entrado em Lisboa de Junho atraz Honorato de Caiz, com recado delRey Francisco de França, pelo qual lhe pedia a Iffante Dona Maria sua hirmã pera o Delfim seu filho. E manda-lhe ElRey que disso dê conta ao Emperador, affirmando-lhe que na incerteza das cousas de França nenhum gosto terá de se mais apparentar com francezes; e que por tanto seria bem que desd'agora começassem de tratar casamentos pera o diante entre filhos e filhas d'ambos pera quando teverem idade; porque, fazendo-se isto, responderia ao Francez negativamente, e, não se fazendo, tambem tinha tenção de casar o Principe seu filho com a Iffanta. Sobre esta mesma materia consta que despachou Sua Alteza mestre Balthazar a dar conta della á Emperatrix com toda dissimulação: e partio de Evora a 29 de Oytubro de 1535. — V.

Por carta delRey de 22 de Dezembro 1535 consta estava por Capitão de Çafim Dom Rodrigo de Castro, e pedia socorro; que temia segundo cerco. Polla mesma consta que era Capitão de Azamor Dom Alvaro d'Abranches, e que tinha mil homens consigo, de que ElRey avisa que vão trezentos pera Çafim. — III. L. 4.º

Huma carta de Dom Antonio de Tayde, em que dá novas como o Turco mandava muytos navios carregados de madeira, que avia de passar á India para ali se fazerem galés contra Portuguezes. — III. L. 5.º

Consta que o Papa Clemente 7.º, antes de falecer, suspendeo a bulla da Inquisição que tinha concedida, e passou hum perdão muito favoravel aos Christãos novos. E consta que vêo a Roma, com posses sobre este negocio, Dom João de Meneses; e em primeiro de Novembro de 1535 deu os despachos ao Embayxador Alvaro Mendes de Vasconcellos. (Este anno de 535 foy primeiro de Paulo 3.º) — VI.

1536.

Carta de Alvaro Mendes de Vasconcellos, de Napoles, de 3 de Fevereiro 1536: avisa que em Roma se derão quatorze punhaladas em Duarte de Paz, hum Christão novo portuguez, que fortemente encontrava a Inquisição que ElRey pedia: deixado por morto, viveo todavia em virtude de boas armas que trazia. E deste diz que quizera fazer libelo contra Sua Alteza e os de seu conselho, e que trazia o habito, sendo delle inhibido. — IV. L. 2.º

Carta do dito Alvaro Mendes, de 20 de Fevereiro 1536, em que avisa que o Emperador pretendia lhe escrevesse ElRey por Magestade, e sem meter tantas vezes *vos e vos*, visto acrecentar elle a Sua Alteza *muy alto e muy poderoso*, que os Reys de Castella, escrevendo aos de Portugal, não uzavão. Entrarão nesta materia Cobos e Lopo Furtado, tratando-a como de si, e Alvaro Mendes deu suas desculpas no tocante á Magestade, e os vozes remetteo ao costume de Portugal, onde até os vassallos tratão assi aos Reys. — IV. L. 2.º

As fomes de Lisboa, que obrigarão a ElRey mandar buscar trigo e centêo a Danzique e a Frandes, parece que forão no anno de 1535; o que se vê por carta delRey, de ultimo de Fevereyro de 536, em que avisa que se não compre pão, e o que estiver comprado, se ouver compradores, se venda, visto como o mez de Fevereyro tinha chovido muyto, e dava esperança de boas novidades. — III. L. 3.º

Por carta de Alvaro Mendes de Vasconcellos, que andava por Embayxador de Portugal com o Emperador, escrita em Roma a 22 d'Abril de 536, consta que fazia instancias com o Emperador pera se ajudar delle no negocio da Inquisição pera este Reyno, e que o Emperador falara nelle ao Papa apertadamente. — III. L. 5.º

Consta por outra do mesmo Alvaro Mendes, escrita em Aste a 8 de Junho de 1536, que avia dez annos que servia de Embayxador, e que trazia consigo até sincoenta criados, e vinte e tres cavalgaduras, e armas, e duas tendas. — III. L. 5.º

Alvaro Mendes foy a Milão pera vir acompanhando a Duqueza Iffante de Saboya, e avisa por carta de Aste, de 10 de Junho de 1536, que a achou partida quando

chegou; e falando-lhe á volta, soube de suas grandes necessidades, por lhe ser tomado o Estado todo por francezes: e que o Emperador lhe mandara por Cobos hum robi ou carbuncolo, avaliado em trinta e seis mil escudos; e avia annos que a casa de Saboya o tinha empenhado a madama Margarita, e lhe mandara em contado dez mil escudos. — IV. L. 2.º

Carta do dito Alvaro Mendes de 10 de Junho de 1536, de Napoles. Avisa dizer-lhe o Emperador que confessava, que pera sua condição não averia no mundo companheyros tays como o Senhor Iffante Dom Luis; e que se na Goleta soubera o que avia de succeder, nunca lhe aconselhara que se fora. — IV. L. 2.º

Por carta feita em Evora em 14 de Julho de 1536 responde ElRey que não se contenta de dar a Iffante sua hirmã a ElRey de Inglaterra, visto estar fora da obediencia da Igreja Catolica; que o dar-lhe o Iffante Dom Luis pera sua filha, isso fará porque lhe parece se seguirá algum serviço de Deos, e bem da Christandade. — V.

Consta por carta do Cardeal Santi Quatro, escrita a Alvaro Mendes, que era concedido o Breve da Inquisição, e despachado em muy boa fórma. A carta he feita em 20 de Julho de 1536; e parece por ella que o tinha levado a ElRey Dom Anrique de Meneses. (Segunda bulla da Inquisição por Paulo 3.º) — VI.

Consta por carta delRey ao Conde (da Castanheyra), feita em 11 de Setembro de 1536, que era Capitão em Çafim Dom Rodrigo; e que avia na *cidade oitocentos* e sincoenta homens de paga; e todavia mandava ElRey que lhe fossem do Algarve mais cem besteyros e espingardeyros. — III. L. 3.º

Pero Lopez de Sousa, indo da armada a travez de Cinis, dez legoas ao mar, encontrou com tres naos de França, que começarão a fogir, como conhecerão que erão naos d'armada: dando-lhes caça hum dia e huma noyte, se vierão a elle outros quatro navios, e acometendo-o, lhe mandarão que amainasse da parte delRey de França, e assi pelejarão ás bombardadas por espaço de duas horas, até que os francezes, vendo-se com mao partido, se poserão em fogida. Dahi a dous dias ouve vista d'outra nao que se vêo a elle, e tanto que reconheceo a armada se fez n'outra volta; porem foy seguida de Pero Lopes, que apa-

gou o forol por não ser visto dos francezes, e quando foy o dia seguinte se achou della mêa legoa, e a foy demandar desacompanhado dos navios da armada, que ficarão por julavento, e embaraçados com outro galeão de França, com que pelejarão até lhes fogir. Em fim, requerida a nao por Pero Lopez que amainasse, respondeo com soberba palavras descortezes: começarão logo a tocar trombetas, e pelejar abalroados, de que sucedeo morrerem dos nossos sete homens, e feridos outros sete ou oyto; porêm dos franceses forão mortos dezesete homens, e o Capitão com huma perna quebrada, e muytos feridos. Em fim, foi rendida despois de mastos quebrados. Confessão que tinhão roubado tres navios ou quatro, que se sospeita serião Portuguezes, porque no tempo da briga se vio que baldeavão muyta roupa ao mar. Confessarão que avia tres mezes que erão sahidos de Anafrol. Mandou o Conde ao Chançarel da casa do civel que fosse a Belem a fazer-lhes perguntas &c. He carta pera Sua Alteza de 28 de Setembro de 1536, em que Pero Lopez de Sousa foy de armada.— III. L. 6.º

Parece por reposta delRey ao Conde (da Castanheyra) ser chegado a Lisboa Embayxador de França: he carta de 4 de Oytubro 536. — III. L. 3.º

Consta por carta delRey pera o Conde, de 12 de Oytubro de 1536, que Pero Lopez de Sousa tinha tomado huma nao franceza com que entrou em Lisboa; e tornava á costa com oyto caravellas, pera andar nella todo o mez de Oytubro. — III. L. 3.º

Por carta de 19 de Oytubro de 1536 do Conde (da Castanheyra pera ElRey, era vindo Embayxador de França de fresco: e o Conde o tinha visitado por mandado de Sua Alteza.— III. L. 6.º

Carta de Martim Afonso de Sousa Capitão-mór do mar da India, que não arrezoa bem de Nuno da Cunha: he feita em 24 de Dezembro de 1536, e já diz que se perde a India, se lhe não acodem: diz que em sua fazenda he grande habil, e na delRey negligente, e que traz por isso sua armada mal provida. — III. L. 1.º

Consta por cartas e provisões, que residia ElRey este anno em Evora.

Consta por carta do Conde, que ja neste anno de 1536 o era da Castanheyra, que hia por Capitão-mor Pero Lopez de huma armada ás ilhas a esperar a nao de Tho-

mé de Sousa. Levava huma nao arragonesa, em que elle hia, outra de Villa do Conde, em que hia Pero Vaz de Siqueira, outra de Afonso de Torres, em que hia Luis Coutinho, e Bras Correa, Matheus Fernandez d'Abreu, e Balthezar Dias, cada hum em sua caravella, delRey. — III. L. 1.º

Neste anno de 536 grandes duvidas e questões de quererem o Emperador e Francisco de França levarem cada hum a seu bando ElRey Dom João. — III. L. 1.º

Parecer do Conde não aprovando a hida que o Iffante Dom Luis fez a Barcelona a ver-se com o Emperador sobre as pazes que pretendia compor entre elle e ElRey de França. Esta hida foy despois que o Iffante Dom Luis vêo de Tunes. Era huma das razões que nestas hidas anda o Iffante çafando o lustre que aquirio na hida de Tunes. — III. L. 6.º

Consta por este livro que era Embayxador na Corte do Emperador, no anno de 1536, em Napoles, Alvaro Mendes de Vasconcellos, e que fazia o mesmo officio na Corte de Roma Dom Anrique de Meneses, e o Arcebispo do Funchal. — IX.

Carta notavel de Sua Alteza pera Alvaro Mendes de Vasconcellos, anno de 1536, em que o avisa que o Cardeal Santiquatro, grande valido do Papa, lhe escrevera que o Arcebispo do Funchal pedia a Sua Santidade que o fizesse Cardeal, e pera isso se fizera em Roma legitimo, e confirmara sua legitimação polla Sé Apostolica, e comtudo, sendo chegado a Portugal o dito Arcebispo negava tudo, e dizia que o Cardeal lhe era sospeito em suas cousas por descontentamentos que ouvera entre ambos, e comtudo manda ao Embaixador que peça à Sua Santidade revogue as tais legitimações, e lhe mande hum Breve pera podèr obrigar dito Arcebispo a hir residir em sua igreja, por lhe tirar ocasiãó de se tornar a Roma. — V.

Reposta delRey a Alvaro Mendez, anno de 1536: declara que não era chegado a Portugal Dom Anrique de Meneses com ás bullas da Inquisição. — Dá-lhe Sua Alteza conta como manda vinte mil cruzados á Iffante Duqueza de Saboya. — V.

Parece por carta delRey, feita em Evora anno de 1536, que estava por Embaixador em França sobre as tomadias e danos feitos a Portuguezes por navios de Fran-

ça, e que avia quatro mezes que se tinha assentado com o Francez que se juntassem letrados de cada parte pera o primeyro de Agosto do dito anno nos lugares de Bayona e Fonte Rabia, pera verem as causas dos roubados, e se dar satisfação aos aggravados; e assi se tinha pregoado em todos os portos de França, Bretanha e Normandia: e todavia, como neste anno ouve rompimento de guerra entre o Emperador e o Francez, não quiz ElRey Dom João que fossem os seus letrados; mas somente inviou algumas razões bem fundadas pera que Ruy Fernandes pedisse prorogação da dita junta. (Era Embaixador em França pera estes requerimentos Ruy Fernandes, o qual consta por outra carta de Alvaro Mendes que fora feitor em Frandes, e primeyro moço de outro feitor.) — V.

1537.

Diz ElRey por carta sua, que manda ler a cadeyra de Prima de Leys na cidade de Coymbra, e na Universidade que novamente manda fazer nella, o Doutor Gonçallo Vaz Pinto: carta de 11 de Janeyro 1537. — III. L. 4.º

Consta de carta delRey pera o Conde (da Castanheyra) que avisava Jorze de Barros, feitor de Frandes, que, entrada do anno de 1537, custavão já a ElRey os cambios dos dinheyros tomados a interesse cento e vinte mil cruzados em cada hum anno. — III. L. 3.º

Em 16 de Fevereyro de 537 avisa o Conde a Sua Alteza que acha quem lhe toma quatrocentos quintaes de malagueta a doze cruzados. — III. L. 6.º

Em 5 de Março de 537 manda ElRey que se inviem a ElRey de Cambaya hum arnês inteyro que lhe vêo de Alemanha, e cubertas de cavallo, e seis panos d'armar d'ouro, e dous de brocado, e outros dous de tela d'ouro, e hum prato de agoa ás mãos, e hum gomil. — III. L. 6.º

Por carta delRey de 5 de Maio de 1537 manda hir pedra pera se fazer na Ilha Terceira, em navios seus e de partes, pera se fazer *(sic)* hum baluarte; encommendada a obra a Pedr'eannes do Canto. — III. L. 4.º

Neste anno de 1537 consta, por carta delRey de 11 de Mayo, andar nas Ilhas por Capitão da armada, espe-

rando as naos da India, Diogo da Sylveyra. — III. L. 4.º

Queixa-se o Conde, por carta a ElRey de 17 de Mayo de 1537, que seus feitores, alem de terem de Sua Alteza muytas mercês, estão todos ricos, e só ElRey está pobre. — III. L. 6.º

Consta que no anno de 37 estava (o Conde da Castanheyra) pera Capitão-mór da armada pera Frandes, com sete navios grossos. — III. L. 1.º

Anno de 537 malagueta, vendida a doze cruzados o quintal, quatro centos quintaes. — III. L. 1.º

No anno de 37 huma armada á Costa, que levou o galeão São João, e o galeão Salvador, e sete caravellas, Capitão-mór Diogo da Sylveyra. — III. L. 1.º

1538.

Consta por carta do Iffante Dom Luys, que em 13 de Março de 1538 estava em Barcelona: devia ser quando quiz passar a França a fazer pazes entre Francisco e o Emperador. He a carta pera Dom Francisco de Castelbranco, Camareyro-mór, que se queixava delRey não consintir que elle servisse o dito cargo. (Dom Francisco filho do Conde Dom Martinho.) — II.

Carta notavel de Dom Rodrigo de Castro Capitão de Çafim, de 6 de Julho de 1538, em que dá conta a Sua Alteza como se vêo áquelle lugar o Alcaide de Abdalá, que era a pessoa mais principal e de melhor cabeça que o Xarife tinha consigo: porque sendo mexericado com elle, o mandou chamar huma noyte, e elle, temendo-se, sahio fogido; e correndo quatro dias e quatro noytes continuas se vêo metter em Çafim, pedindo ao Capitão que logo o embarcasse e inviasse a Portugal, como fez com a dita carta. — IX.

Por carta de Dom Aleixo de Meneses, de 26 de Julho, feita em Agoas-mortas de França em 26 de Julho de 1538, consta que hia acompanhando o Emperador. — IX.

Carta de Luys de Loureyro, que estava em Cabo de Gué, em 2 d'Agosto de 1538, por Capitão. Pede a Sua Alteza que, pois lhe tem nomeado successor a Dom Goterre, que o faça hir, pera que elle Luys de Loureyro se vá pera sua molher e filhos. — IX.

Por carta de hum Fernão Rodrigues, feita em Nan-

tes de Bretanha, consta que erão idos á Malagueta, e se esperavão, tres navios; e que em toda Bretanha se não fazia nenhum caso dos mandamentos delRey; e que a elle Fernão Rodrigues mandavão prender em Sam Maló, dizendo que em Faro do Algarve lhes fora tomado hum navio seu: e assi lhe não consintirão pubricar as provisões delRey de França. — IX.

1539.

Por carta do Conde (da Castanheyra) de 22 de Março de 1539 avisa a Martim Afonso que o mandava ElRey a fundar huma fortaleza nas portas do Estreyto. — III. L. 6.º

Consta estar por Embayxador de Roma Dom Pedro Mascarenhas, por carta do mesmo de 20 de Maio de 1539. — III. L. 5.º

Huma carta delRey Dom João a Nuno da Cunha, feita por Pero d'Alcaçova em Lisboa, em que lhe faz a saber que quer que o dito Antonio Correa venha por Capitão da mesma nao: he feita a carta em 16 de Junho de 39, em que manda a Antonio Correa que tome a Capitania da nao de Nuno da Cunha, e seja Capitão della, e ponha nella por Capitão quem lhe parecer. He o titulo: — Poder que leva Antonio Correa quando foy buscar Nuno da Cunha. — XII.

Consta pollas mesmas cartas que no mesmo anno, por Agosto, tomarão os turcos a força de Castel Novo em 7 de Agosto; e consta que neste anno era vindo aviso por Mayo a ElRey de Portugal, de serem levantados os turcos de sobre Diu com grande perda de gente e reputação. — IX.

Consta por cartas deste livro, de mão propria de Dom Pedro Mascarenhas, feitas em Agosto de 1539, que era Embayxador em Roma o mesmo Dom Pedro, e que avia hum anno e mêo que servia o dito cargo. Consta mais que no mesmo tempo e anno era Embayxador na corte do Emperador Dom Francisco Lobo. — IX.

Instrucção pera o Conde (da Castanheyra) hir ao Emperador a Castella, ida por vinda, feita em 21 de Setembro de 539: as causas são que lhe não parece bem a ida da Iffante Dona Maria pera França, nem que lhe arme o

casamento de Ungria: recêos do Xarife estar rico, e ter intelligencias com o Turco: queixas do Papa pedir decimas á clerisia, e o seu Nuncio favorecer os christãos novos, que fogem do Reyno com muyto dinheyro; e que tem tomado hum conto d'ouro a cambio pera acudir á India; e que nestas cousas não falle ao Emperador em companhia de Francisco (este parece que deveria ser Embayxador ordinario). — III. L. 3.º

Consta por huma carta do Conde, feita em 25 de Setembro de 1539, que foy o mesmo Conde ao Emperador a Castella: não se declara a que efeito. — III. L. 1.º

Embaixador com o Emperador Dom Francisco Lobo. — IV. L. 2.º

Consta por carta do Conde que ElRey mandava por Embayxador a Frandes em Novembro de 1539 a Dom Francisco Lobo. — III. L. 1.º

Por carta de Dom Aleixo de Meneses, de ultimo de Dezembro de 1539, consta estar o mesmo Dom Aleixo por Embayxador em Castella: he carta feita em Toledo, em que dá novas como estava enfermo. — IX.

1542.

Consta de huma folha grande, feita pollo Conde (da Castanheyra) em discursos da fazenda real, que a obra do convento de Thomar foy extremo sumptuosa e cûstosa a ElRey. (Parece feito este discurso anno de 1542.)

Consta que os gastos da Universidade tirarão demasiadamente polla fazenda real, e disso avia queixas, por sobejarem estudantes e faltarem soldados. E consta que a mayor parte da despesa de Belem se fez em tempo del-Rey Dom João 3.º, ao menos da melhor e mais sumptuosa obra. Falando do Iffante Dom Luys diz o seguinte: — « muito se devem de estimar os hirmãos, que se prezão de ser e parecer criados: e devem d'aborrecer os criados que quizerem parecer hirmãos.

Diz neste mesmo tratado huma clausula assi: « Porque a Vossa Alteza não falta vontade de fazer outras tays mercês como os outros Reys fizerão, as mercês de dinheyro faz Vossa Alteza mais do que se sohião fazer, e parece que he polas não fazer d'outras cousas. E mais abai-

xo diz assi: — « E em tempo de cambios, a todos se deve dar antes qualquer outra cousa que dinheyro; o qual Vossa Alteza, com o seu grande animo e real condição, tem em tão pouca conta, que não somente o dá a quem não quer dar outras cousas, mas a quem tem dado muytas, com não muytos merecimentos; e quita a chancelaria a quem está largamente satisfeito com a mercê de que a deve — e outras cousas semelhantes a esta, que fazem crecer as dividas. »

Diz mais huma clausula assi: — « E das naos da India se não perderão nestes vinte e hum annos atraz a quarta parte das que se sohião perder, e isto por conta feita soldo á livra dos outros annos. » — E pouco abaixo: — « E crea Vossa Alteza que tem alguns que lhe falarão verdade, e quando lha não falassem, Vossa Alteza he tanto mayor official que todos, que o verá muyto bem.

Diz outra clausula: — « O trato da Malagueta he devasso de vinte e oito e vinte e nove annos a esta parte. O remedio fora fazer-se fortaleza no lugar conveniente daquella costa, quando Vossa Alteza disso tratou: e porque as dividas e occupações de Vossa Alteza forão crecendo, se não tratou mais disso. » — Mais adiante diz assi: — « Arguim foy sempre cousa pouca: em algum tempo muyto atraz deu proveyto: despois vêo a tanta diminuição, que a Antonio da Sylveyra não rendia a commenda mais de vinte e sinco até trinta mil réis. Endireitar-se este negocio ha de ser trabalhoso, porque o danão os Portuguezes, que vão resgatar aos portos daquella costa, e os Castelhanos que o podem fazer pollas palavras da escritura do escaymbo que se fez daquella parte de costa polla de Belez; e os francezes o fazem tambem, e mais sem ordem. » — Mais adiante diz assi: — « No Brasil tem Vossa Alteza gastado muyto dinheiro, e começou a gastar no anno de 1530. Misterio foy grande fazer-se a primeira despesa a fim de cousa que o não merecia, e seguir-se della desarreigarem-se daquella terra os francezes, que já nella se começavão a prantar e lançar raizes. » — Mais adiante: — « A casa da polvora creo que está agora bem servida, e parece que he porque Vossa Alteza mandou enforcar hum Almoxarife que servia mal, e fez mercê a Simão Dias, que nisso e em tudo servio sempre bem. » — Adiante: — « Nas lysiras e pauys ha gastado huma boa soma de

dinheyro: isto e o favor no abrir das terras, e o quitar os direytos do trigo, fez Vossa Alteza por nos dar a todos seus vassalos pão.» — Adiante: — «Grande magoa he ser o tempo tal, que se fala muyto nas obras que Vossa Alteza faz em Almeyrim, sendo o sitio da terra tão bom pera huma casa real, que nenhum Rey tem outro tal.» — E hum pouco abaixo: — «E as que Vossa Alteza tem mandado fazer á sua custa se poderão por ventura escusar.» — Em outra parte diz assi: — Mas quem ha de dizer cousa tão clara, como he não se fazer negocio algum onde os que negoceão tem igual jurdição &c.» — Paulò inferius: — «O ajuntar Vossa Alteza os officiais da fazenda alguns dias perante si não era mao, e assi o uzou Vossa Alteza alguns annos; e parece que o deixou de fazer porque com qualquer negocio de cada huma das fazendas se pejava o de todas tres.» — Em outra parte: — «Ao amo fez Vossa Alteza mercê e muyta honra, e em sua doença teve tal modo com elle, que he pera se pôr na sua cronica; mas o fazer-lhe mercê foy com tanta temperança que não sei se chegou ao que lhe era devido.» — Em outra parte: — «E Vossa Alteza tem bem visto as aventagens que o Secretario (Pero d'Alcaçova) faz aos dos outros Principes, e a seu pay tambem em tudo, e principalmente em ser tão azado de Vossa Alteza, e insinado por elle, e quanto atraz de seu pay está em medrança.» — III. L. 6.º

1543.

Cota de papeis, que diz assi: — 1543 — Despacho que levou Dom Gil Eanes da Costa, quando foy por Embayxador ao Emperador, o qual partio de Almeyrim em 13 dias de Abril de 1543, e foy polla posta. Ordenou-lhe Sua Alteza dez encavalgaduras, e ouve por seu serviço não lhe dar despesa pera o caminho: levou trezentos cruzados pera despesa de corrêos. (E consta de carta sua que chegou a Barcelona aos 27.) — XIII. L. 2.º

Consta de carta de Dom Gil Eanes, de primeiro de Mayo de 1543, que fôra Embayxador de Castella em Portugal Lopo Furtado, antes de Luys Sarmento. Consta da mesma carta que ElRey avisava ao Emperador que huma das donas que havia de levar consigo a Infante seria Dona Breytiz da Sylveyra. — XIII. L. 2.º

Manda ElRey Dom João no seu regimento a Dom Gil Eanes no anno de 1543, que se afaste quanto puder do Embayxador de Inglaterra. Manda-lhe que guarde com cuidado hum genero de cifra, que leva pera as cousas de importancia. Cartas delRey pera o Emperador, e do Emperador pera ElRey: em todas se falão por vós.

Por carta primeyra escrita por ElRey a Dom Gil Eanes, pouco depois de partido, consta que era Embayxador do Emperador em Portugal Luys Sarmento, e que poucos dias antes o era de Portugal acerca do Emperador João Rodrigues de Sá. Consta mais que ElRey ordenou que a Iffante, que foy casar com o Principe de Castella Dom Felipe, avia de partir de Lisboa a 20 de Mayo (do mesmo anno em que foy Dom Gil Eanes). — XIII. L. 2.º

Carta pera Dom Gil Eanes, em que lhe faz a saber como em huma nao da India, Capitão Martim Afonso de Mello, lhe chegarão cartas, que avisavão como era chegada a Ternate, ilha das de Maluco, huma armada de Castelhanos, Capitão Ruy Lopez de Vilalobos, e chegara em Mayo de 1543, sendo Capitão de Maluco Dom Jorze de Crasto, que lhes mandou fazer os requerimentos ordinarios sobre os contratos que avia entre ambas as coroas, das demarcações antigas. Avisa que peça ao Emperador sejão castigados os que os mandarão, que forão o Governador de Nova Espanha Dom Antonio de Mendoça, por cuja ordem ficava a armada na ilha de Tidore. — XIII. L. 2.º

Cartas delRey pera Dom Gil Eanes, que não aceite do Emperador cartas e provisões pera os Castelhanos de Maluco, senão declarando nellas que por nenhum caso entrem nas ilhas, terras e mares que, por rezão dos contratos entre ambos celebrados, ficão na demarcação de Portugal. — XIII. L. 2.º

Carta original de mão do Principe Dom Felipe a ElRey D. João 3.º seu sogro. Diz assi: — « Señor. Ha tanto que no sé de Vuestra Alteza, que estoy con el cuydado que es razon: y por quitar me agora del, escrivo a Luys Sarmiento, que visite y bese las manos a Vuestra Alteza de mi parte, y será pera my muy gran merced saver con la salud que Vossa Alteza está, que, si es la que yo deseo, será la que desea la Princeza: yo estoy bien della, aun-

que con pena de aver algunos dias que no tengo cartas del Emperador mi Señor; plega a Dios que tengamos presto buenas nuevas de su salud y negocios, y el guarde la muy real persona de Vuestra Alteza, como yo deseo. De Valladolid a 30 de Julio 1543: hijo e servidor de Vuestra Alteza — El Principe. — Sobrescrito — Al muy alto y muy poderoso Señor ElRey de Portugal mi Señor. » — (A cota diz 1543. A carta começa no mêo da folha ao justo, ao modo antigo; de margem pouca cortezia. — XIII. L. 2.º

Carta do mestre Silocco, que foy Bispo de Cartagena, pera ElRey Dom João, em que lhe dá conta como ha de hir a Portugal, pera vir acompanhando a Princesa. He de 30 de Julho 1543. Este foy mestre delRey Dom Felipe segundo. — XIII. L. 2.º

O que parece que se deve em Frandes por orçamento até fim do anno de 1543

Pelo balanço que vêo de Frandes, que inviou o Feitor João Rabello, do que recebeo e despendeo em sinco feiras; sc.: da feira de Junho de 540 até outra feira de Junho de 542, que foy feito a 19 de Setembro do dito anno, se mostra ficar devendo — novecentos sincoenta e sinco mil cento e vinte dous cruzados . . . . . 955 ∯ 122 cr.
nos quays entrão 360 ∯ 041 cruzados de interesses das ditas nove feiras, com nove mil e seiscentos e tres cruzados de carretagens; — e nesta conta vão já descontados 900 ∯ 000 cruzados que os mercadores pagarão de dous annos do contrato.

Forão tomados na Casa da India sobre João Rebello 480 ∯ 276 cruzados, dos quays vem contados no dito balanço 55 ∯ 146 cruzados, que já tinha pagos; e assi val o que se tomou, alem do que vem no dito balanço. 425 ∯ 130 cr.

Tomou o Feitor de Andaluzia sobre o dito Feitor João Rabello vinte mil cruzados, como parece polla conta que disso inviou;

1 conto 380 ∯ 252 cr.

Transporte . . . 1 conto 380$252 cr.

dos quays vem' no balanço tres mil, e assi ficão. 17$ cr.

Pagou por Dom Francisco, por commissão de Sua Alteza, doze mil cruzados, a saber, 8$ pera huma despeza, e os quatro mil pera seus ordenados e despesas . . . . . 12$ cr.

No dito balanço vem que despendeo o dito Feitor em compras de cobre e outras mercadorias, e pagamentos e despesas misticas, duzentos e quarenta mil cruzados nas ditas nove feiras: e por orçamento parece que despenderia em seis feiras, que ficavão até a feira fria (?) do dito anno de 1543, dous terços dos ditos 240$ cruzados. Vem a ser cento e sesenta mil cruzados . . . . 160$ cr.

Do casamento da Princeza, que se pagou nas feiras de Pascoa e Junho e Setembro deste anno, trezentos mil cruzados. . . 300$ cr.

Contando aqui por orçamento os cambios das seis feiras que correrão depois do dito balanço, a respeito do que se despendeo nas nove d'antes, e avendo respeito ao que o Feitor escreve, que crecerão os cambios, e assi á soma das dividas ser despois cada vez mayor, devem montar . . . . 300$ cr.

São 2 contos 169$252 cr.

Desta soma mayor se descontão 400$ cruzados por orçamento que os mercadores do contrato avião de pagar no dito anno de 543; não he tanto como em cada hum dos dous annos passados, pollas drogas que lhe faltarão; e por esta conta fica devendo, por fim do dito anno de 543, 1 conto 769$252 cr.

Dinheyro que corre a cambio, que ainda não he em Frandes.

Tomou a casa da India pera a feira de Oytubro, sobre André Soares, de que tem passadas letras	135$668 cr.
O mesmo André Soares tem tomado sobre a casa pera despesas	6$000 cr.
O Feitor de Andaluzia tem tomado sobre o mesmo André Soares seis mil cruzados, que se agora mandão pagar	6$000 cr.
Foy recado á Casa, que tomasse pera Frandes vinte mil cruzados pera despesa dos almazens e da gente de Mazagão; e vay agora commissão de mais dez mil pera o Feitor d'Andaluzia, e são.	30$000 cr.
	177$668 cr.
1 conto	769$252 cr.
Somma ao todo o que se deve a caymbos até fim do dito anno de 543, por orçamento . . . . 1 conto	946$920 cr.

E não se contão aqui dezoyto mil cruzados, que são tomados pera as feiras de Mayo e Oytubro do anno que vem de 544, por outros tantos que se dão por letras pera a India por conta. A dita conta atraz e assima escrita, não he de mais que até fim do dito anno de 1543.

Os cambios de Frandes, com alguns que tambem são pagos na Casa da India, terão custado atégora 2 contos e 200$ cruzados, e antes mais que menos, porque por esta conta tem despendido nelles João Rabello 660$ cruzados, e Manoel Cirne diz que no seu tempo custarão mais de 700$ cruzados, e no tempo de Joize de Barros 400$ cruzados, afóra o tempo de Ruy Fernandes, e os que se pagarão cá no Reyno e nas feiras de Castella, e o que tem custado de Janeyro atégora. — III. L. 1.º

No anno de 1543 armada pera a Costa. Dom João de Castro com os galeões São João e Esperança, e sinco caravellas. No mesmo anno Simão de Mello ás ilhas: levou

o galeão Trindade e Santa Cruz e S. Vicente e duas caravellas.

Afóra estas foy despachado de Monte Mor Duarte Coelho por Capitão-mor de huma armada que foy á Mina. E Ruy Mendes de Mesquita foy com sinco caravellas á Mina. E Diogo da Sylveyra foy ás ilhas com grossa armada. E Jorze de Lima foy ao Estreyto com outra. E Fernão Rodrigues Barba com outra á Malagueta, em que levou o galeão grande São João. — III. L. 1.º

1544.

Mandou-me mais o dito Marquez (de Castel Rodrigo) outra instrução, que o dito Lope Hurtado de Mendoça (indo pera residir por Embaxador ordinario em Portugal) levou do Principe Dom Felipe, que despois foy ElRey Dom Felipe segundo, feita em Valhadolid a primeyro de Janeyro de 1544. Firmada deste modo: = Yo el principe. = Feita pollo Secretario Gonçalo Peres, que devia ser pay de Antonio Peres.

Contem o primeyro as cousas tocantes á Iffante Dona Maria, apontando que pollo testamento delRey Dom Manoel se lhe avião de dar quatrocentos mil cruzados: e que ElRey Dom João mandara ver o testamento, pretendendo que não devia mais de duzentos mil, e todavia dizia que pagaria em juros a *tanto* por milhar os ditos 400$ cruzados. Fala sobre os interesses que o Emperador devia dos trezentos mil cruzados que ElRey Dom João antecipou do dote da Princeza que foy casar com o Principe Dom Felipe, e com palavras gerays offerece dar-se gosto a ElRey. Manda visitar o Conde do Vimioso e o da Castanheyra: e acrecenta: « y tambien hareys cumplimiento con el thesoureyro Hernandalvares. » Trata logo apertadamente do Duque e Duqueza de Gandia pera irem acompanhar a Princeza, dizendo que faça toda diligencia pera que em todo caso se não faça outra cousa, porque era vontade determinada do Emperador que estes senhores a acompanhassem. Que visto estar Barbaroxa com grossa armada em Marselha cumpre avisar a ElRey Dom João mande pôr cobro nas praças que tem em Africa « y pera resistir el verano que viene a la dicha armada &c. » (Este verão he o de 1544).

Manda que sayba se averá caravellas que queirão ir servir a soldo ao Emperador: e se quererá ElRey ajudar também de sua parte por bem da christandade.

Ultimo que procure saber « si en la corte ay platicas en favor de Francia; y que con buenas maneras y sin mostrar desconfiança procure saber de todo pera avisar de todo. — XV.

Carta delRey pera Francisco Pessoa, em que lhe diz como soube pollas que lhe tinha escripto de estar em Marselha a armada de Barbaroxa. (Aqui devia ter principio a fortificação de Ceyta pollos morgados que a ella forão). — XIII. L. 2.º

Era Capitão de Ceyta, quando se temia Barbaroxa, Dom Nunalvares Pereyra. Por carta sua de 3 de Mayo sem data de anno consta que foy mandado por Sua Alteza ao porto de Santa Maria, pera prover os lugares d'Africa Dom Jorze de Noronha, o qual manda logo á Ceyta duzentos homens todos besteyros e espingardeyros. — IX.

Por carta delRey de 27 de Julho de 1544 consta que Manoel de Mello servia á Princeza Dona Maria, molher primeyra delRey Dom Felipe, de seu Veador. E por outra de Setembro do mesmo anno lhe manda dizer ElRey que escreva á Princeza seja seu mestre sala. — XI. L. 2.º

No trato de paz que o Emperador fez com França em Caspi a 18 de Setembro, anno de 1544, ha dous capitulos que dizem serão anulladas as cartas de marca, e que se não deem outras. Estas erão em grande dano dos vassalos delRey de Portugal, que foy comprendido na dita paz. Passava-as ElRey de França contra os vassalos delRey de Portugal, e com ellas fazião grandes roubos nas terras e navios portuguezes. — XIII. L. 2.º

Carta do Emperador de 20 de Setembro de 544 referendada por Idiaques em que dá conta a ElRey Dom João da paz que tinha assentada com ElRey de França. Despachou com ella a Jorze de Mello seu gentilhomem de boca. — XIII. L. 2.º

Copia de huma carta delRey Dom João 3.º, escrita em Evora a 30 de Setembro de 1544, feita por Francisco Gonçalves, e mandada a Jeronimo Coresma Barreto. He a sustancia que Sua Alteza vendo-se atolado em grande soma de dividas de dinheyros tomados a cambio em Fran-

des, querendo remediar-se ordenou pedir emprestimos a todas as pessoas de seus reynos que lhos podião fazer pera se desempenhar: com commissão ao Doutor Diogo Taveyra do seu conselho e desembargo, pera dizer a contia que delle queria. — XIV.

Carta notavel de Martim Afonso de Sousa Governador da India.

Despois de ter escrito a Vossa Senhoria me fez Deos cá tantas mercês, que vos affirmo que me faz estar tremendo, porque sei muy bem que lhe não mereço nenhuma dellas: mas elle faz como quem he. E porque a ordem do negocio Diogo da Sylveyra e outros vola dirão, não digo aqui senão o sumario das cousas. Cá estavão dous senhores em grandes diferenças: Hidalcão, e Acedacão levantado que queria que fosse Hidalcão o Meale senhor do Balegate, que estava em Goa: ambos tinhão grande necessidade de my; tardey em me determinar, porque estava esperando quem levava o melhor. Já não são de huns primores de acudir á parte mais fraca. Apertarão comigo tanto que não pude al fazer senão descubrilla logo, e mostrar o que tinha na mão. Determiney-me pollo Hidalcão, que pareceia ter mais justiça, e mais firme; ainda que vos certifico que da outra avia tantas razões e contrarios, que me foy necessario socorrer-me a missas e devações. Mas a fim assentey com o Hidalcão, o qual me deu pera ElRey nosso senhor as terras firmes daqui, que rendem quarenta e sinco mil pardaos de juro e erdade, com grandes prometimentos e doações e solenidades, e alem disso me mandou setenta mil pardaos pera ajuda das armadas delRey nosso senhor, e vinte mil pera my, a saber: dez mil pera huma joia de minha molher, e dez mil pera hum banquete: e isto feito ficava-nos o outro por contrario. Vem Deos e mata-o dahi a seis dias, e fica o Hidalcão por senhor pacifico de tudo. E não contente com isto vêo-se a my hum mouro, que era muyto privado do Acedacão, e meu amigo da outra vez que cá andey, e desta que tem recebido de my muyto boas obras: disse-me que pois seu senhor era morto, que não queria outro senhor senão a my, e que me queria entregar quinhentos mil pardaos

que tinha de seu senhor, dos quays mando trezentos mil a ElRey nosso senhor pera ajuda do casamento da senhora Iffante. Porêm destes tomey trinta mil pera my, que he o dizimo que lá mando a minha molher; porque em razão está que tenha alguma parte disso, pois o podera ter todo; que eu podera ter tomado este dinheyro sem o ninguem saber, e que o souberão, teverão muy pouca justiça contra my; que isto não o derão a ElRey nosso senhor nem o ganhey com sua gente nem com sua armada, nem aventurou a isto nada senão a amizade que este mouro tinha comigo, que antes se quiz descobrir a my que a outrem. Mas eu não quero mor gosto nem outra riqueza que dar isto do meu proprio a ElRey, que este sou eu, e estes são os serviços que eu sey fazer. Pois Vossa Senhoria tanta parte tem nisto, e pois minhas cousas são vossas, peço-vos senhor que vós só lhas deys. E outros duzentos mil pardaos que ficão hão-se de repartir com o mouro setenta mil, porque com este concerto ficamos: ficão cento e trinta mil; destes determino pagar todas as dividas delRey nosso senhor a orfãos, e outros emprestimos a gente muy pobre e necessitada, que os Governadores e Veadores de sua fazenda cá tomarão. Tambem daqui mandarey dinheyro pera se fazer carga este inverno, pera estar prestes pera quando as naos embora vierem, ao menos carrega pera duas naos. Porque como ahi ha pera huma só nao, não se leva nenhum trabalho na carga das outras, quanto mais avendo pera duas ou pera tres, como crêo que averá. Que o resto disto e o mais que cá puder aver he necessario pera pagamento dos soldos, porque esta gente até aqui foy muyto mal paga, e mais agora que tanta necessidade se espera ter della, e assi outras muytas necessidades que este negocio da vinda dos Rumes, que tenho por muy certo, como a ElRey nosso senhor escrevi. Estas não se podem suprir senão á força de dinheyro. Porêm por muyto certo tenho que pois lá não quizestes fazer pazes com o Turco, que este anno deve de vir de lá huma muy grossa armada em socorro e ajuda desta terra. Porque quem não quer fazer paz, em rezão está que se aparelhe pera a guerra. E não quero fallar mais nesta materia, porque tinha muyto pera dizer. Outra vez vos torno lembrar minha ida. E peço-vos muyto por mercê que olheis que não podem tantas ditas du-

rar sempre. Beijo as mãos a Vossa Senhoria: de Goa a 23 de Dezembro de 1544. — III. L. 2.º

Despezas extraordinarias que ElRey Dom João 3.º fez desdo tempo que começou a reynar até que fez terceyras cortes em Almeyrim no anno de 1544.

No anno de 1523 se foy a Raynha Dona Lyanor: em sua ida e arras de seu casamento, e nas corretagens de Goa por que ElRey lhe mandou dar dez mil cruzados, se gastarão	50 $ cr.
No anno de 524 foy o Conde Almirante á India com grossa armada, em que levou dous mil e setecentos homens: e se despenderão, alem do que se podia gastar com armada ordinaria	200 $ cr.
No anno de 1526 casou a Emperatrix, a quem forão dados em casamento novecentos mil cruzados, e nos corregimentos de sua casa e caminho se derão mais de sincoenta mil cruzados, e val.	950 $ 000 cr.
No anno de 1528 foy Nuno da Cunha á India, já com sospeita dos Rumes, e a tomar Dio com grossa armada, em que levou dous mil e oytocentos homens, e se despenderão nella, alem do que se podera gastar se fora armada ordinaria	200 $ 000 cr.
No anno de 529 foy o negocio de Maluco, que custou	350 $ 000 cr.
No anno de 533 foy Dom Pedro de Castelbranco á India no mez de Oytubro com hum galeão e dous navios redondos e dez caravellas, e levou oytocentos homens, em que se despenderião.	100 $ 000 cr.
No anno de 534 foy o cerco de Çafim, onde foy Dom Garcia de Noronha a socorro, e se gastarão assi no socorro como em prover a dita cidade e Azamor e Cabo de	
. . . . 1 conto	850 $ 000 cr.

Transporte 1 conto 850$000 cr.

Gué com gente e muytas munições e mantimentos . . . . 100$000 cr.

No anno de 538 foy o dito Dom Garcia á India por Visorey com armada grossa, em que levou quatro mil cento e sincoenta homens, e alem do que se podia despender em armada ordinaria — parece que se gastarião trezentos mil cruzados . . . . 300$000 cr.

No anno de 542 se desfez Çafim e Azamor, e no socorro dos ditos lugares antes que se desfizessem, e nas armadas que se pera isso fizerão, e nas obras de Mazagão, e satisfação que se derão aos moradores dos ditos lugares, se despenderião . . . . 300$000 cr.

O casamento da Princeza (Dona Maria em Castella) que foy em . . . de 154 . . 400$000 cr.

Nos annos passados das grandes esterilidades que ouve no Reyno mandou ElRey carregar muyto pão de fóra, em que por muytas vias ouve grandes perdas, e nellas e no que se buscou pera os logares d'Africa se gastarão mais de sincoenta mil cruzados . . 50$000 cr.

O Brasil não somente não rendeo de vinte annos atégora o que sohia; mas tem custado a defender e povoar mais de . . . . 80$000 cr.

A malagueta não tem rendido do dito tempo a esta parte a quinta parte do que rendia no tempo atraz, e tem custado a defender . . . . 80$000 cr.

3 contos 160$000 cr.

Tirados desta soma o serviço que os povos fezerão nas cortes de Torres Novas . . . . . . 150$000

E mais que derão nas cortes de Evora . . . . 100$000

250$000 cr.

Restão . . . . 2 contos 910$000 cr.

Transporte 2 contos 910$000 cr.

E junto aos dous contos novecentos e dez mil cruzados o que valem os cambios com que as mais destas despesas se fizerão, que são	2 contos	200$000 cr.
Val tudo	5 contos	110$000 cr.

Valendo estas despesas certas e liquidas sinco contos e cento e dez mil cruzados, ha outras muyto grandes e não liquidas, que muyto importão, a saber:

O que se tem despendido no cumprimento dos testamentos delRey Dom Manoel e da Raynha Dona Lyanor, e da Excellente Senhora, e nos pagamentos de legitimas aos Infantes seus hirmãos, e em Casa e Estados que deu aos Infantes Dom Luys, Dom Fernando e Dom Duarte.

E o que agora despende em mandar fortificar e socorrer Ceyta.

E assi aconteceo que, porque a fazenda real não podia acudir a estas despesas, se devem agora em Frandes e nas feiras de Castella 1 conto 946$000 cruzados; e estes vão correndo a cambio a tão altos preços, que, segundo parece por cartas do Feitor de Frandes, se dobra o dinheiro em quatro annos.

A este respeito vendo Sua Alteza quanto cumpre tirar-se destas dividas, roga aos Procuradores das cidades e villas, nas cortes d'Almeyrim ultimas que são presentes, que em nome do povo miudo o queirão servir com duzentos mil cruzados. — III. L. 1.º

1545.

Por carta delRey pera Dom Gil Eanes, de Janeyro de 1545, consta que no dito tempo lhe mandou o Papa breve, com bulla de notificação pera se começar o Concilio Geral em Trento. — XIII. L. 2.º

Carta delRey pera Dom Gil Eanes, em que lhe manda aperte sobre certo negocio que o Emperador negoceava em França em favor de Portugal, que chama das marcas; feita em Evora a 23 de Março de 545. Do mesmo tempo

e dia he outra, em que apertadamente diz que se queixe ao Papa de lhe dizerem que tem eleyto pera hir ao Concilio o Bispo de Vizeu (Dom Miguel da Sylva): diz delle que he homem de zelo e respeitos danados; e affirma que não deixará, se tal for, hir de seus reynos prelado nem outra pessoa ao Concilio. — XIII. L. 2.º

Morre a Princeza Dona Maria, molher delRey Dom Felipe 2.º: nomea o Emperador a Manoel de Mello pera ser hum dos que dessem cumprimento a seu testamento: em Evora 15 de Setembro 1545. Carta delRey. — XI. L. 2.º

Carta delRey Dom João pera Anrique 8.º de Inglaterra, em que lhe pede por André Soares, que mande dar salvo conduto aos navios que vierem pera Lisboa com pão. He feita em Evora, 20 de Novembro 1545: he carta latina. — XIII. L. 2.º

Cartas delRey pera André Soares, em que lhe diz como tem nos portos de França Domingos Leitão e Ayres Cardoso, pera fazerem carregar trigo pera Lisboa, por grande falta que avia no reyno: e de caminho lhe diz que Francisco de Barros andava por Capitão-mór de huma armada, pera dar guarda aos navios que trouxessem o trigo, e manda-lhe que se veja com ElRey de Inglaterra, e lhe peça salvo conduto pera os que trouxerem o trigo, inda que sejam navios de França, com quem o Ingrês tinha guerras. Refere a carta hum encontro que Francisco de Barros teve com dous navios Ingrezes, primeyro de paz; e outro em que os Ingrezes quizerão briga, e Francisco de Barros se ouve com elles de maneira (sendo os dous ingreses de duzentas toneladas cada hum, e acompanhados de hum bom pataxo) que ouverão por bem desviar-se delle, depois de terem pelejado hum espaço, e morta gente de parte a parte: no galeão de Francisco de Barros foy morto o contramestre, e elle ferido de huma pancada por hum hombro. — XIII. L. 2.º

Carta efficaz delRey pera Dom Gil Eanes sobre o negocio das cartas de marca, que faça diligencia com o Emperador que escreva a França se tirem ou se suspendão; affirmando que são de muyto dano pera seus vassallos. — Consta por esta carta que era Embayxador de Portugal em França o Bispo de Tangere. — XIII. L. 2.º

Parece, por huma relação de cousas, escritas de mão

do Conde em sua abonação, que fora melhor derribarem-se Azamor e Çafim logo despois da valorosa resistencia que em Çafim se fez ao Xarife; que não despois que o mesmo Xarife tomou Cabo de Gué. Mais abaixo: que aconselhando todos os principais do Conselho a Sua Alteza que casasse a Iffante Dona Maria com o Senhor Dom Duarte, elle Conde só o contrariou, e valeo sua opinião, que fôra, se se fizera, grande inconveniente pera o casamento da princesa. — Inferius: — « O socorro de Çafim se fez com tanta pressa, que despois de Deos elle salvou a terra. — Adiante: que tendo os Procuradores concedido cem mil cruzados a Sua Alteza em dous annos, e aceitados neste praso, o Conde negociou com os procuradores, que os dessem em seis mezes; e assi os derão. — Grandes diligencias que fazia por extinguir as dividas de Frandes. — Como estimou a venda da Alcaydaria de Santarem, que estava concertada com o Marquez de Villareal, e licença avida de Sua Alteza. — Trabalho que teve nas cortes de Almeyrim. — Moderação com que votou na materia dos emprestimos, que ElRey queria e pedio aos vassallos pera ajuda de se desempenhar das dividas de Frandes. — III. L. 6.º

1546.

Carta do Emperador a ElRey de 8 de Fevereyro de 1546, referendada pollo Secretario Erasso, em que lhe agradece querer aceitar a Ordem do Tosão, despois de ter visto o livro della, que Lopo Furtado, Embayxador imperial lhe tinha mostrado, e diz que manda a isso o Rey d'armas Franche-Conté.

Recebeo ElRey Dom João o colar do Tosão de mão de Franche Conté, Rey d'armas do Emperador, em 10 de Junho de 1546 em Almeyrim: prometeo as condiçoens da Ordem, e entre ellas que traria o colar do tosão ou tusão só á vespara e no dia de Santo André: declara ElRey na certidão, que mandou dar ao Rey d'armas, que o colar que recebeo tem vinte e seis fosís contra tantas pederneyras esmaltadas, e peza todo tres marcos e duas onças e huma oytava de ouro: declara que o mandará tornar ao Emperador ou ao Thesoureyro da Ordem, a tres mezes despois de seu falecimento: assi declara que foy eleyto

pera a dita Ordem no Capitulo de Utrech, ultimamente celebrado. — XIII. L. 2.º

Consta por hum assento em nome delRey, de 6 de Junho de 1546, que trouxera Martim Afonso de Sousa da India hum cofre com trezentos mil pardaos, que Sua Alteza mandou receber por João de Barros, e levar á casa da moeda logo. — III. L. 5.º

1547.

* *

1548.

Carta notavel de Lourenço Pires pera o Iffante Dom Luys, em que lhe dá conta como Dom João de Castro Visorey da India mandava por elle pedir a ElRey hum alvitre pera edificar hum templo, que prometera o dia que deu a batalha em Cambaya: e pera si pedia muy pouca mercê, e só pera os homens que o acompanhavão pedia despachos, e esses muyto moderados. Em 5 de Março de 1548. — IV. L. 1.º

Mandou ElRey em 14 de Março de 1547 que falecendo Dom João de Castro na India lhe sucedesse Dom Jeronimo de Noronha em primeiro lugar. — IV. L. 2.º

Alvará delRey feito por carta ao Visorey Dom João de Castro, em que faz mercê a Fernão de Sousa de Tavora Capitão de Çofala, que possa levar de mercadorias defesas tanta contia, que tire dellas forros pera si sinco mil cruzados: em 16 de Março de 1548. — IV. L. 2.º

Consta da Instrucção que levou delRey (Lourenço Pires de Tavora) pera hir residir por seu Embayxador na corte do Emperador em Alemanha, que foy suceder a Dom Gil Eanes da Costa, e partio de Lisboa por Junho de 1548. — A Instrucção he feita em 6 de Junho de 1548. — IV. L. 3.º

Partio Lourenço Pires por Embayxador á Alemanha em 11 de Junho de 1548; e pollo que parece de huma carta de 2 de Setembro foy suceder a Dom Gil Eanes da Costa. E assi, chegando elle a Alemanha, se vêo Dom Gil Eanes. Consta por outra carta do mesmo anno que se vêo traz o Emperador a Brussellas. O nego-

cio principal que tratou foy sobre o Xarife, despois que tomou Fez, estar muyto poderoso, e ser necessario pera o bem da Espanha trazer o Emperador suas galés no Estreyto a impedir o trato dos mouros, e idas e vindas de seus navios em seus portos. (Sobre este negocio fez juntas com o Secretario Erasso e o Regente Figueroa, por ordem de Sua Magestade. — IV. L. 1.º

Por carta de 14 de Setembro de 1548 avisa o Conde ao Iffante Dom Luys que ElRey era de parecer que o senhor Dom Antonio se passasse ao mosteyro de Santa Cruz de Coimbra. — III. L. 2.º

Consta por outra carta do mesmo e do mesmo anno de 22 de Oytubro de Brussellas, que andava aly Dom Estevão da Gama: escreve largamente em seu favor. — IV. L. 1.º

Consta por este Livro que no anno de 1548 passarão as instancias que o Mestre Dom Jorze fazia a ElRey por casar com Dona Maria Manoel, affirmando elle que com ella era casado, e apertando seus filhos porque se lhe impedisse a dispensação.

Diz huma clausula de huma carta que mandou á Raynha. E se meus filhos receão que terei menos fazenda sendo casado, muyto menos a hey de ter, e toda a hey de destruir quanto mais tardar seu impedimento, porque toda e a vida em cima hey de gastar sobre isso.

ElRey lhe mandou pollo Doutor Gaspar de Carvalho Desembargador, que se saisse da corte, e assinasse certo papel sobre a causa do casamento.

Mandou-lhe ElRey resposta larga aos seus apontamentos, e no cabo delles são estas palavras: «que lhe rogo muyto que não cuyde mais nisso, porque toma pena e fadiga sem proveito, e que Eu não hey de consintir tal cousa, pollo que pode escusar de me mandar falar mais sobre isso, nem crêa o que lhe nisso disserem os que lhe disserem que me falão, se lhe não falão a este proposito; e que nisto não ha mais que dizer. Feita em Lisboa a 6 de Novembro de 1548. — III. L. 2.º

Consta por carta do fim deste anno de 1548, mandar ElRey desfazer a feitoria de Frandes, que o Embaixador gaba, affirmando que convinha não ficar lá nem sombra della, nem homem nenhum. — IV. L. 1.º

1549.

Consta por carta delRey de 15 de Fevereyro 1549 a Lourenço Pires que mandava vir o Feitor e Ministros das especiarias que tinha em Frandes: e era cousa bem recebida geralmente. — IV. L. 3.º

Por carta delRey do dito tempo consta ser avisado de Ceyta por letra do Capitão da cidade Dom Afonso, que nos 29 de Janeyro proximo tomara o Xarife a cidade de Fez o velho, despois de grande batalha que teve com ElRey de Fez, que nella foy ferido: e o dito Rey com o de Belez se retirarão a Fez o novo: pollo que manda que aperte com o Emperador que acuda com suas galés ao Estreyto por evitar os danos que se podem seguir a toda a costa de Andaluzia. — IV. L. 3.º

Por carta de 20 de Março de 1549 manda ElRey a Lourenço Pires que responda á Raynha de França, que inda que o casamento do Principe Dom Felipe esteja bem á Iffante Dona Maria sua filha, melhor lhe parece que case com o Emperador: que primeiro faça sobre isto suas diligencias, procurando entender a vontade do Emperador por bons mêos e com cautella. — IV. L. 3.º

Por carta de 22 de Março avisa Sua Alteza a Lourenço Pires tinha tomado (o Xarife) no mesmo dia de 29 de Janeyro a Fez novo: que cumpre fazer-se muyto caso de tamanho e tão venturoso enemigo: que Sua Alteza quer fortificar Alcacere Ceguer, por razão do rio que tem capaz de muytos navios de remo; e mandar fazer huma força no sitio que chamão o Seinal, com que parece se segurará o rio: que lhe parece convem porem-se em Alcacere poucos menos de seis mil homens, pera em quanto durar a fabrica do Seinal. Isto se vêo a entender despois d'outra maneira, e por isso o mandou Sua Alteza largar. — IV. L. 3.º

Por carta de 6 de Julho avisa Sua Alteza que tinha ja feita e quasi acabada a força do Seinal em Alcacere Ceguer, porêm que manda de novo Dom Pedro Mascarenhas que va ao dito Seinal, e por seus olhos veja o como está; e va tambem a Tangere e veja como se pode fortificar. Tambem avisa que o Rey de Belez, indo pera seu reyno o achou levantado, e lhe foy forçado passar-

se a Melilha, fronteyra do Emperador, aonde ElRey o mandou visitar e consolar. — (Este Dom Pedro foy por Embayxador ao Emperador em tempos atraz, e consta desta carta.) — IV. L. 3.º

Consta por carta de Lourenço Pires acabar de se hir de Enveres o Feytor de Frandes João Rabello, e vai por elle bem acreditado — 12 de Julho 1549 de Brusellas. — IV. L. 1.º

Dom Estevão da Gama, que andava fora do serviço delRey, declarou a Sua Magestade que se hia pera o Reyno muyto contente com huma carta que Sua Alteza lhe escrevera — 20 de Julho 1549. — IV. L. 1.º

Consta por carta de Fernão de Sousa de Tavora que juntava achegas pera fazer fortaleza em Moçambique por mandado que tinha delRey: he feita em Moçambique a 23 de Julho de 1549. — IV. L. 2.º

Por carta de... de 24 d'Agosto de 1549 consta que ElRey de Belez estava em Castella, que Dom Bernardino o levara nas suas galés ao Pinhão, e que lá o não quizerão receber. — Na mesma aperta por que Sua Alteza acabe de largar Arzilla por conselho do Emperador, e do Principe seu filho, e do Duque d'Alva e de muytas e boas razões que pera isso dá. — IV. L. 1.º

Por carta de 13 de Setembro manda Sua Alteza comprar a Frandes tres mil cossoletes com seus braçays, escarcelas, gorjays e celadas, e tres mil arcabuzes de Bohemia. — IV. L. 3.º

Por carta de 22 de Setembro avisa Sua Alteza que tem mandado sahir de Arzila o Conde do Redondo e sua molher e toda a gente de cavallo, exceito os fronteyros e soldados: e suspende a resolução que tinha de a mandar largar, por lhe o Rey de Belez pedir o dito lugar pera o defender, dando-lhe quinhentos homens e artilheria e munições por todo o inverno seguinte. — IV. L. 3.º

Consta por carta de Lourenço Pires de 13 de Oytubro de 1549 mandar ElRey comprar em Frandes tres mil cossoletes e tres mil arcabuzes. — IV. L. 1.º

Por carta do mesmo anno e de 31 de Oytubro, avisa Sua Alteza que com conselho de Dom Pedro Mascarenhas e Dom João que forão presentes, e Dom Bernaldino de Mendoça castelhano, se assentou, que fora engano tudo o que se cuydava do rio d'Alcacere ser ca-

paz de galés; porque virão que a boca do rio não tem fundo pera mais que fustas pequenas, sem embargo que o pego que fica defronte da villa era bem fundavel, pollo que Sua Alteza mandava logo derribar villa e Seinal, pera passar a Tangere toda a guarnição. — (Resolução de largar Alcacere e o Seinal, entupido o pégo do porto.) — IV. L. 3.º

Consta por carta de Lourenço Pires, feita em Brussellas a 24 de Novembro de 49, que ElRey assentava com Moley Boaçu Rey de Belez, que estava em Castella, entregar-lhe Arzilla com quinhentos soldados e sessenta de cavallo, e artilheria sufficiente pera defensão da villa com seus artilheyros. E pera mais favor mandaria juntar em Tangere duas mil lanças. — Tudo se reprova por esta carta com muytas e boas razões. — (Este assento celebrou em Malaga Dom Pedro Mascarenhas com este Rey de Belez em 26 de Setembro de 1549. Neste tempo era Embayxador do Emperador em Lisboa Lopo Furtado. — IV. L. 1.º

Por carta de 29 de Novembro 1549 avisa Sua Alteza que manda pôr em venda suas especiarias na casa da India com porta aberta pera todo comprador; e proseguimento de que não quer mandallas mais a Frandes. — IV. L. 3.º

Por carta escrita em Fez a Sua Alteza em cifra se avisa que o Xarife fazia grandes aparatos de guerra de toda a sorte, e fazia fundir artilheria, e que por Abril do dito anno hirião sete Alcaydes correr a Arzilla e Tangere com grande força de gente. — IV. L. 1.º

1550.

Em 22 de Setembro, na Torre do Tombo, achey carta propria de Frey Diogo de Murça, Reytor da Universidade, em que avisa a ElRey do primeyro exame privado que nella se fez em theologia, que foy feito por Pero de Figueiredo. — A carta he feita em 13 de Janeyro de 1550. — XVII.

Por carta de Lourenço Pires de 15 de Janeyro de 1550 consta que, em resolução, o Emperador não quiz vir em ajudar Moley Boaçu com mandar mil lanças a Arzilla; e polla mesma consta de grandes diligencias que

fazia Balthezar de Faria por que fosse eleyto Papa o Cardeal Iffante Dom Anrique, e as grandes esperanças que disso dava o Embayxador de França em Roma, as quays o Emperador tinha por falsas, e fundadas em alguma maranha pera desunir os votos do Emperador. — IV. L. 1.º

Carta de Sua Alteza a Balthezar de Faria a Roma, feita em 19 de Janeyro de 1550, em sé vacante: manda-lhe que faça diligencia por que o collegio dos Cardeays aceitem pera Pontifice o Cardeal Iffante Dom Anrique. — IV. L. 2.º

Por carta de Lourenço Pires do mesmo anno 1550 em 13 de Fevereyro, escrita em Brussellas, consta dizer Dom Diogo de Mendoça Embayxador do Emperador em Roma a Balthezar de Faria, que inda que ElRey de França e o Emperador se conformassem na eleyção do Cardeal Iffante, seria impossivel vir nisso o collegio, porque tem outros fins particulares. Por carta do mesmo de 13 de Fevereyro, pede licença pera se vir pera sua casa. — IV. L. 1.º

Consta por carta delRey fazer-se christão ElRey de Tanor, e mandar-lhe por isso hum estoque d'ouro e opa de brocado: feita em Almeyrim 26 de Fevereyro 1550. — III. L. 4.º

Por carta do dito (Lourenço Pires) de 18 d'Abril consta tomar Dragut Arrays a cidade de Africa na costa de Berberia, e juntamente Aconesterio (?) lugares de importancia. — IV. L. 1.º

Avisa Sua Alteza ao Embayxador por carta de 6 de Junho 1550 de Lisboa, que Arzila era despejada por meio de Luys de Loureyro, e de todo derribada, e elle recolhido por mar em salvo a Tangere com toda a gente e munições. — (Foy despejada e derribada em 11 de Mayo de 1550. Bernaldim Carvalho era Capitão de Alcacer Ceguer). — IV. L. 3.º

Clausula notavel da carta delRey de 6 de Junho de 1550. — Diz assi: « Em quanto ao que lá se escreveo, « que eu mandaria apontar meyo a ElRey de Belez, que « elle não devesse de aceitar; não foy tal, nem seria razão « cuydar-se de quem não deseja senão meyos donde pro« cedão destruição do Xarife e restituição delRey de Be« lez, que por como se ouve em todo o sucesso de seus « trabalhos e dos delRey de Fez, de quem era vassalo,

« he razão que se lhe deseje. Assi que quem esta opinião « tem delle, não lhe podia offerecer, senão o que lhe pa- « recesse lhe viria melhor pera seu remedio. » Por esta mesma carta avisa Sua Alteza ao Embayxador, que neste tempo de Junho e do verão, por ser acomodado, manda despejar e largar Alcacere, e derribar a obra do Seynal, inda que muyto tinha custado.

Carta de Sua Alteza em cifra em que avisa o Embayxador de 27 de Junho de 1550, que não convem ao Reyno, nem a seus vassalos, nem a suas cousas tratar-se do casamento da Iffante Dona Maria. — IV. L. 3.º

Por carta do Lourenço Pires, feita em Augusta, de 19 de Julho de 1550 declara Ruy Lourenço como avisou a El-Rey de Belez que os Portuguezes determinavão largar Arzilla: e assaz lhe estava o Moley obrigado, pollos gastos que em todos estes meses se fizerão em Arzilla, esperando só que o Emperador quizesse acudir de sua parte. — IV. L. 1.º

Por carta de 20 de Julho de 1550, feita em Augusta, começa Lourenço Pires a tratar da hida da Princeza Dona Joana pera Portugal, visto ter já o Principe entrado nos quatorze annos. Repugna o Emperador affirmando, que não tratará della senão como tiver compridos ditos quatorze annos. E alegando muytos inconvenientes, affirma de si, que fora seis vezes casado por palavras de futuro, afóra a setima, em que casara com a Emperatriz. Avisa na mesma grandes tratos do casamento da Iffante Dona Maria, em que acha inconvenientes, e affirma que o Secretario da Raynha de França, *por se mostrar valido e intelligente*, escreve mais do que ha. — IV. L. 1.º

Por carta do dito de 23 de Julho de Augusta, consta conceder o Emperador que se comece a tratar da vinda da Princeza Dona Joana, inda que o Principe não tenha perfeitos quatorze annos, perá que despois de os ter não aja novas dilações: e mandá o Emperador a Lopo Furtado seu Embaixador em Portugal, que com diligencia se informe da idade e disposição do Principe. — IV. L. 1.º

Por carta do dito e do dito anno, escrita em Augusta em 5. de Setembro, avisa que chegara aly hum Patriarcha de Armenia com recados dos christãos e dos Principes Georgianos a incitar o Emperador contra o Turco:

e apregoou na corte que só ElRey de Portugal era o Principe christão conhecido, e temido por aquellas partes, e que na fé christaa fazia tanto fruyto, como em outro tempo o grande Apostolo São Thomé. — IV. L. 1.º

Por carta de Oytubro 12 consta que era tomada de fresco a cidade de Africa em Berberia; general de terra João de Vega, e do mar André Doria: morreo nella hum Portuguez de grande nome; e foy mal ferido em ambos os braços Dom Fernando de Meneses, que vêo nas galés de Malta. — IV. L. 1.º

Parece por carta delRey de 3 de Dezembro de 1550, que erão vendidos naquelle anno vinte sinco mil quintays de pimenta. — III. L. 3.º

Treslado da carta delRey de Ethiopia sobre a morte de Dom Christovão.

Em nome da Santa Trindade, nossa vida eterna, em que cremos, em que está nossa saude. Esta carta envia de sua presença ElRey de Ethiopia Asenaf Segued, filho delRey Vienag Segued, segundo filho delRey Namd, filho delRey Bdemarian, filho delRey Zerá Jacob, da costa de David e de Salamão Reys de Israel: e juntamente saude a ElRey de Portugal Dom João, filho delRey Emanuel. Ouvi e ponde em vossa lembrança que farey tudo o que me mandardes. Deos vos fez grande senhor na terra, e em vossa mão poz mar e ilhas, e terra firme: elle vos faça mayor Senhor nos ceos pera sempre, como faz aos seus amigos e santos. Deos nos faz muyto bem por vossas orações, e com ajuda dos vossos vencemos os mouros, e sempre contra elles alcansamos vitoria. O Capitão Dom Christovão sahio do mar, e entrou em minhas terras com quatrocentos frangues, e muytas bombardas e espingardas, e outras muytas armas. Contra o qual se juntarão logo muytos mouros. Os nossos erão poucos, e assi o tempo não foy então nosso. Eu não cheguey a tempo que me pudesse ajuntar com o Capitão, porque estava muyto longe em outra terra que se chama Seoá. Dom Christovão, estando em Tegray, me inviou hum messageiro, dizendo que me apressasse, porque era necessario juntarmo-nos ambos. O messageiro vêo a my; e era Ayres Dias, criado do Capitão; a gente desta terra lhe chama Marcos. Logo, co-

mo ouvi o recado, comecey a caminhar a grande pressa pera nos juntarmos ambos; e no caminho me derão novas que Guerad Ahamed matára a Dom Christovão e a muytos frangues, e tinha tomado todas as bombardas e muniçoens e armas que trazião. E que os frangues que escaparão erão espalhados polla terra. Com esta nova fuy tão triste, que certo chorey com dor e payxão. Guerad Ahamed, só com sua gente, não os pode vencer; mas alem da gente que tinha fez vir mais seiscentos turcos, com ajuda dos quays, como erão muytos, alcansou a vitoria. Eu, todavia, cheguey á terra do Tegray, e logo recolhi os frangues que andavão espalhados polla terra, que erão cento e trinta. Alguns outros erão idos caminho de Bdebarruá, a buscar embarcação pera se tornarem a sua terra. Dos cento e trinta frangues fiz Capitão, em logar de Dom Christovão, a Ayres Dias, a que nesta terra chamão Marcos, e todos os frangues forão disso muyto contentes. Despois disto tres vezes pelejamos com os mouros, e sempre Deos nos deu a vitoria. Huma vez vierão contra nós com duzentos e dez turcos, e com as bombardas e lanças dos frangues, que ganharão quando morreo Dom Christovão. Outra vez vierão contra nós com oytenta turcos, os quays morrerão todos, e tambem morreo Guerad Ahamed. E despois delle morto, levantou o povo dos mouros outro por nome Bao. Por derradeiro os mouros forão destruidos de maneira que ficarão muyto poucos: e tambem os turcos forão destruidos quasi todos, e todas as bombardas e armas que tinhão vierão a nosso poder e a poder dos frangues de Portugal. Todo este bem e riqueza, e toda esta prosperidade nos vêo de nosso hirmão e nosso amigo, nosso sangue e nossa vida, Jesu Christo. Não pôde Dom Christovão com quatrocentos frangues destruir os mouros, e o bem afortunado Ayres Dias, seu criado, com cento e trinta frangues os desbaratou e destruhio de todo; e com tudo primeyro Dom Christovão nesta terra pelejou muy esforçadamente contra os mouros. Deos perdoe a sua alma, e o ponha na conta dos Martyres. Amen. Eu fiz Ayres Dias muyto grande em todo o meu povo, e lhe dey grandes terras. Elle sofreo comnosco muytos trabalhos e fadigas na guerra, pelejando contra os mouros. Este Ayres Dias tinha já vindo a esta terra de Ethiopia em tempo delRey meu pay Vienag Segued, que era muyto ami-

go dos frangues, quando Dom Rodrigo de Lima e Jorge d'Abreu forão com o Embayxador Abaza Guazaado, o qual levou huma carta delRey meu pay Vienag Segued a ElRey vosso pay Emanuel. Este Embayxador morreo. Deos aja sua alma, e a receba no Reyno dos Ceos. Os frangues que cá ficarão vivem comigo á sua vontade, e com muytos bens e riquezas que lhes eu dou onde elles querem. Despois da morte de Ayres Dias puz em seu lugar Gaspar de Sousa, o qual muyto prestesmente faz tudo o que lhe mando... (aqui não soube o interprete declarar duas regras e mêa, as quais, segundo pareceo, erão em louvor de Gaspar de Sousa.) Os frangues que forão buscar embarcação estão em Bdebarruà: Fernão de Sousa faz isto bem; folga muyto de agazalhar os que vem de fóra, e com muyta boa vontade os vay receber, e serve-me muyto bem, e folga de fazer tudo o que lhe mando. he hirmão de Gaspar de Sousa, que vive comigo, e he muyto diligente em tudo o que lhe mando. A Fernão de Sousa, hirmão de Gaspar de Sousa, dei eu muytas terras e muyta fazenda, e o fiz meu Guarda-mór e Capitão muy principal, e elle tudo isto deixou por se hir pera vós: tanto he vosso amigo. Tudo isto crede de verdade.

Escrita no anno do Nascimento de Christo de 1542, segundo a conta de Ethiopia e de Egipto; e segundo a conta dos frangues no anno de 1550, aos 6 dias do mez do Natal — XIII. L. 1.º

Carta delRey a Gaspar de Sousa, de graças pollo serviço que fazia ao Preste, e advertencia que seja Capitão dos Portuguezes quem nomear o Preste, como seja homem portuguez. — XIII. L. 1.º

Resposta delRey á carta do Preste, de que foy portador Diogo Dias: chama-lhe muyto nobre e poderoso Rey dos Abexins. — XIII. L. 1.º

Carta notavel do Iffante Dom Luys, em que dá conta ao Embayxador Lourenço Pires das razões que ElRey teve pera largar Alcácere Ceguer despois de ter fortificado o Seinal; que forão, achar-se que o Seinal não tinha a agoa que se cuydara, nem o porto de Levante era pera se fiar delle, porque o podia tolher o enemigo; e hum portinho, que sé fazia da banda do norte, não era porto em que pudessem entrar bateys em nenhum tempo: e forão autores deste conselho Dom Pedro Mascarenhas e seu

sobrinho Dom João, que o forão ver com Miguel d'Arruda e Diogo Telles, grandes engenheyros, e Dom Afonso e Dom Bernardino: e todos aprovarão sustentar-se Tangere por muytas razões, e deixar-se Alcacere e o Seinal, inda que com grande despesa já feita; e que com as ruynas das casas e muralhas se cegasse o porto, porque o rio não tinha entrada pera galés, como primeiro se imaginara. — IV. L. 3.º

Por carta de Sua Alteza pera o Embayxador se declara que, em caso que o Emperador se abra pera se tratar casamento do Principe Dom Felipe com a Iffante Dona Maria, lhe declare que seu dote são 400$ cruzados, pagos polla cidade de Vizeu e villa de Torres Vedras com suas rendas, e que ElRey lhe não dará de sua casa nada, porque pera tal pessoa he dote bastantissimo. — IV. L. 3.º

(Em 3 de Junho da 1550 era o Principe de treze annos perfeitos, e entrava nos quatorze, por carta delRey de 27 de Setembro 1550.)

1551.

Por carta delRey de 10 de Fevereyro de 1551 manda ElRey ao Conde que vão á India nas naos cem mil cruzados de cabedal, a saber: 40$ de contado, e 40$ em letras, e 20$ por alvará, pera se tomarem lá sobre a casa da India; e que não fosse de partes nenhum genero de prata. — III. L. 4.º

Consta por carta de Sua Alteza de 13 de Março de 1551, escrita a Lourenço Pires de Tavora a Alemanha, que Ruy . . . pay de . . . d'Almada foy Embayxador seu muytos annos na corte de França. — IV. L. 3.º

Por carta do dito em Augusta 20 de Março 1551 dá conta como hum João Lopes de Bineyro se queria obrigar a dar ao Emperador hum conto d'ouro, com lhe pedir que se tratasse de novo do direyto de Maluco, e lhe desse a contratação delle: fazião companhia pera este negocio Galegos e Alemães. — No que afirma servia Ruy Gomez como bom portuguez, dando a entender ao Principe Dom Felipe quam mal diria aceytar-se tal trato em tempo de tantas amizades. — IV. L. 1.º

Por carta de 16 de Abril de Augusta diz que tudo o

do Bineyro erão patranhas, e por tal forão julgadas, e não recebidas. — IV. L. 1.º

Escreveo Lourenço Pires ultima carta de seu cargo em Alemanha, da cidade de Augusta em 10 de Julho deste anno de 1551. E assi foy Embayxador com o Emperador pouco mais de três annos, isto he, de 11 de Junho de 1548 até Julho de 1551. — IV. L. 1.º

Por carta do dito, de 23 de Setembro do dito anno de 1551, consta chegar a Touro em Espanha a 19 do dito com terçans, e aly achou o Principe Dom Felipe e a Princeza Dona Joana; e mostra ficar ali pera tratar de sua vinda da Princesa a casar; e deste dia até fim do anno de 1552 ficou com a Princeza Dona Joana, servindo-a com titulo de Embayxador, e elle a recebeo em nome do Principe Dom João por procuração sua. Consta que estava em Roma Embayxador o Commendador-mór, e em França era agente, e quasi como Embayxador, hum Braz d'Alvide, de quem Lourenço Pires dá muyto boa informação. — IV. L. 1.º

Por carta de 15 de Novembro trata da hida da Princeza aver de ser em Fevereyro de 1552, e que levaria por Camareyra-mór Dona Isabel de Quinhones, pessoa de grandes partes e rica de fazenda, e de muyto gosto da Princesa e de seu pay e hirmão. Avisa que huma Dona Isabel Ozorio se tinha metido em cabeça hir por dama com a Princeza, mas que já a tinha desenganado por mêos incubertos &c. Neste ponto estava já a guerra muy rota com França, e ElRey Dom João mandava com instancia ao Papa, Emperador, e Rey francez dessem paz á christandade; zelo que o Principe Dom Felipe muyto gabou, dando-lhe delle conta Lourenço Pires. — IV. L. 1.º

Por carta de 23 de Dezembro de 1551, de Sua Alteza pera Lourenço Pires, consta que ElRey de França lhe respondeo ás amoestações que lhe fazia sobre a paz entre elle e o Emperador e o Pontifice: *« que elle seria contente que, achando Sua Alteza meyo pera antre o Emperador e o Papa e elle se fazer esta paz, ainda que de seu interesse perdesse boa parte, não faltaria a bem tão universal, e o acharião sempre tão arrazoado, como convinha a tal negocio. »* Pollo que Sua Alteza diz que logo despachou esta carta, pera o Emperador ser avisado, e não faltar de sua parte nelle. — IV. L. 3.º

Em 28 de Dezembro de 1551 chegarão poderes do Principe Dom João pera o Embayxador receber em seu nome a Senhora Princeza Dona Joana, o qual recebimento se vêo a fazer aos onze de Janeyro de 1552. E succedeo da maneira que adiante se verá. — IV. L. 1.º

Vay a Lisboa o Secretario da Raínha de França. Entende Lourenço Pires, e avisa que he a tratar casamento da Iffante Dona Maria com o Arqueduque Fernando, o que diz que não convêm, e que se pode responder a isso com esperanças de casamento com o Principe Dom Felipe. — IV. L. 1.º

Relação de naos que se perderão no caminho da India.

Vindo da India com carga.

Santa Caterina de Monte Sinay, Capitão Dom Luys de Menezes.

São Jorze, Capitão Dom Duarte de Menezes seu hirmão.

A Conceição, que se fez na India, Capitão João de Mello da Silva.

A nao Parayso, que se perdeo no cachopo, Capitão Diogo de Mello.

Duas naos que se fizerão pera a China, e por estar de guerra tornarão com carga de pimenta e drogas, Capitães, de huma Manoel Botelho, da outra João de Sousa, hirmão de Balthezar Lobo. (Estas se perderão na vinda, anno de 1532.)

A nao S. Miguel, de Duarte Tristão.

A nao Galega em que vinha Pero Lopes de Sousa.

Hindo pera a India.

A nao Barbosa, Capitão Francisco de Brito.

O Corpo Santo, Capitão Felipe de Crasto.

S. Vicente, que se perdeo ao sahir da barra no cachopo, Capitão Francisco d'Anhaya.

Santo Antonio, Capitão Manoel de Lacerda.

A nao Bastrayna, Capitão Aleixo d'Abreu.

Frol da Rosa, Capitão Nuno da Cunha.

Santo Antonio, Capitão Bernaldim da Sylveyra.

A nao Galega, Capitão outro Bernaldim da Sylveyra.

A nao Bom Jesu, Capitão Dom Francisco de Noronha.

A nao Santiago, Capitão Martim Afonso de Sousa, Governador da India, partido em 1542.

A nao Grifo, Capitão Lopo Ferreyra.

Estas nove naos parece que huma por outra valerião 250$ cruzados: fazem soma de 2 contos 250$ cruzados.

Mais se perdeo a nao Santo Sprito de armadores, junto a Moçambique: valeria a carga duzentos mil cruzados; no anno 1542.

E tres que se perderão da India pera Ormuz.

Avaliadas as dez em 50$ cruzados cada huma e as tres juntas em 50$ cruzados, valem todas treze 550$ cruzados.

Mais naos que se perderão hindo pera a India até o anno de 1551.

A nao Santa Maria da Graça, Capitão Simão de Mello: era de armadores: perdeo-se em Melinde anno de 1544. Valia o cabedal ... 21$300 cr.

A nao Salvador dos Burgaleses, Capitão João Figueira de Barros: perdeo-se no anno de 1549 á vista de Moçambique. Valia o cabedal ... 18$700 cr.

A nao São Thomé dos Burgaleses, Capitão Dom Pedro da Sylva: perdeo-se em Angoxa anno de 1547. Valia o cabedal ... 12$150 cr.

Naos que se perderão indo pera Frandes com carga de especearia.

A Espera no anno de 1522; Capitão-mor Pedro Afonso de Aguiar.

A nao de Aveiro, de que era Capitão João Jorze: e Capitão-mor Simão Guedes.

Outra nao da armada, de que era Capitão-mor Antrique de Menesea.

A Urca Lyão.

São Bento, Capitão-mor Pero Lopes de Sampayo.

Poderia valer a carga destas sinco naos ... São 62$150 cr.

Transporte . . . 52$150 cr.

huma por outra a sessenta mil cruzados, que somão todas cinco . . . . . . 300$000 cr.

As vindas da India . . . . 1 contos 450$000

As que hião pera a India . . . . . 550$000

3 contos 352$150 cr.

Somão estas perdas assi juntas até o anno de 1551 tres contos trezentos e sincoenta e dous mil cento e sincoenta cruzados. — III. L. 1.º

1552.

Carta de 16 de Janeyro de Toro, diz a carta de Lourenço Pires o seguinte — O modo do recebimento foy mandar o Principe ao Condestable e ao Duque de Najara me levassem ao Paço, e elle me esperou com a senhora Princeza em huma sala com os mais grandes que aqui estavão, por acudirem elles e outras muytas pessoas principays a novo do recebimento. Levantou-se em pé tanto que entrey pola casa, e sahio fora do estrado sinco ou seis passos, a receber-me e trazer-me onde estava sua hirmã: E alli se fez logo o auto pollo Bispo de Osma conforme ás constituições deste Reyno, como se verá pollo estormento de fé que pedi e com esta mando. (Este Bispo de Osma devia ser Dom [illegible] da Costa portuguez). Despois de acabado o recebimento, se assentarão e se começou o sarao, em que dançarão todos os grandes por velhos que fossem, e vierão vestidos de cores. E assi dançou a senhora Princeza com huma dama, por seu hirmão se não atrever a danças baixas polas circunstancias desta dança. A senhora Princeza se vestio muyto galante e custosa pera este dia, e isso tambem deteve a não ser o negocio antes. Ao outro dia ouve huma justa que Ruy Gomez da Sylva ordenou e manteve, porque no que elle podia quiz mostrar a obrigação que tinha de se aventajar dos outros neste contentamento. Entrou o Principe por aventureyro, e despois de correr suas carreiras, ajudou a manter a Ruy Gomez com alguns dos outros da sua quadrilha, e na noyte ouve grão sarao: e nel-

le vêo o Principe em mascara com doze companheiros. Ao sabbado seguinte ouve tornêo, e logo a domingo justa de bandas partidas. E logo pollo primeyro correo foy poder da senhora Princeza a Lopo Furtado pera receber em seu nome ao Principe. — Nesta carta pede Lourenço Pires a ElRey lhe dê licença pera que dos seis pagens que a Princeza quer levar de Castella pera a servirem, seja hum delles hum sobrinho seu. (Este devia ser Dom Christovão de Moura: e concedeolhe Sua Alteza a licença por carta de 31 do mez de Janeyro de 1552. Não consta destas cartas a contia do dote. Deve estar na Torre do Tombo.) — IV. L. 1.º

Diogo Velho e Francisco Luys Neto com cada hum seu navio andarão d'armada na costa de Arguim, pera evitarem os resgastes que nella fazião os homens das Canarias. Neste anno acharão dous navios de Canarios com que pelejarão, e lhe tomarão hum que era caravella. He carta feita em 28 de Fevereyro de 1552. E ficavão na costa esperando a nao se tornava até se lhe gastarem os mantimentos, e procurando aver ás mãos o Capitão e huns sete ou oyto homens com que tinha sahido a fazer resgate. Sobre este caso escreve Sua Alteza a Lourenço Pires em 30 d'Abril do dito anno que faça queixa ao Principe Dom Felipe, pera que sejão castigados os quebrantadores deste commercio. — IV. L. 2.º

Por carta de Touro de 9 de Março avisa a Sua Alteza que era chegado a 23 de Fevereyro Dom João de Meneses, que vêo de sua parte a visitar a senhora Princeza e o Principe Dom Felipe. Avisa que fora despachado primeyro Ayres de Sousa, e despois chegou Garcia de Mello: forão tres a visitar. E o Principe Dom Felipe os fez deter pera dar a cada hum duas cadeas, cada huma de quinhentos mil reis: huma em seu nome e outra da senhora Princeza; e diz que a detença fora causada de se não achar tanto ouro por Madrid, Valhadolid, e Medina. As cadeas que o Principe Dom Felipe dá por sua parte presentou Luys Vanegas; as que dá a Princeza presentou Gaspar de Teyves. (Tres visitadores, hum por ElRey, que foy Dom Pedro de Meneses de Sequeyra; outro polla Raynha; terceyro pollo Principe Dom João, que foy Ayres de Sousa seu porteiro-mor do Principe. Isto parece, as cartas não o declarão. Ayres de Sousa foy o pri-

meyro despachado em Touro; Dom João apoz elle, mas chegou primeyro; Garcia de Mello foy o ultimo. Dom João foy de parte delRey á senhora Princeza, Ayres de Sousa do Principe, e partio de Touro em 9 de Março: Dom João em 12, Garcia de Mello em 15: parece que foy da Raynha). — IV. L. 1.º

Carta notavel do Principe tirada d'entre oyto ou nove, todas muy bem escritas. Diz assi: — «Lourenço Pires amigo, eu o Principe vos invio muyto saudar. Por como tomo vosso conselho no despacho deste correo, vereis tambem se aceitey vossos offerecimentos. O effeito dos quais quero eu ver, se começays a comprir na brevidade da Princeza o despachar. Ainda que levando-lhe o meu retrato, não sey o que deseje de sua tornada; e pois que eu consinti que o levasse somente polla servir, seja a satisfação disso parecer-lhe que o fiz por esta razão. E nól seu que me mandastes vejo quantas tenho pera isto assi ser. Se o meu lá for mal julgado, acodi pollo que me tocar, que eu confesso que isto somente me devem julgar bem dezejar tudo pera mais contentamento da Princeza. Encomendo-vos muyto que me escrevays de sua disposição muytas novas, e assi quando vos parecer que ella poderá partir de lá. E nisto somente quererey que me enganeys. Escrita em Lisboa a 26 dias do mez de Março de 1552. — Principe. — IV. L. 13.º

Carta notavel do Emperador, feita em Insprüch a 10 d'Abril de 1552, em que ha huma clausula que diz assi formalmente: — «Y lo primero será dizir que he visto «y entendido lo que de nuevo particularmente apuntays «acerca de la misma materia, y el fundamento que os ha «movido a ello, que fue lo que el Licenciado Bras de «Alvide os escrivio advirtiendo-os que El Rey de Fran«cia le avia dicho que de su parte os diese a entender «quanto deseava se hallasse medio pera que entre Su «Señoria e yo y el se hiziesse esta paz, aunque viniesse «a perder de su interesse por el bien universal, y cierto «yo conosco que vuestro proposito es digno de Principe «que tiene mas respecto a las cosas de Dios, que a las «suyas particulares; pues os ha parecido, como escrivis, «dissimular los daños que los subditos del dicho Rey han «hecho y hazen a los vuestros, y aun a vuestra propria ha«zienda especialmente, pudiendo dar orden en alguna ma-

«nera que se escusassen por la forma que al principio dó
«la guerra se os acordó. Pero ya por las obras tereys en-
«tendido los fines del dicho Rey, porque agora ultima-
«mente ha tratado en Alemania liga com el Duque Mau-
«ricio, Marquez Alberto y otros Principes.» — I. L. 2.º

Por carta de 13 d'Abril de 1552 avisa Sua Alteza a Lourenço Pires de como está resoluto em que suas armadas se juntem com as do Emperador pera se valerem contra os navios de França; porem em defensão sómente, e com certos resguardos, de que se fez hum particular papel que foy com dita carta: e hum delles he que quando o Emperador fizer pazes com França tenha cuydado de das seu lugar a Sua Alteza. — E ajunta que lhe hão de fazer despesa as armadas de ilhas e costa em cada hum anno oyto contos. — IV. L. 3.º

Por carta de 26 d'Abril 1552 de Lourenço Pires parece que passava Antonio de Saldanha a França, e que hia a Lisbôa visitar os Reys, de parte do Principe de Castella, Dom Fadrique Anriques marido de Dona Guimar de Vilhena, que partio a isso de Touro em 10 de Maio. — IV. L. 1.º

Por carta de 6 de Mayo consta que hindo-se Dom Alvaro de Tayde filho de Dom Afonso de Tayde pera fóra do Reyno e do serviço delRey Dom João, escreveo Sua Alteza a Lourenço Pires, que o não deixasse passar, e fizesse que tornasse a seu serviço, tirando-o do proposito que levava. São palavras da carta. — «Mandamento he este de
«Vossa Alteza pelo qual seus vassallos lhe devião beijar a
«mão, por ser esta mostra de amor que lhes tem, e conta
«com todos, e a mais assinalada mercê que se póde fazer.
«Bem se vê que com este tratamento os obriga a muyto,
«e que conhecem que em todos os Reynos só os Portugue-
«zes tem Rey e pay em Vossa Alteza.» — (Lopo Furtal-
«do era neste tempo Embayxador de Castella em Lisboa;
— Em Roma era Embayxador de Portugal o Commenda-
dor-mor). — IV. L. 1.º

Avisa Sua Alteza por carta de 17 d'Agosto de 552 a Lourenço Pires que tem feito contrato pera pagar suas dividas aplicando todo o dinheyro que delle proceder ao tal pagamento: e declara que a divida passa de tres contos d'ouro, e os interesses passão de trezentos mil cruzados por anno. — E pera isto poder ser diz que na vinda

da Princeza não quer fazer gastos extraordinarios. — IV. L. 3.º

Por carta de Braz d'Alvide, que em França fazia os negocios de Sua Alteza, de 25 d'Agosto de 1562, faz relação a ElRey de muytos navios nossos tomados por francezes cossarios, sem embargo das pazes e amizades, e os marinheyros e passageiros postos a resgate: entre os quays soube em 7 do dito Agosto que fora tomada huma nao de Sua Alteza d'açucares de San Thomé e trazida a Honflor. E mandando hum criado com procuração e papeis pera se embargar todo o açucar, saltarão os mesmos francezes com dito criado e lhe derão tantas feridas, que morreo ao terceyro dia. Despois alagarão o navio no porto, e comtudo estavão ainda em ser mil caixas d'açucar, que fazia diligencia por se levarem a Ruão. Queixa-se mais de huma carta de marca passada contra Portuguezes, da qual diz que sendo mostrada ao Condestabre, respondera meo corrido: e a desculpa que dera fora que alguma gente metia papeis a assinar a ElRey, e que sem o advirtir assinára esta carta, e que ElRey já tratava de castigar o guarda dos sellos. Dá conta que os do Conselho delRey de França se lhe queixavão que as armadas portuguezas nas Ilhas dos Açores tinhão tomado huma nao de francezes. Avisa mais que hum Simão Pires piloto portuguez, que tinha molher e filhos em Lisboa, era lançado nas partes do norte, e fora á Mina, e resgatara trinta marcos d'ouro, e trazia dezoyto toneladas de malagueta, e dera com o navio em Inglaterra. Mais avisa que no mesmo tempo erão chegados a Avre de Graça em França dous navios com boa carga de Malagueta, mas sem ouro. — IX.

Por carta de 3 de Oytubro, de Touro, de 1562, avisa Lourenço Pires, que vay com titulo de dama Dona Isabel Pinheyra, por ser prima com hirmã de Dona Lyanor Mascarenhas; mas que tem lançado toucas, e que não ha de servir mais que d'estar recolhida nesta casa. E consta polla mesma estar ordenado que Luys Sarmento vá servindo de mestre sala á senhora Princeza, até chegar onde encontrar a ElRey, e então ficará por Embayxador em lugar de Lopo Furtado. Polla mesma consta que se deu cargo a Gaspar de Teyves de toda a fazenda e recamaro da Princeza. — IV. L. 1.º

Carta notavel do Principe, para se poder lançar na

Cronica. Diz assi: — Lourenço Pires de Tavora, amigo, eu o Principe vos invio muyto saudar. Vi a carta que me escrevestes, e todos vossos conselhos não posso deixar de louvar muyto; porque, alem de serem conformes ao que dezejo, são os proprios que tomaria pera o que quiseria. Mas quem por tantas razões deve ser tão obediente á vontade delRey meu senhor, quanto mais queria fazer o que dezejo, tanto mayor contentamento levo em antepor a isso a obediencia que devo a Sua Alteza. E em tal conta tenho a Princeza, que sabendo ella isto de my, então confio que a contentarey mais, comprindo inteiramente com isto, que com o que eu posso dezejar nesta parte. Pelo que, conformando-me com este meu proposito, que com a ajuda de Nosso Senhor espero sempre seguir em tudo, farey nesta materia o que me Sua Alteza mandar, que será o de que Sua Alteza será mais servido, e a Princeza mays contente, a qual queria que fosse já partida; porque, ou pollo passado, ou pollo que dezejo, não se me podem deixar de apresentar os receyos que sempre ha em esperanças e em dezejos. Mas eu confio de vós, que trabalhareys de mos tirar, com me escreverdes por este correo que he já a Princeza partida. Escrita em Lisboa a 14 de Oytubro de 1552. Principe. — IV. L. 3.

Consta por carta de Lourenço Pires, de 20 de Oytubro, partir a Princeza no mesmo dia pera Portugal, hindo primeiro a Tordesilhas tomar a benção da Rainha sua avó; e que irião no acompanhamento pouco menos de mil azémalas. — IV. L. 1.

Por carta de Salamanca, em 28 de Oytubro, dá conta Lourenço Pires como lhe quiz preceder o Marquez de Vilhena, e elle o não consintio, e em fim ficou precedendo Lourenço Pires, e o Marquez levou pouco appparato. — IV. L. 1.

De Salamanca foy a Princeza a Plazença: avisa Lourenço Pires por carta de 3. de Novembro da dita cidade, que Luys Sarmento e Gaspar de Teyves poserão sempre a Princeza nas tavoas, inda que estivesse Grandes presentes: o dito Gaspar de Teyves levava sempre de redea a Princeza na entrada e sahida dos lugares. Chegou a Alcantara em 9 de Novembro, e ahi descançou hum dia. Levava doze damas. Dali foy a Albuquerque, e dahi a Badajoz. — IV. L. 1.

Por carta delRey, foy a ordem que deu pera a entrega da Princesa a seguinte: — « O Duque d'Aveyro, tanto que chegar á vista da Princeza, se decerá em espaço conveniente, pera que a pé lhe possa hir beijar a mão. E a Princeza, despois delle decido, lhe mandará dizer por hum seu page que ahi estará a pé, que se ponha a cavallo, e o dito Duque lhe hirá, assi a cavallo, a beijar a mão. E despois de o fazer, se apartará da Princeza hum pouco a huma ilharga, ficando porêm mais diante della que na ilharga; e a Princeza lhe mandará cobrir a cabeça, e no dito lugar estará té o tempo em que o Duque de Escalona ouver de fazer o auto da entrega. E ao tempo do Duque d'Aveyro dizer que, pollo poder que tem meu e do Principe pera receber a Princeza, tomará os ditos poderes da mão de hum seu Secretario, e os mostrará; e despois os tornará ao dito seu Secretario, pera os elle dar ao Notario; o qual Notario os ha de ler em publico, como se requer, e polla lembrança que traz do modo que se ha de ter na dita entrega. E acabando o Duque d'Aveyro de falar, e dando os poderes pera se verem, o mandará a Princeza cobrir. E feita a dita entrega ao tempo do Duque de Escalona aver de dar a redea ao Duque, vós, Lourenço Pires, vós arredareys do lugar da ilharga da Princesa, pera o Duque d'Aveyro ficar, despois da redea tomada, no dito vosso lugar. E despedido o Duque de Escalona da Princesa, vos passareis vós ao lugar em que estava o dito Escalona; e feito isto abalará a Princesa, e começará a caminhar. » — Da mesma carta de 13 de Novembro de 1552 ordena e manda Sua Alteza que despois da entrega não tomem mais nas redeas a Princeza Gaspar de Teyve e Luys Sarmento, senão os hirmãos do Duque d'Aveyro; e diz que não manda que as tome o Duque, por não ser costume de Embayxadores. Ordena que a Princesa mande cubrir primeyro o Bispo de Osma, que vem com ella, que o de Coimbra, por ser o de Osma mais antigo na sagração; e ambos primeyro que aos hirmãos do Duque de Aveyro. Declara mais Sua Alteza, que o Duque d'Aveyro deverá beijar a mão á Princesa a cavallo, tanto pollo antigo costume destes Reynos, como por ser cousa fora de razão e não usada beijarem os Embayxadores a mão a pé. E o Duque levava titulo de Embayxador de Sua Alteza. Declara mais Sua Alteza que o Du-

que d'Aveyro, por levar titulo de Embayxador ha de preceder a Lourenço Pires. Declara mais Sua Alteza que o Bispo de Coymbra, e os clerigos beijem a mão a cavallo, que assi o fazem com elle, e com a Rainha. He de saber que sem embargo da Instrucção delRey ao Duque d'Aveyro lhe ordenar que beijasse a mão a cavallo, o de Escalona trazia em contrario do Principe Dom Felipe, que lhe mandava que não beijasse a mão senão a pé; e por isso ouve muyta altercação, até que Lourenço Pires fez com o de Aveyro que sahisse da sua Instrucção, e beijasse a mão a pé, como fez: e com isso cessou toda a duvida, inda que o de Escalona se queixou, despois que vio chegar o Bispo de Coymbra e alguns clerigos, e beijarem a mão á Princeza a cavallo. — IV. L. 1.º

Em quinta feira 25 de Novembro entrou a Princeza em Elvas. Na ribeira do Caya, segundo costume, foy a entrega: apeando-se o Duque de Aveyro, se apeou juntamente Lourenço Pires; e foy o Duque a beijar a mão á Princeza a pé, e ella lhe mandou rogar por hum pagem, que já estava pera isso apeado, que subisse á cavallo, mas elle não subio senão despois de lhe beijar a mão a pé; e Luys Vanegas bradou alto, que trouxessem o cavallo ao Duque. O Duque d'Escalona fez a entrega a cavallo, e despois se apeou tambem, e foy beijar a mão á Princesa, e despedio-se della a pé, com quanto lhe mandou afincadamente que subisse a cavallo. E desta maneyra feita a entrega ao Duque de Aveyro, chegou o Bispo de Coymbra, e a cavallo lhe beijou a mão; e o mesmo fizerão alguns clerigos honrados, seguindo a ordem delRey. Consta tudo por carta de Lourenço Pires, feita despois de estarem em Elvas, pera ElRey Dom João. De Elvas partio Lourenço Pires com a Senhora Princeza, com titulo de Embayxador, até a entregar no Barreyro a ElRey Dom João, e com ella entrou em Lisboa em 5 de Dezembro de 1552. — IV. L. 1.º

Parece por carta de Dom João, de 17 de . . . ? 1552 que era hido por successor de Lourenço Pires ao Emperador a Alemanha Antonio de Saldanha no mesmo anno. No mesmo anno hia por Embayxador a Monção ao Principe Dom Felipe, Francisco Botelho; mas não lhe dá ElRey tal titulo. — IV. L. 2.º

1553.

Alvará a Dom João de Meneses de tresentos mil réis de tença até ser provido na Ordem d'Avis, pollos serviços de Capitão de Tangere, e guerra que fez aos mouros. He feito a 26 de Junho de 1553. — XIII. L. 1.º

Partio Lourenço Pires por Embayxador a Inglaterra em 21 de Setembro de 1553, e tornou pera sua casa em 18 de Janeiro de 554. Consta por carta sua de Brussellas de 21 de Novembro de 1553, que a instrucção que levava era visitar somente a Rainha de Inglaterra, e, achando occasião commoda, propor-lhe o casamento do Iffante Dom Luys; mas que o faria pollos mêos e termos que ao Emperador bem parecesse. Consta polla mesma carta que o Emperador quiz o negocio pera o Principe seu filho por seus particulares interesses, alegando que a Rainha á elle só queria, porque avia mister braço poderoso, que fosse temido dos Ingreses: e no mesmo ponto largou a pratica de o casar com a Senhora Iffante Dona Maria, que estava como feito, dando por rezão a impossibilidade em que ElRey Dom João estava pera lhe fazer hum dote tão fermoso que pudesse livrar a elle Emperador de suas grandes dividas. (Antonio de Saldanha andava com o Emperador por Embayxador de Portugal). — IV. L. 1.º

Por carta de 11 de Dezembro, escrita em Londres, avisa que visitou a Rainha em 7 do presente, e esperava sua reposta, e sahir-se logo pera Portugal polla via de França. — IV. L. 1.º

Carta da Princeza Dona Joana pera Antonio de Saldanha, em que lhe manda visite o Duque de Saboya da morte de seu pay: he feita em Dezembro de 1553. E manda-lhe que de sua mão lhe dê huma carta. He de saber donde residia ou fazia embayxada Antonio de Saldanha. — XIII. L. 1.º

Carta do Principe, por elle assinada, escrita em dezembro de 1553, pera Antonio de Saldanha visitar o Duque de Saboya da morte de seu pay. — XIII. L. 1.º

Devassas gerays, e taxas gerays no anno de 553, não assinadas (?) pollo Conde (da Castanheyra). — III. L. 1.º

1554.

Terceira viagem de Bernaldim de Tavora. No anno de 554 hia Bernaldim pera Alemanha, e era já do conselho, e reposteyro-mór: escreve-lhe ElRey em 22 de Janeiro do dito anno, que dê novas ao Emperador de ser nacido ElRey Dom Sebastião, sabbado aos 20 do dito mez, ás oito e mêa da manham. E manda-lhe que, se em Castella, na corte do Principe Dom Felipe, o tomar dita carta, lhe dê tambem esta nova. — VII.

Cartas delRey, de Fevereiro de 1554, em que aceita pesames da morte do Principe Dom João, e parabens do nacimento do Principe Dom Sebastião. — IX.

Em Fevereyro de 1554 era Embayxador em Roma o Commendador-mór: consta por carta delRey pera hum Cardeal. — XIII. L. 1.º

Carta a Jeronimo de Mello, Alcayde-mór de Crastomarim, pera que resida na dita villa, por novas que ha de se concertarem o Xarife e ElRey de Argel em nosso dano; exercite a gente com cuydado e vigia, e a tempo: regimento que lhe manda em 18 de Março de 1554. — XIII. L. 1.º

Provimento do bispado de Santiago do Cabo Verde, em Dom Francisco: consta de carta delRey de 21 de Março de 1554 pera o Cabido e Conegos. — XIII. L. 1.º

Portaria de Ayres Pires Cabral, pera se fazer provisão ao Licenciado Simão Cabral, seu filho, pera hir servindo de Almotacé-mór á Princeza na sua ida: passada a Portaria em 21 d'Abril de 1554. — XIII. L. 1.º

Carta delRey pera Estevão da Gama acompanhar a Princeza até a Raya, que diz ha de partir de Lisboa a 16 de Mayo de 1554. — XIII. L. 1.º

Carta de Setembro de 1554 em resposta da que o Padre Santo (?) escreveo a ElRey sobre a morte do Principe Dom João. — XIII. L. 1.º

Consta que neste anno de 554, e por Outubro estava em Roma o Commendador-mór da Ordem de Christo. — XIII. L. 1.º

Em 26 de Outubro de 1554 chama Visorey a Dom João de Crasto, em hum alvará de mercê que faz a Dom Jeronimo de Castro, por casar com a filha do dito Visorey: o nome della Dona Lyanor de Castro. O Alva-

rá passado em Lisboa por Pantalião Rebello. — XIII. L. 1.º

Nò anno de 1554 muytas cartas consolatorias de partes differentes a ElRey e á Rainha, por morte do Principe Dom João. — XIII. L 1.º

Parecem cartas de Nuno Rodriguez Barreto do Algarve, e de Dom João de Castello Branco. Fazião alardos por ordem delRey; e Nuno Rodrigues pede arcabuzes. Anno de 1554. — XIII. L. 1.º

Carta de ver pera Dom Duarte da Costa, Governador do Brasil: manda vir presos em ferros Luys de Goes e João Rodrigues Pessanha, por cousas mal feitas: e reprende o filho de Dom Duarte por complice nellas: avisa-o que se emende, e, não no fazendo, averá por culpas do pay as do filho, que por respeito do officio do pay não castigava por então. — XIII. L. I.º

No anno de 1554 erão Capitães nos lugares do Algarve os seguintes:

Lagos, Diogo da Silva.
Alvor, ...
Villa Nova, Dom João de Castelbranco.
Sylves, Ruy Pereyra.
Albofeira, Dom João de Meneses.
Loulé, Gonçalo Nunes Barreto.
Tavila, Bernardo Corte Real.
Farão, Nuno Rodrigues Barreto.
Cacela, Dom Simão de Meneses.
Santo Antonio, Antonio Leyte (ou o filho).
Crasto Marim, Jeronimo de Mello.

Armada que se fez prestes logo pera a Costa do Algarve.

Quatro galés, Capitão-mór de todas, e de huma, Dom Pedro da Cunha.
Dom Vasco, seu hirmão, Capitão d'outra.
Dom Nuno da Cunha.
Diogo Vaz da Veyga.
Em hum navio d'alto bordo Lopo Pinto. — XIII. L. 1.º

Carta a Dom Pedro da Cunha, de graças e parabens

de tres navios de remo de turcos que tomou, sem embargo de ser com mortes e perda de gente. — Esta deve ser a vitoria de Xaramete; e pollo que ElRey diz dos Capitães de sua companhia parece que sucedeo no mesmo verão de 1554. — XIII. L. 1.º

1555.

Partio Manoel de Mello por Embayxador delRey Dom João 3.º pera a corte do Emperador em principios de Março de 1555 pera residir nella: a instrucção lhe foy dada em 30 de Março do dito anno. Consta da instrucção que estava por Embayxador em Castella Dom Duarte d'Almeyda; porque lhe manda que por seu mêo visite a Princeza Dona Joana. Manda-lhe que trate por via do Secretario Erasso, e que dê os parabens ao Emperador do casamento delRey Dom Felipe com a Ingreza e dos bens da redução daquelle Reyno á Igreja. Manda-lhe que trate com elle o negocio que de fresco se offerecia de Africa, que era o Xarife desbaratado por ElRey de Belez, com o favor e ajuda delRey d'Argel, mandar dizer a ElRey Dom João por via do Capitão de Mazagão que se o quizesse ajudar com numero de doze mil homens, daria pera segurança delles todos os arrefens que lhe parecessem, e todos os mantimentos necessarios. ElRey Dom João tendo consideração a que ficando os Mouros ou conquistados ou amigos do Turco, se poderia seguir virem as armadas turquescas valer-se dos portos de Africa, em grande prejuizo de toda Espanha, deyxou-se entender que acudiria com esta gente ou parte della: mas que compria que o Mouro lhe largasse a elle e ao Emperador todos os portos de mar que cabião na demarcação de cada hum. — Sucedendo despois alcansar o Xarife huma vitoria delRey de Belez, animado com ella, respondeo que os portos não daria nunca, mas que dando-se-lhe até sete mil homens, daria todas as seguranças de arrefens pera a gente e seus mantimentos. ElRey replicou que nomeasse os arrefens, e que estivesse advirtido que avia de pagar as despezas e soldo da gente, e que entre tanto avia de dar conta a elle Emperador. — E neste estado estavão as cousas, ao tempo que se ordenou esta embayxada. — Manda-lhe que visite a Raynha de França que chama

minha senhora madre. Advertencia: que pedindo-se que faça algum acto em nome de Sua Altesa de qualquer calidade que seja, terá cuydado de dizer que pera tal não tem poder, nem o fará sem que leve cifra pera as cousas secretas: que avise de tudo o que achar que o deve fazer em publico e em particular: que saiba os fundamentos da vinda de Dom João de Mendoça, que a Raynha de França inviou a Sua Alteza, e juntamente da vinda de hum criado da Iffante Dona Maria, que chamavão João de Torres, que viera em posta, e agora tornava com á mesma diligencia. — XI. L. 1.º

Por carta de 25 de Mayo de 555 manda ElRey visitar ElRey de Romanos Dom Fernando e a seus filhos, da morte da Raynha Dona Lyanor sua hirmã, que foy molher delRey Dom Manoel. — Com carta a Jeronimo de Mello filho de Manoel de Mello, que com elle residia em Brussellas de Frandes. — XI. L. 2.º

Por carta delRey a Manoel de Mello consta estar por Capitão de Ceita Martim Correa da Sylva: carta feita em Lisboa 27 de Junho 1555. — XI. L. 2.º

Por carta de 19 d'Agosto de 1555 delRey a Manoel de Mello, consta que no dito anno tinhão chegado tres naos e tres zavras de Ingreses de resgatar na costa da Mina muyto ouro e muyto marfim. — E sendo Embayxador de Portugal em Inglaterra cerca da pessoa delRey Dom Felipe, Rey então della, Diogo Lopez de Sousa, mandou ElRey Dom João João Rodrigues Correa a Londres pedir restituição dos ditos resgates. — XI. L. 2.º

Consta por narrativa de hum alvará delRey Dom Sebastião que ElRey Dom João seu avô mandou entregar aos padres da Companhia o edificio, casas e assento do collegio das artes, que tinha mandado fazer na cidade de Coymbra, e lhes foy entregue no mez de Setembro de 1555 por Bertolameu da Costa Contador de sua casa. — XIII. L. 4.º

Por carta de 15 de Dezembro de 1555 consta falecer o Iffante Dom Luys de humas terçans a.... Carta delRey feita em Lisboa. — XI. L. 2.º

Por carta delRey de 18 de Dezembro de 1555 consta que fazia os negocios delRey em França Gaspar de Figueiredo: e consta que em França se fazião apertados exames em todos os corrêos por colher cartas do Empera-

dor, e se queixava muyto ElRey de França das que hyão debaixo de cuberta de Sua Alteza. — XI. L. 2.º

Carta da Raynha Maria de Inglaterra, estando casada com ElRey Dom Felipe, feita em Londres a 18 de Dezembro 1555, em que responde a huma delRey de 19 d'Agosto, em que diz que mandou atalhar a navegação que alguns seus vassallos querião fazer á Mina, e fez que desembarcassem as fazendas que tinhão que servião pera a Mina, e as mais vendessem onde e como podessem: e por razão dos gastos que tinhão feito, ElRey Dom Felipe tinha tomado sobre si fazer-lhes recompensa conveniente. — E porque ElRey Dom João pedia que se lhe restituisse o que tinhão tomado na Mina outros mercadores, e queria tambem que lhe fossem entregues as pessoas de alguns Portuguezes que acompanhavão aos tays mercadores, responde que nos bens tomados se mandará fazer justiça; e quanto ás pessoas dos Portuguezes affirma que huns erão mortos, outros ausentados. — I. L. 2.º

Consta por hum papel que anda neste livro, que renunciou o Emperador seus Estados em Dom Felipe seu filho a 26 de Oytubro 1555, sendo Rey de Inglaterra. — XI. L. 1.º

1556.

Treslado de carta delRey de França, feita em Fonte Nables 16 de Fevereyro 1556, pera Honorato seu Embayxador em Lisboa, polla qual o avisa que mandou soltar João Cira e seus criados que tinha reteudos em Ruão: e pede que em Portugal se faça a mesma justiça a seus subditos: consta polla mesma carta ser morto de fresco o Iffante Dom Luys. — VIII.

Por carta delRey de 30 de Março de 1556 consta que estando outros navios armados pera tornarem á Mina, mandou ElRey de Inglaterra Dom Felipe que se desarmassem: e ElRey Dom João mandou tomar e pagar as mercadorias que servião pera a Mina: os armadores querião que se lhes pagassem tambem as perdas e danos e despesas de sua armada, a que ElRey Dom João não quiz deferir. — XI. L. 2.º

Consta de carta delRey de 30 de Março de 1556, que manda vir Diogo Lopes de Sousa, que era Embayxador na corte do Emperador, vista a renunciação que

tinha feito dos Estados, e ha por bem que fique Manoel de Mello por Embayxador com ElRey Dom Felipe. — XI. L. 2.º

Consta mais que por Abril de 556 residia Manoel de Mello na corte delRey Dom Felipe em Castella por Embayxador ordinario. — Neste mesmo tempo tinha ElRey Felipe mandado publicar por ley rigorosa que não ouvesse cambios de Castella pera nenhum lugar de Portugal, nem Aragão, nem Catalunha e Valença. Mandou despachar Francisco Pessoa com cartas pera ElRey e Ruy Gomez da Sylva, e que elle e Manoel de Mello requeressem que a tal provisão se annullasse, ou ao menos se não entendesse nos cambios pera Sua Alteza, ou que por sua ordem se fizessem. — XI. L. 1.º

Por carta delRey a Manoel de Mello de 16 de Junho de 1556 consta que no dito anno fez o Emperador a renunciação dos Estados em seu filho ElRey Dom Felipe, que então o era de Napoles e Inglaterra: e polla dita carta lhe dá ElRey os parabens e consolação a pay e filho. — XI. L. 2.º

Carta notavel do Emperador despois que renunciou os Estados, escrita em Brusselas em 21 de Julho de 1556, em que ha huma clausula que diz assi. — « A lo que agora Vossa Alteza me escrive cerca desto, no tengo que responder sino que yo lo vine a hazer por muchas y sufficientes causas, y especialmente pareciendo-me que no cumplia con lo que era obligado a la dignidad y cargo en que Dios me puso, por mis indisposiciones de que no tenia pequeño escrupulo, y con confiança que ElRey my hijo, de cuja bondad tengo tan larga experiencia &c. » — (Era Embayxador Manoel de Mello Coutinho). — I. L. 2.º

Por carta que escreve a Princeza, como em nome delRey, em 17 d'Agosto de 1556, consta que estava cercado Orão: e que ElRey Dom João tinha mandado que as galés e caravellas d'armada de Portugal que estavão junto de Calis, fossem a Malaga juntar-se com a armada que hia ao socorro. — Assi o avia dito, de parte delRey, Dom Duarte d'Almeyda nosso Embayxador em Valhedolid: e Luys Sarmiento Embayxador de Castella em Lisboa. Entende-se que não forão: porque os Mouros levantarão a tempo, que em 8 de Setembro o avisa a Princeza a ElRey. — I. L. 2.º

Consta de hum epitafio da sepultura de Diogo da Sylva, que sendo do conselho delRey Dom João 3.°, foy por seu Embayxador ao Concilio de Trento: e tendo já o officio de seu pay, faleceo em sua vida na cidade de Lagos, que estava fortificando por mandado delRey, a 26 de Setembro de 1556: — faleceo de idade de 49 annos. — III. L. 2.°

Consta por carta delRey de 6 de Oytubro 1556 faleceo em Lisboa Luys Sarmiento, fazendo ainda o officio de Embayxador ordinario delRey Dom Felipe em Lisboa. — XI. L. 2.°

Por carta de 30 de Oytubro de 1556 resposta ás instancias que fazia a Raynha de França por que sua filha a Iffante Dona Maria lhe fosse lá inviada. — XI. L. 2.°

Consta de carta delRey que em 30 de Novembro de 1556 era Embayxador em Roma o Commendador-mor. — XI. L. 2.°

Mercês grossas a Dom Jeronimo de Castro por serviços de Dom João de Castro, e por casar o dito Dom Jeronimo com filha do dito Dom João: primeyra que possa trazer tantas fazendas da India nas naos que hão de hir no anno de 1556, que tirem forros pera si tres mil cruzados: segunda que goze as saboarias do sabão preto de Lisboa por morte de seu pay, e em caso que faleça em vida do pay, as aja seu filho mais velho que ficar á hora de sua morte: chamava-se a filha de Dom João Dona Lyanor de Castro, e a ella he feita a mercê do alvitre. — XIII. L. 1.°

Consta por letras de Roma da Penitenciaria, que a ElRey Dom João se fez graça no anno de 1556 pera se rezar em todo o Reyno de Portugal da Raynha Santa Izabel, como de Santa beatificada: com declaração que não ficaria por isso contada entre os santos da Igreja até ser canonizada solenemente. — XIII. L. 4.°

1557.

Por carta delRey a Dom Duarte d'Almeyda, seu Embayxador em Castella, consta mandar ElRey Dom João ultimamente Lourenço Pires a Castella, pera responder de palavra aos requerimentos que fazia a Rainha de França, sobre lhe mandarem sua filha a Iffante Dona

Maria pera Castella. (Segunda vez foy Embayxador Lourenço Pires ao Emperador a Castella por Janeiro de 1557.) — IV. L. 1.º

Sesta feira despois de mêa noyte, onze dias do mez de Junho levou Deos pera si a ElRey Dom João de supita e muy grave doença. Consta de carta delRey Dom Sebastião. E consta que foy levantado por Rey a quarta feira seguinte, vespera do Corpo de *Deos*; e que ElRey Dom João tinha feito huns apontamentos, pollos quays ordenava que a Raynha D. Caterina ficasse governando até Sebastião ter vinte annos; e ella pedio ao Cardeal Iffante que neste trabalho a quizesse ajudar, o que era conforme aos ditos apontamentos. Dom Duarte d'Almeyda Embayxador em Castella no tempo que ElRey faleceo. — XIII. L. 1.º

Consta de outra cota do Secretario, que foy Dom Gil Eanes segunda vez ao Emperador e á Princeza a darlhes conta do falecimento delRey Dom João: partío de Lisboa 5 de Julho 1557. Forão-lhe dados pera o caminho mil e quinhentos cruzados. Regimento a Dom Gil Eanes da Costa, que foy mandado ao Emperador por *ElRey* Dom Sebastião, dar-lhe conta do falecimento delRey Dom João, que faleceo sexta feira despois da mêa noyte, onze dias de Junho de 1557, de supita e grave doença, mas recebidos primeyro todos os Sacramentos da Igreja: declara que ElRey tinha feito huns apontamentos, em que ordenava que até elle ser de vinte annos compridos governasse o Reyno, e de sua pessoa fosse curadora e tutora a Rainha Dona Caterina sua avó. Consta deste Regimento que era Embayxador de França neste Reyno Honorato de Cays, ao tempo que ElRey faleceo, e que na mesma conjunção chegou outro pera lhe suceder, Monsior de Xavin, Cavalleyro da Ordem de S. João, e gentilhomem da Camara delRey de França. Este vêo por mar, e chegou logo que faleceo ElRey Dom João. Manda-lhe ElRey no Regimento a Dom Gil Eanes, que vá pousar com Dom Duarte d'Almeyda, Embayxador em Castella ordinario. — XIII. L. 2.º

Em 21 de Julho de 557, logo despois da morte delRey Dom João, manda a Raynha Dona Caterina por Embayxador, em lugar de Manoel de Mello, a Dom Francisco Pereyra: parece por carta sua. — XI. L. 2.º

Era Capitão-mór da armada da Costa no anno em que ElRey morreo Dom Fernão d'Alvares de Noronha: consta de carta que ElRey Dom Sebastião lhe escreveo logo. — XIII. L. 1.º

Consta de hum Memorial do Conde (da Castanheyra) que quando ElRey faleceo avia vint'oyto annos que servia o officio de Veador da fazenda, que largou em mãos da Raynha logo que começou a governar. Parece que foy por fim do anno de 57 quando largou, e que começou a servir Ao de 1529 e foy provido em 11 d'Abril de 1530 do officio de Vedor da Fazenda. — III. L. 6.º

APONTAMENTOS SEM DATA.

Começa a provincia do Brasil, oje descuberta da banda do norte na capitania do Pará, que he o mayor rio que oge se sabe no mundo: foy o ultimo descubrimento delle pollo piloto Antonio Vicente Cochado; e subio até quatrocentas legoas. Na boca do rio da parte do Sul temos huma fortaleza de pouca defensa.

Segunda. Capitania do Maranhão, em que se perdeo tanta gente, os filhos de João de Barros e Luys de Mello no anno de 539. — *A' margem*: Dous ou tres engenhos d'açucar principiados.

Terceira he a do Seará: roim porto e com baixos. Aqui se acharão minas de prata.

Estas tres Capitanias estão separadas do governo do Brasil, e dado o governo dellas a Francisco Coelho de Carvalho, com cabeça no Maranhão.

Quarta. Segue a Capitania do Rio Grande, em que ha fortaleza.

Quinta. Logo a Capitania da Parayva, muyto importante pollo porto e cidade Felipea: tem jà muytos engenhos, pao brasil, tintas, tabaco, algodão, muyto linho e anil.

Sesta. Segue a Capitania de Itamaracá: muytos engenhos, e muytos moradores. — *A' margem:* Tem Donatario.

Setima. Pernambuco: minas de amatistas e de cristaes no rio de S. Francisco, e nas cabiceyras delle salitre:

tem cana fistola, salsa parrilha, e almessega, tintas, e muyto linho de duas castas.

Oytava. Seregipe delRey, sem porto: he terra pera gados. Nestas oito Capitanias sae de ordinario muyto ambar.

Nona. Entra a cidade de Bahia de todos Santos: o porto he mal seguro; pode-se remediar com hum molhe. Tem presidio de novecentos soldados.

Decima. Segue a Capitania dos Ilheos: boas terras, porto pera navios pequenos. — *A' margem:* Tem Donatario.

Undecima. A Capitania de Porto Seguro: colhe-se aqui do zimbo de Angola; não tem porto. — *A' margem:* Tem Donatario, Duque de Aveyro.

Duodecima. A Capitania do Espirito Santo: tem minas de esmeraldas. — *A' margem:* Donatario Francisco d'Aguiar Coutinho.

Decima terceira. Capitania do Rio de Janeiro: he delRey.

Decima quarta. Ultima de S. Vicente: tem tres villas, e ouro de lavagens, e fazem-se nellas muytos navios. — *A' margem:* Donatario foy primeyro Martim Afonso de Sousa.

Fazem de gasto a ElRey estas catorze Capitanias, neste anno de 1628, 59:487:164. E ha nellas duzentos e trinta e sinco engenhos de açuçar, antes mais que menos. — I. L. 2.

Parece por huma petição de hum Miguel Estevam estrangeiro, que se offerecia a pescar trinta e corenta quintaes de coral em cada hum anno na costa do Algarve. — III. L. 1.º

Treslado de huma carta da Camara do Porto sobre a confirmação de seus privilegios, de que o principal he, e não apontão outro, senão não viverem fidalgos, nem fazerem casas na cidade, nem residirem nella mais que huma dia. Este privilegio chamão patrimonio, e pera elle alegão antiguidades e serviços grandes. — III. Liv. 2.º

Dos filhos que pario a Raynha Dona Caterina delRey Dom João 3.º

Naceo o Principe Dom Afonso em Almeyrim sabbado 24 de Fevereiro anno 1526. Viveu pouco.

A Princeza Dona Maria em Coymbra, terça feira 15 de Oytubro anno 1527: tinha de idade no Oytubro de 1542 quinze annos.

A Iffante D. Isabel em Lisboa quarta feira 28 de Abril 1529. Viveo pouco.

A Iffante Dona Breytis em Lisboa, terça feira 15 de Fevereyro 1530. Viveo pouco.

O Principe Dom Manoel em Alvito, quarta feira 1.° de Novembro anno 1531, e chegou a ser jurado em idade de quatro annos, e logo faleceo.

O Infante Dom Felipe em Evora, terça feira vinte sinco de Mayo de 1533. Viveo pouco.

O Infante Dom Dinis em Evora, segunda feira 26 de Abril anno 1535. Viveo pouco.

O Infante Dom João em Evora, domingo a 3 de Junho de 1537. Foy jurado por Principe em.

O Infante Dom Antonio em Lisboa, Domingo 9 de Março de 1539. Viveo pouco.—III. L. 2.

Renda do Collegio das Artes.

O collegio das Artes e Latinidade tem das rendas da Universidade	3 $ 500 cr.
E no Almoxarifado de Coymbra até ser provido n'outra parte	$ 500 cr.
	4 $ 000 cr.

Mais tem sete arrobas de cera pera a capella do collegio cada anno.

Esta fazenda he com obrigação de terem continuos setenta Religiosos, a saber: dezoito pera Mestres, a saber, quatro pera os quatro cursos de arte; dez que lem dez classes de Latinidade e Retorica; hum que lê grego, outro Ebrayco; dous que ensinão a ler e escrever; hum Prefeito dos Estudos, que no tempo dos Francezes se chamava Principal; quatro sacerdotes, que se occupão em ouvir confissões dos estudantes, que se confessão pello menos huma vez cada mez; doze que com seu Reytor são necessarios perá officiays e serviço do Collegio; quatro moços de serviço, e huma besta.

Os que faltão pera cumprimento dos setenta, da obri-

gação são muytos que estão prestes pera sustituirem quando adoecem os mestres; outros que estão pera examinadores dos que passão de humas classes pera outras; outros que vão estudando pera delles se fazerem mestres. Ha dous guardas, que levão de salario 24$ réis; hum porteyro, hum varredor, hum tangedor do sino. — III. Liv. 2.º

Huma grande narração de desculpas de ElRey de França, pera se não cuydar delle que sabe do que seus vassallos fazem contra os Portuguezes; e nella se declara que cartas de marca não são outra cousa senão letras de represarias de huns vassallos contra os outros. III. L. 5.º

Huma folha que não tem era, em que parece que tinha ElRey gastados de sua fazenda em Coymbra assima de 30$ cruzados. E na agoa da prata 20$ cruzados, porque dez mil que mais custou deo o povo por lançamento que se fez. — III. L. 5.

Consta de carta do Bispo Pinheyro, escrita pera o Conde (da Castanheyra) em vida delRey, que dizia dito Conde que se não podia desculpar a negligencia dos Principes passados, pois multiplicando officiays da Camara e da Fazenda, o cargo de sua fama entregavão a hum só, e não com muyto exame, fazendo modo de successão no que devia ser eleição e escolhimento.

Diz adiante huma clausula assi: — « Mas vendo eu que somente o apparelho de tão custosa empresa requere muyto tempo e cuydado, sabendo quantas mais veses cumpre que se veja o que ha de durar pera sempre, que as obras materiaes que o tempo gasta e consume, como posso eu deixar de importunar a Vossa Senhoria principalmente assi polla ventagem que faz a todos no serviço del-Rey Nosso Senhor, como por ser a vida e processo da idade de Vossa Senhoria tão annexo á historia de Sua Alteza, que procurando Vossa Senhoria que se escreva a cronica delRey Nosso Senhor, nisso ordena hum memorial de todos seus serviços. Antigamente se dizia que a historia de Ercules sem a de Theseo se não podia escrever, e Fidias statuario de tal maneira enxerio o seu vulto com huma imagem da deosa Pallas, que o não podião desencayxar sem mescabar a figura. Tal ordem levou Vossa Senhoria na vida, gastando os dias em despachos, conselhos, negocios, as noytes ou em sofrer combates de importunos, ou em se renovar pera os trabalhos do dia seguinte. Fi-

nalmente tal parte teve assi no remedio dos casos fortuitos, como no provimento dos por vir, que tambem na lembrança, que he o galardão de tantos trabalhos, merece e deve ter muyta parte. Nem se peje Vossa Senhoria de publicamente desejar a immortalidade e perenal memoria de seus feitos e serviços muy verdadeyros a ElRey Nosso Senhor, porque não pode mostrar mais certo sinal de lealdade que em folgar de ter por juyzes de suas obras os que na vida succederem, os quays, quanto mais longe estarão da inveja, tanto mais perto ficarão da verdade. — III. L. 5.º

Carta do Conde muyto de notar a ElRey Dom João sobre as necessidades do Reyno.

Quando cuydo nas cousas que Vossa Alteza he obrigado a soster, e no modo de que está sua fazenda, representão-se-me tantas desesperações, que muytas vezes me parece que vem mais de minha compreyção malencolica, que d'outra cousa. E já me algumas vezes aconteceo pera me tirar desta duvida, buscar alguns homens de muyta idade e experiencia pera saber delles a differença que ha deste tempo ao passado que elles tinhão visto de mais necessidades. Os mais me dizião que nunca tamanhas forão. E alguns hão que ouve já outras tays, e que se remediarão. E estes me pareoe que cuydavão pouco nellas. Porque de alguns annos a esta parte vão ellas sendo tão differentes das passadas, que põe alguns costumes muy novos a esta terra, com que Vossa Alteza e ella, a meu ver, não podem: e se se não buscar remedio hão de poder cada vez menos. Huma foy começar-se a tomar dinheyro a cambio. E des que se começou a tomar atégora nunca se outra cousa fez: e quasi se não sostem dal as despezas de Vossa Alteza. E porque ainda isto não bastava pera se remediarem, se começarão a vender juros. E posto que crêo que são vendidos quantos se podião vender, algum serviço cuydo que tenho feito a Vossa Alteza em isso não hir mais avante, de que testimunhas *(sic)*: e o pior he que já agora não ha quem o compre. Porque se no Reyno ouvera pessoas de muyto dinheyro, ainda se poderão remediar as despezas com vender jurdições, que agora parece tão abominavel cousa, como parecia venderem-se juros,

quando se começarão a vender. E huma cousa e outra o são muyto: porque na verdade não se devião de dar senão por serviços, nem comprar com outra moeda. Assi que a meu ver destas cousas se não podem já valer. E os cambios tambem me parece que hão de durar pouco: e muyto mais pouco, se virem que Vossa Alteza se não põe em ordem. Porque os mercadores não vivem se não de olhar pollo modo da vida das pessoas com que contratão, e que podem fazer meter na cadea: e até pollos geitos julgão se hão-de fiar delles: quanto mais de Reys que por derradeyro se lhe não podem pagar, não podem elles mais fazer nisso, do que fazem as partes que tem dinheyro na casa da India, que desejão bem de o arrecadar. E pois o suprimento das despezas assi está, e ellas vão lavrando mais que erpes, devem d'aver algum modo de se cortarem. Porque hum homem permitte cortarem-lhe hum dedo, por não perder a mão, e a mão por não perder o braço. E neste negocio não recêo que por não cortar huma cousa, se perca ella e outra, senão todas totalmente e sem nenhum remedio. E as despezas de Vossa Alteza são as da India: e cá no Reyno tenças e moradias, compras e thezouro, capella, guardas, relações, caça e monte, musica e ministris, e despezas extraordinerias, e lugares d'alem, que ponho por derradeyro pera falar primeyro nas outras.

As da India a meu ver se devem de engrossar: e de quão desnecessaria me parece a gente que Vossa Alteza mandou o anno passado, tanto me parece necessario hir muyta na armada que o anno que vem com a ajuda de Deos ha de hir. Porque agora por esta nao que da India partio derradeyro escrevem novas de Rumes, e parece razão, porque está o Turco desocupado, o que não estava os annos passados, e com pouca esperança das cousas de Alemanha, e desapressado de Coron. E ás cousas da India se deve d'acudir como a remedio de todas as outras. Assi que por muytas razões se deve agora gastar mais.

Com as tenças se não deve de bulir, porque essa he a vida dos fidalgos e pessoas principays de seus Reynos, e muy poucas ou nenhumas ha que não sejão muy bem merecidas: e alem disso he o mais barato soldo por que se podem achar soldados, quanto mais taes pessoas como

são as que as tem; e bem se vio agora em Çafim, que mil soldados custarão pouco menos, ou por ventura mais de dez mil cruzados, e não chegarão a tempo: e portuguezes forão mais de mil com cem fidalgos que se detinhão em Lisboa com tanto trabalho, como se embarcavão os soldados em Andaluzia, e isto se paga com humas poucas de tenças: e as mais dellas ja d'antes merecidas, e fica o dinheyro no Reyno e em pessoas que quando vão a servir, lhe não lembra senão o amor que tem a Vossa Alteza com que o fazem. — Em moradias me parece que se pode poupar pouco, porque os fidalgos de seus Reynos hão de viver com ellas. E não queira Deos que em seus dias se quebre hum tão bom costume destes seus Reynos. Cavaleyros, escudeyros, e moços da camara servem tanto, e em cousas pera que são tão necessarios, que se faz provisão em os tomar. E isto vejo eu muy bem pollo carrego que tenho, e crêo que o provarey largamente quando cumprir.

Os lugares d'alem que Vossa Alteza tem no Reyno de Fez aproveitão pera muytas cousas muy grandes, e dão esperança d'outras muyto mayores: e humas e outras de muyto serviço de Nosso Senhor, e por estes fruytos que se delles colhem e esperão, he muyta honra destes Reynos sosterem-se. Porque a meu ver entre os sisudos e honrados, e ainda entre a gente commumente se chama vaydade o que se sostem sem fruito nem esperança delle. De se soster Çafim se não seguem fruitos honrados nem proveitosos; e se sostem com fazendas d'orfãos e viuvas, a que Vossa Alteza não paga o que deve: e delle tem o Xarife muytos christãos cativos, de que se tira muyto dinheyro destes Reynos: lembrando-me tambem que não tem rio nem porto pera se poderem recolher fustas de mouros, nem na terra ha aparelho pera as fazer: me parece que Vossa Alteza o deve de mandar derribar: e leyxallo de todo: e que o mesmo deve mandar fazer de Azamor, mandando fazer huma fortaleza na barra que baste pera se não virem fustas meter no rio, nem poderem delle sahir, que he a meu ver o fruito que se agora colhe de Azamor, porque em tudo o mais está igual a Çafim, senão quanto está aventurado ao tomarem cada vez que quizerem, porque claro está que não póde ser socorrido senão

com outra tanta gente, como a que o tomou, que será má de ajuntar em tanto curto tempo, como o em que se elle poderá defender. — III. L. 6.°

Embayxador em França Ruy, &c. Assi o nomea Sua Alteza por carta sua, e diz que manda de novo Ruy de Melo a ElRey de França e ao Duque de Saboya, e á Infante sua hirmã. — V.

Consta por carta delRey estar em Roma por Embayxador pera o negocio da santa Inquisição Dom Anrique de Menezes: e mandallo ElRey vir pera o Reyno, visto ficar Alvaro Mendes encarregado do negocio, e aver de hir a Roma em companhia do Emperador. — V.

He pratica notavel a que teve Francisco Pereyra Pestana diante delRey quando lhe deu audiencia despois de estar preso no castello e vindo da India. Diz do cerco de Calicut muyto que nos serve; a saber que estava cercada a fortaleza de sessenta mil homens, em que avia tres mil espingardeyros e com muyta artilharia, que se avia de desembarcar quasi a nado, porque o mar corre sempre e anda de levadia. Ouve conselho geral que tomou o Governador, e os mais votos forão de não desembarcar: tinha o Governador falado com Francisco Pereyra, e assentado que a India se perderia se não mostrasse valor com aquelles mouros. Guay de conselhos gerays, que tanto dano tem feito na India: bradou no conselho Francisco Pereyra e gritou. Sahirão e vencerão. — VIII.

No tempo que Duarte de Paz, converso portuguez, requeria em Roma pollos seus parentes e por toda a nação dos Christãos novos, se mandou hum papel ao Embayxador de Portugal, que continha o seguinte: — « Excellens « et mi Domine. Sunt in expeditione Capitula infrascripta contra Sanctissimum Officium Inquisitionis in regno « Portugalliæ ad instantiam conversorum illius Regni; « scilicet:

« Primum quod bona Heræticorum non ad fiscum re« gium, sed ad ipsorum hæredes transeant perpetue. »

« Secundo, quod carceres sint aperti. »

« Tertio, quod dicta testium indistincte publicentur. »

« Quarto, quod appelletur in crimen Heræseos etiam « indifferenter à deffinitiva. »

« Quinto, quod non procedatur contra jam mortuos;

« super quo nuntius existens in dicto Regno consulit Sanc-
« titatem Suam, an debeat procedere contra mulierem
« mortuam in carceribus Sancti Officii: et alia multa pe-
« tunt capitula. »

« Auditor Cameræ est suspectissimus in ista causa,
« tum quia fuit advocatus prædictis conversis, tum quia
« scripsit pro eis, et consilium fecit stampare. »

« Adverte quod petas a Sanctissimo Domino Nostro,
« quod faciat justitiam super, cùm non sint causae, ob quas
« debeat fieri. Et si conversi dixerint causam et demons-
« traverint regium privilegium sibi concessum tempore suaè
« conversionis, ostendant originale, et non exemplaria fal-
« sa; nam ex originali convincentur. Certè veniam conces-
« sam prædictis, tam per bonæ memoriæ Clementem, quam
« per Sanctitatem Suam esse injustam, et dedisse potius
« causam delinquendi, quam benefaciendi. Et certe rein-
« ciderunt postea in delictis de vomitu prioribus. Et ista
« est veritas. » — IX.

No principio deste livro ha hum modo de informação feita pollo Secretario Pero d'Alcaçova e de sua letra, e mandada ao Cardeal Dom Anrique em 17 de Mayo de 1573, que trata do que se pode escrever da vida e feitos do Iffante Dom Luys. Grande obediencia e amor que teve a ElRey seu pay: grande affeição a ElRey seu hirmão. — Tratava a ElRey seu hirmão com tanto respeito e humildade, que dizia o mesmo Rey que o que elle fazia era causa pollo exemplo que dava que os Iffantes seus hirmãos, de Iffantes tornara filhos. — O mesmo respeito e humildade despois de velho e gotoso usava com o Principe Dom João, inda que ElRey lhe mandava que se moderasse, dizia que Sua Alteza lhe não mandasse tal, que aquillo fazia pera exemplo do povo e de toda a terra.

A ElRey falava sempre cos joelhos no chão em publico e em secreto, de sorte que nenhum vassalo o fazia mais formalmente.

À Raynha assi servia, reverenciava e acompanhava, que mais parecia vassalo e criado que hirmão e cunhado. — Muyto he de espantar e considerar o como se ouve no casamento da Princeza Dona Maria com o Principe Dom Felipe de Castella. He cousa certa que nunca em palavra nem obra se lhe sintio disso o mais pequeno desgosto

do mundo, nem contra ElRey, nem contra os que no conselho lhe erão contrarios nesta pretenção, que por todas as vias estava bem ao Reyno.

He muyto de considerar que tendo hum filho a que muyto queria, nunca quiz pera elle mais que o Priorado do Crato: e assi o creou, que mostrou que nunca seria pesado a ElRey nem ao Reyno, fazendo-o estudar, e quando estendia muyto os pensamentos em seu acrecentamento era fazello Patriarcha. Assi de quantos bens o Iffante tinha da coroa nenhum pedio pera elle: e avendo tantos exemplos do muyto que Reys e Iffantes fizerão não só por filhos naturays, mas por outros de pior calidade, elle em seu testamento tratou mays do que podia cumprir ao senhor Dom Duarte seu sobrinho no que pera elle pedio da coroa, que do senhor Dom Antonio seu filho.

Sabe-se que sendo filho segundo delRey Dom Manoel, nunca como Iffante pedio nem alcançou da coroa mais que o que tinha por ElRey seu pay. — Sabe-se que sendo mais abastados de fazenda da coroa real todos os Iffantes seus hirmãos, nunca pedio ajuda de custo, nem mercê nova pera aparecer nas festas e casamentos da Princeza e Principe filhos delRey, gastando muyto nellas.

E vagando os mestrados de Santiago e Avis em tempo que elle Iffante estava atolado em dividas, mais se disvelou em aconselhar ElRey que os unisse á coroa, que não em pedir-lhe nenhum.

Sabe-se que pera mais se abilitar pera o serviço del-Rey, fez gravissimas instancias com Sua Alteza pera que o deixasse hir defender Arzilla contra os mouros, e chegava a peitar com muyto do seu as pessoas que neste requerimento o podião ajudar.

Sabe-se que não lhe concedendo ElRey a hida de Arzilla, pretendeo hir á India a conquistar o Reyno de Cambaya. A hida de Tunes elle a alcançou por pura razão de estado: e nella procedeo de maneira que só elle e o Emperador forão em voto de passar a Tunes despois de tomada a Goleta, contra parecer de todos os famosos Capitães: e assi sucedeo tomar-se aquella cidade com grande honra do exercito. E da mesma maneira foy a satisfação que de sua pessoa deu a estrangeiros e naturays, confessando o Emperador que a elle devia todo o bem daquella grande vitoria.

Sabe-se que nunca quiz aceitar do Emperador nem da presa cousa alguma de sustancia, antes fez muytas mercês aos gentis homens e validos do Emperador. Do que nacia mandallo o Emperador servir e acatar de todos, como sua propria pessoa, e agasalhallo sempre consigo. Do mesmo naceo tratar o Emperador muytas vezes de o casar com sua sobrinha a Duqueza de Milão, e dar-lhe aquelle estado: e despois que isto teve seus desvios, fazello Rey de Inglaterra.

He de considerar o grande respeito que o Emperador teve a este Iffante, que determinando ElRey Dom João declarar-se por elle, enfadado das desordens dos Francezes, todavia o mesmo Emperador foy de parecer que ficasse neutral como estava; e isto se deve ao bom negociar do Iffante.

Duas hidas fez ao Emperador a Castella, com pretexto de gosto de ver a Emperatrix sua hirmã; mas nenhuma foy sem grande necessidade: a primeyra pera tratar com o Emperador que mêo se podia ter com ElRey de França em tantos males como Francezes fazião a este Reyno, dizendo ElRey que os mares e conquistas erão communs a toda a gente, e passando cartas de marca a quantos lhas pedião contra Portugal. — Foy a segunda a persuadir ao Emperador que fizesse paz com ElRey de França pollo grande prigo em que então estava a christandade: e levava tenção de passar a França pera o mesmo effeito, se o não estrovarão as tregoas que os Capitães d'ambos entre si fizerão.

Não póde esquecer o cuydado que teve do bom governo e administração da justiça das suas terras e das do Priorado do Crato, visitando as pessoalmente, e algumas vezes levando alçada e castigando vicios e fazendo mercê aos bons, e tendo nellas por ministros pessoas de virtude e consciencia: e acudindo aos capitulos e causas dos Comendadores com todo cuydado.

Não he menos digno de consideração o voto que sempre teve em se não largarem os lugares de Africa, contrariando a deixação que delles se fez com obras e palavras, e despois que mais não pode com sintimento e grande dor.

Tambem deve lembrar que as mais das fortificações que se fizerão nos lugares maritimos deste Reyno, foy elle principal instrumento, e em fazer vir homens entendi-

dos neste mister de Italia: e como assi nestas materias, como em todas as mais de seu estado, justiça e fazenda descansava ElRey sobre elle. — E porque o saber morrer he o que mais callifica o homem, he cousa certa que muytos dias antes estando com boa saude tomava tempos pera se aparelhar e prover cada dia cousas de sua consciencia em seu testamento, vivendo nos ultimos annos de sua vida tão catolicamente e com tanto concerto, que mais parecia religioso verdadeiro e santo, que homem secular, e tal foy sua morte. — IX.

Carta a Pedralvares Correa, que com Isidro d'Almeyda veja como se pode estreytar e acomodar o sitio de Tangere pera em caso de huma necessidade. — XIII. L. 1.º

Alvará delRey em que diz que manda ao santo padre a Roma hum diamante tavola, pollo Comendador-mor da Ordem de Christo, que vai por seu Embayxador. — Pera bom governo das igrejas pede ElRey a Sua Santidade que por nenhum caso conceda coadjutorias, inda que seja com com futura sucessão: porque nace das que concedia, estarem os cabidos sem gente de autoridade e mal servidos, &c. — XIII. L. 1.º

Carta delRey pera Dom Gileanes em que com muytas palavras manda que persuada ao Papa assine o Concilio Geral em Trento, e pera esse effeito diz que lhe manda a Dom João de Menezes. — XIII. L. 2.º

Carta delRey pera Francisco Pessoa em que lhe manda dê conta ao Principe Dom Felipe como quer mandar derrubar Alcacere Seguer: as razões são ser praça fraca de muros, que se se ouver de sustentar convem fazerem-se de novo: e achar que pera os mouros não pode ser o porto e logar de nenhuma utilidade, e que o tem mandado ver e considerar bastantemente, e diz que a gente se passará a Ceyta, a qual quer fortificar de sobremão. — XIII. L. 2.º

NOTAS.

NOTAS.

Nota 1.ª

Pag. 55. — *Capitania d'Aguez.*

No manuscripto lê-se com difficuldade esta palavra: entretanto a que damos é a unica leitura possivel. No Livro chamado das Ilhas f. 127, no R. Archivo, vem lançada a mercê feita por elrei D. Manoel em 1510 a Diogo da Azambuja daquella capitania em troco do castello de Çafim. Ahi se lhe chama *Arguz*. No Livro 2.º de Reis f. 212 é denominada villa d'*Aguz*, e se diz ser *no rio dos savees junto com a çidade de Çafim* — No Livro 47 f 127 da Chancellaria de D. João 3.º se acha inserida uma carta sobre limitação dos direitos do dicto Diogo d'Azambuja, onde constantemente prevalece a denominação de *Aguz*.

Nota 2.ª

Pag. 96 — 303 — 368.

A falta de quasi nove capitulos do Livro 2.º, dos ultimos do Livro 5.º, e de todos os Livros seguintes da Parte 1.ª dos Annaes é perda que por um acaso feliz ainda porventura se poderá resarcir, apparecendo em Castella ou em Portugal a copia, que desta 1.ª Parte foi pedida pelo governo a Fr. Luiz de Sousa, e que elle, segundo todas as probabilidades, entregou. Da 2.ª Parte cremos que não chegou a compôr mais do que os dous livros incompletos que nos restam, cujas ultimas linhas, como notámos na Advertencia preliminar, foram escriptas poucos tempos — poucos dias talvez — antes do fallecimento do Auctor, que evidentemente deixou por concluir a obra de que se encarregára.

Que Fr. Luiz de Sousa completou a 1.ª Parte dos Annaes, e que as faltas que se encontram no manuscripto procederam de se haverem extraviado alguns dos quadernos delle, é o que o proprio codice bastaria a mostrar-nos, quando não existisse a carta de Lucena, transcripta na Bibliotheca Lusitana, em que por ordem de Philippe 4.º se pedia a Fr. Luiz de Sousa o *volume da primeira Parte que tinha composto*. Não é, de feito, crivel que o Auctor houvesse proseguido com a segunda Parte sem haver posto o remate á primeira: alem de que, elle se refere alli, com as palavras *como atras contámos*, a successos anteriores, narrados forçosamente nos livros que nos faltam, por pertencerem aos annos que esses livros deviam abranger.

O manuscripto, como hoje existe, é em parte o borrão primitivo dos Annaes, e em parte uma cópia da propria letra de Sousa. A copia começa do principio da obra, e continua até o meio do capitulo 21 do 1.º Livro, com as folhas numeradas no alto de 1 a 30, contendo os tres quadernos A — B — C. — Aqui é interrompida pelos dous quadernos A e B do fragmento da 2.ª Parte, os quaes são igualmente interrompidos, quasi no fim, pela folha 31 da copia do Livro 1.º da 1.ª Parte, que tem no recto o ultimo §. do capitulo 21, e o verso em branco, onde parece devia continuar mais algum capitulo pertencente ao 1.º Livro, porque no baixo do recto, alem da marca —D— que indica ser este o começo do 4.º quaderno da copia, tem o reclamo *cap.* em letras capitaes. Segue-se a isto uma folha em branco, e depois outra que contem só as duas ultimas linhas do fragmento da 2.ª Parte, seguidas de uma folha branca, e dos vestigios de tres rasgadas. Então principia o borrão do 4.º quaderno, marcado —D—, pelo pedaço do capitulo 9 do Livro 2.º, como se vê do impresso. Desde aqui o manuscripto continua com as poucas lacunas de palavras que vão indicadas, e sem intercalação alguma até o fim do que resta da 1.ª Parte, que termina no baixo da ultima folha pela palavra *Rey* escripta em reclamo, que evidentemente mostra passar para outro quaderno, por ser aqui exactamente o fim do quaderno — I. —

Pode-se conjecturar de tudo isto que Fr. Luiz de Sousa ia inutilisando o borrador ao passo que o copiava, e

que esta copia que subsiste foi talvez substituida por outra antes de completa, na occasião em que ainda não tinha acabado de transcrever o quaderno, onde estariam os capitulos perdidos do Livro 2.º, e o resto do 1.º, se de feito falta algum capitulo delle. Mas como escaparam os outros quadernos do borrador desde — D — em diante, é o que se torna difficultoso de conjecturar. E' certo, porem que o collector destes papeis, que provavelmente andavão soltos, foi pessoa ou pouco entendida, ou descuriosa, á vista da desordem com que se acham colligidos, sem ao menos se guardar a ordem chronologica daquelles diversos fragmentos.

NOTA 3.ª

Pag. 201.

A' margem das palavras — « *D'ambas as viagens daremos razão &c.* » lê-se : — « *Esta viagem riscámos porque a não escreve João de Barros, a quem seguimos.* » Nada, porêm, se acha riscado neste capitulo, que está lançado em meia folha de papel collada no meio do quaderno — D — e que parece escripto posteriormente. Entendemos que, apesar daquella nota, era nossa obrigação publica-lo como o encontrámos.

N. B. Em a Nota 3.ª *supra* em logar de — pag. 201 — lea-se — pag. 120.

INDICE.

PARTE PRIMEIRA.

LIVRO I.

PAG.

LIVRO II.

LIVRO III.

LIVRO IV.

LIVRO V.

PARTE SEGUNDA.

LIVRO I.

LIVRO II.